

**SÉRGIO MIRANDA PAZ**

**O FUTEBOL COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL: ESTUDO  
EXPLORATÓRIO SOBRE POSSIBILIDADES DE INCENTIVO AO TURISMO E AO  
LAZER**

Revisão da Tese apresentada à Escola de Comunicações e  
Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de  
Doutor em Ciências da Comunicação

Área de Concentração:  
Turismo

Orientador:  
Prof. Dr. Américo Pellegrini Filho

São Paulo  
2009

*Apesar do meu esforço e da minha  
dedicação para a realização deste  
trabalho, estou certo de que ele  
apresenta diversos erros e omissões.  
Por isso, são muito bem-vindas suas  
correções e sugestões, para que  
possamos, no futuro, melhorá-lo. Por  
favor, entre em contacto comigo pelo  
e-mail:*

*[sergio.m.paz@gmail.com](mailto:sergio.m.paz@gmail.com).*

*Desde já, agradeço.*

*Sérgio Miranda Paz*

Este trabalho  
— fruto da paixão de seu autor pelo Futebol —  
é dedicado  
à memória do vovô Januário, português do Minho  
que chegou ao Brasil em 1910  
— mesmo ano em que foi fundado o Corinthians —  
e iniciou este caso de paixão.

É dedicado, também,  
aos que alimentaram esta paixão:  
o primo Mauro — responsável pelos primeiros chutes;  
o tio Jupter — responsável pelas primeiras arquibancadas;  
e o primo Jota — fiel companheiro de chutes e arquibancadas.

E ao sobrinho Guigo  
— que já demonstra, em chutes e arquibancadas,  
que este caso de paixão ainda vai durar muito tempo...

## AGRADECIMENTOS

Uma tese de doutorado costuma exigir tanto esforço e dedicação de seu autor que este, em geral, só consegue concluí-la quando se convence de que, afinal, trata-se de uma experiência única em sua vida, para a qual qualquer sacrifício é válido.

Sendo esta a minha segunda tese, a ela não se pôde aplicar esse argumento, o que talvez justifique os vários momentos em que a vontade era de desistir da luta antes do apito final, de entregar o jogo ainda no primeiro tempo. Sua conclusão, na verdade, só ocorreu graças ao incentivo recebido de algumas pessoas, que agiram como autênticos torcedores que, às vezes, carregam seu time nas costas e o levam a uma emocionante virada. A todos eles, devo meu mais sincero agradecimento.

A começar pela minha mais fanática torcida — **minha família**: meus queridos pais Carlos e Alzira; irmãs Teresa Maria e Ana Maria; cunhados Milton e Ricardo; sobrinhos Guilherme, Nathália, Michaela e Marina; tios Jupter, Candinha e Moacyr; primos Regina, Constantino, Miriam, Mauro, Luisa, Silvia, Barbara, Ênio, José Francisco, João Marcello, Maria Cláudia, Ana Christina, Mariana, Marco Antonio, Jaqueline. Além do agradecimento, aqui vai um pedido de desculpas pelas ausências e pelos momentos de mau-humor destes últimos tempos. Amo vocês!

Torcedores também não faltaram dentre o pessoal do “**Depto. Médico**”: Jô, Nem, Kelly, Patrícia, Dominique, Lígia; do “**almoço com as estrelas**”: Dr.Hélio, Dr.Eurico, Dr.Catalano, Dr.Chiandoti, Dr.Granatto, Dr.Tafner, Dr.Russomano, Dr.Zacharias; da **Poli-FDTE**: Edith, Edilaine, Mariza, Beth, Epa, Caneloi, Carlos Cug, Mauro Saraiva, Jorge Rady, Maria do Carmo, João Batista, Paulo Cug, Alan, Ricardo, Patrícia, Lúcio, Simone, Ítalo, Danilo, Daniel, Gilberto, Guilherme, Fernando; da **PUC-SP**: Flávio, Maurício, Aparecido, Lourenço, Ely, Rejane, colegas professores, Solange, Cristina, Kelly, Deise, Eliana, João Batista, Filippo, Francesco, alunos e ex-alunos da Engenharia e da Computação; da **ECA-USP**: Waldir, Célia, Olga, Mirian, Mari, Rosa, Izete, Roque, Mara Aline, pessoal da secretaria da Pós, colegas da Graduação e da Pós; da **Tancredo Neves**: Spina, colegas professores, pessoal da secretaria, ex-alunos da Computação; da **Top Service** e da **Planeta Brasil**: Carla, Douglas, Viviane, pessoal do staff, Papa, Lucas, Luis, Valente, Bruno, Gisele, Dani, Maria Caro, Giuliana, Cristina; do **EuropaHaus II**: o xará Sérgio (a quem devo a versão em inglês do resumo), Nagib, Clarence, Gaetan, Anetta, Antonello.

A todos, muito obrigado!

Um agradecimento muito especial vai para os membros da banca do Exame de Qualificação, os professores Luiz Gonzaga Trigo e Mário Jorge Pires, que, com suas oportunas orientações técnicas e táticas, mostraram-me o caminho para a vitória.

O maior de todos os agradecimentos, porém, vai àquele que foi o técnico, preparador físico, roupeiro, massagista, capitão, médico, supervisor, presidente, artilheiro, assessor de imprensa, empresário, mascote — mais que orientador, o Prof. Américo Pellegrini Filho foi um parceiro, um cúmplice, um segundo pai. Considero-me um privilegiado pela convivência com sua adorável família — Ilza, Diana e Serginho — e pelas lições de humildade e sabedoria que dele recebi.

A taça é de todos vocês!

Faltou um agradecimento, lembrado só depois que este volume já estava encadernado, mas ainda antes de sua entrega à Secretaria de Pós-Graduação da ECA.

Por isso, aqui vai esta folha, assim meio fora do prumo — com a concordância do meu Orientador.

É um agradecimento importante. Fosse a uma pessoa, e nada disto seria necessário — bastaria uma manifestação verbal, com um pedido de desculpas.

Porém, o agradecimento que faltou não é a uma pessoa, mas sim a uma instituição. Que, claro, é feita de pessoas. Aliás, muitas. Milhares!

Eu precisava deixar registrado, aqui, meu agradecimento à USP, à querida Universidade de São Paulo.

Este trabalho é, muito provavelmente, o último momento de uma história de 30 anos — um caso raro, talvez único, de alguém que, por três décadas ininterruptas, foi aluno dessa instituição!

Essa história começou no inesquecível 5 de dezembro de 1976, dia da primeira fase da primeira FUVEST, que me impediu de ser um dos 70 mil corintianos a invadirem o Maracanã naquele mesmo dia — episódio que, por coincidência, é o mais perfeito retrato do espírito deste trabalho!

A partir desse dia, foram 4 cursos de graduação e 3 de pós — concluídos sem que tivesse havido uma única reprovação, sem que uma única lista de presençativenessse sido assinada por (ou em nome de) outro colega, sem que uma única “cola” tivesse sido utilizada ou passada.

Não faço esse registro para me vangloriar — até porque reconheço que, longe de ter sido um aluno brilhante, fui apenas “esforçado” (o que é corroborado por uma coleção de notas na casa do 5).

Quero apenas mostrar que é possível, sim, obter 7 diplomas da USP sem reprovações, falsas assinaturas ou colas.

Basta respeitar e honrar o nome da nossa universidade — coisa que procurei fazer, nestes 30 anos em que fui seu aluno.

Obrigado, USP!

## SUMÁRIO

Lista de Figuras	iv
Lista de Tabelas	iv
Lista de abreviaturas	v
Glossário	vi
Resumo	vii
“Abstract”	vii
<b>1. Aquecimento</b>	<b>1</b>
1.1 <i>Motivação</i>	1
1.2 <i>Objetivos</i>	2
1.3 <i>Metodologia desenvolvida e fontes utilizadas</i>	2
1.4 <i>Conteúdo e organização</i>	4
<b>2. Primeiro tempo: o time <i>Folclore Futebol Clube</i></b>	<b>5</b>
2.1 <i>o Goleiro</i>	5
2.2 <i>o Técnico</i>	7
2.3 <i>o Cartola</i>	9
2.4 <i>o Árbitro</i>	11
2.5 <i>o Capitão</i>	13
2.6 <i>o Massagista</i>	15
2.7 <i>o Passarinho</i>	17
2.8 <i>o Craque</i>	18
2.9 <i>o Filósofo</i>	25
2.10 <i>o Rei</i>	26
2.11 <i>o Torcedor</i>	29
2.12 <i>o Reserva</i>	30
<b>3. Intervalo: o “País do Futebol”</b>	<b>32</b>
<b>4. Segundo tempo: o time <i>Cultura Futebol Clube</i></b>	<b>40</b>
4.1 <i>a Academia</i>	40
4.2 <i>a Música</i>	44
4.2.1 <i>Canções que homenageiam um clube</i>	45
4.2.2 <i>Canções que homenageiam um jogador</i>	49
4.2.3 <i>Canções alusivas a um evento</i>	51
4.2.4 <i>Canções para o Futebol</i>	53
4.2.5 <i>Canções com rápidas citações ao Futebol</i>	56
4.2.6 <i>Jogadores que gravaram discos</i>	58
4.3 <i>a Literatura</i>	59
4.3.1 <i>Ataque x Defesa</i>	60
4.3.2 <i>Crônica</i>	61
4.3.3 <i>Ficção</i>	62
4.3.4 <i>História</i>	65
4.3.5 <i>Poesia</i>	73
4.3.6 <i>Miscelânea</i>	74
4.4 <i>as Artes Plásticas</i>	75
4.4.1 <i>Pintura</i>	76
4.4.2 <i>Escultura</i>	78
4.4.3 <i>Fotografia</i>	80
4.5 <i>a Mídia</i>	80
4.5.1 <i>Jornal</i>	81

4.5.2 Rádio	82
4.5.3 Televisão	85
4.5.4 Revista	86
4.5.5 Novos e ex-profissionais da mídia esportiva	87
<b>4.6 as Artes Cênicas</b>	<b>88</b>
4.6.1 Cinema	88
4.6.2 Teatro	96
4.6.3 Dança	97
4.6.4 Desfile de Carnaval	98
4.6.5 Circo	98
4.6.6 Telenovela	98
4.6.7 Fotonovela	99
<b>4.7 o Humor</b>	<b>99</b>
4.7.1 Cartum	99
4.7.2 Rádio	100
4.7.3 Televisão	101
4.7.4 Literatura	102
4.7.5 Cinema	103
4.7.6 Teatro	104
<b>4.8 o Idioma</b>	<b>104</b>
<b>4.9 a Tecnologia</b>	<b>107</b>
4.9.1 Material de jogo	107
4.9.2 Material de treinamento	107
4.9.3 Instalações	108
4.9.4 Comunicações e informática	108
4.9.5 Material humano	108
<b>4.10 o Mercado</b>	<b>108</b>
<b>4.11 a Política</b>	<b>110</b>
4.11.1 Até 1930	110
4.11.2 De 1930 a 1970	110
4.11.3 De 1970 a 2002	111
4.11.4 Dias atuais	112
<b>4.12 Miscelânea</b>	<b>113</b>
4.12.1 Outras modalidades esportivas	114
4.12.2 Jogos e brinquedos	114
4.12.3 Colecionáveis	115
4.12.4 Moda	116
4.12.5 Culinária	117
4.12.6 Arquitetura	117
4.12.7 Bares e parques temáticos	117
4.12.8 Onomástica	118
<b>5. Prorrogação: o time <i>Turismo&amp;Lazer Futebol Clube</i></b>	<b>121</b>
<b>5.1 Tombamento</b>	<b>125</b>
5.1.1 Restrição à transferência de jogadores jovens para o exterior	126
5.1.2 Proibição da concessão de direitos de exclusividade	127
5.1.3 Rotatividade do local dos jogos da Seleção Brasileira	127
5.1.4 Concessão de incentivos fiscais a clubes	128
5.1.5 Preservação e conservação do patrimônio cultural material	128
5.1.6 Preservação dos espaços para a prática do Futebol	128
5.1.7 Instituição do “Salão da Fama” do Futebol Brasileiro	129
5.1.8 Instituição do “Dia Nacional do Futebol”	129
<b>5.2 Erradicação da violência</b>	<b>129</b>

5.2.1	Conscientização dos membros das torcidas organizadas	130
5.2.2	Cadastramento dos membros das torcidas organizadas	130
5.2.3	Redução da tolerância para com os infratores	130
5.2.4	Veemência na repressão ao consumo de drogas nos estádios	130
5.2.5	Incentivo à presença de mulheres e crianças	130
5.2.6	Promoção de entretenimentos diversos	131
5.3	<b><i>“Estatuto do Torcedor”</i></b>	<b>131</b>
5.4	<b><i>Divulgação interna</i></b>	<b>132</b>
5.4.1	Divulgação em publicações de programação de lazer	132
5.4.2	Distribuição de material de divulgação	132
5.5	<b><i>Educação</i></b>	<b>133</b>
5.5.1	Ensino Básico	134
5.5.2	Ensino Médio	135
5.5.3	Ensino Superior	135
5.6	<b><i>Divulgação externa</i></b>	<b>135</b>
5.6.1	Exposições, feiras e outros eventos culturais	135
5.6.2	Jogos amistosos da Seleção Brasileira principal	136
5.6.3	Participação em torneios das seleções de novos	136
5.6.4	Utilização de jogadores como “garotos-propaganda”	136
5.6.5	Atuação de torcedores brasileiros	136
5.6.6	Ações e eventos durante as Copas do Mundo	136
5.7	<b><i>Serviços em hotéis</i></b>	<b>137</b>
5.7.1	Divulgação e oferta de “tour” com ida a jogo de Futebol	137
5.7.2	Disponibilização de vídeos e filmes sobre Futebol	137
5.7.3	Oferta de aposentos decorados com a temática do Futebol	137
5.8	<b><i>Roteiros temáticos</i></b>	<b>137</b>
5.8.1	Estádios	138
5.8.2	Clubes (memoriais, salas de troféus, lojas)	138
5.8.3	Centros de treinamento	138
5.8.4	Museus	138
5.8.5	Bares ou restaurantes temáticos	138
5.8.6	Sugestões de roteiros	139
5.9	<b><i>Museus</i></b>	<b>139</b>
5.9.1	Criação e implantação do <i>Museu do Futebol</i>	141
5.9.2	Implantação do <i>Museu Pelé</i>	143
5.9.3	Criação e implantação de um <i>Memorial Mané Garrincha</i>	144
5.9.4	Criação, conservação e melhoria de memoriais	144
5.10	<b><i>Eventos</i></b>	<b>145</b>
5.10.1	Grandes eventos internacionais	146
5.10.2	Torneios internacionais	146
5.10.3	Jogos amistosos	146
5.11	<b><i>Exploração comercial</i></b>	<b>146</b>
5.11.1	Maior fiscalização no combate à pirataria	146
5.11.2	Estabelecimento de acordos comerciais	146
5.11.3	Incremento das lojas	147
5.11.4	Diversificação dos produtos oferecidos	147
5.12	<b><i>Especialização de agências</i></b>	<b>147</b>
5.12.1	Formação de pessoal	147
5.12.2	Estabelecimento de parcerias	148
5.12.3	Operação de excursões	148
6.	<b>Disputa de pênaltis</b>	<b>150</b>
6.1	<b><i>Conclusões</i></b>	<b>150</b>
6.2	<b><i>Perspectivas futuras</i></b>	<b>152</b>

<b>6.3 Considerações finais</b>	<b>153</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>154</b>
<b>Apêndice I Experiências do autor no exterior</b>	<b>I</b>
<b>Apêndice II Principais atrativos turísticos ligados ao Futebol nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo</b>	<b>IV</b>
<b>Anexo I O olhar britânico sobre o Futebol brasileiro</b>	<b>VIII</b>
<b>Anexo II Preços de pacotes para a Copa da França</b>	<b>XIII</b>
<b>Anexo III Galeria do Futebol</b>	<b>XIV</b>

## LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 - Artes Plásticas</i>	XV
<i>Figura 2 - Música</i>	XVI

## LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1 - Academia: livro</i>	42
<i>Tabela 2 - Academia: trabalho acadêmico</i>	43
<i>Tabela 3 - Academia: texto</i>	44
<i>Tabela 4 - Música: hino de clube</i>	46
<i>Tabela 5 - Música: canção que homenageia um clube</i>	47
<i>Tabela 6 - Música: canção que homenageia um jogador</i>	50
<i>Tabela 7 - Música: canção que homenageia um dirigente</i>	51
<i>Tabela 8 - Música: canção alusiva a um evento</i>	52
<i>Tabela 9 - Música: canção para o Futebol</i>	54
<i>Tabela 10 - Música: canção com rápidas citações ao Futebol</i>	56
<i>Tabela 11 - Música: canção a ser classificada</i>	57
<i>Tabela 12 - Música: jogador que gravou disco (ou faixa)</i>	58
<i>Tabela 13 - Música: composição de Pelé</i>	58
<i>Tabela 14 - Literatura: ataque x defesa</i>	61
<i>Tabela 15 - Literatura: crônica</i>	62
<i>Tabela 16 - Literatura: ficção (romance)</i>	63
<i>Tabela 17 - Literatura: ficção (conto)</i>	63
<i>Tabela 18 - Literatura: ficção (infanto-juvenil)</i>	64
<i>Tabela 19 - Literatura: história do Futebol</i>	65
<i>Tabela 20 - Literatura: história de clube</i>	67
<i>Tabela 21 - Literatura: biografia de jogador</i>	70
<i>Tabela 22 - Literatura: biografia de “não-jogador”</i>	72
<i>Tabela 23 - Literatura: poesia</i>	73
<i>Tabela 24 - Literatura: miscelânea</i>	74
<i>Tabela 25 - Artes plásticas: pintura</i>	76
<i>Tabela 26 - Artes plásticas: escultura em homenagem a jogador</i>	79
<i>Tabela 27 - Artes plásticas: escultura sobre Futebol</i>	79
<i>Tabela 28 - Artes plásticas: fotografia</i>	80
<i>Tabela 29 - Mídia: jornal</i>	82
<i>Tabela 30 - Mídia: rádio</i>	84
<i>Tabela 31 - Mídia: televisão</i>	86

<i>Tabela 32 - Mídia: revista</i>	87
<i>Tabela 33 - Mídia: egresso do Futebol na mídia esportiva</i>	87
<i>Tabela 34 - Mídia: egresso da mídia esportiva em outra atividade</i>	87
<i>Tabela 35 - Artes cênicas: cinema (ficção)</i>	90
<i>Tabela 36 - Artes cênicas: cinema (documentário sobre jogador)</i>	93
<i>Tabela 37 - Artes cênicas: cinema (participação de jogador)</i>	94
<i>Tabela 38 - Artes cênicas: cinema (documentário sobre clube)</i>	94
<i>Tabela 39 - Artes cênicas: cinema (documentário sobre evento)</i>	95
<i>Tabela 40 - Artes cênicas: cinema (documentário sobre Futebol)</i>	95
<i>Tabela 41 - Artes cênicas: teatro</i>	97
<i>Tabela 42 - Artes cênicas: desfile de Carnaval</i>	98
<i>Tabela 43 - Artes cênicas: telenovela (personagem futebolista)</i>	98
<i>Tabela 44 - Artes cênicas: telenovela (participação de jogador)</i>	98
<i>Tabela 45 - Artes cênicas: fotonovela</i>	99
<i>Tabela 46 - Humor: cartum</i>	100
<i>Tabela 47 - Humor: rádio</i>	101
<i>Tabela 48 - Humor: televisão</i>	101
<i>Tabela 49 - Humor: literatura</i>	102
<i>Tabela 50 - Humor: cinema</i>	103
<i>Tabela 51 - Humor: teatro</i>	104
<i>Tabela 52 - Idioma: expressão portuguesa x brasileira</i>	104
<i>Tabela 53 - Idioma: expressão inglesa x portuguesa</i>	105
<i>Tabela 54 - Idioma: literatura</i>	106
<i>Tabela 55 - Idioma: sinônimo de bola e qualificativo de gol</i>	106
<i>Tabela 56 - Idioma: expressão do “futebolês” utilizada no cotidiano</i>	106
<i>Tabela 57 - Política: Presidente Lula e o Futebol</i>	112
<i>Tabela 58 - Política: egresso do Futebol</i>	113
<i>Tabela 59 - Bar temático</i>	117
<i>Tabela 60 - Onomástica: jogador de Copa com apelido</i>	118
<i>Tabela 61 - Viagens do Paysandu de Belém-PA no Campeonato Brasileiro de 2004</i>	124

## LISTA DE ABREVIATURAS

AM	Amplitude Modulada
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
ECA	Escola de Comunicações e Artes
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
F.C.	Futebol Clube
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FM	Frequência Modulada
FPF	Federação Paulista de Futebol
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ITA	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
MASP	Museu de Arte de São Paulo
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MLB	Major League Baseball
MPB	Música Popular Brasileira
NBA	National Basketball Association

NFL	National Football League
NHL	National Hockey League
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SESC	Serviço Social do Comércio
SPAC	São Paulo Athletic Club
TV	TeleVisão
UEFA	Union Européenne de Football Association
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNICEF	United Nations Children's Fund
USP	Universidade de São Paulo

## GLOSSÁRIO

arquibaldo	torcedor do setor das arquibancadas do Maracanã
artilheiro	jogador que faz gols com frequência
bate-pronto	chute na bola antes que esta toque no chão
bi	duas vezes campeão
bicicleta	chute em que o jogador lança suas pernas ao ar, atingindo a bola em seu ponto mais alto
campeão moral	título reivindicado pelo técnico Cláudio Coutinho, ao terminar invicto a Copa de 1978
capitão	jogador que representa sua equipe perante o juiz
cara-ou-coroa	sorteio realizado para decidir a equipe que inicia a partida
cardeal	diretor ou ex-diretor com poderes políticos em seu clube
cartola	dirigente de clube ou federação
chaleira	jogada feita com o calcanhar, notabilizada por Charles Miller
chutão	chute forte, para aliviar uma situação de perigo
chute de três dedos	chute dado com o lado externo do pé
chute sem ângulo	chute ao gol desferido de um ponto próximo à linha de fundo
clássico	confronto entre times importantes
corneteiro	peessoa que procura conturbar o ambiente político de um clube
corta-luz	ação de ludibriar o adversário sem tocar na bola
craque	jogador que se destaca pela sua qualidade
dar zebra	acontecer um resultado surpreendente e inesperado
domingada	jogada de risco feita na defesa, notabilizada por Domingos da Guia
drible da vaca	jogada em que o jogador lança a bola de um lado do adversário e a retoma pelo outro lado
elástico	drible notabilizado por Rivelino, em que o jogador faz a bola mudar duas vezes de direção
embaixada	sucessão de toques na bola, mantendo-a sob controle, sem que ela toque no chão
frangueiro	goleiro que deixa passar bolas fáceis de serem defendidas
futivôlei	esporte criado nas praias do Rio de Janeiro, semelhante ao vôlei, mas sem o uso das mãos
geraldino	torcedor do setor das gerais do Maracanã
grande área	espaço próximo ao gol no qual as faltas da defesa são punidas com um pênalti
hexa	seis vezes campeão
joão	apelido dado por Garrincha a seus marcadores
jogador de linha	jogador que atua em qualquer posição que não seja a de goleiro
jogo aéreo	estratégia em que predominam as bolas altas
júnior	jogador de pouca idade, ainda não profissional
linguagem dos boleiros	linguagem própria ao meio do Futebol
master	jogador de idade avançada, ex-profissional aposentado
ola	movimento sincronizado da torcida, semelhante a uma onda, criado no México
pedalada	ação de passar o pé sobre a bola, sem tocá-la, notabilizada pelo atacante Robinho
pelada	jogo entre amigos, disputado em campo sem grama
penta	cinco vezes campeão
pequena área	espaço próximo ao gol no qual o goleiro não pode sofrer carga de seus adversários
prestigiado	qualificativo dado a um técnico prestes a ser demitido
reserva	jogador que não inicia a partida, podendo substituir um companheiro durante o jogo
rúgbi	esporte criado na Inglaterra, contemporâneo do Futebol, com o qual tem semelhanças

saída de gol	jogada feita pelo goleiro, procurando interceptar a bola distante da meta por ele guarnecida
soccer	nome pelo qual o Futebol é conhecido nos Estados Unidos e em alguns outros países
sua senhoria	referência ao árbitro
tetra	quatro vezes campeão
time grande	time de alto poder econômico, com boas chances de ser campeão
time pequeno	time de baixo poder econômico, com reduzidas chances de ser campeão
tri	três vezes campeão
titular	jogador que inicia a partida
turma do amendoim	grupo que comparece aos jogos para criticar o seu time

## RESUMO

Em sua introdução — o “aquecimento” — este trabalho se propõe a defender a idéia de que um estudo sobre o Futebol Brasileiro deva fazer parte do conteúdo do currículo de um curso superior de Turismo, dentro da disciplina “Patrimônio Cultural do Brasil”. Para tanto, são formuladas três hipóteses. No “primeiro tempo”, procura-se mostrar que o Futebol Brasileiro é uma manifestação cultural com características da cultura popular — para isso, são apresentados personagens pitorescos do Futebol (o Goleiro, o Técnico, o Cartola, o Árbitro, o Capitão, o Massagista, o Passarinho, o Craque, o Filósofo, o Rei, o Torcedor e o Reserva), protagonistas de episódios curiosos, que se perpetuam de um modo semelhante ao das tradições folclóricas. No “intervalo” que se segue, fica clara a identificação do Brasil com esse esporte, justificando, assim, seu título de “*País do Futebol*”. A importância do Futebol Brasileiro como bem cultural é demonstrada no “segundo tempo”, através de um levantamento que evidencia a sua elevada incidência como tema de outras manifestações culturais (a Academia, a Música, a Literatura, as Artes Plásticas, a Mídia, as Artes Cênicas, o Humor, o Idioma, a Tecnologia, o Mercado, a Política e outras). Já na “prorrogação”, são propostas ações (Tombamento, Erradicação da violência, “Estatuto do Torcedor”, Divulgação interna, Educação, Divulgação externa, Serviços em hotéis, Roteiros temáticos, Museus, Eventos, Exploração comercial e Especialização de agências) que mostram ser possível a utilização do Futebol como motivação para atividades de Turismo e de Lazer no Brasil. Ao final, a “disputa de pênaltis” discute as principais conclusões tiradas do que foi exposto nos capítulos anteriores.

## “ABSTRACT”

In its introduction — the “warm-up” — this doctoral thesis sets out to advance the following idea: the study of Brazilian soccer should be part of the curriculum of graduate courses in Tourism within the context of “Brazil’s Cultural Heritage.” As such, the work postulates three hypotheses. In the “first-half” section, the author attempts to show how soccer in Brazil is indeed a cultural display and spectacle that reflects intrinsic characteristics of Brazilian popular culture — on this front, the work introduces vivid characters of the beautiful game (such as the goalkeeper, the coach, the executive manager, the referee, the captain, the masseur, the little bird, the super-star, the philosopher, the king, the fan, and the bench-player), all of whom played important roles in curiously remarkable episodes that have been remembered in a similar way as the recollection and celebration of certain folkloric traditions. In the subsequent “half-time” section, Brazil’s identification with the sport is examined and made clear, thus, helping the reader understand Brazil’s motto as the “*País do Futebol*” (“*Country of Soccer*”). The importance of soccer in Brazil as a cultural element is developed in the “second-half” through a careful collection of data and analysis aimed at showing soccer’s frequent and recurring presence and/or representation as subject-matters of various cultural manifestations (such as Academy, Music, Literature, Plastic Arts, Media, Scenic Arts, Comedy, Language, Technology, Market, Politics etc). In the next section, entitled “extra-time,” the author puts greater emphasis on a set of activities and acts (such as the protection and preservation of monuments and places for an eventual inscription on heritage lists, eradication of violence, the Statute of the Soccer Fan, education, internal and external promotion, services in the hotel

industry, thematic tours, museums, commercial exploitation, and specialization of agencies) that show how soccer can be used as a key motivating mechanism for the growth and further development of recreational and tourism-related activities in Brazil. At last, the “penalty shoot-out” section gives the author the chance to put concluding remarks on the contents of the preceding chapters.

# 1. Aquecimento

## 1.1 Motivação

A vontade de fazer este trabalho surgiu, muito provavelmente, quando seu autor, ainda aluno de graduação em Turismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, cursou a disciplina “Estudos Brasileiros II — Patrimônio Cultural e Elementos de Museologia”, ministrada por seu orientador, o Prof. Dr. Américo Pellegrini Filho, e constatou que o tema Futebol não fazia parte do programa da disciplina.

Levado a uma reflexão sobre os possíveis motivos dessa omissão, ele levantou três hipóteses:

1<sup>a</sup>.) O Futebol brasileiro não teria elementos que o pudessem caracterizar como uma manifestação da cultura popular, principal foco da citada disciplina.

De fato, quando foi introduzido no Brasil, em fins do século XIX e início do século XX, por membros da colônia britânica aqui residentes (primeiro em São Paulo, e, logo depois, no Rio de Janeiro), o Futebol era atividade recreativa restrita às elites. No entanto, com as disputas dos primeiros torneios, mesmo que ainda restritos aos clubes da elite, sua prática rapidamente se popularizou. Pouco a pouco, jogadores e times populares passaram a ser admitidos nesses torneios (o que, em alguns casos, causou o afastamento dos antigos precursores).

Essa situação acabou levando, em cerca de 30 anos, à instituição do profissionalismo (que, na verdade, já existia “de fato”), quase ao mesmo tempo em que se iniciavam as disputas, a cada 4 anos, das Copas do Mundo (sendo que o Brasil viria a ser o único país a participar de todas elas).

Com o profissionalismo, veio a necessidade de se criar uma estrutura mais organizada e institucionalizada para a condução do Futebol. Gradativamente, ele foi se firmando como um rentável “negócio” (o “*business*” ao estilo norte-americano), impulsionado pelo surgimento dos grandes veículos de comunicação (primeiro o rádio e, mais tarde, a televisão), até se transformar, no final do século XX, num grande espetáculo mundial e numa clara manifestação da cultura de massa.

Nesse cenário, fica mesmo difícil sustentar-se uma ligação do Futebol brasileiro com a cultura popular, isto é, com o Folclore (termo que, neste trabalho, é utilizado como sinônimo de cultura popular), marcado pela tradição oral e pelo improviso. Como Américo Pellegrini Filho define no glossário de seu livro *Literatura folclórica*, o Folclore envolve “*modos de pensar, sentir e agir característicos de uma coletividade e que não coincidem com a cultura institucionalizada ou erudita nem com a cultura de massa, embora com elas coexistam e partilhem pontos de contacto*”.<sup>1</sup> Um claro ponto de contacto seria a prática informal do Futebol, a “pelada”, o inocente jogo de bola dos meninos na rua ou o animado “solteiros x casados” num campo qualquer de várzea, num fim-de-semana qualquer.

2<sup>a</sup>.) O Futebol brasileiro não seria uma manifestação cultural de importância, que tivesse alguma relevância no cenário cultural do Brasil.

Depois que as camadas mais populares tiveram acesso ao Futebol, dele se afastaram as elites. Com raras e honrosas exceções, os membros da alta sociedade lhe deram as costas, passando a ignorá-lo solenemente. Rapazes “de classe” não poderiam nem sonhar em se tornar jogadores profissionais, atividade para a qual não era necessário ter cursado sequer o primeiro ano primário; eles tinham mesmo é que se dedicar aos estudos, em busca de um diploma de Medicina, de Direito ou, talvez, de Engenharia. Já as moças “de família”, só depois de terminarem seus estudos ao piano teriam permissão para, por alguns instantes, flertar com um desses jovens estudantes “bons partidos”; jamais com um jogador de Futebol!

Por muitos anos, assim foi a filosofia da classe dominante, a elite “formadora de opiniões”, responsável pela condução dos destinos do país e, de certa forma, pela definição de seus aspectos culturais.

Com toda essa dificuldade para a aceitação do Futebol, estaria se confirmando a hipótese da sua “desimportância” face às demais manifestações culturais, o que justificaria o desprezo com que seria por elas tratado.

Note-se que este relato, referente ao Brasil, pode ser aplicado a outros países, como os Estados Unidos, por exemplo. Luiz Gonzaga Trigo, logo no início de seu livro *Entretenimento — uma crítica aberta*, mostra que a palavra inglesa “entertainment” significa “*aquilo que diverte com distração ou recreação*” e “*um espetáculo público ou mostra destinada a interessar e divertir*”.<sup>2</sup> Mais adiante, ele apresenta uma lista dos cem

<sup>1</sup> PELLEGRINI FILHO, 2000b, p.153

<sup>2</sup> TRIGO, 2003, p.32

maiores “entertainers” do período entre 1950 e 2000,<sup>3</sup> elaborada pela revista norte-americana *Entertainment weekly* que, como o próprio Prof. Trigo salienta, “*refere-se ao típico entretenimento apenas da civilização ocidental e com forte influência da cultura norte-americana*”.<sup>4</sup> Pois, dentre esses cem nomes, há cantores, atores, comediantes, apresentadores de TV, músicos, diretores de cinema, e até séries de TV... mas apenas um esportista: Michael Jordan, astro do basquete, num distante 80º. lugar! Claro que não se esperava a inclusão de Pelé na lista — o norte-americano típico só teve algum conhecimento dele nos poucos mais de dois anos em que atuou no Cosmos de Nova York, e mesmo assim, num esporte ainda hoje pouco difundido por lá. Mas o fato de não aparecerem nomes como os de Magic Johnson (astro do basquete), Joe Montana (astro do futebol americano), Muhammad Ali (astro do pugilismo), Barry Bonds (astro do beisebol) e de muitos outros desses esportistas tão populares nos Estados Unidos (especialmente na segunda metade do século XX, período a que se refere a lista) é um forte indício desse menosprezo ao esporte, embora ele se encaixe perfeitamente na definição de “entertainment” anteriormente apresentada.

3ª.) O Futebol brasileiro não teria potencial para ser uma manifestação cultural de interesse ao Turismo e ao Lazer.

Estando a disciplina “Patrimônio cultural” incluída num curso de bacharelado em Turismo, é de se esperar que seu programa aborde tópicos que tenham relação com esta área. Reconhecendo-se a imensidão do patrimônio cultural brasileiro e a variedade de suas manifestações, é natural que se faça uma seleção daquelas que maior interesse possam ter ao Turismo e ao Lazer.

Como Mário Jorge Pires “*ousa dizer*” na introdução de seu livro *Lazer e Turismo Cultural*, “*o Brasil ainda engatinha em termos de turismo, porém mal começou a engatinhar no que tange ao turismo cultural*”.<sup>5</sup> Sendo assim, a seleção e a forma de exploração de manifestações culturais pelo Turismo e pelo Lazer serão sempre polêmicas e discutíveis, até que o Turismo cultural no Brasil ponha-se de pé e caminhe firmemente com suas próprias pernas.

Dessa forma, não se poderia contestar a não inclusão do Futebol no programa de uma disciplina do curso de Turismo, até porque os freqüentadores habituais dos estádios geralmente são provenientes das classes com menos recursos financeiros, que não costumam constituir o público-alvo do Turismo cultural. Este, para maximizar seus lucros, em geral está mais preocupado em atender aos anseios dos que dispõem de maior poder aquisitivo.

Apesar de ter formulado três hipóteses que, pelo que foi aqui exposto, lhe pareceram plausíveis, o autor deste trabalho não se deu por convencido. Para ele, o caso do Futebol deveria ser mais bem avaliado.

A vontade de “dar um bico” nessa “jogada” de que o Futebol seja “posto para escanteio” pelo estudo do patrimônio cultural de interesse ao Turismo foi o “pontapé inicial” para que o autor se decidisse por “suar a camisa” e por “entrar de sola” na execução deste trabalho!

## 1.2 Objetivos

Como se procurou mostrar, o objetivo deste trabalho é o de contestar as três hipóteses anteriormente formuladas, ou seja, o de defender que:

- 1º.) o Futebol brasileiro tem elementos que permitem caracterizá-lo como uma manifestação da cultura popular;
- 2º.) o Futebol brasileiro é uma manifestação cultural de extrema importância, com especial relevância no cenário cultural do Brasil;
- 3º.) o Futebol brasileiro tem grande potencial para se tornar uma manifestação cultural de interesse ao Turismo e ao Lazer.

## 1.3 Metodologia desenvolvida e fontes utilizadas

Para desenvolver seu trabalho, o autor procurou fazer um estudo exploratório, de natureza qualitativa, sobre o Futebol como manifestação cultural brasileira, e suas possibilidades de incentivo ao Turismo e ao Lazer. Para tanto, baseou-se nas leituras das referências bibliográficas aqui listadas e em sua própria vivência pessoal.

<sup>3</sup> TRIGO, 2003, p.131-133

<sup>4</sup> TRIGO, 2003, p.134

<sup>5</sup> PIRES, 2001, p.VII

Ao dar início ao seu trabalho, o autor já dispunha de uma não desprezível biblioteca especializada em Futebol e em outras manifestações culturais (especialmente rádio e música popular brasileira — MPB). Em número de títulos, essa biblioteca quase que triplicou durante a realização da pesquisa, devendo hoje estar próxima dos 150 volumes. Infelizmente, não foi possível a leitura integral de todos esses livros; alguns foram apenas folheados ou circunstancialmente consultados para o esclarecimento de dúvidas ou a obtenção de uma informação pontual relevante.

De qualquer forma, a cada obra lida procurou-se fazer uma pequena “ficha”, da qual constassem um resumo, uma transcrição de trechos de interesse e, eventualmente, um breve comentário sobre ela.

Além de livros, foram reunidas perto de três centenas de artigos de jornais e revistas (o autor é assinante do jornal *O Estado de S. Paulo* e das revistas *Placar* e *Veja*, e ainda contou com a sempre oportuna colaboração de seu orientador, assinante e habitual leitor dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*). Recortados, esses artigos foram classificados por assuntos e guardados numa grande pasta com divisórias, voltando a ser consultados durante a elaboração desta tese.

Fontes de material não impresso foram também utilizadas. O autor possui uma coleção de cerca de quinze discos (compactos e de vinil) apenas com músicas sobre Futebol, além de uma considerável coleção de discos de música popular brasileira, consultada para o tópico sobre música. Possui, também, algum material em vídeo (fitas e discos) com documentários sobre Futebol, clubes e jogadores, e um ou outro filme de ficção.

Também foram utilizados neste trabalho, ao menos como inspiração, alguns objetos que possui, decorativos ou utilitários, que têm alguma relação com o tema.

Quanto à sua vivência, o autor considera relevante sua experiência como praticante de Futebol desde menino, embora nos últimos anos essa prática tenha sido muito reduzida e esteja muito aquém do que ele gostaria (e deveria!).

Já como torcedor, sua experiência tem se multiplicado ultimamente. Frequentador dos estádios desde a infância (inicialmente, pelas mãos de seu tio, dono de cadeiras cativas do estádio do Morumbi, e, mais tarde, com seus amigos adolescentes, com seu primo, com seus sobrinhos ou mesmo sozinho), ele esteve presente a inúmeros eventos, de finais de Copas do Mundo a jogos sem nenhuma importância, envolvendo principalmente o Corinthians, time do qual é torcedor.

Morador da cidade de São Paulo por quase toda a sua vida (com exceção dos 10 meses vividos na ilha de Marajó, no Pará, e dos 18 meses passados no Texas, nos Estados Unidos), o que explica que este trabalho esteja predominantemente focado nesta cidade, o autor estima ter presenciado perto de 500 partidas “in loco”, sendo impossível estimar quantas teria acompanhado pelo rádio, pela televisão e pelos jornais e revistas.

Além dos 7 estádios paulistanos onde hoje se disputam partidas profissionais, o autor já esteve presente a jogos em Santos (2 estádios), Campinas (2), São Caetano, São Bernardo, Sorocaba, São José dos Campos, Limeira, Santa Bárbara d’Oeste, Ribeirão Preto, Araraquara, Barretos e Águas de Lindóia, todos no estado de São Paulo; e mais Rio de Janeiro (5 estádios), Cabo Frio, Belo Horizonte (2), Belém, Salvador e Campina Grande, em outros estados brasileiros. No exterior, o autor presenciou jogos diversos (incluindo de quatro Copas do Mundo) em estádios de 9 países: Argentina (Buenos Aires), Venezuela (Maracaibo), Estados Unidos (Dallas e Pasadena), França (Paris, Saint-Denis, Nantes e Marselha), Inglaterra (Londres), Austrália (Brisbane), Coréia do Sul (Busan, Ulsan, Jeju e Swon), Japão (Tóquio, Osaka, Kobe, Shizuoka, Saitama e Yokohama) e Alemanha (Dortmund). Infelizmente, essa lista não pôde ser ampliada como se pretendia, com visitas a outras cidades do interior, aos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e do nordeste, e ainda a outros países da América Latina e Europa Ocidental (Portugal, Espanha, Itália e Holanda).

Na medida do possível, o autor procurou obter informações futebolísticas sobre as localidades visitadas, adquirindo jornais locais e sintonizando as emissoras esportivas de rádio.

Com menor frequência, o autor presenciou, ainda, importantes eventos de outras modalidades esportivas, tanto no Brasil (Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, corridas de Fórmula 1, competições de atletismo, natação e tênis, jogos de voleibol e de basquete) como no exterior (Olimpíada de Sydney; jogos de futebol americano (NFL), basquete (NBA), beisebol (MLB), hóquei no gelo (NHL), nos Estados Unidos; jogo de rúgbi, na Austrália). Semelhanças e diferenças entre eventos futebolísticos e de outros esportes foram úteis para o desenvolvimento deste trabalho.

Importantes foram as visitas às sedes dos principais clubes cariocas e paulistas. No Rio de Janeiro, o autor visitou as sedes sociais do Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama, e ainda o museu do estádio do Maracanã. Em São Paulo, esteve nos memoriais do São Paulo e do Corinthians, e nas sedes

sociais do Palmeiras, Portuguesa de Desportos, Juventus, Nacional, São Paulo Athletic, Paulistano e Pinheiros, além do recém-inaugurado Museu do Futebol, no estádio do Pacaembu, e do museu e da biblioteca da Federação Paulista de Futebol. Em Santos, visitou o memorial do Santos e a sede da Portuguesa Santista.

Constituíram-se, também, fontes de pesquisa, outros eventos de entretenimento não propriamente esportivos, mas que têm forte relação com o Futebol, tais como festivais de cinema, peças teatrais, “shows” musicais, exposições, etc., aos quais o autor procurou comparecer.

Em relação à internet, embora reconheça ser ela uma importante fonte de informações, o autor deve confessar ter-lhe uma certa aversão, sentindo um certo desconforto e dificuldade em utilizá-la, sentimentos esses reforçados quando da escolha, feita por internautas, de Maradona, à frente de Pelé, como o melhor jogador do século XX. Esse episódio lhe deu a definitiva certeza de que a internet não é, mesmo, “a sua praia”. No entanto, mesmo não dispondo de acesso à rede em sua casa, o autor fez algumas “navegações”, que foram bastante úteis para complementar ou ratificar as informações de que dispunha.

Finalmente, embora tenham ocorrido de modo informal, sem nenhum rigor científico, consideram-se muito importantes para este trabalho as observações pessoais do autor, fruto de centenas de conversas, discussões, entrevistas e “bate-papos” sobre Futebol de que participou ou que apenas presenciou, nos mais diversos lugares e situações, com as mais diversas pessoas.

#### **1.4 Conteúdo e organização**

Com base em todo esse material, redigiu-se esta tese que, buscando atingir os objetivos propostos, se divide em três “tempos”.

No “primeiro tempo”, que corresponde ao capítulo 2 da tese, ao se escalar o “time” Folclore F.C., composto por 12 personagens curiosos e episódios pitorescos do mundo do Futebol, faz-se uma análiseêmica, isto é, “de dentro para fora”, buscando-se mostrar que, de fato, o Futebol brasileiro tem elementos da cultura popular.

No “segundo tempo”, que corresponde ao capítulo 4 da tese, entra em campo o “time” Cultura F.C., composto por 12 outras manifestações culturais que se utilizam do Futebol como tema, para que, agora numa análise ética, isto é, “de fora para dentro”, se possa mostrar que, de fato, o Futebol brasileiro é uma manifestação cultural de extrema importância no cenário cultural do Brasil.

Na “prorrogação”, que corresponde ao capítulo 5 da tese, surge o “time” Turismo&Lazer F.C., composto por 12 sugestões e propostas de ações que demonstram que o Futebol brasileiro tem grande potencial para ser uma manifestação cultural de interesse ao Turismo e ao Lazer no Brasil.

Como subsídio aos três “times” apresentados, no “intervalo”, que corresponde ao capítulo 3 da tese, são feitas considerações sobre a identificação do Brasil como o “País do Futebol”.

As conclusões do trabalho são apresentadas na “disputa de pênaltis”, que corresponde ao capítulo 6 da tese.

No Apêndice I, o autor relata alguns episódios ocorridos com ele em suas viagens ao exterior, que reforçam a conclusão do “intervalo”. No mesmo sentido, o Anexo I apresenta textos que retratam o olhar britânico sobre o Futebol brasileiro.

Os principais atrativos turísticos relacionados com o Futebol das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo são apresentados no Apêndice II.

O Anexo II apresenta preços de pacotes oferecidos por uma agência brasileira, por ocasião da Copa do Mundo de 1998, disputada na França.

O Anexo III, finalmente, apresenta exemplos das principais manifestações artísticas brasileiras que têm inspiração no Futebol.

## 2. Primeiro tempo: o time *Folclore Futebol Clube*

	1 - o Goleiro		
	2 - o Técnico	3 - o Cartola	
4 - o Árbitro	5 - o Capitão		6 - o Massagista
	8 - o Craque	10 - o Rei	
7 - o Passarinho	9 - o Filósofo		11 - o Torcedor
12 - o Reserva			

O “time escalado” acima para entrar em campo neste primeiro tempo é o time do Folclore F.C. Pelos motivos expostos no aquecimento, reconhece-se que houve certa relutância na escolha desse nome, pela clara contraposição do conceito de Folclore ao de cultura de massa. No entanto, esse nome foi mantido justamente para que fosse realçado o que defende este trabalho: que o Futebol tem, sim, personagens e episódios que perduram mais pela tradição e pela transmissão oral que ocorre em conversas entre torcedores do que pelos veículos de comunicação de massa.

É óbvio que, pela verdadeira vigília que a mídia exerce sobre o Futebol, qualquer fato deste será por aquela propagado. Mas, mesmo que, por um descuido qualquer, a mídia tivesse perdido um desses fatos, ainda assim ele sobreviveria no meio da comunidade futebolística. Antecipam-se, aqui, dois exemplos que serão oportunamente abordados: perderam-se os registros de dois dos mais belos gols de Pelé, e, no entanto, suas descrições (é possível que muitas delas nem tenham de fato ocorrido!) eram do conhecimento dos seus fãs, antes mesmo que a computação gráfica as perpetuasse; raros são os registros gravados — se é que há algum — de Vicente Matheus dando uma de suas pitorescas declarações e, no entanto, toda a comunidade do Futebol as conhece.

São personagens mitológicos como Pelé e Vicente Matheus, e episódios lendários como os gols do primeiro e as declarações do segundo, que formam o time Folclore F.C., mostrando, neste início da partida, o Futebol “de dentro para fora” (numa visão êmica).

### 2.1 o Goleiro

*“A posição de goleiro é tão ingrata que, no lugar onde ele joga, nem grama nasce.”*

Esse pensamento de Don Rossé Cavaca, pseudônimo do jornalista José Martins Araújo Jr., mostra que até mesmo nos mais bem cuidados estádios, a grama costuma ser escassa nas proximidades da linha do gol — mas são abundantes as agruras pelas quais passa um goleiro, durante sua carreira.

Enquanto os “jogadores de linha”, durante o desenrolar de uma partida, movimentam-se por todo o campo, procurando ocupar todos os seus espaços, o goleiro raramente deixa seu posto, passando a maior parte dos 90 minutos dentro da “pequena área”. São falhas da grama, muitas vezes, as responsáveis por escoriações e arranhões, quando ele, no exercício de seu dever, se atira atrás de bolas muitas vezes indefensáveis.

Mas não são exatamente os ferimentos do corpo os sinais de ingratidão de que é alvo a posição do goleiro. Muito pior é o sofrimento causado por um gol adversário, especialmente se for decorrente de uma falha sua. Basta um único lance infeliz, um segundo de desatenção, para que os demais 5.399 segundos de uma atuação perfeita sejam completamente esquecidos.

Qualquer outro jogador pode falhar... o atacante pode perder inúmeras oportunidades “cara a cara”, mas, se fizer o gol da vitória, estará perdoado! Mas o goleiro... esse não tem perdão! Uma falha sua, uma bola que deixe passar por entre suas pernas, e será chamado de “frangueiro”, por ter “engolido um frango”.

Aliás, a expressão original é “cercar um frango”. Ao levar uma bola por entre as pernas, o goleiro, de fato, lembra, em seu gesto, a ridícula situação de alguém que corre atrás de um frango arisco, na vã tentativa de agarrá-lo.

Talvez a maior ingratidão do mundo do Futebol tenha sido a que vitimou o goleiro Barbosa, titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950. A culpa pela inesperada derrota para o Uruguai, na final do Maracanã, caiu-lhe nos ombros quando, a menos de 10 minutos do fim da partida, Barbosa sofreu o gol da virada uruguaia, marcado pelo ponta-direita Ghiggia. As rápidas e imprecisas imagens do lance podem até dar a impressão de que o chute foi “quase sem ângulo”, o que, em tese, permitiria uma fácil defesa... mas essa é apenas uma impressão, muito distante de um julgamento definitivo.

O grande goleiro ainda conseguiu levar adiante sua carreira e conquistar alguns títulos pelo Vasco da Gama, mas, ao afastar-se do Futebol, triste e esquecido, sua vida se tornou um verdadeiro drama. Morreu pobre, com o sentimento de que tinha sido condenado a uma pena de 50 anos, bem superior à pena máxima prevista pela lei brasileira (de 30 anos).

Pelo fato de Barbosa ser negro, alguns viram em sua condenação um forte traço de preconceito racial. No entanto, os mesmos que o condenaram glorificaram o também negro Obdúlio Varela, capitão e líder do time uruguaio e maior símbolo da vontade de vencer que marcou a equipe campeã. Se houve ou não preconceito em relação a esse episódio, não cabe aqui tentar estabelecer um veredicto definitivo. Também não se dispõe de uma estatística a respeito, mas é notório que, no Brasil, a posição de goleiro é, tradicionalmente, a menos ocupada por negros.

Trata-se, sem dúvida, de uma posição diferenciada. Em vez de velocidade, força ou habilidade com os pés, o goleiro precisa de agilidade, bons reflexos, altura e coragem. Além disso, é o único jogador do time que pode usar as mãos, que costuma trajar equipamentos diferentes (como joelheiras, luvas, boné) e que pode vestir uma camisa de cor e “design” diferentes das demais. Por isso, o goleiro, de imediato, chama para si a atenção do público, o que, de certa forma, exige dele uma postura especial.

Postura que tinha, por exemplo, Marcos Carneiro de Mendonça, nome importantíssimo na história do Fluminense. Filho de família da elite carioca, estudante de medicina, ele defendeu durante muitos anos o gol do “Tricolor das Laranjeiras”, e foi, depois, seu presidente, além de ter sido o goleiro titular no primeiro jogo da Seleção Brasileira, em 1914. Atuou nos anos românticos do amadorismo, quando o Futebol no Brasil era praticado, principalmente, pelos jovens de classes sociais mais favorecidas. Sua elegância e cavalheirismo ajudaram-no a conquistar o coração da poetisa Anna Amélia e a construir a imagem nobre e aristocrática que o Fluminense tem até hoje.<sup>6</sup>

Ter mãos grandes e fortes é fundamental para um goleiro. Graças às suas enormes mãos, além de sua excelente impulsão, Oberdan Cattani, chamado de “a Muralha”, brilhou no Palmeiras, nos anos 40 e 50.<sup>7</sup> Mas foi justamente uma deficiência óssea na mão esquerda que quase encerrou prematuramente a carreira de Castilho, goleiro do Fluminense. Para se ver livre das constantes dores e fraturas que o incomodavam, Castilho não se importou com a estética e, despojado de qualquer vaidade, deixou que parte de seu dedo mínimo fosse amputada, para poder continuar jogando normalmente.<sup>8</sup>

Já para Gilmar, companheiro de Castilho na Seleção Brasileira bicampeã do mundo em 1958 e 1962, a estética era uma preocupação. Seu surgimento para a fama foi casual: sua transferência para o Corinthians foi imposta por seu clube de origem, o Jabaquara, como condição para a venda do passe do apoiador Ciciá, verdadeiro interesse corintiano.<sup>9</sup> Além das suas qualidades futebolísticas, Gilmar tinha dotes físicos que o faziam alvo da admiração — e do desejo — das mulheres, numa época em que a revolução sexual começava a dar seus primeiros e tímidos passos no Brasil.

Menos timidez do que as fãs de Gilmar mostravam as fãs do goleiro Raul Plassman, do Cruzeiro e, depois, do Flamengo. Dono de olhos azuis e de cabelos louros cacheados, Raul soube explorar sua imagem de galã, tendo sido o responsável pela popularização de camisetas com cores berrantes e modelos ousados. Nos jogos em que atuava, era comum ouvirem-se, vindos das arquibancadas, os mesmos gritos eufóricos que, na época, eram restritos aos ídolos da “Jovem Guarda” liderados pelo então “Rei da Juventude”, Roberto Carlos (aliás, alguns invejosos chamavam Raul de “Wanderléa”).

Poucos anos depois, surgiu no Palmeiras o goleiro Émerson Leão, que, além do enorme talento que o fez defender o Brasil em quatro Copas do Mundo, soube tirar proveito de suas pernas. Eleitas as mais belas do país, elas lhe deram muito dinheiro ao serem expostas em anúncios de cuecas exibidos na televisão e em cartazes nas ruas.

Talvez essa preocupação com o aspecto físico demonstrada por alguns goleiros tenha feito com que cronistas esportivos e até técnicos e dirigentes comesçassem a questionar suas qualidades como atletas. Houve um momento, a partir dos anos 60, em que os goleiros brasileiros passaram a ser duramente criticados, especialmente quanto à má colocação e às deficiências nas “saídas do gol” e nos cruzamentos. Até hoje, se diz

<sup>6</sup> MATTOS, 1997, p.49

<sup>7</sup> PRATA, 2002, p.62

<sup>8</sup> ROCHA, 2003, p.81

<sup>9</sup> UNZELTE, 2000, p.482

que a Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970 foi o melhor time de toda a história das Copas, “*apesar do goleiro Félix, o jogador mais fraco da equipe*”, como se comentava na época.

Provavelmente, em consequência dessas críticas, a partir dessa época diversos times brasileiros passaram a contratar goleiros de outros países sul-americanos. Em nenhum outro momento, e em nenhuma outra posição, houve tantos futebolistas estrangeiros no Brasil. Podem ser citados os argentinos Cejas (Santos), Andrada (Vasco da Gama), Ortiz (Atlético-MG), Butice (Bahia, Corinthians) e Fillol (Flamengo); os uruguaios Maidana (Palmeiras), Mazurkiewicz (Cruzeiro), Corbo (Grêmio) e Rodolfo Rodrigues (Santos, Bahia); e os paraguaios Aguillera (Portuguesa), Benitez (Internacional) e Peres (Palmeiras).

Na contramão desse trânsito internacional, diferentemente de outras posições (especialmente atacantes), não tem sido comum a ida de goleiros brasileiros para times de outros países. O mercado europeu, em que hoje atuam tantos de nossos craques, só foi verdadeiramente desbravado quando Taffarel, na década de 90, transferiu-se para a Itália (mais tarde, jogou também na Turquia), e, ainda hoje, são raros os nossos goleiros que lá fazem sucesso (com poucas exceções, como Dida, Doni, Gomes e Júlio César).

Cabe, ainda, citar o lendário Manga, goleiro do Brasil na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, que perambulou por países das Américas e, hoje, estaria trabalhando com jovens jogadores em Miami, nos Estados Unidos. “El Loco Manguita”, como ficou conhecido, tinha um estilo peculiar, às vezes considerado um tanto quanto irresponsável, fruto, talvez, de sua autoconfiança um pouco exagerada. Manga costumava se apresentar para cobranças de penalidades a favor de seu time, e, às vezes, abandonava seu posto para tentar ir marcar um gol de cabeça na área do adversário. Seu comportamento e irreverência foram imitados, nas Américas, pelos goleiros Schilavert (paraguaio), Higuaita (colombiano) e Jorge Campos (mexicano).

Formado numa verdadeira escola de goleiros, o palmeirense Marcos tem uma carreira que ilustra bem os altos e baixos pelos quais passa o atleta de sua posição. Jovem sucessor de Zetti e Veloso em seu time (ambos com passagens pela Seleção Brasileira), foi um dos principais responsáveis pela conquista da Taça Libertadores de América pelo Palmeiras; no entanto, uma falha sua causou a derrota de seu time na final do Mundial Inter-Clubes de 1999, contra o Manchester, no Japão. A volta por cima veio três anos depois, lá mesmo no Japão: com atuações impecáveis, Marcos foi o titular do Brasil na conquista do penta. No mesmo ano de 2002, porém, passou pela suprema humilhação de ver seu time rebaixado para a série B do Campeonato Brasileiro. Teve, porém, a grandeza de rejeitar propostas do exterior, permanecendo no Palmeiras e levando-o de volta à série A. Sucessivas contusões impediram-no de disputar o Mundial da Alemanha e fizeram-no pensar em abandonar a carreira, mas, com muita força de vontade, voltou ao posto de titular de seu time, para a alegria tanto dos seus torcedores quanto dos rivais, que por ele nutrem respeito e admiração.

Reserva de Marcos na Copa da Ásia, o “artilheiro” Rogério Ceni, do São Paulo, é um exímio cobrador de faltas e de penalidades máximas. Tendo já superado Schilavert e se tornado o recordista de gols em sua posição (com chances de chegar ao centésimo gol em sua carreira), Rogério é um ícone para a torcida são-paulina, um exemplo de profissionalismo e de dedicação, tendo sido o grande nome da vitória de seu time sobre o Liverpool, na final do Mundial de Clubes de 2005, no Japão. É notória sua atuação em defesa do São Paulo dentro e fora de campo, e sua vontade de, um dia, exercer um cargo diretivo no clube. Curiosamente, em nenhuma das partidas em que marcou (cerca de 60) seu time foi derrotado.

*“Na lei brasileira a pena máxima é de 30 anos - mas minha pena foi de 50.” - Moacir Barbosa, em 2000*

*“O que o goleiro mais gosta é da bola. Todos os outros a chutam... O goleiro é o único que a abraça.” - Pompéia*

*“Todo gol é um erro do goleiro. Mesmo que ele não ache isso, alguém achará.” - Joseph Bell*

*“Se o goleiro for casado, deve dormir com as duas, a bola e a mulher.” - Neném Prancha*

## 2.2 o Técnico

*“No Brasil, somos 180 milhões de técnicos de Futebol.”*

Esse evidente exagero chega perto da verdade durante a Copa do Mundo, quando toda a população brasileira quer dar seus palpites, escolher os jogadores e escalar o time.

Mas ser técnico de Futebol não é tão fácil quanto pode parecer! Não é para qualquer um. Mesmo ex-jogadores muito bem sucedidos dentro de campo fracassaram fora dele. Mais do que conhecer técnicas e táticas de Futebol, é preciso conhecer a alma humana, ser um pouco de psicólogo, um “paizão” para seus comandados.

Oswaldo Brandão, vitorioso técnico da “Academia” palmeirense, e do Corinthians campeão em 1954 e em 1977, tinha esse estilo. Dizia-se que ele se preocupava com os problemas pessoais de seus jogadores,

e tentava ajudá-los. Ao mesmo tempo, era um disciplinador enérgico, que, nas noites livres dos atletas, fazia uma ronda pelos bares e “inferninhos”, em busca de algum descuidado “boêmio” que, se encontrado, era mandado de volta para casa. Brandão era também conhecido pela extrema seriedade, e por não gostar de conceder entrevistas durante as partidas mais disputadas. Certa ocasião, ao ser indagado sobre como estava vendo um jogo em que seu time perdia, respondeu, sério e mal-humorado: “*de óculos!*”.

Humor muito pior tinha Yustrich, que gostava de ser conhecido por sua valentia, muitas vezes exagerada. Grande, musculoso, daí ser chamado de “Homão”, dele se dizia que mantinha ascendência sobre o grupo de comandados pelo medo que lhes impunham as ameaças de agressão que fazia, especialmente, aos mais jovens. Acusações de que algumas dessas ameaças se cumpriram foram feitas, mas nunca devidamente comprovadas.

Bem mais próximo do “pai-amigo” Brandão do que do “pai-castigo” Yustrich, Luiz Felipe Scolari, o “Felipão”, formou sua “família” e a levou para a disputa da Copa do Mundo da Coreia e do Japão, em 2002. Além de talento, Felipão adotou como critérios para sua escolha o caráter dos atletas e suas relações anteriores com eles, o que acabou excluindo jogadores como Romário, apesar dos insistentes pedidos de milhões de torcedores e das pressões de dezenas de jornalistas em favor do “Baixinho”. Sete improváveis vitórias e o inesperado triunfo de seu desacreditado time na final em Yokohama mostraram sua competência, depois comprovada pela boa campanha da Seleção Portuguesa na EuroCopa de 2004 e no Mundial de 2006, conseguindo, respectivamente, um vice-campeonato e um quarto lugar (este, quase igualando o feito de outro brasileiro, Otto Glória, que, em 1966, levou nossos “patrícios” ao terceiro lugar na Inglaterra, em 1966).

Caso tivesse sido derrotado na final de Yokohama, dificilmente Scolari teria seu trabalho reconhecido. Na história das participações brasileiras em Copas do Mundo, o único técnico derrotado num campeonato que retornou no torneio seguinte foi o “Mestre” Telê Santana. Em 1982, os três gols do italiano Paolo Rossi impediram que aquele exuberante time conseguisse o “tetra”, na Espanha, nas não impediram que Telê voltasse à direção da Seleção em 1986, no México. Uma nova derrota, desta vez numa disputa de pênaltis, para a França de Michel Platini, fez com que Telê fosse considerado um técnico sem sorte, um “pé-frio”, incapaz de conquistas importantes. Essa má fama ele só perderia em 1992/1993, quando, dirigindo o São Paulo, conquistaria em Tóquio o bicampeonato mundial interclubes e o definitivo reconhecimento de sua competência.

Se Telê Santana conseguiu dirigir a Seleção Brasileira em duas Copas antes de grandes conquistas em clubes, Rubens Minelli e Ênio Andrade jamais chegaram à Seleção, apesar dos inúmeros títulos que conquistaram. Para os críticos, ambos podem ter sido bons técnicos em seus clubes, mas não eram bons o suficiente para comandarem a Seleção. Talvez esse mesmo argumento esteja sendo utilizado pelos dirigentes da CBF para não convocarem Muricy Ramalho, que, por três vezes seguidas, conquistou o Campeonato Brasileiro.

Na derrota, quase sempre, a culpa é do técnico. A torcida o chama de “burro”, o dirigente insinua que irá demiti-lo... Nos chamados “times grandes”, três derrotas seguidas, ou uma humilhante goleada diante de um rival, podem tornar essa insinuação realidade. Há, inclusive, um jargão bem futebolístico para indicar que um técnico não está agradando, e seu emprego corre sério risco: diz-se que ele está “prestigiado”.

Por outro lado, nas vitórias, nem sempre o técnico recebe o reconhecimento do público. Vicente Feola, o gordo e bonachão técnico da Seleção campeã do mundo na Suécia, em 1958, era acusado de deixar a escalação do time por conta dos jogadores mais experientes: Nilton Santos, Didi e Bellini. Dizia-se até que ele dormia no banco de reservas, durante os jogos, impressão essa reforçada pela lentidão de seus gestos, conseqüência de sua saúde frágil. E, de Luiz Alonso Perez (o “Lula”) e Antoninho Fernandes, técnicos do maior time de clube de todos os tempos, o Santos dos anos 60, falava-se que a função de ambos limitava-se, no vestiário, antes das partidas, a jogar para cima aquelas famosas camisas brancas do time. Pegasse quem as pegasse, invariavelmente o Santos venceria, tal a qualidade dos jogadores de Vila Belmiro.

Não há uma fórmula infalível para o sucesso do técnico, mas, em geral, é preciso que ele seja bem aceito por seus jogadores, o que é mais fácil de acontecer quando ele fala “a linguagem dos boleiros”. Ter sido jogador pode ajudar, mas não é fundamental. Sebastião Lazaroni nunca atuou como jogador profissional, mas chegou a dirigir a Seleção Brasileira em 1990, na Itália, na pior campanha de nosso time desde 1966. Cláudio Coutinho, também sem nenhuma prática, era um teórico assumido, tendo criado expressões como “*ponto futuro*” e “*overlapping*”; o terceiro lugar invicto na Argentina, em 1978, o fez se considerar o “campeão moral” daquela Copa. Melhor resultado que os dois teve Carlos Alberto Parreira, nos Estados Unidos, em 1994, com a conquista do “tetra”. Acusado de adepto de um estilo de jogo defensivo e pragmático, contrário ao talento inato do jogador brasileiro, Parreira, um incansável e respeitado estudioso do Futebol, voltou ao comando da

Seleção Brasileira no Mundial da Alemanha, em 2006, sem, no entanto, conseguir repetir o sucesso de 12 anos antes.

De qualquer modo, ex-jogadores formam a grande maioria dos técnicos no Brasil. Alguns casos chegam a ser surpreendentes. Serginho, o “Chulapa”, que, reconhecidamente, não era muito amigo dos treinos em seus tempos de jogador, tem atuado como técnico de divisões inferiores e auxiliar técnico do Santos. Outro que fugia dos treinos, Renato Gaúcho, tem dirigido alguns times do Rio de Janeiro com relativo sucesso.

Não basta ter sido um grande craque para ser um grande técnico. Falcão brilhou no meio de campo do Internacional, da Roma e do São Paulo, mas não foi feliz no período em que dirigiu a Seleção Brasileira, e, hoje, segue sua carreira de comentarista na TV. Seu companheiro na Copa do Mundo de 1982, Zico, maior ídolo do Flamengo e um dos maiores artilheiros do Brasil, busca ainda seu espaço como técnico, tendo dirigido a pouco pretensiosa Seleção do Japão e alguns clubes europeus de nível intermediário. Por outro lado, Wanderley Luxemburgo, medíocre ex-lateral-esquerdo reserva do Flamengo, é o técnico com o maior número de conquistas do Campeonato Brasileiro, e teve a oportunidade de dirigir o time dos “galácticos” do Real Madrid, da Espanha.

Nenhum técnico, porém, teve mais sucesso em sua carreira do que Mário Jorge Lobo Zagallo. Único futebolista da história a ganhar a Copa do Mundo quatro vezes (duas como jogador, uma como técnico e outra como supervisor), esteve ao lado de Carlos Alberto Parreira na Alemanha, apesar da idade e da saúde debilitada, demonstrando enorme paixão pelas cores do Brasil. Supersticioso confesso, mantém-se fiel ao número 13, seu número da sorte.

*“Se concentração ganhasse jogo, o time da penitenciária seria campeão invicto.” - João Saldanha*

*“Todo brasileiro é um técnico de Futebol.” - sabedoria popular*

*“Eu ganhei, nós empatamos, vocês perderam.” - João Saldanha, sobre como Yustrich conjugava o verbo “ganhar”*

*“Meu time vencer é a mesma coisa que dar zebra no jogo do bicho.” - Gentil Cardoso, quando técnico da Portuguesa carioca.*

*“O gol é um mero detalhe.” - Carlos Alberto Parreira*

### 2.3 o Cartola

*“Quem sai na chuva é para se queimar!”*

Apesar de contraditória, a frase de Vicente Matheus mostra que é preciso ter muita coragem, muita determinação, muita vontade para ser um dirigente esportivo. Essas qualidades jamais faltaram ao pitoresco ex-presidente do Corinthians; mas, acima de tudo, o que ele sempre teve em excesso foi paixão pelo clube e pelo Futebol. Autodidata, de origem humilde (nasceu em Toro, Espanha, em 1908),<sup>10</sup> graças à sua intuição para os negócios Vicente Matheus conseguiu ficar rico. Sem filhos, sua vida foi toda dedicada a seu clube do coração, que dirigiu por muitos anos, e onde investiu boa parte de sua fortuna. Seu esforço acabou recompensado pela conquista do título paulista em 1977, depois de 23 anos de fracassos seguidos. No entanto, acabou ficando mais famoso por suas declarações até engraçadas (“o Sócrates é um jogador inegociável, invendável e ‘imprestável’”; “ganhamos muitos títulos durante a minha ‘gestação’”; “agradeço à Antártica pelas ‘brahminhas’ que nos mandaram”). Até sua morte, em 1997, Matheus exemplificou bem o que é ser presidente de um clube de Futebol: alguém nem sempre devidamente preparado para a função, mas um devotado, um apaixonado.

Nem todos, porém, foram assim tão simplórios. Ao contrário, há os que são donos de muita cultura e erudição. Caso, por exemplo, do juiz de Direito Francisco Horta, que, contemporâneo de Matheus, dirigiu o Fluminense e, apesar de dispor de poucos recursos financeiros, com criatividade e empreendedorismo, conseguiu montar um time de estrelas, que, em meados dos anos 70, ficou conhecido como “a Máquina Tricolor”. Praticamente todos os jogadores (Rivelino, Carlos Alberto, Gil, Paulo César Caju, Marco Antonio, Rodrigues Neto, Mário Sérgio, Edinho, Dirceu, Manfrini, Renato, Marinho Chagas, Carlos Alberto Pintinho) eram da Seleção Brasileira, e mais um da Argentina (Doval). O Fluminense de Horta acabou não conquistando títulos importantes, mas abriu caminho para que a administração futebolística ganhasse novos ares, rompendo um pouco com o tradicionalismo e o conservadorismo do passado.

Erudição e amor ao tricolor carioca são, também, características de um antigo nadador do clube das Laranjeiras, o intelectual de origem belga, poliglota (fala 7 idiomas fluentemente) e cidadão do mundo: Jean Marie Faustin Godefrois d’Havelange — o João Havelange, o presidente da então Confederação Brasileira de

<sup>10</sup> RAMOS, 2001, p.24

Desportos (CBD), que ganhou três Copas do Mundo (1958, 1962 e 1970) e que, eleito para a presidência da Fédération Internationale de Football Association (FIFA) em 1974, ocupou o cargo por 24 longos anos e fez dela a entidade internacional que mais países filiados possui (mais até do que a própria Organização das Nações Unidas — ONU!). Para provar que a palavra de um dirigente não deve ser aceita sem restrições, um fato interessante: em 1974, para derrotar o então presidente da FIFA, o britânico Stanley Rous, que tentava mais uma reeleição, o nosso Havelange tinha como bandeira o combate ao continuísmo! Poucos cidadãos, em todo o mundo, podem se considerar com tanto sucesso como João Havelange. Seu êxito é tamanho que, embora sem ter tido filhos homens, consegue ainda marcar presença no Futebol brasileiro — através de seu ex-genro, Ricardo Teixeira, um empresário que confessa não gostar e não entender de Futebol, mas que se mantém como presidente da Confederação Brasileira de Futebol, a pentacampeã CBF. Ambos, porém, foram acusados pelo jornalista inglês Andrew Jennings, em seu recente livro *Foul*, de terem usado o Futebol e a Seleção Brasileira para tirar proveito pessoal, auferindo vantagens políticas e financeiras.

Se o Fluminense é o clube da aristocracia carioca, em São Paulo essa posição é ocupada pelo São Paulo. Tradicionalmente, o clube tem sido dirigido por figuras ilustres da sociedade, os chamados “cardeais”. Dentre eles, nomes como Porphírio da Paz, um de seus fundadores e autor do hino do clube; Paulo Machado de Carvalho, o “Marechal da Vitória”, grande responsável pelas vitórias do Brasil em 1958 e em 1962, e que foi dono de um verdadeiro império do setor de comunicações (*Rádio Record, Rádio Panamericana e TV Record*); e Laudo Natel, que se tornou governador do estado de São Paulo e que teve papel decisivo na construção do estádio do Morumbi, tido como o maior estádio particular do mundo. Vez ou outra, os “cardeais” têm lá seus desentendimentos, mas, em geral, acabam chegando a um consenso sobre os destinos do clube que, bem administrado, tem conseguido conquistas de expressão internacional, como os três Campeonatos Mundiais Interclubes, obtidos no Japão (em 1992, 1993 e 2005).

Se nem sempre há oposição no São Paulo, no Palmeiras ela é conhecida como a “turma do amendoim”, e seus componentes, os chamados “corneteiros”, atuam nos bastidores, na tentativa de desestabilizar os elementos da situação. Sendo, porém, um clube em que predominam membros da colônia italiana, não raro as divergências entre os dois grupos são resolvidas em torno de uma mesa de pizzeria, tendo daí surgido a expressão “acabar em pizza”, significando o não cumprimento das ameaças feitas entre as partes, e que, infelizmente, às vezes se aplica às investigações de corrupção de nossos políticos.

Nos últimos anos, têm sido feitas diversas tentativas de se mudar a forma como os clubes brasileiros são administrados. A chamada “Lei Pelé”, sancionada em 1998, procurou estabelecer uma administração mais profissional, tentando equiparar os clubes a empresas, e responsabilizar seus dirigentes pelos enormes prejuízos financeiros de que são vítimas. No entanto, o que se vê é que, através de subterfúgios, verdadeiras “raposas” conseguem se manter no poder, como se fossem “donos” de seus clubes. É o caso, por exemplo, de Eurico Miranda, que por muito tempo foi dirigente do Vasco da Gama. Odiado pelos torcedores dos outros clubes do Rio de Janeiro, Eurico ainda conta com a simpatia de grande parte da comunidade de São Januário, à qual prestava uma espécie de assistencialismo social, embora sua liderança tenha sido freqüentemente contestada.

Dos grandes clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro, o que tem sofrido mais em relação a seus dirigentes tem sido o Flamengo. Uma sucessão de cartolas incompetentes (e alguns, mal-intencionados) levou o clube a uma situação financeira catastrófica. Seu patrimônio tem sido dilapidado para o pagamento de dívidas que não param de crescer. Não fossem sua história e tradição, e a força de sua imensa torcida, e talvez o Flamengo já tivesse sofrido severas punições (como as que têm sido aplicadas a times da Itália, em situações semelhantes).

Infelizmente, casos como o do Flamengo têm se repetido em centros menores. As necessárias revisões da Lei Pelé não foram feitas, e os benefícios que dela se esperavam acabaram não aparecendo, a menos de alguns casos isolados, mas ainda não definitivos (como o São Caetano, o Goiás, o Brasiliense, o Campinas, o Barueri e o CFZ). Ao contrário, muitos clubes tradicionais, no interior ou em outros estados, têm fechado suas portas, e outros podem seguir por esse mesmo caminho. Em muitos casos, isso ocorreu porque homens gananciosos, estranhos ao esporte, procuraram apenas se promover, utilizando-se do Futebol como um simples “trampolim” para alcançarem seus objetivos pessoais: em geral, um cargo público eletivo.

De fato, a associação entre política e Futebol é nociva e perversa. Nos anos 70, período sombrio da ditadura militar, o cenário político era marcado pela polarização entre dois partidos: a situacionista ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o oposicionista MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Na época,

criou-se o Campeonato Nacional de Futebol, torneio que deveria contar com representantes de todos os estados da União — mesmo aqueles sem qualquer expressão esportiva. Estádios foram erguidos pelo Brasil afora, verdadeiros “elefantes brancos”, algumas vezes com capacidade superior à própria população local, apenas para receber nomes de dirigentes. Times inexpressivos foram convidados para disputar o campeonato, agigantando-o até quase 100 participantes, e tornando célebre a expressão: “*onde a ARENA vai mal, mais um time no Nacional; onde a ARENA vai bem, mais um time também*”.

Há esperanças, porém, de um futuro melhor. Instigados por elementos combativos da imprensa esportiva, nossos parlamentares acabaram constituindo uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para investigar alguns desmandos dos dirigentes. Até agora, ninguém foi diretamente punido, mas alguns acusados, acuados, decidiram, voluntariamente, afastar-se da vida pública, enquanto outros não tiveram o respaldo do voto de seus eleitores, e acabaram não se reelegendo.

Outro benefício dessa reação aos maus dirigentes foi a implantação, em 2003, do “Estatuto do Torcedor”, um conjunto de disposições legais que procura defender os interesses do torcedor de Futebol e de outros esportes. Também, aqui, há que se fazerem pequenos ajustes, para que se cumpram com rigor as regras estabelecidas, mas o primeiro passo já foi dado.

*“Os clubes brasileiros são regidos pelas mesmas regras de quando foram fundados, na era do amadorismo.” - Alex Bellos*  
*“Os políticos brasileiros gozam de imunidade parlamentar... A lei foi introduzida há mais de 1 século ... agora é usada por muitos como uma defesa contra toda a sorte de processos ... Quando é preciso, os brasileiros sempre acham um jeito de driblar as regras.” - Alex Bellos*

*“Onde a ARENA vai mal, mais um time no Nacional / onde a ARENA vai bem, mais um time também.” - dito popular*  
*“Deus, sentindo-se culpado por ter dado tanta qualidade ao jogador brasileiro, procurou equilibrar as coisas e deu-nos, como compensação, os dirigentes futebolísticos que temos.” - Matinas Suzuki Jr.*

*“O dirigente é aquele cara que aparece mais que o jogador, fala mais que o locutor e gasta menos que o torcedor.” - Lula Carlos*

*“O pênalti é tão importante que deveria ser batido pelo presidente do clube.” - Neném Prancha*

*“Agora os presidentes estão tão sem moral que é melhor bater mesmo o jogador.” - Tostão*

*“O Corinthians é maior que muitos países da Europa.” - Vicente Matheus*

*“Conquistei muitos títulos na minha gestação.” - Vicente Matheus*

*“Jogador tem que ser completo. Como o pato, que é um animal aquático e gramático.” - Vicente Matheus*

*“Agradeço à Antártica pelas brahminhas que nos mandaram.” - Vicente Matheus*

*“O Sócrates é invendável, inegociável e imprestável.” - Vicente Matheus*

*“O difícil, vocês sabem, não é fácil.” - Vicente Matheus*

*“Quem entra na chuva é para se queimar.” - Vicente Matheus*

*“Jogar pelo empate é uma faca de dois legumes.” - Vicente Matheus*

## 2.4 o Árbitro

*“A pessoa mais lembrada num estádio é a mãe do juiz.”*

Invariavelmente, ao entrar em campo, o árbitro é vaiado, e tem que ouvir aquele coro tão desagradável quanto ofensivo. É o único momento, num “clássico” entre dois times rivais, em que as duas torcidas se unem e entoam o mesmo grito, que, quando não lhe ofende a digníssima mãe, põe em dúvida a sua honestidade, ou a sua masculinidade.

Esse grito, certamente, não era do agrado do pitoresco árbitro Mário Vianna. Homem forte, atarracado, de semblante sério e careca lustrosa, Mário Vianna fazia questão de que sua honestidade e sua masculinidade fossem por todos reconhecidas, com o mesmo empenho com que exigia que seu sobrenome fosse corretamente grafado, com os dois “n”. Representante brasileiro na Copa do Mundo de 1954, na Suíça, sua atuação no jogo que envolveu os donos da casa contra a Itália foi considerada desastrosa, especialmente pelos italianos que, derrotados por 2x1, acusaram-no de favorecer os anfitriões, e o ameaçaram de agressão.<sup>11</sup> Foi a primeira e a última partida conduzida por Mário Vianna em Copas do Mundo. Depois que deixou o apito, foi, por muitos anos, comentarista de árbitros no rádio, mantendo seu estilo duro e crítico; um árbitro que tivesse uma atuação ruim era por ele rebaixado a mero “*soprador de apito*”.

De comportamento bem diferente, Armando Nunes Castanheira da Rosa Marques foi o mais famoso árbitro do nosso Futebol. Profundo conhecedor das regras, tinha um estilo bem próprio, marcado por gestos exageradamente teatrais, que às vezes descambavam para “chiliques”, mas que impunham respeito. Chamava os jogadores, respeitosamente, pelo próprio nome: Pelé era o “Sr. Édson”; Zico, o “Sr. Artur”, e assim

<sup>11</sup> GEHRINGER, 2006, fascículo 5, p.33

por diante. Mas, apesar do seu perfeccionismo, “Armandinho” cometeu alguns erros famosos. Num clássico Corinthians x São Paulo, validou um gol do então novato Rivelino, num lance em que a bola havia claramente entrado por fora, furando a rede. Se o São Paulo foi prejudicado nessa ocasião, acabou sendo recompensado anos depois, na final do Campeonato Paulista de 1971, quando bateu o Palmeiras por 1x0. Naquele jogo, o atacante Leivinha, do Palmeiras, teve um gol de cabeça legítimo anulado, sob a alegação de “sua senhoria” de que o jogador houvera tocado a mão na bola. O recurso do videoteipe, já existente na época, deixou evidente o erro do árbitro, que acabou por reconhecê-lo após a partida, o que não impediu que o São Paulo comemorasse o bicampeonato. “Lambança” muito pior Armando Marques iria aprontar dois anos depois, na final do Campeonato Paulista entre Santos e Portuguesa. Depois de jogarem 120 minutos sem saírem do 0x0, os dois times tiveram que partir para a decisão em cobranças de tiro livre da marca do pênalti. Faltando ainda duas cobranças para cada lado, o marcador apontava 2x0 para o Santos, o que permitiria que a Portuguesa ainda empatasse a série inicial de cinco tiros, podendo vencer no desempate. No entanto, por um erro de cálculo, Armando Marques deu a disputa por encerrada, declarando o Santos campeão. Imediatamente, Pelé e seus companheiros (foi a última conquista do “Rei” em gramados brasileiros) iniciaram sua comemoração, enquanto os jogadores da Portuguesa, orientados pelo esperto técnico Otto Glória, rapidamente deixaram o campo e o estádio do Morumbi. Quando, mais tarde, o árbitro deu-se conta de seu equívoco, já era tarde para retomar a disputa... e, numa decisão inédita (até hoje!), tomada nos vestiários, os dirigentes aclamaram ambos os times campeões, dividindo o título entre eles.

Se Armando Marques foi considerado o maior de todos, por outro lado ele nunca foi escolhido para apitar uma final de Copa do Mundo, honra que só coube a dois brasileiros: Arnaldo César Coelho (em 1982, na Espanha), e Romualdo Arppi Filho (em 1986, no México).

Carioca, Arnaldo César Coelho iniciou sua carreira apitando jogos nas praias de sua cidade. Nos gramados, procurou manter um estilo discreto, sem se descuidar da aplicação das regras e da manutenção da disciplina. Depois de encerrar a carreira de árbitro, tornou-se comentarista de TV, “inaugurando” essa função, como Mário Vianna fizera antes, no rádio. Permanece até hoje na ativa, com grande destaque, marcado pelo chavão “a regra é clara!”.

Já o paulista Romualdo Arppi Filho era chamado de “Coluna do Meio”, tal a incidência de empates nos jogos em que dirigia. A final da Copa do México, por ele apitada, parecia mesmo que teria esse resultado (estava 2x2), quando, a 6 minutos do fim do jogo, o atacante argentino Burruchaga marcou o gol que deu a vitória a seu país sobre a Alemanha.

Sem terem apitado finais de Copa do Mundo, outros árbitros brasileiros também ganharam notoriedade, embora nem sempre no sentido positivo. José de Assis Aragão, por exemplo, postou-se ao lado da trave do goleiro Marolla, do Santos, pouco antes da cobrança de um escanteio pelo Palmeiras, a poucos segundos do final da partida. O que parecia um lance comum acabou se tornando inusitado: depois de batido o escanteio, a bola sobrou, na entrada da área, para o atacante palmeirense Jorginho. Seu chute sairia pela linha de fundo, à direita de Marolla, mas, apesar de tentar se esquivar da bola, Aragão acabou tocando nela, que foi morrer mansamente, no fundo do gol do surpreso goleiro santista, empatando o jogo em 2x2. Gol do juiz!

O ato de Aragão foi involuntário, mas, voluntariamente, José Roberto Wright entrou em campo com um pequeno gravador escondido em seu bolso, junto com os cartões amarelo e vermelho que utilizaria na condução de uma partida. A fita gravada seria um interessante documento sobre os diálogos (recheados de palavrões) travados entre árbitro e jogadores dentro das quatro linhas, ao longo dos 90 minutos... mas, por ordem judicial, ela acabou apagada, e Wright punido por essa sua ilícita “reportagem”.

Sem precisar de outros instrumentos além dos previstos nas regras, Dulcídio Wanderley Boschilla é, ainda hoje, lembrado pela forma franca com que dialogava com os jogadores. Dizia-se que ele falava “a linguagem dos boleiros”, e, com isso, impunha respeito. Avesso a injunções políticas, Dulcídio jamais foi indicado para fazer parte do quadro internacional de árbitros da FIFA, embora tenha ficado famoso por ter expulsado, logo no início da partida, o atacante ponte-pretano Rui Rei, na célebre decisão do Campeonato Paulista de 1977, que marcou o fim da longa abstinência de títulos do Corinthians.

Profissão tradicionalmente restrita a homens, o árbitro de Futebol tem, ultimamente, atraído profissionais de outro(s) sexo(s). Homossexuais assumidos, o paulista Roberto Nunes Morgado (o “Pantera Cor-de-Rosa”), e os cariocas Jorge Emiliano (o “Bianca”) e Valter Senra (o “Margarida”) conseguiram abrir espaço para a comunidade “gay”. E, mais recentemente, as mulheres passaram a se impor entre os “marmanjos”, embora enfrentando forte oposição de alguns jornalistas, técnicos e mesmo jogadores. Se a árbitra Sílvia Regina

de Oliveira teve sua capacidade contestada, Ana Paula de Oliveira foi considerada uma das melhores dentre todos os que atuam como assistentes. Essa função, mais conhecida como “bandeirinha” (alusão ao seu instrumento de trabalho, uma bandeira que deve ser erguida quando um impedimento ou saída de bola deve ser assinalado), nunca foi tão valorizada antes. Num ambiente com forte predominância masculina, Ana Paula chamou a atenção não só por seus atributos físicos — é, sem dúvida, uma bela mulher — mas também por sua competência, fruto de muita dedicação à carreira. No entanto, a exposição de sua nudez numa revista masculina de grande circulação trouxe-lhe inúmeros prejuízos, culminando com um afastamento dos gramados.

Infelizmente, o atual nível da arbitragem brasileira tem deixado muito a desejar. Falhas importantes, que, às vezes, alteram o resultado de uma partida, têm ocorrido frequentemente, e são cada vez mais evidentes, devido ao elevado número de câmeras de TV utilizadas nas transmissões esportivas. Na maioria das vezes, tais erros são consequência do despreparo (técnico, físico ou emocional) dos árbitros atuais. No entanto, até mesmo antigas suspeitas de má-fé acabam sendo confirmadas, como o estarrecedor caso do árbitro Edílson Pereira de Carvalho, denunciado pela revista *Veja* em sua edição de 28/09/2005, o que fez com que fossem anulados os 11 jogos do Campeonato Brasileiro de 2005 por ele dirigidos.

O escândalo lembrou a anedota sobre o árbitro que, ao assinalar a saída da bola pela linha lateral, com os jogadores à espera de sua decisão sobre a qual time caberia a cobrança do arremesso, surpreendeu a todos ao se trair e dizer ao jogador do “time da casa”: “*é nossa!*”

*“O jogo só termina quando o juiz apita.” - sabedoria popular*

*“Todo pai sonha em ver o filho dentro de um campo de Futebol. Toda mãe reza para que não seja como juiz.” - sabedoria popular*

*“A gente só é juiz nos 90 minutos; depois, é réu.” - Valdomiro Matias*

*“Prefiro que se lembrem de mim como um juiz bicha do que como um juiz desonesto.” - Margarida*

## 2.5 o Capitão

*“100% Jardim Irene.”*

Com essa frase rabiscada na camisa e um sorriso escancarado no rosto, o capitão Cafu foi o quinto brasileiro a erguer a taça de campeão do mundo. Há quem diga que, além de erguer troféus, o capitão só serve para participar do sorteio que decide quem inicia a partida ou quem escolhe o campo: o famoso “cara-ou-coroa”, ou “toss” (que, em inglês, significa “lançamento ou arremesso para cima” — no caso, de uma moeda).

De fato, pelas regras do jogo, o capitão não faz, mesmo, muito mais do que isso: além desse sorteio, ele deve apenas servir como intermediário para comunicações entre sua equipe e o árbitro, e, assim mesmo, apenas quando por solicitação deste último.

No entanto, muitos jogadores, só por trazerem no ombro a braçadeira que os diferencia de seus companheiros, julgam ter o privilégio de poder se dirigir ao árbitro quando e como quiserem, exagerando em reclamações que, não raro, acabam punidas com advertências.

De qualquer forma, o capitão, em geral, funciona como uma espécie de auxiliar técnico dentro de campo, e, por isso, sua escolha costuma se basear em critérios como liderança sobre os companheiros, visão de jogo, respeito que impõe aos adversários, experiência, etc. Isso não significa que, necessariamente, o capitão tenha que ser o melhor do time — e, com muita frequência, ele não é mesmo — mas é conveniente que ele seja um daqueles jogadores cuja escalação entre os titulares não seja questionada. É curioso, também, que sejam raros os atacantes escolhidos como capitães. É mais comum a escolha de meio-campistas, defensores e até mesmo de goleiros, possivelmente devido ao seu posicionamento em campo, bem mais favorável à interação com seus demais companheiros.

Apesar desse seu importante papel, o capitão marca mesmo sua presença quando seu time conquista um campeonato e ele, como representante de todo o time, recebe o troféu de campeão. É nesse momento, em que as atenções de todos estão voltadas para si, que ele costuma erguer o troféu, mostrando-o gloriosamente a toda a platéia.

Nem sempre foi assim. Consta que o primeiro jogador do Futebol mundial a erguer a Copa do Mundo no instante da glória suprema foi Bellini, capitão do Brasil na primeira conquista, na Suécia, em 1958. Ao receber a Jules Rimet do presidente da FIFA, Bellini se viu cercado por uma pequena multidão de repórteres fotográficos. Os brasileiros, mais baixos que seus colegas europeus que lhes tomavam a frente, em busca de um melhor ângulo, pediram-lhe que erguesse a taça. Assim fez Bellini, e esse seu gesto, dali em diante, passou a ser repetido por todos os demais capitães vencedores de competições, não só futebolísticas, mas também de outros

esportes<sup>12</sup> (filmes antigos, porém, mostram que, antes de Bellini, outros capitães de times vencedores de torneios europeus já saudavam o público erguendo a taça conquistada).

Bellini era um zagueiro forte, viril, que podia não ter grandes recursos técnicos, mas jogava com seriedade, e teve papel importante na vitória brasileira, até mesmo porque teria sido ele um dos responsáveis pelo pedido da escalação de Pelé e Garrincha no primeiro jogo de ambos (o terceiro do Brasil) naquele torneio, contra a União Soviética. Até então, a juventude e inexperiência de Pelé e a aparente alienação de Garrincha pareciam impedir que a comissão técnica, chefiada pelo técnico Vicente Feola, depositasse sua confiança nos dois.

Quatro anos depois, novamente a Jules Rimet seria erguida por um brasileiro, mas desta vez não seria Bellini, embora ele ainda fizesse parte, como reserva, do grupo vencedor, no Chile. É que, às vésperas do início do torneio, ele perdera a posição de titular — e, também, a de capitão — para outro zagueiro, Mauro Ramos de Oliveira, que, curiosamente, havia iniciado sua carreira no mesmo time de Bellini, o Sanjoanense, da pequena São João da Boa Vista-SP (o único time do Brasil e, provavelmente, do mundo, que formou dois capitães campeões mundiais).<sup>13</sup> Se, antes, Bellini tinha conseguido, com conversas com o técnico, arrumar um lugar no time para Pelé e Garrincha, ele agora perdia seu posto também devido a pressões e ameaças ao novo técnico, Aymoré Moreira, feitas pelo principal interessado: o próprio Mauro, que se recusava a ficar na reserva pela terceira copa seguida. Tendo isso acontecido ou não, o certo é que o elegante estilo do novo capitão (chamado de “Martha Rocha” pelos colegas, pelo seu belo porte físico, numa alusão à Miss Brasil de 1954) foi suficiente para a conquista do bicampeonato e para levá-lo à cerimônia da premiação.

Na primeira vez em que essa cerimônia foi transmitida ao vivo pela TV para todo o mundo, lá estava, mais uma vez, um brasileiro erguendo a taça. Em 1970, direto do estádio Asteca, na cidade do México, o lateral-direito Carlos Alberto Torres mostrava, não só aos fotógrafos ali em sua volta, mas aos torcedores de todos os continentes, aquele cobiçado objeto que acabava de ser definitivamente conquistado pelo Brasil. Coadjuvante num time repleto de estrelas de primeira grandeza (Pelé, Tostão, Gérson, Rivelino, Jairzinho, Clodoaldo), o “Capita”, como é chamado até hoje, tivera seu momento de glória minutos antes, ao marcar o último gol daquele jogo — uma memorável vitória de 4x1 sobre a Itália —, depois de uma linda troca de passes da qual participou quase toda a equipe, e que é considerado o mais belo gol em jogada coletiva de toda a história dos mundiais.

Os insucessos do Brasil nos mundiais seguintes fizeram com que apenas 24 anos depois outro capitão brasileiro repetisse aquele tão sonhado gesto. Esse privilégio coube ao gaúcho Dunga, volante extremamente sério e aplicado, companheiro de Romário nas concentrações (a quem “enquadrou” no comportamento padrão desejado), mas que fora alvo de implacável perseguição por boa parte da imprensa, devido à reconhecida limitação de seus recursos técnicos (daí o início dos anos 90 terem sido pejorativamente chamados de “Era Dunga”). A atribuição da braçadeira de capitão a Dunga, aliás, só ocorreu durante a competição, nos Estados Unidos, pois a opção inicial do técnico Carlos Alberto Parreira era por Raí que, no entanto, não se firmou como titular da equipe.

Um evento inesperado, ocorrido na véspera da estréia brasileira na Coreia, em 2002, também provocou uma alteração daquele que, um mês depois, em Yokohama, Japão, ergueria pela quinta vez o troféu de campeão do mundo para o Brasil. Desta vez, outro volante gaúcho, Emerson, num inocente treinamento recreativo, sofreu uma luxação no ombro quando “brincava” como goleiro, e teve que ser cortado. Para substituí-lo como capitão, o escolhido foi o lateral-direito Cafu, veterano das duas Copas anteriores. Único jogador na história a ter participado de três finais de Copa seguidas (a primeira delas, substituindo o titular Jorginho, contundido logo nos primeiros minutos de jogo), Cafu emocionou o mundo quando, no momento em que levantou a taça, declarou seu amor ao Jardim Irene, humilde bairro da periferia paulistana em que morou, e à sua esposa, Regina — e, ao mesmo tempo, deu uma resposta aos críticos que acusaram os jogadores da seleção que atuavam no exterior de terem ignorado suas origens.

Erguendo troféus, reclamando do árbitro, liderando seus companheiros ou simplesmente escolhendo cara ou coroa, o capitão da equipe terá sempre seu papel de destaque no mundo do Futebol.

*“Levanta, levanta!” - jornalistas brasileiros a Bellini, logo após ter recebido a taça de Campeão do Mundo*

*“É tetra! É tetra!” - Dunga, ao erguer a Taça FIFA, na final do Mundial de 1994*

<sup>12</sup> GEHRINGER, 2006, fascículo 6, p.43

<sup>13</sup> GEHRINGER, 2006, fascículo 7, p.41

*“Embora a contusão no ombro não o impeça de jogar, Emerson foi cortado porque, sendo o capitão do time, ele não poderia erguer a taça daqui a um mês, na cerimônia de premiação dos campeões.” - o autor deste trabalho, em tom de piada e descrente do seu time, justificando a um turco o corte do volante Emerson, na Coréia do Sul, na véspera da estréia do Brasil no Mundial de 2002*

*“Regina, eu te amo!” - Cafu, ao erguer a Taça FIFA, no final do Mundial de 2002, na mais pública declaração de amor da história da humanidade*

## 2.6 o Massagista

*“Com estas mãos eu penso que já ajudei muitos craques.”*

Com bastante dificuldade, o simpático Mário Américo conseguiu articular essa frase, num comercial de uma pomada analgésica, apresentado na TV. Homem simples, humilde, nascido numa fazenda em Monte Santo-SP, em 1913,<sup>14</sup> Mário Américo foi, por muitos anos, massagista da Seleção Brasileira, do Vasco da Gama e da Portuguesa de Desportos. Graças à sua popularidade e à sua simpatia, chegou a ser eleito vereador da Câmara Municipal de São Paulo, embora não tivesse qualquer preparo para o cargo, cumprindo um apagadíssimo mandato.

Mas, como massagista, Mário Américo pôde, mesmo, ajudar muitos craques. Sua dedicação a Pelé, durante a Copa do Mundo de 1962, no Chile, foi comovente. Com uma grave contusão muscular na coxa, Pelé ficou impedido de atuar a partir do terceiro jogo, mas o esforçado massagista não se deu por vencido, e, dia após dia, mantinha compressas na coxa “real”, na esperança de curá-la para as finais do campeonato. Pelé acabou não se recuperando em tempo, mas logo depois da Copa ele estava de volta aos gramados, ajudando a dar ao Santos seu primeiro título mundial interclubes.

Naqueles tempos, o massagista tinha que ter o físico que tinha Mário Américo: veloz para socorrer prontamente um jogador que se machucasse, e forte para carregá-lo nas costas, se preciso fosse — não se usavam macas, como hoje. Força e rapidez também eram necessárias para levar aos jogadores instruções do técnico (daí seu apelido de “Pombo-Correio”), e lhe foram úteis para cumprir uma ordem do chefe da delegação brasileira na Copa do Mundo na Suécia, em 1958, Dr. Paulo Machado de Carvalho, dada antes da final, contra os anfitriões: a de conseguir pegar a bola do jogo. Apitado o final da partida, o fiel massagista, como um raio, partiu em direção ao árbitro, arrancou-lhe a bola das mãos e, antes que este pudesse esboçar alguma reação, desapareceu por entre a multidão que invade o campo para saudar os novos campeões do mundo, carregando o precioso troféu.

Mário Américo, um massagista, acabou tendo sua importância reconhecida nas vitórias do Brasil. Ele pode ser considerado um símbolo do trabalho em equipe, pois, em 1958, pela primeira vez nossos dirigentes se preocuparam em estruturar um grupo de profissionais que pudessem, cada um em sua especialidade, contribuir para um bom desempenho dos atletas. Além do massagista, foram levados para a Suécia: médico, preparador físico, dentista, psicólogo, roupeiro, tesoureiro e cozinheiro. Pode até parecer um certo exagero uma delegação tão numerosa. O dentista Mário Trigo, por exemplo, depois de ter tratado de inúmeras cáries e focos de infecção, ainda no período de preparação, no Brasil, talvez pudesse ter sido dispensado. No entanto, seu bom-humor e sua habilidade em contar piadas e “causos” fizeram dele uma espécie de animador do grupo, a ponto de se considerar decisiva sua participação no sucesso da equipe.

Negro forte como Mário Américo, quase seu sócia, o massagista Santana, que por muitos anos atuou no Vasco da Gama, ganhou fama pelo trabalho dentro e, principalmente, fora de campo. Neste caso, um “trabalho” diferente: Santana era pai-de-santo, e garantia que muitas das vitórias da equipe cruzmaltina eram conseguidas graças aos seus “serviços” pouco futebolísticos. Como ele, Pai Jáú, Robério de Ogum, Pai Nilson e outros ligados ao candomblé e a outras credences populares têm se envolvido com o Futebol.

É claro que as vitórias se conseguem com talento e dedicação. Mas ajudas desse tipo nunca foram desprezadas. A superstição e o misticismo sempre estiveram presentes no Futebol, nem sempre introduzidos pelo massagista. Carlito Rocha, dirigente do Botafogo nos anos 40 e 50, era um homem de muitas manias. Em sua gestão, ficou famoso o cachorro Biriba, um cão vira-latas que invadira o campo num jogo ganho pelo Botafogo, e que, a partir daí, tornou-se uma espécie de mascote do time, acompanhando-o em todos os jogos. A importância dada ao cão era tanta que, segundo consta, Carlito Rocha obrigava Macaé, um jogador reserva, a experimentar a comida que seria dada a Biriba, temendo que tivesse sido envenenada por algum

<sup>14</sup> MATTEUCCI, 1986, p.17

torcedor rival.<sup>15</sup> Dizia-se que o longo período sem títulos do Corinthians (23 anos) se devia a um sapo que teria sido enterrado no campo de sua sede, no Parque São Jorge; consta que, por ordem do presidente do clube, Vicente Matheus, escavações foram feitas e só depois de que um sapo morto foi encontrado, o clube pôde comemorar uma conquista, em 1977. Episódio semelhante, conhecido como “*o sapo de Arubinha*” e relatado por Mario Filho, já havia ocorrido nos anos 30, vitimando o Vasco da Gama. Quando dirigente do São Paulo e, depois, da Seleção Brasileira, Paulo Machado de Carvalho fazia questão de assistir às partidas trajando sempre o mesmo velho e surrado terno marrom, cheirando a mofo e a naftalina.<sup>16</sup> Mário Jorge Zagallo é de tal forma apegado ao número 13 que procura nele a explicação para todas as suas vitórias. Fitinhas da Igreja do Senhor do Bonfim de Salvador, medalhinhas de santos e outros adereços têm feito parte da indumentária de jogadores. Muitos vestem, sob a camisa do time, uma outra com uma imagem de um santo ou uma mensagem de agradecimento, que exibem para as câmeras de TV durante a comemoração de um gol. Antes das partidas, vindos dos vestiários, muitos deles se dirigem ao campo saltitando numa perna só, para que, forçosamente, seja o pé direito o primeiro a tocar a grama.

Ao tomarem sua posição para o início do jogo, alguns goleiros praticam um ritual, talvez invocando a ajuda divina para evitar gols do adversário: ajoelham-se à frente de uma das traves, benzem-se, correm até a outra trave, saltam para tocar a mão na barra horizontal... Durante esse seu ritual, na saída para o segundo tempo de um jogo contra o Corinthians, o goleiro do América de São José do Rio Preto-SP foi surpreendido por um chute vindo ainda do círculo central, desferido por Rivelino, tão logo a bola lhe fora rolada. O espantado goleiro nem esboçou reação. Naquele dia, seus protetores não estavam mesmo dispostos a ajudá-lo: seu time perdeu por 5x0.

Sinais de misticismo e de religiosidade costumam, também, estar presentes nos vestiários. Em geral, faz parte do material de jogo uma imagem de santo, quase sempre de Nossa Senhora Aparecida, a Padroeira do Brasil, da qual são devotos muitos futebolistas. É comum as equipes prometerem fazer uma romaria à Basílica, no Vale do Paraíba, para alcançarem a conquista de um campeonato ou mesmo para evitarem a humilhação de um rebaixamento. Promessas individuais, geralmente para cura de contusões, também são comuns; a “Sala dos Milagres” da basílica abriga centenas de fotos, camisetas e moldes em cera de pernas de jogadores profissionais.

Nossa Senhora Aparecida teve papel decisivo na final da Copa do Mundo de 1958, na Suécia. O país anfitrião seria nosso adversário naquele jogo e, como nós, trajava uniforme amarelo (aliás, até 1950, o Brasil utilizava o branco, cor que foi abandonada pela crença de nos trazer má-sorte, após a dramática derrota para o Uruguai). Um sorteio na véspera da partida definiu que a Suécia teria o direito de usar o amarelo. Receoso de que isso pudesse abalar a confiança dos jogadores, o supersticioso Paulo Machado de Carvalho escolheu o azul e, exultante, lembrou que a vitória estava garantida, pois “*o azul era a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida*”.<sup>17</sup> <sup>18</sup> E foi vestindo azul que o Brasil bateu a Suécia por 5x2, e conquistou seu primeiro campeonato mundial.

Durante o longo período em que foi arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns nunca escondeu sua paixão pelo Futebol e pelo Corinthians, retratada em seu livro *Corintiano graças a Deus!*. Segundo Dom Paulo, foi graças a seu pedido que o Papa Paulo VI manteve a celebração em honra a São Jorge (padroeiro de seu time e da Inglaterra), que esteve ameaçada de ser excluída do calendário oficial da Igreja.<sup>19</sup>

Criado pelo ex-corredor de Fórmula 1, Alex Dias Ribeiro, o movimento “Atletas de Cristo” tem adeptos em diversas modalidades esportivas, especialmente no Futebol. Seus seguidores, ligados a diversas vertentes do Cristianismo, procuram atrair seus colegas para cultos e cerimônias religiosas. Na equipe pentacampeã do mundo no Japão, em 2002, havia vários atletas de Cristo, que, ainda no gramado do estádio de Yokohama, durante as comemorações após a partida final, organizaram uma comovente oração coletiva, da qual participaram todos os membros da delegação, ajoelhados e abraçados em volta do círculo central.

Se o aumento do número de seguidores das Igrejas Evangélicas tem reduzido a oferta de “trabalhos” como os que fazia Pai Santana, o outro tipo de trabalho dos massagistas — isto é, o ofício que desempenham com as mãos — ultimamente tem, também, ficado um pouco esvaziado. Modernos equipamentos

<sup>15</sup> MATTOS, 1997, p.115

<sup>16</sup> CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.95

<sup>17</sup> CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.185

<sup>18</sup> CASTRO, 1995, p.172

<sup>19</sup> ARNS, 2004, p.98-101

de fisioterapia, fornos de microondas e outras parafernalias eletrônicas têm substituído suas mãos. Durante a partida, porém, sua função continua importante: mais do que aplicar pomadas ou “spray” analgésico para combater a dor de uma pancada, é geralmente ele o mensageiro de ordens do técnico, de instruções sobre posicionamento, além de levar água e pedras de gelo para refrescar corpos e ânimos.

Às vezes, porém, na ânsia de colaborar, eles exageram. Certa vez, no norte do Paraná, o massagista do Grêmio Maringá, de volta do atendimento a um atleta de seu time, passava atrás de seu gol quando notou que, com o goleiro batido, a bola se encaminhava lentamente para as redes. Rápido, ele invadiu o campo e deu um “chutão”, mandando a bola para longe. Evitou o gol — o juiz, aplicando a regra, deu “bola ao chão” — mas foi suspenso por um ano!

*“Uma característica do sincretismo religioso do Brasil é experimentar diversas crenças, e adotar a que você gostar mais.”*  
- Alex Bellos

*“A única ocasião em que é socialmente aceitável não lavar uma peça de roupa — os brasileiros são obsessivamente higiênicos, tomam banho duas vezes ao dia e levam suas escovas de dentes ao trabalho — é quando se trata de uma camiseta ou peça íntima da sorte.”* - Alex Bellos

*“Para europeus racionais, as superstições dos brasileiros são difíceis de ‘engolir’.”* - Alex Bellos

*“É desconcertante pensar que alguém reza com a mesma intensidade para a vitória de seu time e para a cura de um tumor cerebral.”* - Alex Bellos

*“É comum dizer que o Futebol no Brasil é uma religião. Eu não concordo. Futebol não é uma fé alternativa, mas um palco para as religiões brasileiras se expressarem.”* - Alex Bellos

*“Se macumba ganhasse jogo, o campeonato baiano terminaria empatado.”* - João Saldanha

*“É raro o clube em que o massagista não é um especialista em magia negra.”* - Revista Realidade, 1966

## 2.7 o Passarinho

*“Já?!? Mas que torneio mixo! O campeonato carioca é muito melhor, que tem turno e retorno.”<sup>20</sup>*

Indignado, assim reagiu o ponta-direita do Brasil ao saber que aquele jogo contra a Suécia seria o último da Copa, e que o vitorioso seria o campeão do mundo.

Como tantos, ele se chamava Mané.

Como ninguém, tinha o apelido de Garrincha, nome de um passarinho que gostava de caçar, ainda moleque, na sua Pau Grande, lugarejo no interior do estado do Rio de Janeiro.

Como ninguém, ele tinha as pernas tortas, tão encurvadas que ortopedistas de renome o consideraram incapaz de jogar Futebol.

Como ninguém, ele parecia ter, também, um raciocínio tortuoso, tão confuso que psicólogos de renome o consideraram incapaz de jogar Futebol.

Como ninguém, ele era capaz de jogar Futebol.

Ortopedistas e psicólogos tiveram que mudar de opinião. Que o diga o Dr. Carvalhaes, psicólogo que aplicou testes nos jogadores da Seleção, antes da Copa do Mundo da Suécia. Enfático, o psicólogo aconselhou o corte daquele “maluco”, e até ensaiou um “ou ele ou eu”. Por pressão de Nilton Santos, prevaleceu o “ele”.

Nilton Santos sempre esteve muito ligado a Mané, sendo uma espécie de seu protetor. Desde o começo, desde o dia em que aquela figura estranha apareceu no campo do Botafogo, na rua General Severiano. Naquele tempo, Nilton Santos já era o “Enciclopédia do Futebol”, o maior lateral esquerdo do Brasil, e justamente a ele caberia marcar o esquisito ponta direita. Nilton Santos até riu antes do treino... mas, depois de seguidos dribles e até de uma bola no meio das pernas, exigiu que o clube contratasse aquele moleque, para que nunca tivesse que enfrentá-lo numa partida oficial.

Para Mané, todos os jogos eram iguais, fossem eles contra o Madureira ou contra a Seleção da Inglaterra. A seus marcadores, chamava indistintamente de “joão”.

Treinos e explicações táticas não lhe interessavam muito. Entediado com as instruções do técnico Feola, ensaiando jogadas e mostrando gráficos no quadro-negro, antes do jogo contra a temida União Soviética, ele teria perguntado: *“E os russos? Já foram avisados do que eles têm de fazer?”*. Avisados ou não, os soviéticos foram vítimas, logo no início da partida, de uma seqüência de dribles tão desmoralizantes que os primeiros três minutos do jogo foram considerados os mais espetaculares da história do Futebol.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> CASTRO, 1995, p.171

<sup>21</sup> CASTRO, 1996, p.164

Seu estilo era o improvisado, a surpresa. Sua alegria era o drible. Num amistoso na Itália, antes da Copa, após driblar sucessivamente quatro adversários, viu-se, de repente, frente a frente com o gol vazio. Assim estava muito fácil! Pois ele esperou um zagueiro voltar, aplicou-lhe mais um drible e, só então, fez o gol, “de bola e tudo”. Acredita-se ter sido essa “molecagem” a razão por ter ficado de fora dos dois primeiros jogos da Copa.<sup>22</sup>

Logo ao chegar à Suécia, em sua primeira viagem internacional, maravilhou-se com um rádio sofisticado, que acabou comprando, gastando nele um bom dinheiro. Ao chegar à concentração, Mário Américo, o massagista, criticou-o pela compra, pois aquele rádio falava num idioma estranho, que Mané jamais entenderia. Na versão de Mário Américo e do dentista Mário Trigo (não confirmada por Ruy Castro, biógrafo de Garrincha), o ingênuo moleque teria sido convencido a revender o rádio por menos da metade de seu valor.<sup>23</sup>

<sup>24</sup>

Muito talento, muitas paixões — a maior delas, a cantora Elza Soares —, muito sexo, muito dinheiro jogado fora, muitas más companhias, muita bebida, pouco juízo. Mané morreu moço, pobre e “moleque”.

Sobre ele, ficaram dois filmes: *Garrincha, a Alegria do Povo* e o recente *Estrela solitária*. E uma biografia escrita por Ruy Castro, que por algum tempo foi proibido de ser publicado por uma desavença entre herdeiros e editores. Briga de moleques!

*“Como o curupira e o saci-pererê, ele tinha um perfil incomum abaixo da cintura. Ele era também rápido, ágil, impossível de ser pego.” - Alex Bellos*

*“Seu corpo inteiro era desequilibrado, inclinado para a direita, de forma que, pela lógica, ele deveria cair sempre que ele tentasse correr. Mesmo assim, este anti-atleta, este homem que desafiava a fisiologia, ficava ereto como um fio de prumo, e só caía quando era derrubado. Ao contrário, era ele que desequilibrava os demais jogadores.” - Jornal do Brasil*

*“Só driblo para a direita, e todo mundo vira João.” - Garrincha*

*“Garrincha foi o jogador que ensinou os torcedores a rir.” - Nelson Rodrigues*

*“Como um poeta tocado por um anjo, como um compositor ouvindo uma melodia vinda do céu, como um bailarino embalado por um ritmo, Garrincha joga Futebol por pura inspiração e magia, sem sofrer, sem planejar.” - Paulo Mendes Campos*

*“Sou muito feliz. O que eu queria, já fiz, que era brincar com a bola. E brinco até hoje, graças a Deus.” - Garrincha, 3 meses antes de morrer*

*“Garrincha — o anjo das pernas tortas.” - Vinicius de Moraes*

*“Garrincha — Alegria do Povo.” - título do filme de Luís Carlos Barreto*

*“Não, de jeito nenhum. O povo, sim, é a minha alegria.” - Garrincha, em entrevista ao Pasquim*

*“Para Garrincha, a superfície de um lenço era um latifúndio.” - Armando Nogueira*

*“Quando me perguntam quem eu prefiro, se o Mané ou o Pelé, respondo que quero o Garrincha no meu time quando estivermos ganhando e quero o Pelé quando estivermos perdendo.” - Djalma Santos*

*“Pelé, acima de tudo, simboliza a vitória. Garrincha simboliza o jogar pelo prazer de jogar. O Brasil não é um país de vencedores. É um país de gente que gosta de se divertir.” - Alex Bellos*

*“Pelé é amor, Garrincha é sexo.” - o autor, parafraseando Arnaldo Jabor e Rita Lee*

## 2.8 o Craque

### *“A bola procura o craque”*

Em todas as atividades profissionais, há aqueles que se destacam dos demais pela qualidade de seu desempenho. Entre os jogadores de Futebol, isso não é diferente. O que os diferencia é que existe um termo especial para designá-los: “craque”, originado do inglês “crack”, que significa “brilhante”, “extraordinário” (além de, como substantivo, significar “fenda”, “quebra”).

De fato, para ser considerado um craque, um jogador precisa reunir inúmeras qualidades técnicas. É importante que ele seja criativo, construindo jogadas que, de preferência, redundem em gols, o que justifica que, dificilmente, um zagueiro, e mais ainda um goleiro, seja chamado de craque.

Uma lista dos grandes craques brasileiros teria de começar com aquele que, por algum tempo, foi, certamente, o melhor, até porque era o único: Charles Miller, o paulistano do Brás, nascido em 1874, filho de um engenheiro escocês. Aos 10 anos, foi estudar na Inglaterra, de onde regressou, 10 anos depois, com bolas e o livro de regras do novo esporte que lá aprendera. Disposto a difundi-lo em sua terra natal, Miller conseguiu

<sup>22</sup> CASTRO, 1995, p.143

<sup>23</sup> MATTEUCCI, 1986, p.118

<sup>24</sup> TRIGO, 2002, p.155-156

o apoio de alguns entusiastas esportistas em São Paulo e, em 1902, era disputado o primeiro campeonato no Brasil, o Paulista, vencido por seu time, o São Paulo Athletic Club (SPAC), formado por ingleses e seus descendentes. Capitão e artilheiro do time, venceu também os dois torneios seguintes, sagrando-se tricampeão paulista em 1904 e, por diversas vezes, aplicou uma jogada, feita com o calcanhar, que, em sua homenagem, ficou conhecida como “chaleira”. Depois de encerrar a carreira, prosseguiu por alguns anos atuando como árbitro. Faleceu em São Paulo, em 1953.<sup>25</sup> Hoje, a ampla praça em frente à entrada principal do estádio do Pacaembu leva seu nome.

Como Charles Miller, Arthur Friedenreich, nascido em 1892, em São Paulo, era filho de um imigrante; no seu caso, um comerciante alemão. Sua mãe, porém, era uma negra, ex-escrava. Ainda menino, interessou-se pelos jogos disputados no SPAC, tendo sido pegador de bola nos treinos de Charles Miller e seus companheiros. Na adolescência, estudou no Colégio Mackenzie, mas a bola já lhe tomava mais tempo do que os livros. Passou por vários times (Mackenzie, Ypiranga, Germânia, Paysandu), até se transferir para o Paulistano, o grande clube da época, pelo qual atuou por 12 anos, conquistando seis campeonatos paulistas e um brasileiro interclubes.

Friedenreich participou da histórica excursão do Paulistano à Europa, em 1925 (9 vitórias em 10 jogos), quando, pela primeira vez, os brasileiros foram chamados de “Reis do Futebol”. Foi seu, também, o gol que deu a vitória ao Brasil no Campeonato Sul-Americano de 1919, frente ao Uruguai, e que inspirou o chorinho *1x0*, de Pixinguinha e Benedito Lacerda. Para tentar disfarçar seus traços de mulato e evitar discriminações numa época em que o Futebol era quase que restrito aos jovens brancos das famílias abastadas, Friedenreich, que tinha olhos verdes, herdados do pai, costumava passar horas antes das partidas alisando seu cabelo encrespado, e, às vezes, atuava com uma rede na cabeça. No final de sua longa carreira, defendeu o São Paulo, pelo qual marcou, em 1933, o primeiro gol da era do profissionalismo no Brasil, e ainda o Santos e o Flamengo. Acometido pelo mal de Parkinson, faleceu em São Paulo, em 1969.<sup>26</sup> Muitas publicações, inclusive internacionais, atribuem a “El Tigre” (como era chamado) a marca de 1.329 gols, número superior ao de Pelé; no entanto, um cuidadoso levantamento apontou algo em torno de 558 gols, um número ainda bastante expressivo para as cerca de 562 partidas por ele disputadas.<sup>27</sup>

Foram poucos os zagueiros considerados grandes craques. Provavelmente, o maior deles foi Domingos da Guia, carioca, nascido em 1911, que iniciou sua carreira no suburbano Bangu. Pelas brilhantes exibições no Vasco da Gama e na Seleção Brasileira, acabou sendo contratado pelo Nacional do Uruguai, por uma alta soma de dinheiro, antes mesmo da implantação oficial do profissionalismo no Brasil. Também atuou no Boca Juniors da Argentina, antes de regressar e ser ídolo em dois clubes bastante populares: Flamengo e Corinthians. O pênalti por ele cometido no italiano Piola acabou causando a desclassificação do Brasil na semifinal da Copa do Mundo de 1938, mas não abalou o prestígio do “Divino Mestre”, como era chamado pelo estilo clássico que o impedia de dar um “chutão”, mesmo em situações difíceis. Ao contrário: mesmo acuado na defesa, costumava arriscar um drible e, por isso, cunhou-se a expressão “domingada” para designar “*uma jogada perfeita, excepcional, desfazendo ataque adversário*” ou “*um lance ousado de abandonar a defesa e sair driblando sucessivamente adversários*”.<sup>28</sup> Domingos da Guia faleceu no Rio de Janeiro, vítima de um derrame, em 2000.<sup>29</sup> Seu filho, Ademir da Guia, também saído das divisões inferiores do Bangu, herdou do pai o estilo elegante. O “Divino” é considerado o maior jogador do Palmeiras de todos os tempos, e inspirou o poeta João Cabral de Melo Neto a escrever um belo poema em sua homenagem. Domingos e Ademir formam a mais talentosa dupla “pai-e-filho” de craques do Futebol brasileiro e, provavelmente, mundial.

Leônidas da Silva teve muita coisa em comum com Domingos da Guia: ambos nasceram no Rio de Janeiro, no começo do século XX (em 1913), eram negros, foram ganhar dinheiro no Uruguai antes da implantação do profissionalismo no Brasil, jogaram pelo Flamengo num momento em que o rubro-negro carioca firmava as bases de sua imensa popularidade e foram titulares da Seleção Brasileira que alcançou o terceiro lugar na Copa do Mundo de 1938, na Itália. Mas as semelhanças entre os dois grandes craques dos anos 30 e 40 acabam por aí. Domingos era zagueiro, Leônidas era atacante e artilheiro. Domingos tinha um estilo de jogo elegante, sóbrio, meio britânico... era o “Mestre”, o “Professor”; Leônidas tinha um estilo

<sup>25</sup> MILLS, 2005

<sup>26</sup> COSTA, 1999

<sup>27</sup> DUARTE; FILHO, 2000, p.141

<sup>28</sup> MARANHÃO, 1998, p.97

<sup>29</sup> HAMILTON, 2005

espalhafatoso, bem latino... era o “Homem Borracha”. Fora de campo, Domingos levava uma vida discreta, afastado dos torcedores e dos jornalistas, encastelado no longínquo subúrbio de Bangu; Leônidas aparecia com frequência nas colunas sociais — e até policiais — dos jornais, podia ser sempre encontrado nos principais cafés e restaurantes do centro do Rio de Janeiro. Como escreveu Mario Filho, “*Domingos era apolíneo, Leônidas era dionisíaco*”.<sup>30</sup>

De fato, fora de campo Leônidas se meteu em diversas confusões: desavenças com dirigentes que lhe causaram diversas suspensões; acusação de ter furtado um colar de uma namorada em Santos-SP; prisão por 8 meses, por ter apresentado documentação falsa para obtenção de dispensa militar (na verdade, ele foi vítima de um esperto vigarista, que lhe tomara 500 mil réis); briga com jornalistas uruguaios no México, na Copa do Mundo de 1970, quando já era radialista. Dentro de campo, porém, Leônidas encantou torcedores de todos os times em que atuou (Bonsucesso, Peñarol, Vasco da Gama, Botafogo, Flamengo e São Paulo) e brilhou na Seleção Brasileira, pela qual foi o artilheiro do Mundial da França. O apelido de “Homem Borracha” veio de uma jogada contra a então Tchecoslováquia que, embora não tenha redundado em gol, assombrou quem a viu, e tornou-se sua marca registrada: a “bicicleta”, uma verdadeira acrobacia na qual ele, de costas para a meta, lançava suas pernas ao ar, atingindo a bola no seu ponto mais alto. Também nessa Copa ele teria protagonizado um lance inusitado (não confirmado por pesquisadores), ao marcar um gol descalço, sem que o árbitro tivesse percebido. Leônidas voltou da França cheio de fama, e com o apelido de “Diamante Negro”, cunhado pelos franceses. Tanto sucesso lhe propiciou vários contratos de publicidade, especialmente no lançamento, em fins dos anos 30, do chocolate *Diamante Negro*, fabricado pela *Lacta*, que existe até hoje. Sua popularidade foi também útil à política populista de Getúlio Vargas e seu Estado Novo. Sua transferência para o São Paulo fez com que fosse recebido, na Estação do Norte, no Brás, por uma multidão de 10 mil pessoas, que o conduziu nos ombros até a sede do clube, no centro da cidade. Essa transferência, por sinal, era desacreditada por torcedores de Corinthians e Palmeiras, que duvidavam que, sendo “carioca da gema”, Leônidas se adaptasse bem em São Paulo. Esses torcedores diziam que o Campeonato Paulista de 1943 poderia ser decidido na base do “cara-ou-coroa”, entre aqueles dois clubes. Pois, para a surpresa deles, o São Paulo de Leônidas foi campeão depois de 12 anos de “fila”, fazendo com que, na comemoração do título, a torcida são-paulina desfilasse com um carro alegórico carregando uma imensa moeda em pé, materializando a previsão de Paulo Machado de Carvalho, dirigente do clube, de que, se fosse mesmo tirado o cara-ou-coroa, “*a moeda cairia em pé*”.<sup>31</sup> Depois de encerrar a carreira, Leônidas da Silva atuou por muitos anos como radialista, sustentando opiniões fortes e, às vezes, polêmicas: alguns ouvintes achavam que ele não dava o devido valor a Pelé, talvez por ter uma ponta de inveja pelas comparações que seus colegas faziam entre ambos, em geral favoráveis ao “Rei”. Foram os seus companheiros de imprensa os primeiros a detectarem seus lapsos de memória, sintomas do mal de Alzheimer que, agravado, obrigou sua devotada esposa Albertina a interná-lo numa clínica geriátrica.<sup>32</sup> Alheio ao que se passava em sua volta, Leônidas faleceu em 2004, aos 90 anos.

Bem no finzinho da longa carreira de Leônidas da Silva, um trio de atacantes teve a grande chance de conseguir o que o Diamante Negro não conseguiu na França: a conquista do Campeonato Mundial que, em 1950, foi disputado no Brasil. Jair, Ademir e Zizinho brilharam naquele torneio — Ademir, o “Queixada”, foi o artilheiro da competição. A torcida brasileira depositava neles grandes esperanças, e as goleadas frente à Suécia e à Espanha (esta última, ao som de um coro de 200 mil vozes cantando *Touradas em Madri*)<sup>33</sup> deram a certeza da conquista... Mas a tragédia do Maracanã, causada pela derrota, de virada, frente ao Uruguai, impediu que aquele sonho se tornasse realidade. Os três ainda tiveram muitas alegrias e conquistas em suas carreiras, depois do desastre: Jair, no Palmeiras; Ademir, no Vasco da Gama; e Zizinho, no São Paulo. Mas lhes faltou, no currículo, o título mundial.

Título que não faltou a Valdir Pereira, o Didi, nascido em 1929 em Campos-RJ. Em 1950, ele era o meia-esquerda da Seleção de Novos do estado do Rio de Janeiro que, no amistoso que inaugurou o Maracanã, marcou o histórico primeiro gol do maior estádio do mundo. Outro gol histórico, também no Maracanã, foi o de falta contra o Peru, num chute em que a bola descreveu uma trajetória inesperada, numa caída repentina, comparada à de uma “Folha Seca”, que se tornou sua marca registrada. Esse jogo classificou o Brasil para o Mundial de 1958, na Suécia, no qual se sagrou campeão do mundo, título repetido em 1962, no Chile. Já então

<sup>30</sup> RODRIGUES FILHO, 2003, p.217

<sup>31</sup> CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.94

<sup>32</sup> RIBEIRO, 1999

<sup>33</sup> GEHRINGER, 2006, fascículo 4, p.36

Didi era chamado pelo dramaturgo Nelson Rodrigues de “Príncipe Etíope”, pela elegância com que atuava defendendo as três cores do seu Fluminense. Didi jogou também pelo Botafogo, e teve rápida passagem pelo timaço do Real Madrid, onde não conseguiu o esperado sucesso ao lado de estrelas como o húngaro Puskas e o argentino Di Stefano (a quem acusou de querer boicotá-lo). Didi foi também técnico, chegando a dirigir a Seleção do Peru na Copa do Mundo de 1970, no México, quando enfrentou a Seleção Brasileira (perdendo por 4x2). Trabalhou, também, no Oriente Médio. Faleceu no Rio de Janeiro, em 2001.<sup>34</sup>

Companheiros de Didi nas conquistas na Suécia e no Chile, os dois laterais eram Santos que, em vez de santidade, esbanjavam categoria: Djalma e Nilton. Não eram irmãos: Djalma, o lateral direito, negro e atarracado; Nilton, o lateral esquerdo, branco e longilíneo.

O paulistano Djalma, nascido em 1929, atuou pela Portuguesa de Desportos, Palmeiras e Atlético-PR. Na Copa do Mundo de 1958, foi reserva de De Sordi, tendo entrado apenas na final contra os suecos. Sua atuação, porém, foi tão perfeita que, só com ela, acabou sendo eleito o melhor de sua posição na competição! Um cavalheiro dentro e fora de campo, incapaz de desferir um pontapé no adversário. Nelson Rodrigues destacou nele o empenho com que disputava cada jogada e com que cobrava um simples arremesso lateral.

O carioca Nilton, nascido em 1925, só atuou por um clube: o Botafogo. Numa época em que os laterais se limitavam a funções defensivas, era igualmente eficiente na marcação e no apoio, tendo, inclusive, feito um dos gols do Brasil na Suécia, contrariando o técnico Vicente Feola que, do banco, gritava para que ele guardasse sua posição na defesa. Jogava com tamanha elegância e possuía tantos recursos técnicos que foi chamado de “Enciclopédia do Futebol”. Não bastasse todo o seu brilho, teve ainda um papel importantíssimo na carreira e na vida de Mané Garrincha, desde que este surgiu para um teste no campo da rua General Severiano, até a sua morte.

Se, por um lado, o bicampeonato mundial foi o resultado da soma do talento dos jogadores com a organização dos dirigentes, por outro lado, em 1966, na Inglaterra, faltou este segundo ingrediente. Talento havia de sobra, apesar da renovação forçada, fruto da idade já avançada das principais peças do “bi”. Gérson (o “Canhotinha de Ouro”), nascido em 1941; Tostão (o “Mineirinho de Ouro”), nascido em 1943; e Jairzinho (o “Furacão da Copa”), nascido em 1944, foram alguns dos que participaram do fracasso de 1966, mas que brilhariam no “tri” do México, quatro anos depois.

Nessa Copa estreou outro grande craque do Brasil. Numa época em que a população urbana começava a ser maior do que a rural, em que as grandes cidades passaram a apresentar altas taxas de concentração demográfica, em que começavam a desaparecer os campinhos de “peladas” onde tantos jogadores foram forjados, despontou, no time de aspirantes do Corinthians, o “Garoto do Parque”, Roberto Rivelino, nascido em São Paulo, em 1946. Formado em quadras de Futebol de Salão de clubes da classe-média paulistana, Rivelino fazia com que a torcida alvinegra chegasse mais cedo aos estádios, nos dias dos jogos, pois atuava nas preliminares entre os aspirantes, já mostrando um drible desconcertante (o “elástico”) e um forte chute de perna esquerda. Embora tenha sido o maior jogador da história do clube, ao longo dos 10 anos em que defendeu o Corinthians não conseguiu dar-lhe o tão sonhado título, então perseguido por 20 anos. Em sua última tentativa, em 1974, foi injustamente considerado por alguns como o principal responsável pela derrota frente ao arqui-rival Palmeiras, na final do Campeonato Paulista. Negociado com o Fluminense, liderou a célebre “Máquina Tricolor” pela qual, finalmente, conseguiu seus primeiros títulos estaduais, em 1975 e 1976. Já consagrado no Brasil, partiu em busca dos petro-dólares, transferindo-se em 1978 para a Arábia Saudita, onde ganhou uma Copa do Rei e um Campeonato Árabe. Ainda em plena forma, encerrou a carreira aos 36 anos. Comparadas com suas conquistas pelos clubes, suas vitórias pela Seleção foram mais significativas. Em 1970, foi mais do que coadjuvante, num time cheio de estrelas. Seus três gols e seu chute forte fizeram-no ganhar o apelido de “Patada Atômica” da imprensa internacional. Em 1974, na Alemanha, carregou o peso da camisa 10 canarina, ficando com o 4o. lugar. Em 1978, sem estar em plenas condições físicas, foi “campeão moral” e 3o. lugar “real” na Argentina. Depois de encerrar a carreira, convencido pelo amigo Luciano do Valle, locutor e empresário, atuou como comentarista de TV, e participou de jogos de veteranos, os chamados “masters”. Até hoje, Rivelino se mantém ligado ao Futebol, disputando partidas beneficentes e ensinando a

<sup>34</sup> RODRIGUES FILHO, 2003, encarte

garotos, em suas escolinhas, alguns dos segredos que o tornaram um dos maiores craques do mundo e que conquistaram a admiração de gente como Diego Maradona, seu declarado fã.<sup>35</sup>

Também formado nas divisões inferiores de um clube de massa (no seu caso, o Flamengo) e também filho de família com razoáveis recursos, Artur Antunes Coimbra, o Zico, caçula de 6 filhos, do subúrbio de Quintino, Rio de Janeiro, onde nasceu, em 1953, espelhou-se em dois de seus irmãos, ex-jogadores. Franzino, foi alvo de tratamento especial, composto por longas sessões de exercícios físicos e por uma alimentação reforçada, que o fizeram crescer, aumentando seu peso e sua massa muscular. Pelo Flamengo, conquistou inúmeros títulos, com destaque para a Taça Libertadores da América e o Campeonato Mundial Interclubes, batendo o Liverpool na final em Tóquio, na qual ganhou o prêmio de melhor jogador em campo. Em 1984, sem esconder sua insatisfação com os dirigentes rubro-negros, Zico se transferiu para a Udinese, um clube de modestas pretensões da Itália. Nas duas temporadas em que lá esteve, não conseguiu nenhum título, mas conquistou o carinho e a admiração da torcida italiana. De volta ao Brasil, e ao Flamengo, numa partida contra o Bangu, Zico sofreu uma maldosa entrada de um zagueiro adversário, que lhe afetou os ligamentos do joelho esquerdo, obrigando-o a uma cirurgia e a um longo e rigoroso tratamento, ao qual se submeteu com enorme paciência e força de vontade. Após outras conquistas, o “Galinho de Quintino” despediu-se dos gramados, numa grande festa no Maracanã. Convidado pelo então presidente Fernando Collor, assumiu a Secretaria de Desportos da Presidência, e elaborou um projeto de renovação da legislação esportiva, conhecido como “Lei Zico”, em 1991, propondo a extinção do passe e a transformação dos clubes em empresas. Ficou pouco mais de um ano na Secretaria, dela saindo desiludido com a política. Foi encarar mais um desafio: voltar ao Futebol, atuando agora pelo Kashima Antlers, da liga japonesa que acabava de ser criada. Foram três temporadas no Japão, onde se tornou um verdadeiro ídolo, uma grande personalidade do mundo dos esportes, com direito a duas estátuas em tamanho natural na cidade de Kashima. Encerrada definitivamente sua carreira de jogador, Zico se transformou em “cartola”, assumindo a administração do CFZ, clube do Rio de Janeiro por ele criado. Em 2003, voltou ao Japão, agora para ser o técnico da Seleção daquele país, que acabou classificando para a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Com relativo sucesso na nova profissão, vem buscando seu espaço dirigindo clubes europeus. Ao contrário de Rivelino, Zico conquistou inúmeros títulos por seu clube, mas, na Seleção Brasileira, não conseguiu ser campeão mundial. Teve três chances: na Argentina, em 1978, o time ficou invicto, mas foi desclassificado pelo saldo de gols; em 1982, na Espanha, os 3 gols do italiano Paolo Rossi eliminaram o fantástico time do Brasil do técnico Telê Santana; e em 1986, no México, o Brasil foi eliminado pela França na disputa de pênaltis, depois de ele mesmo ter desperdiçado um pênalti durante o tempo normal de jogo. Os insucessos de Zico na Seleção, porém, não ofuscaram em nada sua brilhante carreira, marcada por muitos gols e jogadas geniais, que o fizeram o maior craque do Futebol carioca.<sup>36</sup>

Ao longo de sua carreira, Zico teve diversos companheiros de ataque... mas aquele com quem mais bem se entendeu, com quem formou a melhor dupla, foi Sócrates. Juntos, disputaram duas Copas e ainda três jogos pelo Flamengo. Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, o “Dr. Sócrates”, nasceu em Belém, em 1954, mas mudou-se menino ainda para Ribeirão Preto-SP, onde defendeu o Botafogo daquela cidade. De um nível cultural e intelectual bem diferenciado dos demais companheiros de sua profissão, Sócrates cursava a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o que o obrigava a faltar a treinos e concentrações — era comum o jogador sair direto de plantões para os estádios em que atuaria, às vezes entrando em campo com o jogo já em andamento. Em 1978, transferiu-se para o Corinthians, ganhando três campeonatos paulistas. Além de suas atuações, sempre com muita inteligência, e de seus surpreendentes e precisos toques de calcanhar, Sócrates se notabilizou por seu posicionamento político e por sua liderança no movimento chamado de “Democracia Corinthiana”, que, de 1981 a 1985, quebrando antigas e conservadoras regras do Futebol, fez com que os atletas passassem a participar de decisões que antes não lhes cabiam. As concentrações antes dos jogos foram reduzidas e, às vezes, abolidas; o esquema tático era discutido livremente por todos os jogadores, assim como a premiação pelas vitórias; freqüentemente, os atletas entravam em campo carregando faixas com reivindicações ou mensagens de cunho político. A perda do tricampeonato em 1984, porém, deu chance para que os opositores do movimento ganhassem argumentos favoráveis à sua extinção. Desiludido com isso e com o insucesso da campanha das “Diretas Já”, na qual se envolveu diretamente,

<sup>35</sup> PUGLIESE, 1999

<sup>36</sup> ZICO, 1996

Sócrates assinou contrato com a Fiorentina, da Itália.<sup>37</sup> Suas atuações em campos italianos não tiveram o mesmo brilho que nos tempos da Democracia Corinthiana. Voltando ao Brasil para encerrar sua carreira, Sócrates passou pelo Flamengo (para jogar ao lado do amigo Zico) e pelo Santos (seu clube de infância). Longe dos gramados, Sócrates tem dado seqüência à sua profissão de médico especializado em Ortopedia, com algumas incursões pela imprensa esportiva (como comentarista de rádio e TV) e pela política (como Secretário de Esportes de Ribeirão Preto).

Ao lado de Zico e Sócrates, Falcão formou o grande trio da equipe que encantou o mundo em 1982, mesmo sem ter sido campeão. Paulo Roberto Falcão talvez tenha sido o primeiro grande craque do Futebol brasileiro a atingir esse “status” antes de atuar numa equipe de São Paulo ou do Rio de Janeiro. Nascido em Santa Catarina, em 1953, despontou no Internacional, de Porto Alegre, sagrando-se tricampeão brasileiro. Mesmo sendo bem jovem, exercia o papel de líder da equipe, atuando com elegância e inteligência na região central do gramado. Do Rio Grande do Sul, Falcão foi direto para a Itália, antecipando-se a Sócrates e Zico. Lá, foi o grande responsável pelo título da Roma, depois de 40 anos de espera, o que o levou a ser chamado de o “Rei de Roma”. Muito querido e popular na Itália, chegou a ser apresentador de um programa de TV naquele país. Voltou ao Brasil para encerrar sua vitoriosa carreira no São Paulo. Teve, depois, uma rápida e apagada passagem com técnico da Seleção Brasileira. Acabou sendo mais bem sucedido como comentarista da *TV Globo*, onde atua até hoje.

Apesar do seu reconhecido talento e das inúmeras conquistas obtidas em defesa de seus clubes, Zico, Sócrates e Falcão acabaram não sendo campeões mundiais pela Seleção Brasileira. Mais sorte teve a geração que os sucedeu, conquistando dois títulos para o Brasil, em 1994 e em 2002. Os 7 maiores expoentes dessa geração formam o grupo que, aqui, é chamado de “os 7R7”, pois, por coincidência, seus nomes (ou apelidos) têm 7 letras, e todos eles começam pela letra “R” (e, ainda, terminam em “O”). Todos eles atuam ou atuaram na Europa, já foram indicados ou mesmo nomeados para o prêmio da FIFA de melhor jogador do mundo, e, exceto o mais jovem, sagraram-se campeões mundiais pela Seleção.

Romário, o mais velho deles, carioca, nascido em 1966, foi o grande responsável pela vitória brasileira na campanha do “tetra”, em 1994, nos Estados Unidos. De fato, o “Baixinho” foi a grande estrela daquela Copa. Oportunista, talentoso, polêmico, mulhengo, pouco dedicado a treinamentos, fanático freqüentador de praias e quadras de futevôlei, Romário despertava ódio e paixão com a mesma facilidade com que fazia seus gols, atuando em equipes do Rio de Janeiro, da Holanda e da Espanha. Aposentou-se depois de ter atingido seu grande objetivo, o de chegar à marca dos 1.000 gols, embora sua contabilidade tivesse sido bastante contestada, por incluir gols marcados em jogos amistosos e em torneios amadores.

Ronaldo, o “Fenômeno”, também carioca, nascido em 1976 no subúrbio de Bento Ribeiro,<sup>38</sup> foi um simples figurante na Copa do Mundo de 1994 (não entrou em campo em nenhuma partida). Nas Copas seguintes, porém, foi o grande protagonista: em 1998, teve um imprevisto mal-estar horas antes da final contra a França, que abalou o estado psicológico dos companheiros; em 2002, foi o artilheiro e a estrela do time pentacampeão, depois de ter sofrido uma gravíssima lesão no joelho, que quase pôs fim à sua carreira, e que lhe exigiu enorme dose de sacrifício e força de vontade para ser curada; em 2006, mesmo sem ter apresentado grandes atuações e acusado de estar alguns quilos acima de seu peso ideal, marcou os três gols que o fizeram recordista em número de gols marcados em mundiais (15). Tendo ido muito jovem para a Europa (com passagens pela Holanda, Itália e Espanha), Ronaldo é o jogador brasileiro em atividade mais famoso no exterior, e sua imagem tem sido intensamente explorada como “garoto-propaganda” e como embaixador da United Nations Children’s Fund (UNICEF). De volta ao Brasil, seu novo desafio é recuperar-se de outra grave contusão no joelho e voltar a sua melhor forma física para poder conquistar sua nova e exigente torcida, a do Corinthians.

Rivaldo, pernambucano do Recife, nascido em 1972, esteve ao lado de Ronaldo nas Copas da França e do Oriente. Despontou para o Futebol no interior de São Paulo (Moji Mirim-SP), e depois de passar por Corinthians e Palmeiras, atuou por muitos anos na Espanha, onde, em 1999, foi eleito pela FIFA o melhor jogador do mundo.

Roberto Carlos, paulista de Garça-SP, nascido em 1973, também surgiu no interior de São Paulo (Araras-SP), também passou pelo Palmeiras, e, depois de um ano na Itália, projetou-se na Espanha, onde atuou

<sup>37</sup> SÓCRATES; GOZZI, 2002

<sup>38</sup> CALDEIRA, 2002

por muitos anos pelo Real Madrid. Foi dos poucos jogadores de defesa que freqüentou constantemente as listas de melhores do mundo. Apesar de defensor, fez muitos gols, graças à potência e precisão de seu chute. Sua participação na Copa da França, em 1998, esteve bem abaixo de suas possibilidades, mas redimiu-se totalmente em 2002, na Ásia. Em 2006, como a maioria de seus companheiros, não brilhou.

O outro Ronaldo, o Ronaldinho Gaúcho, nasceu em 1980, em Porto Alegre, e despontou no Grêmio. Muito jovem, orientado por Assis, seu irmão mais velho e ex-jogador, transferiu-se para o Paris Saint-Germain, da França, mas acabou “explodindo” no Barcelona da Espanha, pelo qual foi duas vezes escolhido como o melhor jogador do mundo. Com um permanente sorriso no rosto, ele é capaz de jogadas e gols incríveis (como o de falta, contra a Inglaterra, na Copa do Mundo de 2002 — para alguns, sua real intenção era o cruzamento, e não o chute a gol), além de seu intrigante feito num filme publicitário, que muitos afirmam ser fruto de truque de montagem cinematográfica: quatro chutes seguidos no travessão, desferidos de fora da grande área, sem deixar a bola cair. Grande decepção na Alemanha e em má fase técnica nos anos que se seguiram, ele parece desencantado com o Futebol, mas ainda é jovem o suficiente para reconquistar, na África do Sul, sua posição de grande estrela mundial.

O nome seguinte da lista dos “7R7” é Ricardo, que o mundo do Futebol conhece como Kaká. Garoto de classe média, de Brasília-DF, onde nasceu em 1982, bem educado e com imagem de bom moço, Kaká surgiu no time do São Paulo marcando os dois gols que deram a sua equipe o título do Torneio Rio-São Paulo de 2001, e logo conquistou corações dos torcedores — e das torcedoras. Na campanha do “penta”, na Coréia e no Japão, jogou poucos minutos, mas suas atuações seguras no Milan da Itália o fizeram titular absoluto da Seleção Brasileira nos anos seguintes.

Fechando a pitoresca lista dos “7R7”, o “Rei das Pedaladas”: Robinho, o menino de São Vicente-SP, nascido em 1984, que surgiu na mesma Vila Belmiro de Pelé, e que foi a principal figura do Santos campeão brasileiro de 2002 e de 2004, depois de quase 20 anos sem títulos. Com seu estilo meio “moleque”, meio “debochado”, Robinho tenta se firmar no futebol europeu, e carrega nos ombros a esperança de milhões de brasileiros de ser o grande craque das novas gerações.

*“Só o jogador medíocre solta a bola de primeira. O craque, o virtuose, o estilista, prende a bola. Sim, ele cultiva a bola como uma orquídea de luxo.” - Nelson Rodrigues*

*“O tempo é uma convenção que não existe, nem para o craque nem para mulher bonita.” - Nelson Rodrigues*

*“A bola é redonda e obediente para o craque; para o perna-de-pau, ela é oval e traiçoeira.” - Neném Prancha*

*“Charles Miller foi para o futebol local algo como Charles Chaplin foi para o cinema. Ambos os homens simples e de baixa estatura, porém com uma atração singular.” - jornal The Times of Brazil*

*“Friedenreich era um tigre, o artilheiro sem piedade, o craque que jogava bola como Santos Dumont voava, como Carlos Gomes compunha e como Rui Barbosa escrevia.” - Alexandre da Costa*

*“A leste, a Muralha da China. A oeste, Domingos da Guia. Jogava em câmera lenta, mestre do suspense, amante da lentidão: chamou-se ‘domingada’ a arte de sair da área com toda a calma, como ele fazia, soltando a bola sem correr e sem querer, porque tinha pena de ficar sem ela.” - Eduardo Galeano*

*“Leônidas criou a bicicleta, jogada que despreza a lei da gravidade e comprova a teoria da relatividade.” - José Roberto Torero*

*“Leônidas tinha o tamanho, a velocidade e a malícia de um mosquito. Os gols de Leônidas eram tão lindos que até o goleiro vencido se levantava para felicitá-lo.” - Eduardo Galeano*

*“Dêem-me Ademir de Menezes e lhes darei o título.” - Gentil Cardoso, quando técnico do Fluminense, aos dirigentes do clube*

*“Zizinho foi meu mestre e meu ídolo.” - Pelé*

*“Didi tinha a elegância de um mestre-sala a circular pelo campo.” - Armando Nogueira*

*“Numa simples ginga de Didi, há toda uma nostalgia de gafeiras eternas.” - Nelson Rodrigues*

*“Djalma Santos põe, no arremesso lateral, toda a paixão de um Cristo Negro.” - Nelson Rodrigues*

*“Nilton Santos joga em pé, pleno de classe, como convém aos deuses da bola.” - Nestor Rossi*

*“Tostão driblava em silêncio, em silêncio passava, em silêncio fazia o gol.” - Armando Nogueira*

*“Foi em Rivelino que me mirei para jogar. Até hoje tenho na memória seu drible perfeito, seu passe preciso e seu chute indefensável.” - Diego Maradona*

*“Os movimentos de Sócrates obedeciam a uma trilha musical própria.” - Washington Olivetto e Nirlando Beirão*

*“Zico mudou a história do clube. Existem dois Flamengos: antes e depois de Zico.” - George Helal*

*“Se o Zico e o Sócrates não ganharam a Copa do Mundo, azar da Copa do Mundo.” - Fernando Calazans*

*“Romário é um caçador que fica sentado na beira da estrada. Se a presa passar por ali, ele enche o saco. Se não aparecer, vai embora tranqüilo, com seu saco vazio.” - Flávio Costa*

*“Ronaldinho Gaúcho, o jogador mais excitante do planeta.” - revista Play, do jornal The New York Times*

## 2.9 o Filósofo

*"Futebol é uma caixinha de surpresas."*<sup>39</sup>

Repetida à exaustão, essa frase, embora pouco criativa, sintetiza bem as infinitas possibilidades oferecidas por uma partida. Por mais forte que seja um time, ele jamais pode se considerar o vencedor antecipadamente. Mais do que qualquer outro esporte, o Futebol é imprevisível. Nessa mesma linha, costuma-se dizer que... *"o jogo só termina aos 45 do segundo tempo"*; *"Futebol não tem lógica"*; *"quem não faz, toma"*; e ainda *"2x0 é um placar perigoso"*.

Frases e pensamentos como esses são proferidos todos os dias, pelos mais diversos personagens do mundo do Futebol. Uma espécie de "filosofia barata", mas que reflete bem a forma como o povo encara o esporte. Alguns outros exemplos: *"não se mexe em time que está ganhando"*; *"não há nada mais alegre na vida do que uma bola quicando na área, nem nada mais triste do que uma bola vazia"*; *"o Futebol é simples: quem não sabe jogar vai para o gol; o dono da bola é o centroavante"*; *"treino é treino, jogo é jogo"*; *"o jogador de Futebol é uma pessoa que morre duas vezes"*; *"jogador brasileiro é como grama, nasce em qualquer lugar"*; *"sexo não faz mal nem antes nem depois do jogo; só durante"*; *"sexo antes do jogo só atrapalha se atrasar o início da partida"*; *"sexo e Futebol são a mesma coisa: nos dois há defesa e ataque, torcida, intervalo, troca de camisas, jogadas pelas pontas, avanços pelo meio, triangulações, penetrações e, claro, gols"*.

Neném Prancha, antigo treinador de times de praia do Rio de Janeiro, é tido como um dos maiores filósofos do Futebol. Ele costumava mandar que seus jogadores dormissem abraçados a uma bola, para *"se acostumarem com ela"*. Preocupado em se fazer entender por seus comandados, dizia-lhes: *"Futebol é muito simples: quem tem a bola, ataca; quem não tem, defende"*, e, ainda, *"para que dar bicicleta se jogar de cabeça para cima é tão mais fácil?"*. Fiel a seus princípios, afirmava que *"Futebol moderno é que nem pelada: todo mundo corre e ninguém sabe para onde"*. Definiu um mau jogador como *"indisplícite: mistura de indisciplinado com displicente"*. Já o bom jogador, para ele, deveria ser *"que nem sorveteria: ter diversas qualidades"*, e, além disso, precisava *"ir na bola como se fosse um prato de comida"*. E sobre a importância do pênalti, afirmou ser ele *"tão importante que deveria ser batido pelo presidente do clube"*.

Técnico dos tempos românticos do Futebol carioca, Gentil Cardoso tinha uma linha de raciocínio curiosa para tentar convencer seus comandados a evitarem o "jogo aéreo". Ele dizia: *"se a bola é feita de couro, se o couro vem da vaca, e se a vaca come capim, então a bola gosta de rolar na grama e não de ficar lá por cima"* (o que diria ele nos tempos atuais, em que a bola é feita de material sintético?). Cobrando movimentação intensa dos jogadores, pregava que *"quem se desloca, recebe; quem pede, tem preferência"*. Adepto do Futebol ofensivo, cunhou: *"a melhor defesa é o ataque"*. Quando técnico da humilde Portuguesa carioca, Gentil Cardoso criou a expressão "dar zebra", quando declarou que *"meu time vencer é a mesma coisa que dar zebra no jogo do bicho"* (a zebra não faz parte da lista de bichos do conhecido e clandestino jogo).

Um jogador que se destacou por suas frases foi o extrovertido, irreverente e inteligente atacante Dario, o "Peito de Aço", o "Dadá Maravilha", ou ainda o "Beija-Flor" (apelido ganho quando declarou: *"somente três coisas param no ar: o beija-flor, o helicóptero e o Dadá"*). Com muito bom humor, Dario costumava se promover (*"há três poderes na Terra: Deus no céu, o Papa no Vaticano e Dadá na grande área"*), tendo sido o primeiro a dar nomes aos gols que marcava (e foram tantos, que ele dizia: *"com Dadá em campo, não tem placar em branco"*). Acusado de só saber marcar gols feios, defendeu-se com *"não existe gol feio: o feio é não fazer gol"*. E definiu: *"o gol é o orgasmo do Futebol"*. Numa época em que políticos costumavam encher a boca ao discorrer sobre a problemática do Brasil, Dario saiu-se com *"podem vir com a problemática, que eu tenho a 'solucionática'"*. E, com simplicidade, afirmou: *"uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa"*.

Mas, às vezes, o craque pode escorregar ao abrir a boca. Centroavante rompedor como Dario, o gaúcho Claudiomiro, do Internacional, num jogo em Belém do Pará, ao ser indagado por um repórter de rádio sobre o que sentia ao ir jogar tão longe de casa, deixou os ouvintes atônitos ao se confessar *"emocionado por estar na cidade onde Cristo nasceu"*. E outro gaúcho, o atacante Jardel, do Grêmio, preocupado antes de um jogo importante de seu time, declarou *"clássico é clássico, e vice-versa"*.

Sem a mesma habilidade de Claudiomiro e Jardel com a bola nos pés, mas muito mais hábil do que ambos com a máquina de escrever, o grande teatrólogo e jornalista Nelson Rodrigues definiu bem o

<sup>39</sup> esta e outras frases e citações deste item em MAURÍCIO, 2002

envolvimento do país com a Seleção: “*o escrete é a pátria em calções e chuteiras*”. Em suas crônicas, não se cansava de enaltecer os grandes jogadores. Para ele, “*o craque cultiva a bola como uma orquídea de luxo*”, e “*o tempo é uma convenção que não existe, nem para o craque nem para mulher bonita*”. Após a derrota para o Uruguai, em 1950, e até a primeira grande conquista em 1958, repetiu inúmeras vezes seu inconformismo sobre o que considerava um “*complexo de vira-latas*” do brasileiro: sua submissão a tudo o que vinha de fora. Com grave deficiência visual, comparecia aos jogos mas não se desgrudava do radinho de pilhas. Dava atenção a todos os detalhes envolvidos numa partida (“*em futebol, o pior cego é o que só vê a bola*”) e quando as imagens da TV contradiziam sua visão de um lance, ele as contestava (“*o videoteipe é burro*”). Apaixonado pelo Fluminense e reconhecedor da popularidade do Flamengo, escreveu: “*o Fla-Flu começou quarenta minutos antes do Nada*”. Mas, além dos grandes clássicos, sabia enaltecer um simples jogo de várzea: “*a mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana*”.

Na mesma linha de Nelson Rodrigues, o jornalista Armando Nogueira tem passado para o papel belos pensamentos sobre o Futebol e seus principais personagens. Para ele, o “*Futebol é uma religião pagã, onde as pessoas se encontram para adorar a bola*”, e esta é “*brinquedo mágico que se submete suavemente à vontade do homem*”. A Seleção, “*substantivo feminino, tem, como a mulher, o insondável poder de virar a cabeça do homem que a conquista*”.

“*Futebol não tem lógica.*” - sabedoria popular

“*Não se mexe em time que está ganhando.*” - sabedoria popular

“*A melhor defesa é o ataque.*” - Gentil Cardoso

“*Não há nada mais alegre na vida do que uma bola quicando na área. Nem nada mais triste do que uma bola vazia.*” - Pelé

“*Tem gente que quer complicar. O Futebol é simples: quem não sabe jogar vai para o gol. O dono da bola é o centroavante.*” - Nilton Santos

“*O escrete é a pátria em calções e chuteiras.*” - Nelson Rodrigues

“*Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola.*” - Nelson Rodrigues

“*Quem não faz, toma.*” - Neném Prancha

“*Jogador, para ser bom, precisa ir na bola como se fosse um prato de comida.*” - Neném Prancha

“*Eu tratei a bola com tanto carinho quanto tratei minha mulher.*” - Didi

“*O jogador de Futebol é uma pessoa que morre duas vezes.*” - Falcão

“*Jogador brasileiro é como grama, nasce em qualquer lugar.*” - Sebastião Lapolla

“*Não existe gol feio: o feio é não fazer gol.*” - Dario

“*Uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa.*” - Dario

“*Para cada problemática, eu tenho uma solucionática.*” - Dario

“*Com Dadá em campo, não tem placar em branco.*” - Dario

“*Somente três coisas param no ar: o beija-flor, o helicóptero e o Dadá.*” - Dario

“*O gol é o orgasmo do Futebol.*” - Dario

“*Sexo não faz mal nem antes nem depois do jogo. Só durante.*” - Casagrande

“*Sexo antes do jogo só atrapalha se atrasar o início da partida.*” - Casagrande

“*Sexo e Futebol são a mesma coisa. Nos dois há defesa e ataque, torcida, intervalo, troca de camisas, jogadas pelas pontas, avanços pelo meio, triangulações, penetrações e, claro, gols.*” - José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta

“*Só dou prognóstico no fim do jogo.*” - Ananias, ex-jogador

“*Clássico é clássico e vice-versa.*” - Jardel

## 2.10 o Rei

*“Hoy no trabajamos, porque vamos a ver a Pelé.”*

“Hoje não trabalhamos, porque vamos ver Pelé” era o que dizia um cartaz afixado na porta de um teatro na “calle Independencia”, na cidade do México, em 1970.

Os atores e funcionários daquele teatro mexicano, porém, não foram os primeiros a mudar sua rotina para ver Pelé jogar. Antes, em fins dos anos 60, numa das muitas excursões do Santos pelo mundo, uma guerra entre tribos da Nigéria havia sido suspensa por alguns dias — condição que teria sido imposta por Pelé para se exhibir naquele longínquo país da África.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> VERDADES, 03/1999, p.84-85

Em outra ocasião, num amistoso numa pequena cidade do interior da Colômbia, Pelé foi expulso. Porém, o inusitado aconteceu: a torcida, revoltada, protestou, exigindo a sua volta; a autoridade local entrou em campo, coagiu o árbitro da partida a reconsiderar sua decisão, e Pelé foi “desexpulso”!<sup>41</sup>

Ainda jovem, antes de completar 18 anos, Pelé já era chamado de “Rei do Futebol”. Seu nome era conhecido nos quatro cantos da Terra, mais do que *Coca-Cola*, por exemplo, refrigerante totalmente desconhecido do lado de lá da Cortina de Ferro comunista.

Além das duas Copas Mundiais, ganhas na Suécia e no Chile (nesta, é bem verdade, com participação reduzida por uma contusão muscular sofrida logo no segundo jogo) e do bicampeonato mundial interclubes do Santos, Pelé ia acumulando feitos e conquistas quase inacreditáveis, como os 58 gols no Campeonato Paulista de 1958; os 8 gols marcados num mesmo jogo; o gol presenciado por poucos felizardos no modesto e simpático estádio da rua Javari, na Mooca (sem TV), e que, recentemente, foi reconstituído, através dos modernos recursos tecnológicos da computação gráfica, no filme *Pelé Eterno*; o gol contra o Fluminense, em 1961, no Maracanã, no qual driblou 8 adversários e pelo qual mereceu os aplausos da torcida adversária e uma placa que lhe foi ofertada pelo então repórter do jornal *Última Hora*, Joelmir Beting (tendo, daí, surgido a expressão “gol de placa”). Há até quem diga que, certa vez, Pelé teria cobrado um escanteio, a bola teria batido na trave e voltado para ele, que teria marcado o gol de cabeça (lance praticamente impossível de acontecer, além de se constituir numa clara violação às regras do jogo).

Realidade ou fantasia, magia ou ficção, seus gols iam se acumulando, se multiplicando. Faltando poucos para o milésimo, o Santos foi fazer um amistoso no Nordeste. Durante o jogo, os santistas perceberam que seus adversários começaram a facilitar, deixando claro que queriam que Pelé fizesse o milésimo ali. Revoltado, Pelé pediu para ir jogar o resto da partida como goleiro... disseram até que defendeu um pênalti! O gol 1.000 acabou tendo o palco que merecia: o estádio do Maracanã, o maior do mundo, no dia 19 de novembro de 1969, numa cobrança de pênalti.

Não foram só os mais de 1.200 gols, devidamente comemorados com o característico salto e soco no ar, que ficaram na memória dos súditos do “Rei”. Muitas de suas jogadas, que não redundaram em gols, fazem parte de qualquer antologia do Futebol. Só na Copa do Mundo do México, foram quatro: a cabeçada defendida pelo britânico Banks (a defesa do goleiro foi considerada a maior de todos os mundiais); o chute do meio-de-campo que deixou o tcheco Viktor desesperado, ao ver a bola sair raspando a trave; o “bate-pronto” com que quase surpreendeu o uruguaio Mazurkiewicz, logo após este ter batido um tiro-de-meta; e o drible desconcertante, sem tocar na bola, fazendo um “X” com ela e deixando atônito o mesmo Mazurkiewicz (até hoje, há quem, vendo o videoteipe da jogada, mesmo sabendo do seu desfecho, ainda sinta o ímpeto de torcer para que a bola entre!).

Sempre muito atencioso e paciente com a imprensa e com seus fãs, preocupado em prestar auxílio aos mais necessitados, colaborando com entidades de assistência social, Pelé ostenta uma imagem correta fora de campo, de um homem simples, honesto, íntegro, digno. Um exemplo disso é a sua sistemática recusa às ofertas para fazer propaganda de cigarros ou de bebidas alcoólicas.

No entanto, dentro de campo, nem sempre foi assim. Com exceção da Copa do Mundo de 1962, raras foram as contusões graves que sofreu. Por outro lado, em choques com oponentes, acabou causando três ou quatro fraturas e outras lesões, que lhe valeram algumas acusações. Injustas, pois o seu vigor atlético e a forma séria com que disputava as bolas divididas o faziam mais forte do que seus adversários.

Mas “malandro” ele foi — isso, ele mesmo admite. Especialista em irritar seus marcadores e ludibriar os árbitros, Pelé “cavou” muitos pênaltis, como o “cometido” pelo inocente defensor do São Paulo, Samuel: ao passar por ele, sem nenhuma chance de alcançar a bola, que chegaria ao domínio do goleiro, Pelé enroscou seu braço no dele, e, em seguida, jogou-se ao chão. Resultado: mais um gol do Santos, mais um gol de pênalti de Pelé.

Foram tantas as glórias, tantas as conquistas, que não seria fácil encerrar uma carreira tão bem sucedida. Pelé despediu-se da seleção em 1971, em dois jogos — um no Morumbi, outro no Maracanã; despediu-se do Santos em 1974, num jogo pouco importante contra a Ponte Preta, numa noite na Vila Belmiro, ao ajoelhar-se no meio do campo e beijar a bola, sua eterna namorada; e despediu-se do Futebol em 1977, em Nova York, num jogo entre Cosmos e Santos (jogou um tempo para cada time), numa festa ao melhor estilo dos musicais da Broadway.

<sup>41</sup> VERDADES, 03/1999, p.84-85

Em 1995, foi nomeado Ministro Especial dos Esportes, e surpreendeu a todos ao participar de um animado treino do Santos, ao lado de seu filho Edinho (na época, goleiro do time), tendo até marcado dois gols. Próximo dos 70 anos, mais de 30 anos depois de sua despedida definitiva dos gramados, Pelé continua em evidência, requisitado para atuar em campanhas publicitárias e para participar de badalados eventos sociais. E ainda ostenta uma forma física impressionante, que lhe garante uma aparência que lembra o mesmo garoto que assombrou o mundo aos 17 anos.

Melhor jogador de todos os tempos do esporte mais popular do planeta, Pelé foi eleito pela imprensa internacional o “Atleta do Século”, um título significativo, considerando-se que o Futebol é um esporte coletivo, bem diferente do atletismo, do boxe ou do tênis.

Mais do que o maior atleta do século XX, Pelé é considerado pelo autor deste trabalho, seu fã incondicional, a maior unanimidade de toda a História da Humanidade, quando se comparam personalidades famosas da mesma atividade. Se, nas Ciências, houve um Einstein, houve também Newton, Darwin, Kepler, Da Vinci... Nas Artes Plásticas, quem foi maior? Michelangelo? Da Vinci? Van Gogh? Picasso? Dali? E na Literatura? Dante? Shakespeare? Dostoiévski? Cervantes? Camões? Joyce? E o maior estadista? Napoleão? Churchill? De Gaulle? Kennedy? Lincoln? Na Filosofia, tivemos Aristóteles, Sartre, Platão, Sócrates... Na Música Erudita: Mozart, Beethoven, Bach, Chopin... Qualquer pesquisa séria que se faça para apontar o maior nome de cada uma dessas áreas irá ficar bem distante da unanimidade.

O Futebol também produziu seus gênios: Di Stefano, Puskas, Garrincha, Cruiff, Maradona... Mas, muito maior do que todos, Pelé!

*“Ele!” - Walter Abraão, narrando um jogo do Santos pela TV, no momento em que Pelé tocava na bola*

*“Fica, fica!” - torcedores no Maracanã, presentes à despedida de Pelé da Seleção Brasileira, em 1971*

*“Valeu, Pelé!” - o autor, na despedida de Pelé do Pacaembu, num jogo Corinthians x Santos; a frase, proferida no meio da torcida corintiana, lhe valeu um copo de plástico arremessado contra sua cabeça*

*“Pelé, jogai por nós!” - manchete de jornal, no dia da final da Copa de 70*

*“Se eu pudesse, me chamaria Edson Arantes do Nascimento Bola. Seria a única maneira de agradecer o que ela fez por mim.” - Pelé*

*“Se Pelé não tivesse nascido homem, teria nascido bola.” - Armando Nogueira*

*“Pelé foi o maior jogador de todos porque lutava com disciplina e vigor e dançava com sutileza e malícia — um híbrido de Hércules e Astaire.” - Daniel Piza*

*“Pelé é para o Futebol brasileiro o que Shakespeare é para a literatura inglesa.” - João Saldanha*

*“Pelé podia virar-se para Michelangelo, Homero ou Dante e cumprimentá-los com íntima efusão: - ‘Como vai, colega?’” - Nelson Rodrigues, 1958*

*“Difícil não é fazer 1.000 gols como Pelé. Difícil é fazer um gol como Pelé.” - Carlos Drummond de Andrade*

*“Com 405 gols, sou o maior artilheiro da história do Santos. O Pelé? Ah, esse não conta! - Pepe*

*“Durante os anos 70, uma pesquisa mostrou que a marca ‘Pelé’ era a segunda marca mais conhecida na Europa, atrás apenas de ‘Coca-Cola’.” - Alex Bellos*

*“Quanto a Pelé, como se sabe, no mundo grego às vezes os próprios deuses misturavam-se à vida dos mortais, vencendo batalhas, engravidando mulheres. Não será Pelé um deles?” - Nuno Ramos*

*“Como se soletra Pelé? Com as letras G-O-D.” - The Sunday Times*

*“Pelé é a figura suprema do Futebol. Como Garbo e Picasso, basta-lhe um só nome.” - Daily Express*

*“Pelé é um dos poucos que contrariaram minha tese; em vez de 15 minutos de fama, terá 15 séculos.” - Andy Warhol*

*“Prazer, eu sou o Presidente dos Estados Unidos. Você não precisa se apresentar - todos sabemos que é o Pelé!” - Ronald Reagan*

*“O maior jogador de Futebol do mundo foi Di Stéfano. Eu me recuso a classificar Pelé como jogador. Ele está acima de tudo.” - Puskas*

*“Depois do quinto gol, senti vontade de aplaudi-lo.” - Sigge Parling, marcador sueco de Pelé na decisão da Copa do Mundo de 1958*

*“Poxa, homem! Como você é popular!” - Robert Redford, ao ver Pelé distribuindo dezenas de autógrafos e ele, nenhum*

*“Fomos os maiores do mundo.” - Muhammad Ali, falando dele e de Pelé*

*“Quando me perguntam quem eu prefiro, se o Mané ou o Pelé, respondo que quero o Garrincha no meu time quando estivermos ganhando e quero o Pelé quando estivermos perdendo.” - Djalma Santos*

*“Pelé, acima de tudo, simboliza a vitória. Garrincha simboliza o jogar pelo prazer de jogar. O Brasil não é um país de vencedores. É um país de gente que gosta de se divertir.” - Alex Bellos*

*“Pelé é amor, Garrincha é sexo.” - o autor, parafrazeando Arnaldo Jabor e Rita Lee*

*“Na lista dos melhores jogadores da história, em primeiro lugar, vem Pelé; em segundo lugar, ninguém; em terceiro, ninguém; em quarto, ninguém; em quinto, Maradona.” - Milton Neves*

*“Maradona foi o maior jogador do mundo... e um dos melhores da Argentina.” - dito popular ironicamente atribuído aos argentinos*

*“Maradona só será um novo Pelé quando for três vezes campeão do mundo e marcar mais de mil gols.” - César Luís Menotti, técnico argentino*

“Pelé nunca vai morrer.” - Édson Arantes do Nascimento

## 2.11 o Torcedor

*“O meu maior prazer é vir torcer pelo meu Timão”.*

Essa frase foi proferida nas arquibancadas do estádio do Pacaembu por um cego, torcedor corintiano, radinho de pilhas no ouvido para acompanhar os lances do jogo, óculos escuros nos olhos para esconder o grave defeito que lhe privava da visão.

A paixão que o Futebol desperta até em quem nunca pôde ver uma jogada bonita, um drible, um gol, é mesmo insuperável: “o homem pode trocar de camisa, de profissão, de nacionalidade, até de mulher... só não troca o seu time do coração” (frase da sabedoria popular, provavelmente inspirada em pensamento do jornalista Mario Filho).

Por que “torcer”? Consta que, nos primórdios do Futebol no Brasil, gentis senhoritas acompanhavam as emoções das partidas com um lençinho ou uma luva nas mãos, que eram torcidos como forma de aliviar as tensões. Essa descrição, com o tempo, foi dando lugar a efusivas manifestações de milhares de “arquibaldos” e “geraldinos” (torcedores que ocupam as arquibancadas e as gerais dos estádios).

Em todos os cantos do país, há sempre alguém que tenha uma bandeira, ou o escudo, ou a camisa de seu time. Nas tardes de domingo, há sempre um radinho sintonizado no grito de gol do locutor, há sempre um grupo de fanáticos a cantar, dançar, festejar, vaiar, xingar, rir, chorar... enfim, torcer, fazendo o papel do 12º. jogador.

Em São Paulo, um grupo de 8 amigos se especializou em ir assistir a jogos de campeonatos de importância secundária, em estádios quase desertos, envolvendo times de pouca torcida e de quase nenhum espaço na grande mídia: são os por eles mesmos chamados *Jogos Perdidos*. Esse grupo já viu quase 400 times diferentes em ação!

Até o Íbis do Recife, considerado o pior time do mundo, tem sua torcida. Mas nenhuma delas é mais notável do que a do Flamengo e a do Corinthians.

Pintado de vermelho e preto, o Maracanã tem algo de mágico. O coro “Meeeeeeeeengooooo” — uma espécie de grito de guerra entoado pela massa de torcedores — ecoa pelo estádio, hipnotiza, assusta qualquer adversário. “Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”, escreveu Lamartine Babo, o criativo compositor carioca, autor dos hinos de todos os clubes do Rio de Janeiro. “Eu sou Flamengo e não desfaço de ninguém — entre cinco brasileiros, seis fãs do Flamengo tem”, canta o flamenguista Jorge Benjor, autor de quatro ou cinco canções que têm o clube como tema.

Clube mais popular do Brasil, o Flamengo mostra bem a sua força fora do Rio de Janeiro. Em qualquer estado brasileiro, na mais distante cidade do interior, é certo que ali vai estar um garoto trajando orgulhoso a camisa rubro-negra que já foi de Leônidas da Silva, Dequinha, Dida, Doval, Dario, Júnior, Leandro, Rondinelli, Zico — o maior de todos! —, Bebeto, Romário, Sávio... e nos últimos tempos, infelizmente, tem sido trajada por 11 quase anônimos jogadores.

Paixão igual a essa, só mesmo a da torcida corintiana. Time do “povão”, das massas, das classes mais populares, o fenômeno Corinthians impressiona pelo que ocorreu entre 1954 e 1977: foram 23 anos sem títulos, sem conquistas, mas sempre com o apoio da torcida que, por causa disso, ganhou o merecido apelido de “Fiel”. Inesquecível a festa do campeonato de 1977, com mais de 120 mil torcedores presentes no estádio do Morumbi, que puderam, afinal, festejar uma vitória. Inesquecível a “invasão do Maracanã”, um ano antes, quando cerca de 70 mil corintianos atravessaram a via Dutra, tomaram de assalto o Rio de Janeiro e dividiram o estádio com a torcida do Fluminense, empurrando o time e classificando-o para as finais do Campeonato Brasileiro de 1976. Naqueles dias, não era difícil encontrarem-se, entre os não corintianos, alguns “torcedores da torcida do Corinthians”.

Essa expressão, hoje, até que faz sentido, quando o antigo bloco e hoje poderosa escola de samba Gaviões da Fiel entra no sambódromo do Anhembi para fazer o seu desfile, no sábado de Carnaval. A empolgação e a alegria de defender as cores da escola — e do time — são tão grandes, que já lhe valeram quatro conquistas no Carnaval Paulistano, a primeira delas em 1995, quando o time também ganhou a Taça São Paulo de Juniores, o Campeonato Paulista e a Copa do Brasil.

Mas, se podem desfilar na passarela, infelizmente os Gaviões da Fiel foram, algumas vezes, proibidos de desfilar pelas arquibancadas dos estádios de Futebol. Por algum tempo, por ordem da Secretaria da

Segurança Pública da Cidade de São Paulo, as torcidas uniformizadas não puderam freqüentar as praças esportivas.

Tal proibição decorreu do mais triste e lamentável episódio já ocorrido num estádio, no Brasil — mais triste, mesmo, que a inesperada derrota na Copa do Mundo de 1950, que emudeceu o Maracanã. Em 1995, no estádio do Pacaembu, ao final de um inexpressivo torneio de juniores, as torcidas do São Paulo e do Palmeiras se envolveram numa verdadeira batalha campal no gramado, agredindo-se mutuamente com paus e pedras encontrados no próprio estádio, então em reformas. Cenas deprimentes puderam ser vistas, documentadas pelas câmaras de TV e exibidas em todo o país e no exterior. Ao final, o episódio resultou em dezenas de feridos e um morto.

Infelizmente, outras mortes se seguiram a essa. Em numerosos confrontos nas vizinhanças dos estádios, nas estações de metrô, nos cruzamentos das avenidas, nos bares da periferia e até nas arquibancadas, torcedores continuam perdendo suas vidas ou se ferindo com gravidade, vítimas de uma violência estúpida e injustificável. Tal qual o próprio Futebol, a violência dos “hooligans” nasceu na Inglaterra, espalhou-se pela Europa, e parece ter sido “aprimorada” aqui entre nós.

Mas há a esperança de que a paz possa voltar aos nossos estádios. O recém criado “Estatuto do Torcedor”, atitudes enérgicas do policiamento e campanhas de conscientização, aos poucos estão trazendo de volta a festa, a alegria, as chuvas de papel picado, as explosões de rojões, os gritos de gol, as “olas” (ou “ondas”, verdadeiras coreografias criadas no México, da qual participa espontaneamente toda a platéia na arquibancada), a sadia paixão pelo esporte em que o Brasil é o único pentacampeão do mundo!

*“Se é verdade que uma meia dúzia de tolos briga por causa do Futebol, muito maior é o número dos que se tornaram amigos por causa dele.” - José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta*

*“As duas coisas que os brasileiros mais gostam — Futebol e mulher.” - Alex Bellos*

*“É mais difícil deixar de amar um clube do que uma mulher.” - Mario Filho*

*“O uso de um uniforme — como uma camisa do Flamengo ou uma fantasia carnavalesca — é um modo de esconder as diferenças de raça e de classe. Numa multidão de gente vestida igual, é mais fácil esquecer as violentas diferenças da vida cotidiana. Sendo o Futebol o mais forte símbolo da identidade nacional, vestir um uniforme estabelece uma brasilidade utópica. O Brasil se sente como um país que funciona ... A prática de cantar e dançar nas arquibancadas ... faz o torcedor parte de um evento mais amplo, derrubando a divisão tradicional entre espectador e espetáculo.” - Alex Bellos*

*“Olha, leitor, aquele ali é o Geraldino. Ele vem buscar a vitória que, lá fora, a vida lhe negou a semana inteira.” - Armando Nogueira*

*“O que sustenta este país é o fato de que ele tem Futebol. O Futebol é o grito que vem das profundezas daqueles de vida difícil, das pessoas que não sabem de onde virá sua próxima refeição. O júbilo de marcar um gol renova a alma.” - Arnaldo Santos, organizador do “Peladão” de Manaus*

*“Com os Gaviões, o torcedor não é mais espectador. Ele é o próprio espetáculo. Os Gaviões são os torcedores que têm seus próprios torcedores.” - Alex Bellos*

*“Os Gaviões são uma boa metáfora para o brasileiro ... Os brasileiros são alegres, criativos, excessivamente amistosos ... no entanto, convivem com altíssimos níveis de crime e violência ... Os Gaviões combinam esses dois extremos: eles juntam beleza e brutalidade.” - Alex Bellos*

*“Os Gaviões não são “hooligans”. Os “hooligans” agem escondido. Os Gaviões vestem suas camisetas com orgulho.” - Luiz Henrique de Toledo*

*“Futebol, o esporte das multidões. Cada vez menos esporte e menos multidões.” - Millôr Fernandes*

## 2.12 o Reserva

*“No Futebol são 11 contra 11.”*

Estará correto esse dito popular?

Até cerca de 40 anos atrás, isso até podia ser verdade. Cada time tinha 11 atletas que começavam... e, se não se machucassem, obrigatoriamente terminavam o jogo.

Então, a regra 3 foi alterada. Passou a ser permitida a substituição de um determinado número de jogadores. Atualmente, esse número está fixado em três.

Mesmo antes das substituições durante a partida, já havia a figura do reserva. Além dos 11 titulares, normalmente utilizados ao longo de um campeonato, os técnicos sempre contaram com outros jogadores que lhes poderiam tomar o lugar, por contusão ou deficiência técnica.

Djalma Santos, por exemplo, entrou na história como o lateral campeão do mundo em 1958, na Suécia — foi até escolhido como o melhor lateral da Copa! No entanto, ele só disputou a final (Brasil 5x2 Suécia). Nos 5 jogos anteriores, quem jogou foi De Sordi que, injustamente, foi acusado por alguns de ter “amarelado” (isto é, temido a excessiva responsabilidade) no último jogo e, alegando indisposição, pediu para

não jogar. Naquele tempo, era comum que os jogadores evitassem os jogos mais importantes, ingerindo às escondidas grande quantidade de pasta de dentes, o que lhes causava indisposição estomacal.

Até mesmo os “monstros” Pelé e Garrincha começaram aquela Copa na reserva. A apagada apresentação do Brasil no empate contra a Inglaterra é que teria forçado o técnico Feola a escalá-los (atendendo, assim, as “sugestões” de Nilton Santos, Didi e Bellini).

Em 1962, no Chile, com a contusão de Pelé logo no segundo jogo do Brasil, temeu-se pelo pior. Para nossa sorte, em seu lugar entrou o reserva Amarildo, o “Possesso”, de quem não se esperava muita coisa (afinal, era apenas o reserva do “Rei”), mas que, com seus gols importantes (e surpreendentes — um deles veio de um chute quase sem ângulo), acabou ajudando na conquista do “bi”. Curiosamente, nos dois últimos jogos da Copa do Mundo de 1970, a primeira em que se podia fazer substituições durante a partida, o técnico brasileiro Zagallo não fez nenhuma troca, mantendo, nesses 180 minutos, os mesmos 11 jogadores (que, aliás, haviam iniciado a primeira partida daquela Copa). Já em 2002, na Coréia do Sul e no Japão, ao longo dos sete jogos, só não entraram em campo os dois goleiros reservas.

Nos anos 70, um jogador quase que inexpressivo tinha seus momentos de glória sempre que era chamado para entrar em campo, no decorrer do jogo. Sem lugar no time titular do Palmeiras, chamado de “Academia”, o atacante Fedato geralmente conseguia reverter maus resultados, e era chamado de “arma secreta” do técnico Osvaldo Brandão, embora todos o conhecessem. Curiosamente, Fedato não tinha o mesmo rendimento quando entrava jogando como titular... e, aí, era quase sempre substituído!

Em 1988, na final do Campeonato Paulista, o Corinthians precisava vencer o Guarani, em Campinas-SP. Jogo empatado, a poucos minutos do final da prorrogação, num lance confuso, o jovem reserva Viola, em sua terceira partida no time, aproveitando uma bola “espirrada”, marcou o gol do título corintiano... e, para a surpresa da torcida, atirou sua camisa por sobre o alambrado, mostrando que tinha outra por baixo. Antes do jogo, ele tivera a premonição de que iria marcar o gol da vitória. Por coincidência, na despedida de Viola do Corinthians, na final do Campeonato Paulista de 1995, num jogo também no interior (Ribeirão Preto-SP), o alvi-negro foi novamente campeão com um gol nos últimos minutos da prorrogação, marcado por um reserva — Elivélton — que também entrara em campo com duas camisas!

*“Não se mexe em time que está ganhando.” - sabedoria popular*

*“Treino é treino, jogo é jogo.” - Didi*

*“Campo de futebol não é loteamento. Ninguém é dono de lote, de posição fixa.” - João Saldanha*

### 3. Intervalo: o “País do Futebol”

É possível que muitas pessoas esclarecidas, tanto aqui como no exterior, pensem, erroneamente, que o Futebol surgiu no Brasil, criado por brasileiros, tal a relação de identificação existente entre o país e o esporte. Para o antropólogo Roberto DaMatta, “*muitos brasileiros se esquecem de que o Futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada e a saudade, um produto brasileiro*”.<sup>42</sup>

Conhecido como “o esporte bretão”, o Futebol, oficialmente, nasceu na Inglaterra, numa reunião num bar de Londres, em 1863, quando representantes de 11 clubes onde já era informalmente praticado definiram suas regras e criaram a “The Football Association”. A partir de então, para diferenciá-lo do “Football Rugby” (que tinha algumas semelhanças, mas duas diferenças básicas: o formato oval da bola e o uso indiscriminado das mãos), o novo esporte passou a ser chamado de “Football Association” (donde derivaria o termo “soccer”, pelo qual é conhecido nos Estados Unidos).

É bem verdade que, muito antes, outras civilizações já faziam uso de práticas com bola: por volta de 4500 a.C., nobres japoneses praticavam o “kemari”; em 2500 a.C., o “tsu-chu” fazia parte do treinamento de militares chineses; os maias da península do Yucatán praticavam esportes com bolas de borracha; no início da Idade Moderna, pendências políticas em Florença eram resolvidas numa disputa com bola, o “calcio fiorentino”.<sup>43</sup>

De qualquer forma, foi a partir das Ilhas Britânicas que o Futebol se difundiu pelo mundo. No Brasil, há registros de sua prática, em fins do século XIX, em escolas jesuíticas, especialmente no Colégio São Luís (na época estabelecido em Itu-SP), onde foi adotado no currículo de Educação Física<sup>44</sup>, bem como em praias do Rio de Janeiro, por marinheiros de navios britânicos, em escala no Brasil.

No entanto, a efetiva introdução do Futebol no país deveu-se, de fato, aos europeus (na maioria, britânicos) que para cá se transferiram na segunda metade do século XIX (atraídos por ofertas de trabalho em ferrovias e empresas prestadoras de serviço) e aos seus descendentes, dentre os quais se destacaram Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro. Inicialmente restrito às elites, logo o Futebol caiu no gosto popular, conquistando corações e mentes de milhões de brasileiros, como observa o jornalista Luiz Zanin, numa interessante comparação com o carnaval:

*“Não inventamos nem o carnaval nem o futebol. Ambos vieram da Europa. Viajaram para cá e foram assimilados. Transformados, numa operação que o velho Oswald de Andrade com certeza chamaria de antropofágica. Assimilamos o outro devorando-o. Digerimos o que nos é estranho e fazemos dele coisa nossa. Do mundo pelo avesso do carnaval europeu na idade média, inventamos uma ópera popular na avenida. Do jogo áspero dos britânicos, produzimos uma escola maleável na qual a arte do engano (o drible) mostra-se tão eficiente quanto uma jogada coletiva ensaiada à exaustão.”*<sup>45</sup>

Este é, justamente, o tema deste “intervalo”: uma breve discussão sobre a relação Brasil-Futebol, mostrando que tanto “o Brasil tem a cara do Futebol” como “o Futebol tem a cara do Brasil”.

Não é objetivo deste trabalho criar explicações que justifiquem a atribuição, ao Brasil, do título de o “País do Futebol”, nem seu autor tem conhecimentos suficientes para tanto. Além disso, esse assunto já tem sido estudado por pesquisadores especializados — antropólogos, sociólogos, historiadores, etc.

Motivos que parecem convincentes são apontados pelo jornalista Daniel Piza, articulista do jornal *O Estado de S. Paulo*. Num artigo<sup>46</sup> publicado na coluna *Boleiros*, ele, inicialmente, apresenta uma relação das grandes conquistas da Seleção Brasileira e enumera grandes jogadores, do passado e do presente, para concluir que “*a superioridade do futebol nacional, portanto, é inegável. O futebol se modificou nos últimos 20 anos, com aumento da velocidade, da força e da garra, e ainda assim o talento brasileiro se adaptou e conseguiu se manter no topo*”. E se pergunta: “*o que explica isso?*”.

Sua primeira explicação, de ordem antropológica, é a mistura étnica que formou nosso povo, que seria a causa da ginga, do drible, do jogo de cintura, o que também explica a riqueza da dança e da música popular brasileira. Faz todo o sentido: é uma tese na linha do pensamento de gente como Darci Ribeiro e

<sup>42</sup> DAMATTA, 06,07,08/1994, p.10-17

<sup>43</sup> AQUINO, 2002, p.11-16

<sup>44</sup> SANTOS NETO, 2002, p.13-25

<sup>45</sup> ORICCHIO, 24/2/2009, p.E2

<sup>46</sup> PIZA, 13/7/2005, p.E2

Roberto DaMatta. O próprio jornalista, porém, adverte que só esse motivo não seria suficiente: países como a Alemanha, a Itália e a Argentina, e craques brancos, como Beckenbauer, Cruyff e Maradona, são claros contra-exemplos.

Outro motivo apontado por ele, de razão econômica, refere-se ao fato de que a prática do Futebol, ao contrário da de outros esportes (como o tênis e o ciclismo), não exige altos recursos, nem equipamentos sofisticados, nem áreas especiais — bastam duas pedras, ou dois tijolos, e já se tem o gol. Como escreve o articulista, *“até hoje os meninos brasileiros, como os argentinos, aprendem a jogar descalços na areia, no asfalto, na terra batida”*. Acrescente-se que o prazer da brincadeira com bola independe da quantidade de jogadores: podem jogar 5 contra 5, 2 contra 2, 1 contra 1... e até um bate-bola contra a parede pode entreter uma criança durante horas (comprovado por experiência própria do autor deste trabalho, nos já distantes e saudosos anos 60, no quintal da casa de seus avós!).

O Futebol também não impõe restrições de ordem física, podendo ser praticado, com sucesso, por jogadores de baixa estatura, como é o caso da maioria da população brasileira.

O jornalista lembra, também, razões históricas: *“essa paixão pelo ludopédio nasceu num momento de afirmação nacional, a Era Getúlio (anos 30), quando o samba virou porta-voz da pátria”*. Sem dúvida, o populismo adotado pelo presidente Vargas foi decisivo para a afirmação e a disseminação do esporte pelo país, viabilizando, inclusive, a implantação do profissionalismo. Mas o autor deste trabalho considera que a paixão nasceu junto com o Futebol, no momento em que Charles Miller apresentou a bola a seus amigos da várzea do Carmo, onde se realizou a primeira partida no país, em abril de 1895.

Daniel Piza é feliz ao citar a importância do otimismo que trouxe o governo do presidente Juscelino Kubitschek e, *“a partir de então a auto-estima do País ficou entrelaçada com a projeção do futebol”*. Este é um ponto que o autor deseja estender um pouco mais.

Até então, estava instalado no Brasil um sentimento definido por Nelson Rodrigues como um *“complexo de vira-latas”*, que impedia que o brasileiro obtivesse sucesso em suas disputas internacionais. Na opinião do genial dramaturgo, por causa desse complexo teria acontecido o célebre “Maracanazo”, isto é, a trágica e inesperada derrota para o Uruguai, na final da Copa do Mundo de 1950, disputada no Rio de Janeiro (que ele descreveu como uma *“irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima”*<sup>47</sup>). Pelo mesmo motivo, quatro anos depois, não vencemos a poderosa Hungria, que podia até parecer imbatível, mas não era (como provaram os alemães, na final da Copa da Suíça). E, talvez, o tal complexo até explicasse a injusta derrota da baiana Martha Rocha no concurso de Miss Universo, supostamente por ter, nos quadris, duas polegadas a mais do que a vencedora, uma norte-americana.

Às derrotas nos campos esportivos e na passarela, somaram-se, nesse início de década, mortes que comoveram o país. Em setembro de 1952, num acidente automobilístico na rodovia Rio — São Paulo, perdia a vida o “Rei da Voz” Francisco Alves, o “Chico Viola”, levando às lágrimas os milhares de fãs que acompanharam seu funeral. Em agosto de 1954, o país sofria um novo abalo, com o suicídio do presidente Getúlio Vargas, resultado de uma crise deflagrada pelo atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, seu opositor. Maior comoção ainda viria exatamente um ano depois: em agosto de 1955, morria em sua mansão na Califórnia, Estados Unidos, a estrela da música e do cinema, Carmen Miranda, então a brasileira mais famosa e conhecida no mundo (embora nascida em Portugal, viera ao Brasil com apenas 10 meses, e se considerava uma “carioca da gema”).

Estaria Nelson Rodrigues certo em sua tese? Estaria o Brasil condenado eternamente ao *“complexo de vira-latas”*? Os anos seguintes se incumbiriam de dar a resposta: “Não!”.

Os últimos anos da década de 50 e os primeiros da década de 60 foram, sob certos aspectos, os mais risonhos e felizes de todos os mais de 500 da história do Brasil. A eleição de Juscelino Kubitschek, que prometia realizações de “50 anos em 5”, trouxe para o país a indústria automobilística, e ergueu no interior uma nova capital, Brasília, saída das pranchetas do competente urbanista Lúcio Costa e do criativo arquiteto Oscar Niemeyer. A beleza da mulher brasileira, mesmo com seus avantajados quadris “tropicais”, foi finalmente reconhecida, com a eleição da gaúcha Ieda Maria Vargas como Miss Universo, em 1963. A cantora Elizeth Cardoso, em 1958, com o acompanhamento da inédita batida de violão do baiano João Gilberto, gravou a canção *Chega de saudade*, letra do “Poetinha” Vinicius de Moraes e música do “Maestro Soberano” Tom Jobim, que se tornaria o “marco-zero” de um movimento que conquistou todo o mundo da música: a Bossa

<sup>47</sup> RODRIGUES, 1994, p.116

Nova. Os nomes (de origem tupi) “Copacabana” e “Ipanema”, não sem alguma dificuldade, passaram a ser regularmente pronunciados com os mais diferentes sotaques nos quatro cantos do mundo. O Rio de Janeiro — e o Brasil — definitivamente “entravam na moda”.

O esporte brasileiro também vivia seus anos de esplendor. A tenista Maria Esther Bueno, em 1958, iniciava sua fantástica série de 18 conquistas (sendo 7 títulos de simples) em torneios do “Grand Slam” do tênis (Forest Hills, Wimbledon, Roland Garros e Australian Open). O atleta Ademar Ferreira da Silva, em 1956, conquistava, em Melbourne, Austrália, sua segunda medalha de ouro olímpica no salto triplo, prova da qual já detinha o recorde mundial. O pugilista Éder Jofre iniciava a seqüência invicta de lutas que o levaria ao título mundial do “peso galo”, em 1960. O time masculino de basquete ganhava, em 1959, seu primeiro campeonato mundial, em Santiago do Chile (iria conquistar o bicampeonato, quatro anos depois).

E o Futebol — e o mundo — testemunharam o surgimento de Pelé e Garrincha... E o Brasil foi bicampeão mundial de Futebol!

Voltando ao texto de Daniel Piza, ele apresenta, ainda, uma explicação cultural para as vitórias brasileiras: as características do Futebol (um *“esporte ao mesmo tempo coletivo e individual, em que a tática pesa menos e a psique pesa mais do que nos outros esportes de grupo”*) teriam tudo a ver com o *“modo de ser do brasileiro: descontraído, emotivo e improvisador”*.

Resumindo, ele conclui, com bastante propriedade, que a grandeza do Brasil, no Futebol, é explicada pela combinação de todos esses fatores: orgânicos, históricos, econômicos e culturais.

Seja essa explicação correta ou não, o fato que parece ser aceito, no Brasil e no mundo, é que, de fato, *“aquí é o País do Futebol”*, como diz a canção de Fernando Brant e Milton Nascimento, composta em 1969 e utilizada como trilha musical do filme *Tostão, a fera de ouro*.

Que esse título seja recebido com orgulho pelos brasileiros. Afinal, ao contrário do que se dizia por aí, que *“o Futebol é o ópio do povo”*, mais uma vez há que se concordar com Daniel Piza, que aponta que *“o povo é que é o ópio do Futebol”*.<sup>48</sup> Opinião semelhante já havia sido defendida pelo jornalista Carlos Haag, ao escrever: *“ópio, não; do povo, com certeza: desmentindo o clichê engajado, Roberto DaMatta, em Universo do Futebol, destruiu o mito da imbecilização do futebol. Para o antropólogo, o esporte fortalecia os valores coletivos, criava símbolos da identidade nacional e promovia a interação social. Bola fora de quem misturava clichês de religião e futebol”*.<sup>49</sup> De fato, em artigo recentemente publicado, Roberto DaMatta reafirma que o Futebol *“é o ópio positivo do mundo”*, e que *“ele faz chover verde-e-amarelo nas ruas mais pobres de nossas cidades”*.

Praticamente à mesma conclusão chegou o jornalista norte-americano Matthew Shirts, há décadas vivendo no Brasil. Bem-humorado, ele conta que seu filho, então adolescente, na primeira vez que foi aos Estados Unidos, lá desembarcando num 4 de julho, ao ver tantas bandeiras nas ruas, perguntou-lhe: *“Pai, contra quem os americanos jogam hoje?”* Talvez esse episódio tenha levado Matthew Shirts a escrever que

*“No Brasil, nosso Brasil, ninguém festeja o 7 de setembro nem outra data cívica qualquer. Apenas as vitórias no futebol e, também, o carnaval. É um caso único, creio no mundo, em que festas populares conseguiram tomar o lugar das oficiais.”*<sup>50</sup>

É evidente que, sendo o esporte mais popular do mundo, o Futebol desperta a paixão de muitos outros povos. É também verdade que alguns torcedores estrangeiros julgam suas seleções nacionais tão boas e capazes quanto a brasileira. Mas, dificilmente, haverá no planeta uma nação mais identificada com o Futebol do que o Brasil. Na opinião do escritor Roberto Pompeu de Toledo, *“outros países podem gostar tanto de Futebol como o Brasil, mas em nenhum a vida se confundirá com o Futebol como no Brasil”*.<sup>51</sup> Correndo o risco do exagero, é possível afirmar que não deve haver, no mundo, uma identificação mais forte do que a que une o Brasil e o Futebol.

Há, porém, opiniões divergentes sobre esse tema da “identidade nacional”.

O escritor e ensaísta Gilberto de Mello Kujawski, colaborador do jornal *O Estado de S. Paulo*, em seu livro *A identidade nacional e outros ensaios*, contesta o clichê de que *“o Brasil é o País do Futebol e do Carnaval”*, pois, segundo ele, *“temos muitas etnias, muitas religiões e culturas que convivem juntas”*, e, por essa razão, *“somos muito mais que isso, com uma riqueza cultural imensa [...] uma realidade grandiosa, rica e*

<sup>48</sup> PIZA, 7/7/2002, p.D3

<sup>49</sup> HAAG, 13/7/1998, p.E10

<sup>50</sup> SHIRTS, 19/6/2006, p.D8

<sup>51</sup> GIANOTI, 1996

*complexa. O Carnaval e o Futebol celebram a exaltação da corporalidade ardente do brasileiro. Mas onde fica a alma brasileira, onde seu espírito?”*<sup>52</sup>

Claro! Há que se concordar com a pluralidade cultural do Brasil! Esse é um ponto inquestionável. Porém, o que este trabalho procura mostrar é que o Futebol já tem, também, em si mesmo, uma “riqueza cultural imensa”, e que ele não pode ser reduzido a uma simples celebração da “exaltação da corporalidade ardente do brasileiro”. Para o autor deste trabalho, o Futebol (assim como o Carnaval e a música popular) tem alma, sim, uma alma que se confunde com a própria alma do Brasil.

Assim, respondendo à questão proposta pelo próprio Gilberto Kujawski, este trabalho quer mostrar que a alma brasileira está justamente no Futebol, o que justifica plenamente a idéia de “Brasil, País do Futebol”.

Para reforçar essa idéia, aqui vão 11 episódios da história do nosso Futebol bastante sugestivos.

1)

*“Temos aqui na escola vários bons garotos que levam jeito para o Futebol, especialmente um, que veio do Brasil e parece ter nascido para esse jogo. Um raro talento, é ouro puro. É artilheiro nato e recomendo sua escalção. Não vai se arrepender.”*<sup>53</sup>

Essas palavras foram ditas em 1892, em Southampton, ao técnico do principal time da cidade, por um professor da Banister Court School, e se referem a Charles Miller. Foi, certamente, a primeira vez que se registrou um elogio feito a um futebolista brasileiro.

2)

Bem... pode-se alegar que, até então, Charles Miller jamais havia jogado Futebol aqui no Brasil e, portanto, ainda não podia ser considerado um futebolista brasileiro. Então, atente-se para estas palavras:

*“Charlie, você fez um ótimo trabalho. Deve estar muito orgulhoso de seus jovens jogadores brasileiros, que têm muito talento.”*<sup>54</sup>

É Charles Miller, agora, quem escuta o elogio a seus companheiros do São Paulo Athletic Club, feito por Morgan-Owen, o capitão do Corinthian Team, poderoso time amador inglês que, em 1910, veio disputar uma série de amistosos no Brasil. É bem verdade que, sabendo-se que o jogo foi 8x2 para os ingleses, esse “ótimo trabalho” (ou, em inglês, “good job”) soa mais como um “valeu!”, um incentivo do tipo “não desanime!”. Mas pode ter sido sincero, ainda mais porque, apenas três anos depois, os brasileiros do time do Fluminense, que haviam sido derrotados pelo mesmo Corinthian Team por 10x1, acabaram batendo os ingleses por 2x1.

Afinal, como lembrou Nelson Rodrigues, um outro europeu, Pero Vaz de Caminha, já havia escrito, profeticamente: “No Brasil, em se plantando, tudo dá!” “Até craque!”, Nelson Rodrigues acrescentou.

3)

E que tal se um time brasileiro ganhasse da Seleção da França em plena Paris, e um jornal francês, o *L'Équipe*, chamasse os jogadores desse time de “os Reis do Futebol”?<sup>55</sup> Pois foi o que aconteceu com o Club Athletico Paulistano, em 1925, na primeira vez em que uma equipe brasileira pôs os pés na Europa, para uma exitosa excursão (9 vitórias em 10 jogos).

A mesma França, 13 anos mais tarde, iria se empolgar com o desempenho de Leônidas da Silva (“Le Diamant Noir”) e seus companheiros, que ficaram bem perto do primeiro título mundial, e acabaram num honroso terceiro lugar da Copa do Mundo de 1938.

4)

Se os bicampeões de 1958 e 1962 puderam ser vistos ao vivo apenas por suecos, chilenos e uns poucos privilegiados europeus para os quais os jogos dessas Copas foram televisionados, em 1970 o mundo inteiro pôde acompanhar, pela TV, aquele time brasileiro que, ainda de acordo com Daniel Piza, “[...] pertence a qualquer lista dos maiores entretenimentos do século, ao lado do canto de Frank Sinatra ou da dança de Fred Astaire”.<sup>56</sup> Considerando-se as eliminatórias, o time venceu seus 12 jogos, dos quais apenas três por menos de dois gols de diferença!

<sup>52</sup> KUJAWSKI, 7/7/2005, p.A2

<sup>53</sup> MILLS, 2005, p.37-38

<sup>54</sup> MILLS, 2005, p.167

<sup>55</sup> COSTA, 1999, p.39-40

<sup>56</sup> PIZA, 7/7/2002, p.D3

5)

Dos times brasileiros que defenderam o país nas Copas seguintes, o de 1982 foi o que mais se aproximou de entrar nesta lista... mas foram os de 1994 e de 2002 que deram ao Brasil o inédito título de pentacampeão mundial.

6)

Além da Seleção, foram também campeões mundiais, em torneios interclubes, o Santos de Pelé (duas vezes), o Flamengo de Zico, o Grêmio de Renato, o Corinthians de Marcelinho, o São Paulo de Raí, Müller e Rogério Ceni (três vezes), e o Internacional de Fernandão.

7)

E ainda ganharam títulos mundiais, inúmeras vezes, as seleções sub-20, sub-17, de Futsal e de Futebol de areia (“beach soccer”).

8)

O Futebol brasileiro não fascina só quando vence competições internacionais. Às vezes, simples partidas amistosas da Seleção Brasileira podem ficar marcadas na história de alguns países, como a que foi disputada em 2004 em Porto Príncipe, Haiti, por sugestão do presidente Lula, na tentativa de contribuir para a missão de paz que as tropas brasileiras lá estão desempenhando, a pedido da ONU, e como parte da estratégia para reivindicar um assento no Conselho de Segurança daquele órgão. Como mostra o documentário *O dia em que o Brasil esteve aqui* e como relatam os jogadores brasileiros que lá estiveram, poucas vezes se viram tão intensas manifestações de fanatismo e carinho para com o nosso time. O filme registra um bonito depoimento de um jornalista haitiano que afirma que a dominação de um país por outro, quando obtida mediante a força das armas, não se sustenta ao longo do tempo, sendo muito menos efetiva do que a dominação que o Brasil está impondo ao seu país, conseguida pela arte, pela música, pela dança, pelo sorriso e pelo Futebol, que hipnotiza, cativa e se perpetua!

9)

Além dos haitianos, outros povos não muito acostumados aos mistérios da bola certamente aprenderam alguma coisa com brasileiros — como os norte-americanos, com Pelé; os árabes, com Rivelino; os japoneses, com Zico; e, de certa forma, até os romanos, com Falcão, por eles eleito “Rei de Roma”, e os catalães, que por cerca de três anos estiveram apaixonados por Ronaldinho Gaúcho.

10)

Pelé levou seu time, o Santos, em excursões aos quatro cantos do globo, enfrentando diferentes equipes de 70 países (26 nas Américas, 25 na Europa, 9 na Ásia, 9 na África e 1 na Oceania). Mais de 30 anos depois de ter deixado os gramados, Pelé ainda é o maior “embaixador” do Brasil, recebido por dirigentes mundiais com todas as honras. Foi o único brasileiro a entrar na lista das 100 personalidades do século da revista norte-americana *Time* (seu perfil foi escrito pelo ex-Secretário de Estado dos Estados Unidos Henry Kissinger). Foi eleito “Atleta do Século” pelo jornal francês *L'Équipe* (que consultou jornalistas de 21 países). É o “recordista de recordes” em tantas e tantas estatísticas futebolísticas (o mais espetacular, os seus 1.282 gols).<sup>57</sup> É uma espécie de “dogma” do Futebol (que apenas os argentinos fãs de Maradona ousam cometer a “heresia” de contestar): nunca existiu, nem nunca existirá um jogador melhor do que Pelé.

11)

Desde 1991, a FIFA tem escolhido, a cada ano, o melhor jogador da temporada. Vários brasileiros já foram incluídos nas listas de candidatos a esse prêmio e, em 8 ocasiões, um brasileiro foi eleito (Ronaldo, 3 vezes; Ronaldinho Gaúcho, 2 vezes; Rivaldo, Romário e Kaká, uma vez cada).

Eles são só alguns dos quase mil jogadores que o Brasil tem “exportado” anualmente (embora muitos acabem sendo “repatriados”). “*O país é o maior exportador mundial de açúcar, café e jogadores de Futebol*”,<sup>58</sup> observou o jornalista inglês Alex Bellos. Para ele, “*é muito mais fácil vender um ‘perna-de-pau’ brasileiro do que um craque mexicano. Os brasileiros passam uma imagem de alegria, festa, Carnaval. É muito sedutor ter um brasileiro no seu time.*”<sup>59</sup> No ano de 2000, havia cerca de 5 mil jogadores profissionais brasileiros atuando no exterior, em cerca de 70 países (inclusive nas longínquas e geladas Ilhas Faroe, país

<sup>57</sup> DUARTE, 1993

<sup>58</sup> BELLOS, 2003, p.295

<sup>59</sup> BELLOS, 2003, p.27

situado entre a Islândia e a Noruega), um número 4 vezes maior do que o de diplomatas em serviço!<sup>60</sup> Em 2004, foram 832 jogadores transferidos para equipes de 85 países.<sup>61</sup>

Alex Bellos escreveu um livro interessantíssimo, *Futebol — the Brazilian way of life*, originalmente destinado a seus leitores britânicos (mais tarde foi traduzido para o português). Em alguns trechos, o livro deixa transparecer um certo pessimismo quanto ao futuro do Futebol brasileiro, pois quando foi escrito, durante as eliminatórias da Copa do Mundo de 2002, vivia-se uma séria crise dentro e fora de campo, e a possibilidade da não classificação era real. De qualquer forma, segundo seu próprio autor, mais do que um documento futebolístico, o livro é um documento sobre o estilo brasileiro de viver, sendo dividido em 15 capítulos:

- 1) “*O jogo no fim do mundo*”, sobre a presença de jogadores brasileiros em diversos países
- 2) “*Os pés heróicos*”, sobre os primeiros tempos do Futebol no Brasil
- 3) “*A Final Fatídica*”, sobre a dolorosa derrota da Copa de 1950, no Maracanã
- 4) “*Encontro das tribos*”, sobre a prática do Futebol por indígenas
- 5) “*O anjo de pernas tortas*”, sobre Garrincha
- 6) “*Carnaval na torcida*”, sobre torcedores exóticos e torcidas organizadas
- 7) “*Um transatlântico no brejo*”, sobre um estádio construído no sertão pernambucano
- 8) “*Dando bola para carros e mulheres*”, sobre esportes derivados do Futebol, criados por brasileiros
- 9) “*Sapos e milagres*”, sobre a superstição no Futebol
- 10) “*O gol inconfundível*”, sobre o exotismo de certos nomes e apelidos de jogadores
- 11) “*Peladas para todos os gostos*”, sobre o torneio de “peladas” da Amazônia
- 12) “*Um jogo de dois hemisférios*”, sobre o estádio de Macapá, no Amapá
- 13) “*Jabuti de cartola*”, sobre os dirigentes do Futebol brasileiro
- 14) “*Perdemos porque não ganhamos*”, sobre as investigações parlamentares a respeito de suspeitas de corrupção no Futebol
- 15) “*Diálogo socrático*”, sobre uma entrevista com o ex-jogador Sócrates

No Anexo I são transcritos alguns trechos que ilustram bem esse “olhar estrangeiro” sobre o “País do Futebol”, e que nortearam boa parte deste trabalho.

Por outro lado, um brasileiro que já tenha tido a oportunidade de passar alguns dias no exterior, ou que tenha tido algum tipo de contacto mais estreito com estrangeiros, provavelmente já passou por alguma situação na qual ele tenha experimentado a sensação de viver no “País do Futebol”.

O autor deste trabalho, que, no exterior, costuma trajar roupas que o identificam como brasileiro, já vivenciou algumas dessas experiências. Algumas delas estão relatadas no Apêndice I.

Já se passaram quase 15 minutos e o segundo tempo está prestes a ser iniciado, mas ainda há tempo para alguns textos que, com humor e poesia, expressam o que se quis dizer neste intervalo.

Inicialmente, transcreve-se aqui uma curiosa nota, publicada na revista *Educação Física — Revista de Esportes e Saúde*, no distante setembro de 1939:

*“Nos círculos nacionais de Paris é conhecido o modo de se identificar um brasileiro. Atira-se uma caixa de fósforos à frente do cidadão suspeito. Se for brasileiro, fatalmente dará uns shoots na caixinha...”*

A seguir, um irônico artigo de Lusa Silvestre, colaborador da revista *Placar*.<sup>62</sup> Apenas para situar melhor o leitor: Thierry Henry, de biótipo e estilo semelhantes aos de um brasileiro, é um dos mais famosos jogadores franceses da atualidade. Muito jovem, participou da vitoriosa campanha da Copa do Mundo de 1998, em seu país e, mesmo reserva, entrou em alguns jogos. Firmou-se depois, como titular de sua seleção, e há anos atua na Inglaterra. Não foi bem (como todo o time francês) no Mundial da Ásia, em 2002, mas foi um dos destaques do vice-campeonato conquistado em 2006, na Alemanha, tendo, inclusive, marcado o gol que

<sup>60</sup> BELLOS, 2003, p.17

<sup>61</sup> RAMOS, 28/4/2005, p.E4

<sup>62</sup> SILVESTRE, 02/2005, p.19

desclassificou o Brasil. Ao longo de sua carreira tem sido freqüentemente lembrado como candidato ao prêmio de melhor da temporada, sem nunca ter sido escolhido. Em quatro dessas ocasiões, o vencedor foi um brasileiro.

*“Sai andando pela Avenida Champs Eliséé um negro alto, forte e cabisbaixo. Olha as vitrines meio vexado, como se não tivesse dinheiro para comprar o que vê. Não é o caso; este francês é um dos jogadores mais bem pagos do planeta. Logo, não está assim borocoxô por falta de grana. O que será, então?”*

*Pára num cruzamento para atravessar. Dois garotos lhe pedem autógrafo. Ele assina: Thierry Henry. É sujeito conhecido. Continua a pergunta: se tem fortuna, tem a fama, por que está macambúzio? Ameaça entrar em uma loja, mas ao ver o próprio pôster logo na entrada, refuga e sai. No pôster, ele veste a camisa do poderoso Arsenal, da Inglaterra. Então, este francês não está jururu por causa da profissão. E ele ainda é casado com uma mulher linda. O que falta?*

*Na rua, o farol está amarelo. Henry não tira os olhos do amarelo. Trava o soluço. Ah, então é isso. Agora se entende a melancolia. De que adianta ter tudo se ele não é brasileiro?*

*Ser brasileiro, para um jogador, é o máximo. Ser brasileiro é ir na festa dos melhores da FIFA, e depois ter um monte de amigos premiados para comemorar na pizzaria. Ser brasileiro é ir pra Mongólia e levar umas camisas amarelas pra servir de moeda. Ser brasileiro é voltar dos jogos batucando dentro do ônibus. Ser brasileiro é só para brasileiros, lamenta Henry. Henry nunca vai poder comemorar um gol sambando. Que mágoa. O que adianta ser um atacante de tanto sucesso e não poder comemorar um gol sambando? — resmunga Henry, chutando de trivela uma latinha de cerveja Stella Artois pela calçada.”*

Os próximos textos foram publicados no livro *Futebol-Arte*. Este é do brilhante jornalista Armando Nogueira:<sup>63</sup>

*“Que seria da bola de futebol sem um menino bem brasileiro na vida dela? Os dois nasceram, sob medida, um para o outro. Ambos gostam de brincar. Aliás, em qualquer lugar do mundo, todo garoto adora brincar. Toda bola adora ser brinquedo, seja no Brasil, seja na Patagônia. Aqui, no Brasil, porém, a história é diferente. Aqui, a bola é parceira, que ajuda o menino a fazer suas mágicas. O inglês inventou o futebol. O brasileiro inventou o futebol de delícias... O futebol de malícias. A mágica é facilmente explicável. Basta ver, através da história, um louro britânico jogando bola. O corpo apolíneo não ginga. Corre empinado, ereto. É a encarnação do futebol-força. Foi, então, que o brasileiro entrou em campo, desossando o futebol europeu, dos pés à cabeça. Amolecendo as juntas góticas do estilo europeu. Regando músculos mais frescos, até criar o jeito sesteiro de jogar futebol. Em vez da linha reta, a corrida sinuosa, célere, coleante, repleta de florões e arabescos. Tal como a capoeira, irmã gêmea da finta, inspiração do chute de curva, do passe de calcanhar, pérolas do barroco brasileiro no campo de futebol.*

*O brasileiro, vindo da taba e da senzala, inventa, então, a pelada, o futebol da medula. Que, antes de pensar, intui. Que, antes de sentir, pressente. Leônidas da Silva não parou para pensar no instante em que fez o primeiro gol de bicicleta. Nem Didi, quando inaugurou, nos campos, o chute de folha seca. Muito menos Pelé, ao dar ao corta-luz a graça de um gesto de balé. Ou Garrincha, quando corria o campo todo, compondo, com seus dribles, espirais de vento e alegria.*

*Jogo de futebol, jogo de cintura. Sem dúvida, uma das mais belas metáforas da alma brasileira.”*

Este agora é de Joaquim Ferreira dos Santos:<sup>64</sup>

*“O drible da vaca. Se você não sabe do que se está falando, perdeu um dos bons motivos para repetir a marchinha carnavalesca e dizer, orgulhoso, que ‘com o brasileiro não há quem possa’. Outros povos, outros cérebros, fundiram o átomo e explodiram a bomba nas cabeças alheias. Outras línguas criaram infernos dantescos e geniais. De outras pranchetas voaram satélites. Nós inventamos o drible da vaca. Estufe o peito. Não é pouco.*

<sup>63</sup> SOUZA; LEITÃO; RITO, 1998, p.14-15

<sup>64</sup> SOUZA; LEITÃO; RITO, 1998, p.102-103

*É uma operação tão criativa quanto qualquer vacina Sabin, tão estupefaciente quanto um mega Gates. O jogador, a bola, o adversário. Frente a frente. Jogue a bola por um lado, corra pelo outro, dando a volta no inimigo. Alcance-a novamente e invista contra o gol. Na Copa de 1970, no México, Pelé deu um drible desses no goleiro Mazurkiewicz, do Uruguai. Ofereceu um plus: sequer tocou na bola, enganando o goleiro com o corpo.*

*É uma das cenas do século (como a de Armstrong deixando as pegadas na lua, o bafo do metrô descortinando as coxas de Marilyn) e neste momento deve estar passando em alguma TV a cabo do mundo. Arrepiante. Arte. Coisa de brasileiro. No bom sentido.*

*Ninguém sabe explicar onde os genes confluíram, em que momento as bolas trazidas por Charles Miller em 1894 começaram a ser tocadas de um jeito diferente daquele usual no resto do mundo. Todos reconhecem, no entanto, que a bicicleta do Leônidas, a folha seca do Didi, o drible elástico do Rivelino, as embaixadas do Paulo César Caju, o chute de três dedos do Gérson, o finge-que-vai-e-vai do Garrincha, o gol de calcanhar do Túlio, o drible da vaca do Pelé, todas essas maravilhas são suficientes para fazer um país.*

*Querem alguns que foi a confraternização racial ou o acesso dos pobres, já no começo do século, aos clubes elitistas que praticavam o esporte. Outros preferem falar dos campos esburacados de várzea obrigando uma atenção maior nas jogadas ou a iniciação com incríveis pelotas de meia recheadas de papel. Não importa. Somos especiais no futebol, da mesma maneira que João Gilberto é único na música e Sônia Braga no jeito de descontrolar os quadris. Os outros são bons em clonar ovelhas, mas, grandes coisas, morrem de tédio com isso. Eles queriam mesmo é reproduzir o drible da vaca, e correr para o abraço.”*

Outra frase que poderia ser incluída aqui é a do uruguaio Eduardo Galeano, tirada de seu interessante livro *Futebol ao sol e à sombra*:

*“De Friedenreich em diante, o futebol brasileiro que é brasileiro de verdade não tem ângulos retos, do mesmo jeito que as montanhas do Rio de Janeiro e os edifícios de Oscar Niemeyer.”*

Finalmente, uma única frase do genial Nelson Rodrigues:<sup>65</sup>

*“Seria impossível esse futebol mágico, elástico, acrobático, se não estivesse lá o homem brasileiro.”*

---

<sup>65</sup> SOUZA; LEITÃO; RITO, 1998, p.104

## 4. Segundo tempo: o time *Cultura Futebol Clube*

	1 - a Academia	
	2 - a Música	3 - a Literatura
4 - as Artes Plásticas	5 - a Mídia	6 - as Artes Cênicas
	8 - o Idioma	10 - o Mercado
7 - o Humor	9 - a Tecnologia	11 - a Política
12 - Miscelânea		

Neste segundo tempo, entra em campo o time da Cultura F.C. Em sua escalação, aparecem diversas manifestações culturais que se relacionam com o Futebol, retratando-o e abordando-o de acordo com suas especificidades. Assim, ao contrário do time que atuou no primeiro tempo, este retrata o Futebol numa visão “de fora para dentro” (ética).

Para cada manifestação cultural aqui incluída, procura-se fazer uma análise da evolução de sua relação com o Futebol ao longo do tempo, dando-se maior ênfase ao momento atual, em que este trabalho foi elaborado.

Optou-se por apresentar os elementos colhidos pela pesquisa em formato de tabela, o que favorece sua visão geral e a comparação entre eles. Informações e análises mais detalhadas sobre os elementos de maior importância ou destaque são fornecidas ao longo do texto. Um campo em branco numa tabela indica que a respectiva informação não foi obtida, ou não se aplica.

### 4.1 a Academia

Quando, no início dos anos 50, a peça *A falecida* foi encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, não faltaram críticas à ousadia de seu autor, Nelson Rodrigues, por ter incluído nela a temática do Futebol. Naquela época, o Futebol, que havia nascido na elite, passou a ser prática quase que exclusiva das camadas mais baixas da sociedade, pelo menos como atividade profissional. Para a crítica, não tinha cabimento falar-se de esporte num ambiente intelectualizado como o do Teatro Municipal.

Possivelmente, teria sido esse episódio o responsável por Nelson Rodrigues ter escrito que “*na literatura brasileira não há um único escritor que saiba cobrar um reles lateral*”.<sup>66</sup> Com isso, ele queria denunciar a alienação da intelectualidade brasileira em relação a um fenômeno que já fazia parte do cotidiano de todo o brasileiro.

Algum tempo depois, a partir de fins dos anos 70 e início dos anos 80, quando o Brasil passou a respirar ares mais democráticos, a elite intelectual começou a mostrar maior interesse por aspectos da cultura popular brasileira, dentre eles o Futebol.

O cenário, hoje, é bem diferente do da época de Nelson Rodrigues. Algumas das principais universidades do país (como a USP, a UERJ e a PUC-SP) possuem núcleos de pesquisadores que orientam mestrados e doutorados, organizam seminários, escrevem textos — enfim, também estudam o Futebol sob diversos ângulos.

Em 2006, não por acaso ano de Copa do Mundo, foram realizados, em São Paulo, pelo menos quatro eventos dignos de nota, dos quais três contaram com a presença do autor deste trabalho. Em maio, o Grupo de Estudos do Futebol, do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), promoveu o encontro *Copa do Mundo em debate*, que “*teve como propósito discutir as diferentes facetas e repercussões do futebol a partir dessa competição mundial*”. No mesmo mês, realizou-se o seminário internacional *Futebol, cultura e sociedade*, organizado pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP) e pelo Núcleo de Estudos do Cotidiano e Cultura Urbana da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), tendo como objetivos “*apresentar e discutir o futebol e sua inserção na sociedade brasileira, bem como debater as dimensões desse esporte enquanto fenômeno da cultura de massa, como fonte inspiradora das manifestações artísticas e como um elemento fundamental da construção da identidade brasileira*”. Ainda em maio, a Universidade de São Paulo, em seu câmpus da zona leste (USP-Leste), promoveu um ciclo de palestras sobre a Copa do Mundo, sendo que a primeira abordou o tema do Turismo durante a

<sup>66</sup> MAURÍCIO, 2001, p.43

competição. Em novembro, mais uma vez a PUC-SP, através de seu Museu da Cultura (ligado à Faculdade de Ciências Sociais), e a Gaviões da Fiel Torcida, realizaram o evento *Metrópole, identidades e futebol - uma nação chamada S.C. Corinthians Paulista*, com o objetivo de “aproximar os setores universitários dos protagonistas do futebol, descobrir novas fontes para pesquisas acadêmicas e produção de conhecimento em disciplinas como Antropologia, História, Geografia, Sociologia, entre outras, e consolidar o papel do Museu da Cultura da PUC-SP como referência em trabalho de cultura urbana em São Paulo, especialmente sobre futebol”.

Outros estudiosos, em geral com algum vínculo com instituições de ensino superior, também desenvolveram trabalhos nesta área. Esta pesquisa apresenta uma lista com alguns desses trabalhos.

O próprio Nelson Rodrigues e a forma com que tratou o Futebol foram tema de uma interessante dissertação de mestrado, *O Futebol em Nelson Rodrigues*, na área de Comunicação e Semiótica.<sup>67</sup> Nessa área, a ECA-USP contribuiu com três dissertações de mestrado, duas teses de doutorado (uma delas, sobre Pelé) e uma detalhada tese de Livre Docência sobre os primeiros anos do Futebol no Brasil (do professor Waldenyr Caldas).<sup>68</sup> Ainda na ECA-USP, podem ser encontradas dezenas de trabalhos de conclusão do curso de Jornalismo que tratam do Futebol. Pela qualidade do texto e pelo singelo retrato da paixão de um torcedor, destaca-se aqui o trabalho de conclusão de curso *Torcedor luso: o verdadeiro fiel*, do agora jornalista Júlio Gomes Filho.<sup>69</sup>

A Universidade de São Paulo contribui, ainda, com um número especial de sua *Revista USP*, que apresentou uma série de textos reunidos sob o título *Dossiê Futebol*. Contribuíram para essa edição nomes importantes, como os dos antropólogos Roberto DaMatta e Luiz Henrique de Toledo, dos historiadores Décio de Almeida Prado e Nicolau Sevcenko, do professor Waldenyr Caldas e da socióloga Fátima Ferreira Antunes, dentre outros.

A Antropologia e a Sociologia, aliás, são ciências que parecem estar ainda longe de esgotar o assunto. Roberto DaMatta, com seus livros *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* e *Universo no Futebol: esporte e sociedade brasileira* (do qual foi o organizador), é uma referência nessa área. Seus artigos, publicados em alguns importantes jornais do país, fazem do Futebol tema recorrente. Como outros pesquisadores, ele tem procurado mostrar — mais do que isso, justificar — o Brasil como “País do Futebol” de uma forma muito mais científica e fundamentada do que foi feito neste trabalho. Ainda em relação ao tema do Futebol como identidade do Brasil, destaca-se o livro *Veneno remédio — o Futebol e o Brasil*, do músico, escritor e professor de Literatura da USP, José Miguel Wisnik, lançado em 2008.

Outro tema que as Ciências Sociais vêm explorando ultimamente é o da violência entre os torcedores, especialmente os componentes das torcidas organizadas. Infelizmente, essa violência vem atingindo níveis inaceitáveis, e parece estar fora de controle. Há mais de 10 anos, dois pesquisadores (o antropólogo Luiz Henrique de Toledo e o sociólogo Carlos Alberto Pimenta) já tinham escrito importantes trabalhos chamando a atenção para essa problemática e buscando apontar suas causas. De lá para cá, a situação se agravou, e dezenas de jovens perderam suas vidas em confrontos entre torcedores.

Ligada ao tema da violência, a discriminação racial, que existiu nas primeiras décadas do Futebol no país (retratadas em *O negro no Futebol brasileiro*, de Mario Filho)<sup>70</sup>, e que se supunha já abolida, voltou a se manifestar mais recentemente, em alguns lamentáveis episódios. Em 2005, o jogador argentino Desábato foi detido em pleno campo de jogo, no estádio do Morumbi, acusado de ofensas raciais ao brasileiro Grafite, numa partida pela Taça Libertadores da América; em 2006, o acusado foi o então veterano zagueiro Antônio Carlos, do Juventude, de Caxias-RS, num jogo do Campeonato Gaúcho. Esses episódios, no Brasil, parecem ser pontuais, embora manifestações de racismo estejam ocorrendo em outros países, especialmente na Europa. De qualquer forma, o assunto já tem despertado o interesse de pesquisadores acadêmicos.

Um campo promissor para pesquisas é o estudo dos efeitos da globalização no Futebol, do grande negócio internacional em que esse esporte se transformou. Traduzido para o português em 2005, o livro do pesquisador inglês Franklin Foer, *Como o Futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a*

<sup>67</sup> MARQUES, 2000

<sup>68</sup> CALDAS, 1988

<sup>69</sup> GOMES FILHO, 2001

<sup>70</sup> RODRIGUES FILHO, 2003

globalização deverá ter seus desdobramentos por aqui a partir de estudos que venham a ser desenvolvidos por especialistas brasileiros.<sup>71</sup>

Curiosamente, apesar desse seu aspecto globalizado, o Futebol pode, ainda, ser visto como tema de estudos de folcloristas, como demonstra a publicação da Comissão Gaúcha de Folclore que, em 1998, focou o Futebol de várzea, as superstições, os apelidos dos jogadores, as manifestações das torcidas e as expressões populares nele empregadas.

Tabela 1 - Academia: livro

data	título	autor
	<i>Futebol e política – memória social dos esportes</i>	Francisco Carlos Teixeira da Silva / Ricardo Pinto
	<i>Futebol, imaginário &amp; mídia: as metáforas da discriminação no Futebol brasileiro</i>	Carlos Alberto Figueiredo da Silva / Sebastião Josué Votre
	<i>Vencer ou morrer – Futebol, goepolítica e identidade nacional</i>	Gilberto Agostinho / Francisco Carlos Teixeira da Silva
1974	<i>Futebol, fenômeno lingüístico - análise lingüística da imprensa esportiva</i>	Maria do Carmo L. de Oliveira Fernández
1979	<i>Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro</i>	Roberto DaMatta
1981	<i>História política do Futebol brasileiro</i>	Joel Rufino dos Santos
1982	<i>Futebol e cultura: coletânea de estudos</i>	José Carlos Sebe Bom Meihy / José Sebastião Witter (org.)
1982	<i>Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira</i>	Roberto DaMatta (org.) / Luiz Felipe Baêta Neves / Simoni Lahud Guedes / Arno Vogel
1984	<i>Futebol: ideologia do poder</i>	Roberto Ramos
1985	<i>Esporte e poder</i>	Gilda Korff (org.)
1990	<i>O pontapé inicial: memória do Futebol brasileiro (1894-1993)</i>	Waldenyr Caldas
1990	<i>O que é Futebol</i>	José Sebastião Witter
1993	<i>Lance de sorte: o Futebol e o jogo do bicho na belle-époque carioca</i>	Micael Herschmann / Kátia Lerner
1993	<i>Negro, macumba e Futebol</i>	Anatol Rosenfeld
1995	<i>Enciclopédia da Seleção: as seleções brasileiras de Futebol (1914-1994)</i>	Ivan Soter
1996	<i>Breve história do Futebol brasileiro</i>	José Sebastião Witter
1996	<i>Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do Futebol brasileiro</i>	Maurício Murad
1996	<i>Torcidas organizadas de Futebol</i>	Luiz Henrique de Toledo
1997	<i>Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no Futebol</i>	Cláudia Mattos
1997	<i>Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil</i>	Ronaldo Helal
1997	<i>Seres, coisas, lugares: do teatro ao Futebol</i>	Décio de Almeida Prado
1997	<i>Torcidas organizadas de Futebol - violência e auto-afirmação</i>	Carlos Alberto Máximo Pimenta
1998	<i>Deuses da bola: histórias da Seleção Brasileira de Futebol</i>	João Carlos Assumpção / Eugênio Goussinsky
1998	<i>O arquivo secreto das Copas - 1930/54</i>	Flávio Prado
1998	<i>O Brasil no campo do Futebol: estudos antropológicos sobre os significados do Futebol brasileiro</i>	Simoni Lahud Guedes
1999	<i>Futebol, espetáculo do século</i>	Núcleo de Estudos do Cotidiano e de Cultura Urbana da PUC-SP
2000	<i>Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938</i>	Leonardo Affonso de Miranda Pereira
2000	<i>No país do Futebol</i>	Luiz Henrique de Toledo
2000	<i>O Futebol em Nelson Rodrigues - o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas</i>	José Carlos Marques
2001	<i>A invenção do país do Futebol - mídia, raça e idolatria</i>	Ronaldo Helal / Antônio Jorge Soares / Hugo Lovisolo (org.)
2002	<i>Lógicas no Futebol</i>	Luiz Henrique de Toledo
2003	<i>Corações na ponta da chuteira - capítulos iniciais da história do Futebol brasileiro (1919-1938)</i>	Fábio Franzini
2004	<i>Clubes brasileiros de Futebol</i>	Piraci Oliveira
2004	<i>Com brasileiro não há quem possa</i>	Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes
2004	<i>Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas</i>	Rosana da Câmara Teixeira
2005	<i>Como o Futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização</i>	Franklin Foer
2005	<i>Comunicação e esporte: tendências</i>	José Carlos Marques / Sérgio Carvalho / Vera Regina Camargo (org.)
2005	<i>Futebol, cultura e sociedade</i>	Jocimar Daolio (org.)
2006	<i>A bola corre mais que os homens</i>	Roberto DaMatta
2006	<i>A taça do mundo é nossa</i>	Eliazar João da Silva
2006	<i>Mil e uma noites de Futebol – o Brasil moderno de Mário Filho</i>	Marcelino Rodrigues da Silva

<sup>71</sup> FOER, 2005

data	título	autor
2006	<i>Nações em campo – copa do mundo e identidade nacional</i>	Édison Gastaldo / Simone Lahud Guedes (org.)
2007	<i>A dança dos deuses – Futebol, sociedade e cultura</i>	Hilário Franco Jr.
2008	<i>Boleiros do cerrado</i>	Fernando L. B. Viana
2008	<i>Veneno remédio - o Futebol e o Brasil</i>	José Miguel Wisnik

Tabela 2 - Academia: trabalho acadêmico

data	título	autor	grau	instituição
	<i>A Seleção Brasileira entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional</i>		D	UNESP
1974	<i>A língua em jogo: Futebol x imprensa</i>		D	PUC-RJ
1980	<i>O uso do adjetivo em textos de Futebol</i>		D	PUC-RJ
1987	<i>Pelé, o gol contra (um discurso de poder)</i>	Ouhides João Augusto da Fonseca	D	ECA-USP
1988	<i>O pontapé inicial: contribuição à memória do Futebol brasileiro</i>	Waldenyr Caldas	LD	ECA-USP
1992	<i>Futebol de fábrica em São Paulo</i>	Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes	M	FFLCH-USP
1992	<i>Juntos, um só coração: o preconceito ao jornalismo esportivo</i>	Silvio César Tidela Vieira	TCC	ECA-USP
1992	<i>Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol oficial em São Paulo, 1910-1916</i>	Plínio L. Negreiros	M	História, PUC-SP
1994	<i>À sombra do cronista imortal: subjetividade e oralidade nas crônicas de Futebol de Nelson Rodrigues</i>	Sérgio Lamucci dos Santos	TCC	ECA-USP
1994	<i>Futebol brasileiro: projeto para um novo calendário</i>	Fávio Dornelles Volpe	TCC	ECA-USP
1994	<i>Telé Santana: o Futebol como missão</i>	João Carlos Teixeira Canal	TCC	ECA-USP
1994	<i>Torcidas organizadas de Futebol: lazer e estilo de vida na metrópole</i>	Luiz Henrique de Toledo	M	FFLCH-USP
1995	<i>Os artistas da bola: a influência da fama sobre o jogador de Futebol</i>	Luciana Pinsky	TCC	ECA-USP
1996	<i>Aspectos socioculturais do futebolista: o caso do Estado de São Paulo</i>	Walter Gama	M	ECA-USP
1996	<i>Cem anos de paixão - uma mitologia carioca no Futebol</i>	Cláudia Mattos	M	UFRJ
1996	<i>O torcedor de Futebol e o espetáculo da arquibancada - características da participação de torcedores brasileiros em jogos de Futebol</i>	Manuel Gustavo Manrique Gianoli	M	ECA-USP
1997	<i>FootballMania: história social do Futebol carioca (1902-1938)</i>	Leonardo Affonso de Miranda Pereira	D	UNICAMP
1997	<i>Futebol é coisa de mulher</i>	Gonçalo José de Souza Jr.	TCC	ECA-USP
1998	<i>A cobertura dos sites brasileiros da primeira Copa do Mundo da era da internet</i>	Antonio Carlos Alonso Vera Jr.	TCC	ECA-USP
1998	<i>A nação entra em campo: Futebol nos anos 30 e 40</i>		D	História, PUC-SP
1998	<i>Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no Futebol</i>	Tarcyane Cajueiro Santos	M	ECA-USP
1998	<i>O Futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas</i>	José Carlos Marques	M	PUC-SP
1998	<i>Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas</i>	Rosana da Câmara Teixeira	M	UFRJ
1999	<i>Com brasileiro não há quem possa</i>	Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes	D	FFLCH-USP
2000	<i>As raízes no país do Futebol: estudo sobre a relação entre o Futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)</i>	Fábio Franzini	M	FFLCH-USP
2000	<i>Lógicas no Futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional</i>	Luiz Henrique de Toledo	D	FFLCH-USP
2001	<i>Folha de S. Paulo na Copa de 82: o conteúdo e suas características, os esquemas de cobertura, as condições de trabalho, as recordações e as histórias de quem participou</i>	Murilo de Paula Eduardo Garavello	TCC	ECA-USP
2001	<i>Raízes do Futebol paulista: de Charles Miller aos primeiros estaduais</i>	Ricardo dos Santos Moreira Espina	TCC	ECA-USP
2001	<i>Torcedor luso: o verdadeiro fiel</i>	Júlio Gomes Filho	TCC	ECA-USP
2002	<i>Artilheiro é quem decide: os goleadores mais importantes das eliminatórias e da Copa do Mundo de 2002</i>	Tomaz Rodrigo Alves	TCC	ECA-USP
2002	<i>E.C.Noroeste: a crise do Futebol do interior</i>	Leopoldo Finarde Godoy	TCC	ECA-USP
2002	<i>Por que a gente é assim: um passeio pela cultura que tempera o Futebol brasileiro</i>	Cassiano Ricardo Gobbet	TCC	ECA-USP
2003	<i>A era Teixeira</i>	Fernando Ferrari de Almeida Mello	TCC	ECA-USP
2003	<i>A publicidade de chuteiras</i>	Luís Maurício F. Holthausen	TCC	ECA-USP
2003	<i>O Futebol ao rés-do-chão: a coluna e a crônica em tempos de Copa do Mundo</i>	José Carlos Marques	D	ECA-USP
2004	<i>18 anos de fila: a fase negra do Santos F.C.</i>	Olavo Soares	TCC	ECA-USP
2004	<i>Elementos de hospitalidade em estádios de Futebol: o caso da Vila Belmiro</i>	Alessandro Rodrigues Pinto	M	Anhembi-Morumbi
2005	<i>Administração de clubes de Futebol profissional e governança esportiva: um estudo de casos múltiplos com clubes do estado de São Paulo</i>	Daniel Siqueira Pitta Marques	M	FEA-USP

data	título	autor	grau	instituição
2005	<i>Crenças e representações nos ritos de iniciação ao Futebol: um estudo psicossocial</i>	Simara Dantas Neves Ribeiro	M	FFCLRP-USP
2005	<i>Influência do Futebol na cultura, política e mídia</i>	Gabriel Elias Saraceni	TCC	EEFE-USP
2005	<i>O papel da publicidade no esporte</i>	Fernando K. Hirano	TCC	ECA-USP
2006	<i>A construção da democracia corintiana</i>	Adriano Tardoque	TCC	Uninove
2006	<i>A invenção da Nação Canarinho</i>	Carlos Eduardo Sarmiento	D	FGV
2006	<i>Femininos e masculinos no Futebol brasileiro</i>	Jorge Dorfman Knijnik	D	IP-USP

grau: LD = Livre Docência / D = Doutorado / M = Mestrado / TCC = Trabalho de Conclusão de Curso

Tabela 3 - Academia: texto

data	título	autor/publicação
	<i>Futebol: ópio do povo - autoritarismo das elites</i>	Roberto DaMatta
1982	<i>Em campo, futebol e cultura</i>	Revista SP-Cultura, Secretaria de Estado da Cultura - SP
1994	<i>Dossiê Futebol</i>	Revista USP
1994	<i>Futebol: 100 anos de paixão brasileira</i>	Revista Pesquisa de Campo, UERJ
1998	<i>Futebol, esporte popular</i>	Comissão Gaúcha de Folclore
2006	<i>Dossiê Entrelivros</i>	diversos
2006	<i>Futebologia 1 e 2</i>	diversos / Folha de S.Paulo

## 4.2 a Música

Das diversas classificações possíveis que pode ter a música (erudita, sacra, folclórica, eletrônica e tantas outras), este item aborda o gênero popular e urbano, que é o que tem, de fato, ligações com o Futebol. Uma única obra erudita é citada: a peça *Santos Football Music*, composta por inspiração do time de Pelé pelo músico e professor universitário Gilberto Mendes.

Além do fato de que essas duas manifestações envolvem o movimento corporal, elas estão, também, próximas especialmente no que se refere às suas cronologias históricas. Assim como o Futebol, a música popular brasileira (MPB) urbana tem suas origens na segunda metade do século XIX, com a modinha e o maxixe, gêneros pelos quais se aventuraram até alguns compositores clássicos, como Carlos Gomes e Heitor Villa-Lobos. Coincidentemente, Charles Miller era casado com Antonieta Rudge, que, com Magdalena Tagliaferro e Guiomar Novaes, formou o trio das maiores pianistas brasileiras do século XX.

O período da real massificação da música também coincide com o do Futebol: a chamada “era do rádio”, nos anos 30, especialmente a partir do Rio de Janeiro, capital federal, de onde transmitia a poderosa *Rádio Nacional*. É nesse período que se formam os primeiros grandes ídolos populares, como Francisco Alves, Sylvio Caldas, Orlando Silva e Carmen Miranda, que interpretam canções criadas por grandes compositores, como Noel Rosa, Pixinguinha, Lamartine Babo, Ary Barroso e João de Barro (o Braguinha). Há coincidência, também, no período em que ambos — Futebol e música — ganham o reconhecimento mundial: o final dos anos 50 e início dos anos 60, com a Seleção Brasileira ganhando o bicampeonato mundial e a Bossa Nova disputando os primeiros lugares nas paradas de sucesso internacionais, através das composições de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli e Carlos Lyra, nas vozes de João Gilberto, Astrud Gilberto, Nara Leão e Frank Sinatra, e nos instrumentos de Oscar Castro Neves, Stan Getz, João Donato e Sérgio Mendes.

Mais recentemente, a aproximação entre Futebol e música tem-se intensificado por ocasião dos grandes eventos futebolísticos, como a Copa do Mundo. Às vésperas de cada competição, surgem diversas canções que procuram auferir vantagens financeiras, no “embalo” do grande negócio comercial que é a disputa de uma Copa. Ao se aproximarem, Futebol e música procuram se ajudar um ao outro, para que ambos obtenham vantagens.

De qualquer forma, comercial ou não, a MPB tem sido reconhecida como uma das melhores do mundo, e ombreia-se com o Futebol em importância no cenário cultural do Brasil. Como afirma o jornalista e pesquisador Beto Xavier, “tanto o futebol quanto a música são também poderosos instrumentos de ascensão social, porque, além de estarem no centro de nossa cultura, representam aquilo que sabemos fazer de melhor”.<sup>72</sup>

Neste trabalho, são apresentados alguns títulos de canções que, de acordo com a pesquisa feita, têm alguma relação com o Futebol. Evidentemente, a lista não é completa, mas, mesmo assim, é possível

<sup>72</sup> ZYLBERSTAJN, 2004, p.18

perceber com que frequência o Futebol tem sido utilizado como tema pela música. Em outubro de 2004, Beto Xavier já tinha compilado mais de 500 canções, e buscava uma editora para publicar um livro, o que não aconteceu até agora. Infelizmente, dispõe-se apenas de um livreto escrito em 2002 pelo radialista e músico Assis Ângelo, interessado em ampliar esse seu estudo.<sup>73</sup>

#### 4.2.1 Canções que homenageiam um clube

Por mais humilde que seja um clube, por mais reduzida que seja sua torcida, certamente haverá alguma glória para ser cantada, para ser lembrada em uma canção. Assim, todo time tem seu “hino oficial”.

Não há uma regra geral que defina a forma como uma música se torna o hino de um clube. Geralmente, ele é feito sob encomenda. Há casos, porém, de canções que, feitas sem essa pretensão, acabam caindo no gosto dos torcedores, e tomam o lugar do hino oficial.

De modo geral, os hinos apresentam características comuns: melodia em ritmo de marcha, e letra do tipo exaltação, freqüentemente incluindo palavras como “glórias-vitórias” (uma rima recorrente), “coração-tradição-campeão” (outras rimas bastante comuns), “esporte brasileiro”, e por aí vai. Quase sempre há referência às cores do time.

Algumas letras de hinos apresentam curiosidades interessantes. O hino do Botafogo, originalmente, dizia “*campeão de 1910*”. Como resposta às provocações das torcidas rivais, que alegavam que o hino dava a entender que o clube teria sido campeão apenas naquele ano, a letra foi alterada para “*campeão desde 1910*”. Ocorre que, recentemente, o Campeonato Carioca de 1907, que estava “sub judice”, foi atribuído ao Botafogo, tornando-se, assim, a primeira conquista do clube. Desta vez, não foi possível alterar-se a letra do hino, por causa da rima. Já o hino do Paysandu, no trecho “*até o Peñarol veio aqui prá padecer*”, faz referência a um único jogo, nos anos 60: uma vitória sobre o então poderoso Peñarol do Uruguai, campeão sul-americano e mundial. Por outro lado, a frase “*até a pé nós iremos*”, com que se inicia o hino do Grêmio, refere-se a uma greve nos meios de transporte de Porto Alegre, que não foi obstáculo para a torcida do tricolor gaúcho acompanhar seu time. E a expressão “*coxa branca*” citada no início do hino do Coritiba é uma alusão ao apelido dos tradicionais torcedores do clube, fundado por alemães e por muitos anos fechado a negros e mulatos.

Até cerca de 10 anos atrás, poucas eram as regravações dos hinos. Na maioria dos casos, era executada, nas rádios, apenas a gravação original, geralmente feita por uma banda de estilo militar, acompanhando um coral de anônimos. Havia, talvez, certo receio em se mexer com um símbolo tão tradicional como é o hino do clube. Dentre as gravações originais, um arranjo interessante e mais ousado é o do hino do Guarani, em que são incluídos acordes da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes.

Mais recentemente, artistas de renome têm regravado os hinos de seus clubes preferidos, em andamentos e arranjos mais modernos, dentro do gênero “pop-rock”, com grande sucesso junto aos torcedores mais jovens. Versões apenas instrumentais, em ritmo dançante, também têm sido gravadas em discos. No entanto, as gravações tradicionais (provavelmente “remasterizadas”) continuam dominando.

Raros são os compositores de hinos conhecidos, também, por suas composições em outros gêneros musicais. A mais notável exceção é Lamartine Babo, talentoso compositor carioca, autor de inúmeros sucessos, como marchinhas de Carnaval (*O teu cabelo não nega*, de 1932; *Linda morena*, de 1933), valsas (*Eu sonhei que tu estavas tão linda*, de 1941), sambas-canção (*Serra da Boa Esperança*, de 1937; *No rancho fundo*, com Ary Barroso, de 1931), marchas juninas (*Chegou a hora da fogueira*, de 1933; *Isto é lá com Santo Antônio*, de 1934). Torcedor do América, Lamartine é o autor dos hinos dos principais clubes do Rio de Janeiro, lançados em 1943, em seu programa *Trem da alegria*, da *Rádio Nacional*. Assis Ângelo afirma que Lamartine Babo é autor de 13 hinos, mas esta pesquisa só obteve as gravações de 6 deles (América, Bangu, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama). Na opinião do autor deste trabalho, são os mais belos hinos de clubes brasileiros, especialmente por suas inspiradas introduções.

Outra honrosa exceção é o gaúcho Lupcínio Rodrigues, compositor de sambas “de fossa” (como *Se acaso você chegasse*, de 1938; *Nervos de aço*, de 1947; *Esses moços, pobres moços*, de 1948). Torcedor do Grêmio, foi ele quem compôs o hino do clube. Pode-se ainda citar o pernambucano Lourenço da Fonseca Barbosa, mais conhecido como Capiba, que além de ter feito o hino do seu Santa Cruz, é autor de frevos e de canções de sucesso (como *Maria Betânia*, de 1943). O cantor português Roberto Leal também compôs o seu hino, para a Portuguesa de Desportos que, como já tinha um, conta agora com dois! E nesta lista não pode faltar

<sup>73</sup> ÂNGELO, 2002

o grande Chico Buarque de Holanda, autor do hino do seu clube de várzea, o Polytheama (originalmente, um time de botão).

Além dos hinos, muitas outras canções foram compostas em homenagem a clubes, especialmente aos mais populares, manifestando a paixão de seus compositores. Pelo levantamento de Beto Xavier, o Flamengo é o clube mais homenageado por músicas, com destaque para *Samba rubro-negro*, de Wilson Batista, mais tarde adaptado e regravado por João Nogueira. Mas Assis Ângelo acha que há mais de uma centena de canções fazendo referência ao Corinthians. Destas, os destaques vão para as composições dos violonistas e eméritos corintianos Paulinho Nogueira e Toquinho, e para a marchinha de Carnaval *Transplante corintiano*, que tanto sucesso fez nos anos 60, na voz do apresentador de TV Silvio Santos, e que até hoje é cantada nos estádios.

Tabela 4 - Música: hino de clube

clube	compositor	intérprete	trecho
América-RJ	Lamartine Babo	Tim Maia	<i>hei de torcer, torcer, torcer / hei de torcer até morrer, morrer, morrer / pois a torcida americana é toda assim / a começar por mim / a cor do pavilhão é a cor do nosso coração</i>
Atlético-MG	Vicente Mota	João Penca e seus miquinhos amestrados	<i>nós somos do Clube Atlético Mineiro / jogamos com muita raça e amor / vibramos com alegria nas vitórias / Clube Atlético Mineiro / galo forte brigador</i>
Atlético-PR	Zinder Lins / Genésio Ramalho	Banda do Corpo de Bombeiros	<i>Atlético, Atlético / conhecemos o teu valor / e a camisa rubro-negra / só se veste por amor</i>
Bahia	Adroaldo Ribeiro Costa	Ricardo Chaves, Gerônimo, Toninho Matéria, Silvinha Torres, Jussara Silveira	<i>somos da turma tricolor / somos a voz do campeão / somos do povo o clamor / ninguém nos vence em vibração / ... / vamos conquistar mais um tento / Bahia, Bahia, Bahia / ouve essa voz que é seu alento / Bahia, Bahia, Bahia</i>
Bangu	Lamartine Babo		<i>a torcida reunida / até parece a do Fla-Flu / Bangu, Bangu, Bangu</i>
Bonsucesso	Lamartine Babo		
Botafogo	Lamartine Babo	Ed Motta, Beth Carvalho, Cláudio Zoli, Eduardo Dusek	<i>Botafogo, Botafogo / campeão de(s)de 1910 / ... / tu és o glorioso / não podes perder, perder prá ninguém</i>
Botafogo-SP	Horvildes Simões / Ricardo Christiano Ribeiro		<i>Botafogo, Botafogo / orgulho de Ribeirão / sua fibra, sua raça / mantêm a nossa tradição</i>
Canto do Rio	Lamartine Babo		
Corinthians	Lauro D'Ávila	Tony Garrido, orquestra de Paul Mauriat, Negra Li, Paula Lima, Rappin Hood, Xis	<i>salve o Corinthians / o campeão dos campeões / eternamente / dentro dos nossos corações / salve o Corinthians / de tradições e glórias mil / tu és orgulho / dos desportistas do Brasil</i>
Coritiba	Francis Night		<i>de norte a sul está brilhando o coxa branca / meu Coritiba é o campeão do povo / oh glorioso / como é bom te ver / campeão de novo</i>
Cruzeiro	Jadir Ambrósio	Virna Lisi	<i>existe um grande clube na cidade / que mora dentro do meu coração / ... / Cruzeiro, Cruzeiro querido / tão combatido jamais vencido</i>
Flamengo	Lamartine Babo	Hebert Vianna, Neguinho da Beija-Flor, Falcão, o Rappa, MC Júnior e MC Leonardo	<i>uma vez Flamengo / sempre Flamengo / Flamengo sempre eu hei de ser / é o meu maior prazer / vê-lo brilhar / seja na terra / seja na mar / vencer, vencer, vencer / uma vez Flamengo / Flamengo até morrer</i>
Fluminense	Lamartine Babo	Evandro Mesquita, Fausto Fawcett, Tony Platão	<i>sou tricolor de coração / sou do clube tantas vezes campeão / fascina pela sua disciplina / o Fluminense me domina / eu tenho amor ao tricolor</i>
Fortaleza	Jackson de Carvalho	Manoel Paiva	<i>Fortaleza / clube de glória e tradição / Fortaleza / quantas vezes campeão / Fortaleza / querido idolatrado / está sempre guardado / dentro do meu coração</i>
Goiás	Marcos Vale / Paulo Sérgio Vale	Zezé di Camargo e Luciano	<i>eu sou Goiás Esporte Clube / eu sou Goiás / eu sou Goiás e vou gritar / até o peito me doer / até perder a voz / eu sou Goiás / ... / cada vez nossa torcida cresce mais / eternamente serei Goiás</i>
Grêmio	Lupcínio Rodrigues	Vitor Ramil	<i>até a pé nós iremos / para o que der e vier / mas o certo é que nós estaremos / com o Grêmio onde o Grêmio estiver</i>
Guarani	Oswaldo Guilherme	Orquestra Sinfônica de Campinas / Coral da USP	<i>eu levo sempre comigo / em todo campo que eu vou / a bandeira do verde-branco / símbolo do torcedor / ... / avante, avante meu bugre / que nós vibramos por ti / na vitória ou na derrota / hoje e sempre Guarani</i>
Íbis			<i>juro por Deus / eu prometo / que o pássaro preto / vai dar tudo no gramado / ... / nosso lema é competir</i>
Internacional	Nelson Silva	Kleiton e Kledir	<i>glória do desporto nacional / oh Internacional / que eu vivo a exaltar / levas a plagas distantes / teus feitos relevantes / vives a brilhar / ... / Colorado das glórias / orgulho do Brasil</i>
Madureira	Lamartine Babo	Jorge Goulart	<i>nosso ideal é lutar / lutar por ti Madureira / queremos ver tua bandeira / tremular pelo ar</i>
Náutico	Tovinho		<i>da união de duas cores mágicas / nasceu a força e a raça / vermelho de luta / branco de paz / quem olha não esquece jamais</i>
Olaria	Lamartine Babo		<i>Olaria, teu esforço, tua glória / estão crescendo, dia a dia, Olaria / tua vida envaidece a torcida, Olaria</i>
Palmeiras	Antonio Sergi / Gennaro Rodrigues	João Gordo, Moacyr Franco, orquestra da UNICAMP (Benito Juarez)	<i>quando surge o alvi-verde imponente / no gramado em que a luta o aguarda / sabe bem o que vem pela frente / que a dureza do prélio não tarda</i>
Paraná	Sebastião Lima / João Arnaldo		<i>Paraná já nasceste gigante / és o fruto de luta e união / ... / meu Paraná / meu tricolor / teu pavilhão simboliza / em cores tão vivas / a garra e o amor</i>

clube	compositor	intérprete	trecho
Paysandu	Clodomiro Colino / Pires Cavalcante		<i>uma listra branca / outra listra azul / essas são as cores / do Papão da Curuzu / ... / até o Peñarol veio aqui prá padecer</i>
Politheama	Chico Buarque	Chico Buarque	<i>Politheama, Politheama / o povo clama por você / Politheama, Politheama / cultiva a fama de não perder</i>
Ponte Preta	Renato Silva	Orquestra Sinfônica de Campinas / Coral da USP	<i>estandarte desfraldado / preto e branco é sua cor / Ponte Preta vai pro campo / prá mostrar o seu valor / ... / Ponte Preta de paz / Ponte Preta de guerra</i>
Portuguesa de Desportos	Archimedes Messina / Carlos Leite Guerra		<i>viva a Lusa / viva a Lusa / clube desportivo e social / Portuguesa de Desportos / orgulho do esporte nacional</i>
Portuguesa de Desportos	Roberto Leal		<i>... / vitória é a certeza / da tua força e tradição / em campo, ó Portuguesa / prá nós és sempre o time campeão</i>
Remo	Tavernard		<i>atletas azulinos somos nós / que cumpriremos o nosso dever / ... / e nós, atletas / temos vigor / a nossa turma toda é de valor</i>
Santa Cruz	Capiba		<i>Santa Cruz / Santa Cruz / junta mais essa vitória / Santa Cruz / Santa Cruz / a teu passado de glória</i>
Santos	Mangeri Sobrinho / Mangeri Neto	Paulo Miklos	<i>agora quem dá bola é o Santos / o Santos é o novo campeão / glorioso alvinegro praiano / campeão absoluto desse ano / ... / jogue o que jogar / és o Leão do Mar / salve o novo campeão</i>
São Caetano	Carlos Roberto de Jesus Polastro		<i>no dia quatro de dezembro aconteceu / aquele fato que marcou a nossa história / ... / São Caetano... vamos prá vitória / nosso objetivo é só o gol... gol!</i>
São Cristóvão	Lamartine Babo		<i>São Cristóvão, São Cristóvão / teu passado é tão belo / quantas vitórias em Figueira de Melo ... / és de um bairro cuja história / tem valor profundo / bairro ditoso de D. Pedro II</i>
São Paulo	Porphírio da Paz	Roger (Ultrage a rigor)	<i>salve o tricolor paulista / amado clube brasileiro / tu és forte, tu és grande / entre os grandes, és o primeiro / oh Tricolor / um clube bem amado / as tuas glórias / vêm do passado</i>
Sport Recife	Nelson Ferreira		<i>moreninha que estás dominando / desacatando agora teu entrudo / chegou a hora de gritares loucamente / hip hip hip hurra pelo Sport tudo</i>
Vasco da Gama	Lamartine Babo	Luís Melodia, Fernanda Abreu, Celso Blue Boy, Pierre Ardene	<i>vamos todos cantar de coração / a cruz de malta é o meu pendão / tu tens o nome do heróico português / Vasco da Gama a tua fama assim se fez</i>
Vitória	Walter Queiroz Jr.	Baiano e os novos caetanos (Chico Anysio / Arnaud Rodrigues)	<i>eu sou leão da barra / tradição / eu sou vermelho e preto / eu sou paixão / pelos campos do Brasil / nosso grito já se ouviu</i>

Tabela 5 - Música: canção que homenageia um clube

clube	título	data	compositor	intérprete	trecho
América-RJ	<i>Meu América</i>		Nelson Castro	Virgínia Lane	
Atlético-MG	diversos		diversos	diversos	(rocks do CD "Galo Metal")
Bahia / Grêmio	<i>Bahia x Grêmio</i>			Armandinho / Yamandú Costa	(instrumental)
Corinthians	<i>A volta do Corinthians</i>		Luiz dos Santos / Sylzumar Medeiros		
Corinthians	<i>Amor branco e preto</i>	1972	Rita Lee / Arnaldo Batista	Os Mutantes	<i>por que será que eu gosto de sofrer? / vai ver que agora eu dei pra masoquista / ... / sofro mas continuo a te adorar / Corinthians meu amor / Corinthians</i>
Corinthians	<i>Arrasta-pé da Fiel</i>		Gereba / Arnaldo Xavier		
Corinthians	<i>Azar corintiano</i>		Jacó e Jacozinho	Amado e Antônio	
Corinthians	<i>Bandeira do Timão</i>		Germano Mathias	Germano Mathias	
Corinthians	<i>Bola e viola</i>		Lourival dos Santos		
Corinthians	<i>Campeão do quarto centenário</i>	1954	Alfredo Borba / Orlando Ribeiro		<i>Corinthians, Corinthians / falou bem alto a tradição / Corinthians, Corinthians / por 100 anos serás o campeão</i>
Corinthians	<i>Coringão bom de bola</i>		Estevam Sangirardi		
Corinthians	<i>Corinthians do meu coração</i>	1983	Toquinho	Toquinho / Sócrates	<i>ser corintiano é ir além / de ser ou não ser o primeiro / ser corintiano é ser também / um pouco mais brasileiro</i>
Corinthians	<i>Corinthians meu amor</i>		César Vieira / Laura Maria		
Corinthians	<i>Corinthians meu mundo é você</i>	1998	Gaviões da Fiel	Gaviões da Fiel	
Corinthians	<i>Corinthians x Palmeiras</i>		Caju e Castanha	Caju e Castanha	
Corinthians	<i>Corinthians x São Paulo</i>		Caju e Castanha	Caju e Castanha	
Corinthians	<i>Corinthians, o líder do povo</i>		Cid Gomes / Lino Barros / J. Theodore		
Corinthians	<i>Corintia</i>	1984	Gilberto Gil	Gilberto Gil	<i>ser corintiano é decidir / que todo ano a gente vai sofrer / se enrolar no pano da bandeira / e reclamar se o time não vencer</i>
Corinthians	<i>Corintia (Meu amor é o Timão)</i>		Adoniran Barbosa / Juvenal Fernandes	Demônios da garoa	
Corinthians	<i>Corintiano</i>		Saraiva / Palmeira		
Corinthians	<i>Corintiano bronqueado</i>		Candango do Ypê		
Corinthians	<i>Corintiano roxo</i>		Mangabinha / Sebastião Homero		
Corinthians	<i>Eu nasci corintiano</i>		Gaviões da Fiel	Gaviões da Fiel	

clube	título	data	compositor	intérprete	trecho
Corinthians	<i>Festa corintiana</i>		Sócrates / Bueno	Sócrates e Simone Guimarães	
Corinthians	<i>Frevo corintiano</i>		M.Vieira		
Corinthians	<i>Garra corintiana</i>		Luiz Carlos Xuxa / Branca di Neve	Branca di Neve	
Corinthians	<i>Glória de corintiano</i>		Osvaldo Gentil / Barbosinha		
Corinthians	<i>Gol de Baltazar</i>	1952	Alfredo Borba		<i>gol de Baltazar / gol de Baltazar / salta o Cabecinha / 1x0 no placar / o Mosqueteiro / ninguém pode derrotar</i>
Corinthians	<i>Hino ao Corinthians</i>	1923	Bráulio Vieira		
Corinthians	<i>Melô do Corinthians</i>		Ndee Naldinho	Ndee Naldinho	
Corinthians	<i>Meu Corinthians</i>		B.Lobo / N.Nogueira / J.Guimarães		
Corinthians	<i>Meus 20 anos (Ai, Corinthians)</i>		Paulinho Nogueira	Paulinho Nogueira	<i>ai, Corinthians / cachaça do torcedor / colorido preto e branco / sem preconceito de cor / ai, Corinthians / quando tu és vencedor / homem fica milionário / rindo da própria dor</i>
Corinthians	<i>Moda do Corinthians</i>		Rolando Boldrin		
Corinthians	<i>Mulher corintiana</i>		Odair Cabeça de Poeta		
Corinthians	<i>Nação Corinthians</i>		Carlinhos Vergueiro / Faveco Falcão / J.Petrolino	Carlinhos Vergueiro	<i>é gol / explodem corações / lá na Camisa 12 / nos valentes Gaviões / é gol / vingança do povão / meu São Jorge guerreiro / derrotou mais um dragão</i>
Corinthians	<i>O Corinthians ganhou</i>		Raimundo Sena		
Corinthians	<i>O grito da fiel</i>		Cláudio de Souza / Antoninho Lopes		
Corinthians	<i>Opinião de corintiano</i>		Manuel Ferreira / Gentil Jr.		
Corinthians	<i>Orgulho da Fiel</i>		Alípio dos Santos Martins		
Corinthians	<i>Quando falar do Corinthians</i>		Gaviões da Fiel	Gaviões da Fiel	
Corinthians	<i>Rap do Timão</i>		L S Jay	L S Jay	
Corinthians	<i>Samba do Corinthians</i>		Manoel Ferreira / Ruth Amaral	Silvio Santos	
Corinthians	<i>Samba do Timão</i>		Antonio Fenelon / Eurípedes / Sávio Barcelos		
Corinthians	<i>Sexo, rock'n roll e Coringão</i>		Osvaldo Vecchione		
Corinthians	<i>Tabu corintiano</i>		Luiz dos Santos / Neilor de Oliveira		
Corinthians	<i>Timão maravilha</i>		Marcelle / Tom Jerly / Fatolin		
Corinthians	<i>Torcedor corintiano</i>		Nelson Giglio / Aurélio Carita		
Corinthians	<i>Transplante corintiano</i>		L.Gentil / M.Ferreira / R.Amaral	Silvio Santos	<i>doutor / eu não me engano / meu coração é corintiano / ... / ai, doutor eu não me engano / botaram outro coração corintiano</i>
Corinthians	<i>Tudo é corintiano</i>		Sebastião do Rojão	Sebastião do Rojão	
Corinthians	<i>Vai lá, Coringão</i>		Joban / J.Hamilton		
Flamengo	<i>Arigatô Flamengo</i>		Bebeto / Adilson Silva		
Flamengo	<i>Charanga do Flamengo</i>		Felisberto / Fernando Martins		
Flamengo	<i>Flamengo</i>		Bomfiglio de Oliveira		
Flamengo	<i>Flamengo é ideologia</i>		Paulo de Magalhães		
Flamengo	<i>Flamengo maravilhoso</i>		Luís Ayrão		
Flamengo	<i>Flamengo tricampeão</i>		Haroldo Lobo / Hervê Cordovil		
Flamengo	<i>Flamengo, Flamengo</i>		Renato Lobo		
Flamengo	<i>Hino da torcida do Flamengo</i>		Getúlio Macedo / Lourival Faissal		
Flamengo	<i>Hino rubro-negro</i>	1920	Paulo de Magalhães		
Flamengo	<i>Memória de um torcedor</i>		Wilson Batista		<i>faço sacrifício / venho lá do Realengo / uma vez Flamengo / sempre Flamengo</i>
Flamengo	<i>Mengão</i>		Belandi / Baster / Nonato		
Flamengo	<i>Mengo 70</i>		Fernando Lona / Vidal França / Carlos		
Flamengo	<i>Meus parabéns, Flamengo</i>		Roberto Mário		
Flamengo	<i>O samba do tricampeão</i>	1956	Wilson Batista		
Flamengo	<i>O urubu Samuca – mascote do Mengão</i>	2004	Iton Silva	Gilberto Gouveia	<i>meu coração é rubro-negro / eu sou Flamengo / oh / sou campeão / meu coração é rubro-negro / eu sou Mengão, oh! / sou o maior</i>
Flamengo	<i>Oração de um rubro-negro</i>		Billy Blanco		
Flamengo	<i>Quase todo baiano é Flamengo</i>		Roberto Mário		
Flamengo	<i>Quem for Flamengo</i>		Ângelo Monteiro		
Flamengo	<i>Salve a torcida</i>		Carlos Fernando		

clube	título	data	compositor	intérprete	trecho
Flamengo	<i>Samba rubro-negro</i>	1955	Wilson Batista (João Nogueira)	Roberto Silva / João Nogueira	<i>o mais querido / tem Índio, Dequinha e Pavão (tem Zico, Adílio e Adão) / eu vou pedir a São Jorge / pro Mengo ser campeão</i>
Flamengo	<i>Ser Flamengo</i>		F.Gomes / Bruno / Ayrton Amorim		
Flamengo	<i>Sou Flamengo</i>		Pedro Caetano / Carlos Renato		<i>eu sou Flamengo / e não desfaço de ninguém / mas em cinco brasileiros / seis fãs do Flamengo tem</i>
Flamengo	<i>Torcedor do Flamengo</i>		Luís Dantas / Blecaute		
Flamengo	<i>Uma vez Flamengo</i>	1995	Davi Correa / Adilson Torres / Déo / Caruso	Dominguinhos do Estácio	<i>é Mengo tengo / no meu quengo é só Flamengo / uh! tererê! / sou Flamengo até morrer</i>
Flamengo	<i>Vitorioso Flamengo</i>		Moraes Moreira		
Flamengo / Fluminense	<i>Fla-Flu</i>	2005	Caetano Veloso / José Miguel Wisnik		(instrumental)
Fluminense	<i>Hino do Fluminense</i>	1915	Coelho Neto		<i>lutando em justos de alegria / o nosso esforço se consagra / em torno do ideal viril / de avigorar a nova raça do nosso Brasil</i>
Fluminense	<i>Ilmo Sr. Ciro Monteiro (Receita pra virar casaca de neném)</i>	1969	Chico Buarque	Chico Buarque	<i>amigo velho / amei o teu conselho / amei o teu vermelho / mas quis o verde / ... / pintei de branco o teu preto / ... / e nasceu desse jeito / uma outra tricolor</i>
Palmeiras	<i>Corinthians x Palmeiras</i>		Caju e Castanha	Caju e Castanha	
Palmeiras	<i>E dá-lhe porco olê olê olá</i>		domínio público	Giba / J.Oliveira	
Palmeiras	<i>Eu sou Palmeiras</i>		Joça / Tirone		
Palmeiras	<i>O amor é verde</i>		Moacyr Franco	Moacyr Franco	<i>o amor é verde / branca é a paixão / eu plantei palmeiras / no coração</i>
Palmeiras	<i>Palmeiras campeão</i>		Américo Pastor		
Palmeiras	<i>Tarantela verde e branco</i>		Sylvio Caldas	Sylvio Caldas	<i>nascestes Palestra / de palestra lustosa / nos tempos de fã clube / das cantinas do Brás</i>
Portuguesa de Desportos	<i>Lusa, orgulho de ver</i>		Guto Almeida	Os Patrícios	<i>orgulho de torcer / por um clube de tanta tradição / orgulho de ser Lusa / ó minha Lusa / ó minha Lusa / sempre em nosso coração</i>
Santos	<i>Santos Futebol Music</i>	1968	Gilberto Mendes	Eleasar de Carvalho	(peça erudita, sem letra)
São Paulo	<i>Bola no barbante</i>				<i>eh, São Paulo / eh, São Paulo / o mais querido da terra bandeirante / com o tricolor é bola no barbante</i>
São Paulo	<i>Corinthians x São Paulo</i>		Caju e Castanha	Caju e Castanha	
São Paulo	<i>Salve o São Paulo</i>		Antonio Bruno / Rubens do Amaral / Osvaldo Moles		<i>salve o São Paulo / clube das treze listras / preto, branco e vermelho / tradição dos paulistas</i>
São Paulo	<i>São Paulo, São Paulo</i>		Juca Chaves	Juca Chaves	<i>São Paulo / São Paulo / São Paulo meu amor</i>
Vasco da Gama	<i>Calango vascaíno</i>		Martinho da Vila	Martinho da Vila	<i>o meu calango / até a vida melhorar / e minha única alegria / é ver o Vasco jogar</i>

#### 4.2.2 Canções que homenageiam um jogador

Não é de se estranhar que, segundo Assis Ângelo, o jogador que mais inspirou canções tenha sido Pelé (provavelmente, há bem mais do que as aqui citadas — uma das mais recentes, *Pelé*, é interpretada pelo grupo *Palavra Cantada*, voltado para o público infantil). Até o grande instrumentista norte-americano Dizzie Gillespie prestou homenagem ao “Rei do Futebol”. Nenhuma delas, porém, pode ser considerada um grande sucesso até hoje. Nesta categoria, duas músicas merecem destaque, pelo merecido sucesso que fizeram, e pela polêmica que causaram: *Balada n.7*, de Alberto Luiz, e *Fio Maravilha*, de Jorge Benjor.

A letra de *Balada n.7*, grande sucesso na voz de Moacyr Franco, não faz nenhuma referência ao jogador que a inspirou, mas é impossível não pensar em Mané Garrincha. No entanto, seu autor, Alberto Luiz, certa vez afirmou que a canção, originalmente, teria sido composta para homenagear outro jogador. De qualquer forma, ela retrata com poesia a dura realidade do jogador que se retira dos gramados e é esquecido pela torcida.

Já *Fio Maravilha*, que sacudiu o ginásio do Maracanãzinho ao vencer a fase nacional do Festival Internacional da Canção de 1972, na interpretação da esfuziante Maria Alcina, acabou trazendo problemas a seu compositor, Jorge Benjor, justamente pela referência explícita ao homenageado, o atacante Fio, do Flamengo. Para evitar a cessão da parte dos direitos da canção reivindicada pelo jogador, Jorge Benjor a alterou para *Filho Maravilha* (talvez, por esse motivo, sua *Camisa 10 da Gávea*, que homenageia Zico, não faça nenhuma citação direta do nome do jogador).

O mesmo Jorge Benjor, notório flamenguista, surpreendeu duplamente ao compor *Troca-troca*, uma canção que homenageia um dirigente, e de um clube rival: o ex-presidente do Fluminense Francisco Horta.

Tabela 6 - Música: canção que homenageia um jogador

jogador	título	data	compositor	intérprete	trecho
Ademir da Guia	<i>Estrela guia</i>		Alberto Gino		
Ademir da Guia	<i>Obrigado, Divino</i>		Penna Filho		
Baltazar	<i>Gol de Baltazar</i>				
Canhoto	<i>Canhoto</i>		Fagner / Zeca Baleiro / Fausto Nilo / Celso Borges		
Fio	<i>Fio maravilha</i>	1972	Jorge Benjor	Maria Alcina / Simoninha	<i>e novamente ele chegou com inspiração / com muito amor com emoção / com explosão e gol! / ... / Fio maravilha / nós gostamos de você / Fio maravilha / faz mais um prá gente ver</i>
Garrincha	<i>A ginga do Mané</i>	1962	Jacob do Bandolim	Jacob do Bandolim / Yamandú Costa	(chorinho sem letra)
Garrincha	<i>Balada n. 7</i>	1971	Alberto Luiz	Moacyr Franco	<i>cadê você, cadê você? / você passou / o que era doce / e o que não era / se acabou / cadê você, cadê você? / você passou / no videotape do sonho / a história gravou</i>
Garrincha	<i>Mané Garrincha</i>	1959	Wilson Batista / Jorge de Castro		(marchinha)
Leônidas da Silva	<i>Diamante Negro</i>		David Nasser / Marino Pinto	Vocalistas tropicais	
Neto	<i>Neto (do Corinthians)</i>	1990	Tom Zé / Gereba	Tom Zé	<i>Neto, desperdício da nossa alegria / Neeeto / Neeeto / és tu rebeldia</i>
Pelé			Juca Chaves	Juca Chaves	<i>em quem votar eis a questão / em quem é, em quem é? / Bidu! pois tá na cara que é o Pelé / que usando o pé / fará deste Brasil um campeão</i>
Pelé					<i>todo mundo sambando / com a bola no pé / obrigado, Pelé / olé / obrigado, Pelé / olé / obrigado, Pelé</i>
Pelé	<i>Camisa 10</i>	1973	Luis Vagner / Hélio Matheus	Luís Américo	<i>é camisa 10 na seleção / ... / 10 é a camisa dele / quem é que vai no lugar dele?</i>
Pelé	<i>Coitadinho do Pelé</i>		Jorge Duarte		(marchinha)
Pelé	<i>Embaixadas de Pelé</i>			Iriê	<i>o Futebol é que nos traz alegria prá cada dia ter mais o que viver / ... / jogando bola, vivendo um mundo maior / essa bola é como a vida / distraída nas embaixadas de Pelé</i>
Pelé	<i>Esse amigo Pelé</i>		Ted Moreno / Maria Cleide	Wilson Miranda / Ângela Maria	<i>um menino chorando / uma copa na mão / essa imagem ficou para sempre / foi um grito de glória / o Brasil, a vitória / esse povo cantou de alegria</i>
Pelé	<i>Forró e gol</i>		Gereba / Guca Domenico		<i>forró e gol / cada um fez mais de mil / Pelé e Luiz Gonzaga / são os reis do meu Brasil</i>
Pelé	<i>Longa vida ao Rei</i>		Kléber Mazziero / Sócrates		<i>Pelé / muito mais do que Rei / é uma bandeira / Pelé / que foi Rei e será / a vida inteira</i>
Pelé	<i>Love, love, love</i>	1978	Caetano Veloso	Caetano Veloso	<i>pelo mundo inteiro eu chamo / essa chama que move / Pelé disse love, love, love</i>
Pelé	<i>Marchinha do Pelé</i>		Alvarenga e Ranchinho		(marchinha)
Pelé	<i>Obrigado, Pelé</i>	1971		Elis Regina / MPB4	
Pelé	<i>Pelé</i>		Amasfló Pasquim / Caçulinha		(chorinho)
Pelé	<i>Pelé</i>		Gordurinha		(baião)
Pelé	<i>Pelé</i>		Herbie Mann	Herbie Mann	(instrumental)
Pelé	<i>Pelé</i>	1975	Dizzie Gillespie	Dizzie Gillespie	(instrumental)
Pelé	<i>Pelé</i>	2000	Paulo Tatit / Zé Tatit	grupo Palavra Cantada	<i>você aí que diz que sabe tudo de bola / que é craque até em jogo de botão / o que eu vou te contar / não se aprende na escola / são coisas de uma outra dimensão / ele é ele é ele é / o menino Rei da bola, o Rei / Pelé / ele é ele é ele é / o Rei de toda a terra / que conquistou a coroa / pelo toque do seu pé</i>
Pelé	<i>Pelé e o brotinho</i>		João Chamo / Juraci Vieira		(marchinha)
Pelé	<i>Radamés y Pelé</i>		Tom Jobim	Yamandú Costa	(chorinho sem letra)
Pelé	<i>Rei do Futebol</i>		Wilson Batista / Jorge de Castro		(samba)
Pelé	<i>Rei Pelé</i>	1961	Wilson Batista / Castro / Luiz Wanderley		(chá-chá-chá)
Pelé	<i>Rei Pelé</i>	1974	Jackson do Pandeiro / Sebastião Batista		
Pelé	<i>Rei Pelé, rei Luiz</i>	1971	Reginaldo Santos / Durval Vieira	Jair Rodrigues	
Pelé	<i>Tributo ao Pelé</i>		Benedito Luiz / Christina Alves		
Pelé	<i>Tudo é magnífico</i>	1961	Haroldo Barbosa / Luís Reis	Elizeth Cardoso / Ângela Maria	<i>magnífica é a escola de bola / de um homem chamado Pelé</i>
Pelé / Garrincha	<i>Saci Pelé Pelé</i>	1962		Duca Belintani	

jogador	título	data	compositor	intérprete	trecho
Raí	<i>Raí</i>	1993	Carlinhos Vergueiro / J.Petrolino	Carlinhos Vergueiro	<i>o tempo não parou / nova geração / chegou / corre como Falcão / como seu irmão / Doutor</i>
Romário	<i>Romário</i>		Banda Mel	Pedro Camargo Mariano	<i>pega a bola, chuta / marca em cima faz um gol / vai que eu quero ver você fazer / Romário anjo torto / demônio do Futebol ... / Romário é rei, Romário é o menino / ele é o cão</i>
Ronaldo			Simoninha	Simoninha	<i>Fenômeno, Fenômeno, Fenômeno, fenomenal</i>
Ronaldo	<i>Eu sou Ronaldo</i>	2006	Marcelo D2	Marcelo D2	<i>sou Ronaldo / muito prazer em conhecer / eu sou fenômeno / Ronaldo Nazário dos campos / ... / Roooooonaldo é gol / Roooooonaldo é gol</i>
Ronaldo	<i>Fiel fenomenal</i>	2009	Ernesto Teixeira	Ernesto Teixeira	<i>é fenomenal / mais um astro de grandeza sem igual / voltei de cara nova eu tô aí / Ronaldo fez a rede sacudir</i>
Sócrates	<i>Sócrates</i>		Celso Viáfara	Celso Viáfara	
Sócrates	<i>Sócrates Brasileiro</i>	1988	José Miguel Wisnik	Ná Ozzetti	<i>Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira / deu um pique filosófico ao nosso futebol / o sol caiu sobre a grama e se partiu / em cacos de cristais</i>
Toninho Cerezzo	<i>Toninho Cerezzo</i>	1978	Pepeu Gomes	Pepeu Gomes	(instrumental)
Umbabaraúma	<i>Umbabaraúma</i>		Jorge Benjor	Paula Lima	<i>Umbabaraúma / homem-gol / joga bola, joga bola / jogado / ... / pula, cai, levanta, mete gol, falta, cabeceia, chuta e agradece / ... / a galera tá feliz, ela quer comemorar</i>
Zico	<i>Camisa 10 da Gávea</i>	1976	Jorge Benjor	Jorge Benjor	<i>é falta na entrada da área / adivinha quem vai bater / é o camisa 10 da Gávea</i>
Zico	<i>Galinho de briga</i>		Raimundo Fagner / Paulinho Tapajós	Fagner	
Zico	<i>Homenagem ao Galinho</i>		R.Oliveira / A.Dias / M.Rosa / F.Souza	Grupo Mania da Gente	<i>essa é nossa homenagem / ao Galinho de Quintino / com dribles desconcertantes / muitos gols contagiantes / a massa fez vibrar / na terra do sol nascente / como tudo é diferente / ele foi para ensinar</i>
Zico	<i>Saudades do Galinho</i>				
Zico	<i>Zico</i>	1999	Carlinhos Vergueiro	Carlinhos Vergueiro	<i>Flamengo sempre Flamengo / imperador no Japão / agora tem o seu próprio esquadrão / naturalmente que outros virão</i>

Tabela 7 - Música: canção que homenageia um dirigente

dirigente	título	data	compositor	intérprete	trecho
Francisco Horta (Fluminense)	<i>Troca-troca</i>	1976	Jorge Benjor	Jorge Benjor	<i>troca-troca, troca-troca / quero ver trocar / se não troca o homem troca / é melhor parar</i>
Paulo Machaddo de Carvalho (Seleção)	<i>O Marechal da Vitória</i>	1962	Alfredo Borba	Jair Rodrigues	<i>o Marechal da Vitória / foi ao Chile e fez história</i>
Vicente Matheus (Corinthians)					

### 4.2.3 Canções alusivas a um evento

Grandes vitórias ou conquistas futebolísticas têm sido inspiração para compositores. A sofrida vitória sobre o Uruguai (1x0 na prorrogação do jogo decisivo, gol de Friedenreich) na final do Campeonato Sul-Americano de 1919, disputada no campo do Fluminense, nas Laranjeiras, no Rio de Janeiro, deu ao Brasil o seu primeiro título internacional, e foi homenageada com o chorinho *1x0*, composto pelo grande instrumentista Pixinguinha e seu parceiro, o flautista Benedito Lacerda. Mais de 70 anos depois, em 1993, a canção ganhou letra de Nelson Ângelo, que fala de Futebol mas não faz referência ao jogo que a inspirou.

São as Copas do Mundo, no entanto, a maior fonte de canções, compostas para animar a torcida antes da disputa, criando um clima de expectativa pré-Copa que também favorece os interesses comerciais de um mercado tradicionalmente ligado ao evento (e que incentiva a produção desse tipo de música). A grande maioria delas acaba caindo no esquecimento, especialmente se o Brasil não se sagra campeão; neste caso, há certo sentimento de que a música trouxe má sorte ao time. Se, ao contrário, o Brasil se sai vencedor, a canção pode retornar com toda a força daí a 4 anos, eventualmente com alguma alteração na letra, adaptada à nova competição.

De todas as músicas desta categoria, sem dúvida a mais bem sucedida e conhecida é *Prá frente, Brasil*, de Miguel Gustavo, que “embalou” a torcida pelo tricampeonato, em 1970, no México, e permanece em evidência até hoje. Além de ter “dado sorte” ao nosso time, ela tem elementos em sua letra e música que a tornaram emblemática, e que viriam a se repetir nas canções que a sucederam: a idéia da “*corrente prá frente*”, de toda a nação junta, de mãos dadas, em busca da vitória. Essas idéias podem, até, ser acusadas de seguir a cartilha dos militares que, na época, estavam no poder no Brasil, mas, sem dúvida, funcionavam para aquilo a que se propunham.

Para a Copa do Mundo da Espanha, em 1982, o lateral Júnior gravou *Povo feliz* (mais conhecida como *Voa, canarinho*), cujo disco teve sua venda aumentada pela “sambadinha” que o jogador deu na comemoração do gol que marcou no jogo contra a Argentina. Maior sucesso ainda obteve o compositor Luiz Ayrão, com o empolgante *Meu canarinho*, apesar da dolorosa derrota da Seleção Brasileira para a Itália de Paolo Rossi.

Desde 1994, a canção *Coração verde-amarelo* tem sido intensamente utilizada pela *Rede Globo*, não só por ocasião das Copas, mas também nas chamadas e anúncios de transmissões de jogos, tornando-se uma espécie de “jingle” do Futebol pela emissora.

Por outro lado, outras canções foram compostas não antes, mas após uma Copa vencida pelo Brasil. A primeira vitória, em 1958, ficou marcada pela canção *A taça do mundo é nossa*, na voz do grupo de cegos “Titulares do ritmo”, e faz sucesso até hoje. Na opinião do autor deste trabalho, porém, a mais bela canção desta categoria é *Sou tricampeão*, em homenagem à vitória em 1970, que, injustamente, ficou no esquecimento.

Já a marchinha carnavalesca *Touradas em Madri*, originalmente composta para o Carnaval de 1938, foi aqui incluída porque, durante a partida Brasil 6x1 Espanha, na fase final da Copa do Mundo de 1950, foi entoada por todos os 200 mil torcedores presentes no estádio do Maracanã, com exceção de seu autor, Braguinha, que, tomado pela emoção, não conseguia conter as lágrimas.

Tabela 8 - Música: canção alusiva a um evento

evento	título	data	compositor	intérprete	trecho
Sul-Am. 1919	<i>1x0</i>	1919	Pixinguinha / Benedito Lacerda (Nelson Ângelo)	Pixinguinha / B.Lacerda (Isabel Padovani)	(chorinho sem letra)
excursão do Paulistano à Europa	<i>Os brasileiros</i>	1925	Oswaldo Cardoso Meneses / Silvío Pereira de Sá		<i>salve os heróis que tantas vitórias / ao nosso pavilhão ofertaram / cobertos todos de louros e glórias / com garbo as conquistaram / .. / provaram que eram mesmo de fato / do Futebol os reis / pois venceram seis</i>
Copa 1938, Copa 1998	<i>Paris</i>	1938	Alberto Ribeiro / Alcyr Pires Vermelho	Carmen Miranda / Elba Ramalho	<i>Paris, Paris, teu rio é o rio Sena / Paris, Paris, tens loiras mas não tens morenas / tens lindas mulheres / de olhos azuis / tu és a cidade luz / Paris, Paris, je t'aime / mas eu gosto muito mais do Leme</i>
Copa 1950	<i>Touradas em Madri</i>	1938	João de Barro / Alberto Ribeiro	Almirante / Carmen Miranda	<i>eu fui às touradas em Madri / pararatimum, bum, bum / pararatimum, bum, bum / e / quase não volto mais aqui / prá ver Peri / beijar Ceci</i>
Copa Roca	<i>Copa Roca</i>	1941	Zé do Norte	Moreira da Silva	(embolada)
Copa 1950	<i>Colosso do Maracanã</i>	1950	Rubens Peniche	Vagalumes do luar	(marcha)
Copa 1950	<i>Hino do scratch brasileiro</i>	1950	Lamartine Babo	Sylvio Caldas / Jorge Goulart	<i>eu sou brasileiro / tu és brasileiro / muita gente boa brasileira é / vamos torcer com fé / em nosso coração / vamos torcer para o Brasil ser campeão</i>
Copa 1950	<i>Marcha da torcida</i>	1950	Rubens Peniche	Vagalumes do luar	(marcha)
Copa 1950	<i>O Brasil há de ganhar</i>	1950	Ary Barroso	Linda Batista	<i>o Brasil há de ganhar, eh eh / para se glorificar, eh eh / bota a bola no gramado / palmas pro selecionado / que agora vai brilhar, eh eh</i>
Copa 1958		1958	Alfredo Borba		<i>verde, amarelo, cor de anil / são as cores do Brasil / vencemos o mundo inteiro / maior no Futebol é o brasileiro / salve a CBD / jogadores, diretores / salva a raça varonil / campeão do mundo, Brasil!</i>
Copa 1958	<i>A taça do mundo é nossa</i>	1958	Wagner Maugeri / Maugeri Sobrinho / Vitor Dagô / Lauro Müller	Titulares do Ritmo	<i>a taça do mundo é nossa / com brasileiro não há quem possa / eeta esquadrão de ouro / é bom no samba / é bom no couro / o brasileiro lá no estrangeiro / mostrou o Futebol como é que é / ganhou a taça do mundo / sambando com a bola no pé</i>
Copa 1958	<i>Escola de Feola</i>	1958	Luiz Queiroga	Os três boêmios	<i>Didi, Pelé, Vavá / bailaram lá na Europa / e a Copa vem prá cá / Gilmar, De Sordi e Bellini / famoso trio final / fizeram do meu Brasil / o campeão mundial / Zagallo, Zito, Garrincha / Nilton Santos e Orlando / são os campeões do mundo / que o Brasil está saudando</i>
Copa 1962	<i>Frevo do bi</i>	1962		Jackson do Pandeiro	<i>vocês vão ver como é / Didi, Garrincha e Pelé / dando o seu baile de bola</i>
Copa 1962	<i>Parabéns bicampeões</i>	1962	Archimedes Messina		
Copa 1970	<i>As feras do João</i>	1969	Henrique Almeida	Titulares do ritmo	<i>vai de Pelé prá Tostão / vai de Tostão prá Pelé / lá vai a bola rolando / de pé em pé / são as feras do Saldanha bailando / e a galera gritando olé olé!</i>
Copa 1970	<i>Guadalajara</i>	1970		Demônios da Garoa	
Copa 1970	<i>Prá frente Brasil</i>	1970	Miguel Gustavo	Coral do Joab	<i>90 milhões em ação / prá frente Brasil / no meu coração / ... / de repente é aquela corrente prá frente / parece que todo o Brasil deu a mão / todos ligados na mesma emoção / tudo é um só coração / todos juntos vamos / prá frente Brasil, Brasil / salve a Seleção</i>

evento	título	data	compositor	intérprete	trecho
Copa 1970	<i>Sou tricampeão</i>	1970	Marcos Valle / Paulo Sérgio Valle	Golden Boys	<i>eu hoje / igual a todo brasileiro / vou cantar o dia inteiro / por entre faixas e bandeiras coloridas / ... / afinal ganhei o mundo / sou tricampeão do mundo / sou tricampeão do mundo</i>
Copa 1974		1974		Os Incríveis	<i>cem milhões de corações / vibrando de uma só vez / é mais uma emoção / Brasil na Alemanha tetracampeão</i>
Copa 1978	<i>Corrente 78</i>	1978	Alberto Luiz / Amélia Meireles	Coral do Jacob	<i>corrente 78 / formamos na rede emoção / e quando o tango tocar / eu vou prá rua sambar / vamos nessa / minha gente / empurrando a Seleção</i>
Copa 1978	<i>Gooo! Brasil!</i>	1978	Paulo S. Valle / Maneco Lara / René / E.Souto	Os Incríveis / T. de Santa Cruz / Asa de Águia	<i>vamos dar as mãos e torcer juntos / na dividida ganha quem tem união / ... / vamos, Brasil / avante, Brasil / nosso grito é forte / goool! Brasil!</i>
Copa 1982	<i>Meu canarinho</i>	1982	Luiz Ayrão / S.Conceição	Luiz Ayrão	<i>quando rolar a bola / meu canarinho vai deixar a gaiola / vai para a Espanha de mala e viola / vai dar olé à espanhola / e rola e rola e rola essa bola</i>
Copa 1982	<i>Povo feliz (Voa, canarinho)</i>	1982	Nonô / Memeco	Júnior	<i>voa, canarinho, voa / mostra prá este povo que és o rei / voa, canarinho, voa / mostra na Espanha o que eu já sei</i>
Copa 1986	<i>70 neles</i>	1986	Antonio Gianullo / Vicente Salvia	Gal Costa	<i>vai começar de novo / é novamente um tempo de paixão / ... / o o o ô, o o o ô / um grito novo a torcida uniu / 70 neles outra vez Brasil</i>
Copa 1986	<i>Mexe coração</i>	1986	Michael Sullivan / Paulo Massadas	Turma da Seleção	<i>mexe mexe mexe coração / vamos que vamos que essa bola vai rolar / mexe mexe mexe coração / tanta emoção vai ser difícil segurar</i>
Copa 1990	<i>Papa essa, Brasil</i>	1990	Michael Sullivan / Paulo Massadas		
Copa 1994	<i>A história do nosso tetra</i>	1994	Jayme Bochner	coral A turma da alegria	
Copa 1994	<i>Bola prá frente</i>	1994	Alberto Luís / Marcos Baby Durães	Santa Cruz	<i>vitória, bola pra frente / explode o Brasil de emoção / a empolgação é geral / no rádio e televisão / canta o povo de alegria / seleção é Carnaval</i>
Copa 1994	<i>Coração verde-amarelo</i>	1994	Tavito / Aldir Blanc	Aerobanda / Paulo Henrique	<i>eu sei que vou / vou do jeito que eu sei / de gol em gol / com direito a replay / eu sei que vou / com o coração batendo a mil / é taça na raça / Brasil</i>
Copa 1998	<i>Apita logo, seu juiz</i>	1998	Alexandre Pires / Lourenço	Só prá contrariar	<i>termina o jogo, apita logo, seu juiz / que eu tô maluco prá gritar / é campeão / termina o jogo, apita logo, seu juiz / que esse caneco ninguém tira / tá na mão!</i>
Copa 1998	<i>Balé de bola</i>	1998	Gilberto Gil	Gilberto Gil	<i>a bola símbolo da perfeição / tem seu momento de consagração / quem lembrar Pelé ou Platini / sabe o que se comemora aqui / tantos que eu vi, tantos que eu não vi não / tantos têm aqui seu panteão</i>
Copa 1998	<i>Merci, Brésil</i>	1998	Marcelo Guimarães	Neguinho da Beija-Flor	<i>merci beaucoup / ó mon amour, au revoir / Brasil, Brasil / a galera vai vibrar / a Copa é um show / a emoção aumenta / vai lá Brasil e traz o penta</i>
Copa 1998	<i>Pagode da Seleção</i>	1998	Alceu de Cavaquinho / Júnior	Júnior	<i>não é mole não, não / não é mole, não / esse pagode que é tão gostoso / é o pagode da Seleção</i>
Camp.Paulista a 2000	<i>Campeonato da paz</i>	2000			<i>hoje eu vou extravazar / e vou te levar / nesta emoção / no Campeonato da paz / vou ligar o amor / no teu coração</i>
Copa 2002	<i>Brasil pentacampeão</i>	2002	Gereba / Assis Ângelo		<i>meu amor, meu amor / o Brasil ganhou / trouxe do Japão / a taça de campeão / ... / todo mundo cantando / viva a Seleção / o Brasil é penta / é pentacampeão</i>
Copa 2002	<i>Canarinho penta</i>	2002	Gereba / Guca Domênico		<i>o canarinho penta / soltou suas penas / colorindo os campos / nesse mundial / ... / Brasil pentacampeão / Brasil, Brasil!</i>
Copa 2002	<i>Em busca do penta</i>	2002	Edson Arantes do Nascimento	Pelé	<i>vai com coragem, Brasil / bola prá frente, Brasil / que agora a gente arrebenta / e vamos juntos, Brasil / bola na rede, Brasil / que a gente vai buscar o penta</i>
Copa 2006	<i>Balé de Berlim</i>	2006	Gilberto Gil	Gilberto Gil	<i>nossa seleção chega a Berlim / numa perna só / moleque saci / uma perna só jogando por tantos milhões / de corações de curumins / uma perna só pra tantos olhos e pulmões / tantos estômagos e rins / tantos fígados</i>
Copa 2006	<i>Hexacampeão</i>	2006	Duca Belintani	Duca Belintani	<i>vai lá que eu quero ver / você me fazer feliz</i>
Copa 2006	<i>Pedala, Brasil</i>	2006	Geraldo Nunes	Geraldo Nunes	<i>pedala, Brasil / pedala, Brasil / todo o país é pura emoção</i>
Copa 2006	<i>Quero mais uma estrela</i>	2006	Jairzinho Oliveira	Jairzinho Oliveira	<i>quero mais uma estrela no meu peito</i>

#### 4.2.4 Canções para o Futebol

Compostas sem a preocupação comercial das lançadas em época de Copas, as canções inspiradas no Futebol apresentam, em geral, qualidade superior de letra e música. Grandes compositores da Música Popular Brasileira são (ou foram) amantes do Futebol (alguns, até seus frequentes praticantes), e, embora nem todos tenham contribuído com muitas obras inspiradas no tema, podem ser citados: Wilson Batista, Ary Barroso, Antônio Maria, Chico Buarque de Holanda, Francis Hime, Jorge Benjor, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Moraes Moreira, João Bosco, Aldir Blanc, Paulinho Nogueira, Paulinho da Viola, Gonzaguinha, Toquinho, Carlinhos Vergueiro, Nando Reis e outros.

Note-se que os grandes movimentos da MPB parecem ter abordado o Futebol de maneiras diferentes. Com o samba carioca, por exemplo, houve um perfeito entendimento... tão perfeito que *Na cadência do samba*, um samba que faz a apologia do samba, acabou se tornando um ícone para o Futebol, ao ter uma versão instrumental utilizada como fundo musical do célebre *Canal 100*, noticiário que antecedia as sessões de cinema e que apresentava os melhores lances do principal jogo da semana. Com a letra alterada, essa canção ainda é executada durante as narrações de jogos por algumas emissoras de rádio. A interessante *Replay*, mais conhecida como *O meu time é a alegria da cidade*, é outra muito utilizada, especialmente como fundo musical da narração de um gol. Um autêntico representante do samba, Neguinho da Beija-Flor, tem sua *O campeão, meu time* cantada por todas as torcidas, que incluem o nome de seu time na letra.

Já a Bossa Nova, em sua fase inicial, praticamente ignorou o Futebol, talvez porque os ruídos emanados por um estádio lotado não combinassem com a sutileza do banquinho e do violão. Os pioneiros do movimento estavam mais engajados em esportes mais contemplativos, de maior contacto com a natureza, como a pesca submarina. Seus “herdeiros” musicais, porém, são fãs e praticantes do Futebol — casos notórios de Chico Buarque de Holanda, Toquinho e Carlinhos Vergueiro —, e produziram belíssimas canções sobre ele.

Chico Buarque merece um destaque especial. Sua paixão pelo Futebol foi muito bem retratada num vídeo-disco recentemente lançado. A canção que mais bem expressa essa paixão é a emblemática *O Futebol*, na qual o compositor escala, com muita poesia, o ataque de seus sonhos, formado pelos seus ídolos Garrincha, Didi, Pagão, Pelé e Canhotoiro.

O Tropicalismo também não ficou indiferente ao Futebol, com canções em sua homenagem feitas pelos Novos Baianos (Moraes Moreira, Galvão, Pepeu Gomes e Baby Consuelo) e por Gilberto Gil, o ex-Ministro da Cultura, compositor de *Meio de campo*, em que há uma citação a Afonsinho, jogador dos anos 70 que se destacou por sua postura de reivindicação pelos direitos dos atletas.

A Jovem Guarda tinha preferência por carrões e alta velocidade, e não deu muita atenção ao Futebol. Alguns representantes da nova geração da MPB, ao contrário, não escondem sua paixão pelo esporte, caso de Gabriel, o Pensador, de Nando Reis (ex-Titãs) e dos garotos do Skank. É justamente de Nando Reis e de Samuel Rosa (vocalista do Skank) a melhor representante das canções contemporâneas inspiradas no Futebol: a vibrante *É uma partida de Futebol*, que invariavelmente empolga a “galera”, quando executada.

Tabela 9 - Música: canção para o Futebol

título	data	compositor	intérprete	trecho
<i>Azar do goleiro</i>		Nenê da Timba / Júnior / Chiquinho	grupo Cravo e Canela	<i>dá mole não / o jogo é de responsa / na marcação / ... / e se deixar o nosso ataque costurar / coitado do goleiro</i>
<i>E por falar em Pelé</i>		Gonzaguinha	Gonzaguinha	<i>craque mesmo é o povo brasileiro / corre em campo, se esforça o tempo inteiro / vira pra ponta e centra e cabeceia / e ele mesmo é o goleiro que escanteia / ... / na redonda ele se atira qual leão / tá pensando que é um prato cheio de feijão / e não é não</i>
<i>Fazendo música, jogando bola</i>		Pepeu Gomes	Pepeu Gomes	<i>foi vivendo dessa maneira / fazendo música / jogando bola / que aprendi a brincadeira / fazendo música / jogando bola</i>
<i>Geraldinos e Arquibaldos</i>		Gonzaguinha	Gonzaguinha	<i>oi com a cabeça dá / você me diz que esse goleiro / é titular da seleção / só vou saber mas é quando eu chutar</i>
<i>Hugo</i>		Evandro Mesquita	Blitz	<i>levou cartão vermelho / agora é tarde demais / foi cedo pro chuveiro / agora é tarde demais</i>
<i>La vai pitomba</i>		Luiz Gonzaga / Onildo de Almeida	Luiz Gonzaga	<i>de pé em pé / a bola no gramado / vai de lado a lado / e lá vai pitomba / ... / bota a bola no meio de campo / meu time vai fazer mais um goool</i>
<i>O campeão, meu time</i>		Neguinho da Beija-Flor	Neguinho da Beija-Flor	<i>domingo / eu vou ao Maracanã / vou torcer pro time que sou fã / vou levar foguetes e bandeiras / não vai ser de brincadeira / ele vai ser campeão / ... / e o nome dele / são vocês que vão dizer / ô ô ô</i>
<i>Ripa na xulipa</i>		Edgard Poças / Paul Mounsey	Jairzinho & Simony	<i>céu azul anil / república do sol / do mar a mil / país do Futebol / é gol é gol / é ripa na xulipa / meu Brasil / ... / faz que vai e vai / Garrincha meu país / Caetano, Gil / é som é Tom Jobim / é bom assim</i>
<i>Sonho de menino</i>		R.Arias / C.Cola	Evandro Mesquita	<i>gol / toda a galera gritou meu nome / gol / meu sonho se realizou</i>
<i>E o juiz apitou</i>	1942	Wilson Batista / Antônio Almeida	Vassourinha / Chico Buarque	<i>Nandinho passa a Zizinho / Zizinho serve a Pirilo / que preparou prá chutar / aí o juiz apitou / o tempo regulamentar / que azar!</i>
<i>Boteco do José</i>	1946	Wilson Batista	Linda Batista	<i>vamos lá que hoje é de graça / no boteco do José / entra homem, entra menino / entra velho, entra mulher / é só dizer que é vascaíno / e que é amigo do Lele</i>
<i>1x1</i>	1955	Edgar Ferreira	Jackson do Pandeiro	<i>esse jogo não é 1x1 / se o meu time perder tem zum-zum-zum</i>
<i>Na cadência do samba</i>	1956	Luiz Bandeira	Elizeth Cardoso / Daniela Mercury / Waldir Calmon (instrumental)	<i>que bonito é / ver um samba no terreiro / assistir a um batuqueiro / numa roda improvisar (que bonito é / as bandeiras tremulando / a torcida delirando / vendo a rede balançar)</i>
<i>Deixa o menino brincar</i>	1965	Jorge Benjor	Jorge Benjor	<i>menino que antes de ir para a escola / joga bola / põe a pipa no ar / deixa o menino brincar</i>

título	data	compositor	intérprete	trecho
<i>Beto bom de bola</i>	1967	Sérgio Ricardo	Sérgio Ricardo	<i>quando vem a madrugada / Beto bate bola / Beto é o bom da molecada / e vai fazendo escola / ... / é, é, é ou não é? / Brasil bicampeão! / ... / é, é, é ou não é? / Bebeto bom de bola</i>
<i>Time perna de pau</i>	1968	Vicente Amar	Elias de Lima	<i>assim nosso time de Futebol vai mal / nossos jogador são tudo perna de pau</i>
<i>Aqui é o país do Futebol</i>	1969	Milton Nascimento / Fernando Brant	Milton Nascimento / Wilson Simonal / Daúde	<i>Brasil está vazio na tarde de domingo, né? / olha o sambão / aqui é o país do Futebol</i>
<i>O jogo é hoje</i>	1969	Paulinho Nogueira	Paulinho Nogueira	<i>o jogo é hoje / ah nosso time não pode perder / se não puder na bola / não dá bola / entra de sola / que a torcida não quer nem saber</i>
<i>Goleiro</i>	1973	Luís Vagner / Hélio Matheus	Luís Américo	
<i>Massagem</i>	1973	Bedeu / Alexandre	Bebeto / grupo K-Sambão	<i>você não joga nada e quer massagem / você só pega a bola e faz bobagem / você só quer jogar / com a camisa 10</i>
<i>Meio de campo</i>	1973	Gilberto Gil	Gilberto Gil	<i>meu caro amigo Afonsinho / eu continuo aqui mesmo / ... / que a perfeição é uma meta / defendida pelo goleiro / que joga na seleção / e eu não sou Pelé nem nada / se muito for, eu sou Tostão / fazer um gol nessa partida não é fácil, meu irmão</i>
<i>Replay (O meu time é a alegria da cidade)</i>	1973	Jon Lemos / Roberto Correa	Trio Esperança / Rappin Hood	<i>é gol / que felicidade / é gol / o meu time é alegria da cidade</i>
<i>Só se não for brasileiro nesta hora</i>	1973	Moraes Moreira / Galvão	Novos Baianos	<i>desde lá, quando me furaram a primeira bola no meio da rua / na minha terra quer dizer / Juazeiro onde se dá ao mesmo tempo Ituaçu</i>
<i>Gol anulado</i>	1975	João Bosco / Aldir Blanc	João Bosco	<i>quando você gritou Mengo / no segundo gol do Zico / tirei sem pensar o cinto / e bati até cansar / três anos vivendo juntos / e eu sempre disse contente / minha preta é uma rainha / porque não teme o batente / se garante na cozinha / e ainda é Vasco doente</i>
<i>Zagueiro</i>	1975	Jorge Benjor	Jorge Benjor / Max de Castro	<i>olha aí, arrepia, zagueiro / zagueiro / limpa a área, zagueiro / zagueiro / chuta essa bola, zagueiro / zagueiro / sai jogando, zagueiro / zagueiro</i>
<i>Camisa molhada</i>	1976	Toquinho / Carlinhos Vergueiro	Carlinhos Vergueiro	<i>fique de olho no apito / que o jogo é na raça / e uma luta se ganha no grito / e se o juiz apelar / não deixe barato / ele é igual a você / e não pode roubar</i>
<i>Cadê o pênalty?</i>	1978	Jorge Benjor	Jorge Benjor / Skank	<i>penalty! / cadê o penalty / que não deram pra gente no primeiro tempo? / vencer era uma necessidade / um privilégio fazer planos e classificar, / sonhar, jogar, decidir e ganhar / depois de festejar / se banhar num mar de rosas</i>
<i>Futebol de bar</i>	1978	César Camargo Mariano	César Camargo Mariano	(instrumental)
<i>Se meu time não fosse campeão</i>	1978	Gonzaguinha	Ruy(ex-MPB4)	
<i>Rola bola</i>	1979	Thomas Roth / Luís Guedes	Emílio Santiago	
<i>1x1</i>	1981	Toquinho / Cacaso	Toquinho	<i>que sururu, ê / que fuzuê, ê / se tem trapaça eu entro de graça e pago prá ver / que bafafá, ê / que zum-zum-zum, ê / ganhei no grito / em cima do apito / ficou 1x1</i>
<i>A bola</i>	1982	Toquinho / Mutinho	Moraes Moreira	<i>pulo, pulo, pulo / vou de pé em pé / a chuteira do menino / na vidraça da mulher / ... / joguei com Nilton Santos / com Garrincha e com Pelé / ... / joguei com Rivelino / com Tostão e Jairzinho / ... / hoje joga com o Sócrates / o Zico e o Falcão</i>
<i>Sangue suingue cintura</i>	1982	Moraes Moreira	Moraes Moreira	<i>o rei aqui é Pelé / na terra do Futebol / olé é bola no pé / redonda assim como o sol / seja no Maracanã / ou num gramado espanhol</i>
<i>O Futebol</i>	1989	Chico Buarque de Holanda	Chico Buarque de Holanda	<i>para estufar esse filó / como eu sonhei / só / se eu fosse o Rei / ... / para Mané / para Didi / para Pagão / para Pelé / e Canhotoiro</i>
<i>Goleiro (eu vou lhe avisar)</i>	1993	Jorge Benjor	Gal Costa	<i>eu vou lhe avisar / goleiro não pode falhar / não pode ficar com fome / na hora de jogar / senão, um frango aqui, um frango ali, / um frango acolá</i>
<i>É uma partida de Futebol</i>	1997	Nando Reis / Samuel Rosa	Skank	<i>bola na trave não altera o placar / bola na área sem ninguém prá cabecear / bola na rede prá fazer o gol / quem não sonhou em ser um jogador de Futebol? / ... / que coisa linda é uma partida de Futebol!</i>
<i>Eu já fiz promessa</i>	1997	Martinho da Vila	Martinho da Vila	<i>é de alegria que se vai chorar / o futebol é nossa paixão / bem como Deus quer</i>
(diversos)	1997/2000	(diversos)	(diversos)	18 rocks incluídos num CD comemorativo do 5o. aniversário do programa Tá na área, da SporTV
<i>Brazuca</i>	1998	Gabriel, o Pensador	Gabriel, o Pensador	<i>Futebol não se aprende na escola / no país do Futebol, o sol nasce para todos / mas só brilha para poucos / e brilhou na janela do barraco</i>
<i>No meio da área</i>	1998	Zé Geraldo	Zé Geraldo	<i>não interessa quem chutou / bola rolando no meio da área / malandro, é o quê? / é gol</i>
<i>Bola</i>	1999	Fernanda Porto	Fernanda Porto	<i>passa a bola, não firula não finta / não vê que eu tô aqui parado debaixo do gol / eta mania de jogar pra torcida / bola na rede é a língua do futebol</i>
<i>Aquele gol</i>	2000	Simoninha / Bernardo Vilhena	Pedro Mariano	<i>eu nasci para ser o primeiro artilheiro e campeão / ... / foi por causa de você / que eu fiz aquele gol / foi por causa de você / que a rede balançou</i>
<i>Futebol</i>	2002	Naná Vasconcelos	Naná Vasconcelos	<i>não deixe o Futebol perder a dança / nem perca esse sorriso de criança / não deixe o Futebol perder</i>
<i>Futebol paz e amor</i>	2004	Iton Saba	Gilberto Gouveia	<i>eu quero gol / eu quero gol / eu quero gol gol gol gol / futebol paz e amor</i>
<i>Orgulho da seleção</i>	2004	Iton Saba	Gilberto Gouveia	<i>é gol, é gol, Brasil / é gol, é gol, sou brasileiro / 170 milhões vibrando</i>
<i>O Futebol no inferno</i>	2005	José Soares	Caju e Castanha	<i>Jesus queira me livrar / de esporte ou de terno / não me deixe ir pro inferno / assistir um jogo lá / Deus me livre d'eu ir lá</i>
<i>Final de copa</i>	2006	William Magalhães		<i>final de copa do mundo no Maracanã / é esse o desespero que você me dá / ... / venha, veja, vença / leve esse troféu</i>

título	data	compositor	intérprete	trecho
<i>Mete gol</i>	2006	Jorge Benjor	Jorge Benjor	<i>gol, gol, gol / mete gol mete gol mete gol / pega bola, beija bola, rola bola / chuta bola, joga bola, mete gol</i>

#### 4.2.5 Canções com rápidas citações ao Futebol

Finalmente, esta última categoria inclui canções cujo tema não é exatamente o Futebol, mas que fazem a ele alguma referência, mesmo que rápida. São canções que, em geral, falam do cotidiano, de amor, de saudades dos bons tempos, das boas coisas do Brasil, mostrando que, mesmo em momentos de ternura e poesia, pode-se lembrar do Futebol.

Os destaques desta categoria vão para: *Conversa de botequim*, em que o grande Noel Rosa, de quem se dizia não gostar de Futebol, pede ao garçom que pergunte ao freguês do lado o resultado do último jogo; *País tropical*, do flamenguista Jorge Benjor, grande sucesso de Wilson Simonal, e que, na voz de Daniela Mercury, foi incluída no disco oficial da Copa do Mundo da França, em 1998; e *Falando de amor*, do maestro Tom Jobim, que, naqueles que talvez sejam os mais belos versos de todos os apresentados neste trabalho, confessa que só mesmo a beleza de uma mulher para fazê-lo esquecer-se do Futebol (embora Chico Buarque, com ironia, afirme que Tom Jobim não era de se lembrar mesmo do esporte, tendo-o citado apenas por causa da rima).

Tabela 10 - Música: canção com rápidas citações ao Futebol

título	data	compositor	intérprete	trecho
<i>A luz de Tieta</i>		Caetano Veloso	Caetano Veloso / Gal Costa / Timbalada	<i>é domingo, é fevereiro / é sete de setembro / Futebol e carnaval</i>
<i>Aprendendo a jogar</i>		Guilherme Arantes	Elis Regina / Trovadores Urbanos	<i>vivendo e aprendendo a jogar / vivendo e aprendendo a jogar / nem sempre ganhando / nem sempre perdendo / mas aprendendo a jogar</i>
<i>Biscate</i>		Chico Buarque	Chico Buarque	<i>quieta que eu quero ouvir / Flamengo e River Plate</i>
<i>Bola de meia, bola de gude</i>		Milton Nascimento / Fernando Brant	Milton Nascimento	<i>bola de meia, bola de gude / o solidário não quer solidão / toda vez que a tristeza me alcança / o menino me dá a mão</i>
<i>Bom tempo</i>		Chico Buarque	Chico Buarque	<i>vou satisfeito / a alegria batendo no peito / o radinho contando direito / a vitória do meu Tricolor</i>
<i>Daquele amor nem me fale</i>		João Donato / Martinho da Vila	João Donato	<i>podemos falar de Futebol / divagar sobre a temperatura / comentar os problemas do Irã / ou o tiro que levou o Reagan</i>
<i>Eu sou paulista</i>		Clébi Nóri	Clébi Nóri	<i>carnaval nos Gaviões</i>
<i>Falar é fácil, difícil é fazer</i>		Silvio César		???
<i>Nega manhosa</i>		Herivelto Martins	Nelson Gonçalves / Zeca Pagodinho / Chico Buarque	<i>eu preciso do troco / no domingo tem jogo / no Maracanã</i>
<i>O dono da bola</i>		Roberto Carlos / Erasmo Carlos	Erasmo Carlos	<i>uhm... muito prazer / bem alegre eu sou / sou o dono da bola / e sem amor eu estou</i>
<i>Reconvexo</i>		Caetano Veloso	Caetano Veloso / Maria Bethânia	<i>quem não amou a elegância sutil de Bobô?</i>
<i>Sabia</i>		Arnaldo Antunes	Adriana Calcanhoto	<i>Pelé (???)</i>
<i>Tradição</i>		Gilberto Gil	Gilberto Gil	<i>no tempo que Lessa era goleiro do Bahia / um goleiro, uma garantia</i>
<i>Conversa de botequim</i>	1935	Noel Rosa / Vadico	Noel Rosa / Martinho da Vila / Doris Monteiro / Chico Buarque	<i>vá perguntar ao seu freguês do lado / qual foi o resultado do Futebol</i>
<i>Tarzan, o filho do alfaiate</i>	1936	Noel Rosa / Vadico	Francisco Alves / Pedro Mariano	<i>quem foi que disse / que eu era forte / nunca pratiquei esporte / nem conheço Futebol</i>
<i>Deixa falar</i>	1938	Nelson Petersen	Carmen Miranda	<i>este samba tem Flamengo / tem São Paulo e São Cristóvão / tem pimenta e vatapá / Fluminense e Botafogo / já têm seu lugar</i>
<i>Zé Marmita</i>	1950	Luiz Antônio / Brasinha	Marlene	<i>e o Zé Marmita, barriga cheia / esquece a vida num bate-bola de meia</i>
<i>Meus tempos de criança</i>	1956	Ataulfo Alves	Ataulfo Alves	<i>eu igual a toda menina / quanta travessura eu fazia / jogo de botões sobre a calçada / eu era feliz e não sabia</i>
<i>Siri jogando bola</i>	1956	Luiz Gonzaga / Zé Dantas	Luiz Gonzaga	<i>eu vi dois siri jogando bola / lá no mar / vi dois siri bola jogar</i>
<i>Tudo é magnífico</i>	1961	Haroldo Barbosa / Luiz Reis	Elizeth Cardoso	<i>magnífica é a escola de bola / de um homem chamado / Pelé</i>
<i>Não é papo prá mim</i>	1965	Roberto Carlos / Erasmo Carlos	Roberto Carlos	<i>se em festa de família / o assunto é casamento / eu finjo que não ouço / essa escola eu não frequento / eu mudo de assunto / falo até de Futebol / pois casamento, enfim / não é papo prá mim</i>
<i>Com açúcar, com afeto</i>	1967	Chico Buarque de Holanda	Jane Moraes / Nara Leão	<i>sei que alguém vai sentar junto / você vai puxar assunto / discutindo Futebol / e ficar olhando as saias / de quem vive pelas praias / coloridas pelo sol</i>
<i>Aquele abraço</i>	1969	Gilberto Gil	Gilberto Gil	<i>alô torcida do Flamengo / aquele abraço</i>
<i>País tropical</i>	1969	Jorge Benjor	Jorge Benjor / Wilson Simonal / Daniela Mercury	<i>sou Flamengo / ... / eu sou Flamengo / e não desfaço de ninguém / mas em 5 brasileiros / 6 fãs o Flamengo tem</i>

título	data	compositor	intérprete	trecho
<i>Charlie Brown</i>	1971	Benito di Paula	Benito di Paula	<i>se você quiser / vou lhe mostrar / torcida do Flamengo / coisa igual não tem</i>
<i>Cotidiano n.2</i>	1973	Toquinho / Vinicius de Moraes	Toquinho / Vinicius de Moraes	<i>"hay días que no sé lo que me pasa" / eu abro meu Neruda e apago o sol / misturo poesia com cachaça / e acabo discutindo Futebol / ... / depois faço a loteca com a patroa / quem sabe nosso dia vai chegar? / e rio porque rico ri à toa / também não custa nada imaginar</i>
<i>Abra o olho</i>	1974	Gilberto Gil	Gilberto Gil	<i>viva Pelé do pé preto / viva Zagallo da cabeça branca</i>
<i>De frente pro crime</i>	1975	João Bosco / Aldir Blanc	João Bosco	<i>ta lá o corpo estendido no chão / em vez de rosto uma foto de um gol / ... / sem pressa foi cada um pro seu lado / pensando numa mulher ou num time</i>
<i>Incompatibilidade de gênios</i>	1976	João Bosco / Aldir Blanc	João Bosco	<i>Dotô / jogava o Flamengo, eu queria escutar / chegou, mudou de estação, começou a cantar</i>
<i>Meu caro amigo</i>	1976	Chico Buarque / Francis Hime	Chico Buarque / Francis Hime	<i>aqui na terra 'tão jogando Futebol / tem muito samba, muito choro e rock'n'roll</i>
<i>Até o fim</i>	1978	Chico Buarque	Chico Buarque	<i>não sou ladrão / eu não sou bom de bola / não posso ouvir clarim</i>
<i>Pivete</i>	1978	Chico Buarque / Francis Hime	Chico Buarque / Francis Hime	<i>e tem as pernas tortas / e se chama Mané</i>
<i>Doze anos</i>	1979	Chico Buarque	Chico Buarque	<i>ai que saudades que eu tenho / dos meus doze anos / ... / fazendo grandes planos / e chutando lata / ... / jogando muito botão / ... / ai que saudades que eu tenho / duma travessura / um Futebol de rua</i>
<i>Falando de amor</i>	1979	Tom Jobim	Tom Jobim / Miúcha / Gal Costa	<i>quando passas tão bonita / nessa rua banhada de sol / minha alma segue aflita / e eu me esqueço até do Futebol</i>
<i>Bola dividida</i>	1980	Luís Ayrão	Luís Ayrão	<i>será que essa gente percebeu / que essa morena desse amigo meu / tá me dando bola tão descontraída? / só que eu não entro em bola dividida</i>
<i>E se...</i>	1980	Chico Buarque / Francis Hime	Francis Hime	<i>e se o Botafogo for campeão / e se o meu dinheiro não faltar / ... / e se o Arapiraca for campeão / e se à meia-noite o sol raiar</i>
<i>Asa Branca, um sonho brasileiro</i>	1981	Inácio Zatz	Rubinho	<i>voa Asa Branca / nesse céu azul de anil / faz o gol mais lindo do Brasil</i>
<i>Deu prá ti</i>	1981	Kleyton e Kledir Ramil	Kleyton e Kledir Ramil	<i>que saudade da redenção / do Fogaça e do Falcão / cobertor de orelha pro frio / e a galera do Beira Rio</i>
<i>Pelas tabelas</i>	1984	Chico Buarque	Chico Buarque	<i>a cabeça de um homem que olhava as favelas / minha cabeça rolando no Maracanã / quando vi a galera aplaudindo de pé as tabelas / eu jurei que era ela que vinha chegando</i>
<i>Bola no pé</i>	1985	Fagner / Fausto Nilo	Fagner	<i>no Futebol / quem não fez levou / no carnaval / quem sambou, sambou / no coração / qualquer coisa boa.</i>
<i>Boa noite</i>	1992	Djavan	Djavan	<i>meu coração em paz se abalou / inda bem que eu sou Flamengo / algo me diz em rubro-negro / que o sofrimento leva além</i>
<i>Se...</i>	1992	Djavan	Djavan	<i>insiste em 0x0 / e eu quero 1x1</i>
<i>Eu quero ver gol</i>	1996		O Rappa	<i>porque eu quero ver gol / eu quero ver gol / não precisa ser de placa / eu quero ver gol</i>
<i>Monalisa</i>	1999	Carlinhos Vergueiro / Paulo César Feital	Carlinhos Vergueiro	<i>eu sou do tempo das gerais / eu vi jogar Pelé-Coutinho / que bom era um Fla-Flu / ou um Corinthians e Palmeiras</i>
<i>Eu fico assim sem você</i>	2002	Abdullah / Cacá Moraes	Claudinho e Buchecha / Adriana Calcanhoto	<i>Futebol sem bola / Piu-Piu sem Frajola / sou eu assim sem você</i>
<i>Agamamou</i>	2005	Leandro Leart	Art Popular	<i>e a torcida do Corinthians / e Flamengo tá também / tá querendo balançar</i>
<i>Extravasa</i>	2007	Cláudia Leite / Casulo	Babado Novo / Cláudia Leite	<i>tem que ter / bola na rede prá dizer que é gol / ... / extravasa / libera e joga tudo pro ar</i>

Tabela 11 - Música: canção a ser classificada

título	data	compositor	intérprete
<i>A bola do Maracanã</i>		Gracia / Chavito	
<i>A fera de ouro</i>	1970	Lourival Ramos / Moreira da Silva	
<i>A grande decisão</i>		Ayrton Mugnaini Jr.	
<i>Bola prá frente</i>	1969	Tom Zé	
<i>Bom de bola</i>		Teixeirinha	Teixeirinha
<i>Bota fé que dá pé</i>		Luiz Campos / Aécio Flávio	
<i>Brasil arrebenta a boca do balão</i>		Geraldo de Paiva	
<i>Brasil bola na rede</i>		Bebeto di São João / Wilson Sarava / Coco	
<i>Brasil campeão do mundo</i>		Nelson Ferreira / Aldemar Paiva	
<i>Brasil na Copa</i>		Fernando Sanxo / Marcílio Meirelles	
<i>Brasil olé</i>		Lauro Miller	
<i>Brasil tradição esportiva</i>		Mário Albanese	
<i>Campeão do mundo</i>		João de Barro	Joel de Almeida
<i>Capoeira (?)</i>	2006		Daniela Mercury
<i>Castigou legal</i>		Newton Ramalho / N. Vanderlei	Os Cariocas
<i>Centroavante de bigode</i>		Jorge Melo / Gentil Néri / David Menezes	
<i>Copa do Mundo</i>		Aldair Louro / Linda Rodrigues	
<i>Dá olé Brasil</i>		João Roberto Kelly / Léo Romano / Pedrinho / Douglas	
<i>Doutor em Futebol</i>		Waldemar Pujol / Moacir Bernardino	
<i>É disso que o povo gosta</i>		Carlinhos Vergueiro	
<i>Frevo 90</i>		Paulo Debétio / Paulinho Rezende	
<i>Frevo do cartola</i>		Cláudio Fontana	

título	data	compositor	intérprete
<i>Futebol</i>		Naná Vasconcelos	
<i>Futebol</i>		Oswaldo Vecchione	
<i>Futebol da bicharada</i>		Raul Torres	
<i>Futebol na roça</i>		Manezinho Araújo	
<i>Futebol no inferno</i>		José Antônio	
<i>Hino dos campeões mundiais</i>		Altamiro Carrilho / Décio Guaglione	
<i>Marcha da vitória</i>		H.Nazareth / Mirabeau / Jorge Gonçalves	Virgínia Lane
<i>Marcha dos futebolistas</i>		Franceschini	
<i>Maria espingardinha</i>		J.Costa / Zé Glória	Germano Mathias
<i>Menino prodígio</i>		S.Ramos	Ary Lobo
<i>Onze coalhada</i>		Artúlio Reis	
<i>Onze gigantes</i>		Vicente Paiva	Vicente Paiva
<i>Rap da Copa</i>		Guto Laureano / Adilson Ribeiro / Celso Santana	
<i>Rola a bola</i>		Almir Araújo / Carlinhos de Pilares	
<i>Salve a Seleção</i>		Toninho Geraes / Naval Império	
<i>São Paulo de toda gente</i>		Jarbas Mariz / Assis Ângelo	Jarbas Mariz
<i>Seleção 94</i>		Maurinho da Mazzei	
<i>Seleção colorida</i>		Gininha / Val	
<i>Só vou de mulher</i>		Haroldo Barbosa / Luiz Reis	Ivon Cury
<i>Tem violência demais no Futebol atual</i>		Joseval Viana / Lúcio da Silva	
<i>Vai dar Brasil</i>		Nei Lopes / Edson	
<i>Vibrando com a Seleção</i>		Genaro / R.Rossini	

#### 4.2.6 Jogadores que gravaram discos

Como curiosidade, é apresentada uma lista de jogadores brasileiros, ou que atuaram no Brasil, que se aventuraram pelo mundo da música. O destaque vai para o “Rei” Pelé, que desde os seus primeiros tempos no Santos costumava tocar violão nas concentrações, antes dos jogos. Além de cantar, Pelé também compõe, e se orgulha de ter tido canções suas gravadas por Elis Regina, Jair Rodrigues, Moacyr Franco, Wando e outros.

Tabela 12 - Música: jogador que gravou disco (ou faixa)

jogador	título	observação
Ancheta	(boleros e tangos argentinos e uruguaios)	zagueiro uruguaio do Grêmio, anos 70
Edmundo	<i>Hino do Palmeiras</i>	atacante do Palmeiras
Figueroa	(diversos)	zagueiro chileno do Internacional, anos 70
Júnior	<i>Pagode da Seleção</i>	co-autor; Copa 98
Júnior	<i>Povo feliz (Voa, canarinho)</i>	Copa 82
Marcos	<i>Hino do Palmeiras</i>	goleiro do Palmeiras
Nilo	<i>Massagem</i>	lateral do Coritiba; ritmista do grupo K-Sambão
Nunes	(diversos)	atacante do Flamengo
Pelé	(canção Gospel)	com Assíria (sua esposa)
Pelé	<i>Canção de Natal</i>	(disco encartado em edição especial da revista <i>Manchete</i> )
Pelé	<i>Cidade grande (Abre a porteira)</i>	autor; com Jair Rodrigues
Pelé	<i>Em busca do penta</i>	autor; Copa 2002
Pelé	<i>O mundo é uma bola</i>	autor; com Sérgio Mendes
Pelé	<i>Pelé agradece</i>	autor; com Moacyr Franco
Pelé	<i>Perdão não tem</i>	autor; com Elis Regina
Pelé	<i>Preconceito</i>	com Chico Buarque
Pelé	<i>Vexação</i>	autor, com Elis Regina
Ronaldo	(rocks diversos)	goleiro do Corinthians, anos 90; com banda
Sócrates	<i>Corinthians do meu coração</i>	com Toquinho
Sócrates	<i>Peguei um ita no norte</i>	Sócrates é natural de Belém-PA
Tevez	(cumbias diversas)	atacante do Corinthians, anos 2000
Tite	(bossa-nova, sambas diversos)	atacante do Santos, anos 50 (disco <i>O crack cantor</i> )
Valdívia	<i>Hino do Palmeiras</i>	meio-campo do Palmeiras
Zico	(diversos)	craque do Flamengo

Tabela 13 - Música: composição de Pelé

título	data	observação
(homenagem ao Guarujá)		(a ser lançada)
ABC		gravação solo
<i>Cidade grande (Abre a porteira)</i>	1981	gravação com Jair Rodrigues
<i>Em busca do penta</i>	2002	gravação solo
<i>Eu sou assim</i>		gravação de Ney Matogrosso
<i>O mundo é uma bola</i>		gravação com Sérgio Mendes

título	data	observação
<i>O palco do amor</i>		gravação de Wando
<i>Pelé agradece</i>	1972	gravação com Moacyr Franco
<i>Perdão não tem</i>	1969	gravação com Elis Regina
<i>Vexação</i>	1969	gravação com Elis Regina

### 4.3 a Literatura

Provavelmente, o primeiro livro sobre Futebol que apareceu no Brasil foi aquele que estava na bagagem de Charles Miller, quando ele aqui chegou, de volta da Inglaterra, depois de 10 anos estudando por lá. Esse livro, com as regras do esporte que ele aprendera, em sua escola, havia sido comprado numa loja de esportes de Southampton.<sup>74</sup>

As regras do livro ainda não eram as definitivas: o Futebol mal tinha completado 30 anos! Mas, mesmo depois de sua volta, Charles Miller manteve correspondência com seus ex-colegas e, em 1904, recebeu pelo correio outro livro, com as regras atualizadas, que traduziu e ofereceu a Mário Cardim, primeiro cronista esportivo do jornal *O Estado de S. Paulo*, que as publicou. Antes, em 1902, esse mesmo jornalista já havia publicado o *Guia Esportivo*, compêndio de obras inglesas sobre Futebol. A partir de então, e por muitos anos, Mário Cardim ficou sendo o responsável pela publicação das novidades técnicas e das alterações das regras do esporte — e foi praticamente a essas publicações que se resumiu a literatura futebolística, em suas primeiras décadas.<sup>75</sup>

Escassa enquanto o esporte era quase que uma forma de Lazer para a elite, essa literatura não encontrou razões para crescer quando o esporte se popularizou, entre as classes proletárias, que não tinham a leitura entre seus hábitos. Quando muito, liam-se jornais diários, que — estes sim — traziam resultados e descrições resumidas dos principais jogos.

Foram justamente dois expoentes da imprensa os responsáveis por dois dos mais importantes livros nos primeiros 60 anos de vida do nosso Futebol: Mario Filho, de *O Mundo Esportivo* e do *Jornal dos Sports*, ambos do Rio de Janeiro, que publicou *O negro no Futebol brasileiro*, em 1947; e Thomaz Mazzoni, de *A Gazeta Esportiva*, em São Paulo, que publicou, em 1950, o livro *História do Futebol no Brasil*. Esses dois livros são, ainda hoje, as principais referências históricas de todos quantos escreveram sobre esses tempos.

Daí até os anos 80, continuou se escrevendo pouco sobre Futebol no Brasil. Nesse período, era comum lerem-se nos jornais e ouvirem-se pelas emissoras de rádio e TV reclamações sobre a reduzida literatura esportiva no país, embora os que escreviam e falavam isso fossem plenamente qualificados para, eles próprios, sanarem essa deficiência.

Nos anos 60, houve, é verdade, uma tentativa de se reverter esse quadro. Em 1967, o escritor Milton Pedrosa lançou o livro *Gol de letra — o Futebol na literatura brasileira*, o primeiro de uma nova editora, a *Gol*, que se propunha a se especializar na publicação de obras sobre o esporte. Infelizmente, a editora não vingou.

Nesse seu interessantíssimo livro, Milton Pedrosa escreveu:

*“Através de um século, desde que a primeira bola saltou no chão carioca, nasceram, viveram e produziram incontáveis escritores de prosa e verso, múltiplas obras foram criadas nos mais diversos gêneros. No entanto, excluídas aquelas de caráter técnico, relativamente poucas são ainda as obras de ficção em que o futebol assume papel primordial. Entremostra-se apenas acidentalmente. Temos então que este esporte, hoje nacional, ainda não foi capaz de interessar os autores brasileiros na medida correspondente ao prestígio e à penetração que alcança nas camadas da população brasileira.”*<sup>76</sup>

De repente, o cenário começou a mudar, a tal ponto que, hoje, as grandes livrarias reservam espaços, em suas estantes, para uma seção de livros esportivos. Nenhuma delas se compara, porém, à *Livraria Pontes*, em Campinas-SP, que, em seu terceiro andar, devidamente decorado com um tapete verde que reproduz as marcações de um campo de Futebol, expõe apenas livros sobre esse esporte: são cerca de mil títulos!<sup>77</sup> Um número nada desprezível, embora certamente ainda bastante inferior ao de publicações do mesmo gênero de países como a Inglaterra, por exemplo (só para se ter uma idéia, na versão de 2005 da Feira de Livros de

<sup>74</sup> MILLS, 2005, p.45

<sup>75</sup> MILLS, 2005, p.118

<sup>76</sup> PEDROSA, 1967, p.15-16

<sup>77</sup> AGUIAR, 2005, p.16-17

Frankfurt, a maior do mundo no gênero, foi destinada uma área de 2 mil metros quadrados para a literatura mundial de Futebol, além de exposição de fotos, mesas-redondas e projeção de jogos clássicos do atual Campeonato Alemão).<sup>78</sup>

Se, hoje, se escreve muito sobre Futebol, ainda não é possível se afirmar que se lê muito sobre Futebol. O número de pessoas que têm o hábito da leitura em nosso país é, ainda, muito pequeno, o que obriga a impressão de tiragens reduzidas e, em consequência, aumenta o preço dos livros, e, num círculo vicioso, reduz ainda mais o número de leitores.

Assim, apesar do razoável número de títulos sobre Futebol, dificilmente algum deles entra em listas dos mais vendidos. Não há nenhum escritor do gênero que possa sobreviver apenas da sua literatura futebolística.

Outra característica que se nota no mercado editorial de livros de Futebol é a sua sazonalidade. A cada 4 anos, nos 6 meses que antecedem o início de uma Copa do Mundo, são lançados títulos em quantidade talvez até maior do que nos 3 anos e meio subseqüentes, um óbvio reflexo da empolgação que, nesse período, toma conta do torcedor brasileiro, a quem se destinam esse e outros tipos de produtos.

Da mesma forma que se fez com a produção musical brasileira ligada ao Futebol, procurou-se classificar as obras da literatura futebolística em categorias, apresentando-se uma lista de exemplos representativos de cada uma.

#### **4.3.1 Ataque x Defesa**

Até a prática do Futebol se firmar definitivamente entre os brasileiros e ter a aceitação que tem hoje, alguns “pesos pesados” da literatura se posicionaram contra essa prática, pelos mais diversos motivos. O aspecto competitivo era responsabilizado por provocar discórdia entre os praticantes do novo esporte. Jogadores eram acusados de vadios e de apresentarem mau comportamento. E até pelo fato de ter sido criado na Inglaterra, o Futebol foi criticado pelos mais nacionalistas.

Esses ataques provocaram a reação dos defensores do “*esporte bretão*”, não menos importantes no mundo das letras. Com argumentos baseados, principalmente, na crescente popularidade que o esporte alcançava entre nós, os defensores do Futebol acabaram vencendo, com sobras, esse verdadeiro “cabo de guerra das palavras”, mostrado a seguir.

---

<sup>78</sup> FEIRA, 19/10/2005, p.D6

Tabela 14 - Literatura: ataque x defesa

	data	quem	o que escreveu
A T A Q U E	1916	Rui Barbosa	"Futebolista é sinônimo de vagabundo." (ao se negar a viajar à Argentina no mesmo navio em que a Seleção Brasileira viajaria)
	1920	Lima Barreto	"jogo dos trancos e pontapés"
	1920	Lima Barreto	"O Football é eminentemente um fator de dissensão." (referindo-se à discordância entre brasileiros e argentinos)
	1921	Graciliano Ramos	"O Futebol é fogo de palha."
	1921	Graciliano Ramos	"O Futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Reabilitem os esportes regionais [...] A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência."
	1921	Graciliano Ramos	"Mas por que o Futebol? Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo?"
	1922	Lima Barreto	"O Football é filho do imperialismo, é coisa inglesa ou nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses."
	1922	Lima Barreto	"Não é normal falar tanto no esporte que dizem que é bretão [...] O Rio de Janeiro é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que querem se intitular sportmen [...] os footballers todos os domingos fazem rolos e barulho, e a política passa-lhes a mão na cabeça. Tudo tem limite e o Football não goza de privilégio de coisa inteligente."
D E F E S A	1905	Monteiro Lobato	"Fedelinhos de 4 anos já dão chutes, os de 6 já dão charges, marretadas, os de 8 já gazeteiam escola para ir treinar no campo vizinho. É o verdadeiro caminho. É uma perspectiva altamente consoladora [...] É dessa gente que precisamos."
	1916	João do Rio	"Há de fato uma coisa séria para o carioca - o Futebol."
	1930	Coelho Neto	"Já escrevi mais de 100 livros, mas ainda sou apontado na rua como o pai do Preguinho." (jogador do Fluminense e da Seleção Brasileira, autor do primeiro gol brasileiro numa Copa do Mundo)
	1938	Gilberto Freyre	"[...] há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar Futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente."
	1945	José Lins do Rego	"Na verdade, uma partida de Football é mais alguma coisa que um bater de bola, que uma disputa de pontapés."
	anos 80	Paulo Coelho	"O Futebol é um romance. Assim como nos bons livros, o final é sempre inesperado."

### 4.3.2 Crônica

Apesar da exuberância da poesia, do romance e do conto brasileiros, muitos críticos consideram que a crônica é o gênero literário por excelência no Brasil. Esses críticos acham que nada que se escreve por aqui supera a forma descompromissada pela qual nossos cronistas descrevem fatos corriqueiros do cotidiano, geralmente com bom humor, com doses de ironia e lirismo, uma quase conversa com o leitor, sem objetivo fixo, meio ao sabor dos acontecimentos.

Se essa opinião da crítica pode não ser unânime em relação à literatura brasileira como um todo, provavelmente ninguém a contestará quando aplicada à literatura do Futebol. Neste campo, não há dúvida: é na forma da crônica que melhor se escreve sobre Futebol no Brasil.

Considerado o "patrono" da crônica urbana brasileira no início do século XX, Paulo Barreto, mais conhecido pelo seu pseudônimo de João do Rio, escreveu alguns textos sobre Futebol. Mas a grande referência no gênero, o seu expoente máximo, foi o dramaturgo Nelson Rodrigues.

Irmão do já citado jornalista Mario Filho (a quem chamou de "o Heródoto do Futebol brasileiro"), Nelson Rodrigues também iniciou sua carreira como jornalista "geral". Mas, como seu irmão, era um apaixonado pelo Futebol, e logo se dedicou à crônica futebolística.<sup>79</sup> Seu estilo, definido como "neo-barroco" por quem estudou sua obra, era exagerado e repleto de repetições e hipérboles. Criou personagens (como a "grã-fina do Maracanã", que perguntava quem é a bola; e o "Sobrenatural de Almeida", a quem atribuía as coisas inacreditáveis que acontecem nos estádios) e expressões (como "óbvio e ululante", "complexo de vira-latas", "baba elástica e bovina") que são até hoje alvos de citações de outros cronistas.<sup>80</sup>

Nelson Rodrigues tem frases antológicas. Para ele, "a mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana", bem como "o escrete é a pátria em chuteiras". Foi ele quem atribuiu a Didi "a elegância de um príncipe étiope", e, apesar de sua miopia, foi ele o primeiro a ver no menino Pelé, então com 17 anos recém-completados, o futuro "Rei do Futebol", no primeiro artigo que escreveu sobre ele, quatro meses antes da Copa da Suécia.

<sup>79</sup> CASTRO, 1992

<sup>80</sup> MARQUES, 2000

Tamanha é a importância de Nelson Rodrigues no Futebol, que não seria uma grande heresia considerá-lo um cronista esportivo que eventualmente escrevia peças de teatro, em vez de um dramaturgo que escrevia crônicas de Futebol.

Aliás, neste trabalho, os cronistas aqui apresentados são classificados em duas categorias: a dos “especialistas” e a dos “não especialistas”. Na primeira categoria, incluem-se aqueles que se dedicam, basicamente, ao Futebol: em geral, atuam na mídia esportiva (jornais, rádios, emissoras de TV) fazendo comentários, participando de mesas-redondas, produzindo e apresentando programas esportivos. São, enfim, aqueles que vivem o dia-a-dia do Futebol, que conhecem detalhes da história do esporte, que sabem de cor as estatísticas que só os mais fanáticos torcedores conseguem decorar. Já entre os “não especialistas” são citados escritores e até profissionais de outras áreas, que, confessadamente fãs de Futebol, vez ou outra se aventuraram a escrever sobre sua paixão.

Dentre os “especialistas”, um destaque vai para Armando Nogueira, veterano e consagrado jornalista (já foi diretor de jornalismo da *Rede Globo de Televisão*), dono de um estilo quase poético, sempre em defesa da beleza e da arte no Futebol. Já dentre os “não especialistas”, merece ser lembrado o compositor de MPB Nando Reis, ex-integrante do grupo *Titãs*, que tem semanalmente escrito belas crônicas na coluna *Boleiros* do jornal *O Estado de S. Paulo* (revezando-se com outros cronistas), fazendo análise e relatando “causos” sob a perspectiva de um típico torcedor.

Tabela 15 - Literatura: crônica

cronista especialista			cronista não especialista		
Afonso	Luiz Zanin Oricchio	Paulo Vinícius Coelho	Aldir Blanc	Ivan Lessa	Millôr Fernandes
Alberto Helena Jr	Marcelo Bianchi	Renato Maurício Prado	A. Alcântara Machado	Jô Soares	Nando Reis
Antero Greco	Marcelo Duarte	Roberto Assaf	Ariano Suassuna	João do Rio	Nelson Motta
Armando Nogueira	Marcos Caetano	Roberto Avallone	Bussunda	João Ubaldo Ribeiro	Nelson Rodrigues
Fernando Calazans	Mario Filho	Ruy Carlos Ostermann	C. Drummond Andrade	José Lins do Rego	Orígenes Lessa
Flávio Prado	Mauro Beting	Sandro Moreyra	Chico Buarque	José Roberto Torero	Paulo Mendes Campos
Geraldo Bretas	Max Valentim	Sérgio Noronha	Coelho Neto	Lourenço Diaféria	Plínio Marcos
João Máximo	Milton Neves	Sérgio Xavier Filho	D.Paulo Evaristo Arns	Luis F. Verissimo	Rita Lee
João Saldanha	Neto	Silvio Ruiz	Daniel Piza	Marcelo Frommer	Roberto DaMatta
José Inácio Werneck	Ney Bianchi	Sócrates	Décio Almeida Prado	Marcelo Rubens Paiva	Roberto Drummond
José Maria de Aquino	Oldemário Touguinhó	Solange Bibas	Eduardo Galeano	Mário Prata	Roberto Mulyaert
José Trajano	Orlando Duarte	Thomaz Mazzoni	Fernando Sabino	Matthews Shirts	Rubem Braga
Juca Kfourri	Paulo Calçade	Tostão	Ferreira Goulart	Max Gehringer	Ruy Castro
Luiz Mendes	Paulo Perdigão	Vital Bataglia	Heródoto Barbeiro	Moacyr Scliar	Sérgio Cabral
			Ignacio Loyola Brandão	Miguel Arcanjo Terra	Sérgio Porto
					Ugo Giorgetti

### 4.3.3 Ficção

Estranhamente, o Futebol tem sido praticamente ignorado pelos mais famosos romancistas e contistas da nossa literatura. Diferentemente do que ocorre em outros países, notadamente nos Estados Unidos (onde os esportes em geral são constantemente retratados em livros de ficção) e na Inglaterra (de onde vem o livro *Febre de bola*, escrito por Nick Hornby, já traduzido para o português e editado no Brasil) por aqui poucos escritores ficcionistas de renome têm se inspirado no Futebol para escrever suas obras.

Mas esse quadro promete mudar. Em junho de 2006, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou os 11 contos vencedores de um concurso aberto a autores, dentre os 1.022 trabalhos inscritos, todos com o tema Futebol.

No que diz respeito ao romance, dos escritores consagrados, destaque apenas para José Lins do Rego, fanático torcedor do Flamengo que, além do romance *Água-mãe*, também foi importante cronista esportivo (o romance *O queijo de Minas ou história de um nó cego*, de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, apresenta apenas um ou outro personagem ligado ao Futebol). Já em relação ao conto, a lista é um pouco mais extensa, e os destaques são Orígenes Lessa, Lima Barreto, Edilberto Coutinho e Cyro de Mattos.

Mais recentemente, alguns escritores passaram a utilizar o tema Futebol em livros destinados a crianças e adolescentes. O mercado para essa faixa etária parece ser promissor, e deve atrair mais escritores, no futuro. Destaque para *A bola e o goleiro*, do mais famoso romancista brasileiro no exterior, o baiano Jorge Amado.

Tabela 16 - Literatura: ficção (romance)

título	escritor	observação
<i>O paraíso é bem bacana</i>	André Sant'Anna	as fantasias de Mané, um brasileiro comum, que, graças ao Futebol, sai de uma infância pobre e alcança a fortuna em Berlim
<i>Segunda divisão</i>	Clara Arreguy	descreve a tensão das 24 horas anteriores a uma final fictícia do Campeonato Brasileiro da Série B, disputada entre o emergente Arapiara, do rico ABC paulista, e o modesto Santa Fé, o quarto clube de Belo Horizonte, ambos recheados de personagens típicos do mundo do Futebol
<i>Passagem dos inocentes</i>	Dalcídio Jurandir	aborda a prática do Futebol no Pará, estado natal do escritor
<i>Os jogos de junho</i>	Eustáquio Gomes	história de um jovem jornalista, opositor do regime militar que vigorava no Brasil em 1970, descrevendo fatos que ocorrem simultaneamente com os jogos da Seleção Brasileira tricampeã no México
<i>Bandeira negra, amor</i>	Fernando Molica	Fred, personagem principal, é inspirado em Arthur Friedenreich, que, filho de mãe negra, se esforçava para ter um comportamento refinado, típico dos brancos da elite
<i>Água-mãe</i>	José Lins do Rego	Joca, personagem principal, menino pobre, filho de pescador, que escapa da miséria para atuar em grandes clubes e até na Seleção Brasileira; sua carreira, porém, se encerra melancolicamente a vida de dois irmãos, marcada pelo clássico "Gre-nal" (entre os gaúchos e rivais Grêmio e Internacional)
<i>O segundo tempo</i>	Michel Laub	apresenta um personagem que é "full-back" e outro "goal-keeper"; escrito em 1906 e 1907
<i>O queijo de Minas ou história de um nó cego</i>	Monteiro Lobato / Godofredo Rangel	
<i>Flô, o melhor goleiro do mundo</i>	Thomaz Mazzoni	primeiro romance inteiramente futebolístico do Brasil (1941)

Tabela 17 - Literatura: ficção (conto)

título	escritor
<i>Dez na área, um na banheira e ninguém no gol</i>	(diversos)
<i>O rude esporte humano</i>	Adriana Simon / Gerson Lodi-Ribeiro
<i>Jogo encoberto</i>	Aércio Consolin
<i>Contos de Futebol</i> (livro)	Aldyr Garcia Schlee
<i>Encanto de Futebol</i>	Aldyr Garcia Schlee
<i>O defunto inaugural</i>	Anibal Machado
<i>Estádio</i>	Antônio Barreto
<i>Ripa na xulipa</i>	Antonio Carlos Olivieri
<i>Corinthians 2 x Palestra 1</i>	Antônio de Alcântara Machado
<i>Gaitaninho</i>	Antônio de Alcântara Machado
<i>Craque na família</i>	Ataide Tartari
<i>Carta à redação</i>	Braulio Tavares
<i>Jaguaré</i>	Breno Acioli
<i>A sombra</i>	Caio Porfírio Carneiro
<i>Se Cortez houvesse vencido a peleja de Cozumel</i>	Carla Cristina Pereira
<i>Sob o signo de Xoth</i>	Carlos Orsi Martinho
<i>O que vale é bola na rede</i>	Cesar R. T. Silva
<i>Na marca do pênalti</i>	Cláudio Lovato Filho
<i>O batedor de faltas</i>	Cláudio Lovato Filho
<i>Contos brasileiros de Futebol</i> (livro)	Cyro de Mattos (org.)
<i>Golpe de vista</i>	Daniel Piza
<i>1958</i>	Deonísio da Silva
<i>De tarde e domingo</i>	Dias da Costa
<i>Uma vez Flamengo...</i>	Dias da Costa
<i>A última pelada de Mané</i>	Domingos Pellegrini
<i>O massagista</i>	Duílio Gomes
<i>Maracanã, adeus</i> (livro)	Edilberto Coutinho
<i>Navio negreiro</i>	Edilberto Coutinho
<i>Nuvem bárbara</i>	Edilberto Coutinho
<i>O goleiro do time</i>	Edson Gabriel Garcia
<i>Crônica do Valente Parintins</i>	Evelson Soares Pinto
<i>2010, o ano em que faremos contrato</i>	Fábio Fernandes
<i>Onze em campo</i> (livro)	Flávio Moreira da Costa (org.)
<i>Onze em campo e um banco de primeira</i> (livro)	Flávio Moreira da Costa (org.)
<i>Vinte e dois contistas em campo</i> (livro)	Flávio Moreira da Costa (org.)
<i>Pátria de chuteiras</i>	Gerson Lodi-Ribeiro
<i>O gol de Ghiggia</i>	Hélio Pólvora
<i>Santos F.C.</i>	Ivan Carlos Regina
<i>Almas da galera</i>	João Antônio
<i>As mãos de Pelé e outros contos de Futebol</i> (livro)	João Nunes
<i>Mindinho</i>	José Cruz Medeiros
<i>Se as coisas não tivessem sido como foram, o que é não seria</i>	José Roberto Torero
<i>Uma história de Futebol</i> (livro)	José Roberto Torero
<i>A doença do Antunes</i>	Lima Barreto

título	escritor
<i>Herói</i>	Lima Barreto
<i>Homem vestido de negro</i>	Lourenço Cazarré
<i>Meia encarnada dura de sangue</i>	Lourenço Cazarré
<i>Campeonato de Futebol</i>	Luís Henrique
<i>Sem defesa</i>	Luiz Galdino
<i>Derby</i>	Marcello Simão Branco
<i>Outras copas, outros mundos</i> (livro)	Marcello Simão Branco (org.)
<i>Jogar com os mortos</i>	Miguel Sanches Neto
<i>A bola e a rede</i>	Moacir Japiassu
<i>O 22 do Marajó</i>	Monteiro Lobato
<i>Eu matei Paolo Rossi</i>	Octávio Aragão
<i>Esperança Futebol Clube</i>	Orígenes Lessa
<i>O torcedor</i>	Paulo Coelho Neto
<i>Copa do Mundo</i>	Renard Perez
<i>A saída do primeiro tempo</i>	Renato Pompeu
<i>Família, futebol e regatas</i>	Ricardo Soares
<i>O gol</i>	Salim Miguel
<i>Futebolia</i>	Sérgio Milliet
<i>No último minuto</i>	Sérgio Sant'Anna
<i>A grande partida</i>	Sílvio de Castro
<i>Ninguém morre rindo</i>	Suzana Montoro
<i>Largo da Palma</i>	Vasconcelos Maia
<i>A irmã do Biba</i>	Wladimir Catanzaro
<i>Torcida contra</i>	Wladir Nader

Tabela 18 - Literatura: ficção (infanto-juvenil)

título	escritor
<i>O mundo é uma bola - crônicas, Futebol &amp; humor</i>	(diversos)
<i>Café-com-leite e feijão-com-arroz e outras histórias de Futebol</i>	Alberto Martins
<i>Melhor de três</i>	Ângela Carneiro
<i>A vingança do timão</i>	Carlos Moraes
<i>Esporte maravilhoso</i>	Cristina Marques / Iton Saba / Omar Casagrande
<i>O goleiro Leleta</i>	Cyro de Mattos
<i>Gol de placa</i>	Edith Modesto
<i>O dono da bola</i>	Elias José
<i>O azar do goleiro</i>	Elieser Cesar
<i>Prezado Ronaldo</i>	Flávio Carneiro
<i>Moderno almanaque das Copas do Mundo</i>	Glauca Parreira
<i>É o bicho Futebol Clube</i>	Guto Lins
<i>Meu pequeno gremista</i>	Humberto Gessinger / Fábio Nienow
<i>Alguém viu a bola?</i>	Jonas Ribeiro
<i>A bola e o goleiro</i>	Jorge Amado
<i>O melhor time do mundo</i>	Jorge Viveiros de Castro
<i>O passe e o gol</i>	Juca Kfourir
<i>Pereyra – o menino bom de bola</i>	Juliano Freira de Souza
<i>Os bons de bola</i>	Júlio E. Braz / Patrícia Martins
<i>Desprezados F.C.</i>	Júlio Emílio Braz
<i>Os bons de bola</i>	Júlio Emílio Braz e Patrícia Martins
<i>Meu pequeno colorado</i>	L. A. Fischer / J. Herrmann
<i>Futebol</i>	Lalau
<i>Na marca do pênalti</i>	Leo Cunha
<i>Bola no pé: a incrível história do Futebol</i>	Luísa Massarani
<i>O goleiro e a fada de batom</i>	Luiz Antonio Aguiar
<i>João, o rei do Futebol</i>	Magda Starke Lee
<i>Agarra, goleiro!</i>	Marcus Paulo Eiffê
<i>Bola no pé</i>	Maria Alice Barroso
<i>O menino e o anjo</i>	Mariá Moraes
<i>Manual de Futebol - dicas do Pelé</i>	Mássimo Carboni
<i>Histórias coloradas - versão mirim</i>	Murilo Rosa e Carlos Urubim
<i>Pedrinho escolheu um time</i>	Odir Cunha
<i>A greve das bolas</i>	Orígenes Lessa
<i>Franklin joga Futebol</i>	Paulette Bourgeois
<i>Terceiro tempo de jogo</i>	Roberto Gomes
<i>A bola que rola</i>	Ronald Claver
<i>Armandinho, o juiz</i>	Ruth Rocha
<i>A decisão do campeonato</i>	Ruth Rocha / Walter Ono

título	escritor
<i>Menino dos pés de ouro</i>	Sally Gardner
<i>E assim surgiu o Maracanã</i>	Sandra Pina
<i>Meu pequeno corintiano</i>	Serginho Groisman / Carlinhos Müller
<i>Zero a zero</i>	Tadeu Pereira
<i>Conquista Esporte Clube</i>	Telma G. Castro Andrade
<i>Maluquinho por Futebol</i>	Ziraldo

#### 4.3.4 História

Se, por um lado, é surpreendente o pequeno número de obras literárias de ficção sobre Futebol, por outro lado pode parecer estranho, o grande número de publicações sobre a história do Futebol. Mas, neste caso, pode-se arriscar algumas justificativas.

Em primeiro lugar, deve-se considerar que a história do Futebol ainda está sendo escrita. A cada semana, disputam-se no Brasil (apenas entre times profissionais) centenas de partidas, e milhares de outras são disputadas no exterior, boa parte delas com a presença de brasileiros em campo. A cada 4 anos, disputa-se uma Copa do Mundo, competição na qual o Brasil tem entrado sempre como um dos principais favoritos. O apelo comercial de uma Copa, aliás, é outro motivo para a publicação de livros sobre Futebol. Como já foi comentado, o lançamento de livros pelas editoras é praticamente sazonal, seguindo a periodicidade das Copas.

Neste trabalho, as obras incluídas nesta categoria de “história” foram divididas em 3 grupos: história do Futebol em geral, história de um clube e biografia.

Do primeiro grupo, fazem parte os já citados livros dos jornalistas Mario Filho e Thomaz Mazzoni. Além desses, merecem ser destacados: *Um jogo inteiramente diferente!*, de Aidan Hamilton, jornalista inglês radicado no Rio de Janeiro desde 1999, que detalha os primeiros anos do Futebol no Rio e em São Paulo, sob o interessante ponto de vista britânico; as quatro obras sobre o cinquentenário do estádio do Maracanã; o completo mas sucinto *Futebol, uma paixão nacional*, do professor de História Rubim Aquino; a pesquisa do veterano jornalista Orlando Duarte, que acompanhou “in loco” todas as Copas do Mundo disputadas desde 1950; e o interessantíssimo, bem-humorado e minucioso texto sobre a Taça Jules Rimet do empresário, colunista e conferencista Max Gehringer, publicado em fascículos.

Em relação a livros com a história de um clube, a relação aqui apresentada certamente está bastante incompleta. Provavelmente, o número de clubes cuja história já foi registrada em livro não atinge o número de clubes que possuem hino oficial, mas não deve ficar muito distante; além disso, os clubes mais tradicionais costumam ter mais de uma publicação contando suas glórias e conquistas. Neste grupo, destaque para o cuidadoso trabalho do incansável e detalhista pesquisador Celso Dario Unzelte e seus almanaques do Corinthians e do Palmeiras (o São Paulo também tem seu almanaque, e outros clubes começam a preparar os seus). Deve ser destacada, também, a interessante *Coleção Camisa 13*, cujos volumes são escritos por eméritos torcedores dos principais clubes brasileiros, desafiados a contar a história desses clubes de uma maneira diferente, quase romanceada (Mário Prata, por exemplo, conta o caso de um corintiano que, apaixonado por uma palmeirense, acaba aprendendo tudo sobre o time de sua amada).

O terceiro grupo dos livros de história, o de biografias e memórias, apresenta, por sua vez, dois subgrupos. No mais numeroso, estão as biografias de jogadores. Como era de se esperar, registra-se aqui mais um recorde para Pelé, sobre quem foram lançadas mais de duas dezenas de obras, dentre as quais quatro biografias publicadas em inglês (ainda sem tradução para o português), um livreto ilustrado infanto-juvenil também em inglês, uma biografia limitada à sua infância, um catálogo da exposição em sua homenagem no Museu de Arte de São Paulo, dois livros de fotos, e uma recente autobiografia! Há, ainda, duas luxuosas publicações sobre Pelé, editadas em 2006 na Inglaterra, com 700 páginas, pesando 12kg cada; a mais cara está sendo vendida sob encomenda, por 4 mil libras (16 mil reais) a unidade! Também não causam surpresa as seis obras sobre Mané Garrincha — dentre elas, a detalhada biografia escrita por Ruy Castro (também autor, dentre outras, da biografia de Nelson Rodrigues); as memórias de sua companheira, a cantora Elza Soares; e um livrinho publicado em italiano, sem tradução para o português.

Finalmente, dentre as biografias dos “não jogadores”, incluem-se obras sobre técnicos, dirigentes, jornalistas, humorista, árbitros, médicos, dentista e massagista!

Tabela 19 - Literatura: história do Futebol

título	escritor	data
<i>O Brasil na Taça Libertadores e no Mundial Interclubes</i>	Antônio Carlos Napoleão	

título	escritor	data
<i>Brasil de todas as copas</i>	P. E. Denardin / C. Dienstmann	
<i>História do football em São Paulo</i>	Antônio Figueiredo	1918
<i>O Futebol em São Paulo - notas crítico-biográficas</i>	Leopoldo Sant'Anna	1918
<i>Supremacia e decadência do Futebol paulista</i>	Leopoldo Sant'Anna	1925
<i>Copa Rio Branco</i>	Mario Filho	1943
<i>O negro no Futebol brasileiro</i>	Mario Filho	1947
<i>O romance do Foot-ball</i>	Mario Filho	1949
<i>História do Futebol no Brasil</i>	Thomaz Mazzoni	1950
<i>O mundo aos pés do Brasil</i>	Thomaz Mazzoni	1958
<i>Copa do Mundo, 62</i>	Mario Filho	1962
<i>A história ilustrada do Futebol brasileiro</i>	Roberto Porto / João Máximo	1969
<i>Com a bola entre a cruz e a espada - uma pequena enciclopédia do Futebol</i>	Moacir Correa	1972
<i>O Brasil na Copa do Mundo</i>	Brian Glanville	1973
<i>Nosso Futebol - o heroísmo, a glória e os ladrões</i>	Kléber de Almeida	1974
<i>Histórias das Copas: as batalhas do Maracanã</i>	João Máximo	1976
<i>História política do Futebol brasileiro</i>	Joel Rufino dos Santos	1981
<i>Espanha 82: o Brasil e as Copas do Mundo</i>	Silvio Lancellotti	1982
<i>As Copas que ninguém viu - histórias e bastidores</i>	Solange Bibas	1982
<i>A bola no ar - o rádio esportivo em São Paulo</i>	Edileuza Soares	1984
<i>A história dos campeonatos cariocas de Futebol</i>	Roberto Mércio	1985
<i>Implantação do Futebol profissional no Rio de Janeiro</i>	Eduardo Viana	1986
<i>Anatomia de uma derrota</i>	Paulo Perdigão	1986
<i>O Brasil e as Copas</i>	Péris Ribeiro	1986
<i>Brasil na Copa América</i>	Airton Fontenele	1989
<i>O Brasil na Copa América</i>	Airton Silveira Fontenelle	1989
<i>O pontapé inicial: memória do Futebol brasileiro</i>	Waldenyr Caldas	1990
<i>A copa que ninguém viu - e a que não queremos lembrar</i>	Armando Nogueira / Jô Soares / Roberto Mulyaert	1994
<i>Um ramo de arruda na chuteira do Futebol brasileiro e os bastidores dos campeonatos do mundo de 1958 e 1962</i>	Mário Miranda Rosa	1994
<i>As Copas que eu vi</i>	Oldemário Touguinhó / M. Veras	1994
<i>Todas as Copas do Mundo</i>	Orlando Duarte	1994
<i>Enciclopédia da Seleção: as Seleções Brasileiras de Futebol (1914-1994)</i>	Ivan Soter	1995
<i>Futebol em dois tempos</i>	Helio Sussekind	1996
<i>Breve história do Futebol brasileiro</i>	José Sebastião Witter	1996
<i>O almanaque do Futebol brasileiro</i>	M. A. Klein / S. A. Audinino	1996
<i>Nascimento de uma paixão universal: história do Futebol</i>	Duílio Martino	1997
<i>Campeonato carioca: 96 anos de história</i>	Roberto Assaf / Clóvis Martins	1997
<i>O jogo bruto das Copas do Mundo</i>	Teixeira Heizer	1997
<i>A história do campeonato paulista: 1902-1996</i>	Valmir Storti / André Fontenelle	1997
<i>O arquivo secreto das Copas - 1930-1954</i>	Flávio Prado	1998
<i>Deuses da bola: histórias da Seleção Brasileira de Futebol</i>	J. C. Assumpção / E. Goussinsky	1998
<i>Histórias da bola - 135 anos da história do Futebol</i>	José de Almeida Castro	1998
<i>Maracanã</i>	Oldemário Touguinhó	1998
<i>O Brasil na Taça Libertadores e no Mundial Interclubes</i>	Antônio Carlos Napoleão	1999
<i>Diário da Copa 98</i>	Juarez Soares	1999
<i>Dossiê 50</i>	Geneton Moraes Neto	2000
<i>Maracanã, meio século de paixão</i>	João Máximo	2000
<i>Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)</i>	Leonardo A. de Miranda Pereira	2000
<i>Maracanã - 50 anos de glória</i>	Renato Sérgio	2000
<i>Barbosa - um gol faz cinqüenta anos</i>	Roberto Mulyaert	2000
<i>O caminho da bola - 100 anos da história da FPF - I volume - 1902-1952</i>	Rubens Ribeiro	2000
<i>Um jogo inteiramente diferente! - Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico</i>	Aidan Hamilton	2001
<i>Futebol brasileiro - 1894 a 2001</i>	Marco Aurélio Klein	2001
<i>O Brasil em todas as copas</i>	Airton Fontenele	2002
<i>Todos juntos, vamos - memórias do tri</i>	Alex Medeiros	2002
<i>Enciclopédia do Futebol</i>	Amir Mattos	2002
<i>A história da Seleção Brasileira em cordel</i>	Cláudio Aragão	2002
<i>Maracanã, templo dos deuses brasileiros</i>	Cláudio Vieira	2002
<i>Quando o Futebol andava de trem</i>	Ernani Buchmann	2002
<i>Copas do mundo de 1930 a 2002</i>	J. L. Duarte / W. O. da Silva Filho	2002
<i>Visão do jogo - primórdios do Futebol no Brasil</i>	José Moraes dos Santos Neto	2002
<i>O Brasil nas Copas do Mundo</i>	Loris Baena Cunha	2002
<i>Capas da copa</i>	Orlando Duarte / Fábio Amaro	2002
<i>Diário de uma bola</i>	Renato Pompeu	2002
<i>Futebol, uma paixão nacional</i>	Rubim de Aquino	2002
<i>Corações na ponta da chuteira - capítulos iniciais do Futebol brasileiro (1919-1938)</i>	Fábio Franzini	2003

título	escritor	data
<i>Mini-enciclopédia do Futebol brasileiro</i>	Lance!	2004
<i>Anos 40 - viagem à década sem copa</i>	Roberto Sander	2004
<i>Brasil – o melhor Futebol do mundo</i>	diversos	2005
<i>Copa São Paulo – a vitrine do Futebol brasileiro</i>	Fabio Lazzari	2005
<i>Copas do Mundo - história e estatísticas</i>	Luiz Fernando Baggio	2005
<i>Palco das emoções – uma pequena enciclopédia dos estádios</i>	Newton Ernesto Pacheco dos Santos	2005
<i>Futebol brasileiro – do início amador à paixão nacional</i>	Abrãp Aspis	2006
<i>O Brasil na rota da Alemanha</i>	Airton Fontenele	2006
<i>Futebol Brasil memória - de Oscar Cox a Leônidas da Silva</i>	Claudio Nogueira	2006
<i>A camisa de ouro</i>	Ernani Buchmann	2006
<i>Todos os jogos do Brasil</i>	Ivan Soter	2006
<i>História do Futebol</i>	J. Almeida Castro	2006
<i>Copas do mundo – das eliminatórias ao título</i>	J. R. Santiago Jr. / G. L de Carvalho	2006
<i>Brasil: um século de Futebol, arte e magia</i>	João Máximo	2006
<i>Os arquivos dos Campeonatos Brasileiros</i>	José Renato Sátiro Santiago Jr.	2006
<i>Almanaque do Futebol</i>	Lélio Carmona / Gustavo Poli	2006
<i>A saga da Jules Rimet - a história das Copas de 1930 a 1970</i>	Max Gehringer	2006
<i>Todas as copas de 1930 a 2002</i>	Paulo Marcos Mendonça (coord.)	2006
<i>Seleção Brasileira – 1914-2006</i>	Roberto Assaf / Antônio C. Napoleão	2006
<i>Campeonato Brasileiro 1971-2006</i>	José Renato Sátiro Santiago Jr.	2007
<i>Quando a bola era redonda</i>	Ivan Soter	2008
<i>A construção do Pacaembu</i>	João fernando Ferreira	2008

Tabela 20 - Literatura: história de clube

clube	título	data	escritor
(diversos)	<i>Grandes clubes brasileiros</i>	2004	Marcelo Miguere / Celso Unzelte
Alecrim	<i>História do Alecrim</i>	2002	Alberto Pinheiro de Medeiros
Alecrim	<i>História do Alecrim F.C.</i>	2002	Alberto Pinheiro de Medeiros
América-RJ	<i>Hei de torcer até morrer</i>	2006	José Rezende
América-RJ	<i>Campos Sales, 118 - a história do América</i>	1972	O. Cunha / F. Vale
América-RJ	<i>O América na história da cidade</i>	1990	Orlando Rocha da Cunha
América-RJ	<i>Crônicas do Futebol pitoresco</i>	2004	J. Antero de Carvalho
América-SP	<i>Almanaque do Futebol rio-pretense – América 60 anos</i>	2006	M. Rodrigues / V. de Paula
América-SP	<i>Avenida da Saudade - o América de Rio Preto na era Pelé</i>	2004	Milton Rodrigues
Atlético-GO	<i>Atlético - sentimento e glória</i>	1994	José Mendonça Teles
Atlético-MG	<i>Preto no branco – ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro</i>	2007	Alexandre Freire
Atlético-MG	<i>Galo – uma paixão centenária</i>	2007	E. Murta / E. Sávio
Atlético-MG	<i>O time do meu coração – Clube Atlético Mineiro</i>	2008	Almir Mattos
Atlético-MG	<i>Uma paixão em preto e branco</i>	2008	Roberto Drummond
Atlético-MG	<i>Vencer! Vencer! Vencer! – a história do time do meu coração</i>	2008	Eduardo de Ávila
Atlético-MG	<i>O dia em que me tornei... atleticano</i>	2008	Fred Melo Paiva
Atlético-MG	<i>Atlético Mineiro - raça e amor</i>	2005	Ricardo Galuppo
Atlético-PR	<i>Atletiba – a paixão das multidões</i>	1994	Vinicius Coelho Carneiro Neto
Atlético-PR	<i>Dez atleticanas e uma fanática</i>	2008	Antônia Schwinden
Avaí-SC	<i>Avaí Futebol Clube</i>	2008	Alexandrino Barreto Neto
Aymorés	<i>Corpo azul – história do Sport Club Aymorés</i>	1991	Rosalvo Braga Soares
Bahia	<i>Bora Bahêeeea - a história do Bahia contada por quem a viveu</i>	2003	Bob Fernandes
Bangu	<i>Bangu: 100 anos</i>	1989	Lúcia Gouveia Vieira (coord)
Bangu	<i>Eternamente Bangu</i>	2006	José Rezende
Bangu	<i>Almanaque do Bangu</i>	2007	Carlos Molinari
Botafogo	<i>Botafogo, o Glorioso: uma história em preto e branco</i>	1996	B. F.W. Pepe / L.F.C. Miranda / N.O.R. Carvalho
Botafogo	<i>Botafogo - entre o céu e o inferno</i>	2004	Sérgio Augusto
Botafogo	<i>100 anos gloriosos</i>	2004	Rafael Casé / Roberto Falcão
Botafogo	<i>A história do Botafogo em cordel</i>	2004	Cláudio Aragão
Botafogo	<i>Botafogo - 101 anos de histórias, mitos e superstições</i>	2005	Robert Porto
Botafogo	<i>Clássico Vovó</i>	2006	A. Mesquita / J. Almeida
Botafogo	<i>Botafogo – uma história de amor e glórias</i>	2008	Igor Ramos
Botucatuense	<i>A.A. Botucatuense – 80 anos de glória</i>	1998	L.R.C. Gomes / C.A. Pessoa
Caxias-RS	<i>Clássico Ca-Ju: paixão e rivalidade</i>	2008	Gustavo Côrtes
Ceará	<i>Ceará Sporting Clube - um retrato em preto e branco</i>	2004	Lucio Chaves Holanda
Ceará	<i>Ceará - uma história de paixão e glória</i>	2005	Airton de Farias
Corinthians	<i>Corinthians x Palmeiras – uma história de rivalidade</i>		Antonio Carlos Napoleão

clube	título	data	escritor
Corinthians	<i>A saga corintiana – a maior prova de amor da fiel ao Timão</i>		Luís Augusto Símon
Corinthians	<i>Corinthians x outros – os melhores nossos contra os menos ruins deles</i>		Washington Olivetto / Pascoal Soto
Corinthians	<i>A nação Corinthians</i>	1983	Juca Kfourri
Corinthians	<i>Grandes clubes do Futebol brasileiro e seus maiores ídolos - coração corintiano</i>	1992	Lourenço Diaféria
Corinthians	<i>Corinthians, paixão e glória</i>	1996	Juca Kfourri
Corinthians	<i>Almanaque do Timão</i>	2000	Celso Unzelte
Corinthians	<i>Corinthians - é preto no branco</i>	2002	W. Olivetto / N. Beirão
Corinthians	<i>Democracia corintiana</i>	2002	Sócrates / R. Gozzi
Corinthians	<i>Almanaque do Corinthians</i>	2003	Celso Unzelte
Corinthians	<i>Corinthians - uma paixão em prosa e verso</i>	2003	J.Edmar
Corinthians	<i>A história do Corinthians em cordel</i>	2004	Cláudio Aragão
Corinthians	<i>A história de um tabu que durou 22 anos</i>	2005	José de Souza Teixeira
Corinthians	<i>Timão campeão – como o Corinthians ganhou o Campeonato Brasileiro de 2005</i>	2006	A. Lopes / I. Ostrovsky
Corinthians	<i>Top 10 Timão</i>	2006	André Martinez
Corinthians	<i>O dia em que me tornei... corintiano</i>	2007	Marcelo Duarte
Corinthians	<i>Dossiê Corinthians</i>	2007	E. Weiss / R. A. Jardim
Corinthians	<i>Corinthians – o time da fiel</i>	2008	O. Duarte / J.B. Tureta
Corinthians	<i>Salvem o Corinthians</i>	2008	Carla Dualib
Corinthians	<i>Eu voltei – as melhores imagens de 2008</i>	2008	Daniel Augusto Jr.
Corinthians	<i>Os dez mais do Corinthians</i>	2008	Celso Unzelte
Corinthians	<i>Meu pequeno corintiano</i>	2008	Serginho Groisman / Carlinhos Müller
Corinthians	<i>A reconstrução do Timão</i>	2008	Mauricio Oliveira / Rodrigo Vessoni
Corinthians	<i>A saga corintiana</i>	2008	Luís Augusto Simon
Corinthians	<i>Amor sem divisão</i>	2008	Cláudio Varela / Denise Tavares
Corinthians	<i>O grande jogo – o maior duelo alvinegro do Futebol contado por dois historiadores fanáticos</i>	2009	Celso Unzelte / Odir Cunha
Coritiba	<i>Atletiba – a paixão das multidões</i>	1994	Vinicius Coelho Carneiro Neto
Coritiba	<i>Do caos ao topo – uma odisséia coxa-branca</i>	2008	Renê Simões
Cruzeiro	<i>Páginas heróicas - onde a imagem do Cruzeiro resplandesce</i>	2003	Jorge Santana
Cruzeiro	<i>Almanaque do Cruzeiro</i>	2007	Henrique Ribeiro
Cruzeiro	<i>Jogos imortais: as melhores partidas do Cruzeiro Esporte Clube</i>	2007	Bruno Bello Vicintin
Cruzeiro	<i>O dia em que me tornei... cruzeirense</i>	2008	Samuel Rosa
Cruzeiro	<i>Cruzeiro! Cruzeiro! Querido!</i>	2008	Fausto de Ávila
Cruzeiro	<i>O time do meu coração – Cruzeiro Esporte Clube</i>	2008	Almir Mattos
Estrela-RS	<i>Estrela Futebol Clube</i>	2005	Olides Canton
Ferroviária	<i>Fonte luminosa - Ferroviária</i>	2005	Luís Marcelo Inaco Cirino
Ferroviária (Botucatu)	<i>O gigante da Baixada</i>	2003	A. Gonçalves / L.R.C. Gomes / A. Galvani
Ferroviário	<i>Ferroviário - nos trilhos da vitória</i>	2005	Airton de Farias
Flamengo	<i>Histórias do Flamengo</i>	1945	Mario Filho
Flamengo	<i>Nação rubro-negra</i>	1990	Edilberto Coutinho
Flamengo	<i>Flamengo, uma emoção inesquecível</i>	1995	Joaquim Vaz de Carvalho
Flamengo	<i>Fla x Flu – o jogo do século</i>	1999	R. Assaf / C. Martins
Flamengo	<i>Almanaque do Flamengo</i>	2001	R. Assaf / C. Martins
Flamengo	<i>O vermelho e o negro - pequena grande história do Flamengo</i>	2001	Ruy Castro
Flamengo	<i>Acima de tudo rubro-negro - a história do Clube de Regatas do Flamengo</i>	2002	Arturo de O. V. Vaqueiro
Flamengo	<i>Ser Flamengo</i>	2006	Luiz Eduardo W. Santos (org.)
Flamengo	<i>Flamengo desde menino</i>	2008	Luís Pimentel
Flamengo-PI	<i>Rivengo – o clássico do século</i>	2001	Severino Filho
Fluminense	<i>História do Fluminense</i>	1952	Paulo Coleho Neto
Fluminense	<i>O Fluminense na intimidade</i>	1962	Paulo Coelho Neto
Fluminense	<i>História do Fluminense, 1952-1968</i>	1969	Paulo Coelho Neto
Fluminense	<i>O Fluminense pitoresco e dramático</i>	1969	Paulo Coelho Neto
Fluminense	<i>Tantas vezes campeão - de Oscar Cox à vanguarda tricolor</i>	1998	Alfredo Clause
Fluminense	<i>Fla x Flu – o jogo do século</i>	1999	R. Assaf / C. Martins
Fluminense	<i>A história do Fluminense em cordel</i>	2002	Cláudio Aragão
Fluminense	<i>Fluminense Football Club – história, glórias e conquistas no Futebol</i>	2003	Antônio Carlos Napoleão

clube	título	data	escritor
Fluminense	<i>Fluminense: a breve e gloriosa história de uma máquina de jogar bola</i>	2004	Nelson Motta
Fluminense	<i>Fluminense – as conquistas imemoriais</i>	2006	Antonio Carlos Rocha
Fluminense	<i>Clássico Vovô</i>	2006	A. Mesquita / J. Almeida
Fluminense	<i>Epopéia tricolor – a conquista do Brasil e a volta à América</i>	2008	João Marcelo Garcez
Fluminense	<i>12º. passageiro – o dia-a-dia de um assessor de imprensa</i>	2008	Alexandre Bittencourt
Fortaleza	<i>Coração de leão</i>	2003	José Rocha
Fortaleza	<i>Fortaleza - história, tradição e glória</i>	2005	A. de Farias / V. Farias
Grêmio	<i>Até a pé nós iremos</i>	2000	Ruy Carlos Ostermann
Grêmio	<i>Grêmio Foot-ball Portoalegrense - imortal tricolor</i>	2002	Marcelo Ferla
Grêmio	<i>A história dos Grenais</i>	2004	D. Coimbra / N. Noronha / M. Souza
Grêmio	<i>Grêmio, nada pode ser maior</i>	2005	Eduardo Bueno
Grêmio	<i>71 segundos: o jogo de uma vida</i>	2006	Luiz Zini Pires
Grêmio	<i>71 segundos – o jogo de uma vida</i>	2007	Luiz Zini Pires
Grêmio	<i>Meu pequeno gremista</i>	2008	H. Gessinger / F. Nienow
Grêmio	<i>O dia em que me tornei... gremista</i>	2008	Sérgio Xavier Filho
Grêmio	<i>Coração tricolor: história completa do Grêmio de 1903 a 2007</i>	2008	Gianfranco Spolaore
Guarani	<i>1978 – a conquista da estrela dourada</i>	2008	José Ricardo Lenzi Mariolani
Guarani – RS	<i>E.C. Guarani 70 anos</i>	1999	Nilton Campos de Azevedo
Guarani-PR	<i>O Bugre Princesinho</i>	2007	José Cação Ribeiro Junior
Guarani-SP	<i>Sobrevivendo à Lei Pelé – um olhar sobre a trajetória do Guarani FC</i>	2007	Diego Vivan
Hercílio Luz	<i>Hercílio Luz F.C. – vida e glória do Leão Azul</i>	2008	César do Canto Machado
Internacional	<i>Meu coração é vermelho</i>	1999	Ruy Carlos Ostermann
Internacional	<i>Sport Club Internacional - história de uma paixão</i>	2002	Cláudio Dienstmann
Internacional	<i>Autobiografia de uma paixão</i>	2004	Luis Fernando Verissimo
Internacional	<i>Histórias coloradas – versão mirim</i>	2004	C. Urubim / M. Rosa
Internacional	<i>A história dos Grenais</i>	2004	D. Coimbra / N. Noronha / M. Souza
Internacional	<i>Histórias coloradas</i>	2005	A. Mendes F.P. Schottfeldt (org.)
Internacional	<i>Inter – orgulho do Brasil</i>	2006	Kenny Braga
Internacional	<i>O Internacional nas competições sul-americanas</i>	2006	Ricardo Luis Bestetti
Internacional	<i>A conquista de um sonho – histórias de colorados no Japão</i>	2007	Otávio Rojas
Internacional	<i>O colorado Internacional</i>	2007	R.L. Bestetti / T. Dias
Internacional	<i>Meu pequeno colorado</i>	2008	L. A. Fischer / J. Herrmann
Internacional	<i>O dia em que me tornei... colorado</i>	2008	Ricardo Freire
Internacional (Santa Maria)	<i>E.C. Internacional - um time inesquecível</i>	2006	Cândido Otto da Luz
Internacional-SP (Bebedouro)	<i>Uma história centenária: Associação Atlética Internacional 1906-2006</i>	2006	José Pedro Toniosso
Itatiba	<i>A história do Itatiba Esporte Clube</i>	2002	Celso Fernando Catalano
Jabaquara	<i>Uma epopéia - 90 anos</i>	2004	Luiz Alonso
Juventude-RS	<i>Clássico Ca-Ju: paixão e rivalidade</i>	2008	Gustavo Côrtes
Juventus-SP	<i>Juventus, de 24 a 41</i>	2007	F. Galupo / V. Romano Neto
Lausanne Paulista	<i>A história do Tigre da Cantareira</i>	2002	diversos
Leônico	<i>Leônico - 50 anos</i>	1990	Guivaldo Veiga
Londrina	<i>Londrina Esporte Clube: 40 anos - do caçula gigante ao Tubarão</i>	1996	J. Mateus
Londrina	<i>Londrina Esporte Clube</i>	2005	Jefferson de Lima Sobrinho
Metropol	<i>Histórias que a bola esqueceu</i>	1996	José da Silva Jr.
Mogiana	<i>Fora dos trilhos – a história do EC Mogiana</i>	2008	Celso Franco de Oliveira Filho
Noroeste-SP	<i>A voz da geral – do fracasso à glória em 4 anos</i>	2006	Bruno Mestrinelli Paranhos
Palmeiras	<i>Corinthians x Palmeiras – uma história de rivalidade</i>		Antonio Carlos Napoleão
Palmeiras	<i>Palmeiras, a eterna Academia</i>	1996	Alberto Helena Jr.
Palmeiras	<i>Palmeiras - um caso de amor</i>	2002	Mário Prata
Palmeiras	<i>Almanaque do Palmeiras</i>	2005	C. Unzelte / M. S. Venditti
Palmeiras	<i>Coadjuvantes</i>	2006	Gustavo Piqueira
Palmeiras	<i>O dia em que me tornei... palmeirense</i>	2007	Mauro Beting
Palmeiras	<i>Palmeiras – o alviverde imponente</i>	2008	Orlando Duarte
Palmeiras	<i>O grande jogo – o maior duelo alvinegro do Futebol contado por dois historiadores fanáticos</i>	2009	Celso Unzelte / Odir Cunha
Palmeiras	<i>Os dez mais do Palmeiras</i>	2009	Mauro Beting
Paraná	<i>Vão certo - a história do Paraná Clube</i>		Carneiro Neto
Paulistano-SP	<i>Os reis do Futebol</i>	1976	Araken Patusca

clube	título	data	escritor
Paulista-SP	<i>Jundiahy Foot Ball Club ou Paulista F.C.</i>	2002	Cláudio Lucato
Pinheiros-SP	<i>Álbum do centenário do Esporte Clube Pinheiros</i>	1999	G. P. Augusto / J. M. Marinho
Ponte Preta	<i>Sempre Ponte Preta</i>	2000	José Moraes dos Santos
Ponte Preta	<i>História da Associação Atlética Ponte Preta</i>	2000	Sérgio Rossi
Ponte Preta	<i>O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da AA Ponte Preta</i>	2001	José Moraes dos Santos Neto
Radium	<i>Radium - o Verdão da Mogiana</i>	2003	Marcos Eduardo Santoni
Remo	<i>Leão Azul - centenário</i>	2006	Ferreira da Costa
Remo	<i>O rugido do Leão</i>	2006	R. Davino / V. Saldanha
River – PI	<i>Rivengo – o clássico do século</i>	2001	Severino Filho
Santo André	<i>1975 – a saga – a história do primeiro título do E.C. Santo André</i>	2008	A. Bacheга / A. Siqueira Jr.
Santos	<i>Santos: um time dos céus</i>	1998	J. R. Torero / M. A. Pimenta
Santos	<i>Dicionário santista - Santos de A a Z, mas sem X / O X da questão</i>	2001	José Roberto Torero
Santos	<i>Time dos sonhos - história completa do Santos F.C.</i>	2003	Odir Cunha
Santos	<i>O alvinegro da Vila Belmiro</i>	2005	Guilherme Gomes Guarche
Santos	<i>A história de um tabu que durou 22 anos</i>	2005	José de Souza Teixeira
Santos	<i>O dia em que me tornei... santista</i>	2007	Vladir Lemos
Santos	<i>Donos da terra – a história do primeiro título mundial do Santos</i>	2007	Odir Cunha
Santos	<i>Passado de glórias</i>	2007	Guilherme Gomez Guarche
Santos	<i>Na raça – como o Santos se tornou o primeiro bicampeão mundial</i>	2008	Odir Cunha
São Cristóvão-RJ	<i>São Cristóvão – memórias da conquista (80 anos do título)</i>	2006	G. Côrtes / H. Malhano
São Paulo	<i>São Paulo Futebol Clube – a saga de um campeão</i>	1996	Ignácio de Loyola Brandão
São Paulo	<i>Pequenas grandes histórias do SPFC</i>	2000	José Augusto Bastos Neto
São Paulo	<i>Almanaque do São Paulo</i>	2005	Alexandre da Costa
São Paulo	<i>São Paulo - dentre os grandes és o primeiro</i>	2005	Giacomini Conrado
São Paulo	<i>O fascínio de uma camisa</i>	2005	
São Paulo	<i>O dia em que me tornei... são-paulino</i>	2007	Selton Mello
São Paulo	<i>São Paulo campeão – como o São Paulo ganhou o Campeonato Brasileiro de 2006</i>	2007	I. Ostrovsky / M. Ramalho
Treze	<i>Treze Futebol Clube: 80 anos de história</i>	2006	Mário Vinício Carneiro Medeiros
Vasco da Gama	<i>A história do Vasco da Gama em cordel</i>	2003	Cláudio Aragão
Villa Nova	<i>Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco</i>	2008	Wagner Augusto Álvares de Freitas
Vitória	<i>Barradão – alegria, emoção e vitória</i>	2006	A.R. Ribeiro / L.S. Santos
XV de Jaú	<i>E.C. XV de Novembro de Jaú – edição histórica</i>	2008	Sérgio de Souza Gomes
Ypiranga-PR	<i>Ypiranga Futebol Clube – 80 anos de glória</i>	2000	Luiz Gastão Gummy

Tabela 21 - Literatura: biografia de jogador

jogador	título	data	escritor
(camisas 10)	<i>A magia da camisa 10</i>	2006	André Ribeiro / Vladir Lemos
(diversos)	<i>Gigantes do Futebol brasileiro</i>	1965	Marcos de Castro / João Máximo
(diversos)	<i>Os melhores jogadores sul-americanos do século XX (dicionário)</i>	2002	Hans Henningsen
(diversos)	<i>Um sonho em carne e osso</i>	2002	Antônio Falcão
(diversos)	<i>Brasil, os melhores jogadores de Futebol do mundo</i>	2004	Luciano Ubirajara Nassar
(diversos)	<i>Os artistas do Futebol brasileiro</i>	2006	Antônio Falcão
(goleiros)	<i>Os goleiros do Fluminense</i>	2000	Antônio Carlos Teixeira
(goleiros)	<i>O último homem da defesa</i>	2005	Antônio Carlos Teixeira Rocha
(goleiros)	<i>Goleiros: heróis e anti-heróis da camisa 1</i>	2006	Paulo Guilherme
Ademir da Guia	<i>Divino - a vida e a arte de Ademir da Guia</i>	2001	Kleber Mazziero
Afonsinho	<i>Prezado amigo Afonsinho</i>		Kleber Mazziero
Afonsinho	<i>Afonsinho e Edmundo</i>	1998	José Paulo Florenzano
Airton Pavilhão	<i>Airton Pavilhão – o zagueiro das multidões</i>	2004	Celso Sant'Anna
Almir	<i>Eu e o Futebol</i>	1973	Almir Albuquerque
Barbosa	<i>Barbosa - um gol faz 50 anos</i>	2000	Roberto Muylaert
Basílio	<i>Um escolhido – autobiografia</i>	2008	João Roberto Basílio
Canhoto	<i>Canhoto - o Garrincha que não foi</i>	2003	Renato Pompeu
Castilho	<i>Castilho</i>	2003	Antônio Carlos Teixeira Rocha
Castilho	<i>Castilho eternizado</i>	2008	Antônio Carlos Teixeira Rocha
Charles Miller	<i>Charles William Miller - 1884-1994</i>	1994	John Mills
Charles Miller	<i>God is Brazilian</i>	2005	Josh Lacey
Charles Miller	<i>Charles Miller - o pai do Futebol brasileiro</i>	2005	John Mills
Danilo Menezes	<i>Danilo Menezes - o último maestro</i>	2001	Rubens Lemos Filho

jogador	título	data	escritor
Dario	<i>Dadá maravilha</i>	1999	Lúcio Flávio Machado
Deco	<i>Deco - o preço da vitória</i>	2003	Sérgio Alves
Dida	<i>Dida - histórias de um campeão do mundo</i>		Luiz Alves
Didi	<i>Didi, o gênio da Folha Seca</i>	1993	Péris Ribeiro
Domingos da Guia	<i>Domingos da Guia - o Divino Mestre</i>	2003	Aidan Hamilton
Edmundo	<i>Afonsinho e Edmundo</i>	1998	José Paulo Florenzano
Enéas	<i>Rei Enéas – um gênio esquecido</i>	2008	Luciano Ubirajara Nassar
Fedato	<i>Fedato, o estampilha rúbia</i>	2005	Aroldo Fedato / Paulo Krauss
Figueroa	<i>Figueroa</i>		Elias Ricardo Figueroa Brander
Friedenreich	<i>O Tigre do Futebol - uma viagem nos tempos de Arthur Friedenreich</i>	1999	Alexandre da Costa
Friedenreich	<i>Fried versus Pelé</i>	2000	Orlando Duarte / Severino Filho
Garrincha	(a ser lançado)		Ariano Suassuna
Garrincha	<i>Minha vida com Mané</i>	1969	Elza Soares
Garrincha	<i>Garrincha - o demônio das pernas tortas</i>	1973	Renato Peixoto dos Santos
Garrincha	<i>Garrincha só</i>	1980	Raimundo Oliveira
Garrincha	<i>Garrincha - O anjo torto</i>	1984	Telmo Zanini
Garrincha	<i>Estrela solitária - um brasileiro chamado Garrincha</i>	1995	Ruy Castro
Garrincha	<i>Ode per Mané - quando Garrincha parlava ai passeri</i>	1996	Darwin Pastorin
Gilmar	<i>Tributo a Gylmar</i>	2005	Marcelo Mello
Givanildo	<i>Givanildo – uma vida de luta e vitórias</i>	2006	marcelo Cavalcante
Heleno de Freitas	<i>Nunca houve um homem como Heleno</i>	2006	Marcos Eduardo Neves
Ipojucã			
Jardel	<i>Jardel - os meus segredos</i>	2002	Mário Jardel
Kuki	<i>Náutico – grandes goleadores – Kuki</i>	2004	Carlos Celso Cordeiro
Leônidas da Silva	<i>O diamante eterno - biografia de Leônidas da Silva</i>	1999	André Ribeiro
Mauro Galvão	<i>Mauro Capitão Galvão - lições de vida, lições de Futebol</i>	1999	Hélio Ricardo
Neco	<i>Neco - o primeiro ídolo</i>	2001	Antonio Roque Citadini
Neto	<i>Eterno xodó - a verdadeira história de Neto, um dos mais irreverentes e polêmicos ídolos do Futebol brasileiro</i>	2002	Renato Nalesso / Fabrício Bosio
Nilson	<i>Nilson - um goleiro em 5 décadas</i>	2004	Eloah de Freitas Lima Ventura
Nilton Santos	<i>Minha bola, minha vida</i>	1998	Nilton Santos
Oberdan Catani	<i>Oberdan Catani - a Muralha Verde</i>	2000	Osni Ferrari
Oreco	<i>Registros do Futebol Santa-Mariense - vol.i - Oreco</i>	1994	Cândido Otto da Luz
Paulo César Caju	<i>Dei a volta na vida</i>	2006	Paulo César Lima (Caju)
Pelé	<i>Eu sou Pelé</i>	1961	Benedito Ruy Barbosa
Pelé	<i>Viagem em torno de Pelé</i>	1963	Mario Filho
Pelé	<i>Jogando com Pelé</i>	1974	Pelé / Júlio Mazzei
Pelé	<i>Pelé</i>	1974	Hatier Paris
Pelé	<i>Pelé</i>	1975	Don Kowet
Pelé	<i>A verdade sobre Pelé</i>	1976	Adriano Neiva (De Vaney)
Pelé	<i>Pelé - my life and the beautiful game</i>	1977	Robert L. Fish
Pelé	<i>Pelé - king of Football</i>	1980	Noel Machin
Pelé	<i>Era Pelé – documento histórico-fotográfico do maior jogador de Futebol de todos os tempos</i>	1984	Dômício Pinheiro
Pelé	<i>Pelé, o gol contra (um discurso de poder)</i>	1987	Ouhydes João Augusto da Fonseca
Pelé	<i>Pelé, o supercampeão</i>	1993	Orlando Duarte
Pelé	<i>De Edson a Pelé - a infância do Rei em Bauru</i>	1997	Luiz Carlos Cordeiro
Pelé	<i>Fried versus Pelé</i>	2000	Orlando Duarte / Severino Filho
Pelé	<i>Manual de Futebol - dicas do Pelé</i>	2000	Edson A. do Nascimento (Pelé)
Pelé	<i>Pelé, o atleta do século</i>	2000	Editores Abril
Pelé	<i>Pelé - his life and times</i>	2001	Harry Harris
Pelé	<i>Pelé - a arte do Rei</i>	2002	C. M. Alto / C. Zarvos (coord.)
Pelé	<i>Mi legado</i>	2002	Edson A. do Nascimento (Pelé)
Pelé	<i>Pelé - os dez corações do Rei</i>	2004	José Castello
Pelé	<i>Pelé - a autobiografia</i>	2006	Pelé / Orlando Duarte / Alex Bellos
Pelé	<i>Pelé - o Rei da bola</i>	2006	Maciel de Aguiar
Pelé	<i>Pelé (Samba)</i>	2006	Editores Gloria
Pelé	<i>Pelé (Carnaval)</i>	2006	Editores Gloria
Pelé	<i>Pelé – estrela negra em campos verdes</i>	2008	Angélica Basthi
Pepe	<i>Bombas de alegria - meio século de memórias do Canhão da Vila</i>	2006	José Macia (Pepe)
Popó	<i>Popó, o Craque do Povo – a trajetória de Apolinário Santana</i>	1999	Aloildo Gomes Pires
Quarentinha	???		???
Raí	<i>Raí – para ser jogador de Futebol</i>		Raí / Soninha / Milly Lacombe
Raul Plassmann	<i>Raul Plassmann - histórias de um goleiro</i>	2001	Renato Nogueira
Reinaldo	<i>José Reinaldo de Lima - que rei sou eu?</i>	1998	Márcio Vianna
Renato Gaúcho	<i>Anjo ou demônio - a polêmica trajetória de Renato Gaúcho</i>	2002	Marcos Eduardo Neves

jogador	título	data	escritor
Rivelino	<i>Sai da rua, Roberto! - a verdadeira história de um dos maiores jogadores de futebol do mundo. Rivellino</i>	1999	Oswaldo Pascoal Pugliese
Roberto Carlos	<i>Araras e seus craques de Futebol</i>	2007	Nilson Zanchetta Jr.
Roberto Dias	<i>Dias – a vida do maior jogador do São Paulo nos anos 1960</i>	2007	Fábio Matos
Roberto Dinamite	<i>Um ídolo chamado Roberto Dinamite</i>	1987	Paulo César Pinto
Roberto Dinamite	<i>Roberto Dinamite - a explosão do gol</i>	2005	Edvard Leite Carvalho
Rogério Ceni	<i>Majoridade penal – 18 anos de histórias inéditas da marca da cal</i>	2009	André Plihal
Ronaldinho Gaúcho	<i>Amigo Ronaldinho</i>	2005	Juan José Castillo
Ronaldinho Gaúcho	<i>Querido Ronaldinho</i>	2006	Jardo Sierra Fabra
Ronaldinho Gaúcho	<i>O sorriso do Futebol - Ronaldinho, o último romântico</i>	2006	Luca Caioli
Ronaldo	<i>Ronaldo - retrato de un niño</i>	1997	David Torras / Marcos López
Ronaldo	<i>O carrasco de goleiros</i>	1998	L. Puntel / L. Ramos / B. Henrique
Ronaldo	<i>Phénomène Ronaldo</i>	2002	Jaques Jean Sévila
Ronaldo	<i>Ronaldo - glória e drama no Futebol globalizado</i>	2002	Jorge Caldeira
Ronaldo	<i>Ronaldo, a jornada de um gênio</i>	2006	James Mosley
Rui Rey	<i>Rui Rey, o artilheiro polêmico</i>	2007	Rui Rey
Sócrates	<i>Democracia corintiana - a utopia em jogo</i>	2002	Sócrates / Ricardo Gozzi
Teixeirinha	<i>O craque eterno</i>	2001	Bola Teixeira
Telê	<i>Fio de esperança - biografia de Telê Santana</i>	2000	André Ribeiro
Tostão	<i>Tostão - lembranças, opinião, reflexões sobre o Futebol</i>	1997	Tostão
Túlio	<i>A sétima maravilha</i>	2003	Cristiano Silva
Valdir Appel	<i>Na boca do gol</i>	2006	Valdir Appel
Zé Roberto	<i>Colhendo frutos em terra seca</i>	2006	Cristiano Colonisio / Diane Duque
Zico	<i>50 anos de Futebol</i>		Roberto Assaf / Roger Garcia
Zico	<i>Zico, uma lição de vida</i>	1986	Marcus Vinicius Bueno Nunes
Zico	<i>Zico conta sua história</i>	1996	Zico
Zizinho	<i>Zizinho, o mestre Ziza</i>	1985	Thomaz Soares da Silva (Zizinho)
Zizinho	<i>Verdades e mentiras no Futebol</i>	2001	Thomas Soares da Silva (Zizinho)

Tabela 22 - Literatura: biografia de “não-jogador”

“não-jogador”	atividade	título	data	escritor
Arnaldo César Coelho	árbitro	<i>A regra é clara</i>	2002	Arnaldo César Coelho
Edilson Pereira da Silva	árbitro	<i>Cartão vermelho</i>	2006	Edilson Pereira da Silva
Estevam Sangirardi	humorista	<i>Um show de rádio - a vida de Estevam Sangirardi</i>	2006	Carlos Coraúcci
Euclides Z. Fiori	árbitro	<i>A república do apito</i>	2006	Euclides Zamperetti Fiori
Flávio Araújo	jornalista	<i>O rádio, o Futebol e a vida</i>	2001	Flávio Araújo
João Havelange	dirigente	<i>João Havelange - determinação e coragem</i>	1978	A. Vivaldo de Azevedo
João Havelange	dirigente	<i>Jovem Havelange - La FIFA en le tercer milenio</i>	1995	Eduardo José Farah
João Havelange	dirigente	<i>Jogo duro – a história de João Havelange</i>	2007	Ernesto Rodrigues
João Saldanha	jornalista / técnico	<i>João Saldanha - sobre nuvens de fantasia</i>	1996	João Máximo
João Saldanha	jornalista / técnico	<i>João Saldanha – uma vida em jogo</i>	2007	André Iki Siqueira
Joaquim Grava	médico	<i>Medicina Futebol Clube</i>	2004	Joaquim Grava
Juca Kfourri	jornalista	<i>Juca Kfourri – o militante da notícia</i>	2006	Carlos Alencar
Luiz Felipe Scolari	técnico	<i>Felipão - a alma do penta</i>	2002	Ruy Carlos Ostermann
Mário Américo	massagista	<i>Memórias de Mário Américo, o massagista dos reis</i>	1986	Henrique Matteucci
Mário Travaglini	técnico	<i>Mário Travaglini – da Academia à Democracia</i>	2008	Márcio Trevisan / Hélio Borelli
Mário Trigo	dentista	<i>O eterno Futebol</i>	2002	Mário Trigo
Nelson Rodrigues	cronista	<i>O anjo pornográfico - a vida de Nelson Rodrigues</i>	1992	Ruy Castro
Oltén Ayres de Abreu	árbitro	<i>A saga de um vencedor</i>	2005	Oltén Ayres de Abreu
Osmar de Oliveira	médico	<i>Causos do Dr. Osmar</i>		Osmar de Oliveira
Osmar Santos	jornalista	<i>Osmar Santos - o milagre da vida</i>	2004	Paulo Mattiussi
Paulo Machado de Carvalho	dirigente	<i>O Marechal da Vitória - uma história de rádio, TV e Futebol</i>	2005	Tom Cardoso / Roberto Rockmann
Paulo Planet Buarque	jornalista	<i>Uma vida no plural - jornal, rádio, televisão, política e muito Futebol</i>	2003	Paulo Planet Buarque
Sílvio Luiz	jornalista	<i>Olho no lance</i>	2002	Wagner William
Vicente Matheus	dirigente	<i>Vicente Matheus - quem sai na chuva é prá se queimar</i>	2001	Luiz Carlos Ramos
Vicente Matheus	dirigente	<i>Matheus – o senhor Corinthians</i>	2008	Marlene Matheus
Waldomiro Campos	dirigente	<i>Causos de Nenê Mamá</i>	1997	Luiz Gonzaga de Oliveira
Wanderley Luxemburgo	técnico	<i>É campeão - a montagem de um time vencedor</i>	2004	V. Luxemburgo / I. Ostrovsky
Zagallo	técnico	<i>As lições da Copa</i>	1971	Zagallo

### 4.3.5 Poesia

Bem poucos versos foram escritos sobre Futebol. Se não há quantidade, louve-se a qualidade de alguns nomes, como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Vinicius de Moraes. Drummond teve seus textos sobre Futebol (crônicas e poesias) selecionados por dois de seus netos e publicados em um livro. João Cabral escreveu poemas para Ademir da Guia (o “Divino”), Ademir de Menezes (o “Queixada”) e para o América do Rio, do qual se dizia torcedor. Vinicius, já citado pela canção *Cotidiano n.2*, escreveu um soneto para Garrincha. Destaquem-se, ainda, os pitorescos poemas em cordel com a história de alguns clubes brasileiros.

Como curiosidade, deve ser destacado o soneto *O salto*, talvez o mais antigo do gênero, escrito pela poetisa Anna Amélia, provavelmente ainda antes de 1920, inspirado no goleiro do Fluminense e da Seleção Brasileira (e, mais tarde, historiador) Marcos Carneiro de Mendonça, com quem ela se casaria, pouco depois.

Tabela 23 - Literatura: poesia

poeta	título	gênero	trecho
Albertina P. Santos	<i>Poema para Leônidas</i>	poema	[...] <i>Te chamaram Diamante / Negro - pelo brilho, pela cor / Borracha - ah, aquele jeito, aquela bossa / indovindo como um zás! / bicicletavas no ar / pois o espaço / só o espaço, sem limites / poderia limitar-te</i>
Aníbal Beça	<i>Celebrando Garrincha</i>	poema	<i>Frente a frente / 4 colunas / de dois templos em ebulição: / raios arqueados / oscilam / ossos / músculos / nervos / pernas em balanço: / arquitetura móvel / para o pêndulo da surpresa / não se sabe ao certo / dono de um mundo em rotação verde / rolando no plano pleno de desejos</i>
Anna Amélia	<i>O salto</i>	soneto	<i>Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético / sereno, forte, audaz como um vulto da Ilíada / todo meu ser vibrou num ímpeto frenético / como diante de um grego, herói de uma Olimpíada / ... / Como um deus a baixar do Olimpo, airoso, lépido / tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido / belo na perfeição da grega e antiga plástica</i>
Antonio Olinto	<i>Maracanã</i>	poema	<i>só fugas / repunham momento / de infância na cara / do Sousa chegando / ao círculo cinza / se abrindo em cimento / para o encontro, o doce / encontro de cada / pedaço disperso / agora gritando / no gol do Flamengo</i>
Apparício Torelly (Barão de Itararé)	<i>Match de Foot-ball</i>	poema	<i>O dia estava lindo. Havia gente em penca / o juiz apitou e começou a encrenca / ... / E, depois da hora e meia de combate, o juiz apitou. / o jogo estava empate.</i>
Artur Eduardo Benevides	<i>Soneto do Futebol</i>	soneto	<i>Leves, velozes, corpo saltitante / entram os craques em campo, em procura / de uma glória fugaz, que apenas dura / quanto dura uma rosa - um breve instante.</i>
Bento Prado Júnior	<i>O Futebol absoluto</i>	poema	<i>Ens causa sui / o gol de Ronaldo Gaúcho / os passos do Ademir da Guia / os chutes violentos de Jair Rosa Pinto / a doce condução da bola pelo Djalma Santos</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>A Seleção</i>	versos rimados	<i>Vai Rildo, não vai Amarildo / vão Pelé e, que bom, Mané / o menino gaúcho Alcino / e nosso veterano Dino / ... / com tudo isso e mais Rinaldo / e o canarinho de Zivaldo, / quarenta e seis, se conto bem / um time igual eu nunca vi / em Europa, França e Belém / que barbada seria o tri, / hein?</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>Copa do Mundo de 70</i>	poema	<i>Meu coração não joga nem conhece / as artes de jogar / bate distante / da bola nos estádios, que alucina / o torcedor, escravo de seu clube / ... / Vencer com honra e graça / com beleza e humildade / é ser maduro e merecer a vida, / ato de criação, ato de amor. / A Zagallo, zagal prudente, / e a seus homens de campo e bastidor / fica devendo a minha gente / este minuto de felicidade.</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>De 7 dias</i>	quadrinha	<i>Começou festiva a semana: / espíavamos por uma frincha / a vitória, e eis que ela fulgura / rosa aberta ao pé de Garrincha. / ... / E vem outro, mais outro dia / paira a esperança, junto à fé / a bola em flor no campo: jóia, / e seu ourives é Pelé.</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>Futebol</i>	poema	<i>Futebol se joga no estádio? / Futebol se joga na praia / Futebol se joga na rua / Futebol se joga na alma / ... / instantes lúdicos: flutua / o jogador, grava no ar / afinal, o corpo triunfante / da triste lei da gravidade</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>Milagre da Copa</i>	quadrinha	<i>Bulhões a Campos, fagueiro: / - Enfim, domada a inflação! / valorizou-se o Cruzeiro / e mais ainda o Tostão.</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>Quando é dia de Futebol</i>	livro de crônicas e poemas	(diversos)
Clara Albuquerque	<i>A linha da bola</i>	livreo	
Cláudio Aragão	<i>A história da Seleção Brasileira em cordel</i>	livreto de cordel	<i>... / Foram sete jogos, sete conquistas / foram dezoito gols assinalados / artilheiro da Copa, Ronaldinho / Felipão deve sempre ser lembrado / como o grande comandante do penta / ... / Sou Brasil! / sou do samba e Futebol! / sou Brasil, tenho garra prá lutar / do milênio, a potência que surgiu / tem o nome heróico de Brasil! / ...</i>
Cláudio Aragão	<i>A história do Botafogo em cordel</i>	livreto de cordel	
Cláudio Aragão	<i>A história do Corinthians em cordel</i>	livreto de cordel	<i>... / Basílio surgiu ligeiro / anjo do Santo Guerreiro / bateu forte prá marcar / e o mundo foi mais feliz / as correntes se quebraram / era o final do calvário / paraplélicos andaram / cego recobrou a visão / São Jorge e seu alazão / depressa à Lua voltaram. / ...</i>
Cláudio Aragão	<i>A história do Fluminense em cordel</i>	livreto de cordel	
Cláudio Aragão	<i>A história do Vasco da Gama em cordel</i>	livreto de cordel	

poeta	título	gênero	trecho
Cláudio Aragão	<i>Futebol brasileiro em cordel</i>	livreto de cordel	
Fabrcio Carpinejar	<i>A bola</i>	poema	<i>leve na partida, pesada na volta / feita para ser vô mais do que carne / ser asa mais do que pata / ser pluma mais do que couro</i>
Ferreira Gullar	<i>O gol</i>	poema	<i>A esfera desce / do espaço / veloz / ele a apara / no peito / e a pára / no ar / depois / com o joelho / a dispõe a meia altura / onde / iluminada / a esfera espera o chute que / num relâmpago / a dispara / na direção / do nosso / coração.</i>
Geraldo Lyra	<i>Do racha à Copa do Mundo</i>	poema	<i>Brasileiro foi Garrincha / e brasileiro é Pelé / que o País do Futebol / mulher bonita e café / tem craques de toda a parte / levando a bola no pé</i>
Gilka Machado	<i>Aos heróis do Futebol brasileiro</i>	poema	<i>Eu vos saúdo / heróis do dia / que vos fizestes compreender / numa linguagem muda / escrevendo com os pés magnéticos e alados / uma epopéia internacional / ... / em vossos pés heróicos / depões um beijo / a alma do Brasil!</i>
Homero Homem	<i>A Copa: vídeo-tape para Raymundo Nogueira</i>	poema	<i>O jogo com o Chile e a Finalíssima / não conto por supérfluo / meu Raymundo / em tua campã que é placar de flores / capta ainda no ar / no lar / na mesa de teu bar / o alarido do último gol / (Vavá)</i>
J.Edmar	<i>Corinthians - uma paixão em prosa e verso</i>	livreto	<i>... / é gostoso demais fazer parte / desta estupenda torcida / pois ela é valente, é unida / é fiel, leal e dedicada / é um privilégio poder dizer / sou corintiano até morrer / pois o Timão é minha vida!</i>
João Cabral de Mello Neto		poema	<i>A bola não é a inimiga / como o touro, numa corrida: / e, embora seja um utensílio / caseiro e que se usa sem risco / não é o utensílio impessoal / ... / e que, como bicho, é mister / (mais que bicho, como mulher) / usar com malícia e atenção / dando aos pés astúcias de mão</i>
João Cabral de Mello Neto	(homenagem a Ademir da Guia)	poema	<i>Ademir impõe com seu jogo / o ritmo do chumbo (e o peso) / da lesma, da câmara lenta / do homem dentro do pesadelo / ... / entorpecendo e então atando / o mais inquieto adversário</i>
João Cabral de Mello Neto	(homenagem a Ademir de Menezes)	poema	<i>Você, como outros recifenses / nascidos entre mangues e o frevo / soube mais que nenhum passar / de um para o outro, sem tropeço</i>
João Cabral de Mello Neto	<i>O torcedor do América FC</i>	poema	<i>O desábito de vencer / não cria o calo da vitória / não dá à vitória o fio cego / nem lhe causa as molas nervosas</i>
José de Ávila	<i>Epopéia na Suécia</i>	poema	<i>... / 29 de junho! Que alegria! / perante seletíssima platéia / os nossos, nesse memorável dia / usando os pés, o coração, a idéia / terminam com bravura e galhardia / a sexta e última etapa da Epopéia</i>
Manuel Bandeira			
Marco Polo Guimarães	<i>Garrincha</i>	poema	<i>ele tinha a perna torta / perna troncha, distorcida / perna errada, perna virada invertida, dobrada, partida / era como fosse uma perna / por uma bala atingida / mas a bala que é a morte / ele a transformara em vida</i>
Oswald de Andrade	<i>A Europa curvou-se ante o Brasil</i>	poema	<i>7 a 2 / 3 a 1 / a injustiça de Cete / 4 a 0 / 2 a 0 / 3 a 1 / e meia dúzia nos portugueses</i>
Patativa do Açaré	<i>Brasil bom de bola</i>	poema	<i>... / Eu me orgulho de ter nascido / neste meu Brasil querido / o país do Futebol / ... / A Seleção Brasileira / pertence ao mais alto rol / louvando a mágica chuteira / canta alegre o rouxinol / cheio de esperança e fé / nós temos o Rei Pelé / o ídolo do Futebol</i>
Paulo Mendes Campos	<i>O gol é necessário</i>	poema	<i>Bailando sem jogar, gemia o Macalé / - Quem me dera que fosse o preto Moacir / que vive no Flamengo, estrela a reluzir! / ... / mas o Mané deixando, triste, uma pelada: / Pois não troco Pau Grande por Madri, Pelé / e mesmo o Botafogo já me enfada... / por que não nasci eu um simples Macalé?</i>
Rubens Gerchman	<i>O Rei do Futebol</i>	poema	<i>Futebol é um jogo geométrico / de cores puras e brilhantes / círculos e meias-luas / ... / passada suave / corpo suado / vence / a gravidade / da vida / paira no ar / é gol</i>
Vinicius de Moraes	<i>O anjo das pernas tortas</i>	soneto	<i>A um passe de Didi, Garrincha avança / colado o couro aos pés, o olhar atento / dribla um, dribla dois, depois descansa / como a medir o lance do momento / ... / Garrincha, o anjo, escuta e atende: goooooo! / é pura imagem: um G que chuta um O / dentro da meta, um L. É pura dança!</i>

### 4.3.6 Miscelânea

Esta categoria inclui obras não incluídas nas demais, contendo fatos curiosos, histórias engraçadas, frases pitorescas, recordes, etc. Dentre elas, aparece o livro *Futebol — o Brasil em campo*, do jornalista britânico Alex Bellos, já comentado no intervalo deste trabalho.

Tabela 24 - Literatura: miscelânea

título	data	autor
<i>Futebol - o Brasil em campo</i>	2003	Alex Bellos
<i>Receitas para saborear assistindo à Copa do Mundo</i>	2006	André Boccato
<i>Futebol no país da música</i>	2009	Beto Xavier
<i>Futebol exportação</i>	2006	C. S. Jacobs / F. Duarte
<i>O livro de ouro do Futebol</i>	2002	Celso Unzelte
<i>Futebol em frases</i>		Cláudio Dienstmann
<i>Futebol e orgasmo – ensaio sobre orgonomia e Futebol</i>	1998	Claudio Mello Wagner
<i>Loucuras do Futebol - 288 histórias reais... e absurdas</i>	2003	Emedê
<i>Heróis do cimento – o torcedor e suas emoções</i>		Hilton Mattos
<i>90 minutos de sabedoria - a filosofia do Futebol em frases inesquecíveis</i>	2002	Ivan Maurício (org.)
<i>As melhores frases do Futebol</i>	2003	Ivan Maurício (org.)
<i>Zaragoza, Olimpíadas e Futebol Arte</i>	2008	José Zaragoza

título	data	autor
<i>Mascotes do Futebol brasileiro</i>	2006	Juarez Corrêa
<i>Fome de bola - Cinema e Futebol no Brasil</i>	2006	Luiz Zanin Oricchio
<i>O guia dos curiosos - esportes</i>	1996	Marcelo Duarte
<i>Viagem ao país do Futebol</i>	1998	Mário Magalhães
<i>Bolas e bocas - frases de craques e bagres do Futebol</i>	2003	Mauro Beting
<i>É o bicho - o mundo animal no reino do Futebol</i>	1998	Pedro Marcos Linardi
<i>O livro das datas do Futebol</i>	2004	Rodolfo M. Rodrigues
<i>Escudos dos times do mundo inteiro</i>	2006	Rodolfo Rodrigues
<i>1.000 perguntas sobre Futebol</i>	2006	Rodrigo Munhoz
<i>Curiosidades e recordes do Futebol brasileiro</i>	1989	Severino Filho
<i>Futebol por todo o mundo – diálogos com o cinema</i>	2006	V. A. Melo / M. Alvito

Além desses livros, há outros, que aparecem em outros itens deste trabalho: humor, idioma, artes plásticas, academia.

E, finalmente, há ampla literatura voltada à parte técnica do esporte, que não foi alvo desta pesquisa.

#### 4.4 as Artes Plásticas

Neste item, são apresentadas algumas obras nos campos da pintura, da escultura e da fotografia, inspiradas no Futebol.

A impressão que fica em relação a essas manifestações culturais é a de que elas não têm dado, ao Futebol, a mesma atenção que dão a outros temas. Essa era, também, a opinião de Frederico Morais, em 1982, expressa no catálogo da exposição *Universo do Futebol*, da qual foi um dos principais organizadores:

*“Num país dominado pelo futebol, pelo carnaval e pela umbanda, a presença desses três temas na produção erudita do artista plástico é quase inexpressiva. As razões podem ser muitas e, talvez, a principal delas resida curiosamente nos próprios temas. Os artistas plásticos de um modo geral, reagem aos temas muito enfáticos, populares. Natural, diante do futebol-arte [...] ou, mesmo diante de um Maracanã cheio com as torcidas duelando com suas incríveis bandeiras, um pintor pode fazer muito pouco. O samba pede um trabalho do artista plástico lá dentro, como carnavalesco, como autor de alegorias ou adereços, mas, e o futebol? No máximo, o artista plástico pode desenhar o uniforme do time, ou incursionar pela área dos troféus.”*<sup>81</sup>

Mesmo reconhecendo o “restrito universo do futebol enquanto representação temática nas artes plásticas”, Frederico Morais já havia organizado, em 1968, a exposição *O artista brasileiro e a iconografia de massa*, na Escola Superior de Desenho Industrial, na qual Pelé apareceu em pelos menos três obras, ao lado de outros ídolos ou mitos de massa, como Roberto Carlos, Chacrinha, Che Guevara e o Super-Homem. Dois anos depois, realizaram-se as primeiras mostras específicas sobre Futebol, no Paço das Artes, em São Paulo, e no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. A vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1970, aliás, foi para ele um marco nas artes plásticas, pois “proporcionou uma das maiores explosões de criatividade popular de que se tem notícia na história recente do Brasil. Com notável ousadia e inventividade, o torcedor redesenhou a bandeira brasileira, propondo novas soluções formais, que geralmente implicaram na simplificação do desenho geométrico, redução do número de cores e agigantamento”<sup>82</sup>, com reflexos até hoje.

A exposição de 1982, *Universo do Futebol*, foi, provavelmente, a mais ampla e abrangente já organizada no país sobre o tema. Realizada no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, durante o período em que se disputou a Copa do Mundo da Espanha, nela foram expostos cerca de 50 pinturas, desenhos e gravuras, mais de 70 desenhos de humor (caricaturas, charges e cartuns) e 7 instalações, além de troféus, camisas e bandeiras; foram exibidos mais de 10 filmes; foram promovidas oficinas para adultos e crianças, além de mesas-redondas com debates públicos; e foi lançado um livro, *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*.

A partir de então, realizaram-se outras exposições do gênero, especialmente nos anos de Copas do Mundo (exemplos: em 2002, a exposição *Arte Futebol* apresentou 16 obras na sala Mário Pedrosa do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro; em 2006, 11 artistas tiveram obras suas expostas na mostra *Futebol e Arte*, no Espaço Cultural Vivo, em São Paulo; ainda em 2006, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, a exposição *Futebol — desenhando sobre fundo verde* apresentou fotografias, pinturas e esculturas de

<sup>81</sup> DAMATTA; MORAIS, 1982, p.16

<sup>82</sup> DAMATTA; MORAIS, 1982, p.16

19 artistas brasileiros e estrangeiros). Nenhuma delas teve mais visibilidade do que a exposição *Pelé — a arte do Rei*, que, em 2002, ocupou dois pavimentos do Museu de Arte de São Paulo, com centenas de objetos ligados à história da carreira futebolística de Pelé, dentre os quais cerca de 20 obras de arte.<sup>83</sup>

#### 4.4.1 Pintura

Os primeiros artistas dedicados à pintura que buscaram no Futebol temas para seus quadros foram Rodolpho Chamberland, Cícero Dias e Francisco Rebolo. Este último, de 1917 a 1930, antes de se tornar artista, foi atleta de Futebol, e teria até (embora não haja comprovação deste fato) defendido o Corinthians, clube para o qual criou o escudo que permanece até hoje (com uma âncora e um par de remos). É de Rebolo a pintura em que aparecem dois jogadores em disputa pela bola (um deles, o próprio artista), capa da 4ª. edição do histórico livro *O negro no Futebol brasileiro*, de Mario Filho.

O grande Cândido Portinari, talvez o maior nome da pintura brasileira, também deve ser citado, com diversas obras que mostram garotos jogando Futebol numa paisagem rural, possivelmente imagens de sua infância em Brodósqui-SP (reconhecível pela terra avermelhada). A artista primitiva Djanira da Motta e Silva é outro nome importante que retratou o esporte, assim como Vicente do Rego Monteiro, que além de pintor foi poeta consagrado.

Mais uma vez salta aos olhos a importância de Pelé como fonte inspiradora de obras de Arte. Dentre as inúmeras obras em sua homenagem, destacam-se os trabalhos de Aldemir Martins, do norte-americano Andy Warhol (o criador da Arte “pop”), de Cláudio Tozzi e de Rubens Gerchman. Estes dois últimos têm sido os artistas contemporâneos para os quais o Futebol tem sido um tema relativamente recorrente. No caso do carioca Gerchman, suas primeiras obras datam de 1965, e por mais de 40 anos, até sua morte, manteve-se fiel ao Futebol. Seu estilo é semelhante ao de Alexandre Sherman que, em 2003, teve seus trabalhos, “*inspirados nos grandes momentos do Futebol, no gol e na comemoração da torcida*”,<sup>84</sup> apresentados na mostra *Explosão de torcidas*, no saguão do Serviço Social do Comércio (SESC)-Consolação, em São Paulo.

Tabela 25 - Artes plásticas: pintura

pintor	título	data	características	dimensões(cm)
(crianças da favela do Morro do Cascalho)	(sem título)	s/data	(diversas)	(diversas)
(diversos)	(diversos)	2006	exposição Futebol, paixão brasileira de arte naïf	(diversas)
Alcides Santos	(sem título)	1980	têmpera e óleo sobre eucatex	76x57
Aldemir Martins	<i>Futebol</i>	1966	tinta gráfica sobre tela	166x130
Aldemir Martins	<i>O juiz</i>	1966	tinta gráfica sobre tela	166x130
Aldemir Martins	<i>Pelé - camisa 10</i>	1966	tinta tipográfica sobre tela	165x130
Aldemir Martins	(sem título)	1989	água-forte aquarelada	53x39
Alexandre Sherman	(diversos)	2003	tinta acrílica	
Aloysio Zaluar	<i>Ao gosto da época</i>	1980	óleo sobre aglomerado de madeira	91x92
Aloysio Zaluar	<i>Rio de areia - grand finale</i>	1982	óleo sobre madeira	130x100
Ana Durães	(rosto de Garrincha)		painel de ladrilhos	
André Lhote	<i>Football</i>	anos 30	óleo sobre tela	148x179
Andy Warhol	<i>Pelé</i>		óleo sobre tela	111x111
Antônio Bandeira	<i>Futebol em Hyde Park</i>	1964	óleo sobre tela	81x100
Antônio Gomide	<i>Futebol no morro</i>	1959	óleo sobre tela	55x46
Antonio Peticov	<i>Maracanã</i>	1998	acrílico sobre tela	160x200
Antonio Peticov	<i>Sonhando</i>	1998	acrílico sobre tela	200x124
Antonio Peticov	<i>Bicicleta #4</i>	2006	acrílico sobre tela	180x180
Aparecida R. Azevedo	<i>Futebol e samba</i>	1996	tinta acrílica sobre tela em eucatex	113x139
Bette Kalache	<i>Bola na rede</i>	1997	técnica mista	100x120
Cândido Portinari	<i>Futebol</i>	1935	óleo sobre tela	97x130
Cândido Portinari	<i>Futebol</i>	1940	óleo sobre tela	130x160
Cândido Portinari	<i>Futebol em Brodósqui</i>	s/data	grafite sobre papel	28x35
Carlos Oswald	(estudo para decoração da sede do Botafogo)	anos 20	carvão e grafite sobre papel	55x75,5
Cícero Dias	<i>O goleiro</i>	anos 20	aquarela e nanquim sobre papel	55x50
Cícero Dias	<i>O futebolista</i>	anos	aquarela sobre tela	55x50

<sup>83</sup> MONTE ALTO; ZARVOS, 2002, p.28-35

<sup>84</sup> impresso da exposição

pintor	título	data	características	dimensões(cm)
		30		
Cláudio Tozzi	<i>Pelé</i>	1969	alquídica sobre eucatex	120x120
Cláudio Tozzi	<i>Futebol</i>	1970	liquilex sobre tela em eucatex	120x120
Cláudio Tozzi	<i>Goleiro</i>	1972	terra, tecido, acrílico e tinta acrílica sobre tela em eucatex	74x74
Cláudio Tozzi	<i>Futebol</i>	1973	acrílico sobre tela	100x100
Cláudio Tozzi	<i>A dança do Futebol</i>	1998	acrílico sobre tela	193x249
Cláudio Tozzi	<i>Futebol</i>	1998	tinta acrílica sobre tela em eucatex	60x210
Cláudio Tozzi	<i>Futebol</i>	2006	acrílico sobre tela	200x200
Cláudio Valério Teixeira	<i>Gol do Flamengo (Vermelho e preto)</i>	1982	óleo sobre tela	80x140
Dalvan	<i>Brasil x França</i>	1998	tinta acrílica sobre eucatex	42x64
Djanira da Motta e Silva	<i>Fla-Flu</i>			
Djanira da Motta e Silva	<i>Futebol</i>	1948	óleo sobre tela	96x200
Djanira da Motta e Silva	<i>Jogo de bola</i>	1948	guache sobre papel	28x49
Emeric Marcier	<i>Praia do Leblon</i>	1964	óleo sobre tela	50x73
Enrico Bianco	<i>Meninos e bola</i>	1959	óleo sobre tela	65x92
Eugênio Sigaud	<i>Futebol na praia</i>	1963	óleo sobre tela	25x41
Eugênio Sigaud	<i>Tirando a bola</i>	1977	óleo sobre tela	41x33
Fernando Mendonça	<i>Jogador de Futebol</i>	1971	acrílico sobre tela	143x93
Fernando Mendonça	<i>Eu vi o Rei chegar e entrar sem bater, com bola e tudo</i>	2001	tinta acrílica, óleo aramado, papelão, espuma, plástico e linha	47x42
Francisco Rebolo Gonzales	<i>Jogadores de Futebol</i>	1936	óleo sobre tela	86x56
Gerson de Souza	<i>O campeão</i>	1964	óleo sobre tela	53x73
Gilberto Freyre	<i>Partida de Futebol</i>			
Glauco Rodrigues	<i>Pelé</i>	1974	tinta acrílica sobre eucatex	55x47
Ismael Nery	<i>Em caminho do gol</i>	1917	nanquim e aquarela sobre papel	29x12
Ivald Granato	<i>Futebol</i>	1982	acrílico sobre tela	70x50
Ivald Granato	<i>Falta</i>	1998	acrílico sobre tela	150x200
Ivald Granato	<i>Lance</i>	2006	acrílico sobre tela	180x180
Ivan Serpa	<i>O jogador</i>	1953	guache sobre cartão	24x17
Jadir Freire	<i>Torcida organizada</i>	1982	técnica mista	50x35
Jô Soares	<i>Cartões</i>	2006	digicromia	200x200
João Câmara	<i>A traição</i>		litografia	40x53
João Câmara	<i>Jogos de guerra</i>		litografia	53x61
João Câmara	<i>Jogador de Futebol</i>	1973	óleo sobre madeira	220x80
João Cândido Silva	<i>Jogo de Futebol</i>	2006		
João Magalhães	(sem título)		óleo sobre tela	
José Antônio da Silva	<i>Futebol</i>	1982	óleo sobre tela	40x50
José Antônio da Silva	<i>Futebol</i>	1983	acrílico sobre madeira	52x42
José Roberto Aguilar	<i>Futebol 3</i>	1966	spray sobre tela	112x146
José Roberto Aguilar	<i>Futebol 1</i>	1976	óleo sobre tela	114x147
José Roberto Aguilar	<i>Brasil Futebol Clube</i>	1982	óleo sobre madeira	120x180
José Roberto Aguilar	<i>O Deus do Futebol</i>	1998	acrílico sobre tela	200x270
José Roberto Aguilar	<i>Time de Futebol com a bola</i>	1998	acrílico sobre tela e bola de futebol	200x200
José Sabóia	<i>Flamengo</i>	s/data	acrílico sobre tela	33x46
José Zaragoza	<i>A dança do Futebol</i>	1962	acrílico sobre tela	193x249
José Zaragoza	<i>Dois contra um é desleal</i>	1998	pastel a óleo sobre tela	150x211
José Zaragoza	<i>Mão na bola</i>	2006	pastel a óleo sobre tela	180x180
Juarez da Costa Mendes	<i>Futebol</i>		acrílico sobre ladrilho	
Márcia Rothstein	<i>Tiro livre</i>	1978	aquarela sobre papel	37x57
Márcia Rothstein	<i>Trave</i>	1978	aquarela sobre papel	37x57
Maria Bonomi	<i>Goal!</i>	2006	xilogravura	150x200
Maurício Nogueira Lima	<i>O Rei</i>	1970	acrílico sobre tela	97x97
Maurício Nogueira Lima	<i>Tostão</i>	1970	acrílico sobre tela	100x100
Newton Cavalcante	<i>Goleiro</i>	1982	óleo sobre tela	60x73
Newton Cavalcante	<i>Jogador</i>	1982	óleo sobre tela	100x120
Newton Rezende	<i>Futebol</i>	1977	óleo sobre tela	100x100
Newton Rezende	<i>Gol, homenagem a Garrincha</i>	1983	óleo sobre eucatex e colagem	80x80
Pedro Correa de Araújo	<i>Futebol: Brasil 2x1</i>	1938	óleo sobre madeira	49x60
Quirino Campofiorito	<i>Goool!</i>	1950	argila	22x22
Quirino Campofiorito	<i>Futebol e Futepaldi</i>	1973	óleo sobre tela	90x40
R. Ozias	<i>A taça é nossa</i>	1998	óleo sobre eucatex	40x60
Renot	<i>Futebol</i>	1982	óleo sobre tela	40x50
Reynaldo Fonseca	<i>Meninos e tatu-bola</i>	1979	nanquim sobre papel	30x24
Roberto Magalhães	<i>Futebol</i>	1982	pastel sobre papel	67x96
Roberto Magalhães	<i>Zico</i>	1984	óleo sobre tela	44x27
Roberto Magalhães	<i>O goleiro</i>	1998	tinta acrílica sobre tela	60x92

pintor	título	data	características	dimensões(cm)
Roberto Magalhães	<i>Agora e sempre</i>	2006	acrílico sobre tela	120x200
Rodolpho Chambelland	<i>Menino com bola</i>	1914	óleo sobre tela	170x74
Rosina Backer do Vale	<i>Jogo de Futebol</i>	1969	óleo sobre tela	60x73
Rubens Gerchman	<i>Denilson</i>			
Rubens Gerchman	<i>Garrincha</i>			
Rubens Gerchman	<i>Maracanã</i>			
Rubens Gerchman	<i>Pelé</i>		crayon sobre papel	50x70
Rubens Gerchman	<i>Pelé</i>		crayon e tinta acrílica sobre papel	50x70
Rubens Gerchman	<i>Platini</i>			
Rubens Gerchman	<i>Zico em ação</i>			
Rubens Gerchman	<i>Palmeiras e Flamengo</i>	1965	óleo sobre tela	240x300
Rubens Gerchman	<i>Heróis do estádio</i>	1966	técnica mista	165x121
Rubens Gerchman	<i>Os super-homens</i>	1968	nanquim e guache sobre papel recortado	29x44
Rubens Gerchman	<i>O Futebol (Os desaparecidos)</i>	1970	óleo sobre tela	160x200
Rubens Gerchman	<i>Flamengo tricampeão</i>	1982	acrílico sobre tela	145x195
Rubens Gerchman	<i>Botafogo / cangaço</i>	1995	vidro, espelho, fotografia e acrílico sobre tela	200x400
Rubens Gerchman	<i>Heleno de Freitas</i>	1995	acrílico sobre tela	150x150
Rubens Gerchman	<i>Pelé - duas vezes</i>	1996	óleo, tinta acrílica e pigmento natural sobre tela	240x100
Rubens Gerchman	<i>Gérson, Canhotinha de ouro</i>	1997	acrílico sobre tela	
Rubens Gerchman	<i>Mané Garrincha, Alegria do povo</i>	1997	acrílico sobre tela	
Rubens Gerchman	<i>Pelé</i>	1997	tinta acrílica e óleo sobre tela	150x150
Rubens Gerchman	<i>Garrincha, alegria</i>	1998	acrílico sobre tela	150x150
Rubens Gerchman	<i>Estilique Ronaldinho</i>	2006	acrílico sobre tela	200x200
Sandro Donatello Teixeira	<i>Mengão no Japão é campeão</i>	1982	óleo sobre tela	65x81
Sérgio Millet	<i>Futebol</i>	anos 50	óleo sobre tela	61x50
Silvio Pinto	<i>Futebol</i>		óleo sobre tela	61x50
Siron Franco	<i>Fim do craque</i>	1975	óleo sobre aglomerado de madeira	90x90
Siron Franco	<i>O jogador</i>	1976	óleo sobre aglomerado de madeira	90x90
Timóteo da Costa	<i>Football</i>			
Tobias Marcier	<i>Jogadores</i>		óleo sobre tela	30x20
Tomoshige Kusuno	<i>Goleiro</i>	1979	grafite e liquitex sobre tela	160x200
Tomoshige Kusuno	<i>Goleiro</i>	1998	acrílico sobre tela	160x205
Tomoshige Kusuno	<i>Mãe e bola</i>	1998	acrílico sobre tela	160x205
Tomoshige Kusuno	<i>As bolas</i>	2006	pastel sobre papel sobre tela	180x180
Vicente do Rego Monteiro	<i>O gol 1000 de Pelé</i>	1970	óleo sobre tela	65x117
Vicente do Rego Monteiro	<i>Menino com bola</i>	anos 60	tinta acrílica sobre tela	62x51
Wellington Virgolino	<i>Posando para as objetivas</i>	1982	óleo sobre tela colada em eucatex	80x35
Wellington Virgolino	<i>Um lance muito esquisito</i>	1982	óleo sobre tela colada em eucatex	60x47
William Aurelino dos Santos	<i>Retrato de Robinho</i>	2005		
Zélio Alves Pinto	<i>Jogo aéreo</i>	1998	acrílico sobre tela	100x100
Zélio Alves Pinto	<i>Goal!</i>	2006	acrílico sobre tela	180x180

#### 4.4.2 Escultura

Pode-se até tentar arriscar uma explicação para o pequeno número de estátuas ou bustos retratando jogadores brasileiros: no Brasil não é costume fazer esse tipo de homenagem a personalidades vivas, e, como o jogador de Futebol encerra ainda jovem sua atividade profissional, em geral, ao morrer, ele já se encontra esquecido pelo grande público. Por ter falecido no auge de sua popularidade, o corredor de Fórmula 1 Ayrton Senna mereceu o mais destacado monumento a um esportista existente na cidade de São Paulo, mais precisamente no bairro do Ibirapuera, à entrada do túnel que leva o seu nome (embora, contrariando esta tese, a tenista Maria Esther Bueno, ainda viva, com duas estátuas e uma escultura, seja a desportista mais vezes homenageada na cidade, por esta forma de arte).

Assim, quase todos os futebolistas homenageados o foram em vida, a começar pelo corintiano Neco, ainda em 1924, por ocasião de sua despedida dos gramados, com seu busto ainda hoje exposto nas alamedas do Parque São Jorge.

Estátuas de corpo inteiro são ainda mais raras. A maior é a localizada à frente dos portões do estádio do Maracanã, que retrata um atleta erguendo a Copa do Mundo, a primeira conquistada pelo Brasil, na Suécia, em 1958. Essa estátua é conhecida como a Estátua do Bellini, pois foi o capitão brasileiro o primeiro a erguer a taça. Curiosamente, o grande craque Zico mereceu duas estátuas fora do Brasil, ambas na cidade de

Kashima, no Japão, onde é extremamente popular e querido. Pelé é homenageado por três estátuas (uma em Sergapur, na Índia, e outras em Três Corações-MG, sua cidade natal,<sup>85</sup> e em Salvador-BA), por dois bustos (um inaugurado em 2006 no estádio da rua Javari, comemorativo do mais belo gol de sua carreira, e outro na Vila Belmiro, palco de inúmeras de suas exibições), e por uma escultura (no SESC de Santos-SP).

O monumento à frente do tradicional Club Athletico Paulistano, no Jardim América, em São Paulo, talvez seja o único no gênero em homenagem a uma equipe de Futebol. Evoca a vitoriosa excursão do time (que contava com Arthur Friedenreich) à Europa, em 1925, tendo vencido 9 dos 10 jogos disputados.

No que se refere às dimensões da obra, talvez a maior delas tenha sido a instalação *Futebol ou o dia em que o Corinthians foi campeão*, do artista plástico Nelson Leirner, que ocupou todo um salão do Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, em 2004. Nela, um longo cortejo de estatuetas (bonecos e imagens de santos), qual uma procissão, rumava para um “mini-estádio”, com suas arquibancadas já tomadas (por outras estatuetas).

Tabela 26 - Artes plásticas: escultura em homenagem a jogador

jogador	tipo	local
Ademir da Guia	busto	Parque Antarctica
Baltazar	busto	Parque São Jorge
Bellini	estátua	Maracanã
Cláudio	busto	Parque São Jorge
Clóvis	busto	estádio da rua Javari
Junqueira	busto	Parque Antarctica
Leônidas da Silva	escultura	Memorial do Morumbi
Luisinho	busto	Parque São Jorge
Mauro Ramos de Oliveira	estátua	Poços de Caldas-MG
Neco	busto	Parque São Jorge
Pelé	busto	estádio da rua Javari
Pelé	busto	Vila Belmiro, Santos-SP
Pelé	escultura	SESC, Santos-SP
Pelé	estátua	Sergapur, Índia
Pelé	estátua	Três Corações-MG
Pelé	estátua	estádio da Fonte Nova, Salvador-BA
Romário	estátua	estádio de São Januário, Rio de Janeiro
Telê Santana	estátua	Itabirito-MG
Valdemar Fiúme	busto	Parque Antarctica
Zagallo	busto	Maracanã
Zico	estátua	estádio de Kashima, Japão
Zico	estátua	shopping center de Kashima, Japão

Tabela 27 - Artes plásticas: escultura sobre Futebol

escultor	título	tipo	data	observações
	(ao Club Athletico Paulistano)	monumento	1925	praça Dionísio de Carvalho, Jardim América - São Paulo
Antônio de Oliveira	<i>Violência no Futebol</i>	escultura		madeira, 100x80x40cm, Museu de Folclore Edison Carneiro
Antônio Luiz M. Andrade	<i>Pense o jogo</i>	instalação	1982	exposição <i>Universo do Futebol</i>
Aparício Basílio	<i>Chuteiras</i>	objeto	1981	bronze dourado, 115x19,5x28cm
Aparício Basílio	<i>Bola de Futebol</i>	objeto	1981	bronze dourado, 22cm (diâmetro)
Bené Fonteles	(sem título)	xerografia	1982	exposição <i>Universo do Futebol</i>
Christiano Teixeira	<i>Zona do agrão</i>	objeto	1982	terracota e poliéster, 43x18x30,5cm
Cláudio Tozzi	<i>O goleiro</i>	muro com serigrafias	1973	exposição <i>Universo do Futebol</i>
Farnese de Andrade	<i>Futebol</i>	objeto	1994	109x32cm, coleção Diógenes Paixão
Filipe Barbosa	<i>Morula</i>	objeto		
Filipe Barbosa	<i>Seleção chinesa</i>	objeto		
Ivald Granato	<i>Granato Futebol Clube</i>	instalação e performance	1982	exposição <i>Universo do Futebol</i>
Joanna Drummond	<i>Jogador de Futebol</i>	objeto	1982	bronze dourado, 44x19x50cm
João Monteiro	<i>Ginga canonizada: deuses e semi-deuses do Futebol brasileiro</i>	instalação	2007	Parque das Bicicletas, no bairro do Ibirapuera, em São Paulo
Marcelo Netsche	<i>O fotógrafo</i>	instalação	1982	exposição <i>Universo do Futebol</i>
Nelson Leirner	<i>As Zagalas</i>	instalação		crítica à forma de jogo da Seleção Brasileira na Copa de 98

<sup>85</sup> O ADEUS, 23/10/90, p.62

escultor	título	tipo	data	observações
Nelson Leirner	<i>Futebol ou O dia em que o Corinthians foi campeão</i>	instalação		utiliza borracha, plástico, gesso e madeira
Nelson Leirner	<i>O hino</i>	instalação	1982	exposição <i>Universo do Futebol</i>
Ricardo Basbaum		escultura		
Rubens Gerchman	<i>O Futebol</i>	instalação	1982	exposição <i>Universo do Futebol</i>
Sandro Donatello Teixeira	<i>Brasil País do Futebol</i>	objeto	1972	gesso pintado e acrílico e têmpera, 60x24x48cm
Teodoro Eggers Neto / Zélio Alves Pinto / José Renato Vessoni / Alfredo Pimenta	<i>Monumento ao Futebol</i>	monumento		em projeto, a ser erigido na praça Charles Miller - São Paulo
Xico Chaves	<i>Sport-ação</i>	escultura		

#### 4.4.3 Fotografia

Ao comentar o lançamento do livro *Brasil — um século de Futebol, arte e magia*, o jornalista Daniel Piza, de *O Estado de S. Paulo*, escreveu:

“Capturar visualmente o futebol não é fácil, o que é prova de sua riqueza. A TV, por exemplo, não se detém muito em detalhes, e a câmera lenta sugere uma contundência maior ou menor do que a real. Cabe à fotografia uma função única: quando feliz, o congelamento dá a uma imagem de futebol a força da síntese simbólica.”<sup>86</sup>

Alvo constante do foto-jornalismo, o Futebol acabou gerando fotos que foram, depois, consideradas obras de arte, embora a maioria delas não tivesse tido esse objetivo. Muitas dessas fotos puderam ser apreciadas em exposições, e foram reproduzidas em livros de arte. Algumas acabaram premiadas, como a que flagrou o momento exato da fratura da perna do atacante Mirandinha, do São Paulo, em 1974, agraciada com o *Prêmio Esso de Foto-Jornalismo*.

Nem só dentro dos estádios o Futebol se mostra fotogênico. Fora deles, foi alvo, também, das lentes de profissionais e amantes da fotografia. Destaque-se o trabalho *No mundo maravilhoso do Futebol*, feito com crianças e jovens da favela do Morro do Cascalho, em Belo Horizonte-MG, que reuniu fotos e gravuras retratando o Futebol em sua comunidade, e que foi publicado na Holanda. Já os livros *Brasil bom de bola* e *Brasil — um século de Futebol, arte e magia* reproduzem, com muita arte, fotos de profissionais que, artisticamente, documentam a importância do Futebol no cotidiano do brasileiro.

Deve ser destacado, ainda, o livro *Era Pelé*, com centenas de fotos feitas por Domício Pinheiro, provavelmente o fotógrafo que mais retratou o “Rei” Pelé em ação. Infelizmente, um incêndio destruiu a maioria dos negativos das fotos publicadas.

Tabela 28 - Artes plásticas: fotografia

fotógrafo	local
Ed Viggiani, Celso Oliveira, Tiago Santana, Walter Firmo, Flavio Canalonga, Luís Humberto, Vidal Cavalcante, Antônio Gaudério, Elza Lima, Luiz Santos, Marlene Bergamo, Alexandre Battibugli, Gustavo Moura, Leonardo Duarte, Juarez Cavalcante, Eduardo Knapp, Rogério Reis, Márcio Lima, Américo Mariano, Tibico Brasil, Sérgio Vieira	livro <i>Brasil bom de bola</i>
(crianças da favela do Morro do Cascalho, Belo Horizonte-MG)	livro <i>No mundo maravilhoso do Futebol</i> , de Julian Germain / Murilo Godoy / Patrícia Azevedo
(diversos)	calendário <i>Contrastes 2006, a arte no Futebol</i> , da Bayer
(diversos)	livro <i>Arquivo em imagens - série Última hora - Futebol</i>
(diversos)	livro <i>Brasil - um século de Futebol, arte e magia</i>
(diversos)	livro <i>Futebol-arte</i>
(diversos)	livro <i>Pelé, o atleta do século</i>
Domício Pinheiro	livro <i>Era Pelé</i> , de Domício Pinheiro
Ed Viggiani	livro <i>Brasileiros Futebol Clube</i>
Paulo Pinto	exposição <i>Memórias do penta</i> , no Shopping Ibirapuera
Walter Firmo, Alaor Filho, Egberto Nogueira, Evandro Teixeira, Kitty Paranaguá, Mirian Fichtner, Rogério Reis	livro <i>Torcedor</i>
Thomaz Farkas	livro Thomaz Farkas, <i>Pacaembu</i>

#### 4.5 a Mídia

Desde que surgiu, e ao longo de toda a sua existência, o Futebol tem sido acompanhado de perto pelos grandes meios de comunicação de massa: o jornal, o rádio, a revista e a televisão. Trata-se de um caso em que está envolvida uma troca mútua de vantagens: ao divulgarem-no, os veículos fazem o papel de aproximar o

<sup>86</sup> PIZA, 20/3/5006, p.E6

Futebol à população, mas também obtêm um alto lucro com o esporte, que lhes impulsionam vendas e anunciantes, numa relação aparentemente estável, o que talvez explique sua longevidade.

#### 4.5.1 Jornal

*“Foot-ball Match - Campeonato de 1902*

*Hoje, às 3 horas da tarde, no campo do Parque Antarctica, realiza-se o primeiro match do campeonato para 1902, estabelecido pela Liga Paulista de Foot-ball, entre os clubes A.A. do Mackenzie College e S.C. Germânia. Da Diretoria do S.C. Germânia, recebemos um convite para o match a realizar-se hoje, e, também, os estatutos e regras do foot-ball, estabelecidas pela Liga. Grato.”<sup>87</sup>*

Desde as primeiras partidas de Futebol disputadas em São Paulo, graças ao entusiasmo e à determinação de Charles Miller e seus amigos, os jornais lhes deram atenção. O anúncio do jogo de abertura do Campeonato Paulista de 1902, pelo jornal *A Província de S. Paulo* (o atual *O Estado de S. Paulo*), deixava claro que o esporte não era apenas um mero divertimento entre jovens, mas sim uma competição oficial séria, com regras e estatutos. A final daquele mesmo campeonato mereceu do jornal ampla cobertura, com a escalação das equipes, relato dos principais lances e comentários sobre as atuações dos principais jogadores. O já citado Mário Cardim, autor do primeiro livro de regras, era o principal jornalista especializado em Futebol da época, e assim descreveu o entusiasmo da torcida:

*“A concorrência, como prevíamos, foi extraordinária, podendo-se calcular em quatro mil pessoas que entusiasmadamente não se cansaram de aplaudir os temíveis jogadores. As gentis senhoritas, que davam à festa o máximo encanto, mostravam-se visivelmente comovidas quando a bola se aproximava de qualquer goal, comoção que se traduzia em estrondosos applausos ao ser a bola bem rebatida. As elegantes archibancadas tremiam sob o barulho que faziam os inúmeros espectadores.”<sup>88</sup>*

Na medida em que Futebol e jornal foram, gradativamente, passando por um processo de popularização, o primeiro passou a ganhar espaços cada vez maiores no segundo: amplas reportagens passaram a ocupar uma página, depois uma seção, depois um caderno.

Apaixonados por Futebol, filhos de jornalista e eles próprios jornalistas, os irmãos Mario e Nelson Rodrigues eram nomes importantes da imprensa esportiva no início dos anos 30, no Rio de Janeiro (trabalhavam em *O Globo*, de Roberto Marinho), embora vivessem em constantes dificuldades financeiras. Em 1931, Mario Rodrigues Filho fundou *O Mundo Esportivo*, praticamente na mesma época do rival *Jornal dos Sports*, ambos voltados a esportes em geral, mas, principalmente, ao Futebol.

*O Mundo Esportivo* teve vida curta (apenas 8 meses), mas deixou seu legado: a criação do concurso do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, para dar assunto ao jornal durante as férias do Futebol. Mario Filho, porém, não ficaria muito tempo longe do esporte e, em 1936, assumiu a direção do *Jornal dos Sports*, com suas tradicionais páginas cor-de-rosa, incorporando-o ao grupo de *O Globo*. Por muitos anos, os irmãos Rodrigues estiveram intimamente ligados a esses jornais, e se tornaram ícones. Nelson ainda teria uma importante passagem, como dramaturgo, pelo jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer.

Quase que simultaneamente, em São Paulo se destacava o jornalista Thomaz Mazzoni (que era também chamado de Olympicus, nome do detalhado *Almanaque Esportivo* que ele editava), à frente de *A Gazeta Esportiva*, o jornal esportivo do grupo *A Gazeta*, conduzido pelo jornalista Cásper Líbero. Depois de décadas como referência para a imprensa desse setor, *A Gazeta Esportiva* deixou de ser publicada em papel, sendo agora uma importante agência de notícias da internet.

Desapareceram, também, pequenos tablóides de existência efêmera, como *O Esporte*, nos anos 40, e *O Mundo Esportivo*, nos anos 60 — ambos veiculavam as polêmicas opiniões do jornalista Geraldo Bretas.

Além desses casos de jornais voltados exclusivamente para os esportes, quase todos os principais periódicos com noticiários gerais sempre dedicaram seções, páginas, cadernos ou edições especiais ao Futebol, contando com jornalistas de expressão no setor. Caso de De Vaney, pseudônimo do jornalista Adriando Neiva, radicado em Santos-SP e cuidadoso historiador e estatístico do Futebol.

<sup>87</sup> MILLS, 2005, p.107

<sup>88</sup> MILLS, 2005, p.112

Atualmente, no eixo Rio de Janeiro — São Paulo, o destaque vai para o jornal *Lance!*, criado nos anos 90, e que faz uma excelente cobertura do Futebol no país, ocupando o espaço deixado por *A Gazeta Esportiva*.

Tabela 29 - Média: jornal

jornal	estado	n. médio de folhas/dia
<i>Jornal do Brasil</i>	RJ	3
<i>Jornal dos Sports</i>	RJ	6
<i>Lance!</i>	RJ	15
<i>O Globo</i>	RJ	3
<i>Agora São Paulo</i>	SP	3
<i>Diário de São Paulo</i>	SP	3
<i>Folha de S. Paulo</i>	SP	3
<i>Jornal da Tarde</i>	SP	3
<i>O Estado de S. Paulo</i>	SP	4

São Paulo, em 09/2004

#### 4.5.2 Rádio

Mais do que qualquer outro meio de comunicação, o rádio é o veículo por excelência do Futebol. Nenhum outro veículo tem a identidade com o Futebol que tem o rádio.

Em seu livro *A bola no ar — o rádio esportivo em São Paulo*, a pesquisadora Edileuza Soares escreveu:

*“O radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros a se formar no rádio e continua ocupando grande tempo nas principais emissoras brasileiras, com programas permanentes de notícias e comentários durante a semana, que culminam na longa jornada dos dias de jogos. [...] Chama a atenção o fato de a irradiação esportiva manter-se ativa desde o início da década de 30, enquanto estão extintos o radioteatro, a radionovela, os grandes musicais, os programas humorísticos e os de auditório, seus contemporâneos.”*<sup>89</sup>

As histórias do Futebol e do rádio têm alguns pontos em comum. Cerca de 20 anos mais novo, o rádio surgiu no Brasil nos anos 20 e, inicialmente, era voltado às elites. As poucas pessoas que possuíam receptores tinham à sua disposição uma programação composta quase que exclusivamente por peças musicais clássicas.

Foi somente no início dos anos 30 que o rádio se popularizou, com a permissão para a veiculação de anúncios comerciais, que possibilitaram uma programação mais variada, atendendo aos interesses populistas do governo do presidente Getúlio Vargas. Iniciou-se, então, a chamada “Era do Rádio”, em que as grandes emissoras, especialmente a *Rádio Nacional*, do Rio de Janeiro, criada em 1936 e encampada por Getúlio quatro anos depois, formavam elencos com os artistas mais populares da época (Francisco Alves, Mário Reis, Sylvio Caldas, Orlando Silva, Carmen Miranda). Favorecido por sua situação geográfica, o Rio de Janeiro emitia ondas de rádio que se propagavam por boa parte do território nacional.

Até essa época, em relação ao Futebol, o rádio se limitava à leitura, por seus locutores (ou “speakers”, como se dizia na época), de boletins e telegramas, com os resultados dos principais jogos.

Embora haja registros anteriores de transmissões parciais de eventos esportivos, acredita-se que a primeira narração “lance a lance” de uma partida ocorreu em 1931, em São Paulo, por ocasião do confronto entre as seleções dos estados de São Paulo e do Paraná, feita pela *Rádio Educadora* por Nicolau Tuma, que ficou conhecido como o “Speaker-Metralhadora”, tamanha a rapidez com que narrava. Logo Nicolau Tuma foi contratado pela *Rádio Record*, então propriedade do empresário das comunicações Paulo Machado de Carvalho, e, além de partidas de Futebol, passou a narrar eventos de outros esportes, como corridas de automóveis e lutas de boxe.

Na década de 30 surgiram diversos locutores, dentre eles Ary Barroso, grande compositor e flamenguista doente, que tocava uma flautinha durante as partidas que narrava, pela *Rádio Tupi*, do Rio de Janeiro; Geraldo José de Almeida, apaixonado pelo São Paulo e entusiasta pela contratação de Leônidas da Silva por seu time; e Leonardo Gagliano Neto, o grande nome da década, cuja voz, forte e de perfeita dicção (qualidades fundamentais para compensar o ruído provocado pelos reduzidos recursos técnicos), trouxe, direto

<sup>89</sup> SOARES, 1994, p.13

da França, as emoções da Copa do Mundo de 1938, que foram acompanhadas ao vivo no Brasil, na primeira transmissão feita diretamente da Europa, através de uma rede de emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro, lideradas pela carioca *Rádio Clube do Brasil*.

Os anos 40 viram uma disputa, em São Paulo, entre a *Rádio Cruzeiro do Sul*, que reivindicava a exclusividade dos direitos de transmissão de eventos futebolísticos, e as demais emissoras. A exclusividade não vingou, possibilitando o surgimento de diversas emissoras e profissionais. A principal exigência era a de que o narrador tivesse boa oratória e, assim, foram lançados Blota Jr., Murilo Antunes Alves, Oduvaldo Cozzi, Jorge Amaral, Ari Silva, Renato Macedo e outros. A novidade veio na voz de Rebello Jr., que criou o longo grito de gol, ao alongar a emissão da letra “O” por mais de 10 segundos, e foi, por isso, chamado de “o Homem do Gol Inconfundível”.

O grande destaque da época, porém, foi o surgimento da *Rádio Panamericana* de São Paulo, também adquirida por Paulo Machado de Carvalho, em 1946. Chamada de “a Emissora dos Esportes”, a *Panamericana* criou espaço para especialistas, nas funções de comentarista, repórter de campo, analista de árbitros, estatístico, plantonista e setorista dos clubes da capital e do interior. Mais tarde, para enfrentar a concorrência da televisão, a *Rádio Panamericana* passou a incluir na sua grade programas esportivos, com comentários e noticiários, ampliando o campo de atuação daqueles profissionais que não estavam diretamente envolvidos na narração das partidas.

Um dos maiores nomes da locução esportiva brasileira de todos os tempos, Pedro Luiz Paoliello, narrou o drama do Maracanã, em 1950, pela *Panamericana*, e dividiu com outro gigante do microfone esportivo, Edson Leite, a narração das conquistas de 1958 e 1962, já pela *Rádio Bandeirantes*, concorrente da “Emissora dos Esportes”. Também ficaria famosa a parceria de Pedro Luiz com o comentarista Mário Moraes, dono de opiniões quase tão polêmicas quando as de outro comentarista famoso da época, Geraldo Bretas.

Ainda na locução, merece destaque a dupla Jorge Cury e Waldyr Amaral, radicada no Rio de Janeiro. As vozes de ambos estão registradas em discos gravados com as narrações dos gols da Copa do Mundo de 1970. O principal “herdeiro” da dupla é o “Garotinho” José Carlos Araújo, muito popular ao microfone da *Rádio Globo* do Rio de Janeiro. Em São Paulo, Fiori Gigliotti, com seu estilo floreado, quase poético (daí o apelido de “o Locutor-Poeta”), criador de enfáticas expressões (“*abrem-se as cortinas e começa o espetáculo*”, “*balão subindo, balão descendo*”, “*ele gosta da bola*”, “*é fogo, torcida brasileira*”, “*crepúsculo de jogo*”), liderou por muitos anos a *Rádio Bandeirantes* e seu “scratch” do rádio (que também tinha Flávio Araújo, Ênio Rodrigues, Borghi Jr., Darci Reis, Mauro Pinheiro, Roberto Silva, Chico de Assis, João Zanforlin, Paulo Édson e outros).

Nos anos 70, com o surgimento da loteria esportiva e do Campeonato Nacional com uma centena de times de todo o Brasil, algumas emissoras passaram a formar cadeias a fim de cobrir todo o território nacional. Foi uma época em que se destacaram a “super” *Rádio Tupi*, liderada pelos narradores Haroldo Fernandes, de São Paulo (com Luiz Aguiar, Lucas Neto, Manoel Ramos, José Roberto Ramos, Milton Camargo, Vitor Moran e outros), e Doalcei Bueno de Camargo, no Rio de Janeiro; a *Rádio Gazeta*, a “Disparada nos Esportes”, liderada pelo locutor Milton Peruzzi (com José Italiano, Barbosa Filho, Wilson Brasil, Rui de Moura, Paulo Vítor e outros); e a *Rádio Jovem Pan*, a “Jovem Guarda do Rádio”, sucessora da *Panamericana*, liderada pelo locutor Joseval Peixoto (com Geraldo Blota, Leônidas da Silva, Cláudio Carsughi, Álvaro Paes Leme, Benê Braga, Narciso Vernize e outros).

Pouco depois, apareceu na *Rádio Jovem Pan* e depois se transferiu para a *Rádio Globo* aquele que muitos consideram o maior fenômeno da locução no rádio esportivo de todos os tempos: Osmar Santos, o “Pai da Matéria”. Criador de um estilo leve e descontraído, que incluía frases endereçadas aos atletas em campo (como “*ripa na xulipa e pimba na gorduchinha*”, “*capricha aí, garotinho, que o placar ainda não é teu*”) e dono de enorme capacidade de comunicação com o ouvinte, Osmar Santos teve, também, importantíssimo papel ao conduzir os comícios na campanha pelas “Diretas Já”, que mobilizaram milhões de manifestantes em diversos pontos do Brasil, clamando por eleições diretas para a Presidência da República. Um grave acidente automobilístico deixou seqüelas que, hoje, impedem-no de dar prosseguimento à sua brilhante carreira.<sup>90</sup>

Depois das inovações introduzidas por Osmar Santos, a narração do Futebol ficou mais informal, mais bem humorada. As emissoras passaram a abusar das vinhetas e de trechos de músicas durante as transmissões das partidas.

<sup>90</sup> MATTIUSI, 2004

Antes dos anos 70, a transmissão esportiva geralmente se iniciava minutos antes do início do jogo e se encerrava pouco tempo depois do seu fim, quando o locutor ou o comentarista fazia um rápido resumo da partida, com detalhes técnicos (escalações, renda, público, outros resultados, classificação do campeonato, artilharia), e se despedia do público.

Atualmente, horas antes do jogo os repórteres já estão levando ao ar detalhadas informações sobre as equipes que irão se defrontar, e os comentaristas fazem prognósticos sobre as chances dessas equipes. Depois que o jogo acaba, a “jornada esportiva” costuma se prolongar por duas ou três horas. Técnicos e principais jogadores são entrevistados ainda nos vestiários ou em salas de imprensa especialmente preparadas, no caso dos estádios que possuem instalações mais modernas. A narração dos principais lances é repetida, os comentaristas analisam os lances mais polêmicos e os possíveis erros cometidos pelo árbitro, notas são atribuídas aos jogadores, estatísticas da partida são apresentadas. Frequentemente, permite-se que os ouvintes também participem, fazendo perguntas aos comentaristas ou expressando suas próprias opiniões. Enfim, fatos que levaram 90 minutos acabam gerando uma discussão que, não raro, supera em muito essa duração. Esse tipo de programa, chamado de “pós-jogo”, ficou popularizado principalmente depois que foi criado o programa *Terceiro tempo*, pelo radialista Milton Neves, no início dos anos 80, na *Rádio Jovem Pan*.

A segmentação da audiência, sinal dos novos tempos, tem chegado ao rádio. Nesse sentido, foi formada, já há alguns anos, a “Equipe Líder”, hoje sob o comando de Alexandre de Barros, que acompanha prioritariamente os jogos e as atividades da Portuguesa de Desportos, enquanto o jornalista José Calil foi o criador de um noticiário diário exclusivo sobre o Santos na *Rádio Trianon*.

Outra novidade é a invasão da faixa de FM pelo Futebol. Essa faixa, tradicionalmente dedicada quase que exclusivamente à música, é agora ocupada por emissoras que também transmitem jogos, num estilo mais descontraído, voltado a uma faixa etária mais jovem. A precursora, a *Rádio Transamérica FM*, é liderada pelo locutor Éder Luís.

Além das transmissões de partidas, dos programas “pré” e “pós” jogo, dos noticiários e dos programas de humor esportivo, citados mais adiante, outros tipos de programa surgiram nos últimos 5 anos. Nas noites em que não havia jogos, a *Rádio Bandeirantes* apresentava um programa de perguntas e respostas (o *Desafio Bandeirantes*), que oferecia prêmios aos ouvintes, comandado pelo veterano jornalista Sílvio Luiz. Na mesma emissora, o jornalista e escritor Marcelo Duarte apresenta o interessantíssimo *Fanáticos por Futebol*, com 30 minutos de “entrevistas, músicas, hinos, livros e curiosidades do Futebol do passado e do presente, Futebol do Brasil inteiro” — imperdível para quem, como o autor deste trabalho, é “doido, obcecado, roxo, maníaco, pirado, maluco, alucinado, tarado, fissurado, apaixonado, louco varrido, doente, fanático por Futebol!”.<sup>91</sup>

Tabela 30 - Mídia: rádio

emissora	programação (horários)					
	jornada esportiva	meio-dia	tarde	noite	sábado	domingo
105 FM	X					
Bandeirantes AM/FM	X	1,5	1,5 humor	2	2	6
Boa Vontade AM	só Portuguesa	---	---	só Portuguesa	---	---
Capital AM	X					
CBN AM/FM	X	---	---	1	3	3
Eldorado AM	---	1	---	---	2	---
Energia 97 FM	---	---	2,5 humor	---	---	---
Globo AM	X	---	1	2	6	6
Jovem Pan AM	X	2	---	2	6	6
Nova Difusora AM (Osasco)	X					
Record AM	X	---	1	---	4	4
Transamérica FM	X	---	1,5 humor	---	---	---
Trianon AM	---	1	só Santos	1	---	---
Tupi AM	X					

São Paulo, em 11/2006

<sup>91</sup> apresentação do programa

### 4.5.3 Televisão

A televisão chegou ao Brasil em 1950, meses depois da tragédia do Maracanã, pelo esforço de Assis Chateaubriand, fundador da *TV Tupi*. Mas levou muito tempo para apontar suas antenas para o Futebol, principalmente pelas precárias condições técnicas dos primeiros tempos.

As vitórias brasileiras nas Copas de 1958 e 1962, por exemplo, só puderam ser acompanhadas através de filmes, exibidos dois ou três dias depois de cada jogo. Já em 1966, a transmissão “ao vivo” para o Brasil chegou a ser pitoresca: a TV mostrava um painel de lâmpadas, instalado na Praça da Sé, no formato de um campo de Futebol, no qual era acesa a lâmpada onde se supunha que estivesse a bola, com base nas informações que o operador recebia, via rádio!

Até o início década de 60, antes do recurso do videoteipe, os jogos domésticos só podiam ser transmitidos ao vivo. Em São Paulo, a torcida podia acompanhar alguns jogos daquele exuberante time do Santos de Pelé, transmitidos, nas tardes de domingo, pela *TV Record*, cujo principal narrador era Raul Tabajara. Preocupados que essas transmissões ao vivo estivessem afastando os torcedores dos estádios, os dirigentes as proibiram. Para substituí-las, foi criado, naquela emissora, em 1965, um programa musical, voltado para a juventude, e apresentado por um jovem e não tão conhecido trio de cantores — Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa — e que seria o estopim do movimento conhecido como “Jovem Guarda”.<sup>92</sup>

Com o surgimento do videoteipe, os principais jogos passaram a ser exibidos nas noites de domingo. Na época, os principais locutores da TV paulistana eram Geraldo José de Almeida, Valter Abraão, Peirão de Castro, Fernando Solera, Orlando Duarte e Luís Noriega, dentre outros.

A introdução do videoteipe nas transmissões futebolísticas provocou uma curiosa polêmica no histórico programa *Grande resenha esportiva Facit*, a primeira mesa-redonda da TV, transmitida nos anos 60 pela *TV Rio*. Ao contestar a marcação de um pênalti contra o seu Fluminense — que os demais componentes da mesa (nomes famosos como Luiz Mendes, João Saldanha, Armando Nogueira, José Maria Scassa e Vitorino Vieira), vendo o videoteipe, consideraram claro — o notório tricolor (e míope) Nelson Rodrigues, encarando as câmeras, afirmou: “*Se o videoteipe diz que foi pênalti, pior para o videoteipe. O videoteipe é burro!*”<sup>93</sup>

A transmissão ao vivo dos jogos da Copa do Mundo de 1970 foi um marco da TV brasileira e mundial. A conquista do tricampeonato no México pôde ser vista por milhões de brasileiros, e por mais de 1 bilhão de torcedores em todo o mundo.

Logo após, iniciou-se a ascensão da *Rede Globo*, que, a princípio, ignorou o Futebol, mas logo se tornou quase hegemônica, também nos esportes. Seu principal locutor na época, Luciano do Valle, ao deixar a emissora abriu espaço para Galvão Bueno, que, desde então, permanece sendo o nome mais conhecido da narração esportiva da TV brasileira. Com suas câmeras presentes em quase todos os estádios em que se realizam jogos importantes pelo Brasil, a emissora registra a maioria dos gols marcados nos finais de semana, ajudando a manter a boa audiência do programa dominical *Fantástico*.

Fora da *TV Globo*, Luciano do Valle tentou abrir novas frentes, especialmente na *TV Bandeirantes*, que, por algum tempo, foi chamada de “o Canal do Esporte”; Sílvio Luiz, com seu estilo debochado e descontraído, ao lado do comentarista Flávio Prado, marcou época com o despojado *Clube dos Esportistas*, na *TV Record*, um programa sem precedentes e sem herdeiros; e a *TV Cultura* passou a produzir documentários de excelente qualidade, apresentados no programa *Grandes momentos do esporte*. Das grandes emissoras, apenas o *SBT* tem dado pouca atenção ao Futebol, e, mesmo assim, em ocasiões esporádicas, atendendo aos inconstantes humores de seu dono, Silvio Santos.

Outra característica das transmissões de Futebol na TV, a partir dos anos 70, é o grande investimento feito em publicidade. O Futebol se tornou um espetáculo televisivo, e as altas verbas de anunciantes e patrocinadores são arduamente disputadas. Por elas, as emissoras adquirem o direito da exclusividade de transmissão dos eventos, o que lhes dá o direito de interferir na definição do horário e do local em que esses eventos são realizados. Infelizmente, nem sempre isso atende aos interesses do Futebol e de seus torcedores.

Além das emissoras de TV convencionais (a chamada “TV aberta”), hoje entram na disputa pelos grandes eventos as emissoras de TV por assinatura (*SporTV*, *SporTV2*, *ESPN* e *BandSports*), isto é, aquelas que, para terem seus sinais captados e decodificados pelos televisores domésticos, exigem o pagamento de uma

<sup>92</sup> CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.246-249

<sup>93</sup> CASTRO, 1992, p.333

taxa, que pode ser mensal ou por evento. Essas emissoras oferecem uma programação diferenciada, com poucos intervalos comerciais, muitos eventos ao vivo, muitos documentários, noticiários e programas de debates, e contam com profissionais especializados altamente qualificados (com destaque para Cléber Machado, Luís Carlos Jr., Milton Leite, Paulo Vinícius Coelho, José Trajano, Marcelo Barreto, Alex Escobar, Márcio Guedes). Diversos esportes (alguns discutíveis, como o pôquer e a sinuca) são enfocados, mas, sem dúvida, a principal atração é mesmo o Futebol.

Uma experiência diferente, tentada em 2005 pela *TV Bandeirantes*, foi a realização de uma série de programas do tipo “reality show”, o *Joga 10*, com o objetivo de escolher um garoto de 15 anos que pudesse ser aproveitado na posição de meia-armador, por algum grande clube. Dentre os muitos garotos que se candidataram, alguns foram selecionados e, a cada programa, eram observados pelos ex-jogadores Dunga e Bebeto e pelo técnico Zagallo, que escolhiam um deles para ser eliminado, até que restou apenas um vencedor. Embora, aparentemente, o resultado obtido tenha ficado aquém do esperado, a fórmula foi repetida em 2006, tanto pela *TV Bandeirantes* (*Joga bonito*) quanto pela *TV Record* (*Desafio mundial*).

Detentora dos direitos de transmissão dos principais eventos nacionais, a *TV Globo* tem tentado comercializá-los para o exterior. No entanto, apesar das inúmeras conquistas do Futebol brasileiro, essa negociação não tem sido assim tão fácil nem tão lucrativa, uma vez que nossos maiores craques já atuam em clubes do exterior.

Finalmente, devem ser destacados os diversos programas do tipo “mesa-redonda”, que, seguindo a velha fórmula apresentada pela pioneira *Grande resenha esportiva Facit*, continuam tendo boa aceitação popular. Nas noites de domingo, nada menos do que cinco desses programas (dentre eles o mais antigo ainda no ar, o da *TV Gazeta*, criado por Milton Peruzzi há mais de 30 anos) competem pelo mesmo público, quase que no mesmo horário; e mais dois são levados ao ar nas noites de segunda-feira (além de um outro de forte apelo, apresentado por Galvão Bueno na *SporTV*).

Tabela 31 - Mídia: televisão

emissora	jogos ao vivo / semana	mesa-redonda	outros programas (h/sem)
<i>Assembléia</i>	---	X	---
<i>Bandeirantes</i>	---	X	5
<i>BandSport (assin.)</i>			
<i>Cultura</i>	---	X	2
<i>ESPN Brasil (assin.)</i>	4 (séries A & B)	X	20
<i>ESPN internacional (assin.)</i>	2 (interacional)	---	4
<i>Gazeta</i>	---	X	5
<i>Globo</i>	2 (série A) / seleção	---	3
<i>MTV</i>	---	X	---
<i>Record</i>	1 (série A), 1 (série B)	X	8
<i>Rede TV!</i>	1 (internacional)	X	5
<i>Rede Vida</i>	1 (série B)	X	---
<i>SporTV (assin.)</i>	4 (séries A & B)	XX	20
<i>SporTV2 (assin.)</i>			

São Paulo, em 09/2004

#### 4.5.4 Revista

Ao se verificar a quantidade de títulos diferentes de revistas oferecidas por uma banca de jornais das grandes cidades, pode-se pensar que se trata de um mercado lucrativo e duradouro. No entanto, não é bem isso que acontece. Embora sejam lançados muitos títulos a cada ano, suas tiragens são baixas, e poucos são os que sobrevivem depois das primeiras edições.

No caso de revistas especializadas em Futebol, nem houve tantos lançamentos assim. A primeira tentativa importante foi feita na segunda metade dos anos 50, novamente por Mario Filho: a revista semanal *Manchete Esportiva*, do grupo capitaneado por Adolpho Bloch (editor da famosa revista *Manchete*). Embora de qualidade, a revista não durou mais do que cinco anos. Uma tentativa de ressuscitá-la, nos anos 70, durou ainda menos tempo.

A revista brasileira de Futebol mais bem sucedida é a *Placar*, lançada com periodicidade semanal em 1970, pela *Editora Abril*, pouco antes da Copa do Mundo no México. A conquista do tricampeonato, o lançamento da loteria esportiva, o gigantismo do Campeonato Nacional e um período relativamente favorável na economia impulsionaram as vendas da revista. No entanto, ao longo dos anos, ela enfrentou períodos de instabilidade e de diferentes orientações editoriais. Atualmente, com periodicidade mensal (além de diversas

edições especiais), parece ter encontrado um ponto de equilíbrio, apresentando um nível de qualidade bastante satisfatória.

Outras publicações do gênero têm surgido nos últimos anos, com destaque para a revista *Fut!*, que pode ser adquirida junto com a edição dominical do jornal diário *Lance!*.

Tabela 32 - Mídia: revista

revista	periodicidade	formato (cm)	n. médio de páginas / edição	n. edições especiais / ano
<i>Fut!</i>	semanal	20x27	40	5
<i>Gol F.C.</i>	mensal	20x26	60	
<i>Placar</i>	mensal	20x26	100	15
<i>Roxos &amp; Doentes</i>	bimestral	20x26	60	
<i>Trivela</i>	bimestral	20x26	50	---

São Paulo, em 04/2006

#### 4.5.5 Novos e ex-profissionais da mídia esportiva

É interessante observar-se a grande quantidade de ex-atletas que, depois de encerrarem suas carreiras, passaram a atuar na mídia esportiva, geralmente como comentaristas de rádio ou TV, ou como articulistas de jornal. Um dos precursores, Leônidas da Silva, era anunciado aos microfones da *Rádio Jovem Pan* como “aquele que conhece porque já esteve lá”.

Tabela 33 - Mídia: egresso do Futebol na mídia esportiva

egresso do Futebol	mídia
Ademir de Menezes	rádio
Araken Patuska	rádio
Basílio	rádio
Batista	TV
Cafunga	rádio
Caio	rádio, TV
Casagrande	TV
César Sampaio	rádio
Dario Maravilha	TV
Dicá	rádio
Falcão	TV
Gérson	rádio
Júnior	TV
Leivinha	TV
Leônidas da Silva	rádio
Marcelinho Carioca	TV
Mário Sérgio	rádio, TV
Müller	TV
Neto	rádio, TV, jornal
Paulo Vítor	TV
Pelé	TV
Raí	rádio
Raul Plassman	TV
Reinaldo	rádio, jornal
Rivelino	TV
Ronaldo Giovanetti	TV
Sicupira	TV
Sócrates	rádio, TV
Tostão	jornal, rádio
Urubató	rádio
Zenon	TV
Zetti	rádio

Por outro lado, também se nota que diversos profissionais iniciaram suas carreiras na mídia esportiva, e passaram, depois, a atuar em outras áreas da mídia. Dentre os que optaram por esse caminho, o de maior visibilidade tem sido o apresentador Fausto Silva, o “Faustão”.

Tabela 34 - Mídia: egresso da mídia esportiva em outra atividade

egresso	atividade
Antonio Maria	compositor

egresso	atividade
Ary Barroso	compositor
Blota Jr.	apresentador de TV
Boris Casoy	âncora de telejornal
Claudete Troiano	apresentadora de TV
Drica Lopes	apresentadora de TV
Fausto Silva	apresentador de TV
Joelmir Beting	jornalista econômico
Jorge Kajuru	apresentador de TV
José Luís Datena	âncora de telejornal
José Paulo de Andrade	âncora de jornal de rádio
Joseval Peixoto	âncora de jornal de rádio
Juca Kfourri	apresentador de TV
Luciano Faccioli	apresentador de rádio e TV
Luís Aguiar	apresentador de rádio
Marcelo Rezende	âncora de telejornal
Milton Neves	apresentador de TV
Osmar Santos	apresentador de TV
Osvaldo Pascoal	apresentador de rádio
Reali Jr.	correspondente internacional
Roberto Cabrini	âncora de telejornal
Serginho Groisman	apresentador de TV

## 4.6 as Artes Cênicas

De inegável qualidade, as Artes Cênicas brasileiras vão, pouco a pouco, conquistando o reconhecimento internacional que merecem. Filmes e atores brasileiros têm recebido diversas indicações para o Oscar da Academia de Cinema norte-americana e vários prêmios em festivais internacionais, sendo que a *Palma de Ouro* de Cannes, para *O pagador de promessas*, continua sendo a mais importante premiação obtida por um filme brasileiro. As novelas nacionais de televisão têm sido exportadas para dezenas de países em todo o mundo, alcançando expressivos índices de audiência. E o espetáculo dos desfiles das escolas de samba, no Brasil, não tem similar no planeta.

Abordando temas do cotidiano, é natural que as Artes Cênicas brasileiras focalizem o Futebol. Assim sendo, este item apresenta algumas obras e artistas que retrataram o Futebol nos campos do cinema, do teatro, da dança, dos desfiles de Carnaval, do circo, da telenovela e até da fotonovela.

### 4.6.1 Cinema

*“Futebol e cinema são fenômenos sócio-culturais que guardam mais semelhanças que diferenças. Ambos surgiram na segunda metade do século XIX, conquistaram corações e mentes ao longo das primeiras décadas do século XX e chegaram ao terceiro milênio como os dois mais importantes espetáculos de massa do planeta. Futebol e cinema são realizações coletivas que, em aparente paradoxo, valorizam o indivíduo, seja ele o craque da bola ou a estrela das telas. Sob o comando do técnico de futebol ou do diretor de cinema, atletas e atores desafiam o estreito limite retangular do campo ou da tela e utilizam técnica e arte para seduzir e emocionar, despertando amor e ódio.”<sup>94</sup>*

Esse é o texto inicial do folheto de apresentação dos filmes que compuseram a mostra *Futebol na lata*, realizada em fevereiro de 2004 no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo. No mesmo folheto, o curador da mostra, Rune Tavares, escreve:

*“O futebol e o cinema brasileiro caminham juntos há quase um século. Ambos espetáculos de massa surgidos no mesmo momento histórico, o futebol tornou-se a maior paixão do povo brasileiro, motivo de união e identidade nacional. O cinema vem retratando essa relação desde seus primórdios no Brasil. Tornou-se comum, no entanto, acreditar que a relação do cinema brasileiro com o futebol foi pouco explorada por produtores e diretores. A cada novo filme lançado sobre o assunto, discute-se o porquê dos filmes aproveitarem pouco a paixão do brasileiro por futebol. Mas, ao olharmos atentamente para a produção voltada para o tema, surpreende-nos a riqueza e a diversidade dos filmes sobre o universo da bola. Nenhum outro tema atravessou a história do cinema brasileiro de forma tão constante e diversificada como o*

<sup>94</sup> folheto da Mostra de Cinema *Futebol na lata*, 2004

*futebol. Nenhum outro tema foi filmado por um número tão grande de renomados diretores das mais variadas vertentes do cinema brasileiro. Data de 1908 o primeiro registro cinematográfico de uma partida de futebol (entre brasileiros e argentinos). A partir desse momento, mais de uma centena de filmes foram produzidos em todas as fases e facetas do cinema brasileiro. Seja na chanchada, no cinema industrial paulista, no Cinema Novo, nos cine-jornais, nas comédias de cunho erótico, no cinema paulista dos anos 80 e no cinema da retomada, o futebol sempre marcou presença na produção brasileira.*<sup>95</sup>

Há, talvez, um pouco de exagero no entusiasmo de Rune Tavares. Certamente, a quantidade de filmes brasileiros sobre Futebol é muito menor do que a de filmes americanos apenas sobre o boxe, por exemplo. O escritor e roteirista José Roberto Torero lembra que “há um estranho divórcio entre futebol e consumo secundário. As pessoas gostam do futebol no campo e na TV, ao vivo e em cores, mas não compram livros, não assistem a peças e não vêem filmes sobre ele.”<sup>96</sup>

A pesquisa feita para este trabalho levantou cerca de uma centena e meia de filmes, aqui classificados em documentários e de ficção (sem contar inúmeros documentários de curta-metragem).

#### 4.6.1.1 Ficção

Dentre os filmes de ficção, as comédias foram as que obtiveram os melhores resultados de bilheteria; no entanto, são abordadas no item relativo ao humor.

Dos demais, o mais representativo é o tocante *Boleiros — era uma vez o Futebol...*, do diretor Ugo Giorgetti, veterano cineasta paulistano. O filme se baseia numa conversa de bar entre velhos ex-jogadores, que recordam com saudades seis histórias de seu passado. No primeiro episódio, um juiz corrupto, subornado pelos dirigentes de um time, marca pênalti inexistente no final do jogo, manda voltar a cobrança três vezes (todas defendidas pelo goleiro) e acaba mandando trocar o cobrador. No segundo episódio, um esforçado repórter de jornal consegue localizar seu ex-ídolo, Majestade, que, já aposentado e na miséria, cobra antecipadamente pela entrevista e, com o dinheiro recebido, finge manter-se em boa situação financeira, alugando uma roupa fina e pagando a conta do jantar no restaurante de luxo em que se encontram. O terceiro episódio mostra um jovem jogador que evita se encontrar com a mulher e a filha (às quais deve pensão), mas, no dia em que recebe um bom prêmio por uma boa atuação, acaba sendo assaltado. O quarto episódio retrata uma escolinha de Futebol para meninos de classe média, onde, às vezes, aparece um garoto humilde muito habilidoso que, perseguido por tipos mal-encarados, desaparece misteriosamente. O quinto episódio apresenta um jogador que, com problemas no joelho, é pressionado por membros da torcida organizada de seu time a consultar um pai-de-santo, que o cura. No último episódio, um craque famoso e galanteador consegue, com a ajuda de um companheiro novato, enganar o rigoroso técnico e passar a noite com uma garota hospedada no mesmo hotel da concentração do seu time. Embora apresente vários momentos muito bem-humorados, capazes de levarem a platéia ao riso, o filme é, na verdade, uma bela reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelo jogador durante sua carreira, e, principalmente, depois que ela se encerra. Em 2006, o mesmo Giorgetti dirigiu *Boleiros 2 — vencedores e vencidos* que, “como no primeiro longa, não pretendeu contar uma história sobre futebol, mas a respeito das pessoas que vivem nesse universo”.<sup>97</sup> Questionado sobre por que não ter feito um documentário, o diretor afirmou: “busquei falar do Brasil de hoje e, para isso, utilizei a ficção que, mais que o documentário, é o melhor caminho para mostrar uma opinião”.<sup>98</sup>

Destaque-se, também, o bom enredo de *Asa Branca, um sonho brasileiro*, que narra a história de um jovem craque do interior que vem a São Paulo tentar a sorte num time grande e acaba alcançando a glória de se tornar campeão mundial. Merecem ser destacados, ainda, dois curtas: *Barbosa*, uma interessante ficção sobre a fatídica final da Copa do Mundo de 1950, na qual o personagem interpretado por Antônio Fagundes volta 38 anos no tempo para tentar evitar o gol de Ghiggia, e acaba distraíndo Barbosa, que, por isso, sofre o gol da derrota; e o singelo *Uma história de Futebol*, que chegou a ser indicado ao Oscar de sua categoria, que retrata a infância de Pelé em Bauru através da história de um jogo, contada por um de seus pequenos companheiros de seu time de então, o “7 de Setembro”.

<sup>95</sup> folheto da Mostra de Cinema *Futebol na lata*, 2004

<sup>96</sup> ORICCHIO, 16/7/2004, p.D3

<sup>97</sup> BRASIL, 7/4/2006, p.D4

<sup>98</sup> GIORGETTI, 7/4/2006, P>D4

Há, ainda, diversos filmes nos quais o Futebol aparece como “pano de fundo” para a trama principal. Dentre estes, deve ser destacado *O ano em que meus pais saíram de férias*, vencedor do grande prêmio do público da 30ª Mostra Internacional de Cinema da cidade de São Paulo, e um dos nove indicados para o prêmio de melhor filme estrangeiro do Oscar. O filme se passa em 1970, e conta a história do garoto Mauro, que, como o autor deste trabalho, aos 11 anos, apaixonado pelo jogo de botões, colecionador de figurinhas, leitor da revista *Placar*, futebolista de limitados recursos e defensor da escalação de Tostão e Pelé juntos no ataque da Seleção Brasileira, assiste pela TV, maravilhado, à conquista do Mundial do México. Diferentemente do autor deste trabalho, porém, Mauro, de ascendência judaica, é filho de militantes de esquerda, e sofre na pele a repressão da ditadura militar vigente na época. O filme é ambientado no bairro paulistano do Bom Retiro, que, além da diversidade de etnias que o habitavam, ficou marcado, no começo do século XX, pela existência de campos de várzea onde Charles Miller e seus contemporâneos deram seus primeiros chutes, e pela barbearia onde, em 1910, nasceu o glorioso S.C. Corinthians Paulista. O filme registra um pitoresco episódio daqueles tempos de intenso ativismo político dos anos 60 e 70: opositores do regime teriam se reunido para torcer para a socialista Tchecoslováquia na estreia do Brasil na Copa, e até comemoraram o primeiro gol tcheco; mas, no gol de empate de Rivelino, não resistiram e vibraram intensamente, esquecendo suas convicções políticas. Pelo seu enredo, pelos cuidados na sua produção e direção, e pelo excelente desempenho do seu elenco, o filme merece ser incluído na lista dos melhores já produzidos pelo cinema nacional.

Tabela 35 - Artes cênicas: cinema (ficção)

título	dur.	data	diretor	observações
<i>Campeão de Futebol</i>	longa	1931	Genésio Arruda	homenagem aos grandes jogadores da época; argumento de Menotti del Picchia; com Genésio Arruda, Tom Bell, Friedenreich
<i>O campeão</i>	longa	1931	Reid Valentino	
<i>Alma e corpo de uma raça</i>		1938	Milton Rodrigues	romance entre um jogador do Flamengo e uma moça da alta sociedade; mostra o Futebol sob ângulo populista (Era Vargas); com Leônidas da Silva, Ronaldo Lupo
<i>O gol da vitória</i>	longa	1946	José Carlos Burle	a vida do jogador Laurindo, que lembra a de Leônidas da Silva; argumento de Silveira Sampaio; com Grande Otelo, Ribeiro Martins, Ítala Ferreira
<i>Rio 40 graus</i>	longa	1955	Nelson Pereira dos Santos	o Futebol visto como um dos elementos da grande cidade; com Domingos Aaron, Jackson de Sousa, Jece Valadão
<i>O preço da vitória</i>	longa	1959	Osvaldo Sampaio	luta de um menino para vencer como jogador; com Maurício Morey
<i>Bola de meia</i>	22'	1962	Ary Fernandes	aventura da série Vigilante Rodoviário; com Carlos Miranda, Tuca, cão Lobo
<i>O assalto</i>	22'	1962	Ary Fernandes	garoto presença assalto às bilheterias do Pacaembu; episódio da série Vigilante Rodoviário; com Carlos Miranda, Tuca, cão Lobo
<i>A falecida</i>	longa	1965	Leon Hirszman	baseado na peça de Nelson Rodrigues; com Ivã Cândido
<i>Iniciada a peleja</i>	curta	1965	Fernando Sabino	episódio do longa <i>Crônica da cidade amada</i> ; com Jardel Filho
<i>Aconteceu no maracanã</i>	longa	1969	Nilo Machado	uma história de amor durante a copa
<i>Máscara da traição</i>	longa	1969	Roberto Pires	assalto à renda de um grande jogo no Maracanã
<i>O anjo negro</i>	longa	1972	José Umberto Dias	as crises de um árbitro de Futebol
<i>Detetive Bolacha contra o reino do crime</i>	longa	1973	Tito Teijido	aventura infanto-juvenil
<i>Domingo do Gre-Nal</i>		1979	Pereira Dias	o amor entre filhos de famílias rivais, uma gremista e outra colorada
<i>Asa Branca, um sonho brasileiro</i>	111'	1981	Djalma Limongi Batista	drama sobre a luta pelo sucesso de um jogador vindo do interior; com Edson Celulari, Eva Wilma, Walmor Chagas, Geraldo del Rey, Giafrancesco Guarnieri, Rita Cadillac / Garrincha, Mário Américo
<i>Prá frente, Brasil</i>	110'	1982	Roberto Farias	durante a Copa de 70, um paralelo entre o entusiasmo do milagre econômico e a tensão da luta armada; com Reginaldo Faria, Antônio Fagundes, Natália do Vale, Elizabeth Savalla
<i>Onda nova</i>	98'	1983	José Antônio Garcia / Ícaro Martins	pornochanchada sobre a juventude paulistana; com Carla Camurati, Tânia Alves, Regina Casé, Vera Zimmermann, Caetano Veloso, Sérgio Hingst, Ênio Gonçalves / Casagrande, Wladimir, Osmar Santos
<i>O Futebol que elas gostam (A pelada do sexo)</i>	longa	1985	Mário Lúcio	pornochanchada da disputa homem x mulher
<i>Barbosa</i>	13'	1988	Ana Luiza Azevedo / Jorge Furtado	versão fictícia para a final de 50, baseada no livro <i>Anatomia de uma derrota</i> , de Paulo Perdígão; um homem volta no tempo para impedir o gol que derrotou o Brasil; com Antônio Fagundes, Pedro Santos, Zé Vitor Castiel, Ariel Nehring
<i>Noventa minutos</i>	9'	1990	Ronaldo German	durante um jogo do Brasil na Copa do Mundo, um garoto agoniza depois de ser ferido por um bando de extermínio, num subúrbio do Rio de Janeiro
<i>Perigo negro</i>	28'	1992	Rogério Sganzerla	episódio do longa <i>Oswaldianas</i> , baseado no romance <i>Marco Zero</i> , de Oswald de Andrade, sobre a carreira de um jogador, do ponto de vista de um torcedor fanático; com Abraão Farc, Helena Ignez, Antônio Abujamra, Paulo Moura, Ana Maria Magalhães
<i>Cartão vermelho</i>	14'	1994	Laís Bodanzky	menina se destaca jogando Futebol com meninos; com Camila Kolber, Francisco Rojo
<i>Artigo 25</i>	17'	1995	Marcos Fábio Katudjian	imagem das brigas de Edmundo se misturam com uma aula sobre vítimas, crimes e punição, e com a história de uma garota de programa

título	dur.	data	diretor	observações
<i>Boleiros - era uma vez o Futebol...</i>	93'	1998	Ugo Giorgetti	comédia dramática sobre histórias do mundo do Futebol, lembradas por antigos futebolistas numa conversa de bar; com Otávio Augusto, Flávio Migliaccio, Lima Duarte, Marisa Orth, Adriano Stuart, Denise Fraga, Rogério Cardoso, Cássio Gabus Mendes, André Abujamra / Paulo César Cajú
<i>Uma aventura do Zico</i>	longa	1998	Antônio Carlos Fontoura	aventura infanto-juvenil; com Eri Johnson, Jonas Bloch, Paulo Gorgulho / Zico
<i>Uma história de Futebol</i>	21'	1998	Paulo Machline	infância de Pelé em Bauru; indicado ao Oscar de melhor curta; com Antônio Fagundes (narração), José Roberto Chachá, Eduardo Santos, Marcos Delfino, Andréa di Maio, Anselmo Stocco, Frederico Betcher
<i>Iremos a Beirute</i>		1999	Marcus Moura	a decisão do jogo resolverá um triângulo amoroso
<i>O negócio</i>		1999	Diego Otero / R. Tietzmann / Alitéia Selonk	crise conjugal durante a Copa de 98
<i>Rádio Gogó</i>	curta	1999	José Araripe Jr.	paixão de um torcedor de Futebol o leva a criar uma rádio pirata
<i>Linha burra</i>	5'	2000	Diogo Miranda / Thiago Oliveira	garoto sonha que disputa uma partida durante discussão com namorada; com Luan Gabanini, Cadu Torres
<i>Bodas de campeonato</i>	10'	2001	Adilson Bernardo Silvestre	aniversário de casamento no dia da final do campeonato
<i>Meia encarnada dura de sangue</i>		2001	Jorge Furtado	especial apresentado na TV Globo, baseado em conto homônimo
<i>Os moralistas</i>	9'	2003	André Dal Bello	grupo de amigos convence o goleiro do time a não abandonar a namorada para continuar no time dos "enrolados"; com André Dal Bello, Rosângela Xavier, Edgard Bittencourt
<i>Elemento no conjunto</i>	5'	2004	Paula Barreto Leblanc	a descoberta do amor a partir da paixão comum pelo Futebol; com Arthur Henrique de Barros, Carolina Puccu, Marcelle Mello
<i>Futebolisticamente</i>	curta	2004	Daniel Boesel / Rodolfo Pelegrin	torcedor inveterado tem seus dissabores pessoais coincidentes com as derrotas de seu time; inspirado no livro <i>Febre de bola</i> , de Nick Hornby; com Haroldo Ferrari
<i>Izune</i>	16'	2004	Frederico Cardoso	garoto pensa ter feito contato interplanetário através de sua bola de futebol
<i>Meninos da zona sul</i>	13'	2004	Cláudia Ribeiro / Sílvia Godinho	garoto apaixonado por futebol descobre a foto do irmão na primeira página do jornal; com Leri Faria, Paulo Reis, Caio Nascimento
<i>Como se fosse ontem</i>	6'	2005	Gustavo Moraes / Roberto Seba	na final de um campeonato infantil de bairro, a decisão envolvendo uma menina artilheira e um goleiro invicto
<i>Comprometendo a atuação</i>	17'	2005	Bruno Bini	o dilema de um jovem jogador, ao ser convocado para um clube da primeira divisão
<i>A noite do capitão</i>	curta	2006	Adolfo Lachtermacher	ficção sobre a noite vivida por Obdúlio Varela após a final de 50
<i>Boleiros 2 - vencedores e vencidos</i>	86'	2006	Ugo Giorgetti	seqüência de <i>Boleiros - era uma vez o Futebol</i> ; com Otávio Augusto, Flávio Migliaccio, Denise Fraga, Lima Duarte, Cassio Gabus Mendes, Paulo Miklos, Suzana Alves, Sócrates, Luís Carlos Feijão, Sílvio Luiz
<i>Linha de passe</i>	longa	2006	Walter Salles / Daniela Thomas	cotidiano de uma mãe de família humilde da periferia paulistana, cujo filho mais velho tenta ser jogador profissional
<i>O ano em que meus pais saíram de férias</i>	longa	2006	Cao Hamburger	garoto filho de militantes perseguidos pela ditadura é deixado com a comunidade judaica do Bom Retiro e acompanha a Copa do México pela TV
<i>O Futebol</i>	70'	2006	Kleber Mazziero / Sócrates	musical com 11 personagens do meio do Futebol (jogador, empresário, namorada, etc.), que revelam seus dramas pessoais
<i>O maior amor do mundo</i>	longa	2006	Cacá Diegues	(em produção)
<i>Show de bola</i>	102'	2007	Alexander Pickl	jovem que sonha em se tornar jogador profissional se envolve com o crime na favela onde mora

#### 4.6.1.2 Documentário

Deixando-se de lado a discussão se um filme documentário pode ou não ser considerado como artístico (e só lembrando que o objetivo dos irmãos Lumière, ao criarem a técnica cinematográfica, era registrar as cenas do cotidiano), o cinema tem produzido importantes documentos para a preservação da memória do Futebol.

Neste trabalho, os filmes documentários foram classificados em 4 categorias: os que se referem a um jogador, a um clube, a um evento em particular ou ao Futebol em geral.

Dentro da primeira categoria, o jogador que mereceu a maior atenção de nossos cineastas foi Garrincha, que, sem dúvida, teve uma vida cinematográfica. Em 2004, foi lançado o filme *Garrincha, a estrela solitária*, baseado na biografia escrita por Ruy Castro. O resultado não foi dos melhores: o Garrincha retratado pelo ator André Gonçalves é triste, negativo, "para baixo", bem diferente do real, que, embora tivesse tido um triste fim de vida, jamais perdeu o otimismo e o sorriso. Como diz o crítico de *O Estado de S. Paulo*, Luiz Zanin Oricchio, "*Garrincha foi uma espécie de criança safada. Era bem-humorado, falsamente ingênuo, mulhengo. Gostava de jogar e de beber. [...] Tinha alma de passarinho, transformava o futebol numa atividade lúdica, irreverente [...] Falta ao filme, feito na chave depressiva, essa alegria natural de Garrincha.*"<sup>99</sup> Talvez *Garrincha, alegria do povo*, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, tenha sido mais fiel

<sup>99</sup> ORICCHIO, 17/2/2005, p.D1

à realidade, embora tenha sido rodado quando o “Anjo das pernas tortas” ainda estivesse no auge de sua carreira.

Para quem gosta de Futebol, faltam, em ambos, lances de jogos e gols (o material sobre Garrincha não é muito abundante), que sobram em *Pelé eterno*, lançado no mesmo ano. Para o jornalista, escritor e administrador de empresas Mauro Chaves,

*“o competente, sensível e emocionante documentário Pelé eterno, de Aníbal Massaini Neto, que juntou a devoção do fã à qualidade profissional do cineasta, antes de mais nada teve o mérito de preservar a humildade, ao desincumbir-se da grande responsabilidade de transmitir às novas gerações — do Brasil, do mundo, de todas as classes sociais e padrões culturais — as razões da grandeza eterna do jogador Pelé. Isso porque o filme renunciou a qualquer intenção de ser inovador ou excepcionalmente criativo, optando por uma narrativa clássica, de fácil captação popular, fazendo ressaltar apenas a própria criatividade do personagem-protagonista, com seus lances, seus dribles, suas movimentações mágicas em campo e, sobretudo, suas centenas de gols mostrados na tela... O filme conseguiu mostrar bem a reação maravilhada dos que tiveram a chance de ver Pelé jogar pela Seleção Brasileira, pelo Santos e pelo Cosmos. Mas mostrou ainda melhor, por meio de curtos depoimentos, o fascínio que Pelé exercia sobre seus colegas... Por tudo isso, e muito mais, assistir a Pelé eterno [...] é ser gratificado com um espetáculo único, que é uma amostra sintética do ilimitado potencial de habilidade, destreza e genialidade: da raça negra, do povo brasileiro e da própria espécie humana.”<sup>100</sup>*

Um atrativo extra são as reconstituições (uma delas, com o auxílio da computação gráfica) de dois gols de cuja imagem não se dispunha, e que são considerados os mais belos dos quase 1.300 marcados por Pelé.

Apesar do empenho do próprio Pelé na divulgação do filme, *Pelé eterno* não teve a bilheteria esperada, muito provavelmente porque, no Brasil, o cinema é um programa de lazer predominantemente familiar e, em geral, “quem decide para qual cinema se vai é a mulher, e o homem vai atrás”.<sup>101</sup> De qualquer forma, o documentário, que ganhou um prêmio secundário, o *Città di Roma*, destinado a produções de línguas neolatinas, tem servido para que os jovens, que não tiveram a chance de acompanhar a carreira de Pelé, possam ao menos ter uma idéia do que ele representou — e ainda representa — para o Futebol mundial.

Mais uma vez, não surpreende que Pelé tenha sido tantas vezes retratado nas telas dos cinemas (embora o argentino Maradona o supere neste quesito). Além de *Pelé eterno* e do curta de ficção *Uma história de Futebol*, outros quatro documentários foram feitos sobre ele, incluindo *Isto é Pelé*, uma das primeiras produções da *Rede Globo* para o cinema, e que durante muitos anos liderou a lista das fitas de vídeo mais vendidas. Pelé chama a atenção, ainda, por sua dezena de participações como ator, especialmente no filme *Fuga para a vitória*, dirigido por John Houston, em que atuou ao lado de atores consagrados, como Sylvester Stalone e Michael Caine.

Em relação a documentários sobre clubes, há a dificuldade inerente a se querer retratar uma história que ainda está acontecendo. Diferentemente da carreira de um atleta, que é finita, a história de qualquer clube em atividade ainda não se completou, e estará desatualizada em pouco tempo. De modo geral, o interesse por esses filmes fica restrito aos torcedores dos respectivos clubes.

Sendo assim, têm sido produzidos mais filmes sobre um evento específico, e, nesta categoria, não se pode deixar de destacar o emocionante *O dia em que o Brasil esteve aqui*, documentário sobre o “Jogo da Paz”, já citado no intervalo deste trabalho. Como documentos históricos, são muito interessantes os filmes oficiais sobre as Copas do Mundo.

Finalmente, dentre os documentários que abordam genericamente o Futebol, *Ginga* mostra tanto celebridades consagradas quanto “boleiros” anônimos que ainda sonham com a fama (dentre eles, um favelado carioca, um ex-favelado paulistano, um “branquinho” classe-média, um amazonense, e um garoto de Niterói que perdeu uma perna num acidente). É um retrato autêntico do nosso jeito de jogar e de ser. A se lamentar a posição assumida pelos dirigentes do Corinthians, que não autorizaram a inclusão da cena das famosas “pedaladas” do santista Robinho nos dribles sobre o zagueiro Rogério, na final do Campeonato Brasileiro de 2002, sob a esdrúxula alegação de que “a imagem do clube poderia ser prejudicada”.

<sup>100</sup> CHAVES, 26/6/2004, p.A2

<sup>101</sup> ORICCHIO, 16/7/2004, p.D3

Não se pode deixar de destacar, ainda, os noticiários semanais que, até cerca de 20 anos atrás, eram obrigatórios antes das sessões de cinema. Os do *Canal 100* apresentavam os melhores lances dos principais jogos da rodada (a maioria, no Maracanã) de uma forma diferente, com a câmera colocada ao rés do chão, em ângulos fechados, abusando da câmera lenta e insistindo em focar os torcedores nas arquibancadas... tudo isso ao som de *Na cadência do samba*, numa inesquecível versão instrumental.

Tabela 36 - Artes cênicas: cinema (documentário sobre jogador)

jogador	título	dur.	data	diretor/produtor	observação
(diversos)	<i>Craques: de Bobby Charlton a Maradona</i>		1989	Polygram Vídeo	com Pelé (narração)
Ademir da Guia	<i>Um craque chamado Divino - vida e obra de Ademir da Guia</i>	longa	2006	Penna Filho	com Oberdan Cattani, Dudu, César Maluco, Edu Bala
Ademir de Menezes	<i>Um artilheiro no meu coração</i>	longa	2008	Lucas Fitipaldi	documentário sobre o artilheiro da Copa de 50; vencedor do Festival Aruanda de Cinema (Parafba)
Afonsinho	<i>Passe livre</i>	75'	1974	Oswaldo Caldeira	a briga de Afonsinho pelos direitos do jogador profissional
Bianchini	<i>Memórias de um guerrilheiro</i>		2005	Felipe Nepomuceno	memórias do ex-jogador Adhemar Bianchini (anos 60)
Garrincha	<i>Garrincha, alegria do povo</i>	60'	1963	Joaquim Pedro de Andrade / Luís Carlos Barreto, Armando Nogueira (roteiro)	prêmio no Festival do Filme Esportivo de Cortina d'Ampezzo, Itália, 1965; Heron Domingues (narração)
Garrincha	<i>Voltar é conquistar duas vezes</i>	10'	1969	Aécio Andrade	como Garrincha conquistava seus fãs
Garrincha	<i>O incrível Mané Garrincha</i>	11'	1978	Aécio de Andrade	a simpatia da torcida pela ingenuidade de Garrincha
Garrincha	<i>Mané Garrincha</i>	curta	1978	Fábio Barreto	a vida de Garrincha depois da fama
Garrincha	<i>Heleno e Garrincha</i>	14'	1987	Ney Costa Santos	semelhanças entre mitos trágicos do Futebol; com Jaime Periard, Carlos Fernandes
Garrincha	<i>Memória de Garrincha</i>		2002	Paulo César Saraceni	com Elza Soares, Nilton Santos, Vavá
Garrincha	<i>Garrincha, a estrela solitária</i>	110'	2003	Milton Alencar Jr. / Band Films	glórias e tristezas da vida de Garrincha; com André Gonçalves, Taís Araújo, Henrique Pires, Ana Couto
Garrincha	<i>Jogada decisiva</i>	longa	2007	Jan Verheyen (Bélgica)	fã belga de Garrincha tenta tornar o filho jogador
Heleno de Freitas	<i>Heleno, nunca houve um homem como ele</i>			Rodrigo Teixeira / Marcelo Doria	em fase de produção
Heleno de Freitas	<i>Heleno de Freitas</i>	curta	1967	Gilberto Macedo / Victor Rangel	depoimentos dos que conviveram com o craque
Heleno de Freitas	<i>Heleno e Garrincha</i>	14'	1987	Ney Costa Santos / José Mariani	semelhanças entre mitos trágicos do Futebol; com Jaime Periard, Carlos Fernandes
Heleno de Freitas	<i>O Gilda</i>		2002	Mauro Mendonça Filho	
João Saldanha	<i>João</i>	longa	2008	André Iki Siqueira / Beto Macedo	biografia de João Saldanha, técnico, jornalista e militante do Partido Comunista
Júnior	<i>Júnior, maturidade da explosão</i>			Leo Júnior Participações	com Ronaldo Rosas (narração)
Leônidas da Silva				Paulo Machline / André Ribeiro / Ricardo Pichi	baseado no livro <i>O diamante eterno</i>
Marcelinho Paraíba	<i>BerlinBall</i>	17'	2006	Anna Azevedo	o sonho de meninos de Campina Grande em se tornarem uma estrela como Marcelinho Paraíba em Berlim; prêmio no Festival de Cinema de Berlim, Alemanha; com Marcelinho Paraíba
Mauro Shampoo	<i>Mauro Shampoo: jogador, cabeleireiro e homem</i>	22'	2005	Leonardo Cunha Lima / Paulo Henrique Fontenelle	camisa 10 do Íbis, o pior time do mundo, em 10 anos de clube fez apenas um gol
Nunes	<i>Nunes, raça, garra e emoção</i>		1996	João Batista Nunes de Oliveira / Rainbow	
Pelé	<i>O Rei Pelé</i>	114'	1963	Carlos Hugo Christensen / Nelson Rodrigues (diálogos)	a vida de Pelé até a primeira conquista do Mundial Interclubes; com Pelé e sua família, Zito, Pepe, Lula, Lima Duarte, Laura Cardoso, Nelson Rodrigues
Pelé	<i>Pelé</i>	curta	1970	Daniel Fernandes	cotidiano de Pelé no Santos
Pelé	<i>Pelé: o mestre e seu método</i>	82'	1973	Sal Lanza / LK-Tel Vídeo	Pelé ensina as técnicas fundamentais do esporte
Pelé	<i>Isto é Pelé</i>	75'	1974	Eduardo Escorel / Luís Carlos Barreto / Carlos Niemeyer	ênfase nas Copas de 1958 e 1970; Paulo Mendes Campos (texto); com Pelé
Pelé	<i>Pelé, o Atleta do Século</i>		1989	Polygram Vídeo	com Pelé
Pelé	<i>Pelé eterno</i>	120'	2004	Aníbal Massaini	centenas de gols e jogadas; prêmio Città di Roma, Itália, 2005
Raí	<i>Je vous salue Raí</i>	60'	1993	Carlos Alberto Xavier / Vídeo Ban	com Luiz Andreoli (narração)
Rojas	<i>Rojas?</i>	5'	1994	Alexandre Mello	depoimento de Rojas sobre o episódio em que fingiu ter sido atingido por um rojão, no jogo Brasil x Chile
Romário	<i>Romário, o rei do Rio</i>			O Globo	
Rondinelli	<i>O deus da raça</i>	26'	2003	Felipe Nepomuceno / Pedro Asbeg	Rondinelli se destacou pela dedicação e amor devotados ao Flamengo

jogador	título	dur.	data	diretor/produtor	observação
Sócrates	<i>Sócrates Brasileiro</i>	80'		Fernando José da Silva / Reinaldo Volpato	a ser lançado; com Casagrande, Wladimir
Telê Santana	<i>Fio de esperança</i>	52'	2002	Ricardo Pichi Martirani	
Tostão	<i>Tostão, a fera de ouro</i>	70'	1970	Paulo Leander / Ricardo Gomes Leite	Othon Bastos (narração), Milton Nascimento (trilha musical)
Zico	<i>Zico, a trajetória de um vencedor</i>	60'		Jornal Lance!	
Zico	<i>Volta Brasil - projeto Zico</i>	90'	1985	Rogério Steinberg	2 prêmios no Festival de Vídeo de Nova York
Zico	<i>Zico, os mais belos gols</i>	60'	1995	Casa & Vídeo	
Zico	<i>Zico</i>		2002	Eliseu Ewald	vida de Zico, com mescla de cenas reais e de outras reconstituídas por atores; com Claudio Fontana

Tabela 37 - Artes cênicas: cinema (participação de jogador)

jogador	título	data	diretor/produtor	observação
Breno Melo	<i>Orfeu do Carnaval</i>			filme histórico, que projetou a música de Tom Jobim e Vinícius de Moraes para o mundo
Friedenreich	<i>Campeão de Futebol</i>	1931	Genésio Arruda	
Leônidas da Silva	<i>Alma e corpo de uma raça</i>	1938	Milton Rodrigues	colaboração do Flamengo, do qual Leônidas era a principal estrela
Leônidas da Silva	<i>Suzana e o presidente</i>	1951		com Vera Nunes, Orlando Villar
Marinho Chagas	<i>O homem de seis milhões de dólares contra as Panteras</i>	1978	Luís Antonio Piá	
Pelé	<i>Hot shoot</i>			
Pelé	<i>O menor milagre</i>		John Houston	
Pelé	<i>O Rei Pelé</i>	1963	Carlos Hugo Christensen	
Pelé	<i>A marcha</i>	1971	Oswaldo Sampaio	
Pelé	<i>O Barão Otelo no barato dos milhões</i>	1971	Miguel Borges	
Pelé	<i>Os trombadinhas</i>	1979	Anselmo Duarte	com Paulo Goulart, Neusa Amaral, Raul Cortez
Pelé	<i>Fuga para a vitória</i>	1981	John Houston	com Silvester Stalone, Michael Caine
Pelé	<i>Pedro Mico</i>	1985	Ipojuca Pontes	com Tereza Raquel
Pelé	<i>Os trapalhões e o Rei do Futebol</i>	1986	Carlos Manga	com Renato Aragão, José Lewgoy, Milton Moraes; Pelé é um repórter esportivo
Sócrates	<i>Boleiros 2 - vencedores e vencidos</i>	2006	Ugo Giorgetti	com Otávio Augusto, Flávio Migliaccio, Lima Duarte, Denise Fraga, Cássio Gabus Mendes
Zico	<i>Três palhaços e o menino</i>	1982	Milton Alencar Jr.	Zico ajuda a libertar garoto seqüestrado
Zico	<i>Uma aventura do Zico</i>	1998	Antônio Carlos Fontoura	com Eri Johnson, Jonas Bloch, Paulo Gorgulho

Tabela 38 - Artes cênicas: cinema (documentário sobre clube)

clube	título	dur.	data	diretor/produtor	observação
América-RJ	<i>Unido vencerás</i>	12'	2003	Pedro Asbeg	a maior riqueza do América: sua torcida
América-RJ	<i>Paixão rubra</i>	42'	2006	Marcelo Migliaccio	homenagem aos 102 anos do mais simpático clube carioca
América-RJ	<i>Unido vencerás 2</i>	10'	2006	Pedro Asbeg	seqüência do filme anterior
Botafoogo	<i>Botafoogo, campeão invicto de 89</i>		1989	Manchete Vídeo	
Botafoogo	<i>A volta do Glorioso a General Severiano</i>	20'	2004		baseado em cenas do <i>Canal 100</i>
Botafoogo	<i>Botafoogo campeão brasileiro</i>	20'	2004		baseado em cenas do <i>Canal 100</i>
Corinthians	<i>Fiel – o filme</i>	92'	2009	Andréa Pasquini	dramática queda do time para a 2ª. divisão; roteiro de Sérgio Groisman e Marcelo Rubens Paiva
Flamengo	<i>Flamengo</i>	curta	1950	Renato Gonçalves	
Flamengo	<i>Flamengo paixão</i>	70'	1980	David Neves	homenagem ao time do fim dos anos 70; Beto Quartin (narração), com João Nogueira, Moreira da Silva, Jards Macalé
Flamengo	<i>Um x Flamengo</i>	longa	1980	Ricardo Solberg	torcedores típicos do Flamengo
Flamengo	<i>Flamengo: um século de paixão</i>	76'	1995	Carlos Gomes / TV Cultura	Helvídio Mattos (narração), com Zizinho, Zico, Dida, Júnior, Flávio Costa
Flamengo	<i>Flamengo: campeão estadual de 1999</i>	30'	1999	Promeeting	
Flamengo	<i>Histórias do Flamengo</i>		1999	Alexandre Niemeyer	imagens do <i>Canal 100</i>
Flamengo	<i>Centenário do Flamengo</i>	20'	2004		baseado em cenas do <i>Canal 100</i>
Fluminense	<i>O Fluminense de Nelson Rodrigues</i>	90'	2002	Murillo Salles	com Nelson Motta, Telê Santana, Rivelino
Fluminense	<i>Saudações tricolores - um século de Fluminense</i>		2002	André Barcinski	
Fluminense	<i>Fluminense F.C. - centenário de uma paixão</i>	média	2002	Marcelo Santiago	os 100 anos do tricolor carioca
Fluminense	<i>Óbvio ululante</i>	10'	2002	Sérgio Sá Leitão	relação entre Nelson Rodrigues e o Fluminense
Fluminense	<i>Fluminense campeão</i>	20'	2004		baseado em cenas do <i>Canal 100</i>
Fluminense	<i>A conquista</i>		2007	Bernardo Belfort	conquista da Copa do Brasil, em 2007

clube	título	dur.	data	diretor/produtor	observação
Fortaleza	<i>Louco por Futebol</i>		2007	Halder Gomes	torcida do Fortaleza
Grêmio	<i>A batalha dos Afritos</i>		2006		campanha na 2ª. divisão, em 2005
Internacional	<i>Gigante: como o Inter conquistou o mundo</i>		2007		conquista do Mundial Interclubes, em 2006
Madureira	<i>A volta ao mundo do Madureira</i>		2007	Felipe Nepomuceno	excursão do Madureira pelo mundo
Portuguesa	<i>O caminho da série A</i>		2008		campanha na 2ª. divisão, em 2007
Renner	<i>Papão de 54 - a trajetória gloriosa do Renner, o time dos industriários</i>	longa	2005	Alexandre Derlam	homenagem ao campeão gaúcho de 1954
Santos	<i>Santos Futebol Clube, campeão do mundo</i>	curta	1963	Emílio Vieira	viagens e concentrações do Santos de Pelé
São Cristóvão	<i>Meu glorioso São Cristóvão</i>	curta	1978	Ney Costa Santos / Braz Chediak	homenagem ao campeão carioca de 1926
São Paulo	<i>Soberano – seis vezes São Paulo</i>		2009	Carlos Nader	homenagem aos 6 títulos históricos; trilha sonora de Nando Reis
Vasco da Gama	<i>CR Vasco da Gama campeão brasileiro de 1989</i>	80'	1990	Globo Vídeo	conquista do campeonato brasileiro de 1989
Vasco da Gama	<i>Vasco supercampeão</i>	20'	2004		baseado em cenas do <i>Canal 100</i>
XV de Jaú	<i>XV de Jaú: 80 anos de história</i>	75'	2004	Kleber Mazziero	com Dino Sani, Afonsinho, Pepe

Tabela 39 - Artes cênicas: cinema (documentário sobre evento)

título	dur.	data	diretor/produtor	observação
(diversos)			(diversos)	filmes oficiais das Copas do Mundo
<i>Os melhores gols da história</i>	55'		Alejandro Ceruzzi / Folha S.Paulo	gols das Copas; Marcos Ribeiro (narração)
(jogo Brasil x Argentina)		1908	Antônio Leal	exibido no Cine Palace, no Rio
(excursão do Corinthians Team)	curta	1910	José Balsells e outros	trechos das vitórias do time inglês no Brasil
(jogos diversos)	curtas	anos 10, 20 e 30	Francisco Serrador, Antonio Campos e outros	documentários com trechos de diversos jogos disputados no Rio de Janeiro (Fluminense) e em São Paulo (parque Antártica e Velódromo)
<i>Amazonenses x Paraenses</i>	curta	1918	Silvino Santos	excursão dos paraenses a Manaus
(Sul-Americano de 19)	curtas	1919	Alberto Botelho e outros	documentários diversos da primeira vitória internacional do Brasil
(Copa de 38)	curtas	1938	Irmãos Ponce e outros	alguns documentários com narração de Ary Barroso
<i>Copa Roca</i>	8'	1939	Humberto Mauro	
<i>Por que o Brasil perdeu a Copa do Mundo</i>	longa	1950	Milton Rodrigues	tentativa de explicação da derrota para o Uruguai
<i>Copa 70</i>	83'	1970	Alberto Isaac	
<i>Copa 70</i>		1970	Lux Film	
<i>Parabéns, gigantes da copa</i>	longa	1971	Hugo Schlesinger	a conquista do tri no México
<i>Brasil tricampeão - Copa de 1970</i>	60'	1974	Rogério Martins / Transvídeo	a conquista do tri-campeonato mundial
<i>Futebol total</i>		1974	Oswaldo Caldeira / Carlos Leonam / Carlos Niemeyer	tentativa de explicar a derrota do Brasil para a Holanda, na Copa de 1974
<i>Copa 78, o poder do Futebol</i>	90'	1979	Maurício Sherman	Sérgio Chapelin (narração)
<i>Compactos de todas as Copas</i>	120'	1986	TV Bandeirantes	Copas de 34 a 82; Paulo Edson (narração)
<i>Folha conta 40 anos de Copa</i>		1994	João Máximo (texto) / Folha S.Paulo	Copas de 54 a 90; Irineu Toleno (narração)
<i>Todos os corações do mundo: a paixão do Futebol</i>	101'	1995	Murilo Salles	Copa de 94
<i>Coleção Brasil nas Copas</i>		1998	Lance Vídeo / SporTV	Copas de 58, 62, 70 e 94
<i>Guadalajara 70</i>	12'	2002	Felipe Nepomuceno	lembranças de jogadores mexicanos sobre a Copa de 1970
<i>Um a zero - a história de um gol</i>		2002	Eduardo Monsanto	jogo Serrano 1x0 Flamengo, Campeonato Carioca de 80; com Anapolina (do Serrano, de Petrópolis)
<i>Os fiéis</i>		2003	Daniel Solferini	invasão da torcida corintiana ao Maracanã, em 1976
<i>O dia em que o Brasil esteve aqui</i>	73'	2005	Caíto Ortiz / João Dornelas	"Jogo da Paz", em 08/2004, no Haiti; com Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho
<i>O Futebol como Deus criou: o Peladão de Manaus</i>		2006	Albert Knichtel	torneio "Peladão", de Manaus, o maior campeonato do mundo
<i>Copa registrada</i>	23'	2007	Daniel Ribeiro e outros	retrato de torcedores do Rio de Janeiro durante a Copa de 2006
<i>1958 – o ano em que o mundo descobriu o Brasil</i>	88'	2008	José C. Asbeg	retrato da primeira vitória brasileira em copas do mundo

Tabela 40 - Artes cênicas: cinema (documentário sobre Futebol)

título	dur.	data	diretor/produtor	observação
<i>Canal 100</i>		1959-86	Carlos Niemeyer	cine-jornal apresentado antes das sessões
<i>Esportes no Brasil</i>	12'	1965	Maurice Capovilla / Luiz Sérgio Person	entrevistas com diversos esportistas (Pelé, Garrincha, Éder Jofre, Maria Ester Bueno)
<i>Subterrâneos do Futebol</i>	30'	1965	Maurice Capovilla / Thomas Farkas	episódio do longa <i>Brasil verdade</i> ; Gilberto Gil (trilha musical); colaboração de João Batista de Andrade e Carlos Niemeyer
<i>A matemática e o Futebol</i>	10'	1969	Frieda Dourian / Sanin Cherques / Lygia Pape	relaciona o estudo da matemática com o Futebol

título	dur.	data	diretor/produtor	observação
<i>Evolução do Futebol brasileiro</i>	curta	1969	Hector Babenco / Pedro Carlos Rovai	documentário a cores sobre a história do Futebol no Brasil
<i>Superstição e Futebol</i>	20'	1969	Sílvia Lanna / Andrea Tonacci	crendices religiosas ligadas ao Futebol
<i>Bola de meia</i>	curta	1971	Carlos Couto	relações entre Futebol amador e profissional
<i>Brasil bom de bola</i>	longa	1971	Carlos Niemeyer	cenas do <i>Canal 100</i>
<i>Receita de Futebol</i>	14'	1972	Carlos Diegues	a seleção sem Pelé; exibido na TV Globo
<i>História do Brasil</i>	longa	1974	Gláuber Rocha	citação a Pelé na história do Brasil
<i>A propósito do Futebol</i>	7'	1975	Roberto Kahamé / Domingos Demasi	reflexões baseadas em idéias de Oswald de Andrade
<i>Raízes populares do Futebol</i>	50'	1977	Maurice Capovilla	produção franco-brasileira
<i>Brasil bom de bola 2</i>	longa	1978	Carlos Niemeyer	cenas do <i>Canal 100</i>
<i>Futebol 3: Jogo dos homens / Meio de vida / Zona do agrão</i>	13'+ 13'+ 13'	1979	Roberto Moura	3 episódios sobre aspectos sociais e econômicos do Futebol
<i>Cinema e Futebol</i>	48'	1980	David Neves / Chico Drummond / TV Cultura	O Futebol visto pelo cinema desde o início do século XX
<i>Todomundo</i>	35'	1980	Thomaz Farkas	Futebol+torcida=espetáculo total; texto de Alberto Helena Jr.
<i>Gaviões</i>	26'	1982	André Klotzel	aspectos da torcida do Corinthians
<i>Táticas: as estratégias do jogo</i>		1989	Polygram Vídeo	Pelé (narração)
<i>Futebol</i>	90'+ 90'+ 90'	1998	Arthur Fontes / João Moreira Salles / Rudir Lagemann	3 episódios sobre aspectos sociais, culturais e econômicos do Futebol; com Paulo César Caju, Nilton Santos, Didi, Telê, Julinho, Ademir da Guia, Dario, Lúcio, Iranildo
<i>O mundo segundo Silvio Luiz</i>	7'	2000	André Francioli	o locutor contornando a surpresa e o vazio com o improviso
<i>Alegria - paixão do Futebol</i>	100'	2002	Jorge Monclar	João Havelange, Pelé, Rivaldo
<i>Dogão calabresa</i>	23'	2003	Pedro Asbeg / Felipe Nepomuceno	o movimento do lado externo do estádio do Morumbi, durante a final do Campeonato Brasileiro
<i>Os fiéis</i>	16'	2003	Danilo Solfredini	o relato de três amigos sobre suas aventuras durante uma partida de Futebol
<i>O Maracanã visto pelo torcedor</i>	20'	2004	Carlos Niemeyer	baseado em cenas do <i>Canal 100</i>
<i>O rádio no Futebol</i>	20'	2004	Carlos Niemeyer	baseado em cenas do <i>Canal 100</i>
<i>O torcedor como ele é</i>	20'	2004	Carlos Niemeyer	baseado em cenas do <i>Canal 100</i>
<i>Brasil</i>	7'	2005	Felipe Nepomuceno / Pedro Asbeg	todas as noites, mais de 3 mil pessoas sonham que estão jogando bola no Aterro do Flamengo
<i>Brasil Futebol Clube</i>	10'	2005	Mateus Brandão	a ansiedade de um time na véspera de enfrentar seu rival, de um vilarejo vizinho
<i>Ginga</i>	81'	2005	Marcelo Machado, Hank Lavine, Tocha Alves / Fernando Meirelles	fracassos e sucessos de 10 personagens que sonham em se tornar astros de Futebol; com Robinho, Falcão (do Futsal)
<i>Preto contra branco</i>	55'	2005	Wagner Morales	jogo entre brancos e negros na favela Heliópolis
<i>Chico Buarque: o Futebol</i>	longa	2006	Roberto de Oliveira	um dos 9 filmes sobre Chico Buarque; com Pelé, Ronaldinho Gaúcho, Pagão
<i>Sonho de bola</i>		2006	César Meneghetti / Elisabetta Paindemiglio	projeto fracassado de tornar o time de uma pequena cidade italiana numa grande potência do Futebol

#### 4.6.2 Teatro

Não há comparação entre o número de produções cinematográficas e o de produções teatrais que retratam o Futebol. Não é objetivo, aqui, chegar a uma justificativa para isso, mas uma possível explicação seria o fato de o teatro ser tradicionalmente voltado para a elite, em oposição ao apelo popular intrínseco ao Futebol.

A primeira referência significativa ao Futebol feita pelo teatro surge na peça *A falecida*, de Nelson Rodrigues, o grande dramaturgo brasileiro, na qual um dos personagens principais, Tuninho, é, como o autor, um apaixonado torcedor do Fluminense, e gasta com essa sua paixão o dinheiro destinado ao enterro de sua esposa. Na época, a abordagem do Futebol em pleno Teatro Municipal do Rio de Janeiro provocou um verdadeiro escândalo entre seus frequentadores que, segundo Ruy Castro, biógrafo de Nelson Rodrigues, comentaram na estréia da peça: “*Mas como??? Futebol no Municipal! Onde é que nós estamos?*”<sup>102</sup>

Mais tarde, o Futebol foi utilizado para reforçar manifestações políticas, de protesto (este, sim, um tema bem familiar à dramaturgia brasileira), como fizeram Oduvaldo Viana Filho e Dias Gomes (respectivamente, com *Chapetuba Futebol Clube* e *Campeões do mundo*).

Só recentemente o Futebol apareceu no palco desempenhando o papel principal. O ótimo musical *Futebol*, de autoria do maestro e escritor Kléber Mazziere e do ex-jogador Sócrates, ficou apenas dois meses em cartaz. Através de 11 personagens do meio futebolístico (jogador, empresário, namorada, “maria chuteira”, jornalista, torcedor), o espetáculo procurava mostrar, com humor e belas canções, que “*os dramas são da vida real e não exclusivos do Futebol*”.<sup>103</sup> Temporada mais longa teve a *Cia. Letras em Cena*, da Cooperativa

<sup>102</sup> CASTRO, 1992, p.247

<sup>103</sup> TINOCO, 20/10/2004, p.E3

Paulista de Teatro, em 2003/2004, que, com o seu *Nossa vida é uma bola*, quis “*homenagear o Futebol brasileiro em sua genialidade, sem esquecer as suas mediocridades, divertindo e emocionando aqueles que amam a bola e o palco, não necessariamente ao mesmo tempo*”.<sup>104</sup> Trabalhando com um conjunto de crônicas, poemas, cartas, contos e matérias jornalísticas, de diversos autores famosos, entremeados por intervenções musicais, eram apresentadas, em dois tempos (atos), 16 cenas cômicas e dramáticas, que contavam histórias reais e fictícias do mundo do Futebol. Em 2008, a companhia voltou aos palcos com *Nos campos de Piratininga*, interessantíssimo relato da história dos clubes paulistanos, num paralelo com os acontecimentos que marcaram a própria história da cidade, ao longo do século XX. No final de algumas sessões de ambas as peças, o público podia participar de uma espécie de mesa-redonda com os atores e personalidades do meio esportivo, especialmente convidadas.

Tabela 41 - Artes cênicas: teatro

título	data	autor/produtor	observação
<i>O gol da tia Candoca</i>		Artur Maia	
<i>Fla-Flu</i>	1925	Jardel Jércolis	revista musical encenada pela companhia Tro-ló-ló, no Teatro Glória, do Rio de Janeiro, cujo nome foi explorado em artigos de Mario Filho para se referir ao clássico Flamengo x Fluminense
<i>Futebol em família</i>	1931	Silveira Sampaio / Arnaldo Faro	peça representada no Teatro São José, no Rio de Janeiro
<i>Torcida em família</i>	1943	Thomaz Mazzoni	
<i>A falecida</i>	1953	Nelson Rodrigues	Tuninho, fanático torcedor do Fluminense, gasta o dinheiro do enterro da mulher com o Futebol; citações a jogadores da época (Carlyle, Pavão, Ademir)
<i>Chapetuba Futebol Clube</i>	1959	Oduvaldo Viana Filho	Futebol como expressão do sofrimento ante a ordem social injusta; pela primeira vez o Futebol figura no papel principal de uma peça teatral; reapresentada em 2009 no mesmo Teatro de Arena, sob a direção do mesmo José Renato
<i>A invasão</i>	1962	Dias Gomes	retrata a realidade dramática da carreira de um jogador de Futebol
<i>Corinthians meu amor</i>	1967	César Vieira (pseudônimo de Ideval de Almeida Piveta)	Teatro União e Olho Vivo, formado por estudantes do Centro Acadêmico XI de Agosto, do Direito São Francisco; encenada no porão de um casarão
<i>Muro de arrimo</i>	1975	Carlos Queiroz Telles	monólogo; um pedreiro ouve, no rádio, o jogo Brasil x Holanda, enquanto vai erguendo um muro; com Antonio Fagundes; cenografia de Elifas Andreato
<i>Campeões do mundo</i>	1980	Dias Gomes	a conquista do tricampeonato mundial como “pano de fundo” para o seqüestro de um embaixador
<i>Barbosinha Futebó Crubi, uma história de Adonirans</i>	1991	Teatro União e Olho Vivo	competição musical/futebolística; músicas de Adoniran Barbosa x músicas comerciais estrangeiras
<i>Nossa vida é uma bola</i>	2002	Graça Berman / Cia. Letras em Cena	reunião de crônicas, poemas, cartas, contos, músicas e matérias jornalísticas sobre Futebol, escritos por Eduardo Galeano, José Roberto Torero, Plínio Marcos, Luis Fernando Verissimo, Armando Nogueira, Roberto Avallone, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Marighella, Paulo Mendes Campos, Juca Kfourir, D.Paulo Evaristo Arns, Graça Berman, Imara Reis, Augusto Juncal e outros
<i>Futebol</i>	2004	Sócrates / Kleber Mazziero	musical com 11 personagens do meio do Futebol (jogador, empresário, namorada, etc.), que revelam seus dramas pessoais; com grupo <i>Triz</i>
<i>Bola de sonhos</i>	2006	Cia. Letras em Cena	seqüência de <i>Nossa vida é uma bola</i>
<i>Onze bolas e um jogador</i>	2007	Paulo Jordão / Graça Berman	diferentes facetas dos jogadores durante uma partida entre dois times ameaçados de rebaixamento
<i>Nos campos de Piratininga</i>	2008	Renata Pallottini / Graça Berman / Cia. Letras em Cena	a história da cidade de São Paulo e dos clubes paulistanos no século XX
<i>Oito a zero – os futebóis do país</i>	2008	Ricardo Sawaya / Pedro Garrafa	na final do campeonato, torcedora assiste à vitória de seu time, por 8x0, bem no meio da torcida adversária

### 4.6.3 Dança

Concebida especialmente para a programação cultural que, em 2006, marcou o ano do Brasil na Alemanha, o espetáculo de dança *Maracanã* estreou num local bem próximo ao palco da Copa do Mundo, no teatro Kampnagel, em Hamburgo. Sua autora, a coreógrafa Deborah Colker, a define como um desafio, “*um projeto complicado*” que desenvolve “*um Futebol dinâmico em que a dança contemporânea se afirmou na mistura das linguagens*”. A partir da observação das regras e táticas usadas nos jogos, a coreógrafa afirma ter “*focado seus estudos nos jogadores com a bola em campo: corridas, passes, dribles, voleios, embaixadinhas*”.<sup>105</sup>

Esse foi o único registro de dança com o tema do Futebol encontrado nesta pesquisa.

<sup>104</sup> programa da peça *Nossa vida é uma bola*

<sup>105</sup> DUNDER, 25/1/2006, p.D3

#### 4.6.4 Desfile de Carnaval

Criado em 1932 pelo jornal *O Mundo Esportivo*, de Mario Rodrigues Filho, o concurso de escolas de samba do Rio de Janeiro tinha, a princípio, o objetivo de preencher espaços no jornal, durante a temporada de férias dos jogadores. O evento, porém, foi muito bem sucedido, ganhou força, e hoje é um dos grandes espetáculos da Terra.

A partir do Rio, outras cidades também passaram a organizar desfiles majestosos, com destaque para São Paulo, onde surgiram, além das escolas de samba tradicionais, algumas outras formadas a partir de torcidas organizadas de clubes de Futebol, das quais a pioneira e mais importante agremiação é a Gaviões da Fiel Torcida (do Corinthians).

Pela evidente identidade entre Futebol e Carnaval, alguns enredos (especialmente os das escolas de samba ligadas a torcidas) fizeram citações ao esporte (a homenagem a Lamartine Babo, por exemplo, mostrou seu lado de criador dos hinos dos clubes cariocas, enquanto a paixão pelo Flamengo foi destacada na homenagem a Ary Barroso). No entanto, os sambistas geralmente preferem evitar o tema, pois o consideram de má sorte. Dos quatro principais enredos que abordaram o Futebol, apenas um ilustrou o esporte em si; os outros fizeram homenagens a clubes populares do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco da Gama e Fluminense), nos anos em que comemoraram seus respectivos centenários.

Tabela 42 - Artes cênicas: desfile de Carnaval

escola de samba	local	data	enredo
Beija-Flor	Rio de Janeiro	1986	<i>O mundo é uma bola</i>
Estácio de Sá	Rio de Janeiro	1995	<i>Uma vez Flamengo...</i>
Unidos da Tijuca	Rio de Janeiro	1998	<i>De Gama a Vasco - a epopéia da Tijuca</i>
Acadêmicos da Rocinha	Rio de Janeiro	2003	<i>Nas asas da realização, entre glórias e tradições, a Rocinha faz a festa dos 100 anos de um clube campeão... Sou tricolor de coração!</i>

#### 4.6.5 Circo

O espetáculo circense *Metegol* foi apresentado em São Paulo, em 2007, protagonizado pelos cariocas do grupo Intrépida Trupe. Mesclando acrobacia e humor, mostrou, no picadeiro, uma verdadeira mesa gigante de pebolim (jogo chamado de “metegol” nos países de língua espanhola).

#### 4.6.6 Telenovela

Não há como negar: assim como o Futebol é considerado uma forma de lazer predominantemente masculina, a telenovela é vista como lazer para mulheres. Daí a dificuldade de surgir uma “tabelinha” entre ambos. O Futebol nunca teve um papel de protagonista numa trama das 6, nem das 7, muito menos numa das 8 (ou 9?) horas.

Não que jamais tenha havido personagens “boleiros”. Isso até ocorreu. Mas o Futebol, em si, ficou sempre em plano secundário.

Tabela 43 - Artes cênicas: telenovela (personagem futebolista)

título	data	emissora	autor	personagem	ator
<i>Irmãos Coragem</i>	1968	TV Globo	Dias Gomes	Duda	Cláudio Marzo
<i>Bandeira 2</i>	1972	TV Globo	Dias Gomes	Mingo	Osmar Prado
<i>Vereda Tropical</i>	1984	TV Globo	Gilberto Braga	Luca	Mário Gomes
<i>Irmãos Coragem</i>	1995	TV Globo	Dias Gomes	Duda	Marcos Winter

Não é tão raro que um jogador famoso seja convidado para participar de uma ou outra cena, representando a si próprio. Isso já ocorreu com Pelé, Zico, Romário e outros. A presente pesquisa, porém, apontou um único jogador que, de fato, interpretou um papel numa telenovela: Pelé, no auge de sua popularidade, na novela *Os estranhos*, na extinta *TV Excelsior*.

Tabela 44 - Artes cênicas: telenovela (participação de jogador)

jogador	telenovela	data	emissora	participação
Pelé	<i>Os estranhos</i>	1967	TV Excelsior	Rosamaria Murtinho, Regina Duarte
Pelé	<i>Celebridade</i>	2004	TV Globo	Malu Mader
Romário			TV Globo	
Zico	<i>Celebridade</i>	2004	TV Globo	Malu Mader

#### 4.6.7 Fotonovela

Nos anos 1970, a revista *Placar* publicou, em fascículos, a fotonovela *Chapetuba Futebol Clube*, uma adaptação de Aguinaldo Silva da peça homônima, de Oduvaldo Viana Filho. No papel principal (o de Maranhão), atuou o ator Paulo José. Foi a única obra detectada, por esta pesquisa, de um gênero que, hoje, está praticamente extinto.

Tabela 45 - Artes cênicas: fotonovela

fotonovela	data	autor	participação	observação
<i>Chapetuba Futebol Clube</i>	anos 70	Aguinaldo Silva	Paulo José	adaptação da peça homônima, de Oduvaldo Viana Filho, publicada em fascículos pela revista <i>Placar</i>

#### 4.7 o Humor

O Futebol é um tradicional tema para o humor. Com seu espírito bem-humorado e sua criatividade, o brasileiro é especialista em criar piadas sobre o Futebol. A rivalidade entre as torcidas dos grandes times é alimentada por provocações irônicas que normalmente se fazem em função dos resultados dos jogos.

Além dessas piadas, que nascem espontaneamente e que se contam entre amigos, há outras manifestações de humor mais bem elaboradas, criadas por profissionais do humor futebolístico.

##### 4.7.1 Cartum

Tendo sido o primeiro veículo da mídia a abordar o Futebol, o jornal foi também o primeiro a publicar manifestações de humor sobre o Futebol. Os cartunistas Jal e Gual, que reuniram no livro *A história do futebol no Brasil através do cartum* os principais cartuns de Futebol, afirmam que “*a charge sempre ajudou a difundir, de maneira bem-humorada, as grandes jogadas, os craques, as grandes decepções e gozações, que se transformaram em símbolos e ícones do linguajar popular*” e que “*a estética do futebol logo agradou os cartunistas como uma ferramenta para fazer paródia política*”.<sup>106</sup> De fato, no início do século XX, os principais jornais do país e algumas revistas (como *Careta*, *Fon-Fon*, *O Pirralho*) publicaram diversos cartuns que utilizaram o Futebol para, com humor, criticarem determinadas situações políticas. Os grandes nomes da época foram J.Carlos, considerado o “Pai do cartum brasileiro”, e K.Lixto.

Os cartunistas também tiveram um papel importante na popularização do Futebol, ao criarem os mascotes dos times, que se tornaram seus símbolos. O jornalista Thomaz Mazzoni, de *A Gazeta Esportiva*, concebeu os mascotes dos principais clubes paulistas, e o cartunista Nino Borges lhes deu forma. No Rio de Janeiro, mascotes foram criados pelo desenhista argentino Lorenzo Molas e redesenhados pelo cartunista Othélio Caçador. Mais tarde, cartunistas famosos, como Henfil e Ziraldo, também criaram mascotes para os times cariocas (como o vascaíno *Bacalhau*, o flamenguista *Urubu*, o tricolor *Pó de Arroz*, o botafoguense *Cri-Cri* e o americano *Gato Pingado*, todos de Henfil).

O mineiro Fernando Pierucetti, mais conhecido como Mangabeira, além de ter criado o *Galo* para o Atlético-MG e a *Raposa* para o Cruzeiro, foi o autor do *Canarinho*, tradicional símbolo da Seleção Brasileira.

Além dos mascotes, alguns personagens de quadrinhos foram criados por cartunistas, como o *Maciota*, concebido por Paulo Paiva para a revista *Placar*, e outros, desenhados por Otávio, Laerte, Ronaldo, Adail e Ely Barbosa. Nesse campo, porém, o personagem mais bem sucedido foi inspirado num jogador: Pelé. Maurício de Souza, o criador da *Mônica* e sua turma (*Cebolinha*, *Cascão*, *Magali*, *Bidu* e tantos outros), de uma conversa com o “Rei do Futebol”, desenhou *Pelezinho* e seus amigos de infância: o gorducho *Canabrava*, o almofadinha *Teófilo*, a apreciadora de quibes *Samira*, o esforçado goleiro *Frangão*, além do cãozinho *Rex*. A primeira tira foi publicada em 1976 e, mais tarde, essa turma ganhou um gibi só dela. Em maio de 2006, foi lançado o primeiro número do gibi *Ronaldinho Gaúcho e a turma da Mônica*, numa tentativa de internacionalização da obra de Mauricio de Souza.

Pelé inspirou trabalhos de diversos cartunistas (Lan, Otávio, Miécio Caffé, Henfil, Ziraldo, Zélio), mas o artista que mais o retratou (mais de 100 trabalhos) foi o santista J.C.Lôbo, que chegou a montar uma exposição apenas com seus cartuns.

<sup>106</sup> JAL; GUAL, 2004, p.7

Outros nomes famosos do cartum que também produziram (ou ainda produzem) trabalhos sobre Futebol são Belmonte, os irmãos Chico e Paulo Caruso, Cláudio Paiva, Gepp & Maia, Glauco, Ique, Jaguar, Leo Martins, Cássio Loredano, Nássara e até o pintor Ismael Nery e o escritor Luis Fernando Verissimo.

Tabela 46 - Humor: cartum

publicação	editora	data	autor	observações
revistas <i>Careta</i> , <i>Fon-fon</i> , <i>O Pirralho</i>		início séc.XX	J.Carlos, K.Lixto e outros	o Futebol usado para críticas políticas
revista <i>Placar</i>	<i>Abril</i>	anos 70	Henfil	cartuns do torcedor do Brasil e de diversos personagens do mundo do Futebol
revista <i>Placar</i>	<i>Abril</i>	anos 80	Paulo Paiva	personagem Maciota
jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	grupo <i>Folha</i>	anos 80	Glauco, Laerte, Angeli, irmãos Caruso	cartuns sobre diversos personagens do mundo do Futebol
gibi <i>Pelezinho</i>	<i>Abril / Globo</i>	76-	Maurício de Souza	tiras e histórias em quadrinhos do personagem Pelezinho e sua turma
jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	grupo <i>O Estado</i>		Maurício de Souza	tiras do Pelezinho, publicadas esporadicamente, no espaço da Turma da Mônica
livro <i>A história do Futebol no Brasil através do cartum</i>		2004	Jal / Gual	trabalhos de cartunistas famosos contam a história do Futebol brasileiro
gibi <i>Ronaldinho Gaúcho e a turma da Mônica</i>		2006	Maurício de Souza	o personagem Ronaldinho se junta à turma da Mônica
livro <i>Charges do Lance</i>	Lance Editorial	2006	Mário Alberto / Gustavo Duarte	cartuns publicados no jornal <i>Lance!</i>
livro <i>Urubu</i>	Desiderata	2007	Henfil	cartuns sobre o Flamengo e seu torcedor símbolo, o Urubu

#### 4.7.2 Rádio

No rádio, as primeiras referências a humor sobre Futebol datam dos anos 40, com os humoristas Capitão Barduíno e Lauro D'Avila (o autor do hino do Corinthians). Mas o principal nome desse gênero é, sem dúvida, Estevam Sangirardi. A partir de 1945, participou de diversos programas humorísticos e esportivos, até criar, em fins dos anos 60, na *Rádio Jovem Pan*, o *Show de Rádio*, que se tornou uma lenda do humor radiofônico sobre Futebol. A fórmula era simples: ao fim da transmissão de uma partida, eram repetidos os principais lances do jogo, entremeados por diálogos hilariantes entre personagens que retratavam típicos torcedores dos times: o milionário *Didu Morumbi*, são-paulino, e seu mordomo corintiano *Archibald* (depois *Charles*, e depois *Nicholas*); o favelado *Joca*, com sua *Nega*, seu protetor *Pai Jaú* e seu bode *Baltazar*, corintianos; o *Comendador Strufaldi* (depois *Fumagalli*), sua avó italiana, a *Noninha*, e seu cão *Vardemá Fiúme*, palmeirenses; os estivadores *Zé das Docas* e *Lança-Chamas*, santistas; e o casal de lusos, *Manoel e Maria*. O *Show de Rádio* apresentava ainda bem produzidas paródias dos sucessos da época, imitações perfeitas de personalidades (destaque para Pelé), e a impagável *Rádio Camanducaia*, sátira da simplicidade das rádios do interior do Brasil. Por mais de 20 anos, Sangirardi e sua equipe alegraram as transmissões esportivas das rádios paulistanas.<sup>107</sup> Anos depois, alguns remanescentes dessa equipe participaram das jornadas esportivas da *Rádio Capital*, sem conseguirem alcançar o mesmo sucesso.

Alguns integrantes do *Show de Rádio* se desligaram do grupo e, em 1980, passaram a participar do *Balancê*, na *Rádio Excelsior* (atual *Rádio CBN*, ligada às *Organizações Globo*), programa diário de auditório, apresentado na hora do almoço por Osmar Santos e Fausto Silva. Além de Futebol e humor, o programa tinha música, notícias e entrevistas, e deu impulso à carreira de apresentador de Fausto Silva, que, a partir dali, se tornaria o “Faustão” da TV.

Em fins dos anos 90, o estilo do *Show de Rádio* foi resgatado em emissoras de FM, a princípio timidamente, ao longo das narrações dos jogos na *Rádio Transamérica FM* e, depois, em programas diários no fim da tarde (no horário antes reservado à *Voz do Brasil*), num estilo cujo precursor foi o *Estádio 97*, na *Rádio Energia FM*, seguido pelo *Galera gol*, na *Rádio Transamérica FM*, e o *Na geral*, na *Rádio Bandeirantes AM/FM*. A fórmula desses programas é basicamente a mesma: torcedores dos principais times comentam as notícias esportivas do dia, entrevistam jogadores e dirigentes, e discutem entre si e com ouvintes (via telefone), sempre com muita ironia e muitas provocações; não podem faltar, também, as imitações de nomes famosos do Futebol e de outros setores da sociedade brasileira.

<sup>107</sup> CORAÚCCI, 2006

Tabela 47 - Humor: rádio

programa	emissora	data	equipe	observações
	<i>Bandeirantes</i>	1942	Capitão Barduino, Lauro D'Ávila	
<i>Charuto e Fumaça</i>	<i>Record</i>	1945	Estevam Sangirardi, Hélio Ansaldo, Raul Duarte, Otávio Gabus Mendes	humorístico com eventuais citações ao Futebol
<i>Guarda noturna esportiva</i>	<i>Panamericana</i>	1949	Estevam Sangirardi, Hélio Ansaldo	noticiário com toques de bom-humor
<i>Riso Futebol Clube</i>	<i>Bandeirantes</i>	1960	Estevam Sangirardi, Silvio Luiz, Braga Jr., Francisco (Quico) Duarte	sátira a torcedores e a rádios do interior; semanal (domingos), 15'; embrião do <i>Show de Rádio</i>
<i>Show de rádio</i>	<i>Jovem Pan / Bandeirantes</i>	1967-1992	Estevam Sangirardi, Eduardo Leporace, Ciro Biro Jatene, Weber Laganá Pinfari, Serginho Leite, Odayr Baptista, Nelson Tatá Alexandre, Carlos Roberto Escova, João Kléber, Douglas Rassputin	personagens: Didu Morumbi e Archibald; Joca, Nega e Pai Jáú; Noninha e comendador Fumagalli; Zé das Docas e Lança-Chamas; Manoel e Maria; homem do IBOFE, Rádio Camanducaia; imitações diversas (Pelé, Rivelino, Silvio Santos, Osmar Santos, Fausto Silva, Zé Bétio, Vicente Matheus), paródias musicais
<i>Balancê</i>	<i>Globo</i>	1982-1990	Osmar Santos, Fausto Silva	entrevistas com muito bom-humor, atrações musicais
<i>Estádio 97</i>	<i>Energia 97 (FM)</i>	1998-	Sombra, Domênico Gatto, Benjamin Back, Mano, RGn.2, Portuga, Bento, Mota	imitações diversas (Wanderley Luxemburgo, Pelé, Maradona, Rincón, Citadini, Milton Neves, Galvão Bueno, Casagrande, Rivelino, Luciano do Valle, Silvio Santos)
<i>Na geral</i>	<i>Bandeirantes</i>	2000-	Lélio Teixeira, Zé Paulo da Glória, Beto Hora	imitações diversas (Wanderley Luxemburgo, Pelé, Maradona, Citadini, Milton Neves, Lula, Paulo Maluf)
<i>Galera gol</i>	<i>Transamérica (FM)</i>	2003-	Alexandre Porpetone, Gavião, Mauro Miranda, Éder Luís, Roberto Carmona, Márcio Bernardes, Neto	imitações diversas (Wanderley Luxemburgo, Pelé, Maradona, Rincón, Neto, Milton Neves, Casagrande, Rivelino)
<i>Show de rádio</i>	<i>Capital</i>	2005	Weber Laganá Pinfari, Serginho Leite	principais personagens do antigo <i>Show de rádio</i>

#### 4.7.3 Televisão

Não havia registro de um programa de humor de TV exclusivamente de Futebol, a não ser uma tímida e mal-sucedida tentativa da turma do *Show de Rádio* na *TV Bandeirantes*, antes do surgimento do *Rock Gol*, uma hilariante paródia das mesas-redondas das noites de domingo, envolvendo também a transmissão de partidas entre times amadores formados por músicos, numa linguagem bastante moderna, bem própria da emissora em que é apresentada, a *MTV*.

Não se pode dizer, porém, que a televisão não tenha dado atenção ao humor no Futebol. Vários quadros e personagens de programas humorísticos fizeram rir seus espectadores, falando de Futebol. Destaques para os personagens interpretados por Jô Soares e seus bordões: o sofredor *Corintiano* (“*esse time só me dá alegria!*”), o azarado técnico *Zacarias* (“*é a fase!*”) e o exigente torcedor *Zé da Galera* (“*bota ponta, Telê!*”); e para o decadente craque *Coalhada*, de Chico Anysio (e seus “*piques no lugar*”), todos eles na *TV Globo*. Antes, Pelé também já tinha marcado presença por sua histórica participação num dos episódios da célebre *Família Trapo*, ao lado de Ronald Golias, Jô Soares e Otelo Zeloni, na *TV Record* (eram comuns, também, as discussões entre o corintiano *Bronco* e o palmeirense *Otelo Pepino*, personagens interpretados por Golias e Zeloni).

Hoje, o Futebol é lembrado pela trupe do *Casseta & Planeta urgente*, da *Rede Globo*, com seu *Tabajara F.C.*, time cujo melhor jogador é a *Vaca*, e com as imitações de craques como Ronaldo (feita por Bussunda, recentemente falecido) e Ronaldinho Gaúcho (por Hélio de la Peña). O humorista Tom Cavalcanti, em seu *Show do Tom*, na *TV Record*, também costuma recorrer a quadros que fazem sátiras ao Futebol, como a mesa-redonda *Tom de bola* e o personagem *RonalTom*, divertida imitação de Ronaldo. E a turma do *Pânico na TV*, da *Rede TV!*, deixou sua marca com as expressões “*pedala, Robinho!*”, “*samba, Tevez*” e “*escreve, Grafite*”, numa brincadeira com alguns jogadores da época.

Já o *SBT*, que acabou abortando o projeto do seriado *Barbada e sua turma*, com cerca de 80 episódios sobre a família de um fanático torcedor e suas relações com seus vizinhos, tem dado espaço ao Futebol no tradicionalíssimo programa *A praça é nossa*. Primeiro, com o personagem *Sânderson*, um divertido “mano” interpretado pelo humorista Marcelo Médici; depois, com o impagável imitador Alexandre Porpetone e seus personagens, dentre os quais se destaca *Cabrito Tévez*, referência ao jogador argentino que atuou no Corinthians, procurando sempre se disfarçar para não ser alvo da ira dos torcedores de seu antigo time.

Tabela 48 - Humor: televisão

programa	emissora	data	equipe	observações
episódio da <i>Família Trapo</i>	<i>Record</i>	anos 60	Ronald Golias, Jô Soares, Otelo Zeloni, Renata Fronzi, Renato Corte Real, Cidinha Campos	personagens: Bronco, Gordon, Otelo, Helena, Sócrates, Xantipa; episódio especial com a participação de Pelé, como ele mesmo

programa	emissora	data	equipe	observações
<i>Satiricon / Faça humor não faça a guerra / Viva o gordo</i>	Globo	1973-1986	Jô Soares (com Renato Corte Real, Agildo Ribeiro, Paulo Silvino, Eliezer Mota, Luiz Delfino)	personagens: torcedor corintiano, técnico Zacharias, torcedor Zé da Galera respectivos bordões: “esse time só me dá alegria!”, “é a fase!”, “bota ponta, Telê!”
<i>Chico City / Chico Anysio Show</i>	Globo	anos 70- anos 90	Chico Anysio, Cininha de Paula	personagem: jogador Coalhada; bordão: “pique no lugar!”
<i>Show de rádio na TV</i>	Bandeirantes	1990	Estevam Sangirardi e equipe	personagens: Didu Morumbi, Joca, Noninha, Zé das Docas, o homem do IBOFE, etc; bonecos com as vozes oriundas do programa de rádio, não foram bem sucedidos
<i>Escolinha do Prof. Raimundo</i>	Globo	anos 90	Casarré, Chico Anysio	aluno corintiano
<i>Casseta &amp; Planeta urgente</i>	Globo	anos 90-	turma do Casseta & Planeta urgente	time Tabajara Futebol Clube; time que só perde; tem na vaca o melhor jogador!
<i>Rock Gol</i>	MTV	2002-	Marcelo Bonfá, Marco Bianchi	paródia às mesas redondas tradicionais
<i>Pânico na TV</i>	Rede TV!	2003-2005	Emílio Surita, Sabrina Sato, Vesgo, Silvio Santos (Ceará), Mendigo, Carioca	bordões: “pedala, Robinho!”, “samba, Tevez!”, “escreve, Grafite!”
<i>Barbada e sua turma</i>	SBT	2006	Peron, Moacyr Franco	personagens: Barbada, Penta, Tetra, Tri, Bi, Campeão, Fifa, DeLaRua ; seriado (87 episódios) sobre a família de um torcedor fanático (aguardando para estreiar)
<i>A praça é nossa</i>	SBT	2000-	Carlos Alberto de Nóbrega, Marcelo Médici, Porpetone	personagens: Sânderson (mano torcedor do Corinthians), Cabrito Tévez, Ronaldo

#### 4.7.4 Literatura

Freqüentemente, o Futebol é abordado com bastante humor por nossos cronistas. Sandro Moreyra foi muito ligado a Garrincha e ao Botafogo, e criou boas e divertidas histórias desses bons tempos. Seu contemporâneo Othélo Caçador era, ao mesmo tempo, bom piadista e cartunista. Com seus dois livros da série *Deixa que eu chuto*, o cronista Renato Maurício Prado também seguiu por esse caminho. O destaque, porém, vai para o escritor e cineasta José Roberto Torero, com seu divertido *Futebol é bom prá cachorro!*, escrito em parceria com Marcus Aurelius Pimenta. Esse livro relata as cômicas aventuras de personagens fictícios cujas vidas se entrelaçam a partir de 1930, em função das Copas do Mundo. A cada 4 anos, surgem novos personagens, até que todos se encontram em Paris, no dia da final da Copa de 1998. Apesar da tristeza pela derrota do Brasil nesse jogo, todos declaram sua paixão pelo Futebol, e concluem que “*se é verdade que uma meia dúzia de tolos briga por causa do Futebol, muito maior é o número dos que se tornam amigos por causa dele*”.<sup>108</sup> E deve ser citada, ainda, a série de livros com *piadas para sacanear... – para alegria de...*, de autoria de Luís Pimentel, que reproduz, em livro, o humor dos torcedores, nas arquibancadas e nas conversas de bar.

Tabela 49 - Humor: literatura

título	data	autor
<i>Esperança Futebol Clube</i>		Zito Cavalcanti
<i>Livro negro do penalty de Otero</i>	1963	Othelo Caçador
<i>Mengo - uma odisséia no oriente</i>	1982	Carlos Eduardo Novaes
<i>Histórias de Sandro Moreyra</i>	1985	Sandro Moreyra
<i>Agamenon na copa</i>	1994	Agamenon Mendes Pedreira
<i>Sabor a gol</i>	1997	José Gai
<i>Deixa que eu chuto - o lado folclórico e divertido do esporte</i>	1998	Renato Maurício Prado
<i>Outras copas, outros mundos</i>	1998	Marcelo Simão Branco
<i>Vocabulário popular e humor no Futebol</i>	2000	Luisinho
<i>Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso</i>	2001	José Roberto Torero
<i>Dez na área, um na barreira e ninguém no gol</i>	2002	(diversos)
<i>Futebol é bom prá cachorro</i>	2002	José Roberto Torero / Marcus Aurelius Pimenta
<i>O Futebol é mesmo isto</i>	2002	Miguel Góis / Ricardo de Araújo Pereira
<i>Efabulativos do Futebol</i>	2003	Carneiro Neto
<i>O adepto do Futebol</i>	2003	Pedro Afonso
<i>Presepadas do mundo da bola</i>	2003	Alberto Damasceno
<i>Presepadas no mundo da bola</i>	2003	Alberto Damasceno
<i>A história do Futebol no Brasil através do cartum</i>	2004	Jal / Gual
<i>A mulher do centroavante</i>	2004	David Coimbra
<i>Caiu na área é pênalti</i>	2005	Marcelo Miguereis
<i>Causos da bola</i>	2005	Victor Kingma
<i>Piadas de sacanear atleticano - para alegria de coxa-branca</i>	2005	Luís Pimentel / Dante Mendonça
<i>Piadas de sacanear coxa-branca - para alegria de atleticano</i>	2005	Luís Pimentel / Dante Mendonça
<i>Comigo ou sem migo</i>	2006	Lenivaldo Aragão
<i>Deixa que eu chuto 2 - a missão</i>	2006	Renato Maurício Prado

<sup>108</sup> TORERO; PIMENTA, 2002, p.133

título	data	autor
<i>O mundo é uma bola</i>	2006	vários
<i>Paris, 98</i>	2006	Mário Prata
<i>Piadas de sacanear flamenguista - para alegria de vascaíno</i>	2006	Luís Pimentel / Dante Mendonça
<i>Piadas de sacanear vascaíno - para alegria de flamenguista</i>	2006	Luís Pimentel / Dante Mendonça
<i>Vai na bola, Glânderson</i>	2006	Hélio de la Peña
<i>Causos do Dr. Osmar</i>	2008	Osmar de Oliveira
<i>Piadas de sacanear corintiano - para alegria de palmeirense</i>	2008	Luís Pimentel / Dante Mendonça
<i>Piadas de sacanear palmeirense - para alegria de corintiano</i>	2008	Luís Pimentel / Dante Mendonça

#### 4.7.5 Cinema

Embora já nos anos 30 tivesse sido rodada uma comédia com Grande Otelo (*Futebol em família*), proporcionalmente não são muitas as fitas de humor com o tema Futebol. Alguns nomes importantes do gênero marcaram sua presença (Mazzaropi, Renato Aragão — ao lado de Pelé — e o grupo *Casseta & Planeta urgente*), mas o grande destaque vai para o ótimo *O casamento de Romeu e Julieta*, dirigido por Bruno Barreto, que obteve expressivo sucesso de bilheteria.

Seu roteiro, assinado pela bem-sucedida dupla no teatro Jandira Martini e Marcos Caruso, se baseia no livro *Palmeiras, um caso de amor*, de Mário Prata. Um fanático torcedor corintiano, Romeu, se apaixona por Julieta, cujo pai é um fanático palmeirense. Para conquistar a simpatia do sogro, Romeu esconde sua paixão pelo Corinthians, e o acompanha a jogos do Palmeiras, inclusive à derrota no Mundial Interclubes, no Japão. Algumas cenas, como a do avião, no retorno dos palmeirenses do Japão, são realmente muito engraçadas. Embora o Futebol tenha um papel importante, o filme é capaz de agradar até a quem não é fã do esporte. Na opinião do jornalista Matthew Shirts, o filme “*traz um bonito e moderno retrato de São Paulo, da relação entre trabalho, família, hiperurbanidade, amor e Futebol — faz a sociologia da cidade, enfim [...] é engraçado e, em alguns momentos, comovente*”.<sup>109</sup>

Tabela 50 - Humor: cinema

título	dur.	data	diretor / produtor	observações
<i>Futebol em família</i>	longa	1938	Rui Costa	com Grande Otelo, Dircinha Batista
<i>O craque</i>	90'	1953	José Carlos Burle, Alberto Dines (roteiro)	com Carlos Alberto, Eva Wilma, Blota Jr., Inezita Barroso, Herval Rossano / Baltazar, Carbone, Gilmar, Luizinho, Olavo, Roberto
<i>A pensão da dona Estela</i>	longa	1956	Alfredo Palácios / Ferec Fekete	um dos hóspedes da pensão é um jogador de Futebol
<i>O homem que roubou a Copa do Mundo</i>	longa	1963	Vitor Lima / Herbert Richards	com Grande Otelo, Ronald Goliás, Renata Fronzi
<i>O corintiano</i>	98'	1966	Milton Amaral	com Mazzaropi, Elisa, Lúcia Lambertini, Roberto Pirillo
<i>Como vai, vai bem?</i>	curta	1969	Walkíria Salvá	problemas conjugais de um torcedor fanático do Flamengo
<i>Como ganhar na loteria sem perder a esportiva</i>	longa	1971	J.B. Tanko	maníaco por apostas na Loteria Esportiva
<i>O Barão Otelo no barato dos milhões</i>	longa	1971	Miguel Borges	gandula tenta manipular resultados para ganhar na Loteria Esportiva
<i>O bolão</i>	longa	1971	Wilson Silva	homem pensa que ganhou na Loteria Esportiva e enfrenta o mundo
<i>Um edifício chamado 200</i>	longa	1974	Carlos Imperial	um marciano ajuda um homem a ganhar na Loteria Esportiva
<i>Núpcias com Futebol</i>	30'	1976	Ary Fernandes	a noite de núpcias de um corintiano fanático; com Nuno Leal Maia, Felipe Carone
<i>Tem folga na direção</i>	longa	1976	Victor Lima	um fanático torcedor do Flamengo; com Zé Trindade
<i>O homem de seis milhões de dólares contra as Panteras</i>	longa	1978	Luís Antonio Piá	com Marinho Chagas
<i>Os trapalhões e o Rei do Futebol</i>	longa	1986	Carlos Manga	com Renato Aragão, José Lewgoy, Milton Moraes, Pelé
<i>Decisão</i>		1998	Leila Hipólito	fanático por Futebol leva rádio ao Teatro Municipal, onde sua amada se apresenta, num espetáculo de dança
<i>O mundo segundo Silvio Luís</i>	6'	2000	André Francioli	situações cômicas do Futebol, narradas por Silvio Luís
<i>A tassa do mundo é noça</i>	longa	2003	Lula Buarque de Holanda	com Casseta & Planeta
<i>O casamento de Romeu e Julieta</i>	93'	2005	Bruno Barreto / Jandira Martini / Marcos Caruso (roteiro)	baseado em <i>Palmeiras, um caso de amor</i> , de Mário Prata; com Marco Ricca, Luana Piovani, Luís Gustavo, Berta Zimel, Mel Lisboa, Renato Consorte
<i>Se eu fosse você 2</i>	longa	2008	Daniel Filho	marido e mulher, Toni Ramos e Glória Pires invertem seus papéis; na melhor cena do filme, Toni Ramos, no papel de sua esposa, se vê disputando uma pelada com seus amigos

<sup>109</sup> SHIRTS, 4/4/2005, p.D8

#### 4.7.6 Teatro

Se são raros os espetáculos teatrais sobre Futebol, mais raras ainda são as comédias sobre o tema. Fica o registro do criativo *Jogando no quintal*, espetáculo circense no qual uma “partida” é disputada por duas equipes de palhaços e mediada por um “árbitro”, ladrão assumido. O “jogo” é marcado pela interatividade entre o público e os atores: a platéia sugere os temas e, a partir deles, as duas equipes têm de improvisar as cenas, num tempo estabelecido pelo juiz. Ao final, é a torcida quem escolhe o time de melhor desempenho, usando cartões azuis e laranja (as cores das equipes).

Tabela 51 - Humor: teatro

título	personagens
<i>Jogando no quintal</i>	Fonseca, Rubra, Manjeriçã, Chabilson, Comendador Nelson, Manela, Cizar Parker, João Grandão, Mademoiselle Blanche, Adão, Olímpio, Fandango
<i>Cada um com seus pobrema</i>	Sânderson, “mano” corintiano, interpretado por Marcelo Médici

#### 4.8 o Idioma

Praticamente toda a atividade humana tem seus próprios jargões, seu vocabulário específico, quase que restrito a um círculo de profissionais. Costuma-se, por exemplo, criticar os economistas por falarem o “economês”, linguajar quase incompreensível para quem não é da área. O Futebol também tem o seu “futebolês”, recheado de expressões que se ouvem nas narrações dos jogos pelos nossos locutores e que se lêem nas reportagens dos jornais esportivos.

Curiosamente, países de mesmo idioma freqüentemente utilizam termos diferentes para o mesmo significado. Um exemplo clássico é o próprio nome do esporte: “soccer”, nos Estados Unidos, e “football”, na maioria dos demais países de língua inglesa. São curiosas, também, as diferenças entre expressões brasileiras e portuguesas, o que pode, às vezes, impedir nossa compreensão das considerações feitas por um *comentador* lusitano.

Tabela 52 - Idioma: expressão portuguesa x brasileira

Portugal	Brasil
adepto	torcedor
auto-gol	gol contra
avanzado	atacante
baliza	traves, meta
balneários	vestiários
barra da baliza	travessão
bilheteiras	bilheterias
cabeçamento	cabeçada
camisola	camiseta
cartolina amarela/vermelha	cartão amarelo/vermelho
castigo	suspensão
castigo máximo	expulsão
claque	torcida organizada
comentador	comentarista
compensação	descontos
cueca	bola debaixo das pernas, “canetas”
desafio	jogo, partida
desporto	esporte
em diferido	em videoteipe
em directo	ao vivo
embate	jogo, partida
encontro	jogo, partida
encontro amigável	amistoso
época	temporada
equipa	time, equipe
esférico	bola
esquerdino	canhoto
fantasista	jogador habilidoso
fazer a mancha	fechar o ângulo
fazer a vírgula	tocar de letra
flanqueador	lateral ou ponta
golo	gol
guarda-redes	goleiro

Portugal	Brasil
imparável	indefensável
internacional	jogador de seleção
lançamento da marca da grande penalidade máxima	pênalti
listo	esperto, rápido
livre	falta
marcar	bater, fazer uma cobrança
muniçador	armador
não dar hipótese	não dar chance
no sítio certo	no lugar certo
nulo	resultado de 0x0
pequeno ecrã	televisão (telinha)
pontapé de baliza	tiro de meta
pontapear	chutar
posição cimeira	liderança
primeira/segunda parte	primeiro/segundo tempo
relvado	gramado
remate	finalização, chute a gol
resumo alongado	videoteipe dos melhores momentos
seleção de esperanças	seleção de juniores
simulações	fintas, dribles
tabela classificativa	tabela de classificação
tecnicista	craque
trinco	volante de contenção
viragem	virada

Criado na Inglaterra e introduzido no Brasil por britânicos e por seus descendentes, inicialmente o esporte era alvo de diversas expressões inglesas, utilizadas corriqueiramente por nossos primeiros cronistas e que, com o tempo, foram se aportuguesando. Simultaneamente, graças à capacidade criativa dos brasileiros, novas expressões foram sendo introduzidas, ampliando ainda mais o vocabulário futebolístico.

Tabela 53 - Idioma: expressão inglesa x portuguesa

Inglês	Português
back	zagueiro
center forward	centroavante
center half	centro-médio
charge	carga, empurrão
corner	escanteio
dribling	drible
eleven	escrete, time, equipe
faul	falta
field	campo de jogo
forward	atacante
goal	gol
goal keeper	goleiro
green	gramado
half time	meio tempo
hand	mão
kick-off	início do jogo
midfielder	médio, meio-campista
off-side	impedimento
penalty kick	tiro de penalidade máxima
referee	árbitro
score	placar, contagem
scratch	escrete, time, equipe
shoot	chute
speaker	locutor, narrador
team	escrete, time, equipe
toss	sorteio ao início da partida
wing	lateral

Além disso, a propagação do esporte pelos diversos estados do país fez surgir regionalismos, alguns dos quais ainda hoje restritos ao local em que foram empregados pela primeira vez.

Existem, hoje, algumas publicações, de glossários a dicionários, que apresentam essas expressões. A primeira foi editada em 1929. A mais completa é o *Dicionário de Futebol*, do escritor e jornalista paraense Haroldo Maranhão, que tem, aproximadamente, 4.500 verbetes (boa parte deles, regionalismos).

Tabela 54 - Idioma: literatura

título	data	autor
<i>Dicionário do Futebol</i>	1929	Guy Gay
<i>Futebol, fenômeno lingüístico: análise lingüística da imprensa esportiva</i>	1974	Maria do Carmo Leite de Oliveira Fernández
<i>A linguagem popular do Futebol</i>	1988	José Maurício Capinussú
<i>Gírias e verbetes futebolísticos</i>	1993	Roberto Porto
<i>Dicionário de Futebol</i>	1998	Haroldo Maranhão
<i>Dicionário popular do Futebol: o ABC das arquibancadas</i>	1998	Leonam Penna
<i>A linguagem dos esportes de massa e a gíria no Futebol</i>	1999	Luiz Cesar Saraiva Feijó
<i>É gol, pá - as narrações do Futebol português e suas expressões peculiares</i>	1999	Marcos Bogo / Luís Bogo
<i>Vocabulário popular e humor do Futebol</i>	2000	Manoel Luís Melo
<i>Dicionário futebolês-português</i>	2006	Luiz César Saraiva Feijó
<i>Novo dicionário de Futebol</i>	2006	Carlos Alberto de Lima

A título de curiosidade, são apresentadas mais de três dezenas de termos que se referem a *bola*, e quase uma centena de qualificativos para a palavra *gol*.

Tabela 55 - Idioma: sinônimo de bola e qualificativo de gol

bola =	= ameixa, balão, balão de couro, bexiga, bichinha, boneca, caprichosa, caroço, castanha, chulipa, couro, criança, demônia, ela, enganosa, esfera, gorduchinha, leonor, maria, maricota, menina, mortadela, nega, neném, número cinco, pelota, perseguida, pneu, redonda, redondinha, verruga, xulipa
gol...	... à meia força, antológico, anulado, à paulista, “average”, bento, bobo, bonito, cala-boca, cavado, certo, chorado, contra, da rodada, da virada, da vitória, de abertura, de barriga, de bicicleta, de bico, de bola e tudo, de bola parada, de cabeça, de cabeçada, de calcanhar, de chaleira, de chapa, de Copa do Mundo, de córner direito, de craque, de curta distância, de empate, de escanteio, de falta, de gênio, de goleiro, de honra, de joelho, de jogada ensaiada, de letra, de longa distância, de mão, de média distância, de montinho artilheiro, de morrinho artilheiro, de morte súbita, de oportunismo, de ouro, de peixinho, de Pelé, de penalidade máxima, de pênalti, de placa, de primeira, de saída, de saldo, de sem-pulo, de “slide”, de sorte, de susto, de trivela, decisivo, diabólico, do Fantástico, do título, dos fundos, dos portões de entrada, dos sonsos, duvidoso, em impedimento, espírita, fechado, feio, feito, ilegal, impedido, impossível, inaugural, incrível, injusto, legal, malandro, mil, olímpico, pró, relâmpago, rezado, salvador, sem querer, sensacional, sofrido, solitário

É interessante, também, como diversas expressões surgidas no Futebol acabaram ganhando outras conotações, em outros contextos do cotidiano. Uma lista de algumas dessas expressões é, aqui, apresentada. Além delas, presume-se que certas expressões utilizadas no aumentativo (como o neologismo *mensalão*, que designa suposta propina distribuída a parlamentares brasileiros) tenham origem nos apelidos que se deram aos estádios brasileiros durante os anos do regime militar (como *Mineirão*, *Castelão*, *Trapichão*, *Vivaldão*, *Mangueirão* e outros).

Tabela 56 - Idioma: expressão do “futebolês” utilizada no cotidiano

“futebolês”	cotidiano
bate-bola	conversa informal
bola prá frente	vamos esquecer os problemas e seguir adiante
botar para escanteio	deixar de lado, menosprezar, esquecer
chutar	arriscar, dar um palpite
chutar para o alto	deixar de lado, afastar
dar bola	dar atenção, insinuar predisposição para um namoro
dar cartão vermelho	mandar embora, livrar-se
dar um bico em	afastar, mandar para longe
embolar o meio de campo	provocar uma situação confusa ou indefinida
entrar de sola	agir rispidamente
entrar em bola dividida	entrar em situação duvidosa
estar na marca do pênalti	estar a perigo, estar correndo riscos
jogada	trama, ação
jogar para a torcida	procurar demonstrar competência (mesmo sem tê-la)
marcação homem a homem	acompanhamento a curta distância
marcar um gol de placa	fazer algo muito bem feito
matar no peito	assumir a responsabilidade
o pelé de...	o melhor de uma determinada área de atividade
pontapé inicial	abertura, ponto de partida

“futebolês”	cotidiano
pisar na bola	cometer um engano, tomar uma atitude incorreta
regra 3	substituição, troca
show de bola	muito bom, extraordinário
suar a camisa	trabalhar duro
tirar de letra	resolver uma situação com facilidade
vestir a camisa	integrar-se ao trabalho em grupo

Finalmente, cabe destacar o *Pequeno Dicionário de Futebolês*, impresso em toalha de papel utilizada pela rede de refeições rápidas *McDonald’s*, com quase uma centena de ilustrações sobre expressões futebolísticas; e a publicação mensal *É gol!*, do grupo *Coquetel*, com 34 páginas de passatempos do tipo “palavras cruzadas” sobre Futebol.

## 4.9 a Tecnologia

### 4.9.1 Material de jogo

Para um esporte que já tem quase 150 anos de história, chega a surpreender que o Futebol mantenha, ainda, certas tradições, criadas nos seus primórdios. Mas é inegável que surgiram, também, inúmeras novidades, motivadas pelos avanços da tecnologia.

É o caso, por exemplo, do material de jogo utilizado durante as partidas. O mais importante deles, a bola, apresentou grande evolução. As primeiras bolas brasileiras foram fabricadas de modo artesanal pelo sapateiro Caetano Lizzaroni, que tinha seu pequeno negócio na av. Ipiranga, centro de São Paulo.<sup>110</sup> Eram feitas de couro animal, forradas com lonas para manterem sua esfericidade, e possuíam uma abertura — fechada por um cordão — para que se pudesse inflar a câmara interna que, a princípio, era feita de bexiga de boi. Muitos jogadores dessa época utilizavam toucas em suas cabeças, não por motivos de estética, mas sim para evitar possíveis ferimentos provocados por esse cordão. Nos anos 40, a câmara, de material elástico, já podia ser enchida através de um bico. Para melhorar sua esfericidade, a partir da Copa do Mundo de 1970 a bola passou a apresentar os tradicionais 32 gomos (12 pentagonais e 20 hexagonais). Em vez da antiga cor marrom, novas cores: branco e preto. Nos anos 80, passaram a ser empregados materiais totalmente sintéticos. Surgiu, depois, a bola de 12 gomos, mais rápida, que não agradou aos goleiros. Hoje, além de um visual mais moderno e atraente, já estão sendo testadas bolas dotadas de uma pequena pastilha eletrônica (um “chip”), que poderá ajudar o árbitro em suas decisões sobre lances duvidosos, especialmente com relação à validação ou não de um gol.<sup>111</sup>

Os uniformes de jogo também passaram por importantes transformações. No início, usavam-se roupas comuns, do cotidiano, que incluíam calças longas e até uma gravata! Aos poucos, os uniformes foram ficando mais leves e adequados à prática do Futebol. Os números nas camisas, fundamentais para a identificação dos atletas, surgiram nos anos 40. As chuteiras, inicialmente de couro e de travas de pregos, passaram a ser, como as bolas, feitas de materiais sintéticos, mais leves, maleáveis e resistentes. Hoje, tecidos de última geração permitem que o suor não seja retido, proporcionando muito mais conforto aos jogadores.

Equipamentos de proteção foram, também, aprimorados. Caneleiras se tornaram obrigatórias. Alguns goleiros passaram a atuar de luvas que, além de lhes protegerem as mãos, conferem melhor aderência à bola, facilitando suas defesas.

Os árbitros também se beneficiaram da tecnologia: além de uniformes mais adequados, e de cronômetros mais leves e precisos, passaram a se utilizar de um “spray” de espuma, para marcações do posicionamento da bola e dos jogadores. Para poderem se comunicar com o árbitro principal durante os jogos, os assistentes já dispõem de uma “bandeirinha eletrônica”, dispositivo que vem sendo substituído por um “ponto eletrônico”, ainda em testes.

### 4.9.2 Material de treinamento

O material para treinamento também se sofisticou: aparelhos de musculação e de fisioterapia, a “barreira móvel” (usada para a prática de cobranças de faltas), o “disparador automático de bolas” (usado no treinamento de goleiros) e outros dispositivos mais simples (cones, fitas elásticas, bolas de borracha, etc.). Os principais clubes passaram a construir centros especiais de treinamento, para o aprimoramento físico e técnico de seus atletas.

<sup>110</sup> MILLS, 2005, p.91

<sup>111</sup> MARTINS, 18/7/2005, p.L13

### 4.9.3 Instalações

As instalações esportivas também foram aprimoradas, tanto para favorecer a prática do esporte quanto para dar mais conforto à assistência. Os gramados ganharam sistemas de irrigação e de drenagem, novos tipos e cortes artísticos de grama foram pesquisados, experimentaram-se materiais sintéticos (ainda não aprovados pela FIFA). Os sistemas de iluminação passaram a permitir jogos noturnos (a primeira partida noturna de São Paulo foi disputada em 1923, à luz dos faróis de 20 bondes!). Para o controle do ingresso das torcidas, passaram a ser utilizados bilhetes magnéticos e catracas eletrônicas. Telões, placares eletrônicos e sistemas de som passaram a reproduzir os principais lances do jogo e a dar todo tipo de informação. Arquibancadas “configuráveis” e com assentos mais confortáveis, estádios cobertos, gramados retráteis e outras inovações permitiram a utilização dos estádios como “arenas-multiuso”, viabilizando a realização de grandes espetáculos musicais.

### 4.9.4 Comunicações e informática

A tecnologia é visível no campo dos meios de comunicação. Já ficaram bem para trás os tempos dos equipamentos pesados e das ruidosas transmissões internacionais. Hoje é possível a transmissão de eventos futebolísticos ao vivo de qualquer lugar do mundo, com perfeição de som e de imagem, utilizando microfones sem fio e com alto poder de captação, e câmeras que permitem a visualização das jogadas de todos os ângulos possíveis. O recurso do “tira-teima” procura esclarecer os lances duvidosos, embora ainda não seja admitido como instrumento de auxílio à arbitragem. Mas não é só a mídia eletrônica que se beneficia dos avanços tecnológicos: a mídia impressa também usufrui desses benefícios. Minutos após o término das partidas, já podem ser distribuídos jornais e revistas recheados de fotos coloridas desses eventos.

As comunicações também tiveram grande impulso com a informática. A internet permite que qualquer evento possa ser acompanhado em tempo real, de qualquer lugar do mundo, além de viabilizar a criação de grupos de discussão sobre os mais diversos tópicos futebolísticos. O computador pode, também, ser utilizado pelos técnicos de Futebol para executar programas especiais sobre táticas, cálculos de estatísticas, simulações e gerenciamento de bases de dados, entre outros.

Engenheiros e programadores da área de robótica têm procurado desenvolver pequenos robôs capazes de disputar torneios de “Futebol de robôs”, como a *RoboCup*, competição paralela à Copa do Mundo. Representante do Brasil na Alemanha, a equipe *Itandroids* foi formada por alunos de graduação, pós-graduação e um professor do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), de São José dos Campos.<sup>112</sup>

### 4.9.5 Material humano

Finalmente, não se deve esquecer do aprimoramento da mão-de-obra, isto é, dos profissionais envolvidos com o mundo do Futebol. As exigências, hoje, são por profissionais altamente especializados, podendo ser citados: técnico, auxiliar técnico, médico, massagista, preparador físico, treinador de goleiros, psicólogo, fisiologista, nutricionista, dentista, supervisor, observador (“olheiro”), roupeiro, cozinheiro, segurança, motorista, assessor de imprensa, gerente, empresário, publicitário, gerente de marketing, administrador esportivo e tantos outros.

## 4.10 o Mercado

Pela sua imensa popularidade, não é de se estranhar que o Futebol seja utilizado para a comercialização de uma infinidade de produtos, sejam eles diretamente ligados ao esporte ou não.

É evidente que os fabricantes de artigos esportivos são os que mais se utilizam do Futebol como vitrine para vendas de seus produtos. Por causa disso, as grandes empresas do setor travam duras batalhas comerciais buscando associar seus nomes aos principais craques e às principais equipes do esporte. Altíssimas somas de dinheiro são investidas em contratos de exclusividade por essas empresas, que, com isso, têm impulsionadas as vendas de camisetas, calções, agasalhos, meias, tênis, chuteiras e produtos afins.

Outras peças de vestuário de intensa comercialização são camisetas nas cores verde e amarela, com padrões alusivos à bandeira nacional, especialmente por ocasião das disputas das Copas do Mundo, além de outros adereços (como bandanas, fitas, gravatas, brincos, pulseiras, colares, broches, sandálias, lenços, meias, tênis, etc.). Marcas e etiquetas de prestígio são valorizadas em roupas com o nome ou as cores do Brasil, tanto aqui como no exterior (a proprietária da marca de roupas *Mixed* afirmou que “foi preciso os europeus

<sup>112</sup> SIQUEIRA, 16/4/2006, p.B8

*validarem a combinação verde-amarelo como fashion para que nós afastássemos o preconceito que tínhamos de vestir as cores do País*<sup>113</sup>). Por ocasião das Copas, também são vendidos, em grandes quantidades, bandeiras, toalhas, flâmulas e adesivos com as cores nacionais.

Os grandes clubes também buscam auferir receitas extras com esse tipo de produtos, embora lhes seja difícil manter algum controle sobre eles, pela facilidade com que são “pirateados”. São comuns notícias como a descoberta, em uma fábrica clandestina de uniformes esportivos em Guarulhos-SP, de mais de 100 mil peças falsas; a maioria delas, camisetas de times nacionais e estrangeiros, e da Seleção Brasileira.<sup>114</sup> Na internet, um sítio oferece camisetas de mais de 600 times do mundo todo, com entrega em 24 horas.

Um mercado que ainda tem um bom potencial de crescimento é o de mascotes, bonecos e brinquedos, além de artigos do cotidiano, como copos, canecas, chaveiros, agendas, cadernos, artigos de papelaria, relógios, e até garrafas de vinho, xampus, roupinhas para cachorro, ventiladores e computadores. Também aqui a “pirataria” é intensa, mas os clubes a vêm combatendo, através da venda de licenças de suas marcas a empresas mais confiáveis.

Dentre os artigos que não têm relação direta com o Futebol, há um que, tradicionalmente, experimenta um grande impulso de vendas às vésperas das Copas do Mundo: o aparelho de TV. Repetindo o que, no passado, ocorreu com receptores de rádio, muitas famílias brasileiras adquiriram seu primeiro televisor incentivadas pela possibilidade de acompanhar os jogos da Seleção Brasileira numa Copa. Depois de cerca de 10 anos de “calmaria” (talvez causada por uma espécie de saturação), esse mercado volta a se aquecer e, motivado pela Copa de 2006, constatou-se um expressivo aumento nas vendas (a previsão era de quase 11 milhões de unidades para esse ano), especialmente dos aparelhos maiores, de tela plana (de cristal líquido ou de plasma), cujo preço, ainda elevado, aos poucos começa a baixar.<sup>115</sup>

A televisão, aliás, teve um importante e decisivo papel no surgimento do chamado “marketing esportivo” (embora ele já existisse nos velhos tempos do rádio). Com o início das transmissões ao vivo nos anos 60, e sua intensificação a partir dos anos 70, diversos produtos sem relação com o esporte passaram a associar suas marcas a eventos futebolísticos. De início, mais timidamente, através das placas dispostas nos estádios, em torno do campo (a chamada publicidade estática) e nas propagandas veiculadas nos intervalos dos jogos. Depois, de modo mais agressivo, chegando aos uniformes dos times, o que foi regulamentado, no Brasil, no início dos anos 80.

Hoje, as principais verbas que sustentam os grandes clubes são, justamente, as provenientes dos contratos com as emissoras de TV e com os anunciantes em suas camisetas — bem maiores do que as auferidas com as vendas de ingressos e com a comercialização de passes de atletas.

Os atletas mais famosos, por sua vez, geralmente possuem, também, patrocínios pessoais, que lhes proporcionam rendimentos às vezes maiores do que os salários que recebem de seus clubes. Um caso emblemático de jogador que teve sua imagem associada a um produto é o de Leônidas da Silva, desde 1938 lembrado no chocolate *Diamante Negro*, embora isso não lhe tivesse rendido muito dinheiro. Pelé foi — e ainda é — garoto-propaganda de dezenas de produtos (vitamina, pomada analgésica, pilha, televisor, refrigerante, imóvel, cartão de crédito, celular, assistência médica, academia de ginástica, lista telefônica, bicicleta, motocicleta, automóvel, palha de aço, fortificante, máquina de lavar roupa, material esportivo, aparelho de ginástica, loteria, banco, cafeteria — só se nega a anunciar bebida alcoólica e cigarro), mas seu nome é mais lembrado como uma tradicional marca de café. Em termos financeiros, porém, ambos ficaram muito distantes de Ronaldinho Gaúcho, que, apenas em 2005, deve ter faturado cerca de 20 milhões de dólares com contratos de publicidade.

Uma outra forma de investimento, muito comum nos Estados Unidos mas ainda pouco difundida no nosso país, é a que confere o nome de uma empresa a um estádio, por um período pré-determinado. A moderna Arena da Baixada, do Atlético-PR, foi a primeira praça de esportes brasileira a ter seu nome alterado — por três anos, foi chamada de *Kyocera Arena*, graças a um contrato firmado com uma empresa multinacional de eletrônicos, de origem japonesa — no Brasil, até então, esse tipo de negócio tinha sido feito apenas com teatros e casas de espetáculos.<sup>116</sup>

<sup>113</sup> RODRIGUES, 6/9/2005, p.C6

<sup>114</sup> FÁBRICA, 15/3/2006, p.C7

<sup>115</sup> REHDER, 6/2/2006, p.B3

<sup>116</sup> ROMANELLI, 17/3/2005, p.E4

A lista de empresas que investem no Futebol, sem que seus produtos tenham com ele relação direta, é bastante extensa e variada. Predominam as grandes multinacionais, especialmente quando se trata dos grandes times, embora o Flamengo, clube mais popular do Brasil, mantenha com uma estatal nacional (a Petrobrás) uma das mais duradouras parcerias comerciais do Futebol brasileiro.

Há outras empresas que, através de campanhas publicitárias, buscam relacionar seus artigos à paixão do brasileiro pelo Futebol, sem que invistam diretamente no esporte. Essa estratégia fica, também, mais evidente nos períodos que antecedem as disputas de Copas do Mundo. A estimativa para o montante dos investimentos em publicidade para a Copa da Alemanha, em 2006, no Brasil, era de 1 bilhão de dólares — só o banco *Santander Banespa*, em sua campanha com Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Cafu, Roberto Carlos e Robinho, deve ter gastado 100 milhões de dólares.<sup>117</sup> O caso mais emblemático, no entanto, é o dos fabricantes de cerveja, que intensificam, nestas ocasiões, a promoção de seu produto, de inegável ligação com os torcedores de Futebol, embora dificilmente clubes e atletas aceitem associar sua imagem a ele.

Finalmente, cumpre destacar que a crescente importância do marketing esportivo fez com que fosse criado o *Marketing Champion — Curso avançado em Administração e Marketing do Esporte*, com duração de 3 semestres, destinado a profissionais com atuação nos diferentes campos da gestão e do marketing esportivo, numa parceria entre a Escola Superior de Propaganda e Marketing e o São Paulo Futebol Clube. Curso semelhante já é ministrado pela Fundação Getúlio Vargas desde 1997.<sup>118</sup>

## 4.11 a Política

### 4.11.1 Até 1930

Quando o Futebol nasceu no Brasil, a classe dirigente quase não lhe deu atenção. Sua preocupação maior era firmar a República recém instituída, aplacando o descontentamento dos monarquistas. Aqueles jovens estrangeiros e seus amigos da elite que praticavam aquele jogo estranho não eram levados muito a sério pelos políticos da chamada “República Velha”.

Mas o novo esporte “pegou”, tornou-se popular em pouco tempo, conquistou milhares de aficionados... e já não podia ser ignorado por aqueles que dependiam dos votos da população para garantirem seus cargos.

Um estádio de Futebol lotado era um excelente palco para exercitarem sua popularidade. Foi esse pensamento, provavelmente, que, numa tarde de 1927, levou o presidente Washington Luís ao estádio de São Januário, então o maior da América do Sul, onde jogariam as seleções carioca e paulista. O aplauso que lhe dirigiram os 50 mil torcedores levou-o a pensar que ele tinha, ali, total autoridade. Tanto que, quando os jogadores paulistas decidiram abandonar o campo, em protesto contra um pênalti marcado pelo árbitro a favor dos cariocas, o presidente mandou seu oficial de gabinete ao campo, ordenar que o jogo fosse reiniciado. Só que o capitão paulista, Feitiço, respondeu-lhe que “*o doutor Washington pode mandar lá em cima, na tribuna de honra, mas aqui embaixo, no campo, mando eu*”.<sup>119</sup> O jogo acabou ali, o presidente retirou-se ofendidíssimo e, no ano seguinte, negou subvenção à confederação brasileira — como consequência, o Brasil ficou de fora do torneio olímpico de Futebol, disputado em Amsterdã. Dois anos depois, pressionado por problemas políticos que resultariam na sua deposição, Washington Luís também recusou auxílio à Seleção Brasileira (que, por pouco, não desistiu da disputa da primeira Copa, no Uruguai), alegando que “*o assunto não é de interesse do governo*”.<sup>120</sup>

### 4.11.2 De 1930 a 1970

Postura bem diferente teve seu sucessor, Getúlio Vargas, que tinha, em seu programa de governo, um item que regulamentava a profissão de atleta de Futebol. O conflito de interesses entre defensores do profissionalismo e do amadorismo quase impediu a participação do Brasil na Copa do Mundo de 1934, na Itália. Mas Getúlio, então simpatizante do “Duce”, Benito Mussolini, empenhou-se pessoalmente para que nosso time fosse enviado à Europa. Seu empenho foi ainda maior para a Copa do Mundo da França, em 1938: sua própria filha, Alzira Vargas, foi nomeada madrinha da Seleção.<sup>121</sup>

<sup>117</sup> FRANCO, 31/1/2006, p.E4

<sup>118</sup> BRITO, 13/3/2005, p.B8

<sup>119</sup> RODRIGUES FILHO, 2003, p.159

<sup>120</sup> GEHRINGER, 2006, fascículo 1, p.20

<sup>121</sup> GEHRINGER, 2006, fascículo 3, p.20

Ao populismo de Getúlio, o Futebol prestava excelentes serviços, especialmente durante os duros anos da guerra; como retribuição, o presidente doou ao popular Flamengo um terreno às margens da lagoa Rodrigo de Freitas, onde o clube ergueu sua sede. Em 1940, não perdeu a oportunidade de vir a São Paulo para, ao lado do governador Adhemar de Barros, outro autêntico adepto do populismo, inaugurar o estádio do Pacaembu, com direito a discursos de ambos.

Em 1950, coube ao Brasil sediar o Mundial, graças à promessa da construção do gigantesco estádio do Maracanã, cumprida pela aprovação das verbas necessárias pela Câmara de Vereadores da cidade do Rio de Janeiro, e pelo empenho do então prefeito da cidade, o general Ângelo Mendes de Moraes (embora a ação mais decisiva tenha sido a campanha empreendida pela imprensa por Mario Filho). Na abertura do campeonato, lá estava o presidente Eurico Dutra para inaugurar o estádio. Mas, após o apito final na decisão que selou a vitória uruguaia, os políticos que na véspera haviam posado para fotos ao lado dos “campeões do mundo” simplesmente desapareceram.

Getúlio Vargas voltou ao poder, desta vez pelo voto popular, e manteve sua política populista, mas suicidou-se antes de completar seu mandato. Na eleição seguinte, o escolhido foi Juscelino Kubitschek, e coube a ele, o “presidente bossa-nova”, a sorte de poder recepcionar, no Palácio do Catete, com toda a pompa e circunstância, pela primeira vez, um time de brasileiros campeões do mundo... e auferir os lucros políticos que essa cerimônia lhe proporcionou.<sup>122</sup>

A precipitada renúncia de Jânio Quadros impediu-o de repetir o que fizera seu predecessor, deixando a honra da recepção aos bicampeões do mundo para seu vice, João Goulart, que, já sob as atentas vistas dos militares de plantão, tomou champagne dentro da taça Jules Rimet. Max Gehringer afirma que “*o Brasil vivia uma severa crise política e Jango estava por um fio, mas a euforia pela conquista do bi certamente contribuiu para que seu governo se prolongasse por mais 21 meses*”.<sup>123</sup>

#### 4.11.3 De 1970 a 2002

O regime militar foi considerado o grande beneficiário da conquista do tricampeonato mundial, no México, acusado de usar a paixão pelo Futebol para criar um laço artificial entre o regime e o povo. Ficou marcada a imagem do general Emílio Médici nas tribunas de honra do Maracanã acompanhando os jogos da Seleção Brasileira com seu ouvido colado a um radinho de pilhas, enquanto opositores do regime eram torturados nos porões da ditadura. A Médici foi, também, atribuída a demissão do técnico das eliminatórias, João Saldanha, que teria se recusado a convocar o centroavante Dario, ídolo do presidente (o técnico teria alegado que “*quando o presidente Médici formou o gabinete dele não me consultou; de modo que, para formar meu time, não preciso perguntar a ele*”<sup>124</sup>). O substituto de João Saldanha, Zagallo, acabou convocando Dario, embora até hoje negue ter sofrido qualquer pressão nesse sentido. Uma coisa é certa: como a maioria de seus compatriotas, Médici era apaixonado por Futebol (torcedor do Grêmio) e, como tal, tinha todo o direito de, em seus horários de folga, ir torcer pela Seleção Brasileira nos jogos do Maracanã.

Além disso, há o esclarecedor depoimento do respeitável jornalista Luiz Mendes:

*“As pressões pela convocação de Dario, um jogador que Médici admirava mas não era chamado por João Saldanha, ocorreram quase um ano antes de ele ser demitido. Naquela época, a ditadura não levava tanto tempo para tomar uma atitude. Eu também fui contra a ditadura, mas a verdade histórica tem que ser respeitada: Médici gostava tanto de João Saldanha que até o chamava de D’Artagnan.”*<sup>125</sup>

Uma leitura dos jornais da época deixa evidente que a saída de João Saldanha deveu-se, principalmente, aos maus resultados da Seleção Brasileira nos amistosos preparatórios para a disputa da Copa do México e às insinuações de que Pelé, por ser míope, seria afastado do time titular. De todo o modo, até hoje se comenta sobre a teimosia de Saldanha em não atender o desejo do general presidente.

Outro episódio famoso ligado à Seleção de 1970 foi o dos “fuscas” doados aos jogadores pelo então prefeito de São Paulo, Paulo Maluf — acusado de ter feito doação irregular, com verbas públicas, Maluf acabou sendo considerado inocente, num caso que se arrastou por mais de 35 anos. Nessa mesma época, o São Paulo foi bicampeão paulista, depois de uma espera de 13 anos, tendo, em seu banco de reservas, em vários

<sup>122</sup> GEHRINGER, 2006, fascículo 6, p.46

<sup>123</sup> GEHRINGER, 2006, fascículo 7, p.46

<sup>124</sup> MAURÍCIO, 2001, p.22

<sup>125</sup> MAURÍCIO, 2001, p.23

jogos no estádio do Morumbi, um torcedor ilustre: o então governador nomeado pelo regime militar, Laudo Natel.

Logo após o “tri”, criou-se o Campeonato Nacional, que chegou a ter perto de 100 clubes, sob a alegação de que isso contribuía para a integração do país. Surgiu, então, a frase: “*onde a Arena vai mal, mais um time no Nacional; onde a Arena vai bem, mais um time também*”, uma alusão direta à troca de favores entre os políticos do partido situacionista e os “cartolas” do Futebol.<sup>126</sup>

No início dos anos 80, com os militares ainda no poder, um grupo de jogadores liderados por Sócrates, Wladimir e Casagrande, e apoiados pelo diretor Adilson Monteiro Alves, implantou a chamada “Democracia Corinthiana”, uma espécie de movimento que se baseava em maior liberdade e responsabilidade dos atletas, inclusive com direito à participação política e decisória em seu clube, o Corinthians. Os líderes da “Democracia Corinthiana” também tiveram intensa participação no movimento das “Diretas Já”, cujos comícios costumavam ser conduzidos pelo então locutor Osmar Santos. O fracasso das “Diretas Já” acabou causando uma grande decepção em Sócrates, que, desiludido, decidiu ir atuar na Itália.

O ciclo dos presidentes militares se encerrou com a eleição indireta de Tancredo Neves, a quem foi atribuída uma frase bem típica da política mineira: “*sou torcedor do América-MG, mas tenho simpatia pelo Cruzeiro e pelo Atlético-MG, assim como por todos os clubes do interior de Minas Gerais*”.<sup>127</sup>

Tancredo foi eleito, mas quem tomou posse foi José Sarney, sucedido pelo primeiro presidente eleito pelo voto popular depois de Jânio Quadros: Fernando Collor, que, antes, havia presidido o CSA, de Maceió-AL.

A corrupção impediu que Collor concluísse seu mandato e recepcionasse os tetracampeões mundiais, em 1994. Mais uma vez, quem apareceu nas fotos ao lado da taça e da delegação campeã, a exemplo de João Goulart, foi um vice, Itamar Franco.

A derrota do Brasil para a França, na final da Copa do Mundo de 1998, acabou não impedindo a reeleição do então presidente Fernando Henrique, assim como a vitória sobre a Alemanha e a conquista do pentacampeonato, em 2002, não lhe permitiram fazer do candidato de seu partido (José Serra) o seu sucessor. Nos dois casos, contrariou-se a opinião de muitos, que acreditam haver uma relação direta entre os desempenhos da Seleção Brasileira na Copa e do partido situacionista nas eleições.

#### 4.11.4 Dias atuais

Mesmo antes de ter vivenciado um período de Copa do Mundo em seu mandato, o presidente Luís Inácio Lula da Silva já era, destacadamente, o que mantinha as mais intensas relações com o Futebol. Os episódios relatados a seguir são apenas uma amostra dessas relações. Lula nunca escondeu sua paixão pelo esporte, um de seus lazeres favoritos, e pelo Corinthians, time que acompanha regularmente. O Futebol também marcou o governo Lula por ocasião do chamado “Jogo da Paz”, no Haiti, numa estratégia para conquistar uma dupla simpatia: a da população local, para facilitar a missão de estabilização social das tropas brasileiras; e a da ONU, para facilitar a aceitação do Brasil no seu Conselho de Segurança.

Tabela 57 - Política: Presidente Lula e o Futebol

data	declaração / ação	situação
12/03/2005	Lula disputou uma “pelada” na Granja do Torto ao lado de ministros, políticos, e de seu antigo ídolo, Sócrates, sobre quem gravou depoimento de 15 minutos.	Lula enfrentava fortes pressões para definir uma reforma ministerial.
11/05/2005	“ <i>Se há uma coisa nervosa na relação entre o Brasil e a Argentina, é o meu Corinthians</i> ” (referência à demissão do técnico argentino, Daniel Passarella).	O presidente argentino Néstor Kirchner havia cancelado, na véspera, encontro bilateral com Lula, e abandonado a Cúpula da América do Sul e Países Árabes antes de seu encerramento.
13/06/2005	“ <i>Estou mais do que tranqüilo. E ainda o Corinthians ganhou do Flamengo por 4x2.</i> ”	Mulheres de militares faziam manifestação de protesto em frente ao Palácio do Planalto.
21/08/2005	“ <i>Palocci marcou um gol.</i> ”	Comemoração da bem sucedida entrevista coletiva de Antônio Palocci, a fim de se defender de denúncias de corrupção.
19/09/2005	“ <i>Sem perguntas. Hoje só falo do Corinthians.</i> ”	Lula se esquivava de perguntas sobre se votaria na eleição que escolheria os novos dirigentes do PT, em substituição aos dirigentes afastados, acusados de corrupção.
24/11/2005	“ <i>Mexer no Palocci é a mesma coisa que pedir para o Barcelona tirar o Ronaldinho Gaúcho do jogo.</i> ”	Em entrevista coletiva, Lula defendia a permanência de seu ministro da Fazenda, alvo de novas denúncias de corrupção.

<sup>126</sup> ORICCHIO, 12/12/2004, p.D6

<sup>127</sup> MAURÍCIO, 2001, p.70

data	declaração / ação	situação
06/12/2005	(a Carlitos Tévez) <i>“Se o Corinthians ganhar a Libertadores, eu quero que você dê uma camisa para o presidente Kirchner. Você será o embaixador do Brasil.”</i>	Lula recepcionava os jogadores do Corinthians, campeões brasileiros de 2005, e posava a seu lado para fotos, com a taça conquistada em suas mãos.
20/12/2005	Lula fotografado fazendo “embaixadinhas” com uma bola.	Lula declarava seu apoio a José Sarney, que, segundo o presidente, vinha desenvolvendo um trabalho inestimável.
13/01/2006	<i>“A escolha do Carlitos Tévez como melhor jogador do Campeonato Brasileiro mostra que até no esporte nossos países se ajudam e se complementam.”</i>	Lula oferecia uma camisa corintiana de Tévez ao presidente argentino Néstor Kirchner, em almoço marcado para reaproximar os dois presidentes, cujas relações estavam estremecidas.
27/01/2006	<i>“É o melhor museu de Futebol do país.”</i>	Lula visitava o Memorial de Futebol do Corinthians, em São Paulo, durante sua inauguração, ao lado do prefeito José Serra e do governador Geraldo Alckmin.
08/03/2006	<i>“Charles Miller fez uma avaliação incorreta. Se tivesse assistido ao jogo de Barcelona e Chelsea e visto o gol do Ronaldinho, certamente não teria levado mais a bola ao Brasil.”</i>	Lula discursava no Parlamento britânico e se enganou ao sugerir que Charles Miller fosse inglês (na verdade, ele era paulistano do Brás).
10/03/2006	<i>“Muitos falavam para eu desistir. As pessoas diziam que o Ronaldinho, quando machucou a perna jogando pela Inter de Milão, tinha acabado para o futebol. Diziam: ‘Pára, Ronaldo, pára.’ Ronaldo se sacrificou, voltou e foi artilheiro da Copa de 2002. Minha vida é de disputa, a gente perde e a gente ganha.”</i>	Lula se comparava a Ronaldo para justificar a manutenção de sua candidatura à reeleição, apesar das fortes críticas que vinha sofrendo.
12/01/2009	<i>“Tem gente que não gosta do meu otimismo, mas eu sou corintiano, católico, brasileiro.”</i>	Lula demonstrava que ainda confiava que a crise mundial da Economia, no Brasil, não passaria mesmo de uma simples “marola”.

Note-se que o Futebol mantém relações com políticos de todas as esferas (e não apenas com a Presidência da República). No Congresso Nacional, há um grupo conhecido como a “bancada da bola”, formado por deputados e senadores cuja vida política foi iniciada em clubes de Futebol, e que, invariavelmente, defende os interesses particulares de seus clubes. Por todo o país, centenas de prefeitos, vereadores e deputados estaduais são, também, ligados a clubes de Futebol. O próprio ex-prefeito da cidade de São Paulo e atual governador do estado é um fanático torcedor do Palmeiras (José Serra), com direito a fazer declarações do tipo “cornetadas”, enquanto o governador do estado (Geraldo Alckmin) era um discreto torcedor do Santos.

Finalmente, é apresentada uma lista de jogadores que, ao encerrarem a carreira no Futebol, tiveram uma incursão na política, disputando cargos eletivos ou assumindo postos na administração pública. Neste último caso, destacam-se Pelé e Zico, ambos ex-ministros de Esportes.

Tabela 58 - Política: egresso do Futebol

jogador	clube
Ademir da Guia	Palmeiras
Aladim	Coritiba
Badeco	Portuguesa de Desportos
Biro-Biro	Corinthians
Cassiá	Grêmio
Deley	Fluminense
Geovani	Vasco da Gama
João Leite	Atlético-MG
Jurandir	São Paulo
Mário Américo (massagista)	Portuguesa de Desportos
Nelsinho	São Paulo
Pelé	Santos
Pitta	Corinthians
Reinaldo	Atlético-MG
Roberto Dinamite	Vasco da Gama
RobyGol	Paysandu
Roger	Botafogo
Sócrates	Corinthians
Túlio Maravilha	Vila Nova-GO
Wilson Piazza	Cruzeiro
Wladimir	Corinthians
Zé Maria	Corinthians
Zico	Flamengo

#### 4.12 Miscelânea

Como “reserva” deste time de Futebol e Cultura, aparecem aqui algumas manifestações culturais peculiares que, mesmo sem a mesma representatividade das “titulares”, merecem ser citadas, pois reforçam a questão da identidade do país com o esporte.

#### 4.12.1 Outras modalidades esportivas

Derivadas do Futebol, têm surgido outras modalidades esportivas que, aos poucos, vão se tornando cada vez mais populares e se firmando no cenário mundial. O Futebol feminino (basicamente, o mesmo esporte, já que suas regras são idênticas) tem tido todo o incentivo da FIFA para se popularizar, embora, no Brasil, ele ainda não tenha o apoio e o prestígio que tem em outros países, mesmo com as medalhas de prata conseguidas na Olimpíadas de Atenas, em 2004, e de Pequim, em 2008. Três outras modalidades, porém, merecem ser aqui citadas, por terem sido criadas no Brasil, que se mantém hegemônico no mundo (apesar de algumas esporádicas derrotas para outros países).

Das três, a modalidade mais difundida no Brasil e no mundo é o Futebol de salão, hoje mais conhecido como Futsal. Criado como uma alternativa para o Futebol a partir do momento em que os espaços para os campos começaram a escassear, o Futsal se popularizou de tal forma que, hoje, acredita-se ser o esporte com o maior número de praticantes no país. Sempre buscando aumentar a dinâmica do jogo e a atratividade das transmissões televisivas, têm sido feitas diversas alterações, não apenas nas regras mas também na própria bola. A grande expectativa da FIFA é a de que, em breve, o esporte seja incluído nos Jogos Olímpicos, tantos são os países onde ele se pratica.

Pretensão semelhante devem ter os praticantes do Futebol de praia, que vem sendo chamado de “beach soccer” como estratégia de marketing. Um dos principais responsáveis pela sua popularização foi Júnior, ex-jogador do Flamengo e da Seleção Brasileira, que se dedicou a essa modalidade após encerrar sua carreira de atleta profissional. Por enquanto, têm sido realizados diversos torneios em arenas montadas em praias, com grande afluência de público, no Brasil e no exterior, e com resultados bem satisfatórios.

A habilidade que os brasileiros demonstram na prática do “beach soccer”, jogadores de outras nacionalidades ainda conseguem ao menos imitar. Mas, para jogar Futevôlei, só mesmo sendo brasileiro. O jogo é também disputado na praia, numa quadra de voleibol, por duas duplas, com basicamente as mesmas regras do voleibol... a menos do uso das mãos, que é proibido. Valem apenas toques com a cabeça, ombros, peito, coxas, joelhos ou pés. A modalidade surgiu em praias do Rio de Janeiro, criada pelos futebolistas que se viam impedidos de praticar o Futebol, pela absoluta falta de espaço nas areias tomadas pelos banhistas. Romário é um dos poucos ex-profissionais do Futebol que conseguem ter um bom desempenho numa quadra de Futevôlei, tamanha a dificuldade em praticá-lo.

#### 4.12.2 Jogos e brinquedos

É interessante a grande variedade de jogos e brinquedos inspirados no Futebol. Um desses jogos, dos mais tradicionais para meninos, é o chamado Futebol de botão, ou Futebol de mesa. É difícil precisar quando teria surgido, mas é certo que tenha mais de 50 anos, pois há uma citação a ele (“*jogo de botões sobre a calçada*”) na nostálgica canção *Meus tempos de criança*, de Ataulfo Alves, composta em 1956. Geraldo Décourt, considerado o criador do jogo, que publicou o primeiro livro de regras em 1930, alega que já o praticava em 1922, no colégio Aldridge, em Niterói-RJ. O certo é que a brincadeira surgiu da vontade de reproduzir em pequena escala a movimentação tática envolvida numa partida. De início, eram mesmo botões de roupa (especialmente os maiores, de paletós ou casacos) que faziam o papel de jogadores, pouco a pouco substituídos pelos celulóides protetores de relógio de bolso ou de pulso. Como goleiros, utilizavam-se caixas de fósforos. A partir da década de 60, os botões passaram a ser industrializados, feitos de plástico e ostentando pequenas fotos dos principais craques da época. Hoje, há fabricantes de mesas especiais (os “estádios”), traves com redes de filó, bolas de feltro e jogadores com diferentes pinturas (os “uniformes”), que podem, inclusive, ser feitos sob encomenda. Disputam-se campeonatos em diversos estados brasileiros, embora a não uniformização das regras seja um obstáculo para sua popularização. A maior ameaça ao Futebol de botão, porém, são os brinquedos e jogos mais modernos, que fazem o jornalista José Trajano afirmar: “*eu compreendo as preocupações das pessoas com a extinção da ararinha-azul e do mico-leão dourado. Mas o que me preocupa é a morte do Futebol de botão*”.<sup>128</sup>

Um outro jogo bastante difundido no Brasil, que também existe em diversos países, é o chamado *pebolim* (também conhecido como *totó*, *bolim* ou *fla-flu*, dependendo da região do país). Nele, cada time é constituído por pequenos bonecos, presos a quatro hastes metálicas que passam por orifícios das paredes laterais de uma mesa que reproduz o campo, e cujas extremidades permitem o controle do movimento dos bonecos, que

<sup>128</sup> BELLOS, 2003, p.148

impulsionam uma bola do tamanho da de pingue-pongue. Muito comum em bares simples de periferia (onde as mesas podem ser alugadas mediante a compra de uma ficha que libera as bolas, a exemplo das infalíveis mesas de sinuca), a brincadeira tem, também, boa aceitação entre garotos de classe média, que normalmente a encontram em salões de jogos de hotéis ou em bufês de festas infanto-juvenis. Recentemente, veio da Grã-Bretanha a notícia de que se produzem por lá mesas altamente sofisticadas, nas quais os bonecos são modelados a partir de jogadores reais, e que podem custar exorbitantes 45 mil dólares.<sup>129</sup>

Bem menos sofisticado e pretensioso é o popular *dedobol* (ou *pinobol*, ou ainda *pregobol*), no qual se procura impulsionar, com o dedo, uma moeda (ou uma bola de gude) por uma pequena mesa (o “campo”) em direção ao gol adversário, tendo-se, porém, que evitar os pinos (ou pregos) que fazem o papel dos jogadores (e que, ao contrário do *pebolim*, são estáticos). Embora existam versões industrializadas, o brinquedo pode ser facilmente construído de modo artesanal, a baixíssimo custo.

O Futebol aparece, também, numa grande variedade de jogos de tabuleiro, desde aqueles mais simples, do tipo “corrida de obstáculos” com dados, até outros mais elaborados, que se aproximam mais da realidade do esporte. O mais emblemático de todos, sem dúvida, criado pelo compositor Chico Buarque de Holanda durante seu exílio na Itália, em 1969, é o *Ludopédio*, lançado no Brasil nos anos 70, e rebatizado como *Escrete* na década seguinte. O jogo se desenrola em duas fases: na primeira, uma espécie de “banco imobiliário”, cada competidor faz o papel de um cartola buscando montar seu time através de negócios feitos num mercado de jogadores imaginários (a cada um corresponde uma carta com uma pequena e bem humorada biografia, sua posição, seu preço e sua qualidade, cotada em número de estrelas, de 1 a 5); na segunda fase, com os times formados, disputam-se partidas em que um número maior de estrelas pode ajudar uma equipe a vencer seus jogos, mas não impede a ocorrência das “zebras”. O jogo, que permite criativas variações inspiradas no cotidiano futebolístico, algumas delas sugeridas pelo próprio autor, mantém um grupo fiel de adeptos, que, às vezes, passa noites em claro disputando animados campeonatos.

Em termos de imitação da realidade de uma partida de Futebol, porém, nada supera os modernos “games” de computador, como o *Fifa 06* e o *Winning Eleven*, desenvolvidos por empresas estrangeiras do setor de informática, e que contam com milhares de adeptos no país, que, inclusive, têm conquistado vitórias de expressão em torneios internacionais (em 2004, o brasileiro Thiago Carriço recebeu o título de “*melhor jogador de Futebol virtual do mundo*”<sup>130</sup>). De fato, esses jogos impressionam pelo seu realismo: tem-se a quase certeza de se estar assistindo a uma partida de verdade. Outros títulos existentes são: *FifaStreet2*, *Sensible Soccer*, *International Superstar Soccer*, *2006 Copa do Mundo FIFA*, *Real Football 2006* e *Cafu Football* (estes dois últimos, para telefones celulares). Com menos realismo (classificados como “casuais”), existem o *Pênalti*, o *Ataque Total* e o *Pino Gol*. Também com a utilização de computadores, pode-se jogar os chamados “fantasy games”, jogos “on line” muito populares nos Estados Unidos, em que os participantes, levando em consideração os resultados reais do esporte, podem montar seus times e disputar, com eles, campeonatos virtuais. No Brasil, está disponível na internet o “game” *Cartola FC*. Outros jogos do mesmo gênero também disponíveis são o *Hattrick*, o *Game Gol*, o *Manager Zone*, o *FIFA Manager 06*, o *Championship Manager*, o *Football Manager* e o *Gama Fantasy World Cup*.

### 4.12.3 Colecionáveis

Embora não tenha a mesma compulsão do norte-americano, o brasileiro, aos poucos, vai adquirindo o hábito de colecionar objetos ligados a um determinado tema. O Futebol tem sido um desses temas preferidos.

Coleções de camisas de clubes são muito valorizadas, mas pouco comuns, pelo alto custo das peças. Um pouco mais acessíveis, mas nem por isso baratas, são as coleções de miniaturas de jogadores, e mesmo de bonecos e de mascotes de clubes. Bem mais populares são as coleções de figurinhas que, no passado, vinham nas embalagens de balas, e exerciam o importante papel de fazer com que os torcedores conhecessem os rostos de seus ídolos, antes do advento da televisão, além de contribuírem para a socialização dos garotos, que se envolviam em negociatas para trocas das repetidas e em disputados jogos de “bafo”. Já as flâmulas, que tiveram seu ponto alto nos anos 60 e 70, estão, agora, desaparecendo, enquanto os escudos dos times, tanto brasileiros como do exterior, ainda são colecionados por alguns fanáticos, caso de Luiz Fernando Bindi, de São Paulo, que, em abril de 2006, afirmava possuir mais de 50 mil distintivos de times diferentes (de um universo,

<sup>129</sup> BARRETO, 10/2005, p.19

<sup>130</sup> SILVA, 4/4/2005, p.L14

segundo ele, de 800 mil, entre amadores e profissionais), tendo já recusado uma proposta de 11 mil dólares por sua coleção.<sup>131</sup>

Uma outra coleção que permite um elevado número de unidades é a de postais com fotos de estádios de Futebol. A *Socope, Sociedade de Colecionadores de Postais de Estádios*, publica um catálogo que lista 2.500 postais diferentes só com estádios brasileiros (cerca de 100 retratam o Maracanã).<sup>132</sup> Na mesma linha, há filatelistas especializados em selos que retratam cenas do esporte ou que homenageiam suas principais celebridades (como Pelé, retratado em selos de diversas nações do mundo — o autor deste trabalho possui dois selos, um da Guiana e outro do Brasil, em homenagem ao jogador).

#### 4.12.4 Moda

A predominância do vigor masculino nos gramados e da graciosidade feminina nas passarelas não é impedimento para uma aproximação entre o Futebol e a moda.

Isso ficou provado no desfile realizado no estádio do Pacaembu, em meados de 2005, por ocasião da *São Paulo Fashion Week*, em que modelos (rapazes e moças) apresentaram uma coleção da etiqueta *V.Rom*, produzida pelos estilistas Rogério Hideki e Vitor Santos, totalmente inspirada no Futebol. Segundo seus criadores, as roupas apresentadas tinham forte “*influência dos times, uniformes, torcedores e estádios dos anos 20 e 40, e o design do Pacaembu representa bem essa idéia retrô*”.<sup>133</sup>

Na *São Paulo Fashion Week* seguinte, em janeiro de 2006, desta vez no seu tradicional palco, o prédio da Bienal, no Parque do Ibirapuera, o desfile da etiqueta *Rosa Chá* contou com a animação de ritmistas das torcidas do São Paulo e do Flamengo, todos de verde e amarelo, e da “top model” Isabeli Fontana, torcedora são-paulina assumida. O estilista Amir Slama apresentou uma coleção de moda feminina para praia, inspirada no clima de Copa do Mundo, com “*modelos estampados inspirados na bandeira brasileira em ouro velho, branco e marinho e as palavras ‘ordem e progresso’*”.<sup>134</sup>

Nem só em etiquetas famosas se vê o Futebol influenciando a moda. Em época de Copa do Mundo, as vitrines de quase todas as lojas de roupas, sejam elas dos “shopping centers” ou das ruas comerciais do centro das grandes cidades, apresentam seus produtos com total predominância do amarelo, com detalhes em verde, azul e branco, lembrando as cores da “seleção canarinho”.

Só que a Seleção não nasceu canarinho... Até 1950, com exceção de um ou outro jogo, a Seleção Brasileira jogava de branco, com detalhes em azul. A derrota para o Uruguai, na trágica final do Maracanã, fez com que essa cor fosse considerada de má sorte, e um concurso foi promovido para a escolha de um novo uniforme. Uma condição foi imposta: ele teria que ter as quatro cores da bandeira nacional, um desafio a mais (a maioria dos uniformes de Futebol utiliza duas ou, no máximo, três cores).

Aldyr Garcia Schlee, então um jovem gaúcho, jornalista e desenhista, fez mais de 100 desenhos, dos quais guarda alguns esboços. O desenho selecionado, por ele enviado à sede da então Confederação Brasileira de Desportos, acabou sendo o escolhido, dentre três centenas de concorrentes. E, assim, estrearia internacionalmente na Copa do Mundo de 1954, na Suíça, aquele que, para o jornalista britânico Alex Bellos, é “*o mais reconhecível uniforme esportivo do mundo*”,<sup>135</sup> isto é, a camisa amarela da Seleção Brasileira de Futebol, uma cor que “*é tão evocativa, visualmente inconfundível e simbólica que é quase como se os jogadores fossem personificações de estatuetas de ouro [...] o uniforme da Seleção, de fato, é um símbolo mais preponderante que a bandeira nacional*”.<sup>136</sup>

Desde então, foram feitas pequenas alterações nesse uniforme, como o desenho das golas, detalhes nas mangas e a posição dos números e do escudo. O tecido evoluiu para que, retendo menos o suor, desse mais conforto aos atletas. Outras mudanças foram forçadas pela troca do fabricante e por interesses comerciais. No início de 2006, foi lançado um modelo em que a gola tem estilo “mandarim”, as mangas apresentam ondulações verdes semelhantes ao desenho do calçadão da av. Atlântica, na praia de Copacabana, e o escudo — encimado por 5 estrelas, representando os 5 títulos mundiais — é em alto relevo. Seu desenhista, o

<sup>131</sup> PERASSOLLI, 07/2005, p.19

<sup>132</sup> COLISEUS, 02/05, p.15

<sup>133</sup> PACCE, 3/7/2005, p.C4

<sup>134</sup> PACCE, 19/1/2006, p.C5

<sup>135</sup> BELLOS, 2003, p.65

<sup>136</sup> BELLOS, 2003, p.65-66

britânico Peter Hudson, acrescentou a inscrição “*nascido para jogar Futebol*” na parte frontal baixa da camisa, e justifica que ela ostenta “*aspectos culturais do país*”.<sup>137</sup>

Apesar de toda a evolução tecnológica empregada na produção das camisetas utilizadas pelos atletas, alguns torcedores, talvez nostálgicos e saudosos dos bons tempos, têm dado preferência a réplicas de uniformes antigos. É a chamada “moda retrô”, que tem ganhado cada vez mais adeptos e dado um bom lucro a empresários antenados às tendências da moda.

A roupa que pode mostrar as preferências futebolísticas de quem a veste pode também escondê-las. Existem aqueles — homens e mulheres — que usam roupas íntimas com as cores do seu time. E existem aqueles que têm o escudo ou o mascote de seu time tatuado em sua própria pele!

#### 4.12.5 Culinária

Por ocasião da Copa do Mundo, diversos bares e restaurantes instalam aparelhos de TV e decoram seus salões com motivos futebolísticos, procurando atrair clientes para acompanharem os jogos durante suas refeições. Alguns estabelecimentos vão além, introduzindo, em seus cardápios, pratos que apresentam um aspecto verde-amarelo. Foi o caso, por exemplo, do restaurante paulistano *Osório*, que, durante a Copa de 2006, ofereceu acompanhamentos verde-amarelos, como, por exemplo, farinha de milho com couve e arroz de açafrão com ervas. Na mesma ocasião, o também paulistano *Giverny Bistrô* ofereceu o *Quiche da Copa*, prato composto por berinjela e abobrinha grelhadas com salada e milho, todo verde e amarelo.<sup>138</sup>

#### 4.12.6 Arquitetura

Não foram os projetos de estádios (em sua maior parte, construídos nos anos 60 e 70) que justificaram a inclusão da arquitetura neste trabalho, mas sim a demonstração de paixão pelo seu time, o São Paulo, que levou o arquiteto Ivo Sérgio Coelho a construir sua casa, de 180m<sup>2</sup>, na cidade de Dracena-SP, com o exato formato do distintivo do clube. Do chão, não se percebe de imediato, mas quem passa de avião sobre a casa não pode deixar de ver o símbolo do São Paulo. Amigos o criticaram, alegando que será difícil vender o imóvel para um corintiano ou palmeirense, mas o arquiteto alega que pretende morar dentro do escudo do seu time todos os dias de sua vida.<sup>139</sup>

E poderá “habitar” esse escudo mesmo além dela, se ele contratar os serviços de um dos agentes funerários brasileiros que, imitando seus colegas argentinos, oferecem caixões com o escudo dos clubes.

#### 4.12.7 Bares e parques temáticos

As partidas de Futebol se disputam em 90 minutos, nos estádios... mas se prolongam, por horas e horas, nas intermináveis discussões entre torcedores, em torno de uma mesa de bar. Como escreveu o cineasta Ugo Giorgetti, “*o bar é tão importante para a vida do futebol quanto o estádio. No fundo, o bar também é um estádio. É nele que ao redor de mesas, em pé contra o balcão, na porta em pequenos grupos, torcedores falam de seus times e de suas partidas.*”<sup>140</sup>

Sabendo disso, muitos donos de bar, em todo o Brasil, instalam aparelhos de TV que permanecem sintonizados em emissoras a cabo especializadas em esportes, como forma de atrair maior clientela. Em época de Copa do Mundo, fazem promoções especiais, criando um clima de arquibancada.

Alguns bares extrapolam esse envolvimento, e sua decoração é, toda ela, dentro do tema Futebol. Bandeiras, camisetas, fotos de jogadores e pôsteres de times ocupam cada centímetro quadrado de suas paredes.

Esta pesquisa enumera alguns desses bares, a maioria deles em São Paulo. Certamente, há muitos outros espalhados pelo Brasil, especialmente no Rio de Janeiro.

Tabela 59 - Bar temático

bar	local	observações
<i>Bar do Elias</i>	Água Branca, São Paulo	homenageia antigos craques e jogadores do Palmeiras
<i>Bar do Elídio</i>	Mooca, São Paulo	homenageia craques e times do passado
<i>Bar do Salomão</i>	Serra, Belo Horizonte-MG	homenageia o Atlético-MG
<i>Boleiros</i>	Vila Olímpia, São Paulo	homenageia craques e times do passado
<i>Chopp Gol</i>	Vila Isabel, Rio de Janeiro	próximo ao Maracanã; instala mini-arquibancada e telão

<sup>137</sup> BUENO, 14/2/2006, p.D1

<sup>138</sup> RAMPAZZO, 26/6/2006, p.C6

<sup>139</sup> SIQUEIRA, 3/4/2006, P.E2

<sup>140</sup> GIORGETTI, 9/4/2006, p.E2

bar	local	observações
<i>Chopperia Estádio</i>	Tatuapé, São Paulo	homenageia o Corinthians
<i>Folha Seca</i>	Água Verde, Curitiba-PR	homenageia Didi
<i>Giba's Bar</i>	Mooca, São Paulo	homenageia o Juventus
<i>Milano DOC</i>	Ipanema, Rio de Janeiro	homenageia o Milan e a Inter, de Milão, Itália
<i>O Torto Bar</i>	Curitiba-PR	homenageia Garrincha
<i>Pátio Terceiro Tempo</i>	Shopping West Plaza, São Paulo	com telão; anexo a uma loja de esportes
<i>Pelé Arena Café</i>	R. XV de Novembro, São Paulo	homenageia Pelé; deve tornar-se rede nacional
<i>Restaurante do Fred</i>	Cachoeira Paulista-SP	decoração em homenagem ao Palmeiras
<i>Santo Paulo</i>	Estádio do Morumbi, São Paulo	primeiro bar temático dentro de um estádio
<i>São Cristóvão</i>	Vila Madalena, São Paulo	ligado ao clube São Cristóvão, do Rio de Janeiro

Foi localizado, também, um interessante parque temático, o *Kick bola urbana*, no bairro do Brooklin, São Paulo, uma espécie de escolinha de Futebol “high tech”, que se auto-intitula “o único parque de diversões de Futebol do mundo”, especializado em festas de aniversário infantis. Um dos pontos altos dessas festas é a integração entre adultos e crianças: os pais são também convidados a participar das brincadeiras.

Finalmente, cabe destacar os ambientes criados especialmente por ocasião das disputas das Copas do Mundo, como o do tradicional Jockey Club de São Paulo, chamado de *Vila da Copa*, contando com vários telões para os torcedores poderem acompanhar os jogos, com direito a espaços de alimentação e até a visitar um pequeno museu do Futebol.

#### 4.12.8 Onomástica

Um aspecto curioso da cultura brasileira que logo chama a atenção de um estrangeiro que com ela se familiariza é a escolha do nome com que uma criança é registrada, ao nascer. Mais uma vez, entra em campo a decantada criatividade do povo brasileiro.

Difícilmente existirá outro lugar no mundo onde o prenome do cidadão seja mais valorizado. Não é comum, no exterior, que políticos, médicos, advogados e professores sejam, como aqui, chamados pelo seu primeiro nome. Só mesmo no Brasil a ordenação dos discos de uma loja se faz pelo prenome (Alex Bellos se admira de que, aqui, os discos de George Benson, George Harrison e George Michael sejam encontrados juntos, na letra “G”). E é quase só no Brasil (com alguns casos em Portugal e em suas ex-colônias, e raríssimos na Espanha) que, nas escalações dos times, haja a predominância dos prenomes sobre os sobrenomes.

Talvez isso explique por que há tantos nomes diferentes e exóticos, especialmente na camada menos esclarecida da população, de onde provém a maioria dos jogadores de Futebol brasileiros. Em ensaio publicado na revista *Veja*, o escritor Roberto Pompeu de Toledo abordou esse tema: “*Nas escalações dos times de futebol tem-se a evidência de uma característica muito brasileira, a da grande diversidade de prenomes. Em outros países obedece-se a disciplina mais rígida, cingindo-se o repertório ao que é da tradição e da índole da língua. No Brasil as possibilidades desdobram-se ao infinito.*”<sup>141</sup>

Há uma profusão de nomes terminados em “on”, como o do lateral Maicon, cujo pai quis homenagear o ator norte-americano Michael Douglas, e o do centroavante Keirrison, cujo irmão, Kimarrison, teve o nome inspirado em Jim Morrison, ex-vocalista da banda The Doors. Outro nome de celebridade, o do ator francês Alain Delon, inspirou o do atacante Allan Delon. Veio do título de uma música do cantor Roberto Carlos, *O divã*, a inspiração para o nome do zagueiro Odvan. E foi o centro mundial do cinema, Hollywood, que motivou o nome Oleúde de um antigo volante, mais conhecido por seu apelido de Capitão.

Apelido — eis aqui outra marca cultural bem brasileira, embora não exclusiva do país. Por 8 anos, os Estados Unidos foram governados por Bill Clinton — mas lá, quase todo “William” é “Bill”. Por aqui, temos um “Lula” — que já foi apelido e agora é, oficialmente, parte de seu nome! Aliás, o primeiro Lula famoso foi Luís Alonso Peres, técnico do quase imbatível Santos de Pelé dos anos 60.

Pelé, o mais conhecido apelido do Futebol mundial, nasceu Edson (seu pai era admirador do cientista norte-americano Thomas Edison), foi Dico em casa, e Gasolina em seus primeiros meses no Santos. Como ele, dezenas de jogadores que disputaram Copas do Mundo eram conhecidos por seus apelidos.

Tabela 60 - Onomástica: jogador de Copa com apelido

Copa	jogadores com apelidos
1930	Brilhante, Doca, Itália, Preguinho, Russinho

<sup>141</sup> TOLEDO, 25/10/2000, p.186

Copa	jogadores com apelidos
1934	Patesko
1938	Batatais, Jaú, Nariz, Niginho, Patesko, Tim
1950	Baltazar, Bigode, Chico, Maneca, Nena, Zizinho
1954	Baltazar, Brandãozinho, Cabeção, Dequinha, Didi, Índio, Pinga, Veludo
1958	Dida, Didi, Garrincha, Mazzola, Oreco, Pelé, Pepe, Vavá, Zito
1962	Coutinho, Didi, Garrincha, Pelé, Pepe, Vavá, Zequinha, Zito
1966	Edu, Garrincha, Jairzinho, Manga, Paraná, Pelé, Tostão, Zito
1970	Ado, Edu, Jairzinho, Pelé, Tostão, Zé Maria
1974	Edu, Jairzinho, Leivinha, Marinho, Marinho Chagas, Mirandinha, Nelinho, Paulo César Caju, Zé Maria
1978	Chicão, Nelinho, Roberto Dinamite, Toninho, Toninho Cerezo, Zico
1982	Edinho, Juninho, Luizinho, Pedrinho, Roberto Dinamite, Toninho Cerezo, Zico
1986	Alemão, Branco, Careca, Edinho, Müller, Zico
1990	Alemão, Bebeto, Branco, Careca, Dunga, Jorginho, Mazinho, Müller, Tita
1994	Bebeto, Branco, Cafu, Dunga, Jorginho, Mazinho, Müller, Ronaldão, Ronaldinho, Viola, Zetti, Zinho
1998	Bebeto, Cafu, Dida, Dunga, Júnior Baiano, Ronaldinho
2002	Cafu, Dida, Juninho Paulista, Kaká, Lúcio, Luisão, Ricardinho, Ronaldinho Gaúcho, Vampeta
2006	Cafu, Cicinho, Cris, Dida, Fred, Juninho Pernambucano, Kaká, Lúcio, Luisão, Mineiro, Ricardinho, Robinho, Ronaldinho Gaúcho

Nem sempre é fácil rastrear os motivos que justificam o apelido. Didi vem de *Valdir*; Zico vem de *Arturzinho*; Paulo César Caju pintava o cabelo com tinta cor de acaju. Mineiro nasceu... no Rio Grande do Sul!?!... e Luiz Antônio Correa da Costa, por que virou Müller? Segundo Alex Bellos, por causa de Gerd Müller, atacante alemão nas Copas do Mundo de 1970 e 1974, nas quais assinalou um total de 14 gols. Para o autor deste trabalho, o apelido se deve a Hansi Müller, outro atacante alemão, contemporâneo e fisicamente mais parecido com o brasileiro. Já Edmundo ganhou o apelido de “Animal”, que lhe caiu perfeitamente bem, do locutor Osmar Santos, mas, antes, o apelido já havia sido rejeitado por Neto e Cafu, que o consideraram ofensivo.

Outro fato curioso: o “apelido do apelido”. “Pelé, o Craque Café”! “Pelé, o Rei do Futebol”! “Didi, o Príncipe Etíope”! “Didi, o Folha Seca”! “Garrincha, o Anjo das Pernas Tortas”! “Garrincha, a Alegria do Povo”! “Vavá, o Peito de Aço”! “Pepe, o Canhão da Vila”! “Tostão, o Mineirinho de Ouro”! “Jairzinho, o Furacão da Copa”! “Zico, o Galinho de Quintino”! E ainda os Juninhos, o “Paulista” e o “Pernambucano”! E os Ronaldinhos, o “Gaúcho” e o “Fenômeno”!

Voltando aos prenomes... Gilmar Luiz Rinaldi, goleiro reserva do time campeão mundial em 1994, nasceu no ano seguinte ao do primeiro título da Seleção Brasileira, que tinha o goleiro Gilmar dos Santos Neves, a quem o pai do primeiro quis homenagear (outro Gilmar goleiro atuou pelo Palmeiras, sem chegar à Seleção). Foi a fama alcançada pelo antigo goleiro do Corinthians e do Santos que fez com que seu nome, até então dado indistintamente a homens e mulheres, se tornasse exclusivamente masculino. Aliás, em seu registro de nascimento, ele era Gylmar, mas, em seu tempo, não se usava escrever os nomes de jogadores nas camisetas, e a imprensa escrita acabou eternizando um “i” no lugar do pouco usado “y”.

Por outro lado, antecipando-se à última reforma ortográfica, alguns personagens do Futebol acabaram fazendo questão de terem o “y”, o “w” e o “k” em seus nomes ou apelidos. Caso, por exemplo, do técnico Luxemburgo, que nasceu Vanderlei, mas, além de uma mal esclarecida alteração da data de nascimento em seus documentos, alterou também a grafia do nome, que passou a ser Wanderley. Caso também de Kaká, que, ainda menino, marcou os dois gols que deram o título de campeão do Torneio Rio-São Paulo ao São Paulo, trajando uma camiseta onde ainda se lia “Cacá”.

Existe muito cidadão brasileiro cujo nome é fruto da admiração de seus pais por um ídolo ou da paixão por um clube. Um exemplo famoso: Zicomengo, Flamozer e Flamená, nomes dos três filhos de um fanático flamenguista. Bruna Taffarel de Carvalho e Igor Taffarel Marques nasceram durante a decisão por pênaltis entre Brasil e Holanda, na semifinal da Copa do Mundo de 1998, vencida pelo Brasil graças a uma defesa do goleiro Cláudio Taffarel. Por causa de Roberto Rivelino, craque do Brasil nas Copas do Mundo de 1970, 1974 e 1978, o filho e auxiliar do ex-jogador e hoje técnico Valdir Espinosa se chama Rivelino Espinosa.

Mas nenhum nome supera, em exotismo, o de Tospericagerja (chamado pelos amigos de Tosperi), nascido em 1970. Seu nome é formado pelas primeiras letras dos nomes de *Tostão*, *Pelé*, *Rivelino*, *Carlos Alberto*, *Gérson* e *Jairzinho*, destaques do time tricampeão mundial. O autor deste trabalho quer, aqui, deixar seu protesto com relação a esse nome: quem o criou, deveria ter incluído, também, a sílaba “clo”, de *Clodoaldo*, o competente médio-volante daquele maravilhoso time!

O Futebol não tem inspirado apenas nomes de seres humanos. Muitos animais de estimação refletem as preferências clubísticas de seus donos, como a cadela Coringuiha, preta com manchas brancas, que por muitos anos alegrou o bar de uma família de corintianos roxos. Maior homenagem, porém, foi prestada a outro alvi-negro, o Atlético Mineiro: André Nemésio, atleticano fanático e biólogo especializado em abelhas, deu o nome de *Eulaema atleticana* a uma das espécies de abelhas da Mata Atlântica por ele descobertas em seus estudos pela Universidade Federal de Minas Gerais.<sup>142</sup>

---

<sup>142</sup> ESCOBAR, 6/3/2009, p.A12

## 5. Prorrogação: o time *Turismo&Lazer Futebol Clube*

- |                                 |                            |                           |
|---------------------------------|----------------------------|---------------------------|
|                                 | 1 - tombamento             |                           |
| 2 - erradicação da violência    | 3 - "Estatuto do Torcedor" |                           |
| 4 - divulgação interna          | 5 - educação               | 6 - divulgação externa    |
| 8 - roteiros temáticos          | 10 - eventos               |                           |
| 7 - serviços em hotéis          | 9 - museus                 | 11 - exploração comercial |
| 12 - especialização de agências |                            |                           |

Passados os dois tempos regulamentares, sem que tivesse surgido deles uma definição final para este trabalho, se faz necessária, agora, esta prorrogação, para a qual entra em campo o time do Turismo&Lazer F.C. Com esse time, espera-se poder mostrar o que tem sido feito, e o que se pode (e se deve) fazer para que o Futebol possa beneficiar o Turismo e o Lazer no Brasil (e ser, também, por eles beneficiado).

Antes, porém, que a prorrogação de fato se inicie, naqueles minutos em que se tenta recuperar o fôlego quase perdido depois de dois tempos de árdua disputa, vão ser feitas algumas considerações sobre Turismo e Lazer, e o que se entende por estes conceitos, no escopo deste trabalho.

Deve-se deixar claro que se considera, aqui, que não existe um limite bem definido entre Turismo e Lazer. Há entre estes conceitos certa superposição, embora também haja claras diferenças entre eles. Por esse motivo, o time escalado para esta prorrogação leva o nome de ambos.

Para o pesquisador francês Joffre Dumazedier, Lazer é “*o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais*”.<sup>143</sup> <sup>144</sup> Na mesma linha, Américo Pellegrini Filho define Lazer como sendo “*atividade desenvolvida em tempo livre, geralmente objetivando repouso e entretenimento*”.<sup>145</sup> Já Turismo, para o mesmo autor, é o “*complexo de atividades centralizadas em viagem, ou seja, na movimentação horizontal do ser humano, entendendo-se que ele permaneça fora de seu domicílio habitual por mais de 24 horas e retorne àquela*”.<sup>146</sup>

Por essas definições, o Turismo pressupõe um deslocamento de seu praticante, o que já não ocorre necessariamente com o Lazer. É possível se desenvolver uma atividade de Lazer em casa (como assistir à TV, ler um livro, jogar cartas), mas não é possível se fazer Turismo sem se dirigir a um outro local.

Quão distante deve ser esse local de destino? Seria suficiente que fosse fora do município de origem do turista? Se a resposta fosse afirmativa, alguém que morasse no bairro paulistano de Guaianases, e fosse até o vizinho município de Ferraz de Vasconcelos, poderia estar fazendo Turismo, mas se essa mesma pessoa fosse até o distante bairro de Parelheiros não seria um turista, mesmo se deslocando por uma distância 10 vezes maior!

Outra questão importante refere-se ao tempo de permanência no local de destino. Se uma pessoa acampa no quintal do vizinho e lá permanece por 24 horas, está praticando Turismo? É óbvio que não!

A caracterização de uma atividade como turística está ligada aos tipos dos equipamentos utilizados nessa atividade (“equipamentos”, aqui, ganhando uma conotação ampla e generalista). São tradicionais equipamentos turísticos os meios de transporte (avião, ônibus, trem, navio), as vias públicas (estradas, ruas), os meios de hospedagem (hotel, pousada, “resort”, pensão), locais de alimentação (bar, restaurante, cantina), lojas de lembranças e de artesanatos, locais de entretenimento (museu, parque, teatro, casa noturna), etc. Mas nem esta questão, sozinha, é suficiente para distinguir Turismo de Lazer: alguém que pegue seu veículo, vá para sua casa de praia a 100km de sua residência e nela permaneça um mês de férias, preparando ele próprio suas refeições, praticamente não usufrui de nenhum equipamento turístico, mas dificilmente deixaria de ser considerado um turista, especialmente aos olhos da comunidade local.

Por outro lado, tome-se o exemplo de alguém que tome um avião para uma cidade de outro país, onde fica um mês hospedado num bom hotel, alimentando-se em bons restaurantes... eis aqui um perfeito

<sup>143</sup> DUMAZEDIER, 2000, p.34

<sup>144</sup> ANDRADE, 2001, p.42

<sup>145</sup> PELLEGRINI FILHO, 2000a, p.161

<sup>146</sup> PELLEGRINI FILHO, 2000a, p.270

turista. Mesmo que seja um pacote de férias que inclua passeios e excursões, ou uma viagem por motivos de trabalho (o chamado “Turismo de negócios”), certamente a pessoa terá algum tempo livre, que irá procurar preencher da forma mais agradável possível, dentro de suas possibilidades financeiras e de sua disponibilidade de tempo. Ela talvez opte por ficar em seu hotel vendo TV, ou à beira da piscina, ou talvez prefira ir ao teatro, ou passear em um parque, ou passar o dia na praia... Note-se que a forma pela qual esse turista faz o planejamento da atividade a ser realizada, e a própria forma pela qual ele realiza essa atividade, são praticamente idênticas às que norteiam o Lazer de um cidadão residente nessa mesma cidade!

Pode haver diferenças significativas, é verdade. Aquele que permanece em seu domicílio, teoricamente, terá menores dificuldades, pois, presumivelmente, conhece melhor os caminhos, tem seu próprio veículo, não tem problemas com o idioma, etc. Mas... e se o turista já esteve antes no local a ser visitado, e o conhece bem? E se ele tem um carro alugado à sua disposição? E se ele domina o idioma local?

Como se vê, é mesmo muito tênue a linha que separa o Turismo do Lazer... se é que essa linha existe! O que, talvez, se possa afirmar é que, ao longo do período de uma viagem de Turismo, o turista tem uma série de oportunidades pontuais de Lazer. Ou seja: ao mesmo tempo em que se considera o Turismo uma forma de Lazer, há que se entender que costumam existir atividades de Lazer no cotidiano de quem pratica o Turismo. Um evento futebolístico, que tem a duração aproximada de 2 horas, é bem adequado para ser uma dessas atividades.

Há, porém, viagens de Turismo nas quais o Futebol não aparece apenas fortuitamente, como uma atividade isolada de Lazer, mas, ao contrário, é o principal agente motivacional da viagem.

A maioria dessas viagens é do tipo “bate-volta”, isto é, o interessado em assistir a um evento (geralmente, uma partida), aqui chamado de “torcedor”, parte com a mínima antecedência a fim de chegar ao local (estádio fora do município em que reside) momentos antes da partida, e inicia a viagem de retorno logo após o seu término. Em geral, esse é o esquema adotado pelas torcidas organizadas dos principais clubes, que se utilizam de ônibus fretados como meio de transporte, o que deixa o custo da viagem mais acessível. No Brasil, em se tratando dos torneios estaduais, essa estratégia (a do transporte terrestre, no esquema “bate-volta”) é quase sempre possível de ser realizada, pois são raros os casos de distâncias superiores a 600km. No Campeonato Paulista da Primeira Divisão de 2006, por exemplo, a maior distância entre duas cidades nele envolvidas foi, provavelmente, a que separa São José do Rio Preto de Santos, inferior a essa marca. Não se deve esquecer que os pontos de partida dos torcedores não são, necessariamente, as sedes dos times envolvidos nas partidas; é muito comum a presença, nos estádios, de torcedores vindos de cidades vizinhas àquela em que o jogo se realiza. Assim, em termos de distâncias e áreas, os torneios estaduais brasileiros se assemelham muito aos torneios nacionais europeus, com a diferença que, nestes últimos, o eficiente sistema de transporte ferroviário acaba facilitando essas viagens e reduzindo seus custos.

Mesmo em torneios interestaduais, como o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil, em vários jogos ainda é possível a viagem por via terrestre, uma vez que a maioria dos times tem sua sede no eixo Belo Horizonte — Rio de Janeiro — São Paulo — Curitiba — Porto Alegre. Mas as distâncias maiores fazem com que se reduza sensivelmente a presença das torcidas visitantes (exceto quando esses torcedores moram na região onde o jogo se realiza, o que acontece com clubes populares em todo o país, caso do Flamengo). Eventualmente, alguns mais abonados possam viajar de avião, mas a possibilidade do esquema “bate-volta” depende da disponibilidade e dos horários dos vôos comerciais (vôos fretados pelos torcedores são raros). Ainda se fazendo uma analogia com o que ocorre na Europa, o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil se assemelham à Copa dos Clubes Campeões da Europa e à Copa UEFA (Union Européenne de Football Association).

Houve ocasiões nas quais a presença da torcida visitante surpreendeu. O dia 5 de dezembro de 1976 passou para a história do Futebol brasileiro. Nessa data, ocorreu a chamada “invasão do Maracanã”: estima-se que havia cerca de 70 mil corintianos no estádio, provenientes de São Paulo e de outras cidades paulistas, apoiando seu time no confronto contra o Fluminense, pela semifinal do Campeonato Brasileiro daquele ano. Horas antes da partida, a presença da torcida corintiana já se fazia sentir em Copacabana e em outras praias cariocas da zona sul. O alegre retorno a São Paulo (o Corinthians venceu na disputa de penalidades máximas) transformou a via Dutra numa festiva passarela. Dificilmente terá ocorrido, no mundo, um deslocamento tão expressivo de pessoas à distância de 400km, devido a um evento esportivo como aquele.

Já em relação aos torneios internacionais que envolvem times brasileiros, como a Taça Libertadores da América, viagens terrestres são esporádicas, restritas ao Uruguai, ao Paraguai e à Argentina (e, em geral, apenas nos casos dos times paulistas, paranaenses ou gaúchos).

O tempo de permanência do torcedor no local do jogo é, geralmente, bem reduzido. Seja por falta de recursos financeiros, de tempo ou de interesse, ele evita permanecer no destino por um período maior do que o necessário para presenciar a partida. No entanto, há casos em que o pernoite no destino é inevitável, como a disputa do Mundial Interclubes, no Japão (que, em 2005 e em 2006, contou com a participação do São Paulo e do Internacional, respectivamente), dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo.

Disputada a cada 4 anos, a Copa do Mundo tem a duração de aproximadamente um mês e, na sua formatação atual, dela participam times de 32 países, num total de 64 jogos. Cada participante disputa um mínimo de três partidas, sendo que os 4 semifinalistas disputam 7 jogos. Com exceção da Copa de 2002, realizada na Coreia do Sul e no Japão, ela é sediada num único país, em cerca de 10 cidades-sede. O Brasil é o único país que esteve presente nas 18 edições já realizadas.

Os maiores contingentes de torcedores brasileiros presentes em um Mundial (com a óbvia exceção do disputado em 1950, no próprio Brasil) foram, muito provavelmente, os que estiveram na Argentina, em 1978, e na França, 20 anos depois. É difícil se saber quantos brasileiros estiveram na Argentina, mas estima-se que mais de 20 mil brasileiros foram à França apenas para acompanhar os jogos, embora nem todos tenham ali permanecido durante toda a competição (não se contam, aqui, os brasileiros já residentes naquele país).

Os custos para se acompanhar uma Copa “in loco” são bem altos, principalmente para aqueles que não se arriscam a viajar sem a compra de um pacote. Apenas agências credenciadas pela FIFA podem revender ingressos, o que acaba configurando uma espécie de “monopólio” (no caso do Brasil, os 21.500 ingressos fornecidos pela FIFA foram comercializados por apenas três agências). E, não raro, acaba ocorrendo a chamada “venda casada”, isto é, os ingressos são vendidos somente para quem adquire um pacote que inclui hotel e passagens (prática que alguns juristas consideram ilegal). Para a Copa da França, por exemplo, os pacotes mais baratos, com permanência de 12 a 15 dias, eram vendidos ao preço de cerca de 3,5 mil dólares (com a parte aérea não incluída), conforme apresentado no Anexo II. Quem ficou durante toda a Copa em hotéis de primeira categoria teve que desembolsar mais de 25 mil dólares apenas com o pacote. É, portanto, um programa restrito a poucos privilegiados economicamente, embora alguns ganhem a viagem em concursos promocionais ou sorteios, ou sejam beneficiados por convites de patrocinadores, ou ainda sejam premiados por suas empresas por seu desempenho profissional, no que se chama de “Turismo de incentivo”.

Esta modalidade de Turismo, aliás, tem experimentado um crescimento significativo no Brasil, especialmente em relação às viagens motivadas pelo Futebol, que se enquadram bem na filosofia de um “produto que nem sempre o dinheiro pode comprar”. A agência TopService, de São Paulo, certamente a mais atuante na área, levou à Copa da Alemanha, em 2006, mais de 5 mil brasileiros, em pacotes adquiridos por cerca de 200 empresas dos mais diversos setores de atuação (em 2004 e 2005, já havia levado perto de mil torcedores a cada um dos jogos disputados pela Seleção Brasileira no exterior, pela fase das eliminatórias sul-americanas).

Ao longo da Copa do Mundo, as agências operadoras costumam programar atividades e excursões extras para os dias em que não há jogos do Brasil, que, geralmente, são oferecidas como opcionais aos turistas individuais, mas já estão incluídas nos pacotes dos turistas de incentivo. Mesmo não aderindo a essas atividades, os torcedores invariavelmente acabam fazendo passeios pelos principais pontos turísticos da localidade onde o evento se realiza.

Excursões de torcidas organizadas e pacotes de agências turísticas são as formas mais comuns de viagens motivadas por Futebol, mas não são as únicas. Sem nunca ter se utilizado dessas modalidades de Turismo, o autor deste trabalho já presenciou algumas dezenas de partidas de Futebol fora de sua cidade, sendo 16 delas em quatro Copas do Mundo, sempre viajando por conta própria. Nessas ocasiões, procurou não se ater ao jogo em si, aproveitando para, sempre que possível, conhecer outras atrações dos lugares por onde passou: ou seja, o Futebol foi, apenas, mais uma motivação para a viagem.

Registre-se que o Futebol é, ainda, importante motivação para diversas outras formas de Lazer, que não envolvem a ida do torcedor aos estádios, tais como: programas esportivos de rádio e TV; livros, revistas, filmes e peças teatrais; e até mesmo bate-papos entre amigos em salas de visitas ou em torno de uma mesa de bar.

Por outro lado, muitos profissionais são levados ao Turismo de negócios por causa do Futebol: dirigentes; homens de imprensa, rádio e TV; técnicos, médicos, preparadores físicos e demais membros de comissões técnicas; empresários; e, obviamente, os próprios jogadores. A título de curiosidade: estima-se que a delegação (em média, 25 pessoas) do Paysandu, de Belém-PA, para cumprir os 46 jogos que lhe impôs a tabela do Campeonato Brasileiro de 2004, tenha percorrido, em 8 meses, a distância de 99.313km (cálculo aproximado, considerando vôos diretos entre os locais de jogos consecutivos, e desconsiderando as prováveis conexões), correspondendo a cerca de duas voltas e meia ao redor do mundo — aproximadamente 400km por dia! Dificilmente alguma equipe esportiva, em todo o mundo, terá percorrido distância maior durante a disputa de um único torneio.

Tabela 61 - Viagens do Paysandu de Belém-PA no Campeonato Brasileiro de 2004

1o. turno			2o. turno		
rodada	cidade	distância (km)	rodada	cidade	distância (km)
	Belém			Belém	
1	Belém	---	24	Rio de Janeiro	2.432
2	São Paulo	2.440	25	Belém	2.432
3	Belém	2.440	26	Curitiba	2.640
4	Porto Alegre	3.160	27	Belém	2.640
5	Rio de Janeiro	1.181	28	Belém	---
6	Belém	2.432	29	Rio de Janeiro	2.432
7	Belém	---	30	Porto Alegre	1.181
8	Florianópolis	2.878	31	Belém	3.160
9	Belo Horizonte	985	32	Belém	---
10	Belém	2.094	33	São Paulo	2.440
11	Belém	---	34	Salvador	1.468
12	Rio de Janeiro	2.432	35	Belém	1.678
13	Belém	2.432	36	São Caetano	2.440
14	Goiânia	1.678	37	Belém	2.440
15	Belém	1.678	38	Campinas	2.366
16	Curitiba	1.678	39	Belém	2.366
17	Belém	2.640	40	São Paulo	2.440
18	Curitiba	2.640	41	Belém	2.440
19	Belém	2.640	42	Criciúma	2.950
20	Santos	2.489	43	Belém	2.950
21	Belém	2.489	44	Belo Horizonte	2.094
22	Campinas	2.366	45	Belém	2.094
23	Belém	2.366	46	Caxias	3.065
				Belém	3.065

fonte: [http://www.aodefica.com/dist\\_aerea.asp](http://www.aodefica.com/dist_aerea.asp)

Note-se que equipes de esportes coletivos profissionais, nos Estados Unidos, que têm agendas de viagem anuais semelhantes a essa, em geral possuem aviões próprios, pintados nas cores do time... podendo-se traçar, aqui, um paralelo com os ônibus dos grandes clubes brasileiros.

Se tantos viajam por tão longas distâncias, e com tanta frequência, por causa do Futebol, é de se esperar que haja profissionais da área turística envolvidos não só em atividades de Turismo emissor, como também no que se refere ao Turismo receptor.

Em relação ao citado esquema “bate-volta”, próprio do Turismo futebolístico doméstico, os serviços turísticos locais, como já foi explicado, quase não são utilizados. As atividades receptoras se resumem, praticamente, à ação policial de escolta dos torcedores visitantes, no sentido de evitar confrontos entre torcidas rivais, danos ao patrimônio local, saques a estabelecimentos comerciais e outros atos de violência.

Por outro lado, em eventos que exigem uma permanência de torcedores por um tempo maior, as possibilidades de oferta de serviços turísticos são maiores. No entanto, esses eventos são raros no Brasil; praticamente, se restringem a um ou outro jogo da Taça Libertadores da América, e mesmo assim, que tenha a participação de um time da Argentina (o número de torcedores vindos de outros países sul-americanos é, em geral, bastante reduzido).

Este trabalho, porém, também se preocupa com a possibilidade de se atrair, para as praças futebolísticas, ou para outras formas de lazer inspiradas no Futebol, o aqui chamado “turista circunstancial”, cuja viagem tenha tido um motivo que não seja o Futebol.

Na opinião do autor deste trabalho, este turista poderia ter seu interesse despertado pelo Futebol; no entanto, o que se observa é que essa preocupação é quase inexistente. A infra-estrutura de serviços oferecida a esse turista é quase nula, especialmente no caso do estrangeiro. No Rio de Janeiro, alguns dos principais hotéis ainda prestam um serviço razoável (oferecendo material de divulgação de empresas que organizam idas a jogos ou visitas ao Maracanã), mas, em São Paulo, nem isso ocorre.

Com a entrada em campo do time Turismo&Lazer F.C., espera-se que nesta prorrogação se consiga apresentar algumas propostas para um melhor aproveitamento do Futebol como motivação para atividades turísticas. Como fundamentos para essas propostas, são utilizados conceitos e idéias apresentados por Mário Jorge Pires, em seu livro *Lazer e Turismo cultural*.

## 5.1 Tombamento

Quando este trabalho foi concebido, o Brasil conquistara havia pouco tempo o tetracampeonato mundial nos Estados Unidos, era o franco favorito para mais uma conquista, na França, e parecia destinado a viver um glorioso período de vitórias tal qual aquele em que, entre 1958 e 1970, lhe dera três títulos mundiais, dos quatro disputados.

A derrota de 3x0 para os franceses, na final de 1998, porém, marcou o início de um dos mais negros períodos do Futebol brasileiro, dando a impressão de ter mergulhado no fundo de um poço de lama do qual jamais teria forças para emergir.

Primeiro, surgiram as dúvidas sobre as circunstâncias daquela derrota, e o estranho mal-estar que acometeu Ronaldo, o principal jogador do time, horas antes da partida. Especulou-se que teria havido imperícia médica numa possível aplicação de anti-inflamatórios no joelho do craque; que a *Nike*, fornecedora do material esportivo, teria forçado a escalação do jogador, mesmo sem condições de atuar; e até mesmo que a *Nike* teria obrigado a derrota do Brasil, para atender a seus interesses comerciais na França. Nenhuma dessas especulações jamais foi comprovada.

Vieram, depois, algumas das mais vexatórias derrotas da história da Seleção Brasileira. A eliminação dos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, pelo time dos Camarões atuando com dois jogadores a menos, resultou na demissão do técnico Wanderley Luxemburgo — àquela altura, acusado de uma série de irregularidades, dentre as quais sonegação de impostos e falsificação de documentos. O sucessor de Luxemburgo, Emerson Leão, também perdeu o cargo depois de péssimos resultados durante as eliminatórias sul-americanas para a Copa de 2002 e a inédita derrota para a então frágil Seleção do Japão. Com muito sofrimento, o técnico Luiz Felipe Scolari conseguiu a classificação para o Mundial do Oriente (Coreia-Japão). Mas, mesmo assim, quase foi demitido também, depois da eliminação da Copa América na derrota por 2x0 para a inexpressiva Seleção de Honduras, a menos de um ano do início da Copa.

Para muitos especialistas, o mau desempenho da Seleção apenas refletia os desmandos dos dirigentes brasileiros, incapazes de organizar campeonatos rentáveis e de cumprir os regulamentos previamente estabelecidos. Controvertidas decisões casuísticas dos tribunais esportivos favoreceram times de maior prestígio político (especialmente os cariocas, como Botafogo e Fluminense, cuja permanência na primeira divisão só foi possível graças à tendenciosa justiça desportiva). Para impedir a participação do “pequeno” Gama, de Brasília, no Campeonato Brasileiro de 2000, os clubes decidiram disputar o que se chamou de Taça João Havelange, cuja final, no estádio de São Januário, no dia 30 de dezembro daquele ano, teve que ser interrompida devido à superlotação, que acabou provocando a queda de parte do alambrado e deu oportunidade a uma deplorável exibição de autoritarismo de Eurico Miranda, dirigente vascaíno.

O acúmulo de maus resultados da Seleção e a conduta desonesta dos “cartolas” acabaram fornecendo mais combustível para duas CPIs, que investigaram o contrato da *Nike* com a CBF e os problemas do Futebol brasileiro em geral. Depois de meses de interrogatórios de jogadores, técnicos, dirigentes e jornalistas, e apesar das dificuldades causadas pelos membros da “bancada da bola” (como foi chamado o grupo de políticos ligados a clubes e federações), diversas irregularidades foram apontadas, dirigentes e políticos foram incriminados, mas ninguém acabou punido, frustrando as expectativas de um saneamento total que se fazia necessário.

Tudo isso repercutia na imprensa internacional, deixando o mundo perplexo e temeroso de que o Brasil não se classificasse para a Copa do Mundo da Coreia e do Japão, o que certamente prejudicaria o resultado econômico do evento. No Brasil, o êxodo crescente de jogadores, em busca dos melhores salários oferecidos pelos europeus, aliado ao descrédito nos dirigentes e ao crescimento da violência entre torcidas organizadas, provocou o afastamento dos torcedores dos estádios.

Estádios vazios, Futebol de baixa qualidade, denúncias de corrupção — a situação era, de fato, preocupante.

A surpreendente campanha do Brasil na Copa da Ásia reverteu o quadro. O Brasil voltou à sua posição de liderança destacada no “ranking” da FIFA, os jogadores brasileiros (notadamente Ronaldinho Gaúcho, e ainda Kaká, Adriano e Robinho) assumiram posição de destaque, a classificação para o Mundial da Alemanha veio sem maiores problemas, e o país passou a ser o principal favorito para a conquista desse torneio. Mais uma derrota, para a mesma França de Zidane, voltou a pôr essa hegemonia em risco, tamanha é sua vulnerabilidade. A estrutura administrativa do Futebol brasileiro é praticamente a mesma; os problemas estão, por ora, mascarados por uma situação circunstancialmente favorável, mas a qualquer momento podem novamente vir à tona.

É sob essa perspectiva que surge a idéia de um “tombamento” do Futebol brasileiro, isto é, um conjunto de medidas que possam protegê-lo, a fim de que ele não perca a liderança no cenário mundial. Idéia semelhante foi defendida, em 2005, pelo historiador Boris Fausto que, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, escreveu: “o futebol brasileiro é um bem cultural que precisa ser preservado, tanto quanto outros como as igrejas de Minas e o acarajé, embora não se deva pôr tudo no mesmo prato”.<sup>147</sup>

Note-se que, no passado, o conceito de “tombamento” era aplicado apenas a bens materiais tangíveis, fossem eles naturais ou culturais. A idéia do tombamento de bens intangíveis é muito mais recente. No Brasil, apenas em 2004 deu-se início ao registro de bens imateriais pelo Departamento de Bens Imateriais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo que os sete primeiros itens registrados foram a fabricação da viola-de-cocho do Mato Grosso, a produção de panelas de barro de Goiabeira-ES, o ofício das baianas de fazer acarajé, o Círio de Nazaré em Belém-PA, o jongo do Vale do Rio Paraíba, o samba de roda do Recôncavo Baiano e a pintura corporal dos índios Wajãpi no Amapá.<sup>148</sup> A nível mundial, apenas os dois últimos foram incluídos da lista das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade, elaborada pela UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). É nessa mesma linha que se defende, aqui, a preservação do Futebol brasileiro.

Evidentemente, a preservação de um bem cultural não se garante apenas com a assinatura de ato que ordene seu tombamento. É preciso que sejam tomadas medidas que possam, efetivamente, contribuir para a proteção desse bem. Neste trabalho, sugerem-se as seguintes medidas:

- restrição à transferência de jogadores jovens para o exterior
- proibição da concessão de direitos de exclusividade de transmissão de jogos da Seleção Brasileira a uma emissora de TV
- rotatividade do local dos jogos da Seleção Brasileira
- concessão de incentivos fiscais a clubes que investirem em divisões de base
- preservação e restauração do patrimônio cultural material do Futebol
- preservação dos espaços para a prática do Futebol
- instituição do “Salão da Fama” do Futebol brasileiro
- celebração anual do “Dia Nacional do Futebol”

### 5.1.1 Restrição à transferência de jogadores jovens para o exterior

Atualmente, perto de mil jogadores brasileiros deixam o país a cada ano para atuar em times do exterior. É verdade que, ao mesmo tempo, um grande contingente de atletas acaba sendo repatriado. Mas, enquanto os que emigram são jovens promessas ou jogadores passando pelo ponto alto de suas carreiras, os que retornam o fazem para, em geral, virem encerrar suas carreiras no país. Além disso, o mercado, que antes era restrito aos países mais tradicionais no Futebol, hoje se estende por quase todos os países do primeiro mundo, tendo suas regras ditadas pelo poderio econômico.

Se, por um lado, esse verdadeiro êxodo favorece o fortalecimento da imagem do futebolista brasileiro no exterior e traz divisas para o Brasil, por outro lado enfraquece os campeonatos disputados por aqui, afastando ainda mais o público dos estádios. Impedido de ver seus ídolos atuando por seu time, o torcedor prefere ficar em casa e vê-los pela TV, em jogos dos campeonatos europeus. Repete-se, no Futebol, o mesmo

<sup>147</sup> FAUSTO, 6/4/2005

<sup>148</sup> BASTOS; BRANDT. 18/7/2005, p.C1

que ocorreu tantas vezes na história econômica do Brasil: exportamos matéria-prima (o talento de nossos craques) para importá-la, mais cara, já transformada em produto de consumo (o espetáculo televisivo).

A presença de observadores enviados por clubes europeus e a atuação de empresários ávidos em auferir polpudas comissões têm levado à transferência de garotos cada vez mais jovens. Preocupada com isso, a FIFA tem procurado regulamentar essas transferências, proibindo, por exemplo, que elas sejam feitas com menores de idade, mas algumas brechas nas leis impedem que estas sejam realmente eficazes. A esse respeito, escreve Luiz Zanin Oricchio: *“usa-se um stratagema. Arranja-se para os pais um emprego fictício no país de destino do prodígio e este se transfere, a pretexto de acompanhar os progenitores. Os pais são transformados em laranjas dos próprios filhos.”*

Américo Pellegrini Filho relata a preocupação internacional com a transferência de bens culturais de países pobres para países ricos, o que teria levado a uma reunião da UNESCO em Paris, em 1964, com o objetivo de impor restrições a essa transferência.<sup>149</sup> Historiadores já demonstraram sua insatisfação ao constatar que há, por exemplo, maior abundância de material sobre a antiga civilização egípcia fora (como no Museu Britânico, em Londres) do que dentro do Egito. Essa preocupação e essa insatisfação, porém, parecem se manifestar somente em relação aos bens culturais materiais. Este trabalho tenta mostrar que uma atitude semelhante deveria ser tomada em relação ao Futebol.

A história do atacante Élber é um bom exemplo do que está sendo descrito aqui. Revelado pelo Londrina, do Paraná, ele se transferiu para a Europa ainda menino, sem sequer ter defendido um clube “grande” brasileiro. Na Alemanha, teve destaque atuando pelo Bayern de Munique, onde se revelou artilheiro e conquistou títulos. Na Seleção Brasileira, porém, teve poucas oportunidades. Só quando já estava próximo da aposentadoria, foi contratado pelo Cruzeiro de Belo Horizonte. Apesar de sua grande projeção no cenário mundial do Futebol, Élber deu muito poucas alegrias ao torcedor brasileiro.

Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Adriano, Robinho, Diego e Alexandre Pato são exemplos de jogadores de destaque que saíram do Brasil muito jovens, bem antes de atingirem o apogeu de suas carreiras. O torcedor brasileiro só pode acompanhá-los pela TV, defendendo seus clubes ou a nossa Seleção.

A proposta, aqui, é que se fixe uma idade mínima (por exemplo, 23 anos) para que sejam autorizadas transferências de jogadores brasileiros ao exterior. Até completar essa idade, um jogador teria que permanecer atuando no Brasil, embora já podendo ter um contrato assinado com um clube estrangeiro. Dessa forma, seria possível que as jovens promessas brasileiras já estivessem ganhando salários no nível dos oferecidos pelos grandes times europeus, mas continuariam atuando no Brasil por mais algum tempo. Não é difícil acreditar que, para garantir seus craques no futuro, os principais clubes europeus aceitem esse tipo de negócio.

### 5.1.2 Proibição da concessão de direitos de exclusividade

O problema do televisionamento dos jogos da Seleção Brasileira, sejam eles amistosos ou oficiais, refere-se à exclusividade geralmente concedida às grandes redes de TV, em especial à *Rede Globo*, com a qual a CBF mantém tradicional parceria. Por causa dessa exclusividade, num passado não muito distante, um amistoso da Seleção no Oriente Médio deixou de ser televisionado porque, devido ao horário da partida, sua transmissão não era do interesse da emissora detentora dos direitos. Considerando-se o Futebol como um patrimônio cultural do Brasil, parece descabido que se permita sua exploração exclusiva por uma empresa privada, detentora de uma concessão pública. É compreensível que as redes de TV defendam seus interesses comerciais — e sabe-se que os investimentos feitos são bastante elevados —, mas estes não podem estar acima dos interesses públicos.

A proposta, então, é que nunca seja concedido o direito de exclusividade da transmissão das partidas da Seleção Brasileira. Caso apenas uma rede comercial tenha interesse por determinada transmissão, essa rede teria que, obrigatoriamente, ceder suas imagens, sem nenhum custo, para a rede de emissoras públicas do país.

### 5.1.3 Rotatividade do local dos jogos da Seleção Brasileira

Por muitos anos, grande parte dos jogos disputados pela Seleção Brasileira em território nacional, principalmente os oficiais, ocorriam exclusivamente no eixo Rio de Janeiro — São Paulo — Belo

<sup>149</sup> PELLEGRINI FILHO, 2000b, p.98

Horizonte — Porto Alegre. Outros centros eram completamente ignorados, obrigados a acompanhar as partidas apenas pela TV.

Devido a um aparente processo de “saturação” dessas praças mais tradicionais, hoje tem havido melhor distribuição dos jogos da Seleção Brasileira pelas diversas regiões do país. Em outubro de 2005, a partida entre o Brasil e a inexpressiva equipe da Venezuela, válida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2006, lotou o estádio do Mangueirão, em Belém-PA (na véspera do jogo, um simples treino recreativo da Seleção, com cobrança de ingressos, também teve o estádio lotado).

Nesse sentido, a proposta que se coloca é a de que se garanta um “rodízio” das praças em que as partidas da Seleção Brasileira são realizadas, possibilitando que elas sejam presenciadas “in loco” por fãs de todos os cantos do país.

#### 5.1.4 Concessão de incentivos fiscais a clubes

A formação dos jovens atletas é outra preocupação importante. No passado, os chamados “clubes pequenos”, em especial os do interior do estado de São Paulo e os dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, eram considerados “celeiros” de jogadores, pela quantidade de jovens futebolistas que surgiam em suas divisões de base. Atualmente, com dificuldades financeiras para manter essas divisões, muitos desses clubes pequenos modificaram sua política: passaram a contratar jogadores já veteranos, por curtos períodos, em geral restritos à duração de um campeonato. Como consequência, está cada vez mais difícil o surgimento de novos craques; além disso, mergulhados em dívidas, diversos desses clubes tradicionais encerraram suas atividades futebolísticas.

Para estimular os clubes a darem mais atenção às suas divisões de base, sugere-se que sejam concedidos incentivos fiscais aos que provarem fazer investimentos sérios e abrangentes nas categorias menores (especialmente os que tiverem preocupações educacionais). Outra possibilidade seria a facilitação de parcerias e patrocínios através de leis semelhantes às de incentivo à cultura (como a lei Rouanet, por exemplo), já que o Futebol é, sim, uma importante manifestação cultural do Brasil, como este trabalho procura mostrar em seus demais capítulos.

Em março de 2006, o presidente Lula anunciou que enviaria ao Congresso Nacional um projeto de lei de incentivo fiscal ao esporte em geral. Com isso, atenderia à reivindicação do professor José Vicente de Andrade, que escreveu: *“como o lazer é meio subsidiário de geração, conservação e garantia de bem-estar para os cidadãos, o estado deve interessar-se por ele, pelo menos no que concerne aos aspectos de educação e cultura, saúde e assistência. Por conseguinte, tem sob sua responsabilidade o ordenamento social que propicie bons encaminhamentos aos recursos das ofertas e à satisfação das demandas.”*<sup>150</sup>

#### 5.1.5 Preservação e conservação do patrimônio cultural material

Alguns bens materiais de importância histórica para o Futebol carecem de melhores cuidados e maior atenção. O exemplo mais evidente é o monumento ao time do Club Athletico Paulistano que, em 1925, empreendeu vitoriosa excursão à Europa. Localizado em frente à sede do clube, no bairro do Jardim América, em São Paulo, o monumento se encontra em precário estado de conservação, descaracterizado e com pichações. Aparentemente, por não mais se dedicar ao Futebol profissional, o clube se desinteressou pela obra. De acordo com a terminologia usual, este trabalho propõe, a curto prazo, a restauração e a conservação desse monumento, bem como sua preservação, com sua inclusão na lista dos bens culturais tombados do município de São Paulo. A mesma atenção deve ser dada à estátua de Bellini, à frente do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, antes que ela também se deteriore. A médio prazo, propõe-se que se faça um inventário do patrimônio cultural material do Futebol brasileiro, a fim de se facilitar sua conservação.

#### 5.1.6 Preservação dos espaços para a prática do Futebol

Outra preocupação é com o gradativo processo de desaparecimento, nas grandes cidades, dos tradicionais campos de várzea, fonte inesgotável de jovens jogadores, e importantíssimas áreas de Lazer para a população. A especulação imobiliária, a escassez de espaços e até o oportunismo político têm sido os grandes vilões, responsáveis pela redução do número de campos de várzea. Um exemplo é o desaparecimento dos campos do “Parque do Povo”, área às margens do rio Pinheiros, próxima à ponte Cidade Jardim, em São Paulo, pois, como denunciou o cineasta Ugo Giorgetti, *“a intenção é manter a área verde, construir pistas de corrida*

<sup>150</sup> ANDRADE, 2001, p.61

*para os felizardos moradores dos magníficos edifícios da redondeza, criar belas alamedas para passeios, e naturalmente expulsar os campos de várzea que, na opinião de alguns, não combinam com nada disso. A idéia embute o que de pior infelicitava esta cidade: valorização de propriedades custe o que custar em termos sociais, segregacionismo, exclusivismo, e sobretudo, negação total da idéia de que certas coisas não têm preço. Tradições, por exemplo.”*<sup>151</sup>

Este trabalho propõe que os campos de várzea das grandes cidades sejam preservados e, se possível, que seu número seja ampliado.

### **5.1.7 Instituição do “Salão da Fama” do Futebol Brasileiro**

Com inspiração nos “halls of fame” dos esportes profissionais norte-americanos, este trabalho propõe que seja instituído o “Salão da Fama” do Futebol Brasileiro, para o qual seriam nomeados os grandes jogadores do nosso Futebol. Para poder ser indicado, um jogador teria que atender alguns requisitos, tais como: estar aposentado há pelo menos 5 anos e ter tido no máximo 10 expulsões na carreira, além de ter seu nome aprovado por uma consulta popular. Os escolhidos receberiam uma homenagem da CBF, numa cerimônia solene a ser transmitida pela TV, e teriam franqueada sua entrada em qualquer praça esportiva do país.

### **5.1.8 Instituição do “Dia Nacional do Futebol”**

Embora poucos saibam, em 19 de julho comemora-se, no Brasil, o “Dia Nacional do Futebol”, pois nessa data, em 1900, foi fundado, pela colônia alemã da cidade de Rio Grande-RS, o Sport Club Rio Grande, considerado o clube de Futebol mais antigo do Brasil, dentre os que mantêm atividade profissional.

No entanto, com o objetivo de reforçar a conscientização da importância do Futebol como patrimônio cultural do Brasil, propõe-se que o “Dia Nacional do Futebol” passe para uma data móvel (por exemplo, todo penúltimo domingo do mês de outubro, ficando próximo ao dia 23 de outubro, aniversário de Pelé). Esse dia seria celebrado em todo o país, com a realização de torneios de Futebol nas escolas públicas (que estariam abertas aos alunos e a seus pais); com a liberação da cobrança de ingressos nas partidas dos campeonatos profissionais; com a realização de um amistoso da Seleção Brasileira; com a homenagem a jogadores de destaque do passado e do presente (por exemplo, a cerimônia da indicação ao “Salão da Fama” daquele ano); etc.

## **5.2 Erradicação da violência**

Sem dúvida, o maior obstáculo para que o Futebol atraia turistas circunstanciais e mesmo novos torcedores aos estádios é o temor de serem vítimas de atos de violência.

O problema da violência entre torcidas não é exclusivo do Brasil. Ele teria surgido na Inglaterra, entre membros de torcidas organizadas, lá chamados de “hooligans”, e teria se propagado para outros países europeus, como a Alemanha e a Escócia. Com algumas medidas duras, conseguiu-se certa redução nos níveis da violência na Europa, mas, às vezes, ela recrudescer.

No Brasil, pequenas desavenças entre torcedores sempre foram relativamente comuns, principalmente depois da implementação do profissionalismo, no início dos anos 30. Com o surgimento das torcidas organizadas, os desentendimentos aumentaram, levando, a partir dos anos 70, à intensificação do policiamento em dias de jogos e à separação, nas arquibancadas, de torcidas de times rivais.

Em 1995, no estádio do Pacaembu, em São Paulo, acabou ocorrendo uma tragédia havia muito já anunciada. Numa partida sem a cobrança de ingressos, disputada entre as equipes de juniores do São Paulo e do Palmeiras, um conflito generalizado entre torcedores, dentro do gramado, transformou-se numa verdadeira batalha campal, que teve pedaços de pau e pedras como armas, e que acabou deixando o saldo de um morto e dezenas de feridos.

Infelizmente, apesar da dura intervenção da Promotoria Pública, que, através do promotor Fernando Capez, passou a fiscalizar mais de perto as torcidas organizadas e, inclusive, a ameaçá-las de extinção, outros graves conflitos foram se sucedendo ao longo dos anos, dentro dos estádios e, principalmente, fora deles (em estações de metrô, bares, vias públicas), causando aproximadamente duas dezenas de vítimas fatais, apenas na capital paulista.

Os conflitos, porém, não envolveram apenas torcidas rivais. Dois anos depois do lamentável incidente do Pacaembu, elementos da torcida organizada *Gaviões da Fiel* prepararam uma verdadeira

<sup>151</sup> GIORGETTI, 19/2/2006, p.C1

emboscada para o ônibus em que a delegação do clube viajava, no retorno da cidade de Santos, após uma derrota. O ônibus foi interceptado por um bloqueio em plena rodovia dos Imigrantes, vidros foram quebrados por pedradas, a lataria do veículo foi amassada, o motorista se feriu, os jogadores foram ameaçados, e só não se consumou uma agressão física graças à intervenção dos seguranças contratados pelo clube. Ninguém foi preso.

É inegável que, pelo seu entusiasmo e pela paixão por seu clube, as torcidas organizadas promovem belos espetáculos nas arquibancadas. É provável, também, que a maioria dos seus componentes sejam cidadãos de bem, que têm no Futebol apenas uma forma de Lazer e de extravasamento. Mas não há dúvida de que são estas organizações as grandes responsáveis pelo clima de violência e de insegurança que vigora na maioria dos grandes clássicos do Futebol brasileiro, e que afasta o torcedor “comum” dos estádios.

Por esse motivo, algumas das propostas aqui apresentadas referem-se às torcidas organizadas. As propostas são:

- conscientização dos membros das torcidas organizadas
- cadastramento dos membros das torcidas organizadas
- redução da tolerância para com os infratores
- veemência na repressão ao consumo de drogas nos estádios
- incentivo à presença de mulheres e crianças
- promoção de entretenimentos diversos antes e nos intervalos das partidas

### **5.2.1 Conscientização dos membros das torcidas organizadas**

Através de palestras e reuniões, o promotor Capez e algumas autoridades policiais já vêm exercendo um trabalho de conscientização de alguns elementos das torcidas organizadas, especialmente seus líderes, com resultados ainda insatisfatórios. Há que se reconhecer que não é uma tarefa fácil. Individualmente, essas pessoas parecem ser compreensivas e se dizem dispostas a colaborar. Quando, porém, se unem a seus companheiros, costumam sofrer uma brutal transformação, e suas boas intenções desaparecem. Talvez, para tratar com eles, se pudesse utilizar os serviços de profissionais especializados, como psicólogos e assistentes sociais.

### **5.2.2 Cadastramento dos membros das torcidas organizadas**

Além de manterem abertos os canais de comunicação com as torcidas organizadas, as autoridades policiais deveriam providenciar para que seus membros fossem detalhadamente fichados e cadastrados, a fim de que se disponibilizassem rapidamente informações como nome, identidade, endereço, fotos, etc. Ações nesse sentido têm sido tentadas sem mostrarem, até agora, um resultado eficaz.

### **5.2.3 Redução da tolerância para com os infratores**

Freqüentemente, os policiais que atuam nos estádios fazem detenções de infratores, que, no entanto, acabam sendo liberados logo em seguida. Muitas vezes, nem se lavra um boletim de ocorrência. Acredita-se que seria possível uma redução da violência caso a tolerância às infrações fosse menor, e os infratores fossem duramente punidos. A instalação de distritos policiais no interior dos grandes estádios poderia colaborar para a resolução deste problema.

### **5.2.4 Veemência na repressão ao consumo de drogas nos estádios**

Mais recentemente, tem sido notada, nas arquibancadas, a eventual presença de consumidores de drogas (o autor deste trabalho já testemunhou, pessoalmente, o uso de maconha). Não se pode admitir que isso ocorra no interior dos estádios de Futebol! O consumo de drogas tem que ser reprimido com veemência, sem nenhuma tolerância! O esporte está ligado à saúde e à vida, jamais às drogas!

### **5.2.5 Incentivo à presença de mulheres e crianças**

Uma curiosa constatação é a de que quanto maior o número de mulheres e crianças entre os torcedores, menores são as chances de se verificarem atos de violência. Aparentemente, um ambiente mais familiar acaba inibindo a ação dos mais exaltados. Nesse sentido, a proposta é que se incentive a freqüência de mulheres e crianças nos estádios, através de campanhas promocionais, descontos especiais para ingressos familiares, contratação de recepcionistas treinados para lidar com esse tipo de público, maior cuidado com a manutenção da limpeza dos sanitários, etc. Deve-se reconhecer que, nos últimos anos, a Federação Paulista de Futebol tem procurado pôr em prática algumas dessas idéias, mas de modo ainda tímido.

### 5.2.6 Promoção de entretenimentos diversos

Finalmente, acredita-se que, se fossem programadas outras formas de entretenimento, tanto para o período que antecede as partidas quanto para o seu intervalo, além de se atrair mais público, seriam reduzidas as ocorrências policiais, pois os torcedores se manteriam distraídos nos momentos em que, geralmente, não têm nada a fazer. Outra possibilidade seria uma melhor utilização dos telões existentes nos grandes estádios, que poderiam exibir lances de outros jogos, outros eventos esportivos, “video-clips” musicais, etc. (hoje, esses telões se limitam a mostrar o placar do jogo e a exibir mensagens ou filmes publicitários).

### 5.3 “Estatuto do Torcedor”

No dia 15 de maio de 2003, foi promulgada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva a lei n.10.671, que ficou conhecida como “Estatuto do Torcedor”.

Fruto de intensa discussão entre representantes de diversos segmentos da sociedade ligados a esportes (dirigentes esportivos, atletas, jornalistas, políticos, etc.), o Estatuto do Torcedor, em seus 12 capítulos e 45 artigos, procura defender, pela primeira vez na história, os interesses e os direitos de qualquer pessoa que assista a um evento esportivo. Não necessariamente esse evento é um jogo de Futebol, mas é evidente que foi o Futebol a principal preocupação da lei.

Os principais tópicos do estatuto são:

- a transparência da competição
- o regulamento da competição
- a segurança do torcedor
- a venda de ingressos
- o transporte do torcedor
- a alimentação e a higiene
- a arbitragem
- os clubes
- a justiça desportiva
- as penalidades

Em relação à transparência da competição, a lei determina que o regulamento e a tabela dos campeonatos sejam amplamente divulgados, bem como o “borderô” (renda e público) de cada partida. Obriga-se que seja nomeado um ouvidor geral da competição, a quem podem ser dirigidas reclamações ou sugestões.

O regulamento da competição deve, obrigatoriamente, obedecer a critérios exclusivamente técnicos no que se refere à escolha das equipes participantes, e não pode ser alterado durante o campeonato.

Cabe ao mandante de cada partida a responsabilidade pela segurança dos torcedores, sendo, inclusive, obrigado a providenciar uma ambulância para cada 10 mil torcedores presentes.

Os ingressos para cada partida devem ser colocados à venda com antecedência, em pelo menos cinco pontos de venda, e devem ser todos numerados, tendo o torcedor o direito de ocupar o assento correspondente a esse número. Os estádios devem ter suas capacidades determinadas por laudos técnicos, e a venda de ingressos acima dessa capacidade acarreta pesadas punições.

O acesso e o transporte dos torcedores aos estádios devem ser garantidos de modo seguro e organizado. Os produtos alimentícios vendidos nos estádios devem ser fiscalizados pela vigilância sanitária, e não podem ter preços extorsivos. Os estádios devem possuir sanitários em quantidade compatível com sua capacidade, e devem ser mantidos em plenas condições de limpeza e funcionamento.

A arbitragem dos jogos deve ser independente e imparcial. Os árbitros devem ser escolhidos mediante sorteio.

O estatuto prevê uma série de penalidades aplicáveis aos clubes, aos dirigentes ou aos torcedores que cometerem infrações que desrespeitem seus artigos.

O estatuto veio atender antigas reivindicações dos torcedores. Depois de sua promulgação, pôde-se perceber que o torcedor passou a merecer um pouco mais de respeito. Como consequência, notou-se que foi conseguida uma pequena reversão do preocupante afastamento dos torcedores dos estádios.

No entanto, ainda ocorre com o estatuto do torcedor o mesmo que acontece com tantas outras leis no Brasil: alguns de seus artigos, embora muito bons no papel, acabam não sendo postos em prática isto é, não “pegam”. É o caso, por exemplo, da numeração dos assentos. Faz parte da cultura do torcedor sentar-se em

qualquer lugar (inclusive nas escadas e áreas de circulação), sem respeitar o número de seu ingresso; parece impossível que esse costume seja alterado. Também por culpa dos próprios usuários, a limpeza dos banheiros deixa muito a desejar.

Este trabalho propõe, portanto, que o estatuto do torcedor seja constantemente revisado, atualizado e aprimorado, e que se faça um esforço, se necessário com a atuação dos órgãos de defesa do consumidor, para que seus artigos sejam de fato cumpridos, aplicando-se com rigor as penalidades previstas a seus infratores.

## **5.4 Divulgação interna**

Para que um evento qualquer receba uma boa afluência de público é fundamental que ele seja bem divulgado. Sendo assim, este trabalho se preocupa com os seguintes tópicos:

- divulgação em publicações de programação de lazer
- distribuição de material de divulgação em locais de grande fluxo de turistas

### **5.4.1 Divulgação em publicações de programação de lazer**

No caso dos jogos de Futebol, os cadernos de esportes dos jornais diários e os programas esportivos de rádio e televisão são os principais veículos para sua divulgação ao público interessado.

No entanto, há uma parcela da população que não costuma acessar esse tipo de veículo, mas que, eventualmente, poderia se interessar por um evento futebolístico, caso fosse informada sobre sua realização. Essas pessoas, como turistas e eventuais visitantes de cidades grandes, servem-se de outras fontes de informação, que geralmente não abordam os jogos de Futebol.

A revista semanal *Veja*, por exemplo, é distribuída nas grandes cidades acompanhada por uma edição especial — a chamada *Vejinha* — que traz informações diversas sobre Cultura e Lazer. No caso de São Paulo, a *Vejinha* freqüentemente é publicada com mais páginas do que a própria *Veja*, o que mostra a quantidade de opções de Lazer que a cidade oferece, além da alta centimetragem favorável à propaganda local. São divulgadas informações sobre bares, restaurantes, teatro, cinema, exposições, shows, rádio, TV, atrações infantis e até passeios e parques. Não são divulgados, porém, os eventos esportivos que ocorrerão na cidade naquela semana. Que razão teriam os editores dessa revista para sonegar esse tipo de informação? Será que eles não consideram os jogos de Futebol e os demais eventos esportivos como atividades de Lazer que possam interessar os seus leitores? Ou será omissão dos responsáveis pela divulgação dos esportes?

Este trabalho, portanto, propõe que as revistas de programas de Lazer e entretenimento tragam informações sobre jogos de Futebol, incluindo horário, local, situação dos times no campeonato, principais jogadores de cada time, preços e locais de vendas de ingressos — enfim, que o jogo seja apresentado como um espetáculo, à semelhança das demais atrações anunciadas por essas revistas.

Não se espere, no entanto, que essas revistas tomem essa iniciativa por conta própria. Cabe aos dirigentes e promotores do Futebol contratar profissionais competentes do ramo de assessoria de imprensa, que atuem junto às editorias dessas publicações, a fim de conseguirem a desejada divulgação de seus eventos.

### **5.4.2 Distribuição de material de divulgação**

Os jogos de Futebol poderiam, também, ser divulgados através de folhetos e de cupons com descontos promocionais direcionados a turistas. Nesse caso, esse material de divulgação deveria ser distribuído em aeroportos, estações rodoviárias, hotéis e centros comerciais. Os postos de informações turísticas e os centros de convenções e de exposições também deveriam possuir material de divulgação, não só sobre os eventos, mas também sobre os clubes e as praças esportivas.

Da mesma forma que os jogos, deveriam ser divulgadas outras atrações culturais ligadas ao Futebol, como os memoriais dos clubes abertos para a visitação (atualmente, o São Paulo e o Corinthians, na capital paulista, e o Santos, na Baixada Santista, possuem seus memoriais).

É importante observar que se deve procurar produzir material de divulgação com qualidade de texto e de impressão, que, de fato, atraia o turista. No entanto, só isso não é suficiente. É necessário, também, que o pessoal que mantém contacto com o turista esteja preparado para isso, se necessário através de algum tipo de treinamento. Esse pessoal deve mostrar conhecimento sobre os eventos, e falar sobre eles aos turistas, com segurança e entusiasmo.

## 5.5 Educação

Este trabalho baseia-se na convicção de que o Futebol é um dos mais importantes patrimônios culturais do Brasil, o que deve ser um motivo de orgulho para o cidadão brasileiro.

Mário Jorge Pires faz uma interessante análise da estratégia empregada no ensino de História, no Brasil, como reação ao período de governo militar. Tendo a antiga forma factual de se estudar História se transformado na por ele chamada “*grande síntese*” imposta pelos novos educadores (que, como ele diz, veio como um “*rolo compressor*” sobre tudo o que havia, de bom e de ruim), ele mostra as conseqüências desastrosas dessa transformação: a eliminação dos símbolos cívicos, a falta de identidade e de heróis, o desaparecimento dos regionalismos e o surgimento de um sentimento derrotista no povo brasileiro<sup>152</sup> (será que estaria voltando o “complexo de vira-latas” detectado por Nelson Rodrigues após a derrota de 1950?).

A comparação com nossos vizinhos argentinos e a lembrança do polêmico confronto entre Pelé e Maradona são inevitáveis. Jocosamente, se diz que os argentinos consideram Maradona “*o melhor jogador de Futebol do mundo... e um dos melhores da Argentina!*”. Numa enquete entre internautas promovida pela FIFA, em 2000, para apontar o jogador do século, Pelé foi clamorosamente batido por Maradona. E nós, brasileiros, aceitamos passivamente isso — o que é pior, há até quem concorde com “*nuestros hermanos!*”

Não há termos de comparação entre os dois jogadores. Maradona foi, de fato excepcional. Todavia, qualquer observador neutro, isento de paixões, reconhece que “*El Pibe*” está “*anos-luz*” atrás do “*Rei*”. Pelo que Pelé representou — e ainda representa — no Futebol mundial, ele deveria ser reverenciado com máxima admiração e respeito em todos os cantos do Brasil.

E, no entanto, há uma certa faixa da população, uma certa “*elite intelectual*”, que supervaloriza pequenos desvios de comportamento do cidadão Edson Arantes do Nascimento para diminuir ou ignorar os feitos e a importância do atleta Pelé.

O próprio Pelé declarou: “*No resto do mundo sou tratado de uma forma, no meu país de outra. Por que isso acontece? Acho que os brasileiros são muito exigentes com seus ídolos. Preferem apoiar quem está por baixo - é um traço cultural, enraizado em nossa psicologia. Às vezes, é como se estivessem mais preocupados em derrubar você do que valorizá-lo.*”

Esse tratamento dado a Pelé, que tanto incomoda o autor deste trabalho, é apenas um exemplo de um certo desconhecimento sobre a história do Futebol Brasileiro. Outro caso curioso teve como protagonista o presidente Lula, notório praticante e torcedor do esporte. Em 2006, em visita à Inglaterra, falando ao Parlamento inglês, em tom de brincadeira Lula fez um comentário sobre a derrota, dias antes, do campeão inglês Chelsea para o Barcelona de Ronaldinho Gaúcho, dizendo que se fosse vivo, o “*inglês*” Charles Miller estaria arrependido por ter introduzido o Futebol no Brasil. Com essa sua afirmação, Lula provou não saber — e, provavelmente, a maioria dos que já ouviram falar em Charles Miller também não saiba — que o “*pai*” do Futebol brasileiro era paulistano do Brás, filho de escocês e brasileira, e passou na Inglaterra apenas 10 anos, dos quase 80 que viveu. Mais do que a ignorância do presidente, que mal chegou ao segundo ano primário, há que se lamentar a pequena repercussão do fato na imprensa, tão ávida em apontar gafes nos discursos presidenciais (no dia seguinte, a *Folha de S. Paulo* apenas citou as palavras de Lula, sem destacar o equívoco, enquanto *O Estado de S. Paulo* ignorou totalmente a declaração). Terão os jornalistas também ignorado a nacionalidade correta de Charles Miller? Como curiosidade: em seu programa de entrevistas na *TV Globo*, em maio de 2006, Jô Soares deixou evidente, também, seu desconhecimento sobre a origem de Charles Miller. E mais: no mesmo mês, Mr. Miles, o cavalheiro inglês articulista do caderno de Viagens do jornal *O Estado de S. Paulo*, e que se intitula “*o homem mais viajado do mundo*”, chamou Charles Miller de “*meu compatriota*”.

Sendo assim, deliberadamente ou por ignorância, acaba sendo diminuída a importância do Futebol no Brasil, da mesma forma como se faz com outros aspectos de nosso riquíssimo patrimônio cultural. Como conseqüência, como aponta Mário Jorge Pires, inexistente o orgulho pelo nosso legado cultural, o que acaba reforçando a idéia de que o país só tem mesmo como atrativos turísticos a beleza de sua natureza e de suas mulheres.

Um outro ponto a ser considerado é a concorrência que o Futebol tem sofrido com outros esportes, especialmente os chamados “*radicais*” que, de acordo com Mário Jorge Pires, pelo seu apelo ecológico e de culto ao corpo, ultimamente vêm ganhando muitos adeptos entre os mais jovens. Sem querer cometer o mesmo erro de avaliação que pensadores de peso cometeram no início do século XX ao contestarem o Futebol

<sup>152</sup> PIRES, 2001, p.73-80

por ser ele estranho à nossa cultura, e sem querer deixar de reconhecer os benefícios advindos da prática dos esportes radicais, o que se deseja é que os jovens ao menos conheçam um pouco da história do Futebol brasileiro, das suas conquistas e do respeito que o mundo lhe devota.

Portanto, o que se defende, neste item, é a atenção que deve ser dada ao Futebol pela educação formal, através de sua inclusão nos currículos escolares nos diversos níveis de ensino.

Devem-se ressaltar as ações de alguns jogadores e ex-jogadores em favor da educação de crianças e jovens de comunidades carentes do Brasil. Os precursores foram Raí e Leonardo que, em 1998, criaram a *Fundação Gol de Letra*, que hoje atende mais de mil pessoas no bairro do Tremembé, em São Paulo, e, em breve, deverá ter outra sede, no Rio de Janeiro. Em 2000, foi a vez de Bebeto e Jorginho criarem o *Instituto Bola pra frente*, em Guadalupe, bairro pobre do Rio de Janeiro. Depois surgiu a *Fundação Cafu*, criada pelo capitão do “penta” no Jardim Irene, em São Paulo. O atual técnico da Seleção Brasileira, Dunga, procura captar recursos para seu projeto *Esporte Clube Cidadão*, em Porto Alegre-RS. Ronaldo, o Fenômeno, investiu os recursos necessários para a construção de um prédio de 6 andares da Universidade Estácio de Sá, no campus de Taquara, zona oeste do Rio de Janeiro. E até jogadores mais jovens, como Edmilson e Diego, estão envolvidos em projetos semelhantes, chamados, respectivamente, de *Semeando Sonhos* (em Taquaritinga-SP) e *Gol Amigo* (em Ribeirão Preto-SP).

As propostas aqui apontadas podem ser resumidas da seguinte forma:

- Ensino Básico
  - inclusão do tema Futebol em disciplinas diversas
  - visitas a clubes, estádios e exposições
  - comparecimento a treinos de equipes profissionais
- Ensino Médio
  - discussão de temas sociais relacionados com o Futebol
  - promoção de palestras com profissionais ligados ao Futebol
  - exibição de filmes e de peças teatrais sobre Futebol
  - realização de jogos estudantis como preliminares de jogos entre profissionais
- Ensino Superior
  - inclusão do tema Futebol na disciplina “Cultura Afro-Brasileira”
  - inclusão do tema Futebol na disciplina “Patrimônio Cultural do Brasil”
  - incentivo à elaboração de pesquisas acadêmicas sobre Futebol

### 5.5.1 Ensino Básico

Há várias maneiras possíveis de se utilizar o Futebol em disciplinas do Ensino Básico. Textos simples sobre episódios marcantes do esporte podem ser incluídos nos livros de leituras, tanto de Português quanto de outros idiomas. As aulas de História do Brasil referentes ao fim do Império e à República podem estabelecer um paralelismo com a própria história do Futebol. Conhecimentos da História e da Geografia de alguns países poderiam ser estimulados quando eles estivessem envolvidos em competições futebolísticas internacionais.

Experiências semelhantes às propostas foram postas em prática por ocasião da Copa do Mundo de 2006, no Colégio Magno e na Prima Escola Montessori, ambos na zona sul de São Paulo, e ainda na Escola Castanheiras, em Tamboré, Barueri-SP. Para a coordenadora da Prima Escola Montessori, Teresinha Marília Schwenck, “*o importante é que os alunos percebam que o esporte é um meio de inclusão*”.

Como atividades extracurriculares, as crianças poderiam ser levadas a visitas a clubes em que se pratica o Futebol profissional. A maioria deles possui sala de troféus aberta à visitação, e alguns já dispõem de memoriais. Alguns estádios de Futebol também podem ser visitados em dias em que não haja jogos. Eventuais exposições relacionadas ao esporte podem, também, ser visitadas por grupos de jovens estudantes.

Para vivenciarem o Futebol mais de perto ainda, as crianças poderiam ser levadas a centros de treinamento de times profissionais. Se possível, elas deveriam manter um contacto pessoal com os jogadores, ganhando deles autógrafos e algum tipo de material promocional do clube, como flâmulas ou adesivos. Este contacto mais íntimo com o jogador de seu time reforçaria a paixão do pequeno torcedor. E, caso fosse ele torcedor de um time rival, serviria para eliminar, logo cedo, qualquer indício de sentimento de violência devido a essa rivalidade.

### 5.5.2 Ensino Médio

As possibilidades de uso do Futebol no Ensino Médio são ainda maiores. As temáticas da violência e do preconceito racial são alguns assuntos interessantes para serem discutidos com os jovens estudantes por sociólogos e educadores.

Jogadores, ex-jogadores, jornalistas, dirigentes e outros profissionais ligados ao Futebol poderiam ser convidados para palestras em que relatassem aspectos de suas atividades profissionais, auxiliando os jovens em sua difícil tarefa de terem que se definir profissionalmente.

Filmes e peças de teatro que abordam o Futebol poderiam ser exibidos aos alunos em sessões especiais e, depois, discutidos com seus diretores e atores.

O comparecimento de grupos de alunos a jogos poderia ser incentivado, especialmente se houver torcedores de times diferentes nesses grupos. É importante que os jovens entendam e pratiquem a tolerância a torcedores de times rivais, e tenham com eles uma convivência sadia e pacífica.

As escolas poderiam, ainda, ser convidadas para disputar torneios estudantis em preliminares de jogos entre profissionais. Dessa forma, os garotos, ao se exibirem perante a torcida, já estariam vivenciando situações mais próximas da realidade dos jogadores.

Algumas ações isoladas nesse sentido já vêm sendo tomadas. O colégio Ítaca, de São Paulo, passou a oferecer, dentre as disciplinas especiais (que poder ser escolhidas pelos alunos), uma que aborda a história do Futebol, voltada para estudantes do Ensino Médio. Percebendo que o “*Futebol é, de certa forma, um espelho da sociedade brasileira*”, o professor de história João Paulo Streapco, responsável pelo curso, afirma que “*a forma mais rica de estudar o Futebol é observando também como a realidade social influencia cada fato*”.<sup>153</sup>

### 5.5.3 Ensino Superior

Por determinação do Ministério da Educação e Cultura, os cursos superiores no Brasil deverão incluir, em seus currículos, estudos sobre a *Cultura Afro-Brasileira*. Um tema excelente para esses estudos poderia ser o Futebol, uma vez que é inegável a importância que a raça negra teve, e ainda tem, no desenvolvimento e na popularização do esporte no Brasil. O interessantíssimo livro *O negro no Futebol brasileiro*, de Mario Filho, poderia servir como apoio para esses estudos.

Mais especificamente nos cursos de Turismo e em outros em que esteja incluída, a disciplina *Patrimônio Cultural do Brasil* deveria abordar o Futebol em pelo menos uma de suas aulas. Acredita-se que partes deste trabalho possam ser aproveitadas por esta disciplina.

Finalmente, mesmo que tenha sido constatada a existência de um razoável número de trabalhos acadêmicos sobre Futebol, devem ser incentivadas as pesquisas e os grupos de pesquisadores sobre esse tema.

## 5.6 Divulgação externa

Como este trabalho mostrou, é muito forte a imagem do Brasil no exterior, como o “País do Futebol”. Para alguns, essa imagem é prejudicial ao país, e deveria ser combatida. Para este trabalho, porém, o fato de o Brasil ser conhecido no exterior como o “País do Futebol” lhe é extremamente benéfico, e deve ser constantemente reforçado. Nesse sentido, devem ser aproveitadas todas as oportunidades de divulgação dessa imagem lá fora.

Dentre as formas de divulgação do Brasil no exterior, são aqui destacadas:

- exposições, feiras e outros eventos culturais
- jogos amistosos da Seleção Brasileira principal
- participação em torneios das seleções de novos
- utilização de jogadores como “garotos-propaganda”
- atuação de torcedores brasileiros
- ações e eventos durante as Copas do Mundo

### 5.6.1 Exposições, feiras e outros eventos culturais

Anualmente, realizam-se no mundo eventos culturais internacionais dos mais variados tipos: exposições artísticas, feiras literárias, festivais de cinema, etc. Neles, os países participantes têm a chance de mostrar sua produção artística e cultural. Aos poucos, o Brasil vem ganhando destaque nesses eventos. Apesar

<sup>153</sup> LEAL, 11/2005, p.19

de nossas dificuldades econômicas, próprias de um país ainda em vias de desenvolvimento, a criatividade e a originalidade dos representantes brasileiros têm conquistado inúmeros prêmios. A sugestão é que, sempre que possível, sejam apresentadas obras que se relacionem com o Futebol, mostrando sua importância na vida do país.

### 5.6.2 Jogos amistosos da Seleção Brasileira principal

Os jogos da Seleção Brasileira são, também, ótimas oportunidades de reforçar a imagem do país no exterior. O melhor exemplo disso foi o já citado “Jogo da Paz”, amistoso disputado em 2004, no Haiti, que levou ao delírio milhares de haitianos, dando um pouco de alegria à nação mais pobre das Américas, além de reforçar a simpática imagem que o Brasil tem lá. Os ganhos indiretos com esses jogos superam de longe o lucro financeiro neles auferido.

### 5.6.3 Participação em torneios das seleções de novos

A FIFA tem dado grande importância a torneios internacionais entre jovens, como forma de promover o Futebol, especialmente em países fora do Primeiro Mundo. O Brasil, em geral, tem obtido êxito nessas competições, graças ao talento inato de seus jovens futebolistas, apesar da flagrante falta de atenção dada às categorias de base pela maioria de nossos dirigentes. É importante que haja um esforço para que os bons resultados se mantenham, especialmente num momento em que nações emergentes no esporte — caso dos países africanos — ameaçam a hegemonia brasileira.

### 5.6.4 Utilização de jogadores como “garotos-propaganda”

Uma outra forma de divulgar o Brasil é explorar a imagem das grandes estrelas internacionais do Futebol. Se elas são capazes de vender os mais variados produtos, no mundo todo, por que não utilizá-los para a divulgação turística do próprio país? Astros como os dois Ronaldos, Kaká, Robinho, Roberto Carlos, Adriano e o eterno Pelé poderiam atuar como verdadeiros “garotos-propaganda” do Brasil, estimulando a vinda de turistas estrangeiros. Acredita-se que o rosto de Pelé tenha sido a segunda imagem mais conhecida no mundo, só perdendo para a da garrafa de *Coca-Cola*.

### 5.6.5 Atuação de torcedores brasileiros

Embora não sejam astros internacionais, os torcedores brasileiros que viajam para acompanhar “in loco” os jogos da nossa Seleção também poderiam fazer um papel semelhante. Pela sua descontração e simpatia, especialmente durante as Copas do Mundo, eles costumam ser alvo das atenções de órgãos de imprensa de todo o mundo, além de serem muito procurados para contacto por torcedores de outros países.

Sendo assim, propõe-se aqui que alguns desses torcedores brasileiros recebessem uma espécie de “kit-torcedor”, no qual seriam incluídos brindes para serem trocados (como chaveiros, fitinhas verde-amarelas, adesivos, etc.), além de folhetos e outros materiais com informações turísticas sobre o Brasil. Eles poderiam, também, levar, para serem distribuídos, alguns “vales”, que poderiam ser trocados por ingressos em estádios brasileiros, desde que seu portador provasse ser estrangeiro (por exemplo, apresentado um passaporte de um outro país).

Esses torcedores poderiam, ainda, receber algum tipo de “treinamento” para se portarem como uma espécie de “embaixadores” brasileiros. Nesse treinamento, receberiam informações sobre o país para o qual se dirigem, informações sobre a programação de eventos paralelos à Copa, uma relação de endereços e telefones úteis em casos de emergências, etc.

Certamente, não seria difícil arregimentar voluntários para desempenhar esse papel, com bons resultados para a imagem do país.

### 5.6.6 Ações e eventos durante as Copas do Mundo

Ao longo do mês em que se disputa uma Copa do Mundo, aproveitando-se da presença de centenas de milhares de turistas estrangeiros em seu território e da motivação de milhões de torcedores dentre seus próprios cidadãos, o país anfitrião costuma organizar eventos paralelos ao torneio, muitos deles em parceria com outros países participantes, que têm a chance de exibirem aspectos de sua cultura. Oportunidades como essas são excelentes e devem ser aproveitadas por divulgadores do Turismo brasileiro. Não faltaram exemplos desses eventos durante a Copa da Alemanha, em 2006: a exposição de trabalhos de artistas plásticos brasileiros com a temática do Futebol na Embaixada do Brasil em Berlim; a exposição *Pelé Station - the legend in action*, de 3,5 mil m<sup>2</sup>, na movimentada estação de metrô de Potsdamer Platz, também em Berlim; a *Casa*

*Placar*, anexa ao Museu dos Esportes, em Colônia, que abrigou uma exposição de fotos publicadas pela revista e promoveu festas para personalidades convidadas; e diversos shows musicais com artistas brasileiros, com destaque para Ivete Sangalo e Gilberto Gil.

Também na Alemanha, recreadores contratados pela Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) abordavam estrangeiros, nas ruas das cidades-sede e, com simpatia e bom-humor, os convidavam a relacionar fotos de quatro atrações turísticas do Brasil (Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e Foz do Iguaçu) com seus respectivos nomes, distribuindo brindes e folhetos informativos.

Ações desse tipo devem ser incentivadas e, se possível, ampliadas, desde que se empregue, nelas, doses corretas de imaginação, criatividade e ousadia.

## **5.7 Serviços em hotéis**

No Brasil, os hotéis quase não oferecem serviços relacionados com o Futebol. Ao que se sabe, apenas no Rio de Janeiro alguns hotéis indicam agências que levam turistas a visitas ou a jogos no Maracanã. Segundo Mário Jorge Pires, teríamos muito a aprender com os empreendedores do Turismo cultural norte-americano, que constantemente estabelecem parcerias com a rede hoteleira, a fim de que possam promover melhor seus produtos.

Este trabalho propõe que os hotéis disponibilizem a seus hóspedes alguns serviços que os aproximem do Futebol brasileiro, tais como:

- divulgação e oferta de “tour” com ida a jogo de Futebol
  - jogo noturno, no meio da semana
  - jogo vespertino, no fim de semana
- disponibilização de vídeos e filmes sobre Futebol, para exibição na TV do aposento
- oferta de aposentos com decoração com a temática do Futebol

### **5.7.1 Divulgação e oferta de “tour” com ida a jogo de Futebol**

É sabido que a cidade de São Paulo recebe uma grande quantidade de turistas de negócios que, quando têm a noite livre, eventualmente aproveitam para ir a um restaurante, a um cinema ou a um clube noturno. Por que não oferecer a estes turistas a possibilidade de assistir a um jogo no “País do Futebol”, com todo o conforto e segurança? Não teriam estes turistas o mesmo interesse nesse programa que teria um brasileiro medianamente informado sobre esportes em assistir a um jogo de basquete nos Estados Unidos?

Uma “van” poderia apanhar os turistas no seu hotel, e levá-los de volta logo após o término da partida. Opcionalmente, poderiam ser oferecidos os serviços de um guia bilíngüe, uma refeição (lanche ou jantar), alguma publicação com informações sobre os times envolvidos no jogo, brindes do clube anfitrião, etc. Nos fins de semana, havendo maior disponibilidade de tempo, os opcionais poderiam incluir um almoço, um passeio temático pela cidade e uma visita pelas dependências do estádio e/ou do clube onde o jogo se realiza.

### **5.7.2 Disponibilização de vídeos e filmes sobre Futebol**

Os hotéis poderiam, também, disponibilizar a seus hóspedes, em seus aposentos, a exibição de filmes sobre Futebol, ou mesmo de videoteipes de partidas importantes do passado (finais de Copas do Mundo, finais de campeonatos nacionais ou estaduais, jogos com a atuação de grandes craques brasileiros, etc.).

### **5.7.3 Oferta de aposentos decorados com a temática do Futebol**

Os hotéis poderiam, ainda, oferecer aposentos com decoração temática, com o tema Futebol. Certamente, os decoradores que atuam nesse segmento seriam capazes de criar ambientes de acordo com o clima de “País do Futebol”, lembrando a importância do “encantamento” do cliente, isto é, do seu envolvimento emocional com o produto turístico.

Novamente, assim como se comentou a respeito da divulgação, cabe aos promotores do Futebol a iniciativa de reivindicar esses serviços aos hotéis parceiros.

## **5.8 Roteiros temáticos**

A pesquisa feita detectou a existência, na cidade de São Paulo, de duas ofertas de roteiros temáticos com o tema Futebol.

Um dos roteiros, aberto aos associados do SESC-SP, é oferecido pela unidade da av. Paulista, e, em julho de 2005, incluía visitas, no período da manhã, ao Canindé, Parque São Jorge, Pacaembu e Parque Antarctica. Depois do almoço, no SESC-Pompéia, havia uma visita um pouco mais demorada ao estádio do

Morumbi e ao memorial do São Paulo. Note-se que, na ocasião, nem o memorial do Corinthians nem o Museu do Futebol haviam sido inaugurados.

O outro roteiro, o circuito turístico *São Paulo Esportivo*, oferecido pela agência *Graffit*, procura explorar “*o potencial desportivo da cidade de São Paulo através dos elementos característicos que referenciam a história do esporte no país*”. Os locais visitados são: o autódromo de Interlagos, o estádio do Morumbi, o Jockey Club de São Paulo, o Esporte Clube Pinheiros, o complexo esportivo do Ibirapuera e o estádio do Pacaembu.

Em algumas cidades brasileiras, é plenamente viável a criação de roteiros de passeios inspirados no tema Futebol. Esses passeios incluiriam visitas a:

- estádios
- clubes (memoriais, salas de troféus, lojas)
- centros de treinamento
- museus
- bares ou restaurantes temáticos

### **5.8.1 Estádios**

Alguns dos estádios brasileiros já oferecem a possibilidade de visitas monitoradas, individuais ou em grupos. Compreensivelmente, essas visitas não são possíveis em dias de jogos ou em horários de treinamento. As visitas podem incluir os vestiários, as salas de imprensa, as tribunas de honra e, até, um acesso ao gramado, mesmo que não seja permitida a entrada no campo de jogo (isto é, no interior das “4 linhas”). Alguns estádios possuem outras instalações esportivas anexas (ginásio de esportes, piscina, pista de atletismo) que, eventualmente, podem ser visitadas. Alguns possuem ainda algum tipo de museu.

### **5.8.2 Clubes (memoriais, salas de troféus, lojas)**

As visitas às sedes sociais dos grandes clubes têm horários limitados, pois a maioria possui dependências de uso exclusivo a seus associados. Essas sedes costumam apresentar, como principal atrativo, uma “sala de troféus”, onde seus torcedores podem vislumbrar suas glórias do passado. Em alguns casos, essas salas carecem de maiores cuidados; em outros, porém, seu acervo é utilizado na montagem de atraentes “memoriais”. Em geral, existe nas sedes uma loja ou “butique”, em que são vendidos artigos esportivos e produtos licenciados com a marca do clube. Algumas sedes sociais merecem ser visitadas apenas por sua arquitetura e pelo que representam na história de sua cidade (como as do Fluminense e do Botafogo, no Rio de Janeiro).

### **5.8.3 Centros de treinamento**

Nos dias de hoje, os grandes clubes costumam possuir centros de treinamento afastados de suas sedes. A visita pode ser interessante, caso seja permitida justamente durante um treino da equipe, o que possibilitaria um contacto direto com os jogadores, talvez até com o direito a autógrafos e fotos.

### **5.8.4 Museus**

Além dos memoriais de alguns clubes, poucos são os acervos com peças relacionadas ao Futebol. O autor deste trabalho visitou o do Maracanã e o da FPF, e sabe da existência do Museu do Futebol, no estádio Rei Pelé, em Maceió-AL; e do acervo de peças relativas a Pelé, em exposição na casa de um colecionador, que mora em São Vicente-SP. Em conversa particular, soube, também, dos planos de implantação de um grande museu do Futebol na Arena da Baixada, estádio do Atlético-PR, em Curitiba. Alguns desses locais são descritos no Apêndice II.

O grande atrativo nesta área, sem dúvida, é o Museu do Futebol, inaugurado em setembro de 2008 no estádio do Pacaembu, em São Paulo, e que merece considerações mais aprofundadas no próximo item.

### **5.8.5 Bares ou restaurantes temáticos**

Algumas cidades oferecem bares ou restaurantes com o ambiente e a decoração inspirados no Futebol, e que também merecem ser visitados. Eles podem, ainda, ser utilizados como pontos de descanso e restauração de roteiros mais longos, como é proposto a seguir.

### 5.8.6 Sugestões de roteiros

Os passeios, ao estilo “city-tour”, teriam o acompanhamento de guias especializados, treinados e, de preferência, bilíngües. Seria também bastante interessante que futebolistas do passado fossem convidados para acompanhar esses passeios, a fim de que pudessem relatar aos turistas algumas de suas experiências dentro de campo (a maioria dos jogadores, depois que encerram suas carreiras, não têm compromissos profissionais importantes).

A título de exemplos, são analisados, aqui, os possíveis roteiros nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, com base nas descrições dos atrativos dessas cidades, feita no Apêndice II deste trabalho.

O Rio de Janeiro tem a seu favor a disposição geográfica de suas atrações. Dos quatro grandes clubes da cidade, três deles (Fluminense, Botafogo e Flamengo) situam-se na zona sul, próximos à orla marítima e à região dos principais hotéis. O outro clube (o Vasco da Gama), embora um pouco mais distante, fica próximo ao estádio do Maracanã, sem dúvida a principal atração de um roteiro com o tema Futebol, e próximo, também, à sede do América, outro clube carioca tradicional. Essa relativa proximidade entre os atrativos, sem inibidores geográficos significativos (os potenciais obstáculos, constituídos pelos muitos morros do Rio de Janeiro, podem ser superados por uma razoável rede de túneis e de vias expressas) favorecem a “alavancagem múltipla”, fator que é de fundamental importância na medição da atratividade dos pontos a serem visitados.<sup>154</sup>

Pela proximidade dos atrativos, um roteiro que se inicie na sede do Flamengo e depois passe pelas sedes do Botafogo, do Fluminense, do América e do Vasco, terminando no Maracanã, pode levar cerca de 4 ou 5 horas, dependendo do interesse dos turistas.

Já em São Paulo, os possíveis pontos de interesse estão bem mais espalhados: os clubes de Futebol profissional estão nos quatro pontos cardeais (Portuguesa na zona norte, São Paulo na zona sul, Corinthians na zona leste e Palmeiras na zona oeste); o estádio do Pacaembu, na zona central; e os clubes “históricos”, alinhados pelo eixo rua Augusta — av. Cidade Jardim. Além das distâncias, o trânsito paulistano também conspira contra a possibilidade de um “tour” completo, com duração inferior a 6 horas.

Em função da disponibilidade de tempo e das condições de trânsito, pode-se fazer, em São Paulo, um roteiro que englobe algumas das seguintes atrações: memorial do São Paulo e estádio do Morumbi — Pinheiros — Paulistano — SPAC — estádio do Pacaembu — museu da FPF — centros de treinamento do São Paulo e do Palmeiras — estádio do Nacional — estádio do Palmeiras — estádio da Portuguesa — memorial do Corinthians — memorial de Julinho Botelho — estádio do Juventus.

Em *O que é Lazer*, o professor Luiz Octávio de Lima Camargo afirma: “os bares, mais do que um ponto de consumo de comidas e bebidas, são uma pausa no passeio para um melhor desfrute dessas possibilidades de contemplação e de encontro. Um bom roteiro de lazer de uma cidade sempre os inclui”.<sup>155</sup> Sendo assim, para repor as energias e matar a sede dos turistas durante o passeio, pode ser sugerido qualquer um dos cinco bares temáticos (dependendo de seus horários de funcionamento): o *Bar do Elias*, o *Pátio Terceiro Tempo*, o *Bar do Elídio*, o *São Cristóvão* ou o *Boleiros*.

De acordo com a disponibilidade de tempo dos turistas, pode-se sugerir, ainda, uma visita ao “Memorial das Conquistas”, no estádio de Vila Belmiro, e ao acervo de objetos sobre Pelé expostos na casa do Sr. Meireles, ambos na Baixada Santista.

## 5.9 Museus

Se há uma área na qual o Futebol ainda tem um longo caminho a percorrer, no sentido de dar sua contribuição ao Turismo e ao Lazer, esta é, sem dúvida, a da Museologia.

Depois do que foi exposto neste trabalho, principalmente em seu segundo tempo, com o time da Cultura F.C., chegava a ser surpreendente, para não se dizer desanimador, que o Brasil tivesse tão poucos e tão modestos museus e memoriais sobre Futebol, a maioria em precárias condições.

Por ocasião da realização desta pesquisa (2006), existiam no Brasil:

<sup>154</sup> PIRES, 2001, p.8-17

<sup>155</sup> CAMARGO, 1986, p.63

- o museu do Estádio Rei Pelé, em Maceió-AL
- o projeto do memorial do jogador e técnico Telê Santana, em Itabirito-MG
- o museu da Federação Paulista de Futebol, em São Paulo
- o centro cultural do Maracanã, no Rio de Janeiro
- a casa do Sr. Meireles, em São Vicente-SP
- o memorial do São Paulo, no estádio do Morumbi, São Paulo
- o “Memorial das Conquistas” do Santos, no estádio da Vila Belmiro, em Santos-SP
- o memorial do Corinthians, no Parque São Jorge, São Paulo
- o memorial do jogador Julinho Botelho, em São Paulo

Pelas informações disponíveis na internet, o museu do estádio Rei Pelé parece ter um acervo bastante grande, variado e interessante. No entanto, de acordo com um visitante recente, o museu tem sérios problemas financeiros, e seu funcionamento só é possível graças à devoção de seu responsável, um “idealista” que o mantém com recursos próprios.

Foram registradas, ainda, duas grandes e importantes exposições temporárias, em dois dos mais conceituados museus do Brasil:

- *Pelé, a arte do Rei*
- *Universo Futebol*

A primeira realizou-se em 2002, no Museu de Arte de São Paulo, e apresentou fotos, pinturas, gravações, filmes, objetos pessoais, troféus, medalhas, flâmulas e depoimentos sobre Pelé, numa grande mostra que ocupou os dois pavimentos do subsolo do MASP.

A segunda, realizada no Museu de Arte Moderna e no Acervo Galeria de Arte, no Rio de Janeiro, em 1982, constituiu-se numa grandiosa mostra, com pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, objetos, cartuns, instalações, performances, xerografias, vídeos, filmes, troféus, camisas, bandeiras, desenhos infantis, textos e fotos publicados pela imprensa, mesas-redondas, manifestações livres com a participação do público e lançamento de livro.

Evidentemente, houve outras exposições que trataram do Futebol. Certamente, diversos clubes do Brasil abrem as portas de suas salas de troféus para a visitação por seus torcedores. Mas, mesmo assim, para o “País do Futebol”, o que se apresentava era muito pouco.

Só para se ter uma idéia do que existe pelo mundo, inclusive em lugares com muito menos tradições futebolísticas do que o Brasil, aqui v o alguns exemplos.

Em Amsterdã, Holanda, o complexo *World of Ajax*, além do modern ssimo *Amsterdam Arena*, abriga também o *Ajax Museum*, com fotos, uniformes, documentos e outros objetos do clube, além de vídeos em 3 dimensões e de um teatro para a projeção de filmes sobre o Ajax, principal clube holandês.<sup>156</sup>

Em Barcelona, Espanha, o *Museo del F tbol Club Barcelona* não se limita a expor camisas, fotos e troféus antigos, mas tudo o que possa lembrar o Barcelona, inclusive obras de arte assinadas por Joan Mir , Salvador Dalí, Pablo Picasso e Antoni T pies. Com isso, no ano de 2004, foi o museu mais visitado da Catalunha, com mais de 1 milhão de visitantes, 100 mil a mais do que o famoso e prestigiado *Museu Picasso*.<sup>157</sup>

No bairro da Boca, em Buenos Aires, Argentina, fica o *Museo de La Pasi n Boquense*, dentro do estádio de *La Bombonera*. O museu exibe vídeos de partidas históricas, gols, fotos de ex-jogadores e de conquistas e um grande painel dedicado a Diego Maradona. A grande atração, porém,   a sala de cinema em formato de bola, na qual o visitante tem a sensação de participar de uma partida de Futebol.<sup>158</sup>

Até em Montecarlo, no principado de M naco, cenário ligado às corridas de Fórmula 1, mas estranho ao Futebol, existe a *The Champions Promenade*, uma calç da ao estilo de Hollywood que conta com as pegadas dos maiores craques de todos os tempos e que, desde 2005, ostenta as marcas dos p s de Roberto Rivelino.<sup>159</sup>

<sup>156</sup> ESTÁDIO, 5/10/1999, p.E2

<sup>157</sup> LEAL, 07/2005, p.62

<sup>158</sup> MUSEU, 1/6/2004, p.V10

<sup>159</sup> P , 26/8/2005, p.D6

Já o acervo de cerca de 100 objetos ligados ao lendário Ferenc Puskas, astro húngaro da Copa do Mundo de 1954, foi adquirido, pouco antes de seu falecimento, por uma empresa privada da Hungria, por 180 mil dólares, a fim de fazer parte do futuro “hall da fama” do Futebol húngaro.<sup>160</sup>

Finalmente, só para se ter uma idéia do que se investe no exterior em instalações desse gênero, cite-se o *Centro da Paz*, em Louisville, Kentucky, Estados Unidos, um complexo de 30 mil metros quadrados construído em homenagem a Muhammad Ali, o grande boxeador norte-americano, e inaugurado no final de 2005 com a expectativa inicial de receber 400 mil visitantes por ano. Custou cerca de 82 milhões de dólares (parte deles obtida através de doações de empresas privadas).<sup>161</sup>

Mesmo sabendo-se que, dificilmente, alguém se disporia a vir fazer Turismo no Brasil apenas para visitar um museu, defende-se, aqui, a idéia da criação de alguns museus sobre o Futebol brasileiro, na expectativa de que eles sejam mais um atrativo para o Turismo. Ao mesmo tempo, eles se constituiriam em mais uma opção de Lazer à população local, além de poderem ser excelentes instrumentos para os propósitos apontados no item sobre educação.

As propostas relativas ao museu podem ser sintetizadas nos seguintes tópicos:

- criação de um *Museu do Futebol*, em São Paulo ou no Rio de Janeiro
  - localização central / interatividade / passado e presente / abrangência de faixas etárias
  - biblioteca, hemeroteca, discoteca, filmoteca, “cyber-café”
  - loja, café, restaurante
  - eventos internos (palestras, “workshops”, filmes, peças teatrais, shows musicais)
  - eventos externos (exposições itinerantes em quiosques de “shopping centers” e em pequenas cidades do interior)
  - parcerias e patrocínios (secretarias de cultura, de turismo e de esportes, clubes, federações, rede hoteleira, órgãos de imprensa, empresas da iniciativa privada)
- implantação do *Museu Pelé*, em Santos-SP
  - acervo exibido no MASP, em 2002
  - acervo do Sr. Meireles
  - criação da *Fundação Pelé*
- criação e implantação de um *Memorial Mané Garrincha*, em Pau Grande-RJ
- criação, conservação e melhoria de memoriais de clubes e de jogadores
  - exemplos: São Paulo, Santos, Corinthians; Julinho Botelho

### 5.9.1 Criação e implantação do *Museu do Futebol*

O *Museu do Futebol* era uma antiga reivindicação (quase que um “sonho”) do autor deste trabalho, por todos os motivos que já foram aqui expostos. Inicialmente, a idéia seria implementá-lo no Rio de Janeiro, por tudo o que essa cidade representa para o Turismo nacional e pelo seu grande fluxo de turistas. Chegou-se, porém, à conclusão de que a visita ao Maracanã, da forma atual, já atende bem ao turista curioso por Futebol. Já são tantos os atrativos turísticos oferecidos pela cidade, que mais um museu, na forma como foi aqui proposto, não iria trazer os benefícios desejados. O memorial já implantado no Maracanã, embora relativamente modesto para a grandeza e a história do estádio, parece adequado ao que se propõe.

A opção por São Paulo era mesmo mais favorável. O perfil do seu turista — em geral, “de negócios” — é mais compatível com o perfil de um provável visitante do *Museu do Futebol*. Havia, ainda, fatores favoráveis a São Paulo: o fato de o Futebol, no Brasil, ter surgido nessa cidade; o fato de ela abrigar, no momento, os mais fortes (técnica e economicamente) times do país; a existência de uma grande população de razoável poder aquisitivo; e a existência de um grande número de empresas com bom potencial para parcerias. Além disso, a proximidade a Santos permitiria, também, uma eventual visita ao *Museu Pelé*, caso este venha a ser implementado.

De qualquer forma, era importante que o local escolhido fosse central e de fácil acesso. No Rio de Janeiro, o Maracanã não seria má opção, mas algum ponto mais próximo à orla marítima (por exemplo, o aterro do Flamengo) talvez fosse ainda melhor. Em São Paulo, o autor defendia o estádio do Pacaembu.

<sup>160</sup> ACERVO, 29/10/2005, p.E2

<sup>161</sup> BALDINI JR., 16/10/2005, p.E6

E foi esse mesmo o local escolhido para o *Museu do Futebol*, um dos itens do programa divulgado pelo ex-prefeito José Serra, ao tomar posse, em 2005. Inicialmente, pensou-se na Casa das Retortas, na região do Parque D. Pedro II (um local interessante, pois ali próximo, na baixada do Glicério, foi disputada a primeira partida de Futebol no Brasil, por Charles Miller e seu amigos), mas depois a prefeitura acabou se decidindo mesmo pelo estádio do Pacaembu. Além da sua evidente ligação com o Futebol, o Pacaembu tem uma localização privilegiada, estando próximo à av. Paulista, com fácil acesso à marginal Tietê e sendo bem servido por linhas de ônibus e de metrô (estações Consolação, Clínicas e Sumaré, na linha verde, e Barra Funda, na linha vermelha). Possui, ainda, uma boa área de estacionamento em frente, na praça Charles Miller. Outra vantagem é a ociosidade do estádio quando não é utilizado em jogos ou “shows”, embora o complexo esportivo (piscina, ginásio, quadra de tênis) seja utilizado pela população, pois se trata de uma área pública.

A implantação do museu contou com importantes parcerias, como a da *Fundação Roberto Marinho*. Definiu-se a utilização de um espaço na área frontal do estádio, sob as arquibancadas. A curadoria foi confiada a Leonel Kaz, com a assessoria da museóloga Daniela Thomas. A implantação do projeto foi atribuída ao arquiteto Mauro Munhoz. Os investimentos chegaram a R\$25 milhões.<sup>162</sup> O prefeito vetou, ainda, um projeto de privatização do estádio (o Corinthians estaria interessado na sua aquisição) e reivindicou a volta da antiga concha acústica (com a possível demolição do “tobogã”, a arquibancada cuja construção levou à extinção da concha acústica original). Para a praça Charles Miller, foi elaborado um projeto de reurbanização, com a futura construção de um *Monumento ao Futebol*, de autoria dos artistas plásticos Teodoro Eggers Neto e Zélio Alves Pinto, em torno do qual deverá haver uma “calçada da fama”, num projeto arquitetônico de José Renato Vessoni e Alfredo Pimenta.<sup>163</sup>

Inaugurado em setembro de 2008, o *Museu do Futebol* terá que conquistar seu visitante pelo envolvimento emocional, pelo “encantamento”.<sup>164</sup> Não parece ser tarefa difícil, em se tratando de um tema que envolve tanta paixão e emoção, ainda mais se a forma de exposição souber explorar a interatividade entre acervo e visitante, especialmente no caso dos mais jovens.

Aliás, que não se priorize uma faixa etária, mas que, ao contrário, esse museu possa ser o mais abrangente possível nesse aspecto, agradando desde as crianças que travam seu primeiro contacto com o esporte até aquele velho torcedor, sempre disposto a recordar antigas escalções de seu time do coração. Assim sendo, considera-se importante que sejam abordados aspectos de toda a história do Futebol no Brasil, desde sua implantação, ainda em fins do século XIX, até os dias de hoje, sem privilegiar exageradamente a época atual.

Ainda na linha defendida por Mário Jorge Pires, o *Museu do Futebol* possui uma boa cafeteria, chamada *Torcedor*, que oferece lanches e refeições simples, identificados por nomes ligados ao mundo do Futebol. Há, também, uma loja de lembranças e artigos esportivos em geral que, além de se constituir num atrativo a mais para a visita, pode também colaborar com a receita do museu. A loja tem acesso direto para a rua, de forma a atender, também, potenciais fregueses que não estejam em visita.

É importante que a mão-de-obra seja qualificada e preparada para o atendimento ao visitante, especialmente o estrangeiro. Os monitores foram submetidos a cursos e treinamentos, e alguns falam dois ou três idiomas.

Outro ponto defendido aqui é que, mais do que um museu, ele funcione como uma espécie de centro cultural. O segundo tempo deste trabalho mostrou a intensidade com que o Futebol tem sido tema de outras manifestações culturais. Livros, filmes, jornais e discos com canções que falem de Futebol deveriam fazer parte desse acervo, com a possibilidade de circularem entre seus freqüentadores, através do empréstimo, lembrando sempre que o museu tem o objetivo de também se constituir num instrumento de educação para a comunidade local. Ainda está em estudos a implantação destas idéias.

Para alcançar esse objetivo, e também propiciar outras formas de entretenimento aos seus freqüentadores, o *Museu do Futebol* deve procurar promover em suas instalações eventos que sejam os mais variados possíveis. Para isso, dispõe-se de um auditório onde podem ser exibidos filmes (antigos ou em pré-estréia), encenadas peças teatrais, apresentados “shows” musicais e promovidas palestras e “workshops”, sempre dentro do tema Futebol. A esses eventos, seriam convidadas personalidades ligadas ao esporte, como jornalistas, dirigentes, técnicos e atletas, especialmente os já aposentados — mais uma chance para que ex-jogadores, que costumam enfrentar problemas pessoais após encerrarem suas carreiras, ressentindo-se da

<sup>162</sup> ORICCHIO, 7/11/2005, p.E5

<sup>163</sup> HALL, 17/6/2005, p.D4

<sup>164</sup> PIRES, 2001

falta de contacto com o público, retomem esse contacto. Sugere-se que seja estabelecida uma parceria com a recém-criada Associação dos Campeões Mundiais de Futebol, por iniciativa do empresário Marcelo Neves, filho do ex-goleiro Gilmar que, vítima de um acidente vascular cerebral, atualmente convalesce em cadeira de rodas.

Caso a quantidade de peças do acervo assim o permita, o museu deve procurar promover exposições itinerantes, fora de suas instalações, numa forma de ir ao encontro de seu público, e não só esperar que esse público o procure. A montagem temporária de quiosques em corredores de “shopping centers” parece ser uma boa opção, que não exige grandes investimentos e pode oferecer um bom retorno. Parcerias com prefeituras e secretarias municipais e estaduais (de cultura, de esportes e/ou de Turismo) podem viabilizar eventos maiores. Até órgãos federais podem ser procurados, para apoiar possíveis participações em eventos no exterior.

O estabelecimento de parcerias é outro ponto para o qual Mário Jorge Pires também chama a atenção em seu livro *Lazer e Turismo cultural*. O trabalho de tentar captar recursos através de patrocínios e parcerias deve ser o mais dinâmico possível. Além dos já citados órgãos públicos (prefeituras, secretarias e ministérios), a iniciativa privada deve, também, ser procurada. Empresas diretamente ligadas ao esporte (clubes, federações, fabricantes de material esportivo), ao Turismo (redes hoteleiras, companhias aéreas, transportadoras em geral), órgãos de imprensa (rádio, TV, jornais) e tradicionais patrocinadores do Futebol podem dar seu apoio de diversas formas: cedendo material para o acervo, montando estandes, cedendo seus profissionais ou contratados para a participação em eventos, contribuindo para a divulgação do museu na mídia ou simplesmente contribuindo com aportes financeiros. Um exemplo do que pode ser feito com esse tipo de apoio foi a grande exposição sobre o falecido piloto Ayrton Senna, montada no final de 2004 no *Shopping Eldorado*, em São Paulo: um grande sucesso de público, só viabilizado graças à importante participação da iniciativa privada. Esse exemplo foi seguido, em proporções um pouco menores, pelo *Banco Real*, que, em sua ampla agência da av. Paulista, em São Paulo, montou a mostra *Pátria de Chuteiras*, durante a Copa de 2006, reunindo verdadeiros tesouros da história do Futebol, oriundos de acervos de museus internacionais e de coleções particulares.

### 5.9.2 Implantação do Museu Pelé

Praticamente todas as considerações aqui apresentadas em relação ao *Museu do Futebol* seriam também válidas para o *Museu Pelé*, outra proposta defendida por este trabalho. Em relação a este último, o ex-prefeito de Santos, Beto Mansur, chegou a iniciar as obras de infra-estrutura para a construção do prédio que o abrigaria, na área do emissário submarino, na praia do José Menino. No entanto, devido a questões ambientais, para uns, ou políticas, para outros, a obra foi embargada, escolhendo-se um outro local: a região histórica do Valongo, em processo de revitalização. Sem entrar no mérito do real motivo que impediu a construção do museu no emissário submarino, o autor deste trabalho acredita que esse teria sido o local ideal, ainda mais se o prédio seguisse as linhas arquitetônicas do belo *Museu de Arte Contemporânea* de Niterói-RJ, projetado por Oscar Niemeyer, em perfeita harmonia com a paisagem praiana.

De qualquer maneira, onde quer que ele se instale, o *Museu Pelé* tem grande potencial para ser bem sucedido, a se julgar pelo que foi exibido na exposição *Pelé, a arte do Rei*, em 2002, em São Paulo. Fruto da parceria entre a Coca-Cola e o MASP, a mostra contou com um grande e variado acervo. A seu respeito, assim escreveu o jornalista de *O Estado de S. Paulo*, Daniel Piza, a despeito de algumas críticas feitas à escolha do local onde foi realizada:

*“Ninguém neste país ousaria dizer que o lugar das realizações de Pelé não é ao lado das grandes obras de arte. Mesmo não sendo ‘arte’ a rigor — não sendo uma linguagem inerentemente preocupada com as questões da natureza humana —, há uma plástica nos movimentos de Pelé, há um prazer em vê-lo senhor dos tempos e dos espaços naqueles gramados, há nele uma capacidade contínua e consciente de criação, tão ocupada com a beleza quanto com o objetivo, que não se pode querê-la em outro endereço, ainda mais num país de tão poucos pintores. E, como diz um dos filmes da exposição, ‘Pelé é a única personalidade brasileira de dimensão planetária’. Um dia deveria ter um museu só para ele, a ser visitado como os de Rodin ou Picasso em Paris, por pessoas de todo o mundo que valorizem a beleza e o ânimo.”*<sup>165</sup>

<sup>165</sup> PIZA, 17/2/2002, p.D3

Ao futuro *Museu Pelé*, deveria ser incorporado, também, o acervo do Sr. Meireles, dedicado colecionador de peças sobre o “Rei”, que as expõe para visitação gratuita em sua casa pequena e simples, em São Vicente-SP.

Aliás, muitas das peças expostas no MASP eram, também, de coleções particulares. Para reuni-las todas num único acervo, sob uma administração única e centralizada (o que, muito provavelmente, facilitaria a montagem do *Museu Pelé* aqui proposto), sugere-se a criação de uma *Fundação Pelé*, entidade sem fins lucrativos que pudesse gerir o museu e cuidar do legado do jogador. Não se pode esquecer que, apesar de sua aparência jovial e de sua excelente forma física, Pelé já é um senhor de quase 70 anos!

### 5.9.3 Criação e implantação de um *Memorial Mané Garrincha*

Outros ex-jogadores brasileiros talvez merecessem, também, ter o seu memorial. Mais do que todos, certamente Mané Garrincha, a “Alegria do povo”, o “Anjo das pernas tortas”. Infelizmente, o grande ídolo morreu pobre e esquecido, e, depois de sua morte, pouco ou nada se fez pela preservação de sua memória (como já foi comentado, o recente filme *Garrincha, a estrela solitária* pouco contribuiu para isso). A descrição de seu túmulo, feita pelo jornalista inglês Alex Bellos em seu livro *Futebol — the Brazilian way of life*, dá uma idéia de seu estado de abandono:

*“A lápide de Garrincha [...] é uma simples placa com seu nome e as datas. Não há flores nem qualquer evidência de que tenha sido limpa recentemente. O que mais se destaca é sua modéstia. O túmulo é ofuscado por uma lápide branca ao lado, muito maior [...] A sepultura de um futebolista desconhecido que jogava num obscuro time local é mais grandiosa e bem cuidada do que a do homem cujos dribles por duas vezes fizeram o Brasil vencer a Copa do Mundo.”<sup>166</sup>*

Alex Bellos também faz referência a um prometido *Museu Mané Garrincha*:

*“Ao lado do estádio [Mané Garrincha, em Pau Grande] há um pedaço de grama onde um cavalo está pastando. Uma base de coluna traz o corajoso anúncio: ‘Pedra Fundamental — Museu Mané Garrincha’. O museu jamais foi construído.”<sup>167</sup>*

*“No topo [do cemitério de Raiz da Serra] ergue-se um memorial de pedra alto com as palavras: ‘Garrincha / Alegria Paugrandense / Alegria Mageense / Alegria do Brasil / Alegria do Mundo’. E um pouco mais abaixo: ‘Ele era um doce menino / Falava com os passarinhos’.”*

*“[...] parece tanto um tributo do prefeito de Magé, Renato Cozzolino, a si mesmo como ao falecido. Os dois nomes aparecem igualmente em destaque.”<sup>168</sup>*

Pau Grande, localidade onde Garrincha nasceu e viveu boa parte de sua vida, fica a 70 km do Rio de Janeiro, no município de Magé, ao pé da serra de Petrópolis. O acesso não é dos melhores; mas, por tudo o que representou na vida do jogador, é esse local que deveria, mesmo, abrigar um memorial sobre Garrincha. Aqui, o Turismo ecológico, ou de aventura, poderia dar sua contribuição: certamente, há na região alguma trilha a ser explorada, algum atrativo natural que, combinado ao memorial, possa motivar a visita de turistas hospedados no Rio de Janeiro (ou em Petrópolis). O autor deste trabalho lamenta não ter estado no local para dar seu testemunho com maior conhecimento de causa. Uma coisa, porém, é certa: pela sua importância para o Futebol brasileiro, Garrincha precisa ter sua memória cultuada e explorada pelo Turismo cultural.

### 5.9.4 Criação, conservação e melhoria de memoriais

Finalmente, este trabalho propõe a manutenção e melhoria dos memoriais já existentes (São Paulo, Santos, Corinthians, América, Julinho Botelho, estádio Rei Pelé) e a criação de outros, pelo Brasil. Tais medidas estão de acordo com a pretensão do ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, de ampliar a verba destinada a museus, e de criar o *Instituto Nacional de Museus*, embora suas propostas, consideradas polêmicas, sejam recebidas com reserva pela comunidade de museólogos. Estuda-se a implantação de um museu em homenagem ao ex-jogador e técnico Telê Santana, falecido em 2006, na sua cidade natal, Itabirito-MG.

<sup>166</sup> BELLOS, 2003, p.108

<sup>167</sup> BELLOS, 2003, p.105

<sup>168</sup> BELLOS, 2003, p.107-108

## 5.10 Eventos

Evidentemente, a realização de eventos futebolísticos internacionais no Brasil causaria um incremento no Turismo receptivo. A questão que se coloca, no entanto, é: será que o país estaria preparado para organizar um evento importante e grandioso como é, por exemplo, uma Copa do Mundo?

É uma questão polêmica, de difícil resposta. Em primeiro lugar, há um grave problema estrutural: a obsolescência de nossos estádios. A quantidade e a capacidade de público dos estádios brasileiros não é o problema — em decorrência da política instituída pelo regime militar, nos anos 70 foram construídos vários e amplos estádios em diversos estados do país. O problema é que, além de mal conservados, eles não foram concebidos para atender a algumas demandas hoje fundamentais (com a única exceção, talvez, do estádio da *Arena da Baixada*, do Atlético-PR, em Curitiba): salas de imprensa com instalações elétricas adequadas, multiplicidade de portões de acesso e de rotas de fuga, atendimento por serviço de transporte público eficiente (entenda-se: metrô), ampla área de estacionamento, ampla área de alimentação (bares, restaurantes). Essa opinião, inclusive, já foi expressa pelo presidente da FIFA, Joseph Blatter, e endossada pelo próprio presidente da CBF, Ricardo Teixeira.

É ainda questionável se o Brasil teria infra-estrutura turística (basicamente, hospedagem, transportes e segurança) em condições adequadas e suficientes para a realização de um mega-evento como uma Copa do Mundo. Até mesmo a existência de mão-de-obra qualificada é questionada, embora no que dependa mais de criatividade e menos de investimentos há que se dar crédito aos brasileiros.

E, se lhes faltar criatividade, que sejam copiados bons exemplos, como o dos sul-coreanos, durante a Copa da Ásia. Para superar a barreira do idioma, os organizadores contaram com o trabalho voluntário de dezenas de intérpretes bilíngües, acessíveis por telefone. Nos locais onde era esperada grande afluência de estrangeiros (aeroportos, hotéis, postos de informações turísticas, estações de trem e de metrô, táxis, etc.), foram distribuídos cartões com os números dos telefones dos voluntários intérpretes, preparados para ajudar a qualquer hora do dia ou da noite.

O engajamento e a participação popular, na forma de trabalho voluntário, seria, provavelmente, um dos grandes trunfos do Brasil para a organização de um evento futebolístico.

Outro exemplo de um cuidadoso planejamento vem da Alemanha, sede da Copa do Mundo em 2006. Preocupados com estereótipo do alemão típico, de ser fechado e pouco simpático, os responsáveis pelo atendimento aos turistas estrangeiros teriam treinado seus funcionários para que eles aumentassem a frequência de seus sorrisos!

Para o Brasil, houve uma excelente oportunidade para que sua capacidade de organizar um evento esportivo importante fosse testada: a realização da edição de 2007 dos Jogos Panamericanos, na cidade do Rio de Janeiro. O resultado, porém, esteve longe de ser o ideal: o cronograma das obras sofreu inúmeros atrasos, houve denúncias de desvios de verbas e de superfaturamento, e muitas das ações prometidas antes do evento não saíram do papel. É lamentável, também, que o tão propalado “legado” que o Pan deixaria — instalações esportivas que poderiam ser utilizadas pela comunidade local — ainda não esteja cumprindo esse papel. Mas, por outro lado, não se deve omitir a participação da população do Rio de Janeiro, que acolheu com carinho os atletas competidores e prestigiou a maioria das disputas, e o valoroso e incansável trabalho de milhares de voluntários vindos de todos os cantos do país, que mostraram o irrestrito apoio popular ao evento. Não se pode esquecer, ainda, a espetacular cerimônia de abertura dos jogos, no estádio do Maracanã, muito elogiada até pelos estrangeiros que a ela compareceram.

Os principais eventos futebolísticos internacionais que se poderiam realizar no Brasil, com potencial de atrair turistas para cá, são:

- grandes eventos internacionais
  - Copa do Mundo de 2014
  - Copa América
  - Campeonato Mundial Interclubes
- torneios internacionais
  - entre seleções
  - entre clubes
- jogos amistosos
  - com seleções estrangeiras
  - com times estrangeiros

### 5.10.1 Grandes eventos internacionais

O grande evento programado para ocorrer no Brasil é a Copa do Mundo de 2014, depois que suas pretensões em sediar a disputa de 2010 foram derrotadas pela candidatura da África do Sul. Apesar da forte oposição dos europeus, pois jamais a Copa foi realizada fora da Europa em duas edições seguidas, o Brasil foi confirmado como sede e, agora, corre contra o tempo para se preparar para esse megaevento.

A Copa América, antigo Campeonato Sul-Americano, que agora conta com a participação do México e dos Estados Unidos, poderia ser realizada no Brasil sem grandes problemas, e os resultados financeiros poderiam ser até interessantes, se a participação norte-americana for explorada com inteligência.

A primeira edição do Campeonato Mundial Interclubes com a homologação da FIFA foi realizada no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 2000, mas seu resultado deixou a desejar. Por isso, a segunda edição só se realizou quase 6 anos depois, no Japão, com a fusão com a Copa Toyota, anteriormente restrita à participação dos campeões da Europa e da Libertadores da América. Em 2009, os Emirados Árabes sediarão a disputa, o que diminui a chance de o torneio voltar a ser disputado no Brasil.

### 5.10.2 Torneios internacionais

Em algumas ocasiões, nos intervalos entre Copas do Mundo, são disputados torneios especiais, reunindo seleções de diversos continentes. O Brasil já organizou um desses torneios, a Copa Independência (ou “Mini-Copa”), em 1972, comemorando os 150 anos de sua independência. Perdida a chance de comemorar os 500 anos do descobrimento, em 2000, parece improvável que outro torneio semelhante venha a ser realizado no país nos próximos anos.

### 5.10.3 Jogos amistosos

Devido ao apertado calendário dos principais times europeus, e aos altos custos para trazê-los ao Brasil, fica também muito difícil a realização de torneios ou mesmo de partidas amistosas com a participação desses times. Apesar dessas dificuldades, deveria ser tentado um esforço para superá-las, a fim de que um time europeu de ponta (como o Barcelona ou o Milan) pudesse se exibir no país. Uma possibilidade, talvez, seria trazer um desses times para aqui cumprirem as atividades de sua pré-temporada, com treinos e amistosos contra equipes locais, mais ou menos como fazem alguns times dos esportes profissionais norte-americanos em outros países.

## 5.11 Exploração comercial

Por muitos anos, alguns empresários oportunistas ganharam um bom dinheiro às custas de clubes de Futebol, através da confecção e comercialização de produtos com suas marcas, sem lhes repassar as devidas cotas. Essa forma de “pirataria” já foi bastante reduzida, mas sua prática ainda é significativa, especialmente no comércio de camisetas por vendedores ambulantes. A explicação é simples: a camisa “oficial” de um time é ainda muito cara (seu custo pode superar os R\$200,00), proibitivo para uma grande camada da população, que tem, como única opção, os produtos oferecidos por camelôs, nas ruas.

A fim de que os clubes possam auferir os lucros que lhes cabe por direito, este trabalho propõe:

- maior fiscalização no combate à pirataria
- estabelecimento de acordos comerciais para melhor exploração de sua marca
- incremento das lojas que comercializam seus produtos
- diversificação dos produtos oferecidos

### 5.11.1 Maior fiscalização no combate à pirataria

É responsabilidade dos clubes procurar combater as diversas formas de pirataria de que são vítimas. Essa ação poderia, talvez, ser facilitada, se os grandes clubes unissem suas forças e buscassem, juntos, aumentar a fiscalização sobre empresários inescrupulosos.

É possível que, com a redução da venda clandestina, ocorra um aumento do volume de vendas dos produtos licenciados “oficiais”, o que permitiria a redução do custo destes últimos, com vantagens para ambas as partes — clubes e torcedores.

### 5.11.2 Estabelecimento de acordos comerciais

Obviamente, os clubes não têm estrutura para a produção de artigos licenciados. Logo, necessitam do apoio de empresas especializadas. Estas devem ser idôneas, contratadas através de acordos

comerciais transparentes, que tragam vantagens para os dois lados. Acima de tudo, deve ser respeitada a marca do clube, sua história e suas tradições.

### **5.11.3 Incremento das lojas**

O clube deve procurar, na medida do possível, ter pontos de venda adequados. Esta pesquisa constatou que, em alguns casos, as instalações das lojas em grandes clubes são deficientes, insuficientes para atender a grande demanda que ocorre, especialmente, em dias de jogos.

Além das lojas dentro de suas sedes, os clubes devem tentar levar seus produtos a locais de grande movimentação de turistas, como os grandes centros comerciais, aeroportos, estações rodoviárias, grandes hotéis e postos de informações turísticas.

Uma outra possibilidade a ser considerada é a tentativa de se explorarem novos mercados, com a abertura de pontos de venda em outros municípios e, eventualmente, até mesmo em outros estados. Se esta alternativa apresentar um custo muito elevado, o melhor caminho parece, mesmo, ser a internet — caminho este que já vem sendo trilhado pela maioria dos grandes clubes brasileiros.

### **5.11.4 Diversificação dos produtos oferecidos**

A tão decantada criatividade brasileira poderia, ainda, servir para buscar ampliar o leque de produtos licenciados pelos clubes. Profissionais de design podem dar sua contribuição, criando linhas de artigos mais modernos, mais ao gosto do jovem público consumidor.

## **5.12 Especialização de agências**

No mundo de hoje, cada vez mais se observa a segmentação e a especialização. E o Turismo não é exceção.

O autor deste trabalho teve a oportunidade, durante a Copa do Mundo de 1998, na França, de atuar como guia de uma agência de Turismo brasileira, e é testemunha do árduo trabalho de planejamento e de operação que envolveu o pessoal dessa agência. Embora a empresa tivesse grande tradição no Turismo, puderam-se perceber as grandes dificuldades encontradas com alguns pontos mais específicos. O perfil dos passageiros, por exemplo, era um pouco diferente do perfil da clientela usual da agência. Alguns guias, mesmo com grande experiência em viagens internacionais, acabaram enfrentando dificuldades por não estarem acostumados a lidar com eventos futebolísticos. Imprevistos ocorreram até por desconhecimento das regras da competição: não se levou em consideração, por exemplo, que uma partida da fase semi-final pudesse acabar mais tarde do que o previsto, pelo fato de ter terminado empatada e terem sido necessárias uma prorrogação e uma disputa de pênaltis.

Nesse sentido, propõe-se, aqui, que sejam criadas mais agências especializadas em viagens de turismo esportivo, e que as agências que já atuam nesse segmento aprimorem ainda mais seus serviços.

Os seguintes aspectos devem ser considerados:

- formação de pessoal
- estabelecimento de parcerias
- operação de excursões
  - de incentivo
  - locais / regionais
  - nacionais
  - internacionais

### **5.12.1 Formação de pessoal**

Para se capacitar como guia na Copa da França, em 1998, o autor participou de um intensivo treinamento, que abrangeu os mais diversos aspectos relacionados com suas atividades. Em 2006, participou de novo curso, desta vez para os guias da Copa da Alemanha. Pôde-se constatar que, graças à experiência acumulada e aos avanços da tecnologia, a agência operadora tem buscado desenvolver ferramentas de planejamento e de operação, conseguindo, com isso, facilitar a atuação de seu pessoal e oferecer um melhor serviço a seus passageiros. Recursos modernos, como os oferecidos pela internet, são agora extensivamente empregados.

No entanto, além dessas ferramentas, o treinamento procurou trabalhar com outros aspectos igualmente importantes, como o das relações interpessoais, a fim de que todos os participantes se empenhassem e se envolvessem profundamente em seu trabalho, formando, assim, uma verdadeira equipe, com perfeita divisão de atribuições e responsabilidades.

Não se pode esquecer, ainda, que o Futebol envolve fortes paixões e emoções; o comportamento de um torcedor varia muito, dependendo de estar ele sozinho ou em grupo. É importante que a torcida esteja alegre, motivada e entusiasmada, mas sem cometer excessos, ainda mais porque, freqüentemente, ela é alvo das câmeras das emissoras de TV de todo o mundo, dela dependendo a imagem que se faz do Brasil. Os guias e demais profissionais envolvidos devem estar preparados para controlar esse comportamento.

Uma dificuldade, nesse sentido, é a manutenção de uma equipe estável: para eventos pouco freqüentes, como a Copa do Mundo, constata-se que há uma elevada rotatividade de profissionais, fazendo com que se perca parte da experiência anteriormente adquirida, o que aumenta a importância do treinamento.

### 5.12.2 Estabelecimento de parcerias

A agência que quiser se firmar no setor deve manter boas relações com os organizadores e participantes das competições (federações e clubes), a fim de obter facilidades (sem que isso signifique privilégios) em sua atividade e a valorização de seu produto (por exemplo: aquisição de ingressos, local adequado para desembarque e para entrada dos turistas nos estádios, local adequado para estacionamento do ônibus, obtenção de material informativo sobre o evento, obtenção de brindes para distribuição aos turistas, etc.).

É importante, porém, que essas parcerias se estabeleçam de modo transparente, dentro dos preceitos da ética. Suspeitas de favorecimentos ilícitos devem ser prontamente esclarecidas, para que a opinião pública não faça um julgamento desfavorável, que prejudique a imagem da agência.

### 5.12.3 Operação de excursões

O autor se surpreendeu com o crescimento, na última década, do segmento do Turismo de incentivo, especialmente no que se refere ao número de pacotes adquiridos pelas empresas para a Copa da Alemanha, em 2006, cerca de 5 vezes superior ao verificado por ocasião da Copa da França, em 1998.

A grande experiência da agência operadora, nesses dois casos, poderia ser estendida a eventos menores, de operação mais simples e com menor custo. Dentro do espírito do Turismo de incentivo, as empresas poderiam oferecer a seus funcionários, clientes e colaboradores, pacotes de fim-de-semana que incluíssem um jogo num outro estado ou mesmo numa cidade do interior. De preferência, os turistas ficariam no mesmo hotel do time visitante, podendo-se programar um almoço ou jantar que permitisse o contacto entre torcedores e jogadores (obviamente, teria que haver uma autorização prévia por parte do clube envolvido).

Já para o turista “comum”, que banca ele mesmo o custo de sua viagem, a operação de pacotes locais ou regionais, referentes a jogos dos campeonatos estaduais, envolve as já citadas excursões de um dia, do tipo “bate-volta”. Os componentes das torcidas organizadas, em geral, já têm o “know-how” desse tipo de excursão, e dificilmente procurariam uma agência. O perfil mais viável é o do não membro de uma torcida organizada, que provavelmente não se arriscaria a ir a um jogo sozinho ou com a família, mas que talvez se sentisse motivado caso tivesse os serviços de uma agência. Da mesma forma, o turista circunstancial, possivelmente estrangeiro, seria um cliente em potencial, daí ser desejável que o guia fale outros idiomas além do português.

Uma partida do Campeonato Brasileiro disputada em outro estado poderia ser uma boa motivação para uma excursão de 3 ou 4 dias, que poderia se tornar um pacote atraente, a ser explorado por uma agência especializada. Nesse caso, ele poderia ser incluído no programa *Vai Brasil*, voltado para as classes populares, com renda mensal de R\$800,00 a R\$1.100,00, faixa em que se encontra boa parte dos habituais freqüentadores de estádios de Futebol. Esse programa, lançado pelo Ministério do Turismo, tem por objetivo popularizar o Turismo doméstico e atingir a meta de 20 milhões de turistas, número ainda muito distante da realidade.<sup>169</sup> O Futebol, portanto, poderia se tornar um importante incentivo ao Turismo social, que, às vezes, “é confundido com turismo pobre, em locais baratos”, mas, na realidade “é uma tentativa de se restituir à viagem

<sup>169</sup> BARBOSA, 1/3/2006, p.A4

*todo o seu potencial educativo, inclusive mostrando aos clientes que uma viagem rica não é necessariamente uma viagem cara*”.<sup>170</sup>

Por vários motivos, alguns já discutidos neste trabalho, a operação de excursões em eventos futebolísticos internacionais é a que exige maior esforço e preparação por parte da agência. Países diferentes, com costumes e culturas diferentes, impõem soluções diferentes: nem sempre uma estratégia bem sucedida num evento terá garantia de sucesso no evento seguinte. Mesmo assim, acredita-se que a especialização da agência seja uma forma de minimizar todos esses problemas.

---

<sup>170</sup> CAMARGO, 1986, p.93

## 6. Disputa de pênaltis

### 6.1 Conclusões

Depois de dois tempos e de uma prorrogação, chega a hora da decisão, do balanço final para se apurar a quem cabe a vitória. Retomam-se, então, os objetivos iniciais do trabalho, para se verificar se eles foram, efetivamente, cumpridos.

–1º.) o Futebol brasileiro tem elementos que permitem caracterizá-lo como uma manifestação da cultura popular.

Neste primeiro “pênalti”, a bola bateu na trave, correu pela linha... mas não se pode dizer que tenha entrado no gol. Parece incontestável que o Futebol tenha elementos característicos da cultura popular, mas é também inegável sua “contaminação” pelos meios de comunicação de massa. Fica muito difícil que, mesmo que tenha origens populares, uma manifestação cultural qualquer se mantenha com suas características intactas, quando a mídia aponta todos os seus holofotes, microfones e câmeras em sua direção. Nesse sentido, é mais ou menos a mesma coisa o que acontece com o Futebol e o Carnaval.

O autor deste trabalho sabe muito bem que “pitoresco” e “folclórico” não são termos sinônimos, apesar de serem muitas vezes empregados como tal. O fato de se ter atribuído o nome de “Folclore F.C.” ao “time” escalado no “primeiro tempo” não significa que os episódios e os personagens ali apresentados devam ser considerados integrantes do Folclore brasileiro; apenas se procurou mostrar que há neles, sim, traços de cultura popular. Afinal, quem empunha um microfone, quem aponta uma câmera ou quem digita num teclado de um computador, por mais erudito que seja, é gente, é povo!... e, pelo fato de o Futebol envolver altas doses de emoção e de paixão, é natural que essa pessoa empreste ao episódio ou ao personagem em foco atributos próprios a um episódio ou um personagem folclórico.

Em sua obra *Antropologia cultural & folclore*, Américo Pellegrini Filho e Yolanda Lhullier dos Santos chamam a atenção para a “troca de influências mútuas” entre indivíduos de uma coletividade, o que faz com que se possa ver “numa manifestação folclórica, influências de instituições típicas da cultura erudita; também influências exercidas através da atuação de órgãos de comunicação de massa”, e ainda “a interferência de modismos, de datas e personagens históricos, de temas circunstanciais”.<sup>171</sup> Para esses autores, “essa interpenetração de conteúdos culturais é própria da dinâmica sócio-cultural. Não existe nenhum imobilismo absoluto nos três tipos de cultura [erudita, de massa e popular] [...] Existe folclore nascente; e, sempre, ele é uma cultura viva, marcado por reinterpretações e adaptações no processo de assimilação e criação-reação”.<sup>172</sup> Reforçando essa idéia, o mesmo Américo Pellegrini Filho escreve que “o folclore (ou culturas populares) coexiste com a cultura erudita e com a cultura de massa, num processo de contínua interação de conteúdos simbólicos socialmente passados de geração a geração”.<sup>173</sup>

É, por isso, bastante compreensível e até aceitável que se diga (e o autor ouviu e leu diversas vezes isto) que o suposto gol marcado por Leônidas sem a chuteira, o rádio comprado por Mané Garrincha que só falava sueco, os “trabalhos” de Pai Santana, a guerra que Pelé parou na África, o ineditismo do gesto de Bellini ao erguer a taça, os cuidados de Carlito Rocha com o cão Biriba, as declarações de Dario Maravilha e de Vicente Matheus e tantos outros episódios e personagens “fazem parte do Folclore do nosso Futebol”. Mesmo intensamente focados pelos veículos de comunicação de massa, possivelmente teriam sido esquecidos ao longo do tempo, caso não fossem carregados dos aspectos pitorescos aqui relatados, que os fazem, até hoje, alvo do imaginário popular dos torcedores e aficionados.

Vale a pena ler o que pensa Eduardo Galeano sobre a relação entre Futebol e cultura de massa:

*“No final do Mundial de 94, todos os meninos que nasceram no Brasil se chamaram Romário, e a grama do estádio de Los Angeles foi vendida em pedaços, como uma pizza, a vinte dólares a porção. Uma loucura digna de melhor causa? Um negócio vulgar e comum? Uma fábrica de truques manipulada por seus donos? Eu sou dos que acreditam que o futebol pode ser isso, mas também é muito mais do que isso, como festa dos olhos que o olham e como alegria do corpo que o joga. Uma jornalista perguntou à teóloga alemã Dorothee Sölle:*

*— ‘Como a senhora explicaria a um menino o que é a felicidade?’*

<sup>171</sup> PELLEGRINI FILHO; SANTOS, 1989, p.41

<sup>172</sup> PELLEGRINI FILHO; SANTOS, 1989, p.43

<sup>173</sup> PELLEGRINI FILHO, 2001, p.124

— ‘Não explicaria’ — respondeu. — ‘Daria uma bola para que jogasse.’

*O futebol profissional faz todo o possível para castrar essa energia de felicidade, mas ela sobrevive apesar de todos os pesares. É talvez por isso que o futebol não pode deixar de ser assombroso. Como diz meu amigo Angel Ruocco, isso é o melhor que tem: sua obstinada capacidade de surpresa. Por mais que os tecnocratas o programem até o mínimo detalhe, por muito que os poderosos o manipulem, o futebol continua querendo ser a arte do imprevisto. Onde menos se espera salta o impossível, o anão dá uma lição ao gigante, e o negro mirrado e cambaio faz de bobo o atleta esculpido na Grécia.*

*Um vazio assombroso: a história oficial ignora o futebol. Os textos de história contemporânea não o mencionam, nem de passagem, em países onde o futebol foi e continua sendo um símbolo primordial de identidade coletiva. Jogo, logo sou: o estilo de jogar é uma maneira de ser, que revela o perfil próprio de cada comunidade e reafirma seu direito à diferença. Diz-me como jogas que te direi quem és: há muitos anos que se joga o futebol de diversas maneiras, expressões diversas da personalidade de cada povo, e o resgate dessa diversidade me parece, hoje em dia, mais necessário do que nunca.”*

Definitivo, porém, é o pensamento de Ivan Angelo, publicado na revista *Veja*, em junho de 2006: “Futebol não é só o que se vê, parte dele é invenção do povo. É folclore. Correm de geração em geração histórias antigas de um gol, de uma jogada, de um passe, de um jogador, de uma partida, de um time. Rolam como pedras rolam nos rios, arredondando-se, aperfeiçoando-se. A cada grande jogo — principalmente da seleção — surgem novas lendas, no começo imperfeitas, que o tempo esculpirá até a forma irretocável do mito.”

–2º.) o Futebol brasileiro é uma manifestação cultural de extrema importância, com especial relevância no cenário cultural do Brasil.

Se há a necessidade do “tira-teima” para se saber se o primeiro “pênalti” redundou ou não em gol, neste segundo não há discussão: foi “bola para um lado, goleiro para o outro”... “o goleiro nem saiu na foto”...

Surpreendeu ao próprio autor a quantidade de manifestações culturais que retratam o Futebol. No início dos trabalhos, tinha-se a pretensão de se produzir uma espécie de “inventário internacional”, com todas essas manifestações. Logo se viu que a pesquisa deveria ficar restrita ao Brasil, e, mesmo assim, que seria praticamente impossível produzir-se um inventário completo, ainda mais porque, a cada dia, surgem mais e mais livros, músicas, pinturas, textos acadêmicos e tantas outras manifestações sobre Futebol.

Apoiando-se no que expôs no intervalo, mostrando ser o Brasil o “País do Futebol”, o autor ousa afirmar que o Futebol, mais do que uma manifestação cultural significativa, é, ao lado da Música Popular, a manifestação cultural brasileira de maior qualidade e de maior importância no cenário mundial. Não há nada, no Brasil, que se faça tão bem quanto Futebol e Música Popular. E que isso seja motivo de orgulho para nós, brasileiros, e que nos incentive a atingirmos o mesmo grau de excelência em outras áreas.

Neste ponto, está de acordo o cineasta João Moreira Salles, que afirmou:

*“Uma das coisas que mais me decepcionaram foi quando o Marco Aurélio Garcia, que aliás é um cara de quem eu gosto, dizendo logo no começo do governo Lula que a partir de então o mundo iria perceber que o Brasil não era apenas carnaval e futebol, como se isso fosse pouco, uma coisa menor. Ora, é um esporte que todo mundo quer jogar, é planetário, é universal, e a gente joga melhor que os outros, o que é fantástico.”*

O intervalo procurou, também, se contrapor àqueles que contestam a identidade do Brasil com o Futebol. O autor quer deixar bem marcada sua posição de que não concorda com a tese de que o Futebol envolve apenas o corpo e, portanto, não pode representar a alma do Brasil. Não querer ver no Futebol a alma brasileira parece ser uma atitude de preconceito contra o esporte.

Sendo o patrimônio cultural o “conjunto de bens [dentre os quais, as tradições populares] que contêm significado e que são representativos de um povo ou de uma época”,<sup>174</sup> ficou evidente que o Futebol é, realmente, um dos principais elementos de nosso patrimônio cultural.

<sup>174</sup> PELLEGRINI FILHO; SANTOS, 1989, p.58

–3º.) o Futebol brasileiro tem grande potencial para se tornar uma manifestação cultural de interesse ao Turismo e ao Lazer.

Quanto ao terceiro “pênalti” (o que relaciona Futebol com Turismo), há que se reconhecer que a avaliação sobre se foi ou não gol é subjetiva e opinativa, bem ao estilo das mesas-redondas das noites de domingo na TV.

O trabalho procurou mostrar que o Turismo, no Brasil, pode se beneficiar do Futebol (e vice-versa), e algumas propostas nesse sentido foram aqui apresentadas. Procurou-se fundamentar cada proposta em preceitos já estabelecidos para o Turismo cultural. No entanto, fez-se apenas um estudo qualitativo, sem que se chegasse a uma prova cabal de que as propostas geram, efetivamente, os resultados que delas se esperam.

Algumas propostas, como a erradicação da violência, a reafirmação do “Estatuto do Torcedor” e o incremento da divulgação, parecem ser de maior consenso. Já alguns aspectos no item “Tombamento” são mais polêmicos, especialmente se envolverem verbas públicas; realmente, é bastante questionável que o Futebol, como grande negócio que é, ainda precise da ajuda governamental. Outro ponto bastante controverso é o que se refere à realização de uma Copa do Mundo no Brasil: apesar de reconhecer que isso poderia trazer grandes benefícios ao Turismo e a outros setores do país, o autor defende que haja um total comprometimento (isto é, apoio financeiro) de grandes empresas do setor privado, ficando a participação do governo restrita à definição das políticas e estratégias de ação, e a eventuais obras de infraestrutura que realmente sejam aproveitadas após a competição.

O autor acredita ainda no grande potencial dos roteiros temáticos e dos museus, especialmente o *Museu do Futebol* que pode vir a ser um atrativo turístico interessante e um importante instrumento de educação e de formação cultural. Entretanto, há que se reconhecer a dificuldade de implementação dessa e das outras propostas, dada “a falta de conscientização a respeito da memória nacional, tanto na população quanto entre autoridades públicas”, como lembra Américo Pellegrini Filho<sup>175</sup>

O autor lamenta não ter freqüentado o curso de extensão *Futebol e Turismo no País da Bola: uma possibilidade*, ministrado por Alexandre Rodrigues Pinto, da Unibero. Os objetivos do curso foram “auxiliar na compreensão do produto cultural futebol com ênfases no desenvolvimento do esporte na cidade de São Paulo; refletir sobre as possibilidades de apropriação do futebol pelo turismo em São Paulo; e analisar episódios ligados à violência no esporte refletindo sobre eventuais soluções”. Seu conteúdo programático incluía um histórico do Futebol na cidade de São Paulo, o Futebol como fenômeno cultural contemporâneo; Futebol e hospitalidade; e Futebol e ciência. Além das aulas expositivas e da discussão de textos, estavam programadas exposições e discussões de trechos de filmes (*O corintiano*, *Pelé eterno* e *Boleiros — era uma vez o Futebol*) e visitas monitoradas a estádios (Morumbi, Pacaembu e Parque Antarctica).

## 6.2 Perspectivas futuras

Durante a realização deste trabalho, foram surgindo diversas idéias para pesquisa que, no entanto, tiveram que ser momentaneamente abandonadas, para que não se ampliasse ainda mais o seu já extenso foco.

Uma dessas idéias, que poderia ser retomada numa pesquisa futura, é um estudo comparativo entre os comportamentos das torcidas nos estádios. Com exceção do aspecto da violência, pouco se pesquisou nessa área. Seria interessante, por exemplo, se levantar quais as músicas mais entoadas nos estádios, tanto no Brasil quanto no exterior. É curioso que *Mulata bossa nova*, uma marchinha carnavalesca dos anos 60, ainda empreste sua melodia para o coro de diversas torcidas de times brasileiros, ao lado do clássico do jazz norte-americano *When the saints go marching in*, e da tradicional canção mexicana *Cielito lindo*, cuja versão brasileira, *Está chegando a hora*, feita para o carnaval de 1942 por Henricão, em parceria com Rubens Campos, foi relançada no final dos anos 60 por Wilson Simonal, e, até hoje, é fundo musical dos minutos finais das vitórias dos times de grandes torcidas. Seria interessante que se pudesse compreender o processo da gênese de um determinado refrão ou grito de guerra, e como ele rapidamente toma conta de toda a arquibancada (um exemplo: durante o jogo Brasil 4x1 Japão, em Dortmund, Alemanha, durante a última Copa do Mundo, tão logo Ronaldo, até então com fraco desempenho na competição e acusado de estar acima do peso, marcou seu 14º. gol em Mundiais — igualando o recorde de Gerd Müller — surgiu um refrão, prontamente repetido em coro por

<sup>175</sup> PELLEGRINI FILHO, 2001, p.143

toda a entusiasmada torcida brasileira, alusivo a um repentino emagrecimento do craque: “*ih, f....! O Ronaldo emagreceu!*”).

E no exterior? As torcidas dos times europeus que contam com jogadores brasileiros ainda cantam a melodia de *Aquarela do Brasil* para saudá-los? Ainda se vêem bandeiras brasileiras nas arquibancadas dos estádios japoneses, como no tempo em que Zico lá atuava como jogador? Ainda correm pelas arquibancadas do mundo as “olas” (ondas) que surgiram na Copa do México? A *Marselhesa* (o hino da França) é mesmo o hino nacional cantado com mais ardor nos estádios? E de onde vêm aquelas canções que “nuestros hermanos argentinos” entoam, incansáveis, durante os 90 minutos das partidas disputadas por seus times (curiosamente, algumas delas começam a ser adotadas pela pequena mas aguerrida torcida do Juventus, do bairro da Mooca, em São Paulo)? Parece haver, aqui, um vasto campo para pesquisas.

Outra idéia que atrai o autor é um estudo mais aprofundado e acadêmico sobre o papel de Pelé como “embaixador” do Brasil. Apesar de tudo o que se falou e se escreveu sobre isso, fica a impressão de que o brasileiro comum, principalmente o mais jovem, subestima a importância de Pelé.

Além do desenvolvimento de novas idéias, pretende-se manter atualizado o presente trabalho. Conforme foi mencionado no início do segundo tempo, muitas tabelas ali incluídas estão incompletas, pois não se conseguiu obter todas as informações que delas deveriam fazer parte. Pretende-se, na medida do possível, tentar preencher as lacunas ainda existentes nessas tabelas, além de se corrigirem eventuais erros.

É claro que novas manifestações retratando o Futebol deverão surgir no futuro. Como a pesquisa mostrou, a quantidade dessas manifestações tem crescido muito ultimamente, e a tendência é crescer ainda mais (apesar do fraco desempenho da Seleção Brasileira na Alemanha, em 2006, o prestígio do Futebol brasileiro parece ter sido pouco abalado). Sendo assim, pretende-se continuar coletando informações, que possam enriquecer ainda mais o trabalho.

Devido à sua já expressa expectativa em relação ao *Museu do Futebol*, o autor pretende, de alguma forma, acompanhar seus primeiros passos. Eventualmente, em função das pesquisas feitas para este trabalho, poderá propor sugestões que, no seu entender, possam contribuir para a qualidade do museu. Também com esse objetivo, o autor pretende visitar museus já existentes, como o de Maceió-AL, o do Barcelona e o da FIFA, em Lausane, na Suíça.

O autor gostaria, ainda, de se empenhar pessoalmente na implementação de algumas outras propostas apresentadas. Um exemplo é a restauração e a conservação do monumento em frente ao Club Athletico Paulistano, embora ainda não se saiba quais os trâmites burocráticos necessários para isso.

### **6.3 Considerações finais**

A princípio, pensou-se em dar a este último capítulo o título de “Volta olímpica”. Chegou-se, depois, à conclusão de que esse título seria muito presunçoso: afinal, não cabe ao autor, mas sim à banca examinadora, avaliar se ele merece, de fato, as honras da vitória.

É certo que o resultado obtido ficou um pouco aquém do esperado. É mais ou menos natural que, quando uma idéia é concebida, se vejam com mais clareza os aspectos positivos do que os negativos. À medida que a idéia vai sendo desenvolvida, porém, vão surgindo obstáculos e dificuldades inicialmente não considerados, e que nem sempre são totalmente transpostos. Algumas frustrações aparecem, e, no final, não se chega exatamente aonde se desejava chegar.

Mesmo assim, não se pode dizer que este trabalho tenha sido de todo decepcionante. Escrever sobre Futebol e Turismo, dois temas tão apaixonantes, já é motivo suficiente para se sentir satisfeito. Visitar memoriais e salas de troféus dos grandes clubes, conversar com torcedores, ouvir hinos de clubes e outras belas canções, assistir a filmes e peças de teatro, ler crônicas e livros, admirar obras de arte — tudo isso com o tema Futebol — só pode ter sido altamente gratificante para um apaixonado pelo esporte.

Uma coisa é certa: se o resultado não foi o esperado, não foi por falta de empenho do autor, muito menos de seu orientador.

## Bibliografia

- ACERVO de Puskas é salvo de ir a leilão. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 29/10/2005. p.E2.
- AGUIAR, Zé Augusto de. Estádio cultural da bola. **Placar**. São Paulo-SP, 08/2005. p.16-17.
- ANDRADE, José Vicente de. **Lazer - Princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2001.
- ÂNGELO, Assis. **A presença do Futebol na Música Popular Brasileira**. São Paulo-SP, 2002.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2002.
- ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Corintiano graças a Deus!**. São Paulo-SP: Planeta do Brasil, 2004.
- BALDINI JR., Wilson. Muhammad Ali aposta em projeto de US\$60milhões. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 16/10/2005. p.E6.
- BARBOSA, Mariana. Lula corre para incluir o turismo popular no pacote de bondades. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 1/3/2006. p.A4.
- BARRETO, Juliano. Um totó galáctico. **Placar**. São Paulo-SP, 10/2005. p.19.
- BASTOS, Rosa; BRADT, Ricardo. Maria Antônia, espírito preservado. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 18/7/2005. p.C1.
- BELLOS, Alex. **Futebol - o Brasil em campo**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2003.
- BRASIL, Ubiratan. O gosto amargo do futebol. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 7/4/2006. p.D4.
- BRITO, Agnaldo. Marketing esportivo é caixinha de surpresas. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 13/3/2005. p.B8.
- BUENO, Rodrigo. Apresentação na Alemanha une mulata e favela. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 14/2/2006. p.D1.
- CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro**. 1988. Tese de Livre Docência - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 1988.
- CALDEIRA, Jorge. **Ronaldo - glória e drama no Futebol globalizado**. Rio de Janeiro-RJ: Lance!, 2002.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é Lazer**. São Paulo-SP: Brasiliense, 1986.
- CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **O Marechal da Vitória - uma história de rádio, TV e Futebol**. São Paulo-SP: A Girafa, 2005.
- CASTELLO, José. **Pelé - os dez corações do Rei**. Rio de Janeiro-RJ: Ediouro, 2004.
- CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico - a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1992.
- CASTRO, Ruy. **Estrela solitária - um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1995.
- CHAVES, Mauro. Pelé, orgulho eterno. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 26/6/2004. p.A2.
- COLISEUS de papelão. **Placar**. São Paulo-SP, 02/2005. p.15.
- CORAÚCCI, Carlos. **Um show de rádio - a vida de Estevam Sangirardi**. São Paulo-SP: A Girafa, 2006.
- COSTA, Alexandre da. **O Tigre do Futebol**. São Paulo-SP: DBA, 1999.
- DAMATTA, Roberto; MORAIS, Frederico. **Exposição Universo do Futebol - uma reflexão sobre os significados sociológicos e estéticos do futebol no contexto da cultura brasileira**. Rio de Janeiro-RJ: Museu de Arte Moderna, 1982.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP - Dossiê Futebol**. São Paulo-SP, 06,07,08/1994. p.10-17.
- DUARTE, Orlando. **Pelé - o supercampeão**. São Paulo-SP: Makron, 1993.
- DUARTE, Orlando; FILHO, Severino. **Fried versus Pelé**. São Paulo-SP: Makron, 2000.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo-SP: Perspectiva, 2000.
- DUNDER, Karla. Deborah Colker calça as chuteiras em Maracanã. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 25/1/2006. p.D3.
- ESCOBAR, Herton. Honra ao Atlético: nome de abelha. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 16/3/2006. p.A12.
- ESTÁDIO do Ajax tem teto móvel e estações do metrô. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 5/10/1999. p.E2.
- FÁBRICA falsificava camisetas. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 15/3/2006. p.C7.

- FAUSTO, Boris. **Folha de S. Paulo**. São Paulo-SP, 6/4/2005.
- FEIRA de Frankfurt homenageia Coréia do Sul e futebol. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 19/10/2005. p.D6.
- FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2005.
- FRANCO, Carlos. Jogadores estrelam campanha milionária. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 31/1/2006. p.E4.
- GEHRINGER, Max. **A saga da Jules Rimet - a história das Copas de 1930 a 1970**. São Paulo-SP: Abril, 2006.
- GIANOTI, Manuel Gustavo. **O torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada: características da participação de torcedores brasileiros em jogos de futebol**. 1996. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 1996.
- GIORGETTI, Ugo. Santuário da várzea em perigo. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 19/2/2006. p.C1.
- GIORGETTI, Ugo. Bar também é futebol. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 9/4/2006. p.E2.
- GOMES FILHO, Julio. **Torcedor luso: o verdadeiro fiel**. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2001.
- HAAG, Carlos. Futebol e Arte formam um grande time. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 13/7/1998. p.E10.
- HALL of fame. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 17/6/2005. p.D4.
- HAMILTON, Aidan. **Domingos da Guia - o Divino Mestre**. Rio de Janeiro-RJ: Gryphus, 2005.
- JAL; GUAL. **A história do futebol no Brasil através do cartum**. Rio de Janeiro-RJ: Bom Texto, 2004.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. Identidade nacional, assunto acadêmico?. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 7/7/2005. p.A2.
- LEAL, Ubiratan. Futebol é disciplina. **Placar**. São Paulo-SP, 01/2005. p.19.
- LEAL, Ubiratan. Rivalidade exposta. **Placar**. São Paulo-SP, 07/2005. p.62.
- MARANHÃO, Haroldo. **Dicionário de Futebol**. Rio de Janeiro-RJ: Record, 1998.
- MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues - o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo-SP: EDUC, 2000.
- MARTINS, Rodrigo. Futebol: hoje o show é da bola. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 18/7/2005. p.L13.
- MATTEUCCI, Henrique. **Memórias de Mário Américo - o massagista dos reis**. São Paulo-SP: Nacional, 1986.
- MATTIUSSI, Paulo. **Osmar Santos - o milagre da vida**. São Paulo-SP: Sapienza, 2004.
- MATTOS, Cláudia. **Cem anos de paixão - uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro-RJ: Rocco, 1997.
- MAURÍCIO, Ivan. **90 minutos de sabedoria - a filosofia do futebol em frases inesquecíveis**. Rio de Janeiro-RJ: Garamond, 2001.
- MILLS, John Robert. **Charles Miller - o pai do futebol brasileiro**. São Paulo-SP: Panda, 2005.
- MONTE ALTO, Cristiano; ZARVOS, Cláudia. **Pelé - a arte do Rei**. São Paulo-SP: Museu de Arte de São Paulo, 2002.
- MOTTA, Nelson. **Fluminense - a breve e gloriosa história de uma máquina de jogar bola**. Rio de Janeiro-RJ: Ediouro, 2004.
- MUSEU do Boca emociona quem gosta de futebol. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 1/6/2004. p.V10.
- O ADEUS de quem fica. **Placar**. São Paulo-SP, 23/10/1990. p.62-63.
- ORICCHIO, Lívio. Aqui, a história do Brasil da bola. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 7/11/2005. p.E5.
- ORICCHIO, Luiz Zanin. Relações perigosas entre futebol e poder. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 12/2/2004. p.D6.
- ORICCHIO, Luiz Zanin. Bola na trave para a bilheteria de 'Pelé Eterno'. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 16/7/2004. p.D3.
- ORICCHIO, Luiz Zanin. Onde foram parar a alegria e a irreverência de Mané? **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 17/2/2005. p.D1.
- ORICCHIO, Luiz Zanin. Futebol e carnaval. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 24/2/2009. p.E2.
- PACCE, Lilian. Desfile inspirado em futebol no Pacaembu e nudez na Bienal. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 3/7/2005. p.C4.

- PACCE, Lilian. Modelos de praia em tempos de Copa. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 19/1/2006. p.C5.
- PÉ de craque. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 26/8/2005. p.D6.
- PEDROSA, Milton. **Gol de letra - o Futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro-RJ: Gol, 1967.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. **Dicionário Enciclopédico de Ecologia & Turismo**. São Paulo-SP: Manole, 2000a.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. **Literatura Folclórica**. São Paulo-SP: Manole, 2000b.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, cultura e turismo**. São Paulo-SP: Papirus, 2001.
- PELLEGRINI FILHO, Américo; SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **Antropologia Cultural & Folclore**. São Paulo-SP: Olimpika, 1989.
- PERASSOLLI, Daniel. O fiel escudeiro. **Placar**. São Paulo-SP, 07/2005. p.19.
- PIRES, Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. São Paulo-SP: Manole, 2001.
- PIZA, Daniel. A arte de chuteiras. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 17/2/2002. p.D3.
- PIZA, Daniel. Ora, bolas. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 7/7/2002. p.D3.
- PIZA, Daniel. Por que o Brasil é grande no futebol. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 13/7/2005. p.E2.
- PIZA, Daniel. Em fotos, um século de alegrias. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 20/3/2006. p.E6.
- PRATA, Mário. **Palmeiras - um caso de amor**. São Paulo-SP: DBA, 2002.
- PUGLIESE, Osvaldo Pascoal. **Sai da rua, Roberto! - a verdadeira história de um dos maiores jogadores de futebol do mundo. Rivellino**. São Paulo-SP: Master, 1999.
- RAMOS, Luiz Carlos. **Vicente Matheus: quem sai na chuva é pra se queimar**. São Paulo-SP: do Brasil, 2001.
- RAMOS, Luiz Carlos. Homens que levam o futebol embora. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 28/4/2005. p.E4.
- RAMPAZZO, Fabiano. Nos restaurantes, só prato verde-amarelo. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 26/6/2006. p.C6.
- REHDER, Marcelo. Fabricantes de TV se preparam para um novo recorde. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 6/12/2005. p.B3.
- RIBEIRO, André. **O Diamante Eterno - biografia de Leônidas da Silva**. Rio de Janeiro-RJ: Gryphus, 1999.
- ROCHA, Antônio Carlos Teixeira. **Castilho**. Juiz de Fora-MG: Editar, 2003.
- RODRIGUES, Cinthia. Verde-e-amarelo agora é fashion até no Brasil. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 6/9/2005. p.C6.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais - crônicas de futebol**. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. **A Pátria em chuteiras - novas crônicas de futebol**. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no Futebol brasileiro**. Rio de Janeiro-RJ: Mauad, 2003.
- ROMANELLI, Amanda. Arena do Atlético vira japonesa. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 17/3/2005. p.E4.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo - primórdios do Futebol no Brasil**. São Paulo-SP: Cosac&Naify, 2002.
- SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuzá Homem de. **A canção no tempo - 85 anos de músicas brasileiras - vol.1: 1901-1957**. São Paulo-SP: 34, 1997.
- SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuzá Homem de. **A canção no tempo - 85 anos de músicas brasileiras - vol.2: 1958-1985**. São Paulo-SP: 34, 1998.
- SHIRTS, Matthew. Futebol e comédia. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 4/4/2005. p.D8.
- SHIRTS, Matthew. Futebol e festas. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 19/6/2006. p.D8.
- SILVA, Roberta. O Brasil é o país do futebol... virtual. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 4/4/2005. p.L14.
- SILVESTRE, Lusa. Personagem do mês - Henry. **Placar**. São Paulo-SP, 02/2005. p.19.
- SIQUEIRA, Chico. Ele vai morar no distintivo do São Paulo. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 3/4/2005. p.E2.
- SIQUEIRA, Ethevaldo. Vale a pena apoiar estes andróides do ITA. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 16/4/2006. p.B8.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar - o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo-SP: Summus, 1994.
- SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corintiana - a utopia em jogo**. São Paulo-SP: Boitempo, 2002.

- SOUZA, Jair de; LEITÃO, Sérgio Sá; RITO, Lúcia. **Futebol Arte**. São Paulo-SP: SENAC, 1998.
- TINOCO, Luís Fernando. No teatro, doutor Sócrates mostra dia-a-dia do futebol. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo-SP, 20/10/2004. p.E3.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. A vingança de José sobre Taílson. **Veja**. São Paulo-SP, 25/10/2005. p.186.
- TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Futebol é bom pra cachorro! - a história das copas contada por personagens absurdos e excêntricos, ou seja, torcedores**. São Paulo-SP: Panda, 2002.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Entretenimento - uma crítica aberta**. São Paulo-SP: SENAC, 2003.
- TRIGO, Mário. **O eterno Futebol**. Brasília-DF: Thesaurus, 2002.
- UNZELTE, Celso Dario. **Almanaque do Timão**. São Paulo-SP: Abril, 2000.
- VERDADES e mentiras. **Placar**. São Paulo-SP, 03/1999. p.84-85.
- ZICO. **Zico conta sua história**. São Paulo-SP: FTD, 1996.
- ZYLBERSTAJN, Felipe. No compasso do Futebol. **Placar**. São Paulo-SP, 10/2004. p.18-19.

## APÊNDICE I EXPERIÊNCIAS DO AUTOR NO EXTERIOR

São relatados, aqui, episódios ocorridos com o autor em suas viagens ao exterior, que ilustram o conceito de “Brasil, País do Futebol”.

1) Em minha primeira viagem, sozinho, ao exterior, desembarquei em Miami, Estados Unidos, no dia 4/7/1994, feriado nacional, comemorativo da Independência do país, e dia em que sua seleção jogaria com a do Brasil, na Califórnia, em partida válida pelas oitavas de final da Copa daquele ano. Depois de um passeio pela cidade, assisti ao (sofrido) jogo num restaurante freqüentado pela colônia brasileira, junto a uma centena de “brazucas”. À noite, fui assistir ao espetáculo de fogos de artifício no centro da cidade, com um grupo de jovens latinos. Anos depois, lembrei-me muito daquele dia, ao ler curioso artigo no jornal *O Estado de S. Paulo* em que seu autor, Matthew Shirts, norte-americano, relata a primeira viagem feita à sua pátria com seu jovem filho, nascido no Brasil. Como eu, o garoto chegara aos Estados Unidos num 4 de julho. Ao ver tantas bandeiras do país hasteadas, perguntou ao pai: “*De quem os Estados Unidos ganhou hoje?*” Seria pitoresco se essa pergunta tivesse sido feita naquele dia em que os vencemos por 1x0.

2) Dias depois de minha chegada aos Estados Unidos, fui a Dallas, onde o Brasil enfrentaria a Holanda. Hospedei-me num pequeno hotel na periferia da cidade, praticamente lotado por alegres holandeses. Simpáticos, convidaram-me para acompanhá-los num passeio a um rodeio, na véspera do jogo. Durante o passeio, nosso grupo foi filmado por uma estação de TV holandesa. O repórter, depois de entrevistar alguns torcedores holandeses, fez questão de me entrevistar, querendo saber meu palpite para a partida. Pelo tom de sua pergunta, pela reverência que me fez, era evidente que ele considerava o Brasil o grande favorito.

3) Ainda em Dallas, conheci John, um mecânico de automóveis inglês, morador da região de Leeds e devotado fã de Futebol, que juntara suas economias para assistir a jogos das 4 primeiras rodadas da Copa do Mundo de 1994. Detalhe: a Inglaterra não havia se classificado para aquela Copa! John tinha se programado para assistir apenas aos jogos do Brasil! Torcedores como John, hoje, já não me surpreendem mais: em cada Copa, deve haver centenas desses “neutros” que torcem desesperadamente pelo Brasil.

4) Nas ruas de Pasadena, Califórnia, no dia em que o Brasil bateu a Itália nos pênaltis e conquistou o tetracampeonato, nossa vitória foi celebrada não só pelos brasileiros que lá estavam, mas também por muitos torcedores de outras nacionalidades, especialmente latino-americanos (em menor escala, isso também ocorreu em Tóquio, por ocasião do pentacampeonato).

5) Vivi por 18 meses numa cidade de cerca de 100 mil habitantes do interior do Texas, Estados Unidos. Em minha última semana, compareci a um estúdio de uma emissora de rádio local, durante a transmissão de um programa do tipo “mesa-redonda”, no qual se comentavam os esportes do país, com a participação de ouvintes. Minha intenção era deixar uma mensagem de agradecimento a meus anfitriões, de uns 30 segundos, exaustivamente ensaiada antes... Ao saberem de minha nacionalidade, os debatedores do programa me fizeram permanecer ali por quase meia hora, formulando-me diversas perguntas sobre o Futebol brasileiro e as diferenças esportivas entre os dois países.

6) Numa ocasião em que estive em Londres, em 1997, haveria um jogo pelas eliminatórias da Copa de Mundo do ano seguinte, entre Inglaterra e Moldávia, no lendário estádio de Wembley (verdadeiro templo do Futebol, atualmente passando por uma profunda reforma). Dois ou três dias antes da partida, manifestei a um amigo brasileiro, residente em Londres, minha decepção por não ter podido comprar um ingresso, pois todos já tinham sido vendidos. Pois no dia seguinte meu amigo ofereceu-me um ingresso para o jogo, conseguido, segundo ele, com um colega de trabalho inglês, que, gentilmente, abriu mão dele em cortesia a um brasileiro, “*genuíno torcedor campeão do mundo*”.

7) Em 1998, cheguei à França cerca de 10 dias antes da abertura da Copa. Durante 20 dias, fiz passeios pelas regiões do vale do rio Loire e da Bretanha. Nos 20 dias seguintes, até o final da Copa, permaneci na região metropolitana de Paris. Até o jogo semifinal, em que a Seleção Francesa bateu a da Croácia e se qualificou para disputar a final contra a brasileira, quase todos os franceses com quem conversei (e foram algumas dezenas) me juraram que não acreditavam na sua equipe, e que torceriam pelo Brasil. Excluindo-se as bandeiras francesas hasteadas em mastros no alto e na frente de prédios públicos, — isto é, considerando-se apenas bandeiras em janelas de residências particulares, — não tenho dúvidas de que, no período em que permaneci em Paris, avistei mais bandeiras verde-amarelas do que tricolores.

8) Este episódio não aconteceu comigo, mas com o publicitário Washington Olivetto, e foi relatado em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*. Durante a Copa da França, ele distribuiu aos funcionários do hotel em que estava hospedado algumas camisetas amarelas, com o logotipo da sua *W/Brasil* no lugar do distintivo da CBF. Com isso, ele conseguiu generosas “cortesias”, desde a reserva do melhor lugar à beira da piscina do hotel até exemplares exclusivos dos jornais esportivos do dia. No mesmo artigo, ele relata que, como eu, também ouviu dos franceses a promessa de que torceriam pelo Brasil, pois estavam certos de que sua seleção seria logo eliminada.

9) Por ocasião da disputa da Olimpíada de 2000, em Sydney, Austrália, emocionei-me em ver um garotinho de uns 5 ou 6 anos trajando uma camiseta amarela com a foto de Ronaldo. Naquela ocasião, Ronaldo, inativo havia mais de um ano, tentava se recuperar de gravíssima lesão em seu joelho, e até mesmo sua volta ao Futebol era posta em dúvida. Mesmo assim, seu rosto sorridente estava estampado no peito de uma criança australiana.

10) No início da Copa do Mundo de 2002, em Busan, Coréia do Sul, fiz amizade com uma família de norte-americanos (casal e filho adolescente, fanático por Futebol) que aproveitava a Copa para fazer turismo no Oriente, visitar parentes no Japão, e assistir ao primeiro jogo do Brasil (desprezando o de sua própria seleção).

11) O segundo jogo do Brasil, nessa Copa, contra a China, foi disputado na ilha de Jeju, sul da Coréia. Na véspera da partida, trajando uma camiseta com a bandeira brasileira estampada, fui abordado na rua por um jovem coreano que me ofereceu, gratuitamente, hospedagem na garagem de sua casa. Naquele dia, conheci outros amigos dele, que também hospedavam (ou já tinham hospedado) torcedores estrangeiros, a maioria brasileiros.

12) No Japão, país com um dos mais altos custos de vida do mundo, me foram oferecidos três jantares. Em duas ocasiões, a oferta partiu de pessoas com as quais já tinha estabelecido um relacionamento de amizade (por causa do Futebol). O terceiro jantar — na verdade, um prato típico japonês — me foi oferecido por um cliente de um restaurante onde eu entrara para fazer um lanche, apenas por eu lhe ter oferecido uma pequena pulseira verde-amarela.

13) Uma opção econômica para refeições no caro Japão, sem depender da sorte e da generosidade dos japoneses, era o prato infantil (“happy meal”) da cadeia de refeições rápidas *McDonalds*, com direito a escolher uma miniatura do cachorrinho *Snoopy* praticando um esporte. Não foi nenhuma surpresa constatar que o *Snoopy* futebolista trajava uma camiseta amarela, com detalhes verdes...

14) No modesto hotel em que estava hospedado, em Tóquio, no dia da final Alemanha x Brasil, eu era o único brasileiro. Havia muitos ingleses e alemães. Ao retornar ao hotel após as comemorações pela vitória, com o dia já amanhecendo, encontrei vários deles no saguão do hotel, em meio a dezenas de latinhas de cerveja (vazias). Ao me ver, um alemão afirmou que trocaria seu “status” de país do primeiro mundo pelos nossos “4Rs” (os jogadores Rivaldo, Ronaldo, Ronaldinho e Roberto Carlos).

15) Em outubro de 2004, estive em Maracaibo, Venezuela, para assistir à partida entre a seleção local e a do Brasil, pelas eliminatórias sul-americanas. Na véspera, dentre milhares de pessoas que foram ver o treino da Seleção Brasileira, conheci uma família de venezuelanos. Passei o dia do jogo com eles, que me ofereceram almoço e conseguiram minha entrada no estádio, apesar de não ter ingresso (entrei “disfarçado” de adestrador de cão policial!).

16) Na véspera dessa partida, fui longamente entrevistado por duas emissoras de rádio do interior da Venezuela, cujos repórteres fizeram sentir-me uma sumidade em Futebol, apenas por eu ser brasileiro.

17) Durante a Copa da Alemanha, em 2006, caminhando pelas principais ruas de comércio daquele país, ficou-me evidente que, depois das cores da bandeira alemã (preto, amarelo e vermelho), as cores mais utilizadas na decoração das vitrines das lojas eram o verde e o amarelo. A bandeira brasileira e a camisa da nossa Seleção eram artigos constantemente expostos nessas vitrines, mesmo depois da eliminação do Brasil, na derrota para a França.

18) Ainda durante a Copa da Alemanha, pude constatar a validade de uma “regra” por mim mesmo formulada, a “regra dos 15 minutos”: andando pelas ruas, dificilmente passavam-se 15 minutos sem que eu visse algum estrangeiro trajando uma camisa do Brasil; ouvindo rádio, dificilmente passavam-se 15 minutos sem que eu ouvisse uma canção brasileira.

19) Este episódio aconteceu com minha irmã, numa agência de correio da Capadócia, longínqua região da Turquia, em meados dos anos 80. O atendente turco, ao vê-la postando uma carta para o Brasil, começou a dizer: “*Brasil! Belé!*”. Em seguida, através de gestos, ele lhe solicitou que ela desse seus palpites num jogo da loteria esportiva local.

20) Este último episódio também não aconteceu comigo e nem foi em época de Copa. Conto-o como me contaram. Um brasileiro tomou um táxi em Marrocos. O motorista, ao perceber a nacionalidade de seu passageiro, tomou um caminho diferente do que lhe havia sido solicitado: dirigiu-se à sua própria casa, em cuja sala exibia, pendurados, um pôster com a foto da Seleção Brasileira de 1970 e outro com a foto de Pelé, os quais fez questão de mostrar ao atônito passageiro brasileiro!

## APÊNDICE II PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS LIGADOS AO FUTEBOL NAS CIDADES DO RIO DE JANEIRO E DE SÃO PAULO

São descritos, a seguir, os principais atrativos turísticos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, ligados ao tema Futebol. A maioria desses atrativos foi visitada pelo próprio autor, que procurou registrar os pontos positivos e negativos de cada um.

### 1) sede social e estádio do Fluminense Football Clube - Rio de Janeiro (em fevereiro de 2006)

A sede do Fluminense, no bairro das Laranjeiras, ainda conserva um pouco da aristocracia que a marcou nos primeiros anos do século XX, como o belo vitral de sua fachada. O rico acervo da sala de troféus está muito desorganizado (estão misturados troféus e medalhas de diversos esportes), mas há o projeto de ampliação em suas instalações. O estádio anexo ao clube, hoje utilizado apenas pelas equipes de base, tem valor histórico: foi lá que o Brasil conquistou seu primeiro título internacional, na vitória por 1x0 sobre o Uruguai, em 1919. A loja é bem sortida, mas acanhada e sem acesso direto pela rua.

### 2) sede social do Botafogo Futebol e Regatas - Rio de Janeiro (em fevereiro de 2006)

O Botafogo recuperou sua antiga e tradicional sede na rua General Severiano, no bairro que lhe dá o nome (parte do terreno foi vendida para a construção de um “shopping center”). A fachada principal é quase tão imponente quanto a do Fluminense. A sala de troféus está mais organizada, embora seu acervo seja reduzido, e a loja é bem ampla e moderna. Chama a atenção o oratório logo na entrada do clube, com um recipiente com água benta de que se serve quase todo sócio, confirmando a fama de ser um clube ligado a crendices e superstições.

### 3) sede social do Clube de Regatas do Flamengo - Rio de Janeiro (em fevereiro de 2006)

A sede do Flamengo, no bairro da Gávea, é a mais moderna dentre as sedes dos grandes do Rio de Janeiro, e também aquela da qual se tem o mais belo visual, pois se situa às margens da lagoa Rodrigo de Freitas. Logo na entrada, há uma pequena “calçada da fama”, com referências às principais conquistas e aos maiores atletas do clube (de Futebol e de remo). A ampla sala de troféus apresenta apenas as peças mais significativas do acervo, expostas em vitrines, num estilo mais “clean” do que o das demais salas congêneres da cidade. A loja tem a desvantagem de se situar no interior do clube, e, por isso, tem o acesso proibido em alguns horários (principalmente quando o time está em treinamento).

### 4) sede social e estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama - Rio de Janeiro (em fevereiro de 2006)

O Vasco da Gama, o único grande clube da zona norte, construiu seu estádio no bairro de São Januário nos anos 20, graças ao esforço da colônia portuguesa. Até 1940, quando surgiu o estádio do Pacaembu, em São Paulo, foi o maior do Brasil. Sua bela fachada é singular, diferente de todos os estádios brasileiros, e reflete bem o estilo da época em que foi construída. A sala de troféus lembra a do Fluminense em número de peças, embora pareça estar um pouco mais organizada. A loja é bem apertada, mas tem acesso tanto pelo interior do clube quanto por uma porta da rua.

### 5) sede social do América Futebol Clube - Rio de Janeiro (em fevereiro de 2006)

Tido como segundo clube no coração de todo o carioca, e o preferido de Lamartine Babo, autor de todos os hinos dos clubes do Rio de Janeiro, o América tem sua sede social no bairro da Tijuca. A exemplo do que ocorreu com o Botafogo, o terreno do antigo campo foi vendido para a construção de um “shopping center”. Segundo um relato, há na sede um pequeno mas bem organizado museu, com peças interessantes sobre a história do clube.

6) Estádio Mario Filho (Maracanã) - Rio de Janeiro (em fevereiro de 2006)

A maior atração futebolística do Rio de Janeiro é mesmo o estádio do Maracanã, cujo nome oficial homenageia o antigo jornalista que tanto lutou por sua construção. É ainda considerado o maior do mundo, embora sua capacidade, após uma reforma, reduziu-se a pouco mais da metade dos mais de 200 mil que o lotaram na final da Copa do Mundo de 1950. Só sua visão externa já impressiona quem dele se aproxima, de automóvel, ônibus, trem ou metrô. Do lado externo, pode-se admirar a chamada estátua de Bellini, que homenageia a primeira grande conquista brasileira: a Copa do Mundo de 1958, disputada na Suécia. Nos dias em que não há jogos, pode-se visitar a “calçada da fama”, com as marcas dos pés de grandes craques brasileiros e de alguns estrangeiros. Nesses mesmos dias, é possível se fazer, mediante o pagamento de R\$15,00, uma visita guiada ao pequeno museu, aos vestiários, ao gramado e às tribunas de honra. No museu, alguns painéis homenageiam os times cariocas e os principais craques que neles atuaram. Um busto de Zagallo, o *Imortal do Futebol*, outro de Mario Filho e três esculturas são as principais peças a serem admiradas. Há, também, um café bem simples, e uma loja com suvenires brasileiros diversos, cujos atendentes falam diversos idiomas (inclusive o chinês!). O ambiente costuma ser alegrado por um trio que toca música popular brasileira. No gramado, vestindo a camisa 10 da Seleção Brasileira, Márcio, contratado pelo estádio, faz “embaixadas” e malabarismos com uma bola de Futebol e com uma bolinha menor do que uma jabuticaba. Segundo informação obtida no local, cerca de 500 pessoas visitam o Maracanã diariamente, lá permanecendo de 40 minutos a uma hora em média.

7) sede social e memorial do São Paulo Futebol Clube e estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi) - São Paulo (em março de 2006)

A sala de troféus do São Paulo, no interior do estádio do Morumbi, zona sul, foi a primeira que se transformou num “memorial”. Além dos troféus conquistados pelas equipes de Futebol e de outros esportes, expõe painéis informativos, fotos, pôsteres e outros objetos. O principal destaque, pendurada no centro da sala (que possui pé direito duplo e dispõe de um mezanino) é a escultura que representa o grande Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, executando a jogada que o imortalizou: a bicicleta. A loja estava desativada em março de 2006. Não se permite a visitação a outras dependências do estádio, que pode ser visto apenas externamente.

8) sede social e memorial do Sport Club Corinthians Paulista - São Paulo (em março de 2006)

Inaugurado no início de 2006 com a presença do corintiano presidente Lula, o memorial do Corinthians, no Tatuapé, zona leste, tem sido muito elogiado pelos seus visitantes, pela interatividade e modernos recursos tecnológicos que lhes oferece. Dispõe de uma sala de cinema, vídeos, equipamentos multimídia e jogos eletrônicos que mostram a história do clube, de seus principais jogadores e de suas conquistas. O ingresso custa R\$15,00. A loja é ampla, moderna e bem sortida.

9) sede social da Sociedade Esportiva Palmeiras e estádio Palestra Itália (Parque Antarctica) - São Paulo (em março de 2006)

O Palmeiras situa-se na Água Branca, zona oeste, num local conhecido como Parque Antarctica, pois antes pertencia à tradicional cervejaria. O clube prepara, também, a implantação de seu memorial. Por ora, pode-se visitar a sala de troféus (apenas de quinta a sábado, no período da tarde) e a loja de produtos esportivos. Não há visitas guiadas ao estádio Palestra Itália, cujo gramado, em nível elevado, é conhecido como “Jardim Suspense”.

10) Estádio Municipal Dr. Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) - São Paulo (em março de 2006)

O estádio do Pacaembu merece ser visto, mesmo do lado externo, a partir de sua imponente entrada principal, especialmente à noite, pela sua bela iluminação. Situa-se na praça Charles Miller, o introdutor do Futebol no Brasil. Seu nome oficial é uma homenagem ao “Marechal da Vitória”, o empresário do rádio que chefiou as delegações brasileiras no bicampeonato mundial de 1958 e 1962. Suas arquibancadas laterais se apóiam nas encostas do vale do Pacaembu, um pequeno córrego, hoje subterrâneo, que nascia na vertente norte do espigão da av. Paulista. No mesmo complexo existem quadras de tênis, piscina e ginásio de esportes, além de uma estátua da tenista Maria Esther Bueno. Há um projeto em andamento para reurbanização da praça Charles Miller e a implantação do Museu do Futebol numa área sob as arquibancadas, hoje ocupada por salas da administração do estádio.

11) estádio Nicolau Alayon (Nacional A. C.), sede e museu da Federação Paulista de Futebol, e centros de treinamento do São Paulo e do Palmeiras - São Paulo (em março de 2006)

A meio caminho entre o Parque Antarctica e o estádio do Pacaembu fica o bairro da Barra Funda, zona oeste, de importância histórica para o Futebol brasileiro. Ali ficavam alguns dos campos de várzea onde se disputaram as primeiras partidas de Futebol no país. Hoje, o bairro abriga a sede da Federação Paulista de Futebol, onde existe um pequeno museu, com alguns objetos interessantes (exemplos: troféus antigos, a bola da final da Copa de 1958, a camisa que Nilton Santos usou naquele jogo); os centros de treinamento do São Paulo e do Palmeiras; e o campo do Nacional, clube que sucedeu o da *São Paulo Railway*, a *Inglês*, a companhia de estradas de ferro que fez a ligação entre o porto de Santos e os centros produtores de café, e que teve importante papel na chegada do Futebol ao Brasil.

12) sede social da Associação Portuguesa de Desportos e estádio Dr. Osvaldo Teixeira Duarte (Canindé) - São Paulo (em março de 2006)

No bairro do Canindé, zona norte, às margens do rio Tietê, fica o estádio Osvaldo Teixeira Duarte, de propriedade da Portuguesa de Desportos, que reúne torcedores da colônia lusitana. É chamado, também, de “Ilha da Madeira”.

13) estádio Conde Rodolfo Crespi (Clube Atlético Juventus) - São Paulo (em março de 2006)

O pitoresco e acanhado estádio Conde Rodolfo Crespi, do Juventus, fica na rua Javari, no italiano bairro da Mooca, zona leste. Foi nesse estádio que Pelé marcou o gol que ele considera o mais belo de sua carreira, o que fez com que, em 2006, ali se erguesse um busto do jogador. O clube faz uma homenagem a dois times italianos: a Juventus de Turim (no nome) e a Fiorentina de Firenze (na cor grená).

14) memorial do jogador Julinho Botelho - São Paulo (não foi visitado)

O memorial a Julinho Botelho homenageia um dos maiores pontas do Futebol brasileiro, falecido em 2003. Na preparação para a Copa do Mundo de 1962, enfrentou — e venceu — as vaías de um Maracanã lotado, por ter deixado Garrincha, o favorito da torcida, no banco. O memorial foi inaugurado em 2004, por iniciativa dos filhos do jogador, em parceria com o promotor cultural Mário Cortez.

15) sedes sociais do São Paulo Athletic Club, do Club Athletico Paulistano e do Esporte Clube Pinheiros - São Paulo (em março de 2006)

Numa pequena travessa da rua da Consolação, região central, pouco abaixo da antiga caixa d’água, fica a sede social do São Paulo Athletic Club, conhecido por SPAC, o “clube dos ingleses”, em que atuou Charles Miller. A área hoje ocupada pelo clube (quadras de tênis, quadra de “bowls”, piscina e sede social) lhe foi cedida por dona Veridiana Prado, matriarca de tradicional família paulistana, proprietária do Velódromo, que ficava ali próximo (onde hoje fica a Igreja da Consolação), e que se transformou no primeiro estádio de Futebol do país, além de ter originado o Club Athletico Paulistano. A atual sede do Paulistano, situada no outro extremo da rua Augusta, bairro do Jardim América, dispõe de modernas instalações esportivas e de lazer. Sua maior atração é o monumento erguido em frente ao clube, em homenagem ao grande time que, liderado por Arthur Friedenreich, venceu 9 das 10 partidas disputadas numa excursão à Europa, em 1925. Em março de 2006, o monumento se encontrava em mau estado de conservação, descaracterizado e pichado. Mais adiante, em direção à marginal do Rio Pinheiros, situa-se o Esporte Clube Pinheiros, antigo Germânia, que, assim como o SPAC e o Paulistano, disputou o primeiro campeonato do Brasil (o Paulista, em 1902). No interior do clube, há um pequeno museu em homenagem a seu fundador, Hans Nobiling, grande entusiasta pela implantação do Futebol no Brasil.

16) sede social e memorial do Santos Futebol Clube e estádio Urbano Caldeira (Vila Belmiro) - Santos-SP (em março de 2006)

Chamado de “Memorial das Conquistas”, o memorial do Santos, no bairro de Vila Belmiro, além de expor alguns dos inúmeros troféus conquistados pelo clube, apresenta diversos painéis com informações interessantes de sua história. A seção “uniformes ao correr do tempo” expõe réplicas de todos os modelos de uniforme já utilizados pelo time; outra seção é exclusiva sobre Pelé. Há ainda uma sala para a projeção de um vídeo de 20’ sobre os campeonatos brasileiros de 2002 e 2004 conquistados pela geração do craque Robinho. A visita pode ser estendida ao estádio, conhecido pelo apelido de “Alçapão da Vila”, incluindo os vestiários (onde o antigo armário de Pelé permanece reservado ao “Rei”), a sala de imprensa e o gramado, ao custo de R\$7,00. Ao final, as crianças recebem um diploma que atesta sua visita. O clube também tem sua loja no estádio, além de manter outras duas: uma em plena av. Paulista, em São Paulo, e outra no centro comercial do Gonzaga, em Santos.

17) casa do Sr. Meireles - São Vicente-SP (não foi visitado)

A humilde casa de um morador da Baixada Santista, grande fã de Pelé e colecionador de objetos que a ele se referem, abriga um acervo de cerca de 300 peças, entre livros, revistas, ingressos de jogos, produtos com a marca Pelé, etc. Não cobra ingresso.

18) *Bar do Elias, Pátio Terceiro Tempo, Bar do Elídio, Bar Boleiros e Bar São Cristóvão* - São Paulo (em março de 2006)

São Paulo possui alguns bares com decoração temática sobre Futebol: o *Bar do Elias* e o *Pátio Terceiro Tempo* ficam próximos ao Parque Antarctica, na Água Branca; o *Bar do Elídio* fica próximo ao campo do Juventus, na Mooca; o *Bar Boleiros* fica numa tradicional região de bares, a Vila Olímpia; e o *Bar São Cristóvão* fica em outra tradicional região de bares, a Vila Madalena.

## ANEXO I O OLHAR BRITÂNICO SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO

São apresentados, aqui, alguns trechos extraídos do livro *Futebol — the Brazilian way of life*, do jornalista inglês Alex Bellos, de acordo com o respectivo capítulo do livro.

### Introdução

*O futebol chegou ao Brasil em 1894. O violento esporte bretão saiu-se inesperadamente bem. Em algumas décadas seria o símbolo mais forte da identidade brasileira.*

*[...] os brasileiros inventaram um estilo exuberante e requintado que estabeleceu um padrão inatingível para o resto do mundo. Os britânicos o chamam de 'beautiful game'. Os brasileiros de 'futebol-arte'... nada no esporte internacional tem o mesmo apelo.*

*O Brasil é o maior produtor mundial de suco de laranja, café e açúcar. É também uma nação industrial, curiosamente um dos principais fabricantes de aviões do mundo, e tem uma herança artística impressionante, especialmente na música e na dança. E, claro, é o País do futebol.*

*[...] Maracanã, o templo do futebol brasileiro — e, portanto, do futebol mundial.*

*Acompanhar o futebol talvez seja o meio mais eficiente de se integrar na sociedade brasileira.*

*Como jornalista, fui ficando cada vez mais fascinado com o modo pelo qual o futebol influencia o estilo de vida. E se o futebol reflete a cultura, o que acho que faz, então o que no Brasil torna seus jogadores e seus torcedores tão... bem... brasileiros?*

*[...] eu queria saber como um jogo britânico trazido para cá há pouco mais de um século pode modelar com tanta força o destino de uma nação tropical. Como algo assim aparentemente singelo como um esporte de equipe tornou-se o maior fator de unificação do quinto maior país do mundo?*

*Nenhum outro país é marcado por um único esporte, creio, na mesma medida que o Brasil pelo futebol.*

### 1) O jogo no fim do mundo

*Aproximadamente cinco mil brasileiros jogam profissionalmente no estrangeiro... É quase quatro vezes mais que o número de diplomatas do país. Sob vários aspectos a diáspora futebolística é um serviço diplomático paralelo, pois, além de migrantes econômicos, os atletas são verdadeiros embaixadores culturais. São figuras públicas onde quer que apareçam, promovendo a herança futebolística de seu país.*

*Quando você pensa no Brasil você pensa em samba, alegria e dança.*

*[...] uma verdade esportiva universal: o futebol brasileiro possui um apelo único.*

*Em 1970, a vitória teve ainda o impulso da TV colorida que imortalizou Pelé e as camisas amarelas [...] seu legado ainda se faz sentir no mundo inteiro.*

*A expressão 'jogador brasileiro' é comparável a 'chef de cozinha francês' ou 'monge tibetano'. A nacionalidade expressa uma autoridade, uma vocação inata para a profissão.*

### 2) Os pés heróicos

*Brasileiros jogam futebol de um modo diferente [...] O estilo brasileiro é como uma marca registrada internacional, que foi estabelecida durante as Copas do Mundo de 1958 e 1962 e ganhou patente universal em 1970 [...] Talvez devido à ênfase no drible, que mexe com o corpo inteiro, o futebol do Brasil seja com frequência descrito em termos musicais — em particular, como samba. No melhor da forma os brasileiros são como gostamos de achar, tanto esportistas como artistas.*

*[...] poderíamos explicar o vistoso individualismo apontando para a característica nacional do exibicionismo em público. O Brasil é o país do Carnaval, não da uniformidade bem comportada.*

*A linguagem corporal do balanço dos quadris utilizada por um capoeirista é muito semelhante à dos dançarinos de samba e dribladores brasileiros.*

### 3) A Final Fatídica

*'O filme em preto e branco [do gol de Ghiggia] representa para os brasileiros a mesma coisa que a seqüência do assassinato de John F. Kennedy representa para os americanos.'* (Roberto Mulyaert, escritor, biógrafo de Barbosa)

*O Brasil mede sua história recente pelas Copas do Mundo, já que é durante as Copas que mais se identifica como nação.*

*As camisas amarelas [...] tiveram tanto sucesso que são possivelmente o mais reconhecível uniforme esportivo do mundo.*

*O uniforme da Seleção, de fato, é um símbolo mais preponderante que a bandeira nacional.*

*Quando um brasileiro vai torcer por um compatriota em algum outro esporte veste a camisa amarela — pois o futebol dá aos brasileiros um sentimento de identidade nacional — e mesmo de cidadania — maior que qualquer outra coisa.*

#### 4) Encontro das tribos

*[...] o futebol fornece uma linguagem esportiva comum [entre as diferentes tribos indígenas].*

*[...] um dos trunfos do futebol é que a tribo acredita que ele pode ajudar na integração à vida brasileira urbana.*

#### 5) O anjo das pernas tortas

*O movimento dos quadris do sambista, o balanço dissimulado dos chutes de um capoeirista e o jogo de corpo do jogador de futebol são marcas registradas de um estilo nacional.*

*Muitos consideram que [os minutos iniciais de Brasil x URSS, na Copa do Mundo de 1958] foram os três minutos mais espetaculares do futebol brasileiro em todos os tempos.*

*[Bellini] então ergueu a taça sobre a cabeça criando o gesto que depois seria imitado internacionalmente como sinal das vitórias esportivas.*

*[Garrincha e Elza] eram o casal símbolo do Brasil, o país da improvisação e da musicalidade, do triunfo sobre as adversidades. Eram os maiores talentos nas coisas favoritas do país — futebol e samba.*

*Mesmo sendo jovem demais para ter visto Pelé jogar, cresci aprendendo que foi sem dúvida o maior do mundo de todos os tempos — como se este fato fosse uma das verdades futebolísticas fundamentais.*

*Garrincha era identificado com o público. Ele nunca perdeu suas raízes populares. Ele também foi explorado pelo futebol, portanto foi um símbolo da maioria dos brasileiros, que também são explorados.*

*Durante os anos 1970, uma pesquisa mostrou que Pelé era o nome de marca mais conhecido na Europa depois da Coca-Cola.*

*Existe um sentimento de que Pelé pertence mais ao patrimônio universal do que ao Brasil.*

*O Brasil não é um país de vencedores. É um país de gente que gosta de se divertir.*

*Ao lado do estádio [Mané Garrincha, em Pau Grande] há um pedaço de grama onde um cavalo está pastando. Uma base de coluna traz o corajoso anúncio: 'Pedra Fundamental — Museu Mané Garrincha'. O museu jamais foi construído.*

*No topo [do cemitério de Raiz da Serra] ergue-se um memorial de pedra alto com as palavras: 'Garrincha / Alegria Pau-grandense / Alegria Mageense / Alegria do Brasil / Alegria do Mundo'. E um pouco mais abaixo: 'Ele era um doce menino / Falava com os passarinhos.'*

*[...] parece tanto um tributo do prefeito de Magé, Renato Cozzolino, a si mesmo como ao falecido. Os dois nomes aparecem igualmente em destaque.*

*A lápide de Garrincha [...] é uma simples placa com seu nome e as datas. Não há flores nem qualquer evidência de que tenha sido limpa recentemente. O que mais se destaca é sua modéstia. O túmulo é ofuscado por uma lápide branca ao lado, muito maior [...]. A sepultura de um futebolista desconhecido que jogava num obscuro time local é mais grandiosa e bem cuidada do que a do homem cujos dribles por duas vezes fizeram o Brasil vencer a Copa do Mundo.*

#### 6) Carnaval na torcida

*Na Inglaterra, personagens como [os torcedores de futebol] Zé do Rádio ou Dona Miriquinha seriam vistos na melhor das hipóteses como excêntricos, e na pior como malucos. No Brasil são considerados modelos.*

*Os brasileiros são um povo naturalmente expansivo; mais do que nunca quando estão assistindo a um jogo de futebol [...] Os brasileiros [...] levaram o Carnaval para as arquibancadas.*

*Hoje em dia não dá para imaginar um jogo de futebol no Brasil sem música.*

*A atração brasileira pelo vestuário — que transforma as arquibancadas de futebol em carnavalescos blocos coloridos — parece ser especialmente poderosa porque por trás das roupas existem poucos países com tanta diversidade de raças ou tão socialmente desigual.*

*Vestir um uniforme [de futebol] é um meio de negar diferenças de raça e de classe... Como o futebol é o símbolo mais forte da identidade nacional, vestir um uniforme de futebol afirma uma brasilidade utópica.*

*'A Copa do Mundo é o que há de melhor. É a coisa mais bonita do mundo!'* (Cotonete, torcedor profissional)

*Cotonete só pode financiar as viagens porque consegue patrocínios. Ele é um torcedor profissional.*

*[no final dos anos 60 e início dos 70] com as liberdades civis suspensas em função da ditadura, o futebol era um dos únicos espaços onde os brasileiros podiam expressar sua voz política.*

*[os Gaviões da Fiel] são diferentes dos hooligans de outros países. Grupos de hooligans agem secretamente. Os Gaviões usam com orgulho suas camisetas com logotipo.*

## 7) Um transatlântico no brejo

*Durante os anos 1970 o regime militar construiu megaestádios em várias das maiores cidades do Brasil, uma política populista que aumentava os sentimentos de orgulho local e nacional [...] Ser abençoado com um 'templo do futebol' tornou-se importante para a auto-estima de uma cidade.*

## 8) Dando bola para carros e mulheres

*O futebol de botão está profundamente enraizado no inconsciente brasileiro. A simplicidade do jogo fornece uma tela fantástica para o romantismo.*

*A incessante modificação do futebol é também uma característica resultante de uma sociedade que não se constringe com mudanças de regras. Uma marca da cultura brasileira é a inclusão... Ninguém se vê impedido de se apropriar do futebol para adaptá-lo a suas idéias ou necessidades práticas. O filho pródigo da descendência brasileira do futebol é o futsal, que fez tanto sucesso que se estima seja o jogo mais praticado no país — mais que o próprio futebol.*

*Nos fins de semana, no Rio de Janeiro, é possível encontrar gente jogando bola ao ar livre 24 horas por dia [...] O futebol aqui é levado a sério [...] O jogo é outra inovação brasileira: 'futebol-soçaite'.*

*Os brasileiros jogam futebol em qualquer lugar. No meio da Amazônia, a 3 horas de barco de Manaus, vi um campo de futsal sobre estacas [...] Em outro lugar da Amazônia joga-se futebol com água pelo joelho [...] Trabalhadores de várias plataformas oceânicas de petróleo jogam em campos cercados [...] Os anos 1950 e 1960 assistiram ao apogeu do futebol de praia [...] O futebol jogado hoje em dia é o beach soccer [...] para jogar beach soccer não é preciso estar na beira do mar. Nos estados do interior [...] ele é jogado nas margens arenosas dos rios.*

*Quando você passeia de um lado para outro pelas praias do Rio, o que muita gente faz, existem boas razões para parar e admirar. O céu. A paisagem. A vista do mar. Os corpos bronzeados. Mas a visão mais espetacular é o futevôlei [...] As praias do Rio são o laboratório cultural da cidade [...] A cidade olha para a praia, e a praia é um palco para o futevôlei.*

*O futebol é parte integrante da cultura de praia no Brasil. Outras comunidades também incorporaram o esporte ao seu estilo de vida. O futebol é tão ligado à noção da identidade brasileira que se tornou, para alguns grupos sociais, um modo de afirmação de sua própria brasilidade.*

*O futebol de cegos foi desenvolvido nas instituições brasileiras para deficientes visuais.*

*Os brasileiros dão muito mais valor à habilidade natural do que às táticas de equipe. A forma mais pura de habilidade está concentrada nos malabarismos com a bola [...] Milene Domingues [...] manteve a bola no ar com o número recorde de 55.187 embaixadinhas num período de 9 horas e 6 minutos.*

*Estimo que existam pelo menos vinte 'profissionais de embaixadinha' no Brasil. O mais surpreendente é o Homem de Muletas.*

## 9) Sapos e milagres

*'É raro o clube em que o massagista não é um especialista em magia negra.' (revista Realidade, 1966)*

*Uma característica do sincretismo brasileiro é experimentar várias crenças e pegar a que mais gosta.*

*O futebol no Brasil ganhou um lado místico logo no início de seu desenvolvimento.*

*Os futebolistas brasileiros já recorreram a todos os tipos de macumba para ganhar jogos.*

*Futebol é um terreno fértil para superstições por causa de sua natureza ritualizada e da doce influência do acaso. Os brasileiros, já predispostos a crenças irracionais, transformaram as superstições futebolísticas num emblema de seu fanatismo.*

*Para o racionalismo dos europeus as superstições brasileiras são difíceis de engolir.*

*Entrar na Sala dos Milagres [da Basílica de Aparecida] é como entrar na mente do Brasil contemporâneo. Uma rápida olhada em torno e você pode avaliar quais as áreas principais de preocupação nacional: saúde, família, emprego — e futebol.*

*É impressionante pensar que alguém reza com o mesmo fervor para que seu time ganhe e para conseguir a cura de um tumor no cérebro.*

*Os corintianos gostam de pensar que Deus torce pelo clube.*

*O Vasco da Gama [...] tem uma capela do tamanho de uma igreja dentro de seu estádio.*

*Para os evangélicos, o futebol é um grande palco para mostrar do que Deus é capaz.*

*Religião, carnaval e futebol formam a Santíssima Trindade da cultura popular brasileira. O Rio de Janeiro é a cidade do Cristo Redentor, do sambódromo e do Maracanã. É normal dizer que o futebol no Brasil é uma religião. Não acho isso correto. O futebol não é uma fé alternativa, mas uma plataforma para as religiões do Brasil se expressarem.*

## 10) O gol inconfundível

*Se o Brasil mudou o futebol foi por romper conservadorismos e reescrever as regras com uma exuberância lúdica, elástica.*

*Os nomes de batismo são especialmente relevantes no futebol brasileiro já que, junto com os apelidos, é deste modo que os jogadores costumam ser conhecidos [...] Futebolistas com primeiro nome são um reflexo da informalidade da vida brasileira.*

*O futebol brasileiro é um símbolo internacional da cordialidade da vida brasileira em função dos nomes de seus jogadores. Chamar alguém pelo primeiro nome é uma demonstração de intimidade — chamar pelo apelido mais ainda. O Brasil parece um time de amigos; companheiros de peladas na praça. Isso estimula uma afeição como não há em nenhum outro selecionado nacional. O torcedor personaliza sua relação com Ronaldo pelo gesto de usar seu primeiro nome, o que não acontece quando você chama alguém de Beckenbauer, Cruyff ou Keegan.*

*O rádio carrega grande parte da responsabilidade pela riqueza dos termos futebolísticos no Brasil tendo influenciado o futebol mais do que qualquer outro meio de comunicação. Foi o veículo que transformou o futebol num esporte de massa ao permitir que todos os rincões do país acompanhassem os jogos.*

*‘Quando você fala de futebol está falando do Brasil.’ (Bussunda, humorista)*

*Os brasileiros não gostam de ser objetivos com seu futebol. Gostam de ficar a meio caminho entre o fato e a ficção. Gostam que seja o mais informal possível: cheio de histórias, mitos e uma paixão inexplicável.*

## 11) Peladas para todos os gostos

*Os brasileiros têm uma visão romântica de que suas peladas são a razão de terem tanta habilidade no controle de bola.*

*‘O que segura este país é o fato de que existe o futebol. O futebol é o grito que vem das profundezas daqueles que mal têm condições de vida, gente que não sabe de onde virá sua próxima refeição. A alegria de um gol renova a alma.’ (Arnaldo Santos, coordenador do Peladão, torneio de várzea de Manaus)*

*[...] todo brasileiro vê a si mesmo como um jogador de futebol.*

*‘as duas coisas que os brasileiros mais gostam — futebol e mulher.’ (Messias Sampaio, criador do Peladão, torneio de várzea de Manaus)*

## 12) Um jogo de dois hemisférios

*Os brasileiros são estereotipados por só pensar em sexo e futebol. E com razão.*

## 13) Jabuti de cartola

*‘No Brasil, o clube de alguém é a única coisa que ele tem. Os brasileiros não têm mais nada.’ (Eurico Miranda, ex-deputado federal, presidente do Vasco da Gama)*

*Pouca receita de bilheteria e baixa credibilidade o ano todo impedem os clubes brasileiros de levantar recursos capazes de manter seus melhores jogadores. A maioria prefere jogar na Europa, o que desvaloriza ainda mais o cenário local.*

*Quando precisam, os brasileiros sempre encontram um jeito de burlar as regras [...] A sociedade brasileira é marcada pela injustiça contra os menos privilegiados, e isso se reflete no futebol.*

## 14) Perdemos porque não ganhamos

*Os brasileiros não costumam assistir a jogos da Seleção em locais públicos, preferindo ver em casa, com a família.*

*... o cargo [de técnico da Seleção Brasileira é] o mais importante do país, como se diz com frequência, ao lado da presidência da República.*

*Posar nua é uma maneira testada e aprovada de afirmação da celebridade feminina. A Playboy, revista mensal mais vendida no país, é uma vitrine tradicional para as musas do futebol.*

*‘A CBF vendeu a Seleção. Não há nada mais representativo do país do que o futebol. É um elemento de autoestima. Você não pode deixar os negócios destruírem a paixão.’ (Aldo Rebelo, deputado federal)*

*O espetáculo dos jogadores se explicando no Congresso é particularmente cômico porque, para a maioria dos países, seria um sonho disputar uma final de Copa do Mundo, independentemente do resultado.*

*[Em 2000/2001] Quanto pior o time joga, mais as investigações ganham força. Quanto mais sujeira o inquérito revela, mais desorganizada se torna a equipe. Como podem os jogadores vestir com orgulho a camisa nacional ou os torcedores apoiarem, se o futebol do país está se revelando tão podre? O futebol brasileiro, por ora, encontra-se num círculo vicioso de autodestruição.*

*O Brasil é o maior exportador mundial de açúcar, café e jogadores de futebol. Começo a enxergar o país como um grande latifúndio cujo produto agrícola é o futebol. O país é uma monocultura esportiva. E o futebol reflete a velha hierarquia.*

*'O Brasil pode não ser o primeiro mundo em muitas coisas. Mas no futebol ele é.'* (Aldo Rebelo, deputado federal)

*[...] a crise esportiva é na verdade uma crise política. E qualquer solução deve incluir uma limpeza dos cartolas. As regras amadorísticas que governam os clubes devem ser modernizadas.*

## 15) Diálogo socrático

*O futebol brasileiro em seu apogeu é o ideal platônico do jogo.*

*Em 1982, o Brasil era Brasiíííííil, precisava jogar por puro divertimento.*

*O clichê sobre o Brasil, de que seu futebol alegre vem das peladas de criança jogadas com total espontaneidade, é falso. Os pivetes descalços batendo bola nas praias do Rio não estão fazendo isso com liberdade — são membros de escolinhas, que funcionam ao longo da costa. Em São Paulo, as crianças não aprendem a jogar em terrenos baldios — porque não há mais terrenos baldios. Aprendem no futebol-soçaite ou nas escolinhas de futsal. A liberdade que permitiu aos brasileiros reinventarem o jogo décadas atrás já se foi há muito.*

*'Os jogadores chegam à Seleção para serem negociados para a Europa... eles estão sendo usados em um balcão de negócios muito mais do que por sua qualificação profissional.'* (Sócrates, ex-jogador)

*No Brasil, os jogadores de futebol costumam ser terrivelmente ignorantes e desfavorecidos.*

*'A cultura brasileira — essa miscelânea de raças, essa forma de ver o mundo e a vida — talvez seja a nossa maior riqueza. Porque ela é muito alegre, é muito pouco discriminatória, porque é livre... É uma zona na realidade, nosso país é uma grande zona, que na verdade é a essência da humanidade. Quando se organizou demais, a humanidade perdeu suas características mais básicas, os instintos e seus prazeres. Eu acho que é isso que a gente tem de melhor e é por essa razão que sou absolutamente apaixonado por este país.'* (Sócrates, ex-jogador)

## ANEXO II PREÇOS DE PACOTES PARA A COPA DA FRANÇA

Apresentam-se, aqui, os preços dos pacotes oferecidos por uma agência brasileira durante a Copa do Mundo de 1998, disputada na França.

período	primeira categoria		categoria turística		categoria econômica	
	apto. indiv.	apto. duplo	apto. indiv.	apto. duplo	apto. indiv.	apto. duplo
primeira fase	11.926	7.320	6.999	4.650	4.926	3.471
primeira fase + oitavas	15.379	9.480	8.989	5.949	6.287	4.405
oitavas até final	14.005	9.399	8.200	5.851	5.673	4.218
quartas até final	10.547	7.660	6.567	4.909	4.629	3.602
Copa completa	25.239	16.027	14.508	9.810	9.868	6.959

Os preços eram em dólares americanos.

Os preços incluíam:

- acomodação em Paris no hotel da categoria escolhida
- café da manhã tipo continental
- traslados de chegada e saída de Paris
- traslados para todos os jogos
- transporte para as cidades onde o Brasil iria jogar
- ingressos para os jogos do Brasil, de acordo com a categoria
- “city-tour” em Paris
- equipe de coordenadores
- guia exclusivo para cada grupo de 40 pessoas
- “kit” Copa do Mundo
- seguro saúde
- assistência desde o Brasil e durante toda a viagem

Os preços não incluíam a passagem aérea.

O ingresso do jogo da Final da Copa somente faria parte do programa caso o Brasil estivesse presente (como esteve) na final; em qualquer outra situação, seria programado nesse dia um outro passeio a ser definido.

### ANEXO III GALERIA DO FUTEBOL



Pelé - Rubens Gerchman



O goleiro - Cícero Dias



Jogadores - Francisco Rebolo



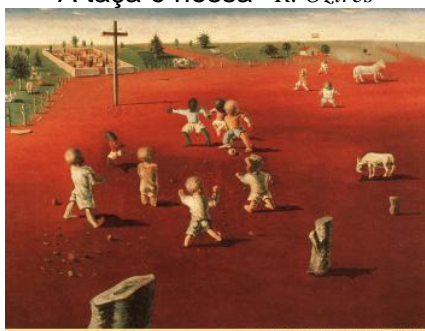
Defesa - Roberto Magalhães



A taça é nossa - R. Ozires



Jogo de bola - Djanira



Cândido Portinari - Futebol (1935)

O Futebol - Cândido Portinari



Brasil x França - Dalvan



Pelé - Aldemir Martins



Futebol - Cláudio Tozzi



Gol, homenagem a Garrincha - Newton Rezende



Futebol e samba - Aparecida R. Azevedo



Futebol 3 - José Roberto Aguiar



Driblando - José Zaragoza



Menino com bola - Vicente do Rego Monteiro



Lance - Ivald Granato

<http://www2.uol.com.br/espnbrasil/galerias/2002/03/pele/index.html>  
<http://cidadedofutebol.uol.com.br/site/vip/materias/vermaterias.aspx?idm=2074>

Figura 1 - Artes Plásticas

<p style="text-align: center;"><b>País do Futebol - Milton Nascimento / Fernando Brant</b></p> <p><i>Brasil está vazio na tarde de domingo, né? Olha o sambão, aqui é o país do futebol. Brasil está vazio na tarde de domingo, né? Olha o sambão, aqui é o país do futebol.</i></p> <p><i>No fundo desse país, ao longo das avenidas, nos campos de terra e grama, Brasil só é futebol. Nesses noventa minutos de emoção e alegria, esqueço a casa e o trabalho. A vida fica lá fora, dinheiro fica lá fora, a cama fica lá fora, a mesa fica lá fora, salário fica lá fora, a fome fica lá fora, a comida fica lá fora, a vida fica lá fora, e tudo fica lá fora.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>Prá frente Brasil - Miguel Gustavo</b></p> <p><i>Noventa milhões em ação Prá frente Brasil No meu coração</i></p> <p><i>Todos juntos vamos Prá frente Brasil Salve a seleção</i></p> <p><i>De repente é aquela corrente prá frente Parece que todo o Brasil deu a mão Todos ligados na mesma emoção Tudo é um só coração</i></p> <p><i>Todos juntos vamos Prá frente Brasil, Brasil Salve a seleção!</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>É uma partida de Futebol - Samuel Rosa / Nando Reis</b></p> <p><i>Bola na trave não altera o placar Bola na área sem ninguém pra cabecear Bola na rede pra fazer o gol Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?</i></p> <p><i>A bandeira no estádio é um estandarte A flâmula pendurada na parede do quarto O distintivo na camisa do uniforme Que coisa linda, é uma partida de futebol</i></p> <p><i>Posso morrer pelo meu time Se ele perder, que dor, imenso crime Posso chorar se ele não ganhar Mas se ele ganha, não adianta Não há garganta que não pare de berrar</i></p> <p><i>A chuteira veste o pé descalço O tapete da realeza é verde Olhando para bola eu vejo o sol Está rolando agora, é uma partida de futebol</i></p> <p><i>O meio campo é lugar dos craques Que vão levando o time todo pro ataque O centroavante, o mais importante Que emocionante, é uma partida de futebol</i></p> <p><i>O meu goleiro é um homem de elástico Os dois zagueiros têm a chave do cadeado Os laterais fecham a defesa Mas que beleza é uma partida de futebol</i></p> <p><i>Utêrêrêrê, utêrêrêrê, utêrêrêrê, utêrêrêrê</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>O Futebol - Chico Buarque de Holanda</b></p> <p><i>Para estufar esse filó como eu sonhei Só se eu fosse o rei Para tirar efeito igual ao jogador qual compositor Para aplicar uma firula exata que pintor Para emplacar em que pinacoteca, nega Pintura mais fundamental Que um chute a gol com precisão De flecha e folha seca</i></p> <p><i>Parafusar algum João na lateral Não quando é fatal Para avisar a finta enfim quando não é Sim no contrapé Para avançar na vaga geometria o corredor Na paralela do impossível, minha nega No sentimento diagonal do homem-gol Rasgando o chão e costurando a linha</i></p> <p><i>Parábola do homem comum roçando o céu Um senhor chapéu Para delírio das gerais no coliseu mas que rei sou eu Para anular a natural catimba do cantor Paralisando esta canção capenga, nega Para captar o visual de um chute a gol E a emoção da idéia quando ginga</i></p> <p><i>(Para Mané para Didi para Mané para Didi Para Mané para Didi para Pagão para Pelé e Canhotoiro)</i></p>

Figura 2 - Música